INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA ESPECIALMENTE DO BRASIL

POR

B. A. da Silva Ramos

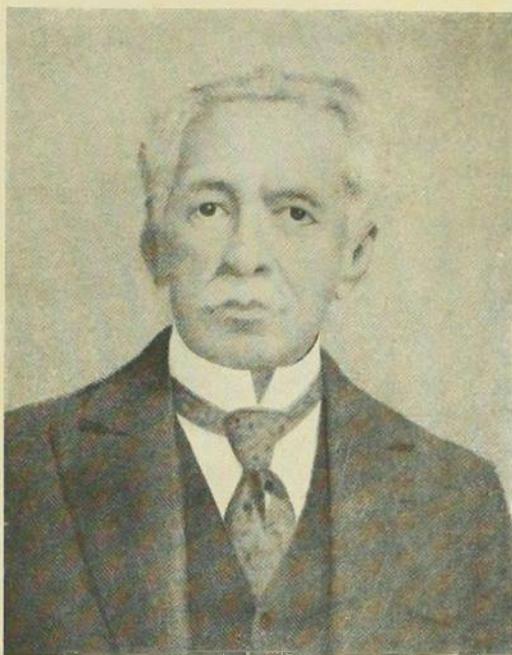
AMAZONAS MANAOS

BERNARDO DE AZEVEDO DA SILVA RAMOS

INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA

ESPECIALMENTE DO BRASIL

PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL 1930

Bernardo de Azevedo da Silva Ramos

★ Manáos, 12 de Novembro de 1858.

† Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1931.

Socio: Honorario do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, Correspondente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e Instituto do Ceará; da Sociedade Academica de Historia Internacional da França. Presidente de Honra do Instituto Geographico e Historico do Amazonas. Ex Vice-Presidente do Jury Internacional de Grupo e Classe na Exposição Universal e Internacional de Bruxellas de 1910, com Diploma Commemorativo. Membro Honorario da Assistencia Juridica Militar do Brasil. Membro do XX Congresso Internacional de Americanistas e de Honra de L'Academie Latine des Sciences Arts et Belles Lettres de la France, etc.

Ao

Brasil Prehistorico

e

Estado do Amazonas

rende homenagens

O Autor

Esta obra foi mandada editar pelo decreto n. 5.572, de 14 de Novembro de 1928, resolução do Congresso Nacional durante os trez ultimos Governos Constitucionaes.

Com o placito do Governo Provisorio e por determinação do Ministerio da Justiça, segundo off. n. 359, de 14 de Março de 1931, proseguiu a sua impressão, tendo a mesma recebido attenção protectora por parte do Ministerio da Educação.

* * *

Realizando o que o autor intencionalmente prescreveu em originaes, venho tornar publica a profunda gratidão que nutria para com os Exmos. Snrs.: Epitacio da Silva Pessôa, Arthur da Silva Bernardes e Washington Luiz P. de Souza, e, ainda, para com os Illmos. Snrs.: Sampaio Corrêa, Aristides Rocha, Dorval Porto, Silverio Nery, Monteiro de Souza, Vivaldo Lima e Hermenegildo Campos, que mui valiosa interferencia tiveram em favôr da impressão desta obra.

A familia do autor, que ora represento, referendando o que acima fica dito, vem tributar outro não menos sincero e expressivo agradecimento ao D. Chefe do Governo Provisorio, Exmo. Snr. Getulio Vargas, aos Exmos. Snrs. Ministros: Oswaldo Aranha e Francisco Campos, á Imprensa Nacional, na pessôa de seu D. Director, Snr. Salles Filho, e, particularmente, aos Illmos. Snrs.: Pandiá Calogeras, Belisario Penna, Alvaro Maia, Affonso de Carvalho e Henrique Loureiro, pelas determinações favoraveis e prestimosas attenções que se dignaram conceder a este trabalho.

Rio, 1º de Junho 1932.

Julião Barroso Ramos.

PREFACIO

As inscripções que foram gravadas ou pintadas na antiguidade por certos povos, cuja civilização desappareceu, e os monumentos e documentos que deixaram como vestigios de sua existencia têm preoccupado a attenção dos sabios.

Da decifração dessas inscripções e do estudo de taes documentos e monumentos resultou a creação de uma nova sciencia que tomou o nome de archeologia.

Grande numero de investigadores se preoccupou com esses assumptos; raros foram os que conseguiram desvendar o profundo mysterio que envolve os varios modos da estabilização do pensamento humano, especialmente nos petroglyphos e na architectura e esculptura antigas.

O pensamento tem a phase dynamica, representada pela linguagem falada e mimica, pela telephonia e telegraphia (com fios ou sem fios), pela telepathia, pelos movimentos dos membros ou do corpo ao desenhar, pintar, gravar, construir ou confeccionar alguma coisa, pela musica quando executada, bem como se póde estabilizar em uma phase symbolizada pela linguagem escripta, impressa ou gravada, pela musica quando tambem escripta, impressa ou gravada, pelo desenho, pintura, esculptura, architectura e todas as outras artes em geral, a indumentária, a machinária, a mobiliária e a utenciliária, etc. São essas phases que constituem as fontes ideo-dynamicas e ideo-estaticas da Historia.

Para fazer voltar o pensamento á phase de dynamismo, os decifradores de inscripções têm procurado dar valôres phoneticos ás representações literaes, syllabicas e ideographicas, conservadas atravéz dos seculos desafiando a acção do tempo, ora expostas ao ar, ora soterradas ou immersas.

Encontrados os valôres phoneticos, tem-se uma chave para a decifração.

Tratando-se de linguas mortas ou desapparecidas, faz-se mistér procurar outras que hajam sobrevivido e mais se approximem de seu tronco linguistico.

Feitos os transportes dos sons para a lingua intermediaria, estará resolvido o problema, desde que o vocabulario desta lingua dê, á inscripção decifrada, o sentido que a tradição historica conservou dos acontecimentos occorridos na época em que taes inscripções foram feitas.

Todos os pensamentos estabilizados correspondem ao estado mental de sua época; dahi a necessidade do investigador de interpreta-los ou amplia-los para faze-los corresponder ao estado de perfeição ou de progresso a que attinge no momento da decifração.

* * *

Muitos sabios não suppunham que as inscripções lapidares e certos desenhos e pinturas deixados por povos desapparecidos podessem corresponder a representações phoneticas; razão poderosa para não preoccuparem ellas a attenção dos scientistas.

Foram as inscripções encontradas em Persepolis e Behistun, que serviram de ponto de partida ás primeiras investigações.

Quando Pietro della Valle publicou, em 1621, cinco signaes das inscripções que havia descoberto nesses logares, suppoz, com razão, que deveriam ser lidos da esquerda para a direita.

Tempos depois, em 1674, coube a gloria a João Chardin de ter copiado uma inscripção completa, quando fez uma viagem á Persia e a outras regiões do Oriente.

Desde aquella época já se começava a luctar contra a legião dos incredulos.

Havia mesmo duvida entre os sabios de ser, semelhante reunião de signaes, uma verdadeira escripta, e Thomaz Hyde chegou até a affirmar, em 1700, que as inscripções cuneiformes de Persepolis não passavam de uma simples fantazia de architecto.

Seguindo esta mesma opinião erronea, De Caylus, em 1762, descrevendo um vaso de Xerxes, no qual o nome deste rei se lê em tres especies de escripta cuneiforme, diz que nellas se viam linhas em fórma de cunha ou prégo successivamente perpendiculares, obliquas e horisontaes, ora se cruzando, ora se reunindo em angulo, não apresentando letra determinada, de fórma que, á primeira vista, nenhuma parecença tinham com os caracteres usados entre os outros povos. Affirma, tambem, que os sabios haviam concluido que este conjuncto bizarro de traços uniformes era menos uma escripta que uma sorte de ornatos em uso entre os antigos persas.

Posto que esta opinião estivesse em vóga, houve quem se convencesse de que as cunhas e pregos, da maneira por que estavam dispostos, correspondiam a verdadeiros signaes de escripta.

Kaempfer, em 1712, e Von Bruyn, em 1725, reproduziram inscripções novas sem, todavia, interpreta-las.

Carsten Niebuhr foi quem se aventurou a tanto, copiando, em 1765, as inscripções de Persepolis. Reconheceu que eram reproduzidas em tres escriptas differentes e que a primeira especie devia ser alphabetica.

Tempos depois, Frederico Münter, em 1802, admittiu que a primeira especie de escripta era alphabetica, porém a segunda era syllabica e a terceira ideographica, tendo a sorte de acertar quanto ás duas primeiras, mas não no que tange á ultima que é ideographica sómente em uma menor parte, e, na maior porção, syllabica.

* * *

Sylvestre de Sacy havia decifrado e explicado as inscripções em lingua pehlvi que encontrára nas ruinas de Persepolis, dando logar a suppor-se que as inscripções cuneiformes fossem escriptas em uma lingua analoga.

Foi o ponto de partida para a decifração das inscripções cuneiformes por George Grotefend.

A principio, verificou elle que deviam ser lidas da direita para esquerda, como pensava Pietro della Valle.

Grotefend sabia pelos escriptores classicos, que o palacio de Persepolis havia sido construido pelos reis Achmenides, e, para iniciar suas pesquisas, escolheu duas inscripções muito curtas.

Segundo observação de Münter, havia uma palavra que se repetia frequentemente nas inscripções de Persepolis, tendo elle conjecturado que esta palavra significava rei. Estas palavras se encontravam nas duas inscripções de Grotefend, e, desde que estas inscripções foram achadas no palacio dos Achmenides, os nomes reaes que continham não podiam ser senão de reis Achmenides.

Grotefend, por engenhosas deducções historicas, chegou a ler os nomes de Dario e Xerxes e ter assim uma chave da decifração dos cuneiformes.

Não havia elle avançado muito, quando, posteriormente, Eugenio Burnouf e Lassen obtiveram um alphabeto quasi completo das inscripções trilingues de Persepolis, provando que a lingua usada na primeira escripta era a dos antigos persas.

Para a decifração da segunda especie de escripta cuneiforme, muito concorreram Westergaard, Hincks e de Saulcy, admittindo Oppert que ella correspondia á lingua dos médas.

Foi ainda Oppert quem descobriu a origem dos caracteres cuneiformes e explicou uma grande parte da escripta assyria, que correspondia á terceira especie de escripta cuneiforme.

Outros sabios, como Hincks, Fox Talbot, e Rawlinson, tambem concorreram para a traducção das inscripções assyrias.

A escripta de que se serviam os assyrios, bem como os babylonios, não tinha sido inventada por elles, mas por um povo que falava uma lingua differente. Esta lingua se chama accadia ou sumeria.

Diz Vigouroux que os assyrios, quando entraram em relações com os accadios, acceitaram inteiramente a escripta inventada por estes homens de uma outra raça, com seus valôres ideographicos e syllabicos, posto que estes ultimos não houvessem nenhum sentido em sua linguagem.

As novas inscripções, achadas no Oriente, e suas decifrações esclarecem muitos pontos obscuros da historia antiga e a Assyriologia vae cada vêz mais augmentando o seu circulo de acção, encontrando sempre elementos novos que revelam o alto gráu de civilização a que attingiram esses povos da Asia, entre os quaes se usava a escripta cuneiforme.

* * *

Depois que o jesuita Athanasio Kircher (1602-1680) reuniu muitos manuscriptos da lingua copta, obstando que se perdesse este idioma, a attenção dos scientistas se dirigiu para a parte da Africa occupada pelo Egypto.

Quando Pococke, Nieburh e outros percorreram o Oriente, verificaram que, nas margens do Nilo, além das pyramides, existiam tambem muitos monumentos antigos.

Georges Zoega, em 1808, foi um continuador dos trabalhos de Kircher, e, estudando as inscripções egypcias, notou que os nomes proprios dos reis se distinguiam das outras palavras, por estarem insertos em uma especie de enquadramento particular ou cartucho.

Os egypcios tiveram uma escripta hieroglyphica usada pelos sacerdotes e pelas pessôas iniciadas, mas, para os costumes da vida corrente e nas obras literarias, empregavam um cursivo derivado dos hieroglyphos, a que modernamente se nomeou hieratico.

Afim de facilitarem as transacções commerciaes, os caracteres se foram reduzindo e diminuindo de numero e de tamanho, formando uma nova e terceira especie de escripta que se chamou systema demotico ou popular.

O systema hieroglyphico era considerado mysterioso e indecifravel.

Quando Napoleão Bonaparte realizou a sua expedição ao Egypto (1798-1799), a attenção dos sabios, que o acompanhavam, se dirigiu para os monumentos antigos daquella região.

Em 1799, o tenente de artilharia Bouchard, ao estabelecer o forte de S. Julião, em Rosetta, encontrou uma pedra com uma inscripção bilingue.

Ha na pedra de Rosetta, segundo a descripção de Jorge Ebers, tres inscripções, as duas primeiras em idioma e caracteres egypcios, e a terceira em lingua e caracteres gregos, estando na ultima um decreto, expedido pelos sacerdotes em honra do quinto Ptolomeu, que termina por uma ordem pela qual se manda gravar a disposição sacerdotal sobre pedras duras em escripta hieroglyphica, demotica e grega, as quaes se deveriam collocar em todos os templos de maior importancia.

No texto grego da pedra de Rosetta está repetido, frequentes vezes, nessa lingua o nome de Ptolomeu e como na inscripção hieroglyphica correspondente se encontram grupos de caracteres enquadrados, repetidas tantas vezes quantas se acha escripta em grego a palavra Ptolomeu, havia razões para se acreditar que a este nome correspondiam os caracteres hieroglyphos enquadrados.

Os classicos admittiam que a escripta hieroglyphica era puramente ideographica e faltavam-lhe os processos de representação phonetica.

As investigações da pedra de Rosetta ficaram melhor esclarecidas depois da descoberta de uma inscripção bilingue no socco de um obelisco encontrado na ilha de Philae, onde se topava o nome de Cleopatra, repetido varias vezes e correspondendo ao mesmo numero de grupos hieroglyphicos enquadrados. Foi o ponto de partida para João Champollion encontrar a chave de suas decifrações.

Antes delle, Thomas Young (1814-1818) já havia descoberto o valôr exacto de cinco caracteres, mas, conforme diz Maspero, suas idéas eram justas, porém seu methodo imperfeito; elle entrevia a terra da promissão sem lá poder entrar.

Young, no affirmar de Oliveira Martins, tinha já, antes de Champollion, separado mecanicamente os grupos de que se compunham o texto hieroglyphico e o texto demotico da inscripção de Rosetta, chegando assim ao convencimento de que os hieroglyphos eram signaes de idéas, não chegando a reconhecer que eram tambem signaes de sons.

Foi Champollion quem resolveu este problema, conseguindo a demonstração completa do valor phonetico dos hieroglyphos e da existencia, no egypcio, de muitas phrases e de bastantes fórmas grammaticaes da

lingua copta, na qual elle estava preparado por um sério estudo. Foi Champollion, portanto, o verdadeiro fundador da Egyptologia.

Este grande sabio, que morreu aos 42 annos e immortalizou o seu nome com as decifrações hieroglyphicas, publicou um Compendio do systema hieroglyphico e compoz o seu Diccionario egypcio em escripta hieroglyphica e a sua Grammatica egypcia, tendo tido estes dois ultimos publicação posthuma.

Depois delle, muitas gerações de egyptólogos lhe succederam, alargando, mais e mais, a amplitude da nova sciencia de que foi Champollion o inexcedivel fundador.

* * *

Com o progresso da assyriologia e da egyptologia, as vistas dos sabios se voltaram para outros povos da archeologia classica. A attenção sobre a Phenicia resultou do encontro em Sidon de um sarcophago anthropoide por Peretié, tendo Napoleão III commissionado Ernesto Renan para fazer estudos naquella região sobre archeologia e epigraphia.

Já a Grecia occupava a attenção dos scientistas, especialmente depois da descoberta da Venus de Milo, em 1820, transportada, no anno seguinte, para o museu de Louvre.

Estes estudos se restringiram ao raio de acção dos phenicios e dos gregos nas regiões mediterraneas.

Não podiam suppor os sabios da Europa que os phenicios e os gregos podessem ter vindo, com suas embarcações, até as costas americanas.

Esta gloria cabe, sem duvida, ao sabio archeologo, numimasta, epigraphista e iconologista Bernardo Ramos.

Havia-se elle dedicado á Numismatica durante mais de vinte annos, tendo organizado uma collecção, da qual publicou, em Roma, no anno de 1900, um catalogo em tres volumes e, mais tarde, um quarto volume no Rio de Janeiro.

Esta obra foi prefaciada pelo Professor Dr. Vicenzo Grossi, livre docente de Etnologia americana na Real Universidade de Genova, e o Professor Dr. Dante Vagliere, livre docente de Antiguidades romanas e de Epigraphia na Real Universidade de Roma.

Em uma longa excursão pelo velho mundo, teve Bernardo Ramos de deter-se no Egypto, na Syria e na Grecia, estudando antiguidades.

Algum tempo depois, já no Amazonas, teve noticia da existencia, no interior do Estado, de muitas pedras gravadas, e, indo a Itacoatiara, houve occasião de copiar umas inscripções que existem em umas pedras, á margem do rio Amazonas, ao lado da cidade.

Devido á sua pratica de decifrar inscripções de moedas antigas, não lhe foi difficil verificar que os caracteres eram phenicios. Mas, sendo o phenicio uma lingua morta, não lhe seria facil obter o significado das palavras. Sabendo das relações linguisticas do phenicio com o hebraico, transportou a inscripção para um dos dialectos deste, o samaritano, não podendo conseguir traducção. Não quiz recorrer ao chadeu, nem ao palmyriano, nem ao syriaco; preferiu o rabbinico, pedindo ao rabbi dos hebraicos de Manáos para traduzi-la.

O successo foi completo. As palavras formavam sentido e os factos referidos remontavam a uma antiguidade correspondente á expansão dos phenicios cananeos pelo noroeste da Africa.

A leitura da inscripção tinha sido obtida da direita para a esquerda, segundo o systema phenicio. Estava, portanto, descoberto o meio de traduzir outras semelhantes. Era só recorrer ao diccionario rabbinico.

Bernardo Ramos, dahi em diante, procurou copiar todas as inscripções que foi encontrando no Amazonas e as que haviam sido descobertas e publicadas nos outros Estados do Brasil, nos paizes da America e, finalmente, em quasi todos os recantos do mundo.

Continuando nas suas pesquizas, além das do Amazonas, apenas achou no Brasil uma outra inscripção phenicia, a da Gavea, no Districto Federal.

No Amazonas, teve occasião de verificar uma inscripção em chinez, duas em arabe e uma em hieroglypho; todas as demais são em grego antigo.

Para decifrar esta especie de escripta, houve de recorrer a varios artificios; ora lendo da esquerda para a direita, ora de cima para baixo quando os caracteres se encontravam accumulados em blocos. Depois, transportando o grego antigo para o moderno e obtendo pensamentos

curtos, correspondentes á época, verificou, ás vezes, phrases inteiras, decretos, etc.

Para este fim, teve de organizar os alphabetos que lhe serviram de base ás suas decifrações.

O grego antigo se divide em grego paleographico e grego de inscripção. O paleographico é figurativo ou linear. O de inscripção é somente linear.

A difficuldade da decifração consiste apenas nas variedades de fórma que ha em alguns caracteres, demandando, por isso, de muita pratica, ou da presença dos quadros alphabeticos para as constantes comparações.

* * *

Do monumental trabalho de Bernardo Ramos, póde-se deduzir as seguintes theses:

Houve uma civilização pre-colombiana no continente americano contemporanea da phase expansiva dos phenicios e dos gregos?

Depois de ter sido impedida a passagem da navegação do Mediterraneo para o Atlantico, durante seculos, os descendentes dos gregos e dos phenicios, que ficaram no continente americano, haveriam retrogradado até o estado de selvageria?

A influencia linguistica dos phenicios, encontrada por Onffroy de Thoron no Amazonas, será devida á estadia ou á passagem deste povo por terras americanas?

A estas theses eu responderei pela affirmativa, por estar convencido de haver Bernardo Ramos resolvido um dos maiores problemas da Historia da America.

Outros investigadores, que lhe seguirem as pegadas, hão de ampliar ainda mais os conhecimentos da pre-historia americana, até agora ainda tão obscura quanto á origem dos diversos povos selvagens da America, apresentando uns caracteristicos raciaes dos povos asiaticos, outros caracteristicos proprios, que bem podem ter sido originados por uma longa estadia em um *habitat*, sem a influencia modificadora dos cruzamentos.

Seja como fôr, este exhaustivo trabalho, sobre Inscripções e Tradições da America Pre-historica, está destinado a um grande successo. Terá elle, certamente, de resistir á opinião e á critica dos incredulos, como succedeu, vae para um seculo, com os trabalhos de Champollion, porém um dia os homens de sciencia hão de fazer a devida justiça ao seu autor e colloca-lo no ról dos grandes sábios, destes espiritos illuminados que abriram, com as suas descobertas, novos horisontes á sciencia.

Março de 1929.

Vivaldo Lima.

INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DO AMAZONAS

PARECER

A commissão de Archeologia, examinando o trabalho apresentado pelo Coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, sobre "*Inscripções e Tradições do Brasil Prehistorico*", considerando:

— que, isolados os symbolos das inscripções exhibidas, correspondem elles a caracteres de alphabetos phenicio, grego paleographico, grego de inscripção, hebraico, arabe e chinez;

— que a coordenação dos caracteres forma palavras;

— que a successão das palavras, assim representadas, forma sentido;

— que a authenticidade das inscripções é assegurada, ora por photographias, ora pela autoridade das obras de onde foram extrahidas;

— que as tradições referidas no trabalho estão vulgarizadas por autores cuja competencia não se póde contestar;

— que os desenhos da ceramica, representada nesse trabalho, correspondem ao estylo grego;

— que esses desenhos, pela sua precisão e symetria, jamais poderiam ser feitos pelas tribus indigenas, existentes no Brasil por occasião de sua descoberta;

— que aquellas inscripções foram indubitavelmente produzidas por mão humana e habil;

resolve julgar o alludido trabalho digno de ser approvado e acceitas as suas respectivas theorias e conclusões.

Manáos, 4 de maio de 1919.

(a) João Baptista de Farias e Souza.
Nicolau Tolentino.
José da Costa Teixeira.

PROPOSTA

Proponho que o Instituto Geographico e Historico do Amazonas, adopte as seguintes conclusões que representam a synthese do trabalho do Cel. Bernardo Ramos:

1ª) existio no Brasil uma civilização precolombiana;

2ª) tal civilização foi trazida por migrações de phenicios e de gregos;

3ª) essas migrações remontam a uma antiguidade maior de oitocentos annos antes da era christã.

Manáos, 4 de maio de 1919.

Dr. Vivaldo Lima.

Não só o Parecer como a Proposta, foram approvados, ao terminar a 2ª Conferencia que teve lugar em o dia, mez e anno referidos, na sede do Instituto.

A opinião da Imprensa Amazonense a proposito consta dos jornaes annexos aos supplementos.

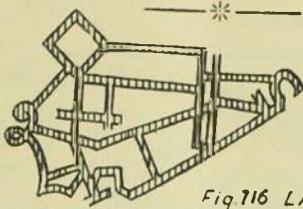
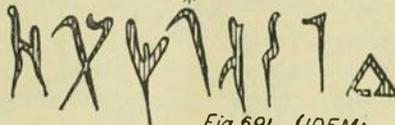
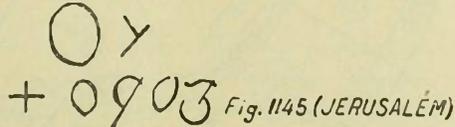
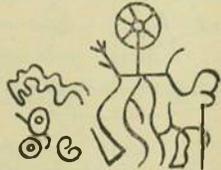
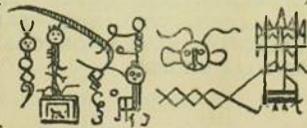
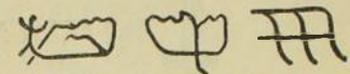
Tendo a obra augmentado consideravelmente em assumpto sobre a America Prehistorica em Geral e varios Paizes, foi conveniente alterar a sua denominação a

INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA, ESPECIALMENTE DO BRASIL.

EXPLICAÇÃO

das principaes abreviaturas

II — Principal divisão de um artigo, equivalente a uma alinea.
R. — Raiz simples.
R. R. — Raiz dupla.
R. de — Ao fim de uma phrase, significa que a palavra de que se trata, tira sua raiz da seguinte.
Att. — Attico, atheniense em que ha atticismo, conciso; apurado (estylo) etc.
Dor. — Doria.
Laced. — Lacedemonios.
Alex. — Alexandre.
Phryg. — Phrygios.
Lat. — Latim ou latino.
Heb. Hebreu.
Phen. Phenicios.
Egyp. — Egypto.
Pers. — Persia ou persico.
Ind. Indiano.
Celt. Celtico.
Poet. — Poetico.
p. — pagina.
Muit. vez. — muitas vezes.
Comic. — Palavra inventada pelos comicos ou a imitação dos comicos.
Neol — Palavra corrompida do neologismo que pertence á decadencia da lingua.
Bibl. — Palavra empregada em texto grego do Antigo e Novo Testamento.
Eccl. — Palavra propria aos autores ecclesiasticos.
Inscr. — Idem tirada de qualquer inscripção.
Gloss. — ou Gl. — Palavra tirada dos glosseres; vocabulos compostos por grammaticos antigos: Hesychius, Suidar, etc. para explicação das palavras pouco usuaes.
Schol. — idem tirada dos scholiastas, commentadores antigos dos autores classicos, etc.
Lex. — idem sem outra autoridade senão dos lexicos modernos.
Gramm. — palavra ou fórma inventada dos grammaticos.
acc. — accusativo.
act. — activo, activamente.
adj. — adjectivo.
adv. — adverbio.
ant. (fut. ant.) futuro anterior.
arithm. — arithmetica.
art. — artigo.
conj. conjuncção.
contr. contracção.
dat. — dativo.
def. definido.
dir. — direito.
elis. — elisão.
ex. — exemplo.
ext. — por extenso.
f. — futuro.
fem. — feminino.
fig. figurado, figura.
fut. futuro.
g. — genitivo, genero.
hist. — historia.

imperf. — imperfeito.
imper. — imperativo.
ind. ou indic. — indicativo.
indecl. — indeclinavel.
e. v. — era vulgar.
* Signal de palavras e phrases poeticas dialecticas.
Quando está sobre um artigo, elle serve por todas as phrases que lhe são subordinadas.
indir. — indirecto.
inf. ou infin — infinito.
interj. — interjeição.
irr. — ou irreg. — irregular.
masc. — masculino.
neut. — neutro.
pron. — pronome.
alg. vez. — algumas vezes.
sing. — singular.
subst. — substantivo.
v. — verbo.
vol. — volume.
t. — tomo.
cit. — citado.
Dicc. — Diccionario.
Gr. — Grego.
c. — capitulo.
Est. — Estampa.
fl. — folhas.
seg. — seguintes.
Herc. — Hercules.
J. C. — Jesus Christo.
man. — manuscripto.
Imp. — imperio, Imperador.
p. a p. — palavra a palavra.
\+ Signal de palavras desusadas ou com pouco uso, sem autoridade sufficiente
? Idem duvidosas.

Ψηφος λευχος σκληρης { Fig. 1688 TREBINSNITZS GRADINA EM HERZEGOVINA

Οκας-Δοκη-Βίος { Fig. 1876 -1878- -1880- (PROVINCIA DE CATAMARCA)

Ουρανος-Ουρανος Ηλιος Ερμης { Fig. 799 - 800 - (GUADELUPE)

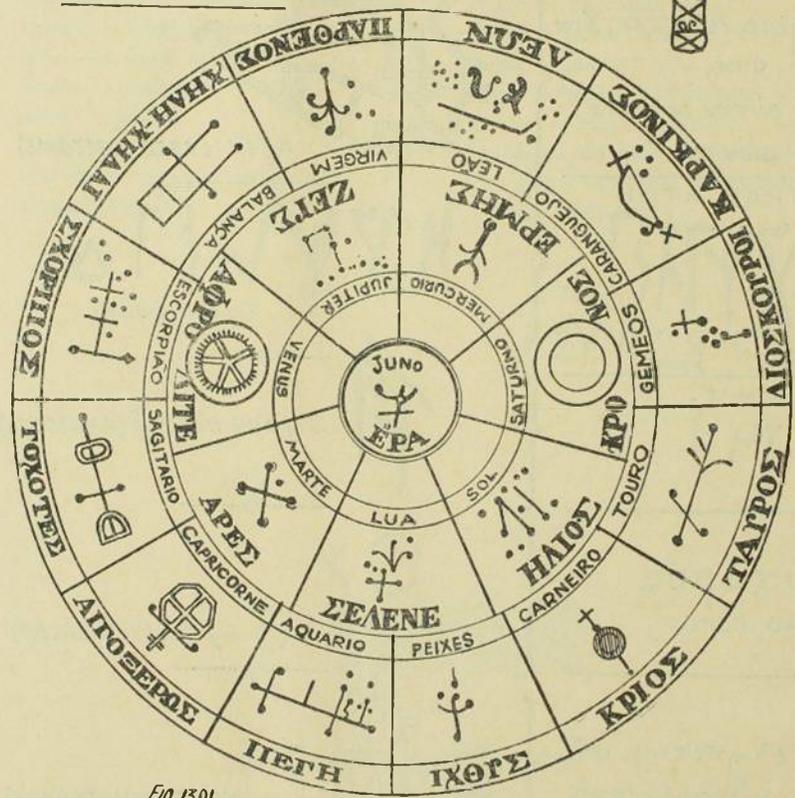



Fig. 1301

RESUMO DE ALGUNS PLANETAS E SIGNOS CONTIDOS NA INSCRIPÇÃO DA PEDRA LAVRADA DA PARAHYBA, ORGANISADO EM FORMA DO ZODIACO, CONTENDO AS SETE DIVINDADES GREGAS E AO CENTRO ÉRA (TERRA OU JUNO, RAINHA DOS DEUSES).

É preliminarmente do conjuncto destes e de outros complexos exemplares da vetusta paleographia que se tem originado, em grande parte, a solução dos magnos problemas

prehistoricos, e é sob este ponto de vista e das tradições que vamos raciocinar, no que concerne ao hemispherio occidental e a outras partes do nosso Planeta.

Vasto se nos afigura o assumpto, mas "meditando sobre cada passo dado pela humanidade, segundo as bellas theorias de Cantú, o nosso espirito, ahi, julga notar a unidade e a concordia, e acredita poder dar explicação dos factos, pelas idéas que representam a descobrir a esphinge immovel, no meio das areias movediças do deserto. Então, approximando o passado do presente, como os effeitos da causa, como o fim dos meios, transporta para a harmonia eterna as leis que governam o mundo moral".

E assim é, extraordinario, providencial mesmo, encontrar-se com profunda erudição, as inscripções ou "petroglyphos", que, apezar de seu laconismo, constituem a synthese dos mais surprehendentes successos das remotas éras, e vêm, por tenaz esforço do engenho humano, transmittindo-os á posteridade, com assignaladas vantagens para o dominio da historia. Com effeito, nellas e nas tradições, funda-se por sua vez a PREHISTORIA DA AMERICA, como tem acontecido com a de varios paizes.

A Assyria e o Egypto, perseverantes na observação desses elementos da glyptographia, conquistaram, com ingente esforço, a revelação de sua vasta e preciosissima prehistoria, esculpida no mixto de traços e symbolos: o primeiro, o cuneiforme, da Asia Antiga, encontrado em Persepolis e Behistoun; o segundo, os "hieroglyphos", no Egypto, ante os quaes a multidão só sabia admirar suas extravagancias phantasticas, ora esculpidas sobre as pyramides, nos templos, nos hypogeus, sobre os obeliscos, fustes dos piliones, ora nas impressionantes caixas das mumias. Naquelle, é justo resaltar o inclyto Chardin no numero de seus interpretadores, quanto a estes, pode-se dizer que a sciencia egyptologa, firmada na fulgente luz ateada por Champollion, não cessou de os esclarecer, com as erudições dos notaveis archeologos Lepsius, Letronne e Rangé, que lhes suggeriram novos progressos e perfeição de traducções.

Eis os preambulos da solução das anteriormente complexas e indecifraveis escripturas, cuneiforme e hieroglyphica, esta, sob o aspecto "ideographico" e "phonetico", como ampliada em "linear", "hieratica" e "demotica".

Um não menos interessante mixto de caracteres em linear e figurativo, profusamente gravados uns e pintados outros, sobre as escarpas das montanhas e rudes blocos de pedras, dispostos caprichosamente pela natureza, nas vastas regiões do Continente Americano e mesmo sobre varias regiões do globo, vem de seculos, suscitando, como no precedente caso, a mesma apprehensão e controversias. Consideram-se esses caracteres: "comezinhos" "phenomenos naturaes", "meras diversões do selvagem", "letras do diabo", etc. Demandam elles entretanto, conveniente interpretação paleographica, compativel ao actual progresso.

Destas inscripções entre nós, apezar de expostas a elementos destruidores e a depredações multiplas, os fragmentos, por um feliz acaso, permittiram fazer sobre elles aproveitaveis investigações, segundo as contidas neste modesto trabalho. Por esta ordem de estudo, voluntariamente deixámo-nos fascinar, como implicitamente por inscripções e legendas encontradas em objectos e regiões diversos, mas que contêm caracteres paleographicos identicos aos nossos.

A consecução deste labor, porém, obrigou-nos recorrer a fontes proporcionadas pela sciencia, em cujas obras de valor inestimavel, segundo notavel historiographo, "é que se

acha a origem clara e verdadeira da primitiva historia do mundo e do homem, e é por ahi que, atravéz de seculos, quasi sem fim, póde-se ligar o passado com o presente, rasgando o véo que occulta a ascendencia das Nações e quebrar o mysterio tenebroso que envolve o berço da humanidade".

« As velhas chronicas, feitas sob o impulso da paixão e da capacidade de seus autores, são uma sombra de documentos, ao lado daquellas fontes claras e positivas, que nos revelam os seres e os phenomenos sob a gelida e petrificada nudez da sua realidade. »

Por estes meios é que nós podemos supprir e muito vantajosamente, num passado remotissimo, a deficiencia de documentos escriptos e tradições oraes, com que se constituem as historias modernas.»

E não é sob outro ponto de vista, que nos cingimos a resumir methodicamente as opiniões de varios scientistas que se têm occupado de semelhantes assumptos, deduzindo, dentre as que nos importam, conclusões esclarecidas, em confronto com o nosso modesto trabalho, subordinado a INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA, ESPECIALMENTE DO BRASIL.

Notadamente, foi o sabio philologo Onffroy de Thoron, com a sua scientifica e valiosa offerta, em 15 de Fevereiro de 1876, "Antiguidade — da Navegação do Oceano", á nossa Municipalidade, que mais nos demoveu, com ardor, ao presente alvitre.

Naquelle precioso labor e em outros successivos, do mesmo autor, encontrámos vastos elementos; com estes ampliámos o presente trabalho, tributando-lhe, deste modo, profunda gratidão, no caracter de um dos mais humildes municipes de Manáos, embora tardiamente. Elle demonstrará tambem que a epigraphia americana não se restringe ao que a ficção de espiritos irreflectidos a querem materialmente reduzir, isto é: "a simples garatujas gravadas e pintadas em rochedos, por mera diversão do selvagem", etc.

A magnitude do assumpto e seu descortino, estão infelizmente na razão inversa da nossa capacidade, mas, o mechanismo social impondo-nos como escópo da vida o trabalho, em suas varias manifestações, a elle subordinámo-nos, e óra fazemos uso da facultativa expansão do pensamento, proposito que será tolerado pela indulgencia dos competentes.

Além dos seguintes, muitos foram ainda os edificantes exemplos que fortaleceram o nosso animo: "Archeologos levaram a effeito em Jerusalém e na Palestina excavações e pesquizas, que esclareceram uma parte do reinado de Salomão; egyptologos conseguiram lêr em Thebas, nos muros do templo de Karnak, a prova dos triumphos de Sesac sobre Roboão, rei de Judá; assyriologos encontraram, em Mesopotamia, as narrativas das invasões dos reis de Ninive em Samaria e na Judéa". Julgámos que seria necessario, por nossa vez, interpretarmos esses monumentos epigraphicos, que nos legaram os semideuses do paganismo americano, e assim o fizemos, crentes na Providencia.

E eis, finalmente, o resultado de alguns annos de perseverante, meticuloso e insano labor, de iniciativa propriamente pessoal, a par da intelligente cooperação da Consorte amada, sem outro intuito que o de sermos de algum modo uteis, ao tão controvertido e secular problema prehistorico da nossa Patria.

Manáos, 18 de Fevereiro de 1929.

B. A. da Silva Ramos.

INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA, ESPECIALMENTE DO BRASIL

CAPITULO I

Inscripções, tradições, subsidios philologicos e paleographicos

NÃO ha espirito, mesmo o menos investigador, que, ante o vasto problema da nossa prehistoria, não sinta um anceio de perscrutar, vagamente embora, essa evolução operada pelo tempo.

A sciencia, porém, em seu caminhar lento e profundo, vem felizmente descortinando todos os mysterios, fazendo irradiar sobre elles a luz resplandecente da razão e da sabedoria, apoiada nestes sublimes sentimentos prodigalizados pela Providencia ao ser humano. Coordenados e compulsados, methodica e chronologicamente, todos os conhecimentos scientificos, desde a epoca mais remota, como vão sendo, temos sobre elles, segundo a feição e aptidão de cada um, o traçado de suas differentes phases praticas e theoricas; eis como pode na actualidade satisfazer o investigador sua curiosidade e aperfeiçoal-a, mesmo ao ponto de vista scientifico.

« Humboldt (1), esse grande naturalista que examinou com os seus proprios olhos a terra toda, insiste sobre as analogias que offerecem os americanos com os mongoes, e com outros povos da Asia central; acha que, quanto mais se estudam as raças, as linguas, as tradições e os costumes, tanto mais logar ha para crer que os habitantes do novo mundo vêm da Asia oriental, que Quetz Alcoatl, Bochica e Manco Kapac, personagens ou colonias que civilizaram estas regiões, tinham partido da Asia Oriental, e que estiveram em communicação com os thibetanos, com os tartaros-samaneus e os ainos barbos, das ilhas de Jesso e Seadralin. O mesmo illustre viajante affirma que, quando se houverem estudado melhor os mairos da Africa, e essas hordas que habitam o interior, e o nordeste da Asia, vagamente designadas pelo nome de tartaros, ou tchaux, as raças: caucasica mon-

(1) Hist. Un. Cesar Cantú, n. I. p. 70. Lisbôa, 1875.

golica, americana, malaia e negra, parecerão menos isoladas, e descobrir-se-á, nesta grande familia do genero humano, um unico typo organico, modificado por circumstancias, que talvez nunca nos será permittido descobrir. »

« Tratando das cordilheiras e monumentos dos povos indigenas da America, diz tambem que se espanta de achar no fim do seculo XV, num mundo que chamamos novo, instituições antigas, idéas religiosas e formas de edificios, que na Asia parecem remontar á aurora da civilização, que acontece com as feições caracteristicas da humanidade o mesmo que com a estructura interna dos vegetaes, espalhados pela superficie do globo; por toda parte se manifesta um typo primitivo, apesar das differenças produzidas pelos climas, pelo solo e pela reunião de muitas causas accidentaes; e que a communicação entre os dois mundos é provada de um modo indubitavel, pelas cosmogonias, pelos monumentos, hieroglyphos, e pelas instituições dos povos da Asia e America ».

« Uma outra serie de provas da unidade do genero humano se deduz da linguagem. O que perguntasse, como podem as imagens traçadas na vista representar-se por meio de sons, tendo em si o poder de expressar idéas e despertal-as nos outros, proporia um problema de uma difficuldade tão invencivel, como seria substituir o som á côr, o pensamento ao som, e um som pittoresco ao pensamento ».

« Pois bem ! a linguagem donde provêm todos os thesouros da tradição, e do aperfeiçoamento do homem, que reune o passado ao presente, o que está perto ao que está longe, a linguagem symbolizada na lyra fundando a cidade, nos semi-deuses dictando leis, satisfaz a todas estas condições. Interprete de gerações extinctas, fundamento da dignidade do homem e de seu alto destino, pois que encerra necessariamente a consciencia e a intelligencia, ella serve não somente para enunciar o pensamento, mas tambem ao amor, á reconciliação, ao commando, á justiça e á creação ».

« Este instrumento, o mais maravilhoso entre as cousas creadas, quem o achou ? Si o perguntarmos ás sagradas Escripturas, respondem-nos, que a palavra existia desde o principio, e que a palavra era Deus: Deus falou ao homem, e por sua ordem o homem deu nome a todas as cousas. Não creou Deus, porventura o homem perfeito ? (Genesis). . . »

De Nadaillac [1], em synthese, diz: "que as questões prehistoricas excitam desde alguns annos um legitimo interesse; a surprêsa, a incredulidade mesmo, tinham acolhido ás primeiras revelações sobre a antiguidade da raça humana, sobre a contemporaneidade do homem com os pachydermes, os desdentados gigantescos que povoavam o globo na época quaternaria. Em breve as provas multiplicaram-se com uma tal evidencia que a duvida não foi mais possivel; e hoje podemos affirmar que nos tempos dos quaes estamos separados por uma serie incalculavel de seculos o homem habitava nosso continente, já muito velho, no momento de sua apparição. Nenhuma chronologia pode calcular estes tempos, nenhum calculo pode computal-os: a historia e a tradição são mudas; é por trabalhos prodigiosos, por inducções as mais precisas, que, se chega a encontrar alguns traços dum passado quasi fabuloso, a obter alguns vestigios destes rudes pioneiros, os antepassados do genero humano. Seu berço primitivo era, segundo toda apparencia, situado na Asia; foi de lá que por emigrações successivas, cuja duração desafia toda sciencia, elles espalharam-se pela Europa, fugindo do frio, procurando as regiões mais ferteis ou paizes mais abundantes em caças.

---

(1) *L'Amérique Préhistorique*, por Prefacio — 1883. Paris.

« Nesta mesma época, homens provavelmente da mesma origem, erravam no nosso mundo sobre as costas do Atlantico e do Pacifico. Como seus contemporaneos Europeus

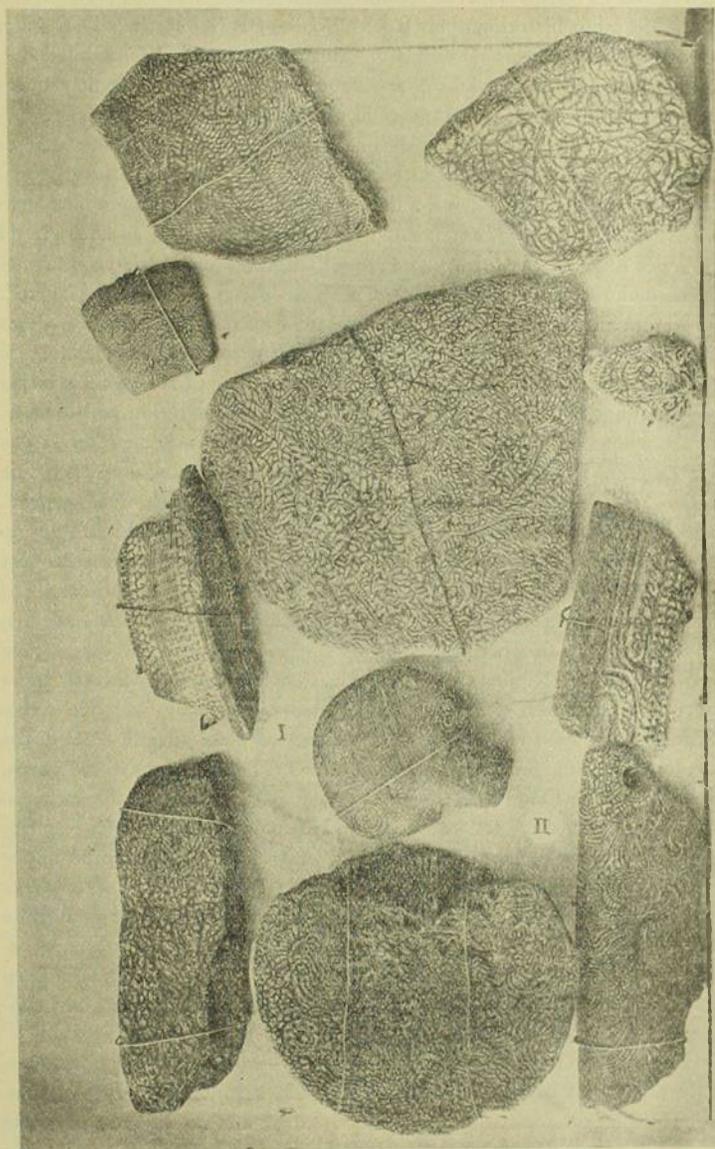



Fig. A — Fragmentos de ceramica e diorito com arabescos por nós restaurados e interpretadas as duas inscripções assignaladas, encontrados nas regiões do Urubú. — Amazonas

(I)

ΛΙΘΟΣ
ΙΔΙΟΣ
ΔΙΌΣ
·ΙΣΙΟΣ
*"ΟΔΙΟΣ
ΒΊΟΣ
'ΟΧΟΣ ΒΙΑΣ

PEDRA PRECIOSA PARTICULAR DO DEOS JUPITER, QUE PROTEGE O VIAJANTE. VIDA E PUJANÇA

(II)

ΨΙΕΙΣ
+ΣΙΟΣ
ΨΙΕΙΣ
ΙΣ ΒΙΟΣ
ΒΙΑΣ.

FELIZ, AFORTUNADO, DEOS FELIZ, AFORTUNADO, FORÇA, VIDA E PUJANÇA.

ou Asiaticos, elles eram nomades e não conheciam outros abrigos senão cavernas e rochedos. Alguns silex informes serviam-lhes ao mesmo tempo de armas e utensilios; seu estado

social miseravel e aviltado, pode comparar-se a aquelle conhecido em nossas regiões sob o nome de idade da pedra. . . »

Além da opinião de tantos outros notaveis escriptores, citaremos a de Gonçalves Dias, resumida nas palavras do sabio historiographo Rocha Pombo [1]: "Gonçalves Dias, que, além de poeta, era um grande sabedor de coisas americanas, na sua obra intitulada — *Brasil e Oceania*, defende, com muito vigor e apoiado em larga documentação, a proveniencia asiatica dos nossos aborigenes. Este estudo, que tinha um ponto de vista restricto, pois que se limitava a sustentar a these de que as populações primitivas da America oriental tinham entrado no continente pela costa do Brasil e vindo do norte para o sul — esse estudo deu logar, no entanto, a que o illustre indiano — logo entrasse até certo ponto no problema das origens da raça, extendendo observações a toda a archeologia do sul da Asia e das grandes ilhas da Oceania, e comparando-a com a do Mexico e da America Central — regiões onde se fixou a indole da civilização pré-colombiana do Norte".

« É realmente admiravel como Gonçalves Dias, em uma época (1867) em que eram tão escassos os elementos necessarios para semelhante ordem de trabalhos, conseguiu orientar-se com tanta segurança relativamente a uma questão, que muitos chegam a julgar longe ainda de constituir um legitimo problema de sciencia historica. Do sul do Hindostão e da China, das grandes ilhas da Malasia e em seguida do archipelago do Japão, veiu acompanhando as raças em movimento pelos Aleutes, pelo noroeste da America do Norte, pelo Mexico, pelo Yucatan e pelo isthmo até o continente sul. Demonstrou, com grande profusão de factos e argumentos, analogia irrecusavel entre as obras que revelam o genio das migrações, embora se tenha de descontar-lhes á medida que se vem para o oriente, na Oceania, e para o sul, no Novo Mundo, o que é devido ao decrescimento immediato e natural de uma civilização successivamente deslocada para meios cada vez mais extranhos. Os deuzes aztecas, por exemplo, indicou Gonçalves Dias, que são os mesmos deuses de Java ou de Niphon, como estes são os mesmos deuses da India antiga, apenas aquelles desfigurados pelo espirito decadente das migrações que retrogradavam na lucta com o desconhecido e com as inclemencias da natureza. Em todas as grandes ilhas onde haviam elementos para longas estações desta corrente de povos, caminho da aurora do mundo, foram elles deixando vestigios mais ou menos duraveis. As proprias inscripções recolhidas em toda a Oceania dão testemunho do antigo espirito oriental, irradiando e sobrevivendo em muitos pontos ás destruições, que o tempo impõe ás obras materiaes e ás conquistas politicas. »

« Isto quer dizer que ha quasi quarenta annos Gonçalves Dias filiava já as populações americanas em raças do antigo mundo. Os grandes trabalhos, realizados subsequentemente, vieram confirmar os argumentos do notavel scientista, que tem o seu espirito quasi desconhecido por esta face ou pelo menos disfarçado pela vasta popularidade que conquistou como poeta ».

« Sem que nos detenhamos por mais tempo em discutir — a hypothese que nos parece mais legitima, tratando-se do *habitat* primitivo das populações que entraram na America, é incontestavelmente a que admitte a alta Asia ou talvez mesmo algumas paragens mais para o norte do antigo continente como sendo o berço commum de um grupo de familias, que, em época anterior á da classica dispersão aryana, se separaram, tomando, umas caminho para a Europa e outras para o sul e para o extremo oriental da Asia.

(1) Historia do Brasil, VII, pags. 98 e 99.

Só assim se explicariam traços de affinidade, persistentes, através de longos seculos e de immensas terras, nos etruscos, nos gregos, nos egypcios, nos indios, nos malaios e nos americanos ».

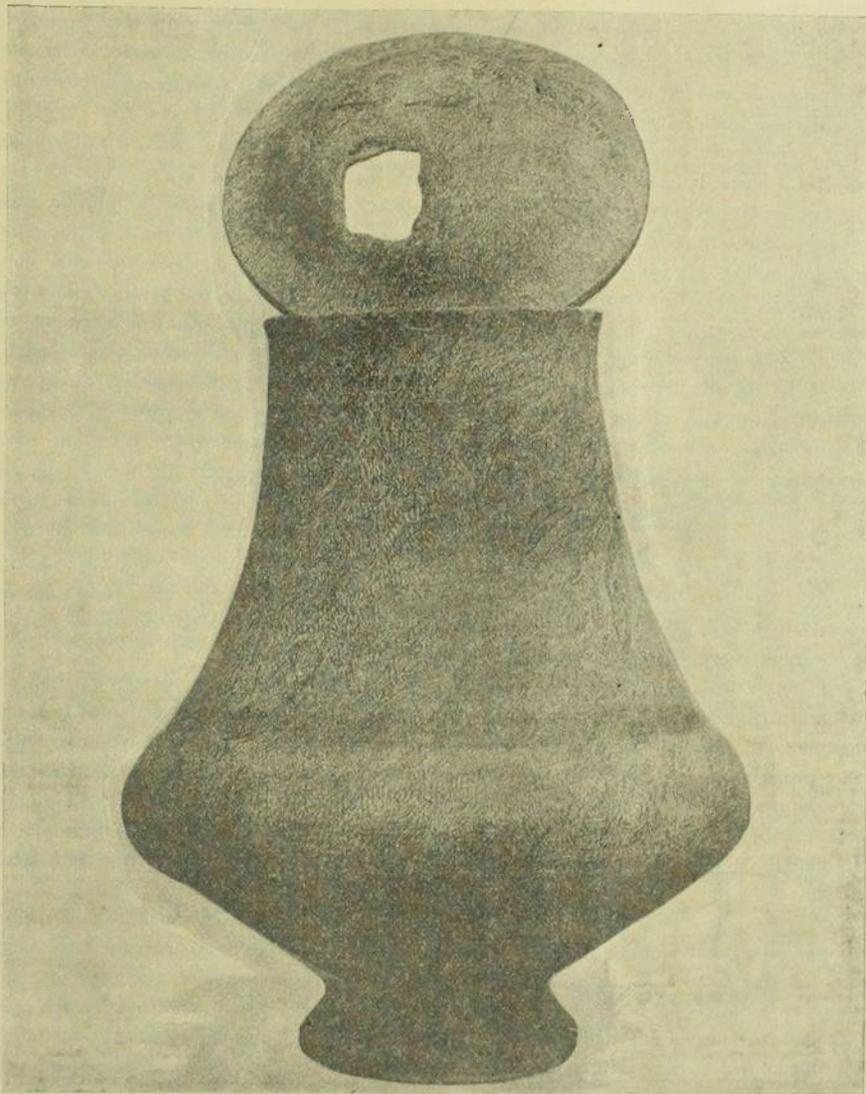



Fig 1 — Um dos lados de uma urna funeraria em ceramica, encontrada na necropole (miracãuera) com arabescos por nós restaurados. Itacoatiara — Amazonas

« É facil fazer uma idéa de quanto seria descabido aventurar uma synthese que fosse da historia de todo esse movimento de povo lá do mundo antigo; e não só porque seria isso impossivel num simples paragrapho de condensação historica, como ainda e sobre-

tudo porque não sahiriamos, a respeito de muitos desses povos, do puro dominio das hypotheses. O que se nos aconselha, portanto, é que, para o nosso ponto de vista, o mais razoavel é ir ao encontro da corrente que tomou rumo da America e seguil-a desde o momento em que aqui entrou. . . »

Neste proposito prosegue admiravelmente o autor, mas sirvam-nos estas rapidas e valiosas citações dos que, visando theses mais vastas sobre o Americanismo, envolvem, entretanto, de relance, a de que ora nos occupamos e procuramos, com todos os elementos subsidiarios, desenvolver.

É certo, portanto, que não existe povo, raça ou tribu, que não tenha suas tradições envoltas a series de lendas e superstições, alémd e inscripções ou signos e que não revelem suas noções de origens, suas crenças cosmogonicas, repassadas muitas de grande dose mythologica, até o puro barbarismo. Uns vêm soccorrendo-se, para definir suas tradições, da paleographia, emquanto outros vêm alimentando e conservando esses artificios convencionaes e engenhosos transmittidos com a linguagem, de geração a geração; de modo que não ha quem, em absoluto, não se preoccupe da archeologia, ethnologia, philologia e epigraphia, porque congregam em si o passado revelador de suas mais intimas particularidades de raça, de lingua e de costumes. E que as gerações do passado, quanto ao physico, não teriam vivido sem deixar, atravez de si, os vestigios proprios da natureza humana: suas necropoles, fragmentos da ceramica, utensilios de que se serviram para varios misteres do trabalho, da locomoção, da subsistencia da defesa, do abrigo e da resalva contra as intemperies; quanto ao moral, suas tradições, ora symbolizadas nessa nomenclatura enorme de signos e signaes e ora nessa extraordinaria diversidade de caracteres ou alphabetos, desde os hieroglyphos com o seu valor simples, syllabico e determinativo, até o arabe, cuneiforme, hebreu, phenicio, etrusco, grego etc., tudo concorrendo, entretanto, para fazer luz sobre as origens, insondaveis ainda algumas, dos varios conhecimentos scientificos e desenvolvimentos da civilização.

Não fosse a encantadora tradição da America Meridional, sobre o lago Parima ou *Manoa del Dorado*, que tanto seduziu grande numero de exploradores, fascinados pelo seu maravilhoso ouro, não teria mesmo ganho tanto a sciencia e com ella particularmente nossa geographia, que chegou a ter em seus mappas esta mysteriosa região aurifera determinada, graças a Mr. Brion, Gomilla e outros. Esta foi inverosimil, teve de desapparecer dos mappas precedentes, mas em compensação ficaram assignaladas outras regiões intermediarias, que constituiram o labor aproveitavel, embora originado por uma falsa tradição.

Ninguem, de relance, observando o traçado do nosso continente, deixa de sentir uma impressão surprehendente, quanto á sua vastidão. E tanto mais augmentará essa admiração, se fixar a attenção ao que concerne á região Amazonense, predestinada, segundo as propheticas palavras de Humboldt, ao prodigo celeiro mundial. Queremos tambem nos referir a sua providencial posição geographica, que lhe permitte confabular com differentes nações limitrophes, como communicar-se por essa nomenclatura de caudalosos tributarios, que unificam a gigantesca e admiravel pujança do assombroso Amazonas.

Muito de mysterioso, portanto, encerram ainda estas circumstancias a tão prodigiosa região, quanto ás suas tradições não só epigraphicas como philologicas, além de outras de que hoje em dia se vai felizmente occupando a sciencia moderna. Basta calcular-se ainda a variedade de tribus esparsas, cada uma provida de seu dialecto proprio desco-

nhecido e desse labyrintho de rios caudalosos, marginados alguns de immensos blocos de pedra, nos quaes não raro é encontrar-se uma variante ordem de inscripções e symbolos, que não são senão lembranças reveladoras de uma civilização desapparecida em periodo de seculos.

A particularidade excepcional de communicação entre aquelles paizes constitue, com effeito, desde remota antiguidade, a valvula sempre crescente de surprehendentes emigrações, descobertas e factos sensacionaes da região sul Americana.

Não é pois sem razão que nas antigas tradições verbaes, segundo Onffroy de Thoron [1], encontramos os primeiros dados da historia das Nações; ellas precedem as tradições escriptas e como estas perpetuam-se atravez das idades; recordam, em geral, a origem dos povos, as acções heroicas de seus guerreiros e contam-nos factos maravilhosos, que tocam ao sobrenatural ou que attingem ás ficções contrarias á razão; transmittem-nos com as lembranças cosmogonicas a origem de diversos cultos religiosos; fazem-nos conhecer as scenas lamentaveis e medonhas das convulsões do globo; emfim, encontramos nellas os vestigios ou traços das migrações successivas das populações até além dos mares longinquos; tudo isto, como se vê, é de um grande interesse historico e geographico.

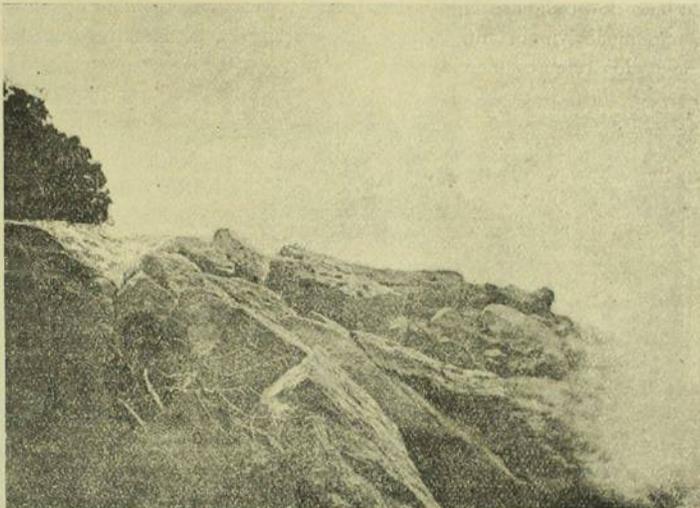



Fig. 2 — Vista parcial dos blocos com inscripções de Itacoatiara

« Si, porém, aos factos legendarios de um povo addicionarem-se fabulas engenhosas, grosseiras ou ridiculas que as envolvem de obscuridade, o bom senso pode desprezal-as, tomando o campo de investigações, no qual é preciso penetrar para descobrir a verdade. Estas investigações nos obrigarão sempre ao exame da linguagem do povo donde emana uma tradição, feito o que, por meio da philologia comparada, seguir-se-á por toda parte os vestigios deste povo; á sua lingua basta confrontar qualquer outra lingua viva ou morta, tendo uma semelhança evidente apoiada em numerosos exemplos de identidade ou analogia que possam justificar sua communidade de origem. Pela philologia comparada a affinidade da linguagem torna provavel a affinidade da raça humana, seguindo-a em todas as suas migrações, evoluções e transformações; é então que por sua vez a ethnologia vem tomar lugar junto á philologia e confirmar as suas provas ou indicações ».

(1) *Les Pheniciens à l'Ile d'Haiti e sur le Continent Americain.* et 1887-89 — Louvain.

« Quantos problemas historicos contêm os escriptos dos autores da antiguidade! »

« Chegar-se-á a resolvel-os, si se quizer levar em conta suas indicações e procurar o que ha de verdadeiro na tradição. Para reconstruir a historia de um povo é preciso remontar a sua origem barbara, si é possivel, porque a escripta e as inscripções são muito posteriores á tradição verbal; é o motivo por que isto deverá ser encarado com toda penetração da razão, obtendo-se os mais importantes resultados em proveito da historia. »

As tradições como as inscripções, na vida dos povos, têm com effeito sido os principaes agentes como os maiores elementos para a realização dos mais surprehendentes e complexos problemas ou monumentosos successos no mundo scientifico.

Não foi de outro modo que o antigo Egypto surgiu dentre os mysteriosos rochedos, do leito do prodigioso Nilo e das brancas areias na vastidão dos desertos. Assim ainda o não menos importante achado das inscripções de Rosetta, que deu a Champollion a chave dos celebres hieroglyphos.

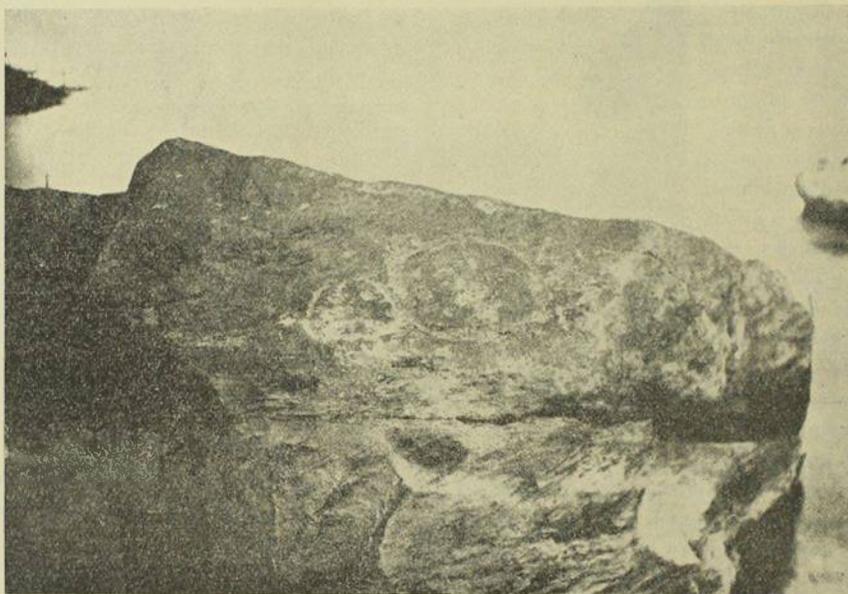



Fig. 3 — Um dos Grandes Blocos de Itacoatiara, com gravuras muito damnificadas pelo tempo

Multiplas e de grande penetração, são já as bellas tradições que nos têm facultado sabios archeologos, historiadores e ethnographos, sobre assumptos transcendentaes particularizados aos povos Americanos.

Soccorrendo-nos, pois, desse sublime manancial, vamos cogitar apenas de varias tradições esparsas e bem assim das inscripções preciosissimas, gravadas em grandes blocos de pedra, pelos nossos antepassados, nesta parte do nosso Continente e differentes recantos do mundo. Encerram ellas, de permeio a rudes traços, nomes historicos, um pensamento, uma sentença philosophica, symbolos etc., harmonizados em curiosissimos conjunctos, não se sabendo que admirar ás vezes, si a sua concepção artistica ou a ideal. Muitas revelam ainda surprehendentes desenhos e assumptos, numa variante serie de

antigos alphabetos, alguns já desapparecidos e servem hoje em dia, como especimens curiosos paleographicos.

Com o auxilio das tradições historicas, sem o rigor iconographico embora, chegaremos á evidencia do tempo em que foram essas inscripções levadas a effeito, quaes seus autores e o facto historico que encerram ou a que se prendem.

Com este valioso elemento, poderemos resolver problemas importantes ao que particularmente importa ás nossas passadas eras e por conseguinte á prehistoria do Brasil e de toda America.

Fala-nos assim Ferdinand Deniz [1] sobre *Rochas e inscripções hieroglyphicas*: "Diz-se que as solidões ainda inexploradas do Piauhy encerram rochas nas quaes os antigos habitantes gravaram especies de hieroglyphos, destinados sem duvida a perpetuar entre elles algum grande acontecimento. Devem ser attribuidos aos Guêguês, que occuparam outrora a região banhada pelo Parnahyba ? aos Acroas que erravam no Sul, ou aos Jahycos que dominavam o Itahim, a quem devemos essas especies de inscripções de que nos falam os primeiros historiadores ? É o que não podemos resolver".

« As rochas pintadas, ou para melhor dizer, as grandes pedras de superficie plana sobre as quaes se gravaram figuras symbolicas, especies de signaes hieroglyphicos, não são raras na America meridional, e existem muitas no Brasil e em Guyana ».

Humboldt cita as das margens do Orenoco, que parecem ter pertencido a um povo muito differente do que occupa hoje esses desertos; Auguste de Saint-Hilaire fala de inscripções pintadas em vermelho, sobre rochas do Tejuco e que os plantadores da região sempre viram; Koster encontrou no Ceará um padre que copiava hieroglyphos semelhantes aos que citamos; emfim, póde-se examinar nas grandes viagens de Spix e Martius, assim como na de Debret, uma inscripção gravada por uma nação pertencente á raça tupy e destinada a relembrar uma grande batalha dada provavelmente na Serra do Anastacio [2]. A hora em que o combate se dava, o numero de prisioneiros durante a acção, o conselho havido pelos chefes, estão expressos por signaes cujo sentido é mais ou menos hypothetico, mas que póde admittir mais ou menos em parte, como os viajantes apresentam. Todavia os monumentos mais curiosos deste genero não pertencem ás porções centraes do Brasil; pertencem a uma nação do Pará, e nos reportamos á bella obra de Debret. Eis a explicação que dá este viajante depois de ter verificado que essas esculpturas são cavadas sobre uma rocha das margens do Japurá, por selvagens dos quaes se admira os adornos em pennas, que são de uma rara perfeição. Debret assim se exprime: "E quem não reconhece a obra de uma intelligencia muito fina, embora barbara, no traçado de muitas figuras humanas em variadas attitudes, e na configuração de algumas cabeças compostas de detalhes insignificantes, é verdade, mas que relembram entretanto, por linhas parallelas, o conjuncto de um rosto tatuado, e outras figuras coroadas de pennas dispostas em raios ? E emmaranhadas, irregulares sem duvida nos seus detalhes exprimem a vontade a parellelismo repetido nos adornos e arabescos. Mil outras bizarrias emfim, imaginadas por um cerebro de fazer uma inscripção por uma traducção linear sem o auxilio de uma servil imitação, são os sellos de um genio pitoresco ? »

« Melhor exploradas as solidões do Pará e do Piauhy, apresentarão monumentos analogos. Confiamos que uma seria investigação as reproduzirá. É um meio incompleto

---

(1) *L'Univers*, pg. 279 e 280.

(2) Vejam-se fig. 976 e a nossa interpretação.

sem duvida, mas que ainda não foi empregado, para dar alguns passos na historia das nações indigenas, e talvez o conhecimento de suas emigrações ».

Varios são os lugares até agora conhecidos, assignalados com esses *especimens epigraphicos*, originalissimos, de execução profunda nesses differentes assumptos e dialectos; só pulso habil poderia firmal-os com tanta mestria, para resistirem o periodo de tantos seculos.

Ahi pois está a ideia predominante, o signo sagrado da vida de um povo que nos antecedeu, o emblema tradicional de tantas gerações que desappareceram mysteriosamente no correr de seculos: umas exterminadas pelos cataclysmas e outras, pelos duros effeitos da mal entendida civilização.

Cada Nação, desde sua origem adoptando seus signos ou emblemas convencionaes, assignalou em todos os recantos do mundo as regiões que lhe foram accessiveis ou dellas tomaram posse ou dominio. A galera, por exemplo, era o symbolo tradicional dos grandes e arrojados navegadores os Phenicios e encontra-se mesmo em seu systema monetario, como em outros objectos de uso peculiar.

Não haverá certa analogia nessa serie de inscripções e desenhos dispersos nas nossas regiões ?

Não traduzirão tambem lembranças da existencia dessa raça que viveu e identificou-se no nosso solo, na calma e na mais doce fraternização e occupou extensas regiões do nosso Continente ? É o que vamos investigar.

Esses blócos, essas inscripções, denominam-se *itacoatiaras*, *itagraphias*, *petroglyphos* ou *pedras pintadas*.

Não só admiravel como profuso é o numero desses verdadeiros monumentos prehistoricos, dos quaes se têm occupado os notaveis ethnologos e scientistas modernos, Quatrefages, Bertillon, de Nadaillao, Renan, Theodoro Sampaio, Theodoro Cook-Grümberg e outros, e ora nós, simples investigador, no ponto de vista epigraphico e tradicional.

Dois são os preponderantes especimens caracteristicos empregados nessas inscripções: o grego primitivo, linear e figurativo, bem assim o phenicio cananeo, dando frizante exemplo desta ultima parte, o genial polyglotta Mr. Le Vicomte Onfroy de Thoron, na interpretação de uma parte da celebre inscripção de Dighton Rock, como demonstraremos adiante.

« Estes desenhos picthographicos, no dizer do illustre archeologo Conego Raymundo Ulysses de Pennafort (1), por suas dimensões, pela nitidez e variedade dos personagens, homens e mulheres, constituem um dos mais curiosos especimens das cryptographias brazilienas ».

« A consciencia, essa grande prophetisa que despedaça os quadros historicos e presente a verdade do futuro, poderia absolutamente permanecer sem testemunha no proscenio desta nova *Kanaan*, tão infamada e observada com tanto sangue ?! Não ».

« O *alephe* do monolithismo phenicio devia ser a nota caracteristica, o *tau* essencial e basico dos monumentos paleolithicos dos nossos indigenas, que egualmente como a velha Syria não deviam conhecer *d'autres temples que des hautes lieux informes ou des trous de rocher*, como disse Renan, ("Mission", p. 282) ».

« Era preciso que o Occidente, destinado a uma cultura mais rica e mais alta, recebesse do Oriente os primeiros materiaes para a sua lenta elaboração religiosa. E de feito, destes blócos enormes de pedras brutas que os phenicios deixaram tombar intactos na

(1) "Brasil Prehistorico", ps. 184, 185. Ceará, 1900.

base dos seus templos informes, levantaram mais tarde os nossos indios no Centro da America as suas *Caruaras* sublimadas, onde o frescor das aguas, a doçura do ar, a belleza da vegetação, que se estendia ao sopé, lhes inoculavam nalma rude as primeiras emoções religiosas ».

« Nestes factos ante-historicos não podemos deixar de reconhecer a missão nobre e providencial que desempenhou a Phenicia no seio das populações indigenas do *Novo-Mundo*. Na pôpa das suas gloriosas faluas, desbravando as ondas do Atlantico para implantar a ultima balisa das suas pacificas conquistas, é que devemos contemplar e admirar a *dynamis* expansivel desta valiosa raça semitica. »

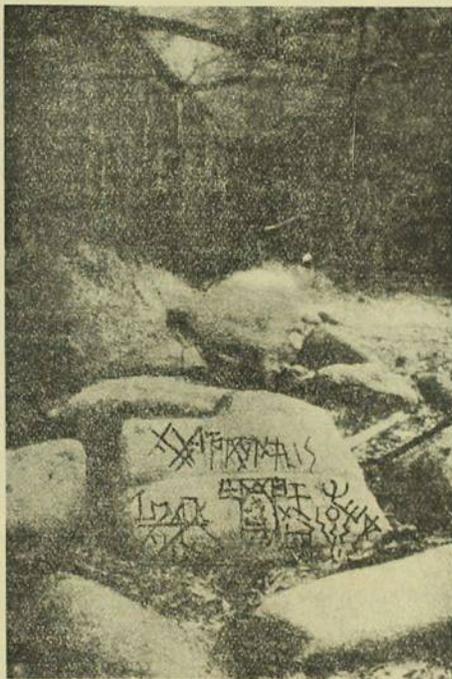
*

Bem poucos historiadores, a nosso ver, avantajaram-se até hoje, em assumpto que ora nos preoccupa, mais que Thoron. De suas eruditas palavras, embora resumidas, muito aproveitaremos, não só na simplificação como na originalidade profunda e methodica da these, tendo como ponto de partida — tradições verbaes e escriptas.

Nisto não faremos mais, diz elle, "que imitar o immortal Christovão Colombo, que era bastante sensato e conhecia, não sómente por indicações de muitos navegadores, mas tambem *por tradições*, a existencia do grande continente, situado a Oeste do Atlantico e designado pelas narrativas ou pelos escriptores da antiguidade, como: Critias, Platon, Solon, Silene, Theopompo, Aristoteles, Cicero, Strabon, Eratosthenes, Macrobo, Mela, Scylax, Ælianus, Plinio, Statius Sebosus, Posidonius, Festus Avienus, Diodoro de Sicilia, Pluthareo, Sylla, Seneca e muitos outros.

Fig. 4 — Inscripção de Saugay (Rio Urubú)

Entre estes autores, alguns ha que de seus escriptos existem apenas fragmentos; mas suas narrativas são relatadas por muitos outros historiadores. Seja como fôr, Christovão Colombo, tinha certamente adquirido a convicção de que, além do Oceano, elle abordaria um Continente, que tinha sido conhecido nos tempos mais remotos; porém elle firmou a sua gloria por ter audaciosamente emprehendido seguir atravéz do oceano a rota perdida dos navegadores da antiguidade. A tradição é pois de uma importancia capital, para quem se dedica a investigações historicas. É nella que se encontra a primordial ideia para esta ordem de estudo".

« Com effeito, si seguirmos Christovão Colombo á ilha de Haiti, no tempo de sua descoberta, encontraremos ahi as tradições dos Caraibas insulares: contavam elles aos

missionarios hespanhoes, que antigamente um povo, vindo por mar, do lado de Éste, tinha tomado posse da ilha; mas que, posteriormente, um exercito de Caraibas, vindo da Terra Firme, massacrou os primeiros possuidores de Haiti, excepto as mulheres, que foram poupadas. Encerra isto uma dupla tradição historica: *a de um povo vindo do Oriente e a das mulheres livres do massacre.*

« Ora, os missionarios hespanhoes suppunham que estes navegadores vindos muito antigamente de Este não podiam ser senão Phenicios ou Carthaginezes; mas não fizeram nenhuma pesquisa para estabelecer sua opinião e até hoje ninguem pensou em examinar esta tradição; porque nós poderiamos nomear até americanistas que olham como chimerica, não sómente a origem mas tambem a emigração phenicia ou carthagineza na America ou em suas ilhas.

Fig. 5 — Inscripções do Aybú, na região de Itacontiara

A origem dos primeiros Haitienses merecia entretanto estudos e para fazel-os seriamente, diz Thoron: apoderei-me das tradições verbaes dos Caraibas. Considerando sobretudo a que consiste na preservação das mulheres poupadas no massacre, estas mulheres, é claro, deveriam ter misturado sua linguagem com a dos novos conquistadores.

Para resolver o problema da dupla tradição dos insulares de Haiti, bastava pois estudar um pouco a sua lingua e procurar descobrir se o hebreu, que é o phenicio, encontrava-se nella mesclado. Fui naturalmente levado a ler os escriptos dos hespanhoes, que participaram ou assistiram á descoberta e ás conquistas da America; em seguida tive de consultar as narrações de seus successores até a tomada e posse de Haiti, para França, afim de tirar dellas os termos da lingua Caraiba desta ilha e que é tambem conhecida com o nome de *Taino*.

As obras de Fernando Colombo, de Petrus Martyr d'Anghiera, de Navarrete, de Bacia, de Gonz, Hernando de Oviedo y Valdes, de Herrera, de Ramusio, d'Acasta, de Lopez Gomara, de Nuñez de la Vega, de Gregorio Garcia, d'Ordoñez, de Cabrera, de Romain Pane, de Bezoni e, em ultimo logar, as de Raymond Breton, de Robertson, de Jean Mocquet, de Charlevaix e de Carl Martins etc., me tem passado sob a vista; de alguns destes autores, tendo extrahido as palavras Caraibas que ahi se encontram, pude comparal-as á lingua hebraica ou phenicia.

Meu successo foi completo, porque o Taino, extrahido do Caraiba vulgar, é um dialecto phenicio, como se verá em minhas demonstrações philologicas fls. 91 a 105. (1). Para este penoso trabalho, tive de contentar-me com raros documentos que possuem nossas bibliothecas francezas. Isto, depois de 395 annos da descoberta das Antilhas, me estava reservado confirmar e affirmar estas tradições e emprehender a obra historica que hoje dou á publicidade sob o titulo: *Les Pheniciens à l'ile d'Haiti et sur le continent Americain.*

Entrego-a ás meditações dos eruditos, que procuram reconstituir a historia dos povos da antiguidade; elles reconhecerão que se não deve, *a priore*, regeitar sem exame as tradições, mesmo as dos selvagens e sim deve-se dellas tirar proveito para a historia. »

*

É fóra de duvida que os Tyrrhenios sabiam de alguma terra ao Éste do oceano; ignoramos se elles tentaram estabelecer-se nella (2); parece porém certo que os Gregos tinham

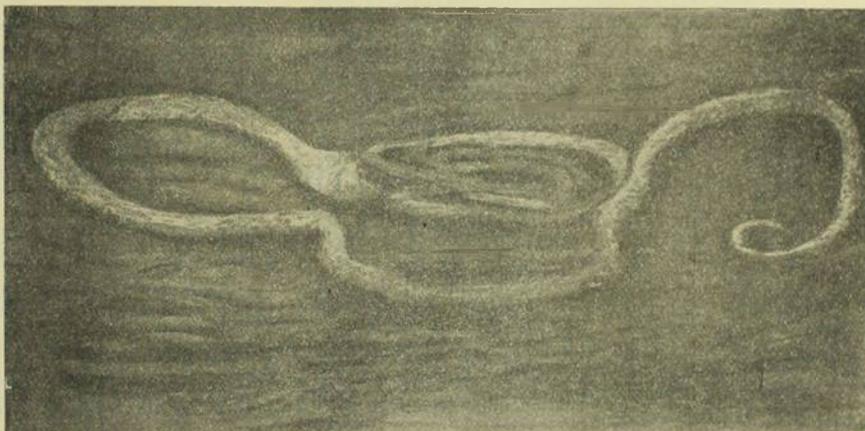



Fig. 6 — Serpente esculpida sobre o solo nas Lazes, semelhante ás encontradas no norte da Africa, no Abury em Inglaterra e na America em Ohio proximo a Brush-Creek, etc.

estabelecimentos antes da fundação de Carthago, na America (3): temos o testemunho disto nas narrativas em grego de Theopompo, reproduzidas em latim por Ælianus (hist. 3) e nas do general romano Sylla, (Plutharco).

Conforme o primeiro, Hercules foi visitar os Gregos entre os Maropas; estes habitavam em frente da Lybia os territorios hoje occupados pelos brasileiros, emquanto que Sylla conduz este mesmo Hercules até o mar Saturniano, sobre o continente Croniano habitado pelos gregos; havia-os portanto ao sul e ao Norte da America. »

(1) Obra citada. — Veja-se a Parte supplementar, no fim deste volume.

(2-3) Estas tradições, desenvolvidas nos appendices A e B, do mesmo autor, suggerem-nos um igeiro estudo sobre algumas inscripções encontradas em uma antiga Cidade abandonada nos sertões do Estado da Bahia, em 1753, de que trata o 1º volume. da Rev. do I. H. G. do Brasil, pags. 193 a 200. Este estudo faremos em capitulo respectivo e na parte supplementar: LIGEIROS TRAÇOS DA HISTORIA GREGA.

«Durante o bloqueio do estreito de Gades, hoje Gibraltar, que durou 300 annos, os gregos, isolados no meio dos barbaros, desappareceram; mas sua lingua ficou mesclada ás linguas americanas, como constatamos em nota citada.

O presente escripto, sendo especialmente consagrado aos Phenicios, faremos apenas assignalar de passagem uma *tradição grega*, que poderá ser util para esclarecer certos pontos da primitiva historia dos Gregos e a origem de suas divindades desconhecidas a Hésiodo e a Homero. Diremos, entretanto, que a lingua Kichua, contém com seu valor historico, as etymologias das principaes divindades da Grecia.

Quanto aos Phenicios, elles se estabeleceram a principio em Haiti, e, para ir fundar colonias ou cidades no continente Americano, passaram pela ilha de Cuba, cuja extremidade occidental é muito approximada da terra firme.

O nome de *Cuba* קבה em hebreu ou phenicio significa "tenda, abrigo", o que prova que a estadía ahi dos emigrantes era apenas provisoria ».

*

Proseguindo no assumpto de nosso capitulo — Tradições — diremos ainda como Thoron: "os eclypses do sol causaram sempre um grande terror aos povos primitivos, ignorantes e supersticiosos: isto se vê ainda entre os selvagens da America e os *Canaques* do grande Oceano, que julgam ser o astro do dia devorado por uma grande serpente. O phenomeno do eclypse, portanto, foi tambem uma das causas da adoração da serpente ao mesmo tempo que a do sól: é por isso que os Cananenses adoravam o sól, sob a figura da serpente e as proprias serpentes, como conta Vossius.

Assim Votan, de origem Cananense, não é o creador do culto da serpente prehistorica, que deve remontar a 4.000 annos; mas elle foi em seu tempo um sectario da antiga tradição religiosa dos primitivos povos, cujos monumentos symbolicos recordam as convulsões, as destruições e as renovações successivas e reconstituitivas do globo.

Os estudos geologicos confirmam bem que nosso planeta foi por muitas vezes transformado. Nos primeiros periodos destas perturbações a terra era inhabitavel para a especie humana; mas as primeiras gerações que appareceram assistiram a terriveis cataclysmos dos quaes poderam transmittir as tradições.

Estas mesmas gerações dos tempos prehistoricos teriam sido tambem testemunhas de extranhos phenomenos astronomicos, meteoricos ou atmosphericos, taes como os das trevas em lugar do dia.

Os grandes cataclysmos diluvianos eram acompanhados de trevas prolongadas; assim o diluvio D'Ogygés teve uma noite de nove mezes.

No Mexico existe a tradição duma noite de 25 annos, durante os quaes o sol não apparecia senão por intervallos e a terra estava então coberta de espessos vapores.

Entre os gregos houve um Jupiter das trevas, e Xenophane, nos diz Plutharco, assegurava que o sol tinha desapparecido durante um mez inteiro.

Nos tempos Biblicos, não vimos que o Egypto foi mergulhado nas trevas durante tres dias, sendo esta a nona praga com que Moysés castigou os Egypcios ? Estas trevas eram tão espessas que não permittiam mudar-se de lugar.

A serpente, manifestando seu espantoso poder, personificou então o sol e o mar. Esta serpente tornou-se o Typhon egypcio o Python dos gregos (fig. 7), nome tirado do hebreu ou phenicio, *peten*, plor. *pitonim*, serpente, vibora."

«Entre todos os povos indistinctamente, a serpente personificava o Demonio, a perversidade, a destruição e era considerada como sendo a causa de todos os males que affligem a humanidade. Typhon era o inimigo de Horus (o sol) e luctou contra elle, mas Horus, o bom principio, venceu Typhon (o máo principio) e o afogou no lago de Sirbon. A este respeito Pluthareo (em Isis e Osiris) diz que a derrota de Typhon significa a retirada das aguas e a reapparição das terras.

Apollo que identificava-se com o Sol, matou a serpente Python; Ophion, o chefe dos demonios (em Lucien), e cujo nome em grego significa serpente, foi vencido por Saturno que expulsara do céo todos os demonios. Emfim, segundo os Chaldeos, conforme Pluthareo, tempo virá que Arimanius, autor da peste, da fome e de outros males, será vencido por Oromazo, representando o bom principio: é a doutrina que Zoroastro espalhou na Persia.

Na Genesis, Eva, tendo sido illudida pela serpente, Deus maldiçoou-a e condemnou-a a comer a terra todos os dias de sua vida; depois disse-lhe que a mulher seria sua inimiga e lhe esmagaria a cabeça.

No Egypto a vara de Arão transforma-se em uma serpente que devora as dos maggicos egypcios. No tempo de Bacchus, a serpente era ainda objecto de terror; pelo que, Homéro conta que os Tirrhenios, tendo querido fazer captivo a Bacchus que estava no mar, os mastros, as antennas e os remos do navio se transformaram em serpentes e que os Tyrrhenios, espavoridos, lançaram-se ao mar.

Fig. 7 — Inscripção das Lages com a figura de Python, formada em caracteres gregos

Mas, com o tempo, a imagem da serpente, longe de inspirar o terror de ser um genio malfeitor, passou a ser um emblema de uso familiar, por isso que os Israelitas tinham uma serpente de bronze, que a vista curava a mordedura das serpentes. Mercurio tinha duas serpentes em seu caduceo e o Tyrse de Bacchus, era ornado de serpentes.

Quanto a Votan, que nos induziu a estas citações historicas ou mithologicas, elle confessa em seus manuscriptos que não era mais que o terceiro Votan (*pholan* serpente) mas o primeiro que fôra ao Mexico para povoar as terras e tinha sido organizador do culto da serpente.

Logo que Cortes desembarcou no Mexico, os chronistas indigenas disseram que na antiguidade tinha vindo de seu paiz um povo gigante e robusto de nome *Kinamé*. »

«Este nome tem duas etymologias semitas: 1° קדן *kin*, cudit ferrum, elle fere com a espada [1] ינה *iná* elle opprime, faz violencia, donde o grego ινος (inos), musculo, força muscular e עמי *ami*, povo, nação. Os Kinamés eram um povo robusto, temivel e oppressor; 2° a etymologia que se segue revela talvez a origem deste povo: porque tem-se קיני *Kéni*, nome do povo Kénite Kinéen (da raça cananeza), alliada aos Madianitas e viviam no meio dos Amalecitas; portanto עמי (ami), nação.

Conforme esta segunda etymologia, os Kinamés eram Cananezes e sua antiguidade não podia ir além da destes ultimos, que remonta a 2300 annos antes de Jesus Christo. Saul, tendo o designio de perseguir em parte os Amalecitas, ordenou aos Kineens que se separassem daquelles; elles obedeceram e nesta occasião foram poupados. Ora, Saul reinou pelos annos 1100 antes da era christã.

Os Kinamés deviam fazer uma emigração entre esta época e o anno 1000; porém ha razão para crer, que sua primeira migração alcança a tempos mais remotos, visto que elles precederam no Mexico a chegada dos Chichimeques. Estes viviam do producto da caça, habito que adoptaram em sua longa e penosa marcha, vindo do Norte da America, do *paiz da sombra*, onde não viam o sol e haviam vivido, portanto, sob o céo brumoso das terras boreaes, e marcharam para o meio dia, afim de encontrar um clima mais clemente e attrahente, a claridade do sol, que lhes recorda o Oriente.

As narrações de Sahagun e de Torquemada se contradizem: um representa os Chichimeques como um povo barbaro, emquanto o outro os considera como tendo sido gentes as mais civilizadas da antiguidade. Nós adoptamos esta ultima opinião, visto estar conforme a etymologia phenicia de *Chichimeq* ou Chichimeg, que é do termo חכים *chachim*, sapiens, magus, peritus; e מג *mag*, magus, potens. Vê-se que estes dois substantivos têm a mesma significação de sabio, instruido, habil e possante: o que indica bem o estado de civilização dos Chichimeques.

Além disso, a etymologia de seu nome indica que se trata duma tribu asiatica: a qualidade de *magus* e *potens*, é a de sabios, os homens importantes entre os Medos, Persas, Babylonios, Chaldeos e Phenicios.

Isto nos lembra os tempos de Salmanazar, rei dos Assyrios, que tomou Samaria, metteu em captiveiro dez tribus de Israel e enviou á Judéa Babylonios para colonizarem as terras e cidades que haviam pertencido aos Israelitas: estes acontecimentos tiveram logar 750 annos antes de Jesus Christo.

O intervallo entre as migrações dos Kinamés e dos Chichiméques fôra de 250 annos mais ou menos. Mais tarde foi Nabuchodonosor, 600 annos antes de Jesus Christo que, com as armas dos Chaldeos, destruiu Jerusalém.

O termo chichim ou chachim, conforme Gensenius, é chaldeo; nada haveria de extraordinario que grande numero de emigrantes da Palestina para America tivesse sido desta época; pois que elles tinham sido precedidos, desde muitos seculos, por outros povos.

A migração dos Chichiméques foi seguida pela dos Koloas ou Colhuas, povo agricultor, cujas occupações e costumes fazem conhecer o avanço de um certo grão de civilização; na historia tradicional é dito, que elles não só sabiam cosinhar e preparar as carnes, como trabalhar em pedras.

A etymologia de *Kaloa* ou *Kalua* fará melhor revelar suas condições sociaes e sua origem: é que effectivamente o verbo phenicio קלה *kolá* ou Kolo significa, assar, coser

(1) No latim *ferrum* significa qualquer arma, todo metal.

fritar; e עשׂ *as*, por עָשָׂה *ásá*, laborare, trabalhar, labore producere, produzir pelo trabalho.- Uma outra etymologia, que estabelece tambem a medida da civilização do povo Koloa ou dos Koluas, é קלע *kola* cinzelar, esculpir a pedra; donde קלע *koléa* escultor, cinzelador e a segunda syllaba עש *as*, laborare, trabalhar ou uma segunda syllaba הס *as* e רההס *uas* quietem facere, sedare populum, tranquillizar o povo, o fazer estavel; eis, portanto, os indicios de civilização.

Ignoramos quanto tempo os Chichiméques e os Koluas viveram em paz; porém sua independencia foi destruida pela invasão dos Nahuas e dos Toltecas, que os guerrearam ou os submetteram; porque foram os Naguas ou Nahuas que definitivamente fundaram a raça mexicana; seus directores religiosos eram os Toltecas, encarregados da

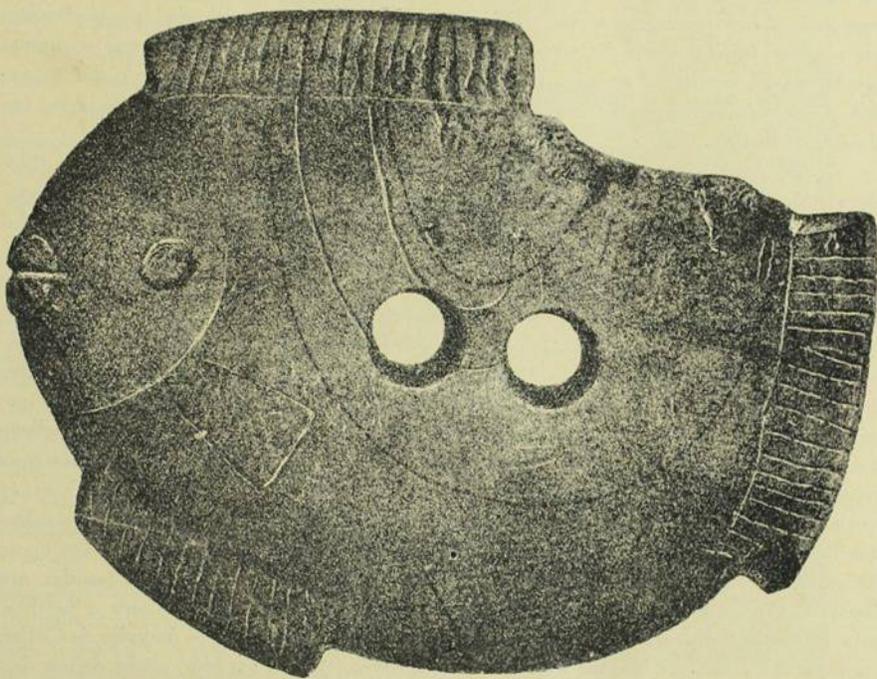



Fig. 8 — Idolo Amazonico ou fetiche de esteatite — tamanho natural — offerecido a José Verissimo, na foz do Trombetas — "Rev. Amazonica", T. I, Pará, 1883

observancia dos ritos e de tudo que constituia o culto do paganismo. O phenicio נהע *naoua*, ser exilado, seguir á aventura, e נגהע *nagoua*, percussus plaga divina, ferido dum mal providencial, são etymologias que se applicam bem ao povo Nahua, no qual a religião do nagualismo foi estabelecida. Os Toltecas exerciam as funcções de sacrificadores; isto confirma a etymologia de seu nome, dividido de תלע *tola* purpura, vestido de purpura; e תקע *teqé*, fére, fura, enterra a arma. *Teq* pode derivar tambem de תקן *taqan*, faz o bem, dispõem, de תקל *teqal*, sustenta, pondera, estabelece o equilibrio, julga, examina e liberta.

«O Tolteca era, portanto, ao mesmo tempo, pontifice, sacrificador e juiz. Seu reinado durou até a chegada de Votan, que introduziu o culto da serpente e fundou cidades e colonias no Mexico.

Na historia mexicana tem Votan um logar de destaque; mas, ao tempo de seu dominio, chegaram os *Tséqils.* Segundo a etymologia de *tséqil,* elles eram de uma seita religiosa: primeiro que tudo, o verbo צָקַל *tsâqal* significa estreitar, ligar, apertar: donde צִקְלוֹן *tsiqelon* saco; mas as letras צ e שׁ permutam, de *tsaqal* temos 1° שַׂק *saq,* cilicio, habito monacal ou de peregrino: 2° חִל *hil* ou *khil,* circumagi, ser envolvido, apertado em redor do corpo: *hil* exprime tambem soffrimento.

Os *Tséqils* eram, portanto, vestidos dum saco, estreitamente ligado em redor do corpo: era um cilicio que os fazia soffrer. Esta vestimenta era sem duvida imposta, como uma penitencia obrigatoria, a uma seita religiosa; e assim tudo ao contrario dos que pretendem que o termo *tséqil* provém da largura da vestimenta e que dizem tambem que na lingua tsendal, tseqil, significa "anagua, vestido de baixo". Ora, nós acabámos de dar a etymologia de *tséqil* e de provar mais uma vez que a dita lingua tsendal é phenicia ou um dialecto phenicio.

Assim, Asteq, Kinamé, Chichimeg, Kolhua, Tolteq, Votan (Photan), Shivim (Shiphim), Shan (Than), Cuba, Tsendal, Nahual (Nahuá), Nagual (Nagua), aos quaes juntamos muitos outros nomes, são perfeitos substantivos phenicios, ligeiramente alterados no Mexico.

Os numerosos factos que apresentamos demonstram que não é por ignorancia, e sim por indifferença dos philologos e dos historiadores, não se terem elles preoccupado com esta ordem de investigações, pois, com um pouco de reflexão, teriam feito, como nós, comparar as linguas d'Haiti e do Mexico com as semiticas; porque as tradições destes dois paizes fazem conhecer que seus invasores tinham vindo d'Oriente, por mar: é o que confirma Las Casas, dizendo que na época da conquista se conservava ainda a tradição dos vinte chefes, que haviam desembarcado de muitos navios vindo de Éste, com uma numerosa colonia de estrangeiros, tendo á sua frente Quetzalcohuatl, que se chamava Cuthchulshan, Gugumatz ou Cuculcan, segundo o dialecto que se falava. Quetzalcohuatl, como chefe dos emigrantes, trazia um penacho, e os indigenas diziam que seu nome designava a "Serpente de plumas verdes". Este personagem, em dialecto tsendal, era chamado Cuthchulshan. A etymologia deste nome é: 1° כּוּת *cuth,* Cutheen e tambem paiz dos Cuthéens no reino de Samaria, onde Salmanazar estabeleceu os Assyrios de Cutha, em logar dos Israelitas, que fez transferir para Assyria [1]; 2° חוּל *chul,* nome de um descendente de Sem, como fora Assur, pai dos Assyrios; sua tribu estabeleceu-se proximo ao Jordão; 3° *Shan* em tsendal, significa "serpente" e corresponde ao phenicio *than* תַּן, que é tambem serpente; um outro termo phenicio צָעַן *tsán,* emigra, completa a imagem de Cutchulshan, cuja significação é a de um emigrante da Phenicia, revestido do titulo de Serpente, como Votan, Schivim e Quetzalcohuatl; ha por conseguinte toda apparencia que são a mesma personagem estabelecida em Carthago e que passou com os colonos á ilha de Haiti e mais tarde ao Mexico, onde fundou, de uma maneira definitiva, muitos centros de colonização. De Haiti, com seus adeptos, passava por Cuba, para abordar, sem duvida, ao cabo Catosh, a plaga mais oriental do Yucatan, onde, muito antes delle,

---

(1) L. IV dos Reis, cap. 17.

o legislador Zamna tinha desembarcado colonos; a tradição diz ainda que outros emigrantes tambem desembarcaram no golpho do Mexico.

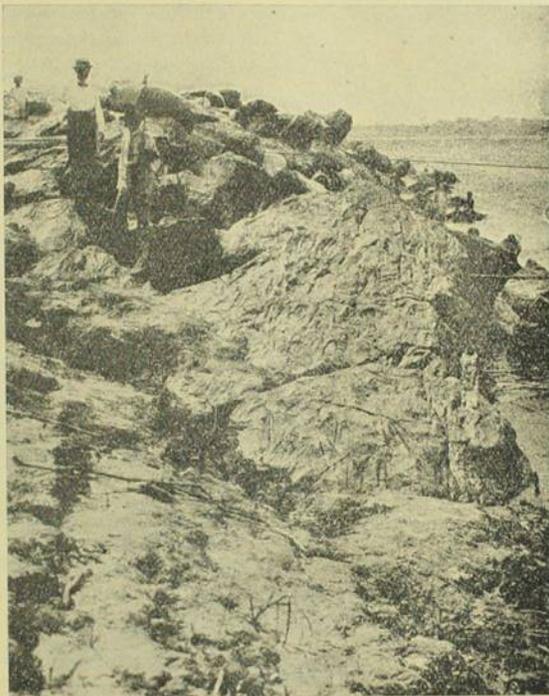
Katosh (chuint) é o phenicio קטוש *katosh*, logar de reunião, subs. do v. קטש *kalotosh* congregavit se (de populo), dahi o participio *kataush*, reunido, agrupado. Katosh tem uma pronunciação proxima, que é — קדוש *kadosh*, logar consagrado.

O exposto nos revela já que Yucatan foi antes povoado de invasores vindos do Oriente: elles eram phenicios, como vão ainda confirmar os nomes seguintes e as fundações de Votan. Este, depois de tomar sua possessão, conforme Ordoñez, repartiu em quatro seus Estados e lhes deu os nomes de Yucatan, Guatemala, Tula e Nashan, servindo-se deste ultimo para nelle fundar a Capital, sob seu nome e ao centro duma colonia, onde o dialecto tsendal não era outro que o phenicio; com effeito: Nashan, que se chamava a cidade da serpente, tem sua etymologia em נחש *nash* "serpente" e תן *than* = shan egualmente "serpente", isto é, dupla serpente, como *schiphim* e *photan* (Schivim e Votan), que têm identica significação. No diccionario do abbade Latouche, professor de hebreu, diz que נחשן *nashan* é a serpente de bronze dos Israelitas; visto que *nash* significa tambem "bronze" e *shan* ou *than* "serpente".

A etymologia de Yucatan é יקח *iouqah* = לקח *louqal* (l, liquido), preterito de v. לקח *loqal*, foi collocado, levantado, occupado, תחן *lahn*, o acampamento, a estação, o bivaque; este foi com effeito o primeiro logar occupado por Votan.

Fig. 9 — Blócos com inscripções de Itacoatiara

A etymologia de Guatemala é גוה *gua*, meio, centro, תמא *temâ*, paiz inculto, לח *lah*, humido, ou לחה *lâah*, soberba.

Toula tem por etymologia טול *toul* ser transformado destruido, dahi o participio feminino טולה *laulah*, transformada, destruida; este nome indica um paiz coberto de ruinas; o que está conforme o dizer de M. Brasseur de Bourbourg, que lá viu grandes e numerosas ruinas antigas, sem ter podido descobrir nellas a cidade de Toula; porém os indigenas, em lingua tsendal, a designam pelo nome de Tanina, ainda que os descendentes dos hespanhoes chamem simplesmente "a casa de pedra" um edificio em ruinas que alli se encontra."

Tanina é o feminino do phenicio טַנִין *tanin* que tambem significa "serpente" (Gesenius): é, como se vê, uma lembrança tradicional da época Votanide.

Quanto ao termo *Toula*, elle não pertence somente ao logar designado acima, visto que em muitos outros até ao Equador elle significa tumba, sepultura, tumulo.

Resulta destas diversas observações, que o verdadeiro nome de Toula de Votan, foi desde sua origem. *Tanina*, "a Cidade da Serpente" como até hoje chamam-n'a os indigenas; eis porque como cidade, Toula não é encontrada. Parece aliás, que Toula ou Toulan, era um lugar condemnado pela sorte; segundo M. Brasseur de Bourbourg, uma tribu de nome Yaqui, gente *sacrificadora*, veio se reunir aos colonos de Toulan; porém tinha ella uma grande differença na linguagem, e a sua confusão com a outra causara a dispersão desta colonia.

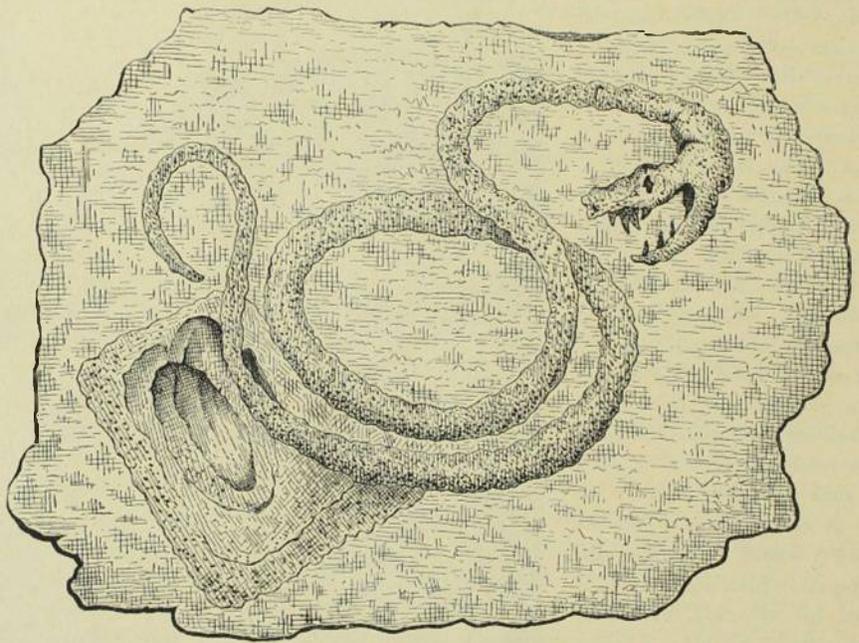



Fig. 10 — Serpente em differente posição á de n. 5; muito sumida e aqui restaurada, tendo de alto 1m e de largo 1m,20 (Lages)

A capital de Yucatan foi Maïapan (Mayapan), do hebreu מַי *maï*, chaldeo מַיָא *maïa*, agua, agua do oceano, פָּנֵה, *pane* (pan), diante, em face, do lado; no Genesis, o Deuteronome e os Paralipomenos, *pane* se entende por *ab oriente*, do lado de Éste: o que é exacto, pois Mayapan está situada na parte oriental do Yucatan e visinha do Oceano.

Segundo Cogolludo, Mayapan teria sido fundada por um predecessor de Votan, denominado Zamna. Este nome é tambem phenicio: assim זַעַם *zam* significa impetuoso, severo, temivel; e *nâh* do verbo נָחָה *nahah*, conduziu, transportou, condemnou; *nâh*, é tambem um termo igual a נָחַל *nâhl*, tomou posse, distribuiu, deu em herança.

Ora, segundo a tradição, foi Zamna chefe possante e terrivel, que fez a seus colonos a repartição das terras. Elle fundou ainda a cidade de *Tzâmâl*; tambem do phenicio

יזה *isâ*, se reune, se congrega, adverbio מלא *mále*, pleno numero, em grande numero. A' sua morte Zamna, foi divinizado e incluido á primeira ordem do mundo astronomico: é por isso tambem chamado Ytz-Zamna, para attribuir-se-lhe uma origem celeste, considerando-o como uma *emanação do alto*: tem-se, com effeito, o phenicio יזע *itza*-manavit aqua; *itz* é, portanto, a emanação das nuvens ou o orvalho.

A capital de Guatemala foi *Kopan*, do phenicio קוח — *koup* ou *kop*, cingir, cercar, פן *pan*, angulo de parede, ou פנה *pânê*, as faces, o exterior; vê-se que Kopan foi uma cidade fortificada, cercada duma muralha. Copan é chamada *Chikimula* pelos indigenas: sempre o phenicio, por isso que חיקי *chiki* significa sinuosidade, logar profundo, garganta de montanha; e מעלה *moulah*, part. passiv. do v. עלה, *olâh*, subir, donde ascensus, parte superior, subida, parte alta, elevada.

Emfim, para terminar nossas cogitações referentes a cidades, diremos ainda que no districto de Chiapas, onde se encontra hoje a Ciudad-Real, existia a antiga cidade de Goêl ou Gowêl, que havia sido construida por Votan: etymologia גוי, *gôi*, povo, corpo de população, de onde — גולה *govele*, exulsum turba, multidão de emigrados, exsules, os emigrados; migratio, emigração, exilium, exilio.

Temos tambem געל *goêl*, o que causa desdenho, aversão, o que é abjecto. Esta cidade de Gowêl ou Goêl teria sido o receptaculo duma população agglomerada e pouco estimada. »

*

« Depois da morte de Votan, foi seu nome honrado pelo de *Bôtan*, termo homophono de Votan ou Phôtan. Este nome tzendal significa "coração, coração do povo"; elle é tambem phenicio porque בטן *botan* é pectus, viscera, intima pars, ima pectoris, coração, entranhas, parte intima, o fundo do coração; e, figuradamente, coração é o fructo das entranhas, o seu amado; segundo Cicero, viscera é o fundo d'alma ou do coração, o espirito, a affeição, a lembrança. Comprehende-se agora todo o valor do nome de *Botan* ou coração, que se deu a Votan depois de sua morte. Os traductores do manuscripto tzendal dizem que, segundo a tradição, *Botan* tinha a dupla significação de coração e de serpente; é o que acabamos de confirmar, approximando Botan de seu homophono Votan ou Photan e fazendo vêr, uma vez mais, que, em tzendal, Botan é do mesmo modo phenicio. O nome de Botan tem a sua primitiva forma de בוח *bol*, receptaculum, pars interior intus, receptaculo, parte intima, o interior, o que está bem no fundo do coração, e תן *than*, serpente. Para exprimir sua verdadeira applicação de "Coração do povo" da qual Botan é a alma e a lembrança, tem o verbo בוח *bol* permansit, mansit, commemoratus est, elle permanece, habita, subsiste, como conserva-se fiel a . . . עם *am* populo, ao povo; ora Botan = Botam, por assimilação das letras *m* e *n*.

Com effeito, quando se vive com o povo, quando se lhe é fiel, possue-se o seu coração: tal é a origem do titulo merecido de "coração do povo" applicado a Votan.

A affinidade das duas linguas tzendal e phenicia é, conseguintemente, cada vez mais evidente.

Para terminar estas ligeiras paginas, que se reportam ao povo que fala tzendal, damos a etymologia phenicia da bella ruina do palacio, ou templo Palenqué ou Palengué: ella consiste em tres palavras, que são: 1ª v. פלא *pala*, mirabilis est, mirabile ficit, ingens fuit, donde פלא *palé*, miraculum, maravilha, cousa admiravel, grandiosa; 2ª חן *hên*,

pulcher, pretiosus, bello precioso; 3ª גא *gué*, superbus, magnificus, fastuosus; vê-se que estes tres termos estão em harmonia com o monumento, maravilha d'arte, magnifico e faustoso, e que o seu verdadeiro nome é *Paléhen-gué* e claramente Palenqué.

É crivel que *Palenqué* tinha por origem a mesma cidade de *Nashan*. O tzendal é, portanto, um dialecto phenicio. »

*

Occupemo-nos agora dos nomes peculiares á nossa região Amazonense, cuja nomenclatura é extraordinaria, como originalissimas suas corruptelas. Esta ultima particularidade, aliás inconveniente, é notoria e continúa infelizmente em nossos dias, e evidencia-se em nomes de objectos e principalmente em os de localidades e rios; isto revela detestavel irreflexão ou lamentavel ignorancia, que não tem razão de ser.

Não é preciso ir muito longe: quasi fronteiro a esta Capital, por exemplo, temos o local denominado Cacáo pirera (do tupy *pelle de cacáo*), entretanto, em peças officiaes, temos lido: *Cacáo Pereira*. Ha uma longa faixa de terra, á margem do rio Solimões, que se denomina — *Saracura Copeá* — (tupy): *Costa de Saracura*, mas de continuo o povo denomina — Costa do Copeá —, nada menos que: *Costa da Costa*! etc.

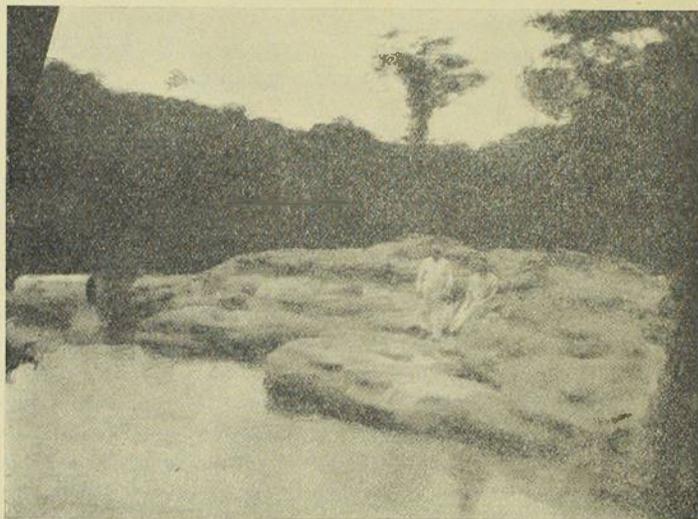



Fig. 11 — Blocos com inscripções da cachoeira do Arara, no Rio Jatapú (Amazonas)

O que, pois, poderemos aquilatar, ao que vem de seculos atrás? Não ignoramos que o periodo colonial alterou o nome de quasi todas as nossas localidades e rios; assim: Mariuá ou Mariuyá, para Barcellos; Saracá, para Silves; Egas, para Teffé; Cumarú ou Jurupary-poracetaua (tupy logar da dança do diabo), para Poiares; Tupinambarana, para Villa Nova da Rainha e Bella da Imperatriz e actualmente Parintins; Rio Quiary, para Rio Negro; Yauapiry, para Jaguapiry, hoje Jauapery; Queceune, para Rio Branco; Caiari, para Rio Madeira; Anauini, para Annavilhena, actualmente Anavilhana; Uaranacuá, para Yuuary; Uaraiá para Araiá; Unini, para Anani; Canauri, para Caburiz; Urubary, para Urubaxi, e tantos outros, dos quaes algumas significações ou etymologias não são ignoradas, emquanto que as de outras carecem estudos philologicos. As descripções e etymologias sobre os nomes Solimões e Japurá, recommendamos a minuciosa interpretação dada por Thoron.

« Sobre a margem esquerda deste ultimo rio é indicada uma elevada montanha, na carta existente na Bibliotheca Imperial em Paris, do P. Fritz, em outros tempos, missionario nestas paragens. M. de Lacondamine della serviu-se em sua viagem ao Amazonas, e em sua Exposição diz, fallando desta montanha, que *"contém ella uma prodigiosa quantidade de ouro"*. Della nasce o *rio del oro*, do qual o nome indigena é *ikiarî*; este nome é em hebreu *ighiari*, de יגיע *ighia*, labor, apes, divitiæ, trabalho, riqueza, e de רי *ri* irrigatio; é precisamente a indicação do trabalho da lavagem do ouro por meio de canaes, nos quaes se fazem correntes d'agua. Ikiari, poderá de rigor, ser um derivado do hebreu יקיר *ikir*, o que é precioso. O Japurá nasce das ricas montanhas do Papayan, provincia da Colombia; um de seus affluentes auriferos tem o nome de מעשר *Masaî*, *bona*, os proveitos, riquezas, o que produz o trabalho.

Os Hebreus davam o nome de *Masaroth* aos thesouros consagrados. Sobre os cursos d'agua do Japurá existe uma grande queda d'agua, que os hespanhoes denominavam *"el salto grande"*; mas o nome conservado pelos indigenas é *Oacarit*; hebreu הוה *oa*, casus adversus, o que contraria; עכר *acar*, affligens, conturbans, que entristece, perturba, alvoroça, e ראית *rith*, feminino de ראי *ri*, adspectus, spectaculum, visio, aspecto, espectaculo.

Por esta etymologia, donde os tres termos concordam entre si, vê-se a expressão da grande queda, cujo aspecto causa emoção: esta cachoeira é a segunda que se encontra subindo o curso do Japurá.

Abaixo está o rio Ira: hebreu ירה *ira*, fundavit, fundamentum posuit, colocavit lapidem: o que está justificado por uma narração de M. Alexandre Sabattini, que viu proximo á segunda cachoeira uma inscripção gravada, tendo muitas linhas (o que será por nós, em seu tempo, verificado).

M. Sabattini, foi por muitos annos estabelecido nos rios Huatiparaná, Manhana (Maniana) e Japurá. Não revelou a inscripção, mas observou que seus caracteres, para elle desconhecidos, eram redondos em suas bases.

O mysterio de Ophir, diz Thoron, talvez aqui esteja explicado. Abaixo está o rio Aora; hebreu הררי *aorai*, montanhas: rio que vem das montanhas. Mais abaixo, á margem direita, está o rio Ipo, em kichua orvalho, chuva fina; em hebreu יפעה *ipoh*, o que é bello.

Em face de sua embocadura está a aldeia Mirana, hebreu מרעה *mira*, socius, amicus, amigo, e נאה *nâh*, sedes, domicilio hominum, morada de homens amigos.

Descendo á margem direita, está o rio Mata; hebreu מטה *mata*, a tribu; em frente, margem esquerda do Japurá, está o aldeamento Manacaru; hebreu מנה *mana*, institutus est, constitutus est, está estabelecido, קר-רוה *car-rouh*, quietus animo, tranquillamente. A' margem esquerda está o rio Arapi, que atravessa o Monte-Couppati. O nome de Arapi é construido de hebreu *Ara-api*, ערע *ara*, mediocre, pequeno, mirrado, e עפי *api*, aspecto d'arvores: o que é natural de um solo montanhoso; mas Arapi póde ser tambem formado de ארה *âra*, migrans, emigrante, פי *pi*, pars, partiu, parte: porção emigrante. A montanha de Couppati constitue sobre Japurá o primeiro rapido, que se encontra subindo o rio desde sua embocadura; hebreu קוף *coup*, circuire, circular, פתתי *pati*, domus, morada; o que indica um logar cercado de habitações, sem duvida a séde das minas; porque é desta montanha que sahe o rio aurifero de Ikiari ou Ighiari, assignalado pela sua grandiosa riqueza por Lacondamine, e que os hespanhoes chamavam *el rio del oro*. Demos acima a etymologia de Ighiari. »

Descendo a corrente do Japurá, á direita, chega-se ao rio Catuaiari, do kichua *calu* mercado, hebreu, חָרְעָרִי *aiari*, sylvæ, da floresta. Mais abaixo, margem direita, encontra-se o rio Tanaua; hebreu תַּן *tan*, grande serpente, segundo Bochartus, e עִרה *âua*, que torce e destorce.

Mais abaixo, sobre a margem esquerda desemboca o rio Ioui; hebreu רְעַי *iou*, e c. suff. *ioui*, thesouro. Costeando a margem referida, encontra-se o rio Huapiri: *hu*, agua, ribeiro em tupi ([1]) e no Kichua *apiri*, trabalhadores das minas: é o rio dos mineiros.

Margem direita, temos: rio Marimari, hebreu מַר *mar*, c. suff. מַרִי *mari*, tristis, logar triste: este termo repetido indica, segundo o uso indigena, o superlativo, *muito triste*.

Rio Miriti ou Muriti é o nome de uma palmeira em lingua tupy; rio Manapiri, termo de orgiem Kichua *mana-apiri*, nada de mineiros, rio sem trabalhadores de minas.

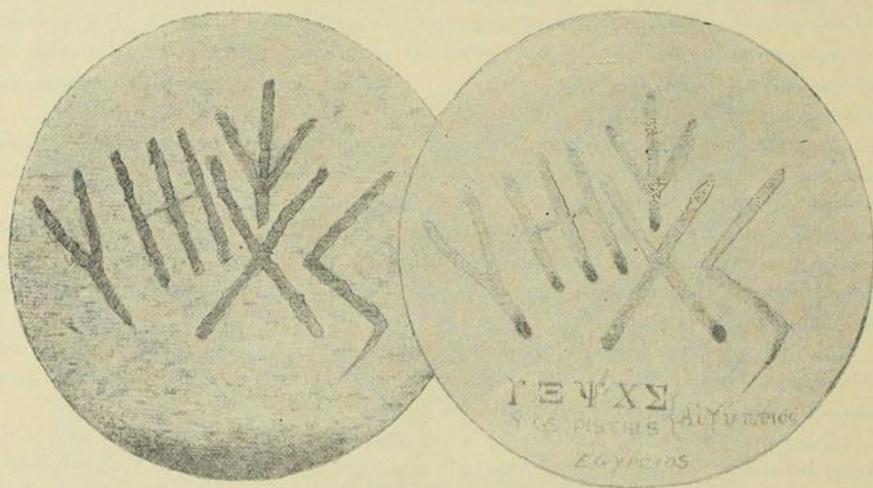



Fig. 12 — Caracteres em grego de inscripção, esculpidos em grande blóco, á margem do Puraquequara (Amazonas)

Mais abaixo está Huatiparaná, canal de communicação, o mais occidental entre o Japurá e o caudaloso Amazonas; etym. *hu*, agua, hebreu חַטָּאר *hati*, delictum, delicto e o delinquente, e *paraná*, em tupy (rio estreito): é, portanto, o paraná do culpado.

Em frente a Fonte-Bôa, está um segundo canal de communicação, denominado Manhana (Maniana) e sobre a margem esquerda do Japurá, em face á embocadura do Manhana, está o aldeamento de Maripi, nome que indica seu caracter; porque em hebreu מָרִיפִּי *maripi* é formado de מָרִי *mari*, rebelde, contumaz, e פַּי *pi*, pars, parte.

Quanto ao rio ou canal de Manhana, sua etymologia é em hebreu מַנְעָה *manâh*, repellir, embaraçar, e נָאָה *nâh*, a residencia: este termo significa tambem contradição.

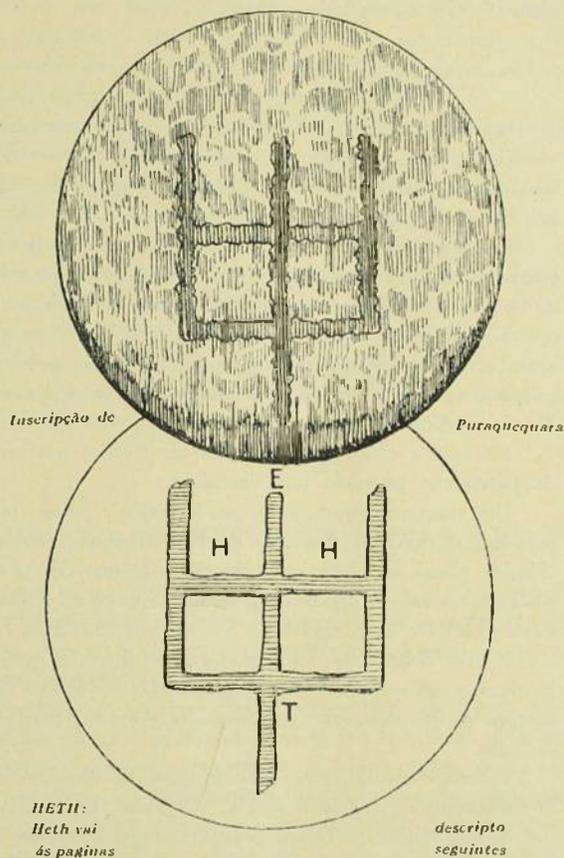
Manhana, segundo M. Sabattini, no dialecto dos indigenas, é o que repelle, e elle attribue o nome de Manhana á sua rapida corrente. Pronuncia *Maniana*, se é este o

(1) No dialecto da bacia central do Amazonas, agua e rios são sempre h', hy, i, y, yg, igh, yb, hu,u, etc. P., Ph. no hebreu, representa o mesmo caracter.

verdadeiro nome, sua etymologia é: אֳנִיָה *ania*, navio, genitivo מֵאֳנִיָה *mania*, de navio, e נָאָה *nâh*, residencia, refugio, estação (porto).

Maniana teria sido um logar de estação para os navios.

O terceiro canal de communicação é o rio Huranapú: etymologia *hu*, agua, em tupy, hebreu רָנָה *rânâ*, ruido פֹּהוּ *pou*, ou פֹּה *po*, *in hoc loc*, neste logar. Ao oriente deste canal está a grande embocadura do rio I-Apura, em face de Nogueira e de Teffé, situadas sobre a margem direita do rio das Amazonas, onde desemboca o rio Teffé.

Reencetamos nossa narração, a partir do Huranapú, porque em face de sua embocadura se abre no Japurá, começando, sobre a esquerda deste grande rio, um immenso canal, escoadouro natural que, durante muitos gráos, cruza parallelamente o rio Amazonas; dá-se a este escoadouro o nome de Codayá. A letra C. permuta com o G; assim no hebreu גָּדָה *godâ* ou גָּדַע *gôda*, secuit incidit se fractus est, irrupit, cortou, rasgou fez irrupção e יָה *iâ*, o que exprime assombro: donde resulta que o rio Godayá deve a sua existencia a uma grande ruptura ou fenda do sólo e, além de sua embocadura principal, que é a mais oriental, elle possue quatro canaes de communicação com o rio Amazonas. O mais proximo da margem esquerda do Japurá é o rio Huanana: *hu*, em tupy agua, hebreu עֲנָנָה *ananâ*, brumoso. O seguinte canal é Copeiá, ou melhor *Coppeiá*, porque, no hebreu כֹּף *cop*, gargalo, embocadura, e פֵּיָה *péia*, entrada, abertura.

Inscripção de Puraquequara

E H H T

HETH: Heth vai ás paginas seguintes descripto

Fig. 13

Vem em seguida o canal Iacara. Este nome parece ser corrompido de Jacaré, em tupy, crocodilho; mas nós lhe opporemos o hebreu — יָקָרָה *iakarah*, magnifico e tranquillo.

O canal seguinte é o rio Taninga; hebreu תַּנִּין *tanini*, serpente (d'agua), chamada em kichua *mama yacu*, a mãe d'agua, e גָּאָה *gah*, ingens, muito grande, enorme; ora, nestas paragens amazonenses ha serpentes d'agua que attingem muitos metros de comprimento.

O rio Codayá tem por conseguinte cinco sahidas sobre o Amazonas, pelas quaes se póde penetrar no Japurá; além de que este possue á margem direita tres outras sahidas;

se levar em conta a grande embocadura deste rio, teremos accesso por nove entradas: "é o que deveria causar aos phenicios difficuldades para atinarem um tal labyrintho de canaes..."

Muitos são ainda os meticulosos trabalhos do eximio polyglotta, ao qual devemos o inestimavel testemunho philologico, como acabamos de ver, do dialecto da emigração phenicia no nosso continente e particularmente em nossa região, além do da "Parte supplementar" no fim deste volume.

*

Occorre-nos ainda que no alto Rio Branco, por exemplo, encontra-se um local denominado Canani ou Chanani, que seria de suppor significasse — pequena Canaan —, tomado o vocabulo *ni* ou *i*, na accepção diminuitiva tupy, o que porém não é razoavel, não deixando comtudo de ter sua analogia.

Em regra, diz Oncken, "os phenicios, segundo parece, não se serviam do vocabulo Chanaan, mas de uma abreviatura d'elle, que deve ter sido *Kená*, porque uma noticia da antiguidade diz que o verdadeiro nome deste paiz era Chna, ou, segundo outra, Ochna, e o dos habitantes chnos, em phenicio *kenai'i*. Parece até provado que os phenicios fizeram uma historia primitiva genealogica do seu povo, á falta de uma tradição mythica genuina, na qual citam, entre os pretendidos fundadores da sua raça, um que se chamava *Kená*, ou *Kena'i*, em grego Chna ou Khnas.

Foi esta a razão porque Philon de Byblos traduziu, muito correctamente, o nome do patriarcha phenicio por Phoinix.

Um grammatico grego diz que Chnas é o nome phenicio de Agenor, quer dizer, do personagem mythico grego, ao qual se attribuia, sem motivo razoavel, a fundação das cidades, phenicias e que era tido como tronco dos phenicios, o que leva a suppor que Chnas é apenas um nome proprio, que apparece em descripções phenicias de época bastante posterior á da primitiva historia da Phenicia.

Nestas descripções os genealogistas phenicios procederam da mesma maneira que se observa em outras tradições imaginadas em épocas já adiantadas, nas quaes apparece sempre um personagem como fundador do povo, personagem que tinha o nome corrente do paiz.

Parece, comtudo, que, a par do nome de Kená, se usava o de Chanaan, que os phenicios emigrados davam á patria. O padre da Egreja, Sto. Agostinho, diz, com effeito, que no seu tempo, quando se perguntava aos lavradores da parte da Africa anteriormente carthagineza o que eram, respondiam em phenicio: "*Chanani*, quer dizer, chananeus."

Por conseguinte, ahi temos um nome, que teria sua origem desse povo emigrado, ao qual a região do Rio Branco não lhe fora extranha e se define: כַבּעֱכר *canani*, Cananeos, que são os proprios phenicios, emquanto o tupy é incontestavelmente recente, não podendo em semelhante caso ser admittido.

No mesmo Rio, em sua zona baixa, além de varios nomes, encontra-se um affluente denominado Anahuá, do hebreu עֱכרה *anaua*, laborem impendit, agrum coluit, submisso ao trabalho, segundo define Thoron.

Aos trabalhos etymologicos de grande numero de palavras entre as nações dos dois continentes devemos a prova que os Hebreus e os Phenicios permaneceram nas regiões Amazonenses em remotas épocas.

A elles arrimamos as nossas investigações epigraphicas, para melhor elucida-las, dando-lhes, ao mesmo tempo, um cunho significativo e original.

Foram as theses de vasta penetração de Thoron, que nos animaram, foi a sua importante offerta ao nosso Municipio, que nos demoveu a estas investigações, tarefa certamente superior ás nossas forças; resta-nos porém o prazer de que, assim procedendo, contribuimos tambem, por nossa parte, com elementos dispersos em nossa região, para reforçar e comprovar muitas de suas proprias theorias. A fidalga gentileza que teve elle, para com o Amazonas, permittirá o alvitre, por nós tomado, em traduzir e resumir suas palavras, e ficará convencido de que este Estado não foi indifferente, embora tardiamente, á sua tão grandiosa quanto scientifica lembrança.

E, com effeito, o que ficou demonstrado neste capitulo é o raciocinio profundo e a prova cabal da migração phenicia ao norte e ao sul da America, o que irá demovendo a incredulidade com que se vem encarando um assumpto de alta relevancia ao interesse prehistorico deste vasto continente.

É assim, finalmente, que ora offerecemos as *Inscripções e Tradições da America Prehistorica, especialmente do Brasil*, colhidas por nós, e acompanhadas, aquellas, das interpretações que lhes damos. Não são mais que uma serie bem consideravel de estudos pacientes, cujas bases fundam-se em caracteres e palavras que remontam a tempos propriamente compativeis aos que acabamos de compulsar etymologica e chronologicamente; portanto, originarios ás épocas relativamente seculares, anteriores ás colonizações portugueza e hespanhola, até mesmo ao Christianismo.

*

Tratemos por fim da paleographia, assumpto de essencial relevancia ao presente trabalho.

Para este fim, organizamos os seguintes alphabetos do grego de inscripção, systema primitivo linear, figurativo e letras numericas, assim tambem ao que se refere ao phenicio. Com este auxilio, poder-se-á, com certa attenção, comprehender o meio pelo qual chegámos ao resultado, que ora demonstramos.

Apesar de todos os esforços, nem por isso pudemos compilar tão grande variedade de caracteres então empregados para um só fim ou uma só denominação. Mas isto explica-se, pelo systema de ligação dos mesmos caracteres, ou abreviaturas, como está evidenciado, e não occorrera aos primeiros paleographos que elaboraram em tal confusão.

Com o estudo que ora proporciona o nosso modesto trabalho, mais incentivo convergirá ao assumpto paleographico, aliás tão deleitante quanto necessario a cogitações da vida mysteriosa dos nossos antepassados, os semideuses do paganismo americano, de grande valor em nossa prehistoria, da qual de muito nos vimos occupando.

ALPHABETO GREGO de inscripção, systema primitivo figurativo, organizado por Bernardo Ramos

ALPHA

BETA

GAMMA

DELTA

EPSILON

ZETA

ETA

THETA

IOTA

CAPPA

LAMBDA

MU

NU

XI

OMICRON

PI

RHO

SIGMA

TAU

UPSILON

PHI

CHI

PSI

OMEGA

LETRAS NUMERICAS GREGAS

Os numeros representam-se, em grego, com as letras do alphabeto maiusculas ou minusculas, depois das quaes colloca-se ao alto um accento agudo, desde um até 999; a partir de 1.000, o accento se põe antes da letra na parte inferior. Nunca se empregam as vogaes agudas ά, έ, ή, ό, ύ, ώ, para exprimir os numeros da primeira categoria, α' (1), ε' (5), η' (8), ι' (10), ο' (70), ν' (400), ω' (800), nem as letras subscriptas ᾳ, ῃ, ῳ, [1], para os numeros da segunda categoria, ͵α (1000), ͵η (8000), ͵ω (800.000).

Encontra-se em alguns manuscriptos antigos um traço horisontal por cima das letras numeraes, em vez do accento, deste modo: $\overline{\chi}$, $\overline{\gamma\eta}$, 25, 58.

Nas inscripções epigraphicas temos mais ou menos encontrado este systema como o antecedente, e até mesmo de simples traços ou pequenos riscos uniformes. Os caracteres, porém, figurados são em estylo primitivo, muitas vezes já destituidos dos accentos, naturalmente por sua pequenhez, consumidos pelo tempo.

Importante systema de numeração, semelhante ao do hebreu, muito tem concorrido para apurar-se a parte chronologica da nossa epigraphia prehistorica, comquanto rudimentar.

A proposito resumimos o que, com algumas alternativas, diz C. Alexandre, em seu diccionario citado:

Os gregos empregavam como algarismos as vinte e quatro lettras do alphabeto, sem lhes alterar a ordem, porém intercalando-as com tres signaes particulares, que valiam 6, 90 e 900.

Com estes 24 caracteres encimados por um accento á direita podiam exprimir todos os numeros até 999; d'ahi em diante empregavam para exprimir as unidades, dezenas e centenas de milhar as mesmas letras e na mesma relação que para exprimir as unidades, dezenas e centenas de unidades; sómente para distinguir seu novo emprego marcavam estras letras com um *iota* subscripto á esquerda. Por nossa vez diremos haver encontrado varias inscripções com este systema de numeração em caracteres primitivos, mas exactamente correspondendo a riscos toscos ou rudimentares. Acontece, porém, como já ficou dito, que tornou-se difficil divulgarem-se as virgulas pela sua pequenez e facilidade de um desapparecimento pela acção corrosiva do tempo.

Em seguida offerecemos uma desenvolvida taboa, trabalho levado a effeito por Theotiste Lefèvre, constante de sua obra citada.

---

(1) Letras subscriptas são as vogaes α, η, ω, quando em certos casos são assignaladas com o iota (I) a que precedem deste modo: ᾳ, ῃ, ῳ,

TABOA que dá uma ideia mais completa da numeração

α'	β'	γ'	δ'	ε'	ς'(1)	ζ'	η'	θ'	ι'
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
ια'	ιβ'	ιγ'	ιδ'	ιε'	ις'	ιζ'	ιη'	ιθ'	χ'
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
χα'	χβ'	χγ'	χδ'	χε'	χς'	χζ'	χη'	χθ'	λ'
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
λα'	λβ'	λγ'	λδ'	λε'	λς'	λζ'	λη'	λθ'	μ'
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
μα'	μβ'	μγ'	μδ'	με'	μς'	μζ'	μη'	μθ'	ν'
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
να'	νβ'	νγ'	νδ'	νε'	νς'	νζ'	νη'	νθ'	ξ'
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
ξα'	ξβ'	ξγ'	ξδ'	ξε'	ξς'	ξζ'	ξη'	ξθ'	ο'
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
οα'	οβ'	ογ'	οδ'	οε'	ος'	οζ'	οη'	οθ'	π'
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
πα'	πβ'	πγ'	πδ'	πε'	πς'	πζ'	πη'	πθ'	ϟ(2)'
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
ϟα'	ϟβ'	ϟγ'	ϟδ'	ϟε'	ϟς'	ϟζ'	ϟη'	ϟθ'	ρ'
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
σ'	τ'	υ'	φ'	χ'	ψ'	ω'	ϡ'(3)		,α
200	300	400	500	600	700	800	900		1000
,β	,γ	,δ	,ε	,ς	,ζ	,η	κ,τ,λ		„α
2000	3000	4000	5000	6000	7000	8000	etc.		1000000
		„β	„γ	„δ	κ.τ.λ.				
		2000000	3000000	4000000	etc				

(1) Sigmatau (σ τ) au épise man.

(2) Cappa.

(3) Sampi. Como se vê, os gregos tinham tres signaes particulares affectos á sua numeração ordinaria: o sigmatau (ς), cappa (ϟ) e o sampi (ϡ) etc.

Os gregos serviam-se ainda, para a numeração, de letras maiusculas e de certos signaes que se encontram em antigas edições: assim I vale 1; Π 5; Δ, 10; H, 100; X, 1.000; M, 10,000. Todas estas letras, a excepção do H, só se redobram até quatro vezes, para exprimir uma, duas, tres, quatro vezes seu valor, como: II, 2; III, 3; IIII, 4: ΔΔ, 20; ΔΔΔ, 30; ΔΔΔΔ, 40, ou então ellas addicionam-se umas ás outras para formar toda especie de numeros, assim: ΔI, 11; ΔΔI, 21; Π I.6; Δ, Π 15; etc. Si puzermos uma destas letras (excepto o I) no interior de um Π, a letra augmentará cinco vezes o seu valor; assim: |Δ| vale 5 vezes 10, ou 50; |H| 5 vezes 100, ou 500; |X| 5 vezes 1.000, ou 5.000; |M| 5 vezes 10.000, ou 50.000. Este signal combinava-se algumas vezes desta maneira: |Δ| I, 51; |Δ| Π, 55; |Δ| Δ, 60; etc. O ρ tendo em cima um trema (ρ̈) valia um milhão.

As letras gregas (grandes, maiusculas) encontram-se tambem empregadas para determinar uma certa classificação, como se vê um exemplo (o unico talvez) na *Iliada* e *Odysséa* de Homero, onde cada um dos 24 cantos destes poemas correspondem a uma das 24 letras, não somente seu valor numerico, mas tambem alphabetico. Neste caso, estas letras não são, como as letras numericas (maiusculas ou minusculas), seguidas da minute (').

*

Damos em seguida o alphabeto phenicio compilado dos autores que até agora temos conseguido, notando-se entre estes grande disparidade de caracteres.

Achamos natural esta complexa circumstancia, pela phase da organização dos alphabetos, na qual eram empregados indistinctamente caracteres de uns e de outros. Isto evidencia-se dos alphabetos Etrusco, copta, phenicio, grego, hebreu, etc.

Segundo alguns autores, o primeiro alphabeto, um alphabeto muito rudimentar appareceu na Lydia e os phenicios, homens praticos, navegadores e commerciantes, o adoptaram e propagaram com vantagem. As cinco formas de alphabetos que vamos demonstrar são muito interessantes e faremos a discriminação de seus habeis autores.

Finalmente não facil é interpretar inscripções phenicias, pois demanda isso detida attenção por essa variedade de caracteres, como já dissemos em principio, sendo hoje felizmente essa interpretação levada a effeito pelo hebreu.

ALPHABETO PHENICIO compilado por Bernardo Ramos

PHENICIO I	II	III	IV	V		HEBREO VI	
					ALEPH		א
					BETH		ב
					GIMEL		ג
					DALETH		ד
					HE		ה
					VAU		ו
					ZAIN		ז
					HETH		ח
					TETH		ט
					YOD		י
					CAPH		כ
					LAMED		ל
					MEM		מ
					NUN		נ
					SAMECH		ס
					AIN		ע
					PE		פ PHE
					TSADDE		צ
					KOPH		ק
					RESEK		ר
					SHIN		שׁ שׂ SCHIN
					TAU		ת

I, VI, Hist. Univer. de Guilherme Oncken, p. 388.
II, Hist. des anciens peuples de l'orient, par Ch. Seignobos, pag. 336: Paris 1899.
III, Webste's nem international dictionary, London, 1912.
IV, Type que portent les medailles de l'epoque des princes achéménides. Ttheotiste Lefèvre. Paris 1883.
V. Almanach Hachette, p. 306, 1906.

« Ha fortes razões para crer, segundo o Diccionario Popular [1], que a escriptura alphabetica tinha sido inventada separadamente no Egypto e na India e que destes dois centros nasceram independentes dois grandes systemas alphabeticos. »

O systema egypcio forneceu por intervenção dos Phenicios os alphabetos grego, latino, etrusco, gothico, etc.

Herodoto attribue a Cadmo a introducção do alphabeto na Grecia; Lucano attribue aos Phenicios a sua invenção.

Platão, pelo contrario, Diodoro de Sicilia, Plinio e varios escriptores gregos e romanos attribuem a invenção da escripta alphabetica a um principe ou deus egypcio.

A opinião formal de Tacito, que julga os Egypcios inventores do alphabeto e os Phenicios apenas introductores delle na Grecia, é hoje confirmada pela philologia moderna.

« Dos Egypcios herdaram tambem os Hebreus o seu alphabeto, que primitivamente não era como é hoje; o alphabeto hebraico authentico é o samaritano e sobretudo o hebraico das moedas; o actual tem origem chaldaica.

Para Champollion é um facto assentado haverem nascido da fonte egypcia os alphabetos semiticos que mais tarde deram origem a alphabetos europeus.

Do antigo alphabeto grego derivam o etrusco, o latino e o grego ordinario. O etrusco forma o ombrico, o osco e o samnita. O grego ordinario fornece elementos ao copta, ao gothico e ao slavo antigo. O latim, que é actualmente empregadissimo, e que adoptaram italianos, hespanhoes, portuguezes, francezes, inglezes, hollandezes, hungaros, polacos, etc., é de preferencia o escolhido para as linguas que começam a ser impressas, taes como os dialectos da Oceania, da Cafraria, dos Hottentotes, etc.

Ha quem supponha que o etrusco nasceu directamente do phenicio, como o grego, hypothese que não é inverosimil.

Do alphabeto phenicio derivam ainda, na opinião de alguns sabios, os alphabetos do antigo persa, do antigo arameu, e até do antigo hebraico: este, porém, como fica dito, parece antes ter nascido directamente do egypcio; o persa engendrou o zend, o pehlvi e influiu sobre o armenio; ao arameu attribue-se a formação da escripta palmyrica e chaldaica; o palmyrico engendra o estranghelo e o sabêo; do estranghelo nasceu o nestoriano, e deste o kufico, o peschito (syriaco) e o aigur (antigo turco); o kufico é o antigo arabico que, modificando-se, dá origem ao arabico actual, subdividido ainda nas suas variantes neskhi, taaliq, salus, shikeste, divani, etc. O alphabeto arabico desempenha no Oriente um papel analogo ao do latim na Europa, impondo-se pelas conquistas ao persa, que é um idioma iraniano, ao turco, que é um idioma tartaro, ao industani, que é uma lingua ariana, e até ao proprio malaio, que Adelung abrange na classificação das linguas monosyllabicas, a todas as linguas emfim falladas pelos sectarios do islamismo. . . »

Do mesmo modo que o sanskrito, reputado pelos Indios como revelado pelos deuses, tantos outros alphabetos existem ainda, dignos de attenção, mas o nosso principal fim é instigarmos das paleographias grega e phenicia. É certo que, nos momentos proprios, iremos suggerindo as explicações ou deducções necessarias; entretanto, aqui se nos offerece deixar as considerações sobre o que nos revela a numismatica, em relação ao systema das escripturas empregadas nas legendas das moedas de varios paizes antigos, e, a nosso ver, com as inscripções lapidares não só de toda America como de varios paizes.

---

(1) Dirigido por Pinheiro Chagas em collaboração com notaveis scientistas. Lisboa, 1876.

«Houve sobre este ponto, diz-nos Lenermant [1], uma infinidade de pequenos progressos, que se estenderam sobre todas as series e acabaram por exercer sobre a sciencia uma influencia geral, como não se teria podido imaginar a principio. Mas, a par destas conquistas parciaes, destas verificações minuciosas, cujo campo bem longe está de ser esgotado, os sabios de nosso seculo souberam ligar ao dominio da numismatica provincias inteiras, que por Eckhel e seus contemporaneos eram terras absolutamente desconhecidas.

O acaso fecundo dos achados, a extensão da conquista européa e das explorações scientificas regulares nas regiões inaccessiveis ás investigações ha menos de um seculo, emfim, nos mesmos paizes em que a cultura sábia florecera desde a renascença, a observação attenta dum numero sempre maior de trabalhadores modestos e pacientes, revelaram series monetarias, cuja existencia o autor da *Doctrine* nem mesmo suspeitava e das quaes não se sabe o que mais admirar, a riqueza ou a importancia historica.

Lançando-se um golpe de vista sobre o que são hoje as series de moedas dos reinos gregos e barbaros da Bactriana e da India, das quaes Eckhel só conhecia duas, e as da numismatica indigena dos Gaules até sua organização por Augusto, poder-se-á fazer uma idéa dos resultados produzidos pelas duas causas que acabo de indicar.

As moedagens antigas da Asia com legendas phenicias araméas, hebraicas, pehlevias, cypriatas, etc. são hoje uma infinidade, cujas partes principaes foram exploradas com successo, sendo sua classificação estabelecida duma fórma segura em todas as linhas essenciaes e cujos problemas ainda duvidosos vão cada dia se restringindo. Que se sabia disso no tempo de Eckhel? As primeiras decifrações das inscripções phenicias nas moedas dos reis Sassanidas por Sylvestre de Sacy, que abriram á sciencia uma era nova e inauguraram os methodos de explicação das escripturas e de linguas perdidas, fontes de tantas maravilhosas conquistas de erudição em nosso seculo, só foram publicadas posteriormente á apparição da *Doctrine*. No momento em que ella foi escripta toda bagagem neste genero reduzia-se aos trabalhos de Bayer sobre os siclos hebraicos e algumas felizes leituras, ás quaes Eckhel, tornado septico pelas phantazias extrascientificas a que a epigraphia oriental muitas vezes dera logar, commetteu o erro de não attribuir-lhes o seu justo valor.

É ainda o abbade Barthelemy, este genio original e penetrante, que a vida mundana do seculo 18° e a dedicação a seus nobres protectores muitas vezes disputaram á sciencia, que concebeu primeiro a idéa do que elle chamava a paleographia numismatica, isto é, a determinação das épocas historicas das moedagens gregas autonomas, conforme o desenvolvimento dos processos technicos da fabricação, os caracteres do estylo d'arte e a paleographia das legendas. Sobre isto, Eckhel limitou-se a registrar os dados das memorias do sabio francez, nada accrescentou de pessoal e a determinação das épocas d'emissão dos autonomos gregos, postos em relação com as grandes phases da historia geral, não apparece nem mesmo em embryão no seu livro.

Com effeito, Winckelmann acabava apenas de descobrir que havia uma historia da arte, cousa que não se tinha mesmo suspeitado antes delle, e esta nova sciencia, ainda nascente, não podia servir de nenhum recurso á numismatica.

Não acontece o mesmo hoje; ella está fundada d'ora em diante d'uma maneira inabalavel e fornece as mais seguras indicações para fixar a data das moedas. Ao mesmo

---

(1) *Monnaie dans l'antiquité*, v. 1°, p. X. (Prefacio) Paris, 1878.

tempo o estudo das inscripções, desenvolvendo-se e regularizando-se, deu aos *criteriuns* propriamente paleographicos uma certeza e uma precisão que não se lhes podia attribuir outr'ora... »

Não é até aqui sómente o que se nos afigura havermos adiantado, dizemos por nossa vez. Si a chronologia obteve aquelle resultado feliz, não menos ganhou a paleographia das legendas das moedas, com as inscripções lapidares, principalmente as de origem grega. Este systema de valor artistico deduz-se por exemplo das moedas citadas pela numismatica Verk, de Abril de 1882, n. 114 [illegible] ([illegible]) AKAIA — e por nós, na de n. 78 (1).

Nellas encontram-se legendas de caracteres em bloco e que se definiam por monogrammas communs, quando são palavras escriptas por inteiro, mas de modo incomprehensivel até então.

Observando-se, entretanto, comparativamente as inscripções lapidares, ora por nós interpretadas, com aquellas legendas, deduz-se que referidos exemplares eram com effeito de ACHAIA e tinham o valor de ½ drachma, como identico o systema de suas escripturas.

Como é sabido, Achaia, tinha ao oriente o reino de Sicyonia e ao occidente o mar Jonio; ao sul os reinos de Elida e da Arcadia e ao norte a bahia de Corintho. Esta pequena região da Grecia antiga era dividida em doze cidades, que mais recentemente formaram no anno 280 A. C. a liga achêa.

Citemos a moeda de Macedonia, abstrahindo a palavra Romana, como por inadvertencia fora catalogada por Cf. Rollin, sob n. 2523, sendo por elle reputada ao periodo de 400 annos A. C. e em nosso Catalogo fizemol-a do mesmo modo representar com o n. 61 á pag. 10. No reverso desse precioso exemplar, temos em vez de tres apenas dois monogrammas, assim representados e os quaes passamos a interpretar:

ΜΛΚΕΔΟΝΩΝ

ΜΑΚΕΔΟΝΩΝ

ΠΡΩΤΗΣ

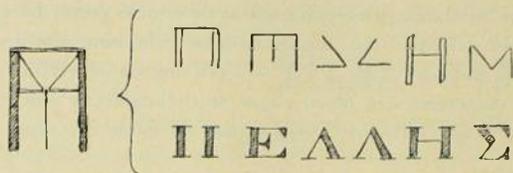
Segundo C. Alexandre (2) Πρωτος, η, ον (*comp. irreg. formado da prep.* προ) primeira, *em todos os sentidos* etc.

Este monogramma fôra ainda então irregularmente interpretado.

(1) Cat. da Coll. Numismatica, organizado por Bernardo A. da Silva Ramos vol. I, p. 12, 1900. Roma.

(2) *Dictionaire Grec-Français*, 11ª édition. Paris, 1865.

Citaremos mais o de Pella, antiga cidade de Macedonia na Emathia, n. 253 do nosso catalogo, contendo o seguinte:

Π Ε Λ Λ Η Σ

Além de tantas outras moedas interessantes, temos a de Miletus (Ionia), catalogada por Hoffmann, n. 2258 e por nós, n. 45, cidade grega, já poderosa a 750 annos A. C.

Addicionemos a isto, a fórma dos caracteres inventados e da nomenclatura destes, muito differentes alguns do grego moderno, e eram applicados especialmente ás incripções, segundo Bassur, ou sejam os dos primitivos alphabetos no momento de suas organizações.

Não só a transposição como a inversão dos caracteres gregos nos induzem a crer na relatividade da escriptura entre as legendas das moedas e as inscripções antigas, e é ainda J. Lefebvre [1] que nos anima neste proposito.

Assim temos letras, como Ε por Η na palavra — ΑΘΕΝΑΙΩΝ por ΑΘΗΝΑΙΩΝ, como tantas vezes por nós encontradas na de ΣΕΛΕΝΕ por ΣΕΛΗΝΗ; Ο por Ω em ΗΡΟΟ, ΗΡΩΟ; Η em forma de pura aspiração diante de Ι, como ΗΙΜΕΡΑΩΝ por ΙΜΕΡΑΙΩΝ; Σ por Ζ em ΣΕΓϹ mesmo ΣΔΕΓϹ por ΖΕΓϹ, (sendo que o Ϲ, (Σ), como propriamente se encontra nas inscripções lapidares), Ζ por Σ, em ΖΜΓΡΝΑΙΩΝ por ΣΜΓΡΝΑΙΩΝ; Α por Ω, no fim do nome do povo ΑΠΟΛΛΩΝΙΑΤΑΝ, ΚΓΔΩΝΙΑΤΑΝ por ΑΠΟΛΛΩΝΙΑΤΩ, ΚΓΔΩΝΙΑΤΩ e tantas outras alterações e transposições semelhantes, nos dialectos e principalmente o dorio, que seria naturalmente o mais predominante.

As affinidades das paleographias primitivas, grega, phenicia e mesmo a hebraica, são sensivelmente confundiveis. A proposito, citaremos um caso originalissimo da inscripção supposta phenicia, aliás grega, executada sobre uma pedra attribuida, em Jerusalém, aos alicerces do grandioso Templo de Salomão, de que fala Vigourou, e nos occuparemos na parte supplementar deste volume.

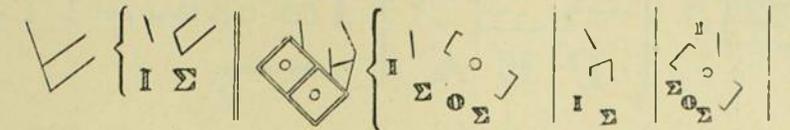
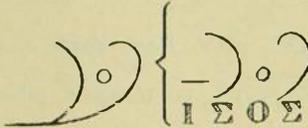
É intuitivo, portanto, que o antigo systema linear paleographico não deixou de figurar, tanto nas inscripções lapidares, das quaes ora nos occupamos, como em algumas legendas das vetustas moedas.

A proposito ainda da paleographia, passamos a dar algumas inscripções encontradas em Creta, ao lado de tantas outras, segundo Chios Eduard (Chlodd) e Basile Modestor, para servirem de confronto ás milhares de que tratamos na presente obra.

É hoje do dominio da sciencia archeologica, que houve no Mediterraneo uma civilização muito antiga, contemporanea á da Chaldea, da Assyria e do Egypto; que muito antes de Cadmo ter introduzido na Grecia o alphabeto phenicio, já havia uma escriptura que se compunha de letras empregadas em inscripções lapidares que até hoje vinham sendo indecifraveis. São lineares, além de constar de desenhos do corpo humano, casas, utensilios, animaes, corpos celestes e desenhos incertos, por isso que consideramos esse systema de escriptura, linear e figurativo, muitas vezes bem complicado, concorrendo ainda para isso a deformação produzida pelo tempo e a vacillação dos traços, nas reproducções ou copias, etc.

---

(1) *Traité Elémentaire Numismatique Générale*, ps. 109 e 110. Paris, 1860.

INSCRIPÇÕES encontradas em CRETA, de permeio a tantas outras por nós interpretadas

Ι Σ | Ι Σ Θ Σ | Ι Σ | Σ Θ Σ

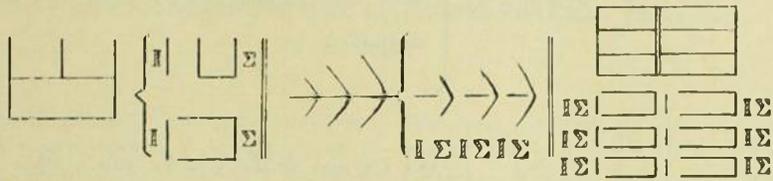
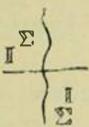
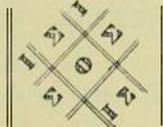
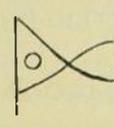
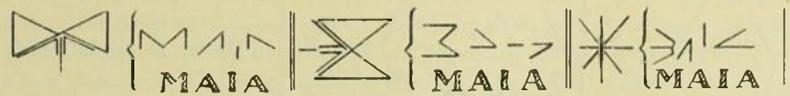
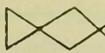
Ι Σ Θ Σ

ΙΣ *gen.* ιvος fibra, nervo, força, vigor
ΙΣΘΣ η. ον egual, unido, justo, equitativo, etc.

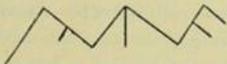
ΙΣ ΙΣ | ΙΣ ΙΣ | ΙΣΙΣΙΣ | ΙΣ ΙΣ ΙΣ ΙΣ ΙΣ ΙΣ

Ι Σ Ι Σ | ΔΙΟΣ

*Διός *gen. de* ΖΕΓΣ *JUPITER.*

ΜΑΙΑ | ΜΑΙΑ | ΜΑΙΑ

ΜΑΙΑ

*Μαια *Mãe de Mercurio; uma das pleiades;* Μαῖα avó, parteira; Μαιάς, ama de leite, etc.

ΓΑΙΑΣ

*Γαῖα, ας *ou* ης *Poet. por* γῆ a terra paiz, etc. ΓΗ *gen.* γῆς, (ῆ) *contr. por* γέα *ou* γαῖα

terra *em todo o sentido*, elemento terrestre, globo terrestre, porção de territorio, paiz cultivado, campo, dominio, etc.

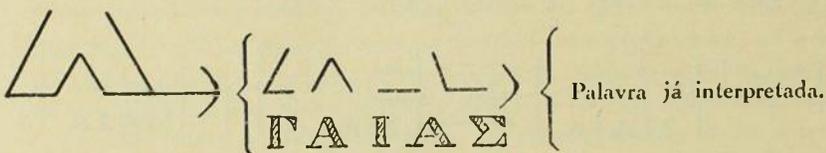
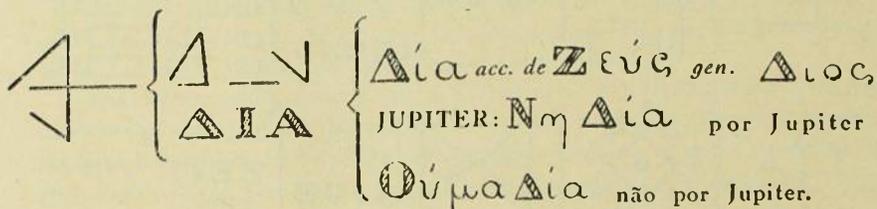
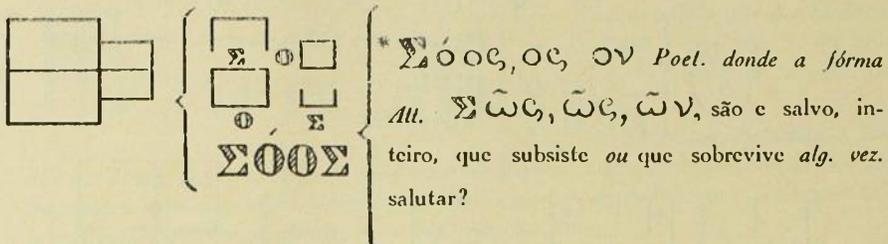
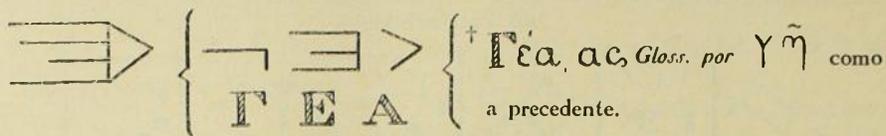
ΓΕΑ

Γέα, ας *gloss. por* γῆ já definida.

Γ Ε Α — † Γέα, ας *Gloss. por* γῆ como a precedente.

ΣΟΟΣ — * Σόος, ος, ον *Poel.* donde a *fórma Att.* Σῶς, ῶς, ῶν, são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive *alg. vez.* salutar?

ΔΙΑ — Δία *acc. de* Ζεύς *gen.* Διος
JUPITER: Νη Δία por Jupiter
Οὐ μα Δία não por Jupiter.

ΓΑΙΑΣ — Palavra já interpretada.

Não é preciso grande noção paleographica para desvendar ou comprehender que as figuras, os caracteres e a significação das palavras, passadas para o moderno grego, segundo nossas interpretações, são exactamente as mesmas que se vão encontrar nas inscripções seguintes, esculpidas em Caria, Chypre, Alpes Maritimos, Andalusia, Africa Oriental e Occidental, Mexico, Guadelupe, Colombia, Estados Unidos, Argentina, Chile Escocia, Indias, Hersegovina, Jerusalém, Brasil, como em quasi todo hemispherio occidental, etc.

Muitos destes monumentos revelam concepções artisticas admiraveis, assim pensamentos de alcance, não só em estylo linear como figurativo.

Ora, si unanimes até hoje são os scientistas em confessar a impossibilidade de lêr-se ou decifrar essas inscripções, é o caso de lhes offerecermos no presente trabalho o nosso modesto modo de resolver tão magno problema, auxiliado pelos alphabetos linear e figurativo, por nós organizados, e aguardar as suas justas refutações; emquanto, por outro lado, reforçamos e ampliamos o nosso modo de ver com as tradições e exemplares de uma infinidade de objectos encontrados subterrados, muitos dos quaes existem em nosso Museu Nacional, como em outros do mundo.

É intuitivo, finalmente, que o assumpto paleographico, vasto como é, não podia aqui ser resumido, por isso que sobre elle voltaremos em casos opportunos.

CAPITULO II

Egypcios e phenicios: considerações sobre a prehistoria Americana e Amazonense em particular

ESTE complexo assumpto induz-nos a minuciosas investigações, pelo que nos vamos reportar a alguns topicos de diversos escriptores, resumidos por de Nadaillac ([1]), attinentes a Egypcios e Phenicios na America Central e seguidamente ás theorias de Thoron, sobre estes, no Continente Americano e particularmente no Valle do Amazonas.

« Vemos na America Central, como no velho Egypto, diz aquelle autor, populações de tez vermelha e côr de cobre, homens constantemente representados com pouca ou nenhuma barba. A isto é preciso juntar as curiosas semelhanças entre os monumentos da America e os do Egypto ([2]). A simples comparação no Museu do Louvre entre os specimens da ceramica peruviana e os da collecção Egypcia excita uma surpreza involuntaria. Estas mesmas semelhanças notam-se nas construcções das pyramides e na elevação dos monolithos ([3]). Mezes eguaes de 30 dias, um anno de 360 dias e 5 dias complementares contavam-se em Thebas e no Mexico, a uma distancia de 3.000 leguas ([4]). O tecido raiado de uma e muitas côres que os Mexicanos ainda hoje usam enrolado em torno do corpo apertando na cintura de maneira a formar uma saia que desce abaixo dos joelhos assemelha-se exactamente ao costume que se vê nas imagens de Isis e que usavam os Egypcios no tempo dos Pharaós ([5]). Em 1862 encontrou-se perto de Tuxtha (provincia de Vera-Cruz) uma figura em granito, tendo perto de dois metros de altura, na qual não se póde deixar de reconhecer o typo ethiope ([6]).

A ilha de Zapatero forneceu idolos, grosseiras representações dos colossos Egypcios. Estes factos são sem duvida curiosos; mas os Egyptologos nada podem ensinar-nos sobre as pictographias do Mexico, sobre os numerosos hieroglyphos da America Central ([7]) e por sua vez os maravilhosos hieroglyphos do Egypto, que nos conservaram com tão sur-

---

(1) *L'Amérique Prehistorique*, ps. 551 a 555. Paris, 1883.

(2) Dejardins, *Le Perou avant la conquête Espagnole*, p. 171. — Delafeld, *Inquiry into the Origin of the Ant. of America*. Cincinati, 1839.

(3) Gennarelli, *Soc. Ant. et Ethn. Italiano*, 1872 — Carmichael, *On the Existence of a Race of Red Men in Northern Africa and Southern Europa in Prehistoric*. Times. British. Ass., 1863.

(4) Lettre de Jornard, citada por Bancroft, l. c. t. V, p. 62.

(5) Brasseur de Bourbourg. l. c., t. II, p. 67. Póde-se tambem consultar as estampas publicadas por M. de Waldeck sobre Palenque.

(6) *Soc. Mex. Geog. Bol.*, 2ª *Epoca*, t. I, p. 292.

(7) M. de Waldeck, só, reproduziu mais de 1.400 hieroglyphos differentes.

prehendente fidelidade toda a velha historia do paiz, não fazem nenhuma menção deste continente que teria sido descoberto pelos habitantes do Valle do Nilo e povoado por suas colonias. Este ultimo facto parece capital, e quasi que não permitte fazer remontar os Egypcios á descoberta do Novo Mundo (1).

A nomeada dos Phenicios, como intrepidos navegadores, é um dos axiomas da historia antiga. Elles emprehenderam longas viagens no interesse do seu commercio nos diz Diodoro de Sicilia (2); estabeleceram numerosas colonias na Europa, na Africa e não temeram mesmo transpor as columnas de Hercules e navegar sobre o Grande Oceano. Não é pois de admirar que estas frotas abordassem ás Indias e ás praias da America.

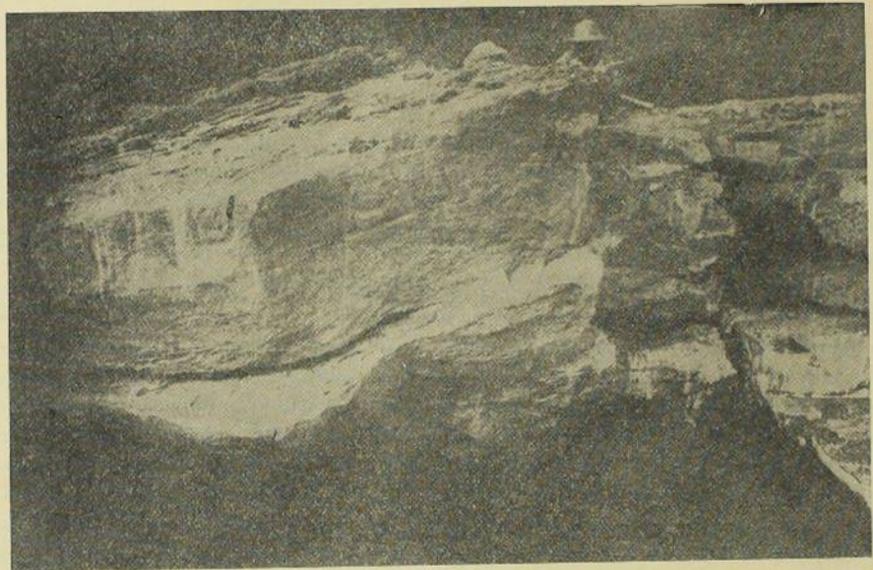



Fig. 14 — Inscripções de Itacoatiara (Amazonas)

Para uns, o reino de Ophir seria no Perú; para outros, depois da tomada de Tyro por Alexandre o Grande (232 annos antes de Jesus Christo) alguns infelizes fugitivos chegaram a alcançar as ilhas Afortunadas e de lá o continente Americano (3); escriptores recentes pretenderam mesmo reconhecer o vestigio destes navegadores, os Phenicios (4). Está provado que os antigos navegaram sobre o Atlantico e é muito possivel que elles tenham desembarcado ou tenham sido arrojados pela tempestade sobre as costas do Novo

(1) Uma recente inscripção encontrada no Egypto, segundo um telegramma, relata o contrario — *Jornal do Commercio* (de Manáos).

(2) Liv. V, §§ 19 e 20. Póde-se tambem consultar le *Périple d'Hannon*, onde este celebre navegador conta suas descobertas. Sua narrativa impressa pela primeira vez em Bâle em 1533 foi incluida por M. Miller, nas *Geographias veteris escriptores*. Minores. Diot. 1855.

(3) G. Jones (*Hist. of Anc. America*. London, 1843) consagrou um grande volume a defender esta opinião. — P. Gaffaret, *Cong. des Americ. Nancy*, t. I, p. 93.

(4) Nós não falamos da inscripção de Grave Creek ao éste de Alleghanys, perto de Wheeling (Virginia). Occuparam-se por muito disto um momento e M. Levy Bing julgou dever submettel-a ao Congresso dos Americanistas, reunido em Nancy (Vay, t. I, p. 215). É indubitavel hoje a sua falsidade, diz o autor, mas, dizemos nós: Thoron prova o contrario.

Mundo [1]; mas a passagem de Diodoro que citamos, as de Aristoteles que poderiamos ajuntar, são tão pouco concludentes, todos os dados que temos são vagos, que difficil é invocarmos neste caso. »

* * *

Passamos agora a resumir a opinião de Thoron:

« Os Tyros haviam fundado Carthago 250 annos antes de Salomão; ora, Strabon diz-nos que esta colonia phenicia fechou o estreito de Gades aos Gregos, para impedil-os que navegassem no Oceano. Porém as colonias phenicias na Numidia e ao longo da costa occidental africana remontam a 1.490 annos antes de nossa éra. Os Chananeos (Phenicianos), maltratados ou expulsos, por esta época, por Josué, embarcaram para o litoral africano.

Tingis (Tanger) era um dos seus pontos de desembarque; pois Procopio (Vandal, l. II) conta que no seu tempo (VI seculo) ainda se via perto desta cidade duas columnas de pedra, cujas inscripções gravadas determinavam que lá estavam os povos que Josué filho de Navé (Noun), tinha expulsado de seu paiz.

Sallustio (guerra de Jugurtha) diz ter tirado dos archivos dos reis de Numidia o apontamento seguinte: "Que os Phenicios expulsos de seu paiz tinham vindo estabelecer colonias sobre as costas da Africa, onde construiram cidades". Seus descendentes, os Carthaginezes, fundaram tambem diversas cidades nas costas da Lybia ao lado do Oceano. Hanon, almirante Carthaginez, 800 annos antes de Jesus Christo, embarcou em 60 navios 30 mil pessoas de ambos os sexos, para servir á fundação dessas cidades.

Situados perto do mar, seus habitantes, imitando seus antepassados, os phenicios, foram estabelecer-se nas Antilhas e sobre o continente Americano; visto que, durante as guerras punicas, elles desappareceram completamente da costa Africana.

Apoiamos esta nossa opinião nas escriptas do Pe. F. de Cabrera (de Guatemala), o qual assegura que os Carthaginezes fundaram na America uma colonia durante a primeira guerra punica. Segundo Ordoñez, os Trequils, que seguiram a emigração dos Shans, eram de raça Carthagineza.

« A fundação de Carthago por Didon, princeza Tyrense, teve logar em 984 e 884 annos antes da éra Christã e o Hercules phenicio, filho dum egypcio, nella tomou parte [2]. Emquanto o almirante Honnon em 880 explorava o sul do Atlantico, Pythias navegava para o norte e aportou á Islandia, que então se chamava Thulé ».

Os Carthaginezes tornados senhores do mar, bloquearam durante tres seculos o estreito de Gades (Cadix ou Gibraltar), para impedir os Gregos e os Tyrrhenios de communicarem com o oceano e as terras de oeste, onde tinham um asylo seguro em caso de desgraça de Carthago. Aristote (De mirab. auscult.) diz que o senado de Carthago decretou a pena de morte contra quem quer que tentasse navegar para o paiz descoberto do outro lado do Atlantico pelos Carthaginezes. . .

Diodoro de Sicilia, 45 annos antes da éra christã, assignala a America sob o nome de ilha, ignorando sua verdadeira configuração. Eis sua narrativa:

" Ella está afastada da Lybia muitos dias de navegação e *situada ao Occidente*.

Seu solo é fertil, de uma grande belleza e *banhado por muitos rios navegaveis.*"

---

(1) Sabe-se que Colombo mesmo recolheu os fragmentos de um navio europeu que tinha naufragado. (*Hist. del la vita e de falti del Ammiraglio. D. Christoforo Colombo, suo Padre.* Venetia, 1709.

(2) Houve um outro Hercules grego, e aquelle que era o autor das *Lettres phrygiennes*.

Esta circumstancia não póde ser applicada senão a um continente, visto como nenhuma ilha do Oceano tem rios navegaveis.

Diodoro continúa dizendo: "Vêe-se ahi casas *sumptuosamente construidas*". Ora, nós sabemos que a America possue bellos edificios em ruinas e da mais alta antiguidade. «A região montanhosa é coberta de espessos bosques e arvores fructiferas de todas as especies; a caça fornece aos habitantes grande diversidade de animaes, emfim, o clima é tão temperado que os fructos das arvores e outras producções brotam em abundancia durante quasi todo o anno.

Estas descripções do paiz e do clima por Diodoro referem-se perfeitamente á America Equatorial.

Este historiador conta em seguida como os Phenicios descobriram esta região:

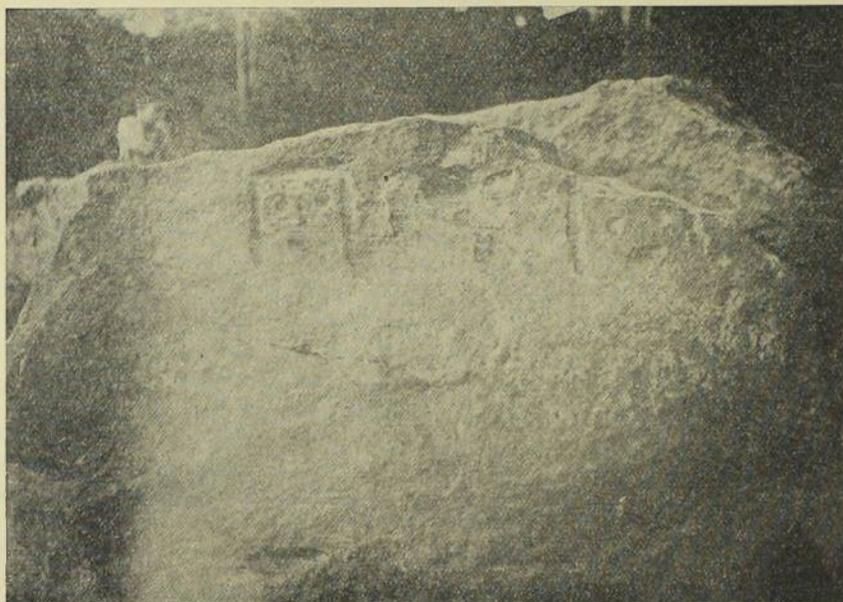



Fig. 15 — Inscripções de Itacoatiara, representando Tanit e Astartê ou o Sol e a Lua, divindades Phenicias

"Os Phenicios tinham-se feito a vela para explorar o litoral situado além das columnas de Hercules, e emquanto contornavam a costa da Lybia, foram impellidos por ventos violentos, *muito longe no Oceano*. Batidos pela tempestade durante muitos dias, aportaram emfim á ilha de que temos fallado. Tendo tomado conhecimento da riqueza do sólo, communicaram sua descoberta a todo o mundo".

Os Tyrrhenios, *poderosos no mar*, quizeram tambem enviar para ahi uma colonia, mas foram impedidos pelos Carthaginezes, que recearam que um grande numero de seus concidadãos, attrahidos pela belleza desta ilha, não desertassem de sua patria. »

Todavia os Carthaginezes tinham sido precedidos em suas navegações do oceano pelos Caras, estabelecidos nas Cycladas e outras ilhas do Mediterraneo, 1.600 annos antes de Jesus Christo, e donde partiram para navegar no Oceano; porque Diodoro diz que

os Carthaginezes seguiram na navegação a rota dos Caras, *nos mares de oeste*. Os Caras usavam pennas á moda dos Americanos; além disso, elles deixaram na maior parte da America seu nome e numerosas lembranças archeologicas; estabeleceram mesmo sob o nome de Cara uma dymnastia de sua raça que reinara em Quito, capital do Equador.

Attribue-se aos Caras a construcção dos edificios com esculpturas que se encontram em muitas partes da America, assim como seus trabalhos nas minas: é, além disso, o que indica o verbo phenicio כָּרָה *cârâ*, cavar e ornamentar os edificios; e tudo faz suppôr que para trabalhar a pedra elles traziam comsigo utensilios de ferro, porque nunca se encontrou na America vestigios de fabricação do ferro, emquanto o cobre era ahi usado.

Sabe-se que o culto de Belus, Belo ou Baal, era identificado com o Sol; ora, na America este mesmo culto existia; da mesma fórma que em Babylonia, Belus foi adorado; no Perú adorava-se não só o Sol mas tambem o Inca, como sendo o seu descendente. Na America vêe-se monumentos cyclopicos e pyramides como no mundo antigo. Ahi fazia-se o estudo dos astros. Os costumes sacerdotaes eram identicos aos dos Egypcios e a circumcisão era usada como entre os hebreus. Tudo demonstra, pois, que os antigos povos dos dois mundos se frequentavam.

Emfim não esqueçamos de notar a proximidade das ilhas de Cabo-Verde da costa do Brasil e a existencia das correntes equatoriaes oppostas, que facilitam a travessia entre os dois grandes continentes, para ida e volta; este facto é hoje perfeitamente reconhecido e póde-se verificar sobre a carta das correntes do oceano.

Assim nossas citações provam que na antiguidade, até á queda de Carthago, 146 annos antes de Christo, o oceano tinha sido quasi sempre frequentado, e que a America era conhecida dos povos navegadores; em ultimo logar, que a facilidade das communicações existiu sempre entre os dois grandes continentes pelos ventos alisios e as correntes equatoriaes, de que os marinheiros phenicios tinham a experiencia.

Comprehende-se agora porque Salomão pediu marinheiros a Hiran para enviar seus navios a Ophir e a Tarschisch; e vamos demonstrar que estes logares celebres da Biblia, assim como Parvain, achavam-se no interior do rio das Amazonas.

David, quando morreu, deixou a Salomão, para a construcção do Templo, sete mil talentos de prata e tres mil de ouro de Ophir. O velho rei não tinha nenhum navio que navegasse em mares exteriores; recebia pois o ouro de Ophir pelo trafico dos Phenicios, que, segundo a Biblia, conheciam todos os mares. Salomão, para pôr em execução os seus grandes projectos que exigiam immensos thesouros, recorreu a Hiran; chegou a interessal-o nas suas emprezas e a contractar com elle alliança solida.

O receio de excitar a ciosa susceptibilidade dos povos do Mediterraneo foi, sem duvida, o motivo que decidiu Salomão a mandar construir em Esion-Gaber, no mar-vermelho, os navios que destinava ás viagens de Ophir.

Hiran lhe mandou marinheiros experimentados, e como se hão de convencer adiante, a frota de Ophir não voltou nunca ao mar-vermelho; passou pelo cabo africano para se reunir no Oceano Atlantico com a frota de Hiran, que sahiu do Mediterraneo.

A descoberta que fizemos do caminho seguido pelos navios de Salomão e do rei de Tyro, atravéz do Oceano, 1.000 annos antes da nossa éra, para irem á America, será neste relatorio, diz o autor, provada de modo irrefutavel. As conjecturas e os raciocinios mais ou menos especiosos de alguns sabios não têm podido até hoje arrancar o véo que cobria a rota desconhecida que seguiram as frotas desses reis, e ninguem pôude precisar os logares occupados por Ophir, Parvain e Tarschisch. Esta questão, tantas vezes

controvertida, não foi nunca resolvida pelos homens mais eruditos que a trataram, porque sua argumentação, longe de ter base solida, se assentava apenas sobre hypotheses, e achava-se embaraçada por crenças erroneas sobre a navegação dos antigos.

Suas pesquisas em todos os pontos do antigo continente, não tendo trazido solução alguma verosimil, temos seguido marcha inversa, e foi na propria America, na sua parte mais desconhecida, que descobrimos os celebres logares de Ophir, de Parvain e de Tarschisch.

Nesses mesmos pontos existem ainda varias localidades que têm conservado nomes hebraicos, emquanto os nomes dos objectos trazidos pelos navios de Salomão, e de seu alliado o rei de Tyro, pertencem justamente á lingua dos indigenas da região frequentada por esses navios; ora, estes nomes, segundo confessam os maiores philologos, pertencem a *outra lingua* do que a hebraica. Havendo os nossos trabalhos chegado á reunião de numerosas provas e circumstancias evidentes, accumuladas nos logares designados, podemos apontar a proveniencia dos objectos importados em Jerusalem; assim como seus

ΘΣΟΣ

Θσος,

quanto,

grande,

conside-
ravel,

numerosa,

etc.

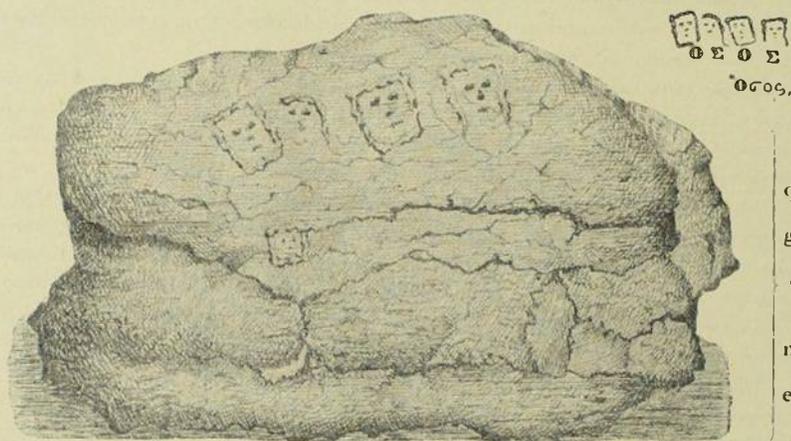



Fig. 16. — Blóco com gravura (Itacoatiara)

nomes que foram tomados da lingua *Kichua* ou dos *Antis*, a qual ainda se falla na bacia superior do rio das *Amazonas*; faremos, além disso, conhecer os significados e as etymologias exactas; quanto as localidades mencionadas, aconselhamos aos leitores que examinem a sua situação em o mappa que temos levantado para que nossa demonstração seja melhor entendida. . . »

Assim prosegue com effeito Thoron, em suas narrativas, tão minuciosas quanto profundas, abstendo-nos, por muito vastas, de reproduzil-as aqui, recommendando, entretanto, o seu importante mappa como a leitura desse assumpto, constante da obra publicada por aquelle notavel polyglotta em 1889.

É de facto admiravel a tenacidade e perseverança com que D. Henrique Onffroy de Thoron vem de longa data se occupando da elevada questão *Antiguidade da Navegação do Oceano*, *Viagens dos Navios de Salomão ao Rio das Amazonas*, *Ophir*, *Tarschisch e Parvain*, e de tantos outros assumptos Philologicos, Historicos e Archeologicos.

A elle deve a nossa Municipalidade a importante offerta do extracto do jornal geographico *O Globo* (7ª e 8ª secção), Novembro e Dezembro de 1869, publicado em Genova, offerta esta levada a effeito, aqui em Manáos, por intermedio do Revmo. Pe. Theodoro Gabriel Thauby, em 15 de Fevereiro de 1876. A Municipalidade determinou a respectiva impressão em folhetos, executada pelas officinas do *Commercio do Amazonas*, no mesmo anno, fazendo-o distribuir por seus municipes.

Mais tarde, em 1906, foi este opusculo reeditado por ordem do então Superintendente Cel. Miranda Lisbôa, trabalho que sempre apprehendeu a nossa particular attenção e nos serviu de estimulo á consecução da presente obra.

Não póde, por conseguinte, causar surpresa, quem quer que seja, investigar desses assumptos por elle tratados, como por tantos outros homens scientificos de seu genio, obedecendo, é certo, outra ordem complementar e integrante ao assumpto em questão.

Thoron estabeleceu theses que a ninguem, do mesmo modo, bem fundamentadas, foi dado refutal-as, que nos conste. Como polyglotta, tem firmado principalmente o seu alto saber em suas obras publicadas, entre ellas: *Grammatica e Diccionario francez e kichua*, *A America Equatorial*, e outras. O que não mais é dado negar é o valioso contingente á nossa prehistoria, com desprendimento de outro interesse, ao unicamente scientifico. Já encontramos, não refutadas suas theses, contidas no opusculo offerecido á nossa Municipalidade, mas singularmente appensas, *como simples curiosidade*, á obra de um valioso historiador.

Justos louvores, não obstante, têm merecido seus preciosos trabalhos e muito subsidiam nosso ponto capital esses vastos assumptos, si bem ultrapassem alguns ao nosso modo de vêr.

Passemos agora a ouvir a abalisada opinião de Rocha Pombo, sobre elles e sobre o monumentoso problema da prehistoria Americana [1]:

« Na Europa, que saibamos, nenhum trabalho serio se fez, até hoje, que revelasse interesse ao menos pelo formidavel problema creado por Thoron. Não ha talvez um só espirito que não sinta vontade de sorrir incredulamente, ante a firmeza com que se atreve este homem a lançar uma questão assim tão fóra e tão aberta das normas da nossa historia classica. Isto, no entanto, não é razão para que se condemne ou se repulse *in limine* a these, por mais phantastica que possa parecer. Estranha foi tambem no seculo XVIII a descoberta, na Asia, de documentos até então absolutamente desconhecidos e que vieram projectar sobre a historia dos povos occidentaes uma luz nova e imprevista. Quem tivesse presentido no seculo XVI tudo que hoje sabemos relativamente á alta antiguidade oriental, não passaria, sem duvida, de um mero phantasista; pois só depois que nos cahiram sob os olhos as provas irrecusaveis recolhidas pelos Deperron é que nos convencemos de que o movimento da familia humana não se deu como até alli suppunhamos. Ora, neste nosso caso americano, póde-se dizer que não sahimos ainda da phase do puro presentimento. Uns affirmam na antiga lingua culta do Perú — o kichua — a substancia de palavras sanskritas (o illustre philologo argentino Dr. Fidel López colligiu para mais de 2.000 raizes sanskritas no kichua); outros assignalam, entre os monumentos da civilização do Pacifico, as provas mais completas da diversidade de origem das varias familias que successivamente foram entrando na America; outros ainda, como de Thoron, se afoitam a discutir these mais vasta e mais alheia ainda ao espirito classico e que, se vier a ser

(1) *Historia do Brasil*, v. II, p. 46.

victoriosa, subverterá completamente todas as nossas noções actuaes sobre o curso da civilização humana. Comprehende-se que tudo aqui está por fazer. A America ainda não foi estudada.

Para a solução das questões que se vão instituindo, teremos de esperar que primeiro se estudem as linguas, a infinidade de dialectos do continente; que se estudem os costumes, as tradições, a arte, a epigraphia, os monumentos de todos os povos Americanos. E isto não está feito por emquanto. A Europa intellectual continúa absorta na antiguidade asiatica e a America só agora é que começa a ter os seus sabios. Si não nos é licito, antes que se collijam noções positivas e documentos sufficientes, inculcar ou admittir, como legitimos, problemas de alcance tão excepcional, tambem é certo que não temos o direito de excluir taes problemas só porque pareçam destoantes da ordem historica conforme a concebemos presentemente.

Assim se refere á p. 45, vol. II, a Thoron: «Sente-se a convicção e a verdadeira ufania de sabio com que este homem termina: "Devemos, pois, á lingua kichua o haver restaurado o caminho que seguiam, ha 2.880 annos, as frotas de Hiran e de Salomão; foi ella que trahiu o mysterio da navegação daquelles audaciosos marinheiros e que nos explicam, portanto, aquella ausencia de tres annos em cada viagem, fazendo-nos saber que taes expedições estacionavam tranquillamente nas aguas do Amazonas."

Para satisfação de nossos leitores, accrescentaremos, ao concluir, algumas observações sobre os *antis* e sua lingua. A migração deste povo da Asia para a America é anterior ao diluvio biblico alguns seculos, pois os *antis* tomaram parte na invasão dos *atlantes*, occorrida em época anterior ao cataclysmo. Os *antis*, além disso, em vez de escripta, serviam-se, sob os Incas, de *quipos* (isto é, fios de nós e de diversas cores), uso que existia entre os thibetanos e os chinezes até o tempo do imperador To-Hi (600 annos antes do diluvio).

Estes factos provam a alta antiguidade do estabelecimento dos *antis* nas cordilheiras da America meridional e na parte superior da bacia do Amazonas. Esta nação primitiva poude preservar-se contra invasões, contra toda destruição, pela consideravel altitude e pela asperesa do territorio em que se fixou, por milhares de leguas de florestas virgens que a separavam do Atlantico, e do lado do Occidente por montanhas formidaveis e pela immensidade do Grande Oceano. A lingua kichua, fallada ainda por tres milhões de indigenas, escreve-se apenas com quatorze letras: vê-se, portanto, que sua indole primitiva soffreu poucas alterações. O sanskrito, pelo contrario, escreve-se com 39 caracteres, o que faz acreditar que se apropriou, aperfeiçoando-se, de muitas raizes estranhas ou pelo menos que não tinha no principio, e cuja pronuncia foi preciso conservar (pois, seja como fôr, uma lingua primitiva não póde ter 39 caracteres).

Sob o dominio dos Incas a lingua *kichua* foi fallada des do 2° grau de latitude N. até 35 graus de latitude S.; e do Pacifico para o Oriente não se fallava quasi além de 500 kilometros; emquanto que nos tempos mais antigos ella esteve em uso em toda a bacia do Amazonas até 1.200 ou 1.500 kilometros do Pacifico. »

Eis o que sobre *quipos* diz Nadaillac, em sua obra referida, á p. 458: O certo é que no seculo XVI os peruvianos não conheciam nenhum systema de escripta, quer hieroglyphica, quer phonetica, nenhum modo de numeração. Elles serviam-se para o seu uso particular na vida, de *quipos*, fig. 17, cordeis de comprimento muito variado, tendo um certo numero de fios ligados por nós. A côr dos fios, o numero e a distancia dos nós tinham uma significação, ora historica, ora mathematica. (Os chinezes antes da subida

do Imperador Fo-Fli, 3.300 annos antes de J. C., não conheciam a escriptura e serviam-se tambem de *quipos*. Encontra-se nos escriptos de Confucius uma passagem que não póde deixar duvida a este respeito: os homens da antiguidade, disse elle, serviam-se de cordas com nós para dar ordens. Os seus successores substituiram-nos por signaes ou figuras. Saffray, *Nature*, 1876, t. II, p. 405).

« Garcilaso conta que os *quipos*, que relatavam a historia dos Incas, estavam cuidadosamente conservados pelo *Quipo Camayal* (guardião dos quipos). O maior numero foi destruido pelos monges fanaticos, como monumentos de idolatria; mas essa perda não é importante para a historia porque nenhuma tradição, nenhum estudo permittiam interpretar os que restam. . .»

Assim, continúa Rocha Pombo á p. 51: "Na America, o problema da prehistoria se institue definitivamente nos nossos dias. E pelo que respeita ao Brasil, não se poderia dizer que o esforço dos competentes tenha sido menos solicito e perseverante. Mesmo na esphera dos que procuram entender o sentido das tradições, valendo-se das linguas e de outros vestigios e testemunhos, já alguns espiritos se agitam anciosos, destacando-se até agora pela sua coragem, pela notavel erudição, pelo empenho decisivo com que discute as origens e os tempos antiquissimos das populações americanas, o sabio Pe. Pennafort, autor da curiosa obra, *Brasil pre-historico*, onde todos os que estudam têm tanto que aprender. Este eminente scientista desloca o nucleo primitivo de tribus humanas da alta Asia para a phantastica Atlantida, cuja existencia real admitte como fóra de toda duvida e com elle Brasseur de Bourbourg, Alcyde d'Orbigny, Hamar e o insigne indianologo D. Henrique O. de Thoron, que os proprios egypcios foram, com os nossos homens americanos, uma colonia proveniente da Atlantida (1). É da famosa Atlantida que partem as migrações que povoaram tanto o Egypto e a Grecia como a America.

Fig 17 — Fragmentos de Quipos

Mesmo depois da dispersão, os povos americanos e os do outro lado continuaram em relação com as da mãi patria, até que um memoravel cataclysmo, fazendo desapparecer aquelle continente, berço das nações, interrompeu o commercio e o convivio da raça desagregada, isto é, dos povos do Mediterraneo com os da America."

Estes, os americanos, assim segregados, começaram a decahir, emquanto os outros, recebendo o influxo de elementos estranhos, proseguiram na sua evolução. De sorte

(1) Na parte supplementar, fazemos um ligeiro resumo de escriptos sobre Atlantida.

que, para o *Brasil prehistorico*, o homem que os europeus conheceram na America é simplesmente um producto de regressão historica, um degenerado de antiga civilização.

« O que não mais é possivel contestar com legitimos fundamentos é que estamos na America em presença de vestigios de uma civilização antiga muito superior á das populações que aqui encontrámos. Mesmo em relação á America oriental e pelo que interessa, portanto, mais particularmente ao Brasil, é irrecusavel, como acabamos de notar, a eloquencia dos vestigios que começam a recolher-se dessa antiga civilização.

Os indios, que os conquistadores tiveram de reduzir nesta parte do continente, não eram capazes de deixar de si os signaes que temos colligido, apesar de incompletas por emquanto as investigações feitas.

Poder-se-ia talvez negar a authenticidade das inscripções lapidares como obra do homem aborigene; mas um genero de documentação, e este de maior valor, não se póde mais excluir como testemunho de uma cultura desapparecida: é o da ceramica pré-historica. O selvagem que os portuguezes encontraram aqui não podia ter sido o autor dessa infinidade de objectos exhumados dos cemiterios antigos de alguns dos *sambaquis* e das aldeias ou *malocas* soterradas: idolos, instrumentos, artefactos de uso domestico, adornos, etc., etc. E uma nota curiosa e de muita significação é esta que anda já impressionando os mais abalisados investigadores: a semelhança que se reconhece entre objectos de tal natureza oriundos de paragens extremas do continente. Idolos, vasos e outros artefactos de Marajó, por exemplo, apresentam varias apparencias de affinidade (na fórma, no lavor e talvez nos proprios symbolos que se acham nelles inscriptos) com objectos do mesmo genero descobertos na Republica Argentina, no Chile e em varios outros pontos das regiões andinas. »

Ora, essa circumstancia naturalmente está indicando que a raça extincta, da qual nos restam esses vestigios, tinha aqui um dominio extensivo a todo o continente e fóra de duvida tambem á zona do isthmo e á America do Norte e, portanto, a todo o hemispherio occidental.

« O que parece, á vista do que se poude até agora verificar, é que a distincção das diversas zonas é marcada apenas por uma certa gradação de intensidade de cultura; se bem que isto mesmo só com muitas reservas é que se deve inculcar, desde que nos proprios dois grandes imperios do Pacifico é preciso separar os monumentos da civilização que os hespanhoes alli encontraram, de monumentos de outra ordem ou de ruinas e outros vestigios de civilização muito mais antiga.

Nos Estados Unidos, na parte mais occidental sobretudo, o trabalho de alguns investigadores tem revelado coisas surprehendentes, á vista das quaes já poude dizer um escriptor de nota: A joven America, affirmam-no ethnologos, competentes em archeologia, sabios professores de Universidade, vem a ser muito mais antiga que a velha Europa. Esta limita ainda o seu orgulho a fazer apenas remontar a primeira apparição do homem, na prehistoria das raças brancas, negras ou amarellas, á época quaternaria e paleolithica, em que elle vivia em commum com as grandes especies de animaes, servindo-se, para combatel-os, de armas de pedra, de osso, etc., e disputando, para nellas construir abrigos lacustres, as alluviões aos mares, aos rios e ribeiros. O Novo-Mundo, no entanto, pretende recuar suas origens ancestraes muito para além daquella idade: não duvida affirmar a existencia de um ser humano, em certas regiões dos Estados-Unidos, desde o periodo correspondente a essa época terciaria, que, segundo Mortillet e Dubois,

não teria conhecido mais que anthropopithecas. As recentes descobertas paleontologicas (1) e principalmente as novas explorações dos logares habitados outr'ora pelos *chiff-dwellers* — (troglodytas), trazem as opiniões emittidas a respeito, entre outras, por Morton, d'Orbigny e de Nadaillac, alguns argumentos de que até agora se não suspeitava e que é interessante resumir (2).

De certo, diz ainda Rocha Pombo, que não é sem razão que receiamos ultrapassar os raios de um trabalho puramente historico, entrando demais numa questão que é, sem duvida, connexa com a historia, mas que constitue por si mesma uma especialidade cujo desenvolvimento nos obrigaria a dar a esta parte da nossa obra proporções talvez injustificaveis.

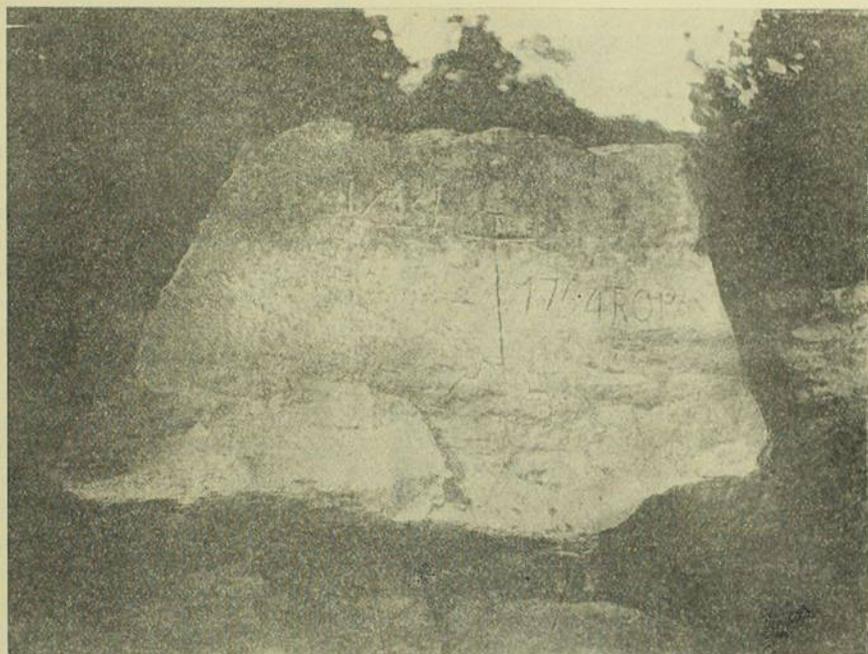



Fig. 18 — Inscripções antiga e moderna (Itacoatiara)

O assumpto é, no entanto, de tal ordem e tão de perto se prende á situação que precedeu á cultura historica no continente que, a nosso vêr, mesmo sem calcular outros altos interesses que vale incontestavelmente para o espirito americano, só a circumstancia referida nos autoriza abrir o espaço neste paragrapho a uma noticia synthetica dos trabalhos realizados em algumas paragens do valle do Mississipe, noticia que extractaremos de uns

(1) Aliás, desde os primeiros dias da conquista, os hespanhoes encontraram na America do Norte construcções do genero dessas a que se refere o Dr. Tréville. Na Europa os sabios ouviram semelhantes noticias como se fossem puras invenções ou phantasias dos aventureiros. No seculo XVIII ainda se descobriram muitos *mounds* e o proprio governo de Washington seriamente se interessou pelo estudo de taes ruinas. Os homens de sciencia do Velho Mundo não deram, no entanto, a attenção devida a essas coisas da America.

Só no seculo XIX é que uns poucos espiritos e alguns investigadores pacientes e laboriosos começaram a impressionar se com a prehistoria, ainda isso particularmente dos dois imperios do Pacifico.

(2) Dr. Latouche-Tréville — *L'ancienneté du Nouveau Monde*, estudo publicado no volume XXXVII (1901) da *Revue*.

artigos de si já muito concisos, publicados não ha muito, em uma revista européa, pelo Dr. Latouche-Tréville. Na America do Norte têm-se descoberto construcções semelhantes ás que se encontram na Europa prehistorica e attribuidas ao homem das cavernas.

A taes construcções cyclopicas, verdadeiras fortalezas, onde se abrigavam as tribus primitivas, ha milhares de annos, tanto contra os animaes ferozes como contra os inimigos, talvez ainda mais temerosos, da propria especie, convencionou-se dar o nome de *mounds* (muralhas, baluartes). São monumentos da maior importancia para a prehistoria, pois assignalam de modo positivo uma época da evolução humana.

O territorio do Novo Mexico está cheio de construcções deste genero. Ha cerca de cinco annos que alguns homens de sciencia das Universidades, tanto de Chicago como do Novo Mexico e de outros Estados, iniciaram explorações na parte inferior principalmente da bacia do Mississipe. Desde o primeiro momento reconheceram elles, maravilhados, que estavam ali em presença de um campo inteiramente desconhecido e rico de materiaes de valor incalculavel para a sciencia. Os *mounds* visitados pelos professores Hewett, Fulmer e outros acham-se todos em pontos que ficam a mais de dois mil pés de altitude e construidos á beira de precipicios, desolados em cimos quasi inaccessiveis e delles — diz o Dr. Tréville — nada mais se soube através de tantas gerações, nem mesmo por quem foram habitados, nem porque razão ficaram completamente desertos, afundando no esquecimento e no silencio — tantos problemas mysteriosos, cuja solução poderia fazer luz sobre as origens ainda insondaveis das raças.

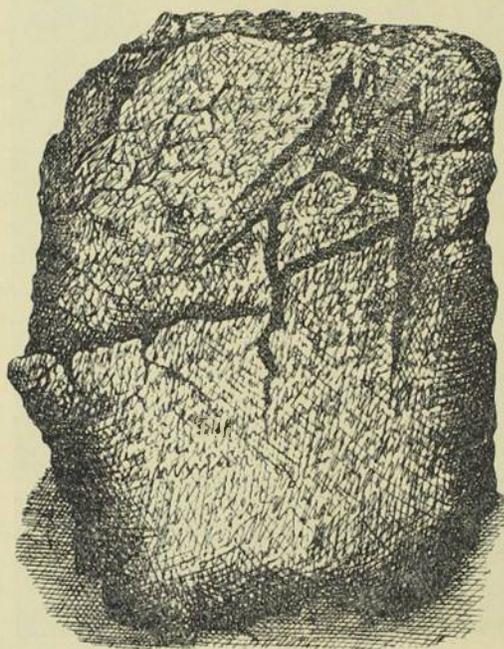



Fig. 19 — Incripção Phenicia, na fóz do Uatumã

O mais extenso desses antigos refugios do troglodyta, explorados pelos sabios norte-americanos, é o que fica no ponto onde confinam o Utah, o Colorado, o Arizona e o Novo-Mexico. Foi bastante difficil o accesso a este vasto *mound*. Para fazer-se idéa do grande poder de resistencia e defesa da cidadela, é sufficiente esta nota: "... os cedros e os carvalhos seculares obstruiram, com a sua vegetação opulenta e emmaranhada, o caminho de que se deviam ter servido os aborigenes para descer até á planicie ou para subir ás moradas. Em muitos logares não havia passagem para mais que uma pessôa de cada vez, de sorte que para repellir uma invasão, por poderosa que fosse, bastavam uns quantos homens munidos de pedras."»

Leiamos a descripção que faz o Dr. Latouche-Tréville: "Os exploradores, tendo sobre as cabeças cumes cobertos de neve, e a seus pés, em baixo, uma abundante verdura,

gastaram dois mezes alli em investigações. Reconheceram ossos de animaes, indicando que aquella gente criava rebanhos para sua alimentação.

Descobriram pedreiras, de onde foram extrahidos os materiaes de construcção [1]."

« O que desnorteia completamente o nosso espirito é a variedade de objectos que se recolheram do interior das habitações. Vejamos: Uma das curiosidades mais interessantes foi a descoberta do que se poderia chamar — *o celeiro de abundancia* — daquellas populações. Bem no alto de uma de taes eminencias rochosas, deu-se com uma caverna natural, que penetrava no interior da massa granitica cerca de 60 pés. A entrada era estreita, mas a gruta se alargava para o fundo. Alli estavam amontoados sobre o solo 187 arcos e flechas, muitas ornadas de figuras de lagartos e de serpentes, pintados em côres muito vivas que conservavam toda a sua frescura. Com estes arcos e flechas havia machados de pedra, martellos, cestas, ornamentos de conchas e de pedra, etc.

Mais longe, no mesmo *canon*, a cerca de meia milha ao sul da referida caverna, descobriram-se mais cinco grutas, a 1.200 pés, mais ou menos, de altitude. Em cada uma dessas excavações naturaes um espaço bastante vasto representava como que uma sala commum. A maior das habitações occupava uma area de 30 pés por 107. As paredes deviam ter desmoronado de época em época. As que estavam ainda de pé fazem suppôr que as habitações comprehendiam geralmente tres andares... Os diversos compartimentos de cada habitação eram separados por paredes de pedra e de madeira. Algumas habitações estavam ainda perfeitas... Uma das cavernas ao longo do *canon* de Santa Maria era protegida por um muro de sete pés de altura.

Como poderiam aquelles homens transportar para tão alto blócos de granito que pesam mais de dez toneladas ? Eis ahi o que é mysterioso ainda para nós. Nenhum instrumento ou apparelho pré-historico, entre os que se têm descoberto, era assás poderoso para explicar semelhante enigma. Junto á entrada dessa caverna, a cinco pés de profundidade, encontrou-se uma lapide, e tres pés mais abaixo uma outra egual.

Estas pedras protegiam uma grande cesta de vime, na qual se encerrava a mumia de um menino... Esta descoberta foi muito commentada pelos jornaes scientificos dos Estados-Unidos.

Segundo a opinião de muitos sabios, a mumia de Santa Maria pertence indiscutivelmente á idade terciaria [2], pois que se distingue dos brochycephalos de maxillares e maçãs salientes, achados no alto valle do Colorado e que remontam apenas, como se demonstrou, ao principio do periodo quaternario. Ha mesmo analogia bem incisiva entre o typo da mumia em questão — typo incontestavelmente de um *homem* — e o da *pithecanthropus erectus*, que é ainda visivelmente um macaco.

Si as conjecturas do professor Fulmer são fundadas, estamos aqui em presença de um novo elo da cadeia anthropologica e de valor consideravel.

Mas isto não é tudo — diz o Dr. Latouche-Tréville. A 30 milhas a O. de Santa Fé, ainda no Novo-Mexico, o professor George L. Cole, da Universidade do Illinois, encontrou os restos de uma habitação que é a mais vasta de que até agora se fallou nos Estados-Unidos, onde aliás não são raras as construcções gigantescas. Cobre esta um espaço de 140.000 pés quadrados e tinha capacidade para abrigar 25.000 seres humanos.

---

(1) Não percamos de vista que estes monumentos (os — *maunds* — de Norte-America) são feitos de pedras facejadas: o contrario, portanto, do que se verifica na Asia, para o N. do Himalaya, onde as construcções são de tijolos e sem duvida nenhuma muito mais recentes.

(2) Será preciso então admittir francamente o homem no periodo terciario, pois a raça dos *mounds-builders* norte-americanos, pelos vestigios que deixou de si, não póde ser tida como representante do infimo estadio da especie.

Estas ruinas colossaes pódem ser comparadas, pela sua importancia archeologica, ás ruinas de Thebas, de Ninive e de Babylonia. O material de construcção empregado é a cantaria e o tijolo. As paredes eram revestidas de um reboco pintado de vermelho, amarello e azul . . . A que época póde remontar esta immensa obra de architectura primitiva ? Provavelmente á idade do bronze ou talvez ainda mais alta, pois é bem possivel que muitas gerações se tenham succedido alli durante seculos da prehistoria.

A maior parte dos utensilios que alli se encontraram é de terra cotta (eis ahi o que desorienta completamente o espirito dos observadores); mas attestam progressos notaveis na ceramica. Cinco cachimbos de terra cotta, flautas feitas de azas de passaro e tendo orificios como as de hoje, uma especie de faca de metal enferrujado — confirmam a supposição de um estabelecimento remontando á idade do bronze, a qual, como se sabe, succedeu á de pedra. (Com razão pergunta o Dr. Latouche-Tréville: Essa faca encontrada no *mound* de Santa-Fé será mesmo de fabricação indigena ou exotica ? Eis o que seria difficil decidir.) Os craneos achados na cidade prehistorica visitada pelo Dr. Cole têm uma forma particular e são muito mais alongados que os dos Pelles-Vermelhas actuaes. Um delles tem um furo na testa, feito, sem duvida, por flecha.

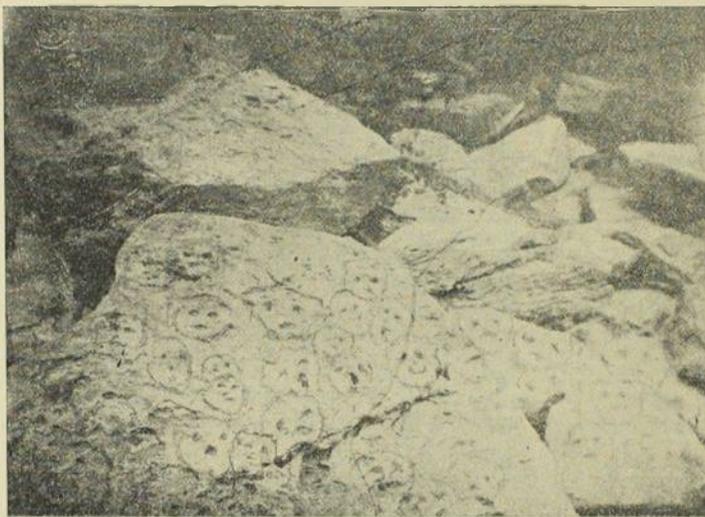



Fig. 20 — Blócos com gravuras (Urucará)

As ossadas recolhidas permittiram reconstituir a estatura destes aborigenes: os homens deviam ter oito pés de alto e as mulheres sete.

Os corpos eram, para serem mettidos nas urnas ou nas sepulturas, dobrados com a cabeça entre os joelhos. (Exactamente assim os povos antigos da Sul-America inhumavam os seus mortos). O Dr. Tréville illustra o seu artigo com tres estampas representando copias da mumia referida e das "ruinas de habitações prehistoricas remontando a cinco mil annos". . . Pelo que parece, portanto, estamos ainda sem motivos sufficientes para acreditar que esses monumentos nos fallem de mais que o simples homem prehistorico. De uma raça autochtone americana, emquanto não sahirmos da pura indagação archeologica, nada temos que nos dê testemunho.

Aliás, isto não deroga a hypothese de que vinhamos tratando, de uma antiga civilização que tivesse precedido á phase em que viemos encontrar a America no seculo XVI — civilização deduzida de documentos antiquissimos que por emquanto só colligimos

nos paizes occidentaes do continente, mas que tambem parece ter deixado vestigios nas linguas, nas tradições e nas crenças de todos os outros povos americanos. (Isto se deduz, aliás, dos proprios trabalhos de Tréville, de Nadaillac, de Bourbourg, de Rosny e de tantos outros). É certo ainda que é exactamente esta a these que mais attractivos offerece ao espirito de indagação, além de ser ao mesmo tempo a que mais interessa á prehistoria do Novo-Mundo.

Si fossemos, no entanto, termina Rocha-Pombo, como já tivemos occasião de dizer, a dar nesta parte uma noticia completa de tudo quanto já se conseguiu reunir em torno de tão vasto problema, em todos os paizes do continente, sobretudo nos do lado do Pacifico — teriamos de ampliar as proporções desta obra de forma tal que excederiam demais ao nosso plano. Baste-nos, pois, deixar neste capitulo umas idéas geraes sobre a situação de semelhante problema, tão verdadeiramente fascinante, que não é para estranhar que constitua hoje alvo de todos os espiritos, objectivo de esforços de todas as corporações scientificas dos dois mundos.»

*

Não é, pois, sem razão que por muito nos detivemos, trasladando para as paginas deste pequeno trabalho as autorizadas palavras de homens scientificos, resumidas pelo illustre historiographo Rocha Pombo, como as de outros teremos necessidade de o fazer. Um fim nos suggere, é arrimar em dados seguros, como já dissemos, o nosso intuito, em assumptos transcendentaes, ao saber dos competentes, tornando claro, deste modo, que não phantasiamos e, ao contrario, desejamos cumprir o justo dever, facultado a todos que desejam apprender, dando ao tempo aproveitavel applicação.

As nossas descobertas epigraphicas, quanto ás suas decifrações, originadas por pacientes investigações, desde alguns annos, póde-se considerar uma questão surprehendente na actualidade. Até então, não mereceram essas inscripções, nem mesmo as de Itacoatiara, si não simples referencias, desenhos authenticos etc., e permaneciam, como as demais, em vias de interpretação apenas. Isto deduz-se [1] do que passamos a transcrever: "Uma resenha de todos os monumentos prehistoricos, já descobertos e conhecidos no Brasil, nos consumiria por largo tempo a attenção. O capitulo — *Inscripções*, por exemplo, é muito extenso. Dellas, as mais curiosas são as do Valle do Amazonas, onde um povo, certamente anterior ás tribus selvagens da *éra historica*, as pintou, desenhou ou gravou em rochedos e pedras.

São as *itacoatiaras* (*pedras pintadas*, em tupy ou *nheengatú*), tão bem estudadas pelo professor Carlos Hartt, engenheiro Orville Derby, Carlos Morsing, professor Rumbelsperger, Ferreira Penna, que as copiaram do natural e remetteram as copias para o Museu do Rio de Janeiro, onde se pódem ver os originaes desenhos, as bizarras figuras de taes inscripções, cheias de arabescos, emblemas de guerra, cabeças ornadas de diademas, representações de animaes, como o crocodillo, o jaboty, etc.

A cidade de *Itacoatiara* (antiga Serpa), no Estado brasileiro do Amazonas, fica proxima ao sitio onde se vêem essas *pedras pintadas*, que lhe deram o nome.

O Sr. Dr. J. Barboza Rodrigues, que desde 1871 começou a explorar e estudar o valle do Amazonas — em seu livro *A Pacificação dos Crichanás* (ps. 168-170), nos dá noticia de umas outras inscripções e pinturas gravadas em varias pedras e rochedos, á

---

(1) § V. ps. 230 a 233, t. VI — *Relatorio Geral da 3ª Reunião do Cong. Scient. Latino-Amer*, em Agosto de 1905 — Publicado no Rio de Janeiro em 1910.

beira-rio Negro, no sitio das Igrejinhas, na villa de Moura, em Itarendaua (*pedregal*, em lingua indigena), na ponta da Ribeira, na ilha da Salvação, em Ayrão e em a enseada do Puiry."

As do Puiry são duas curiosissimas figuras de mulher, na face norte de uma rocha, ás quaes o povo do lugar dá o nome de "Santa Rita" — tal a semelhança dos trajos da figura (que tem um resplendor lhe encimando a cabeça), com a santa catholica, padroeira da povoação do Puiry (1).

« No rio Uaupés (cachoeira Iauarité), nas Lages (Rio Negro) e no rio Urubú existem tambem inscripções, de que o naturalista brasileiro citado (hoje Director do Jardim Botanico do Rio de Janeiro) affirma possuir copias authenticas. »

Algumas das inscripções de Santa Rita do Puiry e de Itarendaua foram photographadas e outras copiadas pelos exploradores italianos Conde Ermano de Stradelli e Camillo Vedani.

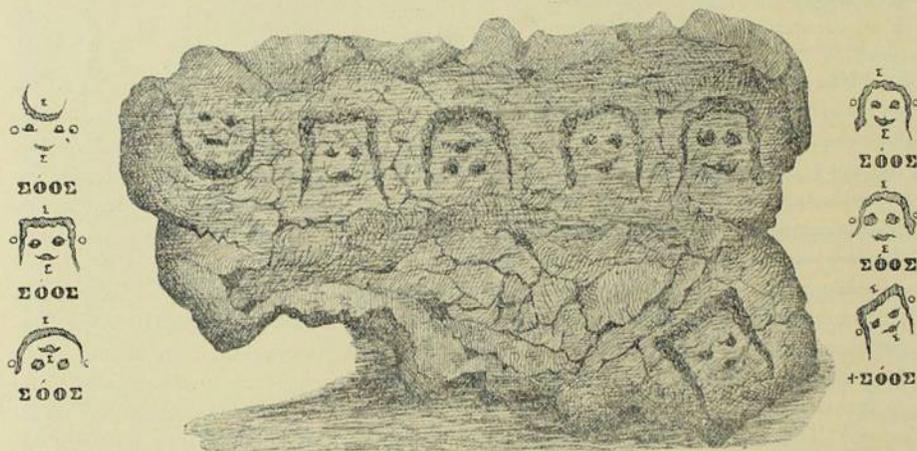



Fig. 21 — Blóco com gravuras, Rio Urubú (Macuará) (2)

« Povos prehistoricos da Amazonia teriam alli esculpido essas imagens e symbolos, que merecem ser estudados, mesmo porque ha quem conteste a vetustez de semelhantes inscripções. (3)

Tanto nos Estados brasileiros do extremo norte, como no Perú, Colombia, Guyanas, são bem frequentes, aliás, essas inscripções e imagens sobre rochas; e nellas se nota uma certa falta de uniformidade, explicavel pela rudimentar cultura artistica desses povos de raça primitiva.

O explorador inglez Sir Roberto H. Schombourgh encontrou identicas inscripções lapidares e ornatos de figuras symbolicas em alguns pontos das serras divisorias do Brasil com a Guyana Ingleza, no Tacutú, no rochedo do Essequibo, na montanha da Lua, etc.

Na serra do Ereré, o naturalista Dr. João Martins da Silva Coutinho encontrou uma imagem do Sol (reminiscencia de civilização peruviana dos Incas), que elle mutilou,

(1) Deste assumpto trataremos, por nossa vez, em seu tempo.

(2) Forma Att.: são e salvo, *Gloss.* arrojo, elevação do espirito, *fig.* liberdade, augmento, etc.

(3) Aliás, veja-se a fig. 849. A sua interpretação, soluvel á controversia.

querendo destacal-a do rochedo, onde estava insculpida; e desastre igual aconteceu depois ao referido Schomburgh, no Essequibo.» (1)

« Silva Coutinho achava-se então no Norte, em companhia do Sr. Dr. Guilherme Schuch de Capanema (hoje Barão de Capanema), fazendo parte da secção geologica da grande Commissão Scientifica Brasileira de 1857, organizada pelo Governo Imperial, por iniciativa do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro.»

« Mesmo na éra colonial surgem achados archeologicos.»

« Para confirmar a asserção, lembraremos que, durante o dominio hollandez, em Pernambuco, tendo o Conde João Mauricio de Nassau despachado do Recife (*Mauritzstadt*) ao sabio flamengo Elias Herckmann (1641), para ir pelo sertão a dentro em busca

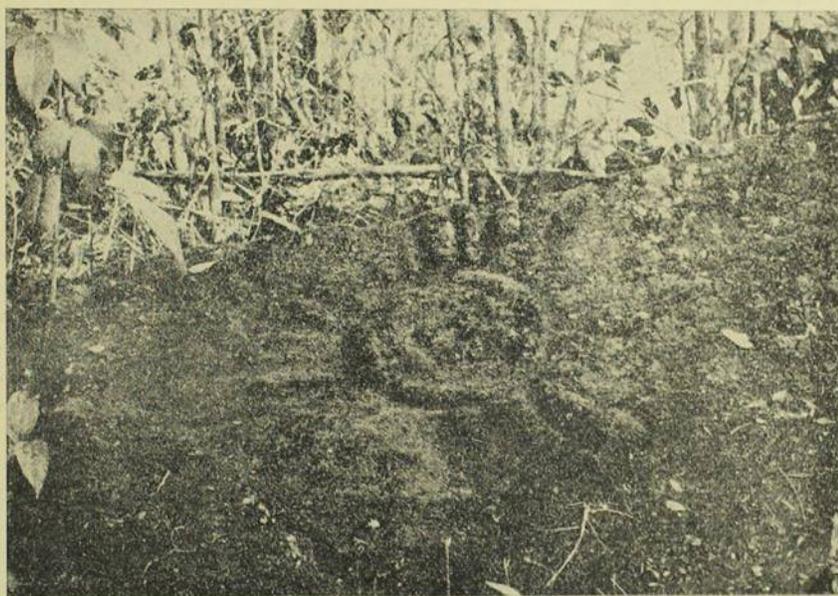



Fig. 22 — Gravura no cume da Serra Escama (Obidos)

de minas de metaes preciosos, em vez de taes thesouros, o que Herckmann encontrou foram vestigios de um *povo prehistorico*, cujas tradições já eram perdidas entre os selvagens daquellas bandas.»

« Consistiam taes vestigios em monumentos *megalithicos* do periodo da pedra polida; grandes pedras arredondadas por mão humana, de 16 pés de diametro e grande altura, empilhadas, umas sobre outras; e algumas pedras talhadas em fórma de altares, que o historiador Gaspar Barlaeus (Van Baerle) compara aos monumentos neolithicos de Drent, na Belgica, como se póde vêr da obra latina de Barlaeus: *Rerum per oclemnium in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura Mauritii Nassovi Comitis, historia Amstelo*

(1) A proposito dessa divindade Phenicia, reproduzimos a gravura sobre uma rocha, no cume da serra da Escama, perto de Obidos (face oriental ao Levante, tendo 0m,30 de diametro o grande circulo). *Ann. de Geog.* n. 61, t. XII, pl. 5, 1903 — *Le Bas Amazone, par* P. le Cointe Paris.

dami, 1647, ps. 217 e 218 do texto latino, da impressão de F. Cleve, em 1660 (Amsterdão).»

« Os indios Potyguaras que acompanharam Elias Herckmann não deram noticia de que tribu alguma costumasse erigir semelhantes monumentos, que, sem duvida, pertenceram a algum outro povo senhor do paiz e anterior á actual raça selvagem, diz Robert Southey (1).»

« Na comarca de Flores (Estado de Pernambuco) existiam "duas bellissimas pyramides de granito, com 148 a 150 palmos de altura cada uma", no lugar chamado Pedra Bonita, a 6 leguas do sitio Belém: "e dessas duas pyramides immensas de pedra massiça, de côr ferrea e de fórma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra, defronte uma da outra, elevam-se sempre á mesma distancia, guardando grande semelhança com as torres de uma vasta matriz a uma altura de 33 metros approximadamente", vem uma linda estampa ou desenho do natural pelo Padre Francisco J. Corrêa de Albuquerque (1833) no n. 60 (Dezembro 1903) da *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.*»

« Não será essa Pedra Bonita — onde o fanatismo creou o celebre "Reino Encantado" da comarca de Villa Bella em 1838 — o mais notavel vestigio dos monumentos a que se referia Herckmann, o naturalista hollandez, em 1641?»

« Na Revista citada, ps. 249-261, appareceu a traducção portugueza, feita pelo Sr. Dr. J. Bap. Regueira Costa, de um excellente estudo publicado nos Estados Unidos no *American Naturalist*, de Philadelphia, pelo professor John C. Branner, sob o titulo *Inscripções em rochedos do Brasil.* O professor Branner illustra o seu trabalho com desenhos originaes de varias figuras e inscripções por elle achadas em Cacimba-Cercada e no Rio da Pedra Pintada, em Pernambuco; nas pedras de Sant'Anna (Estado de Alagoas); e remata o seu escripto de 1884 enumerando varias outras inscripções no Brasil, referidas nas obras do *captain* Richard Burton, do Rev. Koster, do Dr. João Severiano da Fonseca.»

Transcrevemos aqui estas eloquentes palavras do prof. Branner:

« Seria muito para desejar que as inscripções e pinturas indianas dos rochedos do Brasil fossem cuidadosamente desenhadas ou photographadas, o mais breve possivel; porque, expostas, como estão, aos elementos, e não sendo objecto de um cuidado especial, cada anno, que se passe, as tornará menos distinctas, e si não forem preservadas por esse ou por qualquer outro meio, com ellas desapparecerá a ultima esperança, que alimentamos, de conhecer a vida dos habitantes prehistoricos do Brasil.»

« O facto de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudes *glyphos* deve ser um incentivo para sua compilação e estudo. "Na verdade, ainda poderemos procurar a sua interpretação, reunindo os anneis dessa cadeia que prende a civilização de hoje á dos seculos sepultados agora nas trévas" (Rev. cit., p. 259).»

Hoje, porém, que a grande numero dessas inscripções peculiares ao Amazonas, a varios Estados do Brasil e outros paizes, damos uma interpretação tal, como justificamos, passarão a merecer outras attenções, e não faltarão criticas justas e até mesmo insensatas sobre nosso modo de interpretar essas lembranças archeologicas, que desafiaram, com effeito, os entendidos durante muitos seculos.

Occorre-nos, pois, o dever de resumir o que fôr possivel sobre o assumpto, pró e contra, proporcionando assim uma interpretação propria e judiciosa. A these importa-nos em

(1) Vol. 4º, ps. 417-18, da *Hist. do Brasil* (trad. Dr. Luiz J. de Oliveira e Castro, ed. de 1862, Rio de Janeiro).

todas as suas phases que mereça encaral-a, e principalmente no que respeita á nossa prehistoria Amazonense, já por si, da mais alta relevancia.

Releve-se-nos o modo de vêr; se permanecemos em erro, virão em nosso auxilio os competentes, porque a causa não nos pertence e sim a todos, e a todos cumpre nella colaborar, para simplifical-a ou reduzil-a ao que ha de real, e outro não é o nosso intento.

Onde, pois, outras provas ou systema de documentação, num assumpto arido e numa região como a nossa completamente esquecida dos homens da sciencia ?

O historiographo Rocha Pombo é o primeiro a reconhecer que no nosso paiz tudo está por fazer nesta ordem de investigações. Ao que particularmente nos importa, notamos com justiça, ao que sabemos, os valiosos esforços de Barbosa Rodrigues, um dos

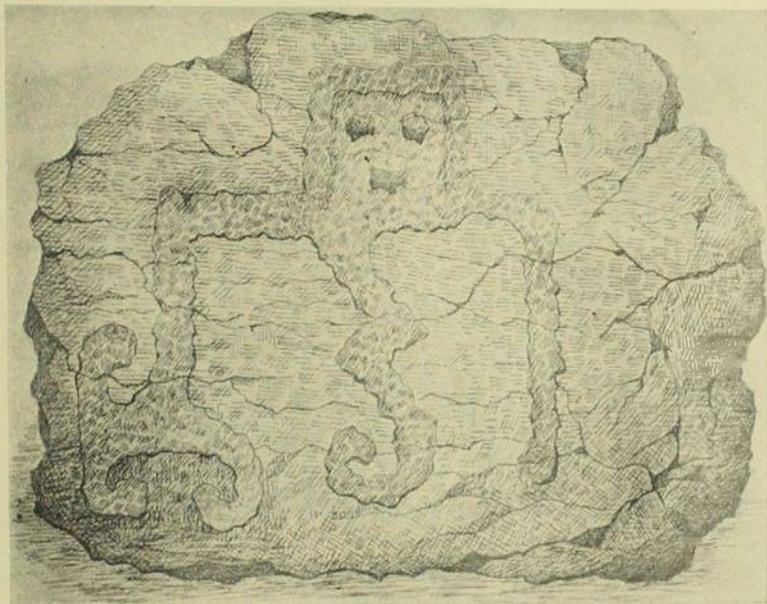



Fig. 23 — 1G — Divindade Phenicia, gravura no Rio Urubú (Macuará)

unicos que na archeologia nos deu um valioso contingente com o seu *Muyrakytã* e excavações de *Miracãuera*.

Não fallemos já sobre outros conhecimentos, como o anthropologico e ethnologico cujos exemplares parece mais haver prazer e porfia em fazel-os figurar nos museus extrangeiros, que no nosso particularmente, como desde muito já deveriamos ter.

O mesmo desapego com certa ordem de preciosidades vinha acontecendo no Egypto, até que, por um rasgo patriotico, o seu Governo pôz termo a tão deprimente praxe, prohibindo com rigor a sahida desses exemplares, a menos que não fossem julgados insignificantes por uma commissão fiscal competente.

Nem siquer nos tem servido de incentivo o apparecimento de homens de nacionalidades extrangeiras, que, subsidiados por associações scientificas, de quando em vêz,

lhes facultamos com amplitude a nossa região e da qual conduzem as melhores preciosidades.

No nosso caso — Tradições e Inscripções — é com effeito desolador o que se dá: os nossos colonizadores resumiram o seu legado ao que descrevemos com pezar. Os poucos documentos aos quaes nos poderiamos reportar já o fizemos na sua insignificancia, mas de nenhuma só palavra ou tradição, transviada embora, se deduz em indicios de povos desapparecidos, anteriores ás suas conquistas !. . .

São mudas as suas narrativas neste ponto, mais que as inscripções. Destas tiramos conclusões hypotheticas ou concludentes, mas do seu mutismo ? . . . apenas a ancia de predominio e absolutismo; certo, porém, é que em nada offuscaria a importancia e o brilho de seus grandes e valorosos feitos, si fosse respeitada a verdade historica, visto que seculos se antepunham a mediar o exterminio daquelles que os precederam. O ganho de causa seria o mesmo; essa verdade historica ficaria assignalada, com muitos louvores, ainda assim para os conquistadores.

Com referencia a Inscripções, não menos justo é nosso pezar. Essa ordem de documentação é a que nos resta ainda e em vias de completo desapparecimento, como já dissemos. Della nos servimos para o nosso modesto trabalho, desenhando e photographando as inscripções que ainda a isso se prestam, emquanto muitas dellas tiveram fim singularissimo. O deslocamento dos blócos transviou-as, partiu-as e arrojou-as mesmo á profundidade das aguas; outras tiveram de ceder á acção do tempo, apagaram-se.

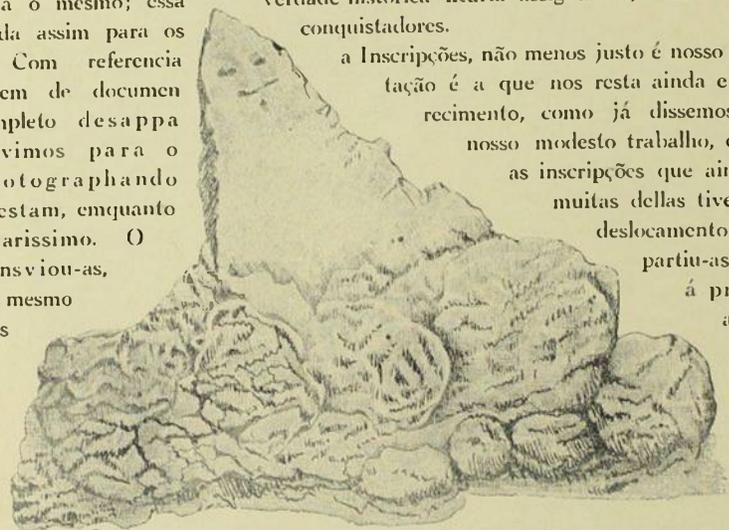



Fig. 24 — Ao lado direito da fóz do Rio Uatumã

Mas, si é exacto, como se diz acharem-se archivados por grande numero de competentes os respectivos desenhos etc., ha longos annos no Museu Nacional, para serem decifrados, nem tudo está perdido.

Ao nosso Governo, entretanto, fazemos justo appello, para resolver sobre a conservação desse genero unico e valioso de provas que nos resta.

A França tem o seu Congresso de Inscripções, como alguns outros paizes. Até 1838 conheciam-se 74 inscripções phenicias, punicas ou lybicas reproduzidas e interpretadas na obra de Genesio [1], mas, desde então até hoje, esse numero tem mais do que duplicado e ante as inscripções descobertas ultimamente cita-se como mais importante uma, achada em Marselha, aliás no anno de 1884, e que é a mais extensa de todas as que se conhecem. »

Aqui contamos 2.100 inscripções gregas e phenicias, por emquanto, além de outras, cujas decifrações ora levamos a effeito. Uma singularidade torna-se digna de reparo: é

---

(1) *Scriptura lingua que Phoeniciæ monumento* — Leipzig.

que na região comprehendida da Necropole ou Miracãuera até o Uatumã não se nota outra ordem de inscripção a não ser nestes dois caracteres, com excepção de uma em Arabe, ao passo que nas das Lages, predominando ambos, encontram-se outras em Chinez e Arabe, sendo o Grego o de Inscripção e paleographico, como, finalmente, em hieroglypho.

Isto faz-nos suppôr que os filhos de Ig formavam uma emigração que alli se localizou e tomaram com effeito dominio da região referida, communicando-se mesmo pelo Rio Urubú com as hoje Guyanas Hollandeza e Ingleza, si este trajecto não fôra mesmo uma de suas primitivas rotas; emquanto aos outros, teriam tomado outros itinerarios.

Estas emigrações, que se succederam, poderiam tomar cada uma localização differente, porque vasta se lhe offerecia a região. O que é fora de duvida é que as principaes ou as mais numerosas fôram as estabelecidas naquella primeira região, conforme se evidencia de seguras tradições lapidares (1), seguindo-se as do Rio Negro, etc.

Attribuir a authenticidade das inscripções a outrem que não a este povo, será um tanto difficil, como, mais ainda, a das muitas que se deduzem da ceramica soterrada. Ninguem tomaria a si, como passa-tempo, fabrical-a e muito menos depositar nas urnas funerarias em numero consideravel fragmentos humanos, si bem fosse este systema originario de costumes desapparecidos com a extincção desta primitiva raça, mas seguidos pelos seus descendentes. Uma outra circumstancia não podemos negar: é a impassibilidade extrema do indio, o que lhe dá uma semelhança á proverbial paciencia caracteristica dos asiaticos, e que muitos querem confundir com indolencia ou preguiça.

E, com effeito, a delicada execução dessa ceramica representa um esforço supremo nesta razão, como provaremos no capitulo competente.

Deste modo, demonstramos a aridez ou a falta de documentos, a não ser as inscripções e tradições necessarias, para comprovarmos o assumpto questionado, e o motivo que nos induz a recorrermos a outros mais elevados, os da prehistoria americana, dos quaes deduzimos suas demonstrações e transcripções. É sabido, entretanto, que milhares de pessoas, a quem vem interessando o nosso caso, não estão em condições, não só de possuir as obras de tantos autores, que apenas nos valia citar, muitas vezes raras e caras, como não lhes é facultado traduzir o francez ou inglez, em cujas linguas invariavelmente estão escriptas.

Fig. 25 — Baal como Deus do Sol

A nossa propria Historia do Brasil — de Rocha Pombo, apesar de escripta em lingua vernacula, não está ao alcance de todos.

Sendo, portanto, de nosso intuito vulgarizar o presente assumpto, de modo a não perdermos contingentes dispersos em nossos vastos Estados, onde muito existe ainda ignorado, nos perdoarão os entendidos em transcripções as que lhes possam ser sediças, no proposito justificado de as proporcionarmos aos menos cultos.

(1) A fig. 83, de Aybú, dá-nos a curiosa inscripção do marco de limites provavelmente entre phenicios e gregos na região do Rio Urubú.

Com relação á controversia do diadema ou resplendor com que está ornamentada a gravura de Puiry, no Rio Negro, não deve, a nosso ver, offerecer duvida a sua vetustez, porque Baal, como deus do sol, encontra-se tambem esculpido na alta antiguidade phenicia em identica fórma (fig. 25), gravura que reproduzimos da fl. 295 da *Historia Universal* de Guilherme Oncken. Do mesmo modo Astarté, a rainha do Céo — a Lua — que é figurada de varias fórmas; uma dellas deduz-se da gravura á fl. 327 da obra citada (fig. 26).

*

Proseguiremos finalmente minuciosos em nossa these, Inscripções Lapidares, como tambem sobre numerosos emblemas gravados em productos de ceramica subterrados, os quaes têm sido recolhidos por varios viajantes estudiosos.

Fig. 26 — Astarté

«O Dr. John C. Branner, por exemplo, em 1884, publicou em uma revista de Philadelphia (a *American Naturalist*) a relação de uma viagem pelo interior de Pernambuco (1), onde teve occasião de visitar "os sitios mais convenientes e reproduzir, com todo o cuidado, alguns signos que encontrou em rochedos". Segundo as copias feitas pelo Dr. Branner, verifica-se que muitos dos symbolos registrados têm alguma semelhança com outros que figuram no trabalho do Dr. Ladislau Netto, notando-se que os desenhos são mais imperfeitos e grosseiros. O Dr. Branner, como é natural, sentiu o mais vivo interesse por documentos de semelhante natureza, tão preciosos para a reconstituição da nossa prehistoria (2).»

«O Dr. Hartt já havia estudado vestigios da mesma ordem no Ereré e em outros pontos do baixo Amazonas; e, além de artigos em revistas européas e norte-americanas, publicou, sob o titulo de *Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas* (e no vol. VI, dos *Archivos do Museu Nacional*), uma vasta e importantissima monographia, onde encontramos dados profusos e ponderosas considerações sobre os nossos aborigenes. Com o seu grande espirito e a sua profunda visão de sabio, o Dr. Hartt comprehendeu logo quão preciosos são os mananciaes que para a archeologia americana se reservam nos numerosos *mounds* daquellas regiões. Quantos tiverem de estudar a nossa prehistoria nunca poderão prescindir de uma consulta demorada dos trabalhos do infatigavel professor.»

---

(1) Esse importante trabalho foi traduzido pelo Dr. João Baptista R. da Costa e publicado, sob o titulo de *Inscripções em rochedos do Brasil*, no t. XI da *Rev. do Inst. Arch. e Geog. de Pernambuco*.

(2) Veja-se as *Inscripções de Aguas-Bellas*, em o II volume.

CAPITULO III

Itacoatiara: suas importantes Inscripções Lapidares (1)

VAMOS prestar a devida homenagem ao centro archeologico Amazonense, predestinado a consagrar as nossas origens prehistoricas.

Eis uma das previlegiadas regiões para onde convergiram, nessa remota antiguidade, povos que de longe, sulcando mares encapellados, foram conduzidos por leves e bonançosos ventos desse deus protector dos maritimos e imigrantes.

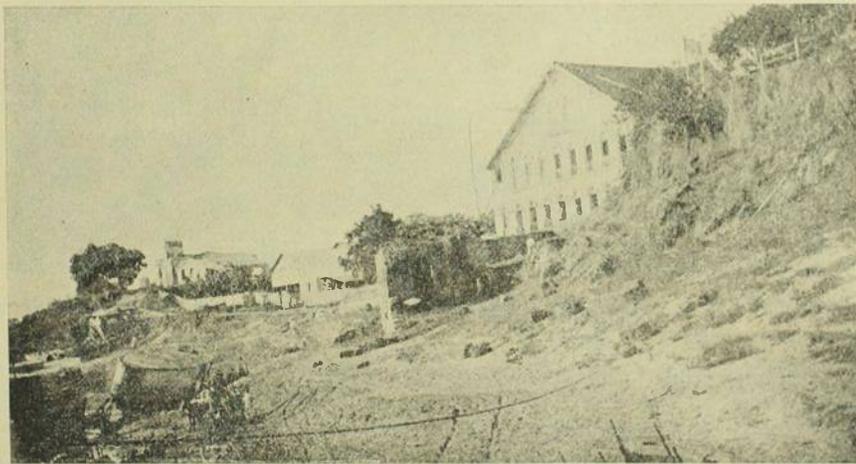



Fig. 27 — Vista de uma parte da cidade de Itacoatiara (Amazonas)

Será aqui, com effeito, dada a hypothese de que não falhem nossas investigações, que se commemorarão as prehistoricas inscripções phenicias e gregas, ora por nós interpretadas.

---

(1) Falla-nos de Itacoatiara, em seu precioso Diario de Viagem da Capitania do Rio Negro, Francisco Xavier R. de Sampaio, á p. 4, §§ IX e X (1774-1775), haver aportado a esta villa de Serpa, situada na margem meridional do Amazonas. "Fica

Ellas ahi estão desde seculos, carcomidas, partidas e consumidas pelos elementos, mas relatando ainda com expressão a origem dessa geração, reveladora dum passado que alcança as paginas da velha historia do mundo e como que prefaciando uma outra, para nós até então desconhecida.

As inscripções de Itacoatiara e suas regiões não nos ditam apenas uma tradição valiosa, ellas transmittem-nos muito mais — um hymno de uma nova alvorada, inspirado por um povo que aqui aportou, nesses passados seculos, e tomou posse ou dominio desta pro-

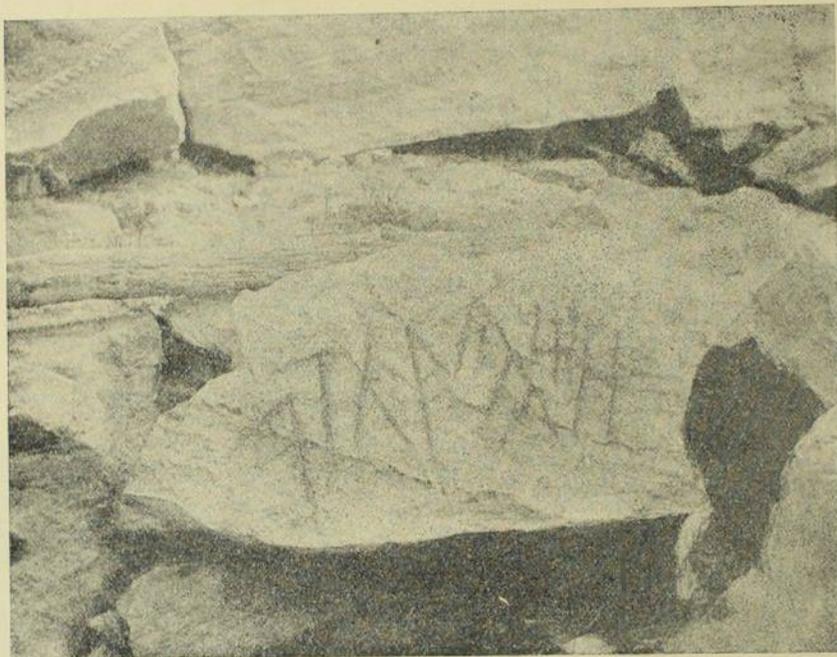



Fig. 28 — Inscripção ao lado de baixo da cidade de Itacoatiara (1)

digiosa região, povo cujos feitos vinham sendo sepultados no mais inexplicavel e mysterioso esquecimento.

---

em uma planicie, diz elle, a terra muito elevada ao rio; a praça é vistosa e forma um parallelogrammo: seria em tudo completa se, assim como é abundante em pesca, a praga da formiga não destruisse as plantações e roças. O primeiro nome desta Villa era Itacoatiara, isto é, pedra pintada, por causa das pedras, que se acham na sua ribeira, desenhadas com varias figuras.

Formou-se esta povoação da de Abacaxis (anteriormente Aturiá), que para este logar se mudou, tendo antes estado situada á margem oriental do Madeira (Amatary). As nações de Indios, que actualmente a habitam, são pela maior parte Sará, Bari, Anicaré, Aponariá, Tururi, Urupá, Juma, Juqui, Curunaxiá e Pariqui. Os Pariquis são descidos novamente das margens do rio, Uatumã: são de bella presença. Uma das suas modas, ou idéas de perfeição corporal, é um circulo largo de tres dedos em ambas as pernas, formado da cutis feita mais alva que a cor ordinaria do corpo, por meio de uma ligadura de que usa um e outro sexo. Foi esta povoação erecta em Villa pelo primeiro Governador desta Capitania, Joaquim de Mello e Povoas ».

É certo tambem, dizemos nós, que a Freguesia de Serpa foi elevada á cathegoria de Villa pela Lei de 10 de Dezembro de 1857; á de Cidade á com a denominação de Itacoatiara, pela de 25 de Maio de 1874 e á de Comarca, finalmente, pela de n. 341, de 26 de Abril de 1876, sendo esta inaugurada a 11 de Setembro, pelo Juiz de Direito, depois Desembargador aposentado, Dr. Felippe Honorato da Cunha Meninéa, de saudosa memoria.

(1) Achando-se em posição difficil de photographar esta inscripção, foi necessario reproduzil-a para este fim, a outra pedra proxima.

Apesar porém, desses mediaveis seculos, pouco a pouco, foram-se encadeando idéas, já pela ceramica soterrada, objectos varios encontrados, já pelas vagas tradições, até que, finalmente, póde-se hoje dar como resolvido o problema, que representa uma serie de esforços de alguns investigadores pacientes.

Essas inscripções, que tantas referencias mereceram por parte de notaveis historiadores, naturalistas e archeologos, não passavam de simples conjecturas, sem solução positiva por conseguinte.

Não seremos nós, simples amador, o competente para resolver com fiel exactidão tão difficil problema, encarando-o por qualquer prisma scientifico; nosso modesto intento não passa de méro esforço de curiosidade, passivel, como tal, da mais justa indulgencia.

É-nos entretanto agradavel demonstrar nas seguintes inscripções o predominio de

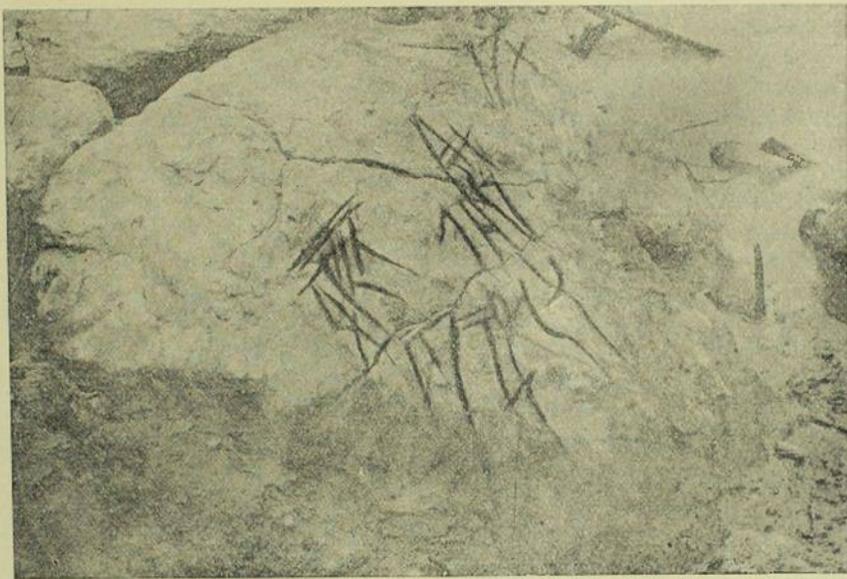



Fig. 29 — Inscripção ao lado de baixo da cidade de Itacoatiara

caracteres phenicios, cujas decifrações, auxiliadas pelos dos hebreus, conseguimos levar a effeito, não sem certa difficuldade. Por um lado, foi preciso attender á desobstrucção da parte mais delicada das letras, em confusão com as asperidades e fendas do blóco, tudo occasionado pela acção do tempo, e por outro, o deslocamento dos referidos blócos, como das figs. 27 a 30, que cederam ao impulso violento das correntes do rio Amazonas, além da imprevidente retirada de pedras do local, destinadas a construcções diversas.

Para esta solução, tivemos ainda em vista "trabalhos deste genero levados a effeito no Mexico, ao norte do continente Americano e em diversas partes dos Estados Unidos, onde se tem descoberto, nesta ordem de investigações, monumentos epigraphicos de uma authenticidade real, nos quaes as inscripções são em caracteres phenicios, concorrendo tambem, ás vezes, um mixto de alphabetos sidonienses ou *cadmeen*, da ilha de Thera, da Cyrenaica e mesmo caracteres *companiens* e punicos".

Servimo-nos, para este fim, especialmente dos alphabetos phenicios, cujos caracteres constam das medalhas da época dos Principes *Achimenides* e do organizado por Ch. Seignobos ([1]) e tantos outros. A proposito deste alphabeto, diz este historiador:

«Desde longo tempo os Egypcios e os Assyrios sabiam escrever, porém de modo muito complicado, significando cada letra, ora uma syllaba, ora uma palavra inteira.

Os Phenicios tinham necessidade, para os effeitos do seu commercio, duma escriptura muito simplificada. Escolheram provavelmente entre as letras egypcias 22 signos, os quaes exprimissem apenas um som; é o que se chama alphabeto. Todos os povos do mundo adoptaram-n'o, alterando um pouco a fórma das letras.

O phenicio escreve-se da direita para esquerda e do mesmo modo o hebreu, o syriaco e o arabe.

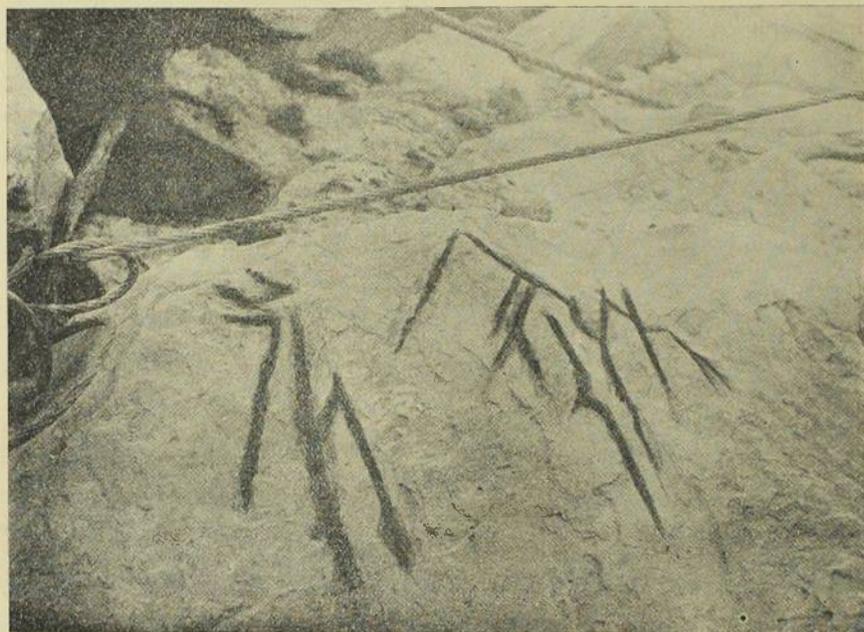



Fig. 30 — Incripção ao lado de baixo da cidade de Itacoatiara

Os Gregos, ao contrario, da esquerda para a direita e este systema, adoptado pelos Latinos, passou aos povos christãos.

Do alphabeto phenicio derivam-se todos os outros alphabetos iberos (de Hespanha) e talvez mesmo o sanscripto da India, e a escriptura sagrada dos povos pagãos que habitam a Allemanha e a Noruega.»

Para melhor simplificar a interpretação destas inscripções, tomamos o alvitre de figural-as com os caracteres destacados dos blócos, systema em que foram executados, com algumas letras mesmo invertidas. Dando assim uma fórma mais comprehensiva aos mesmos caracteres, fazemol-os acompanhar das do nosso alphabeto. A suppressão das vogaes era estylo seguido nas inscripções phenicias, salvo em determinados casos.

(1) *Hist. des Anciens Peuples de l'Orient.*

Resumidas, assim, as inscripções dos quatro blócos, resulta a interpretação final bem comprehensiva.

O ultimo blóco, o maior e mais possante, não encontrando resistencia no sólo, pouco consistente, damnificado pela impetuosa corrente do rio Amazonas, afunda-se de dia a dia, tendo sido preciso escavar uma bôa parte no momento de photographal-o. Muito será de desejar que, no correr do tempo, persista em posição estavel, de modo a se poder apreciar o seu valor epigraphico, sendo de notar a singular vantagem do desenvolvido tamanho dos caracteres, com quanto muitos deformados pela erosão.

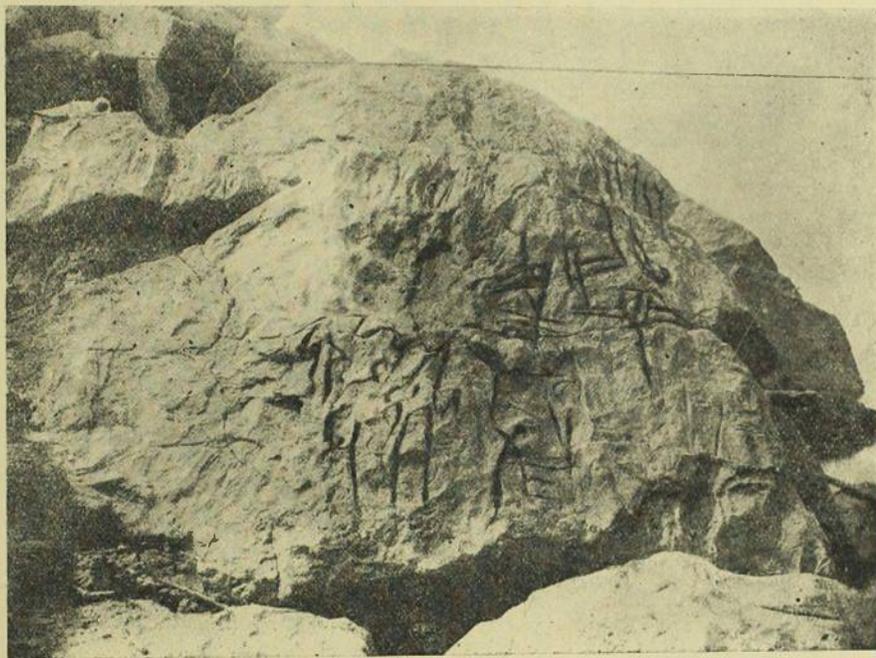



Fig. 31 — Inscripção no lado de baixo da cidade de Itacoatiara

Este deslocamento acontece com alguns blócos do mesmo local, aliás tão celebre em nosso periodo prehistorico, do qual ora nos occupamos com toda dedicação.

O espirito admiravel de Branner já havia penetrado sobre a necessidade de photographar esses elementos unicos que nos restam para encadearmos os tempos envoltos nas trevas aos nossos felizes dias de progresso.

Eis, pois, a norma por nós idealizada para simplificadamente darmos a nossa interpretação:

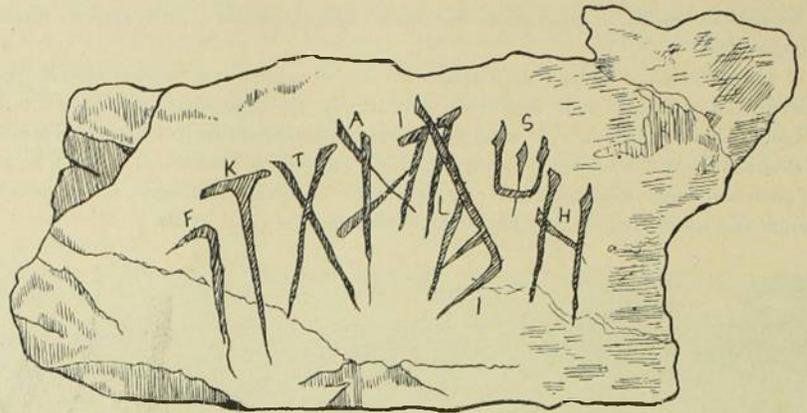
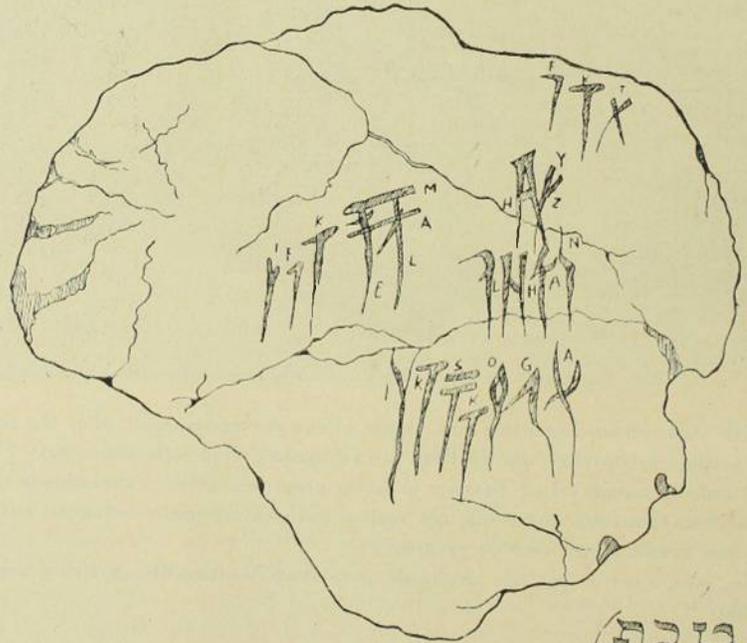



Fig. 32

חשי ליאט כת

FK TAIL ISH

Fig. 33

(טכת)
F K T

יזח כילא כתי כחל חכח חשזי

IKSK OGA LHAN IFK ELAM H.ZI.

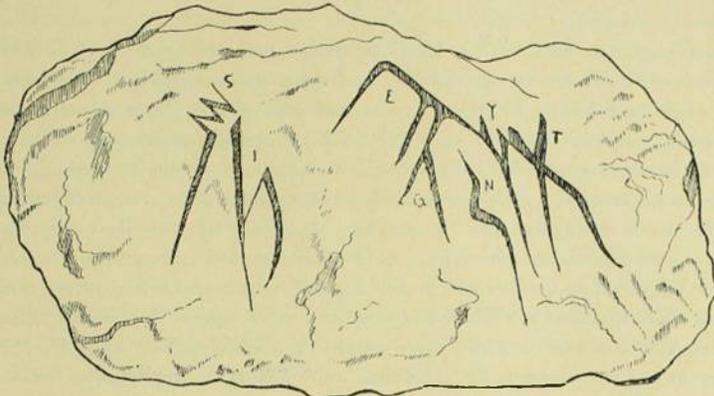



Fig. 34

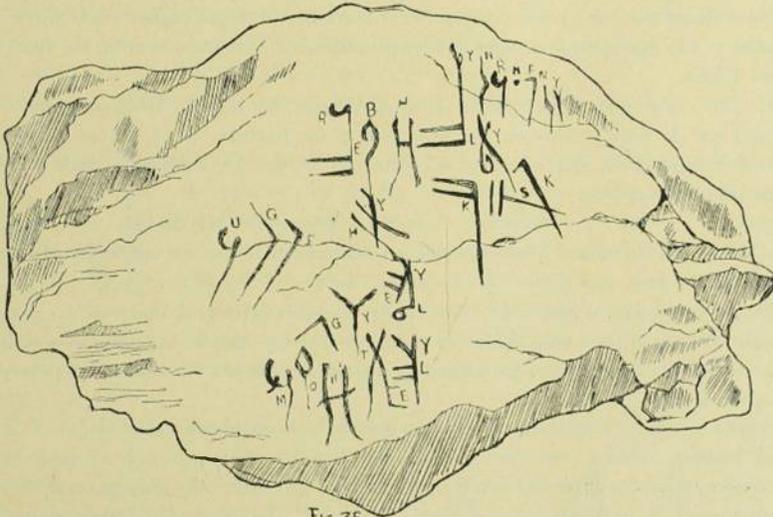



Fig. 35

"JURAMOS AQUI REUNIDOS EM GRANDE NUMERO, AQUI TOMAMOS POSSE, EXPULSOS DAS DELICIAS A TINGIS, SALVOS DOS FILHOS DE HEBER.
EM DELICIAS ENTRAMOS NÓS, FILHOS DE IG E DE TEHOM" *(isto é, do vento e do mar)*.

*

A significação da palavra IG, IK, EG, damos mais adiante, "e a de THEÔM ou TEHÔM, é o MAR, no assyrio YAMU e — mais ordinariamente — TIHAMTI".

« No hebreu YAM e TEHÔM, sendo que esta ultima designa poeticamente — O MAR — em o primeiro capitulo do GENESIS, o abysmo primordial » [1].

Comprehendida a paridade do valor dos caracteres phenicios com algumas differenças dos do hebreu, eis a razão porque estes nos serviram para interpretar aquelles, convindo notar ainda a singularidade de que uma só letra é figurada de varias fórmas.

Além destes alphabetos phenicios, ainda conhecemos o representado ou reproduzido na Historia Universal de Guilherme Oncken á p. 398, como o primitivo talvez dos hebreus, cujos caracteres têm uma affinidade extrema com estes, apesar de muitas falhas.

Quatro são os blocos de pedra roseo-escuro de grande rigidez, figs. 27, 28, 29 e 30, nos quaes incontestavelmente foi esculpida uma das mais importantes inscripções de alto valor prehistorico. Ella está ligada pelo mesmo assumpto, como demonstramos pelas respectivas gravuras.

Referida inscripção relaciona-se, pelo que dá a entender, ao facto da expulsão dos Cananeos (phenicianos) por Josué em 1490, A. de C. ou o de Salmanazar em 750. Bem se póde deduzir que uma parte desse povo transviou-se á nossa região, mais tarde mesmo ou então o das successivas emigrações opprimidas, ou voluntariamente, de que trata a propria Biblia.

É certo que encaminhavam-se principalmente ao litoral Africano, sendo Tinges (Tanger) um de seus pontos de desembarque e de partida, para outras regiões, facto historico comprovado, que citamos em principio e ora se evidencia deste vehemente testemunho epigraphico.

Quanto a — IG —, a divindade invocada, sabemos: "Na decima ordem do calendario Mexicano, do mundo astronomico ou atmospherico, se encontra IK, IG ou EG, ser symbolico, genio ou divindade do sopro, do ar, do vento [2].

Era, sem duvida, o genio do bom vento, o sopro favoravel dos ventos alisios, que conduzia os emigrantes a seus destinos: eis porque Votan elevou um templo a esta divindade, no Valle de Huéhuétan, e a legenda diz que este templo foi construido pela pujança do sopro de IK."

« Esta legenda tzendal está explicada pelo hebreu ou phenicio הגה *éghé*, הגה *ighé* ou *igh* suspiro, anhelos, murmurio, cujas significações são: respiração, sopro, vento ligeiro e doce; de outro modo diz Zephyr, IK, ou IG — é o sopro do alto, que conduz o navio do emigrante. Temos um outro termo היכל *ikâl* "templo, edificio eminente aereo": é uma approximação singular com IK, a divindade atmospherica e o templo que foi elevado em sua honra por Votan. Sua fundação tinha um caracter phenicio; pois que os Phenicios rendiam um culto ao vento; o sopro atmospherico, em sua cosmogonia, apparece como Creador da Terra: assim, é certo este principio religioso remontar á creação do Mundo, no qual o culto de IK ou IG foi fundado.

No Genesis dos Phenicios, transmittido por Sankhoniaton e Eusebio, é dito que o Sopro, unindo-se ao Chaos, formou o limo, de onde sahiram os reptis etc.; é assim que,

---

(1) *La Biblie et les decouvertes modernes en Palestine, en Egypte et en Assyrie*, par F. Vigouroux, tom. I, p. 540, sixieme edition. Paris, 1896.

(2) *Les Pheniciens à l'Ile d'Haiti et sur le Continent Americain*, par Onffroy de Thoron.

desde a origem dos seres, a serpente foi a primeira a ser objecto de um culto. Votan, symbolizando a emigração phenicia, pela serpente, nos lembra o Sidonien Cadmus, que foi fundar entre os Gregos a primeira colonia e casou-se com Hermione; mas os oraculos tendo-lhe declarado que sua posteridade estava condemnada ás maiores desgraças, para não vel-as, elle e Hermione metamorphosearam-se em serpentes e emigraram. . .»

Esta inscripção, portanto, que reputamos ser uma das mais valiosas, prescinde de mais considerações, além das já expendidas em outra ordem de argumentos, que a attingem, quanto ao seu real merecimento prehistorico.

*

A fig. 17 representa ainda um grande blóco de pedra roseo-escuro, de positiva rigidez, do qual destacamos duas inscripções: a do alto é incontestavelmente a mais preciosa e á qual votamos a maxima importancia, emquanto a outra é recente.

Fig. 36

Embora preservada por soffrivel profundidade dos caracteres phenicios com que fôra gravada, não escapou todavia a visivel alteração ou inconsciente profanação, procurando-se subordinal-a á data 1754, da gravura abaixo, ficando o 5 grosseiramente prejudicado. A mais ligeira observação sobre o desenho, ou o mais leve exame do proprio original, como tivemos occasião de fazer, constata o nosso modo de ver.

Para melhor elucidação desta asserção, vamos fazer um breve estudo demonstrativo da referida inscripção, reproduzindo-a na fig. 36, como primitivamente deveria ser sua disposição:

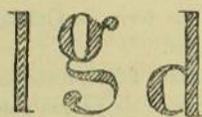



Fig. 37

Trata-se de um anagramma formado por tres caracteres phenicios correspondentes ás letras latinas (fig. 37.)

Analysando as letras quanto ao seu valor ou som e servindo-nos da que se acha collocada ao centro, ligando-a á da esquerda, teremos uma palavra distincta e outro tanto alcançaremos fazendo o mesmo á da direita.

Para este fim, adaptaremos a cada letra do *cliché* de inscripção phenicia a letra latina correspondente aos respectivos caracteres; para facilitar a exactidão da nossa traducção, faremos, como temos praticado, uso dos caracteres hebreus, afim de darmos ás palavras seu valor e sua pronuncia, tal como se acham no diccionario do sabio Gesenius (fig. 38.)

GAL RUINA — L G D G — GAD FORTUNA

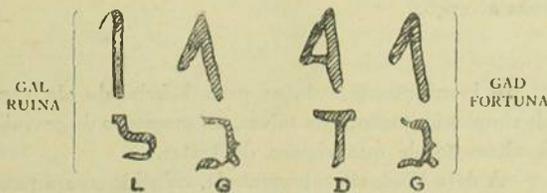



Fig. 38

Assim teremos a primeira palavra — GAD —, formada de duas consoantes g, d —: a primeira é un g, e a segunda é — d —, ambas de Théra; a outra palavra — gal —, formada de duas letras, da qual a primeira é um — g — de Théra, e a segunda — l —, phenicio primitivo.

— Gad — é uma divindade pagã de que se faz menção em alguns logares da Escriptura: "Vós, que haveis abandonado o Senhor, e que erguestes um altar a Gad e fazeis libações em honra de Méni". Neste trecho de Isaias a palavra Gad significa Fortuna: *Qui ponitis fortunae mensam* (65, II), foi assim que traduzio S. Jeronymo.

Gad é tambem o nome de um dos filhos de Jacob, pertencente a uma das 12 tribus de Israel; é o nome de um Propheta, amigo de David, a quem acompanhou durante todos os infortunios causados por Saul. Apenas este principe havia feito o alistamento do seu povo, o Senhor enviou-lhe Gad para propor-lhe a escolha entre os tres flagellos: a guerra, a peste ou a fome. Gad escreveu todos os acontecimentos passados durante o governo de David, e o livro que isto contém é citado no Paralypomeno; Gad é uma cidade da Palestina, pertencente á tribu daquelle nome, da qual foram oriundos muitos homens de extremado valor, que seguiram o partido de David. Esta cidade está hoje totalmente em ruinas, apenas forma uma villa com o nome de Niphas.

Ha todas as apparencias ainda de que Gad significa o Sol, e Meni a Lua.

O Sol era o Deus da Fortuna, assim como a Lua. Estes dois astros eram considerados como principes felizes e bemfeitores; acreditavam que os nascidos sob a influencia d'algum destes astros gosavam constante prosperidade. Era esta a doutrina dos Egypcios e dos Persas e apparentemente tambem a dos Syrios, depois que Liah, tendo conseguido que Jacob espozasse Zelpha, e tendo esta um filho, disse: "boa fortuna" e deu a esse filho o nome de Gad (Gen., XXX, II)...

Quanto a — Gal —, temos a seguinte passagem: Tratando a Biblia de *Galaad*, designa pelos nomes de montanha de Galaad e paiz de Galaad os districtos montanhosos que se estendiam ao éste do Jordão e eram occupados pelas tribus de Gad, de Rubens e uma parte da de Manassés. Uma das cordilheiras deste paiz chama-se ainda Dschelaod. Muitas passagens biblicas celebram a bellesa e a fertilidade da terra de Galaad, que forma ainda hoje uma das partes mais pittorescas da Palestina.

Eis a origem deste nome, segundo a Biblia: Jacob e Labão tinham feito promessas mysticas de não passarem essas montanhas, e tendo levantado um monte de pedras para ser o penhor e o monumento do seu tratado, Jacob chamou na sua lingua a esse monte de pedra *galed*, de *gal*, monte e de *ed*, testemunho. Do nome que Jacob deu a esse monte de pedras derivou-se o da montanha onde elle o elevou: foi chamada Galaad.

Estas divagações historicas sobre os nomes em questão não alteram a interpretação dada ás duas originaes palavras, — *Fortuna* e *Ruina* —, antes ampliam-n'as em todas as suas accepções.

*

A inscripção disposta na parte inferior do bloco, precedida de uma cruz, não passa de simples imitação; fôra talvez, no momento de graval-a, que mão indiscreta commetteu a alteração de que viemos de tratar.

A data 1754, alli representada, coincide com a passagem por aquelle local das *tropas chamadas de resgate*, ou, segundo outros, das que acompanharam ao Rio Negro a commissão encarregada da demarcação de limites das terras conquistadas com os dos dominios limitrophes. A Commissão compunha-se do Governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, nomeado por despachos de 30 de Abril de 1753 principal commissario e plenipotenciario e dos astronomos João Angelo Brunelli e Miguel Antonio Ciera, cuja passagem fôra assim assignalada.

Diante da reproducção photographica que constitue a nossa fig. 18, não nos podemos conformar com o desenho do illustre official da nossa Armada, de saudosa memoria, Antonio Madeira Schaw, cujos exemplares possuimos, e devem existir nos archivos publicos.

Na nomenclatura deste e de outros muitos desenhos, já lithographados, levados a effeito pelo referido official, por iniciativa do então Governo deste Estado, notam-se inscripções de algum valor, mas não sem sensiveis disparidades do original. Primam, entretanto, pela perfeita execução, os desenhos de instrumentos de uso domestico, comprehendidos nas respectivas estampas de 4 a 6, attingindo a 18 o numero daquelles objectos.

*

Occupemo-nos agora com a inscripção representada pela fig. 14, constante de um terceiro blóco, com proporções identicas aos precedentes, e não menos importante no ponto de vista epigraphico. Tudo induz a crer que nos achamos diante de um specimen de allegoria genealogica, executada com arte e graça, que, para melhor estudo e clareza, reproduzimol-o isoladamente sob a fig. 39... E' a mais profunda das inscripções e tem as dimensões bem desenvolvidas como se deduz da gravura, sendo notavel a propria disposição natural do bloco e bem assim a ordem observada na collocação dos caracteristicos.

No centro, pois, de um emblema semelhante a um ' *teth*, phenicio, ou um *mi*, , Copte, temos distinctamente dois outros emblemas que representam a fórma bem expressiva de duas galéras do primitivo estylo, sem mastros. A galéra, como sabemos, é o symbolo originario dos grandes e arrojados navegadores, os Phenicios.

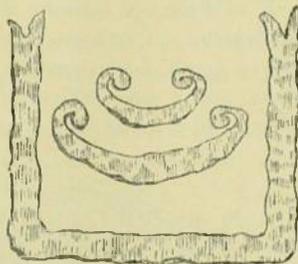
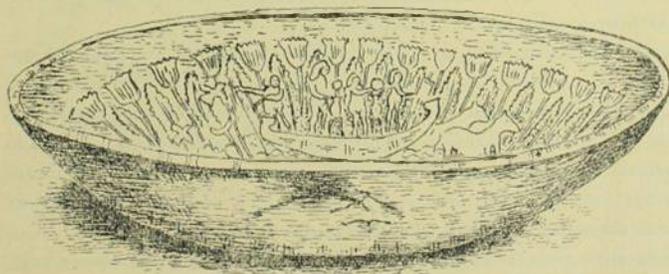
Fig. 39

Para confronto, reproduzimos o desenho de uma galéra constante de um prato, encontrado num sepulchro perto de Melucha (Melusia), nas immediações de Athieno (ilha de Chypre), fig. 40. Está no Museu de Berlim e consta da obra de Guilherme Oncken, á fl. 400, e uma outra, fig. 41, á fl. 303.

Para uma semelhante inscripção, dadas as condições remotas em que fôra executada, em blóco resistente, comparavel ao granito, é obra de não pequeno esforço, execução artistica e de admiravel concepção genealogica, por isso que traduz, a nosso ver, a galéra maior, a lembrança da nação de origem, a mãi patria, como que resguardando em um bello conjuncto, a menor, sua ramificação nascente.

Fig. 40

Foi, com effeito, nas suas tôscas, mas valentes galéras, que os phenicios, robustecidos do genio e da inclinação pela navegação e pelo commercio, affrontaram os grandes e so-

berbos mares. Sem bussola, mas com o ideal nas rotas sonhadas, nas tradições antigas reveladas por seus antepassados, e os olhos fitos nas constellações, soltaram as brancas velas de suas berines e galéras, á mercê dos ventos e das ondas encapelladas. Este valoroso feito teve como consequencia admiraveis prodigios, e não foi senão o destino providencial que os encaminhou aos mundos desconhecidos, onde firmaram a balisa de seus madurecidos sacrificios e feitos de sublime conquista e aqui deixaram gravado esse symbolo originario para elles e de valor preciosissimo para a epigraphia Amazonense.

Ainda a fig. 13 contém um rosto esculpido dentro de um (TETH), phenicio; no sentido opposto uma outra letra, que não chegou a ser terminada, mas com apparencia desta, e finalmente alguns outros signos, sem importancia e rostos humanos, esparsos nos demais blócos, os quaes iremos reproduzindo por diante, com as letras — IT —, em baixo.

*

As duas gravuras que representam a fig. 14 são naturalmente os caracteristicos ou emblemas mythologicos, particularizados á raça preponderante na região, o que hoje procuramos definir.

E' evidente que caminha já, felizmente, bem avantajado o estudo sobre a existencia dos Phenicios e Carthaginezes no Continente Americano. Não é ignorado ainda que todos os povos da antiguidade eram idolatras e supersticiosos: quasi na generalidade tinham duas e mais ordens de divindades.

O — Sol e a Lua, etc., — justamente o que supponos representar a nossa gravura, eram os grandes Deuses, depois as divindades subalternas que podemos classificar como os *dei minorum gentium* dos Romanos.

Fig. 41 — Parte de um prato carthaginez

No interior da ilha de Haiti, diz, a proposito, Onffroy de Thoron: "existe ainda a grande caverna sagrada do Sól e da Lua, medindo 150 pés de comprimento por 150 de elevação: sobre suas paredes estão esculpidas divindades subalternas; era ahi que o povo reverente levava suas offertas.

" Na historia cosmogonica dos haitienses, diz-se que foi da caverna sagrada que um dia sahiram o Sol e a Lua, para illuminarem o mundo". Segundo elles, o povoamento da terra começou por esta ilha, porque em suas cavernas é que foram encerrados os primeiros homens, depois de sua criação. Tendo estes em certo dia se evadido, o Sol, irritado por este facto, transformou em pedras os guardas desta caverna e os fugitivos foram metamorphoseados em arvores, serpentes, rãs e diversos outros animaes. Quanto ás mulheres, estas só vieram ao mundo muito tempo depois dos homens.

« Faremos notar que, á chegada de Christovam Colombo a Haiti, verificou-se a existencia das referidas cavernas e do trabalho de caras e outros desenhos sobre as paredes; ora, os caraibas, não tendo utensilios de ferro, não podiam ter executado estes trabalhos, que se devem attribuir aos phenicios e aos Caras, talvez. »

«O demonio apparecia muitas vezes aos insulares, a transmittir oraculos, pelos quaes as pessoas seduzidas regulavam cegamente suas conductas. As divindades de segunda ordem

consistiam em tartarugas, sapos, jacarés, serpentes, ou então figuras humanas horrendas, fabricadas em pedra, cré ou argilla, e estes idolos, assim como o demonio, eram designados sob os nomes de *zemi*, *chémi*, *zémés* e *chémés*. Estes nomes parecem ser de origem phenicia, porque se encontram ahi os seguintes termos: זמן *zeman*, lavrar ou modelar idolos; סמל *semel*, estatua, idolo, imagem; — זמה *zima*, impuro; חטן *chaman*, idolatria; זמר *zemâr*, canto; זטר *zemer*, dança, salto; emfim שמע *chamats*, foi reprovado, rejeitado e precipitado.»

Vê-se nesta serie de termos que se relacionam á idolatria, a seu culto e ao demonio, anjo reprovado, rejeitado e precipitado do céo, um emprestimo feito á lingua dos hebreus ou dos phenicios.

A divindade principal dos Haitienses, era *chémin*, o Sól, no plural *chemenium*.

Fig. 42 — IT

O emprestimo feito ao phenicio é evidente porque חמן *chaimon*, é o deus solar; no plural diz-se חמכןם *chamonim*, os idolos do sol ou as imagens que os representam.

Faremos notar de passagem que o plural hebreu em *im* é no dialecto phenicio em *um*, exemplo: Deus em hebreu *Eloa*, plural *Eloim*, phenicio *Eliom* (Sanchoniaton); acontece o mesmo com o plural em lingua vulgar de Haiti, que é *um* e algumas vezes *em*.

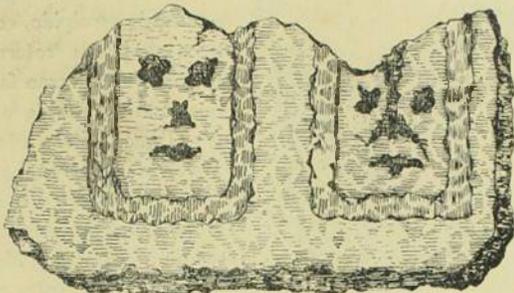
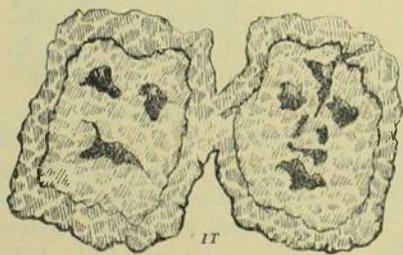
Póde-se, pois, suppôr que os Caraibas tivessem adoptado o plural dos phenicios; exemplo: em caraibo, *eyeri*, homem, plural *eyerium*; *inuya*, mulher, plural *inuyum*; *chemein chemeinium* os deuses; *ibani* criança, plural *ibaniem*.

O sol em hebreu שמש *shemesh*, termo emprestado ao arabe; e o calor do sol é חמא *chemoh*; ora, os phenicios e seus descendentes os carthaginezes honraram, em Baal, o deus solar בעל-חמן, Baal-chamon, como attestam as inscripções e monumentos figurativos. Póde-se dahi concluir que foram os phenicios que introduziram o culto do sol na ilha de Haiti.

IT

Fig. 43

O culto do sol e da lua não teve evidentemente sua origem entre os caraibas e sim parece ser uma importação oriental; emquanto que o culto dos idolos fabricados por elles, salvo o da serpente, que se poderia attribuir a Votan, que tambem vinha do Oriente, deve ter tido sua origem no meio das hordas mergulhadas nas trevas da selvageria, sem duvida, depois do aniquilamento dos phenicios.

Os insulares attribuiram intelligencia e virtude aos idolos que tinham figura de animaes: elles tornavam-se *zophé-chemin*, o que significa contemplador do sol: do hebreu — ערפח *tsophé* espia, evidente, contemplador, — שמר — *schméi*, ou שמרן — *chemain*, ou שמרם — *schamain*, dos céos, do firmamento.

Accresce que, no antigo Egypto, encontra-se a 400 metros a léste da 2ª grande pyramide (a de Khephren) a *Sphinge*, que é a representação colossal de um leão de cabeça humana, e a imagem do deus Harmakhonti (Harmakhis), o "Horus nos dois horisontes", ou propriamente o — Sol — illuminando os dois mundos.

Ora, o rosto, representado do modo porque está nas duas incripções (apparencia caracteristica á da Sphinge), encontra-se com admiravel affinidade esculpido, com varios atavios, em artigos ceramicos achados soterrados nas regiões occupadas pela raça extincta, como faremos ver mais adiante, e faz crer que eram o Sol e a Lua suas divindades superiores.

Fig. 44 — IT

Temos ainda Meni — a deusa Meni era a *Lua*. Jeremias chamava-lhe a *rainha do Céo*. Um e outro mostram que o seu culto era commum na Palestina e que os Hebreus a elle estavam muito ligados. Meni é apparentemente o mesmo que *Astarté* e que a *Venus Celeste*, adorada principalmente entre os Phenicios e os Carthaginezes.

Foi dos Phenicios ou Chananeus que os Israelitas aprenderam o culto a esta divindade. Isaias os reprehende por haverem erigido um altar a *Gad*, que tambem era o Sol, e fazerem libações em honra de Meni.

Os peruvianos, originarios da tradicional região dos Incas, tomaram por sua vez e sol como genio protector de sua raça e representam-n'o ainda hoje em seus escudos o armas Nacionaes.

É de lamentar que uma das figuras tenha sido partida, com a deslocação do blóco, como o centro, entre ellas, tenha o tempo occasionado uma depressão ou cavidade profunda, como se deduz da estampa respectiva, percebendo-se, mesmo assim, visivelmente o restante da gravura de uma galera.

Tudo isto, finalmente, faz-nos attribuir ás duas figura a denominação do — Sol e da Lua — supremas divindades da raça desapparecida, da qual restam estes valiosos vestigios, dispersos, onde tinham dominios extensivos, como em todo o continente. É possivel mesmo, como já ficou dito, que attingissem estes a zona do isthmo, a America do Norte e, conseguintemente, todo o hemispherio occidental.

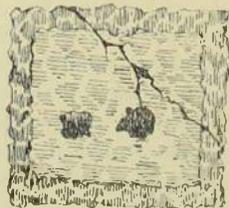
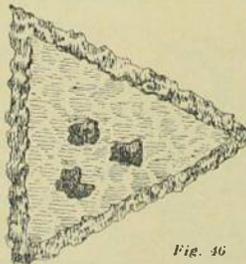
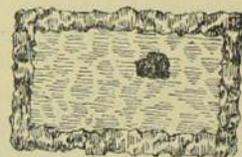



Fig. 45

Fig. 46

Fig. 47

Occupemo-nos agora de outras gravuras executadas em differentes sentidos sobre blócos ou lagedos. Entre ellas, temos tres figuras geometricas, contendo: o rectangulo, um ponto; o triangulo, tres pontos e o quadrado dois, conforme as gravuras, cujos pontos se nos figuram symbolos, como, ainda, signaes valiosos da escriptura hebraica e arabe, por isso que suas letras são susceptiveis de admittil-os, seja na parte superior, inferior ou central.

O numero e o logar destes pontos alteram a pronunciação das letras, e ha ainda para este fim outros caracteristicos; mas os de que ora nos occupamos, no hebreu moderno, denominam-se: *chirek*, *segol*, *zereh*, além de um outro: *patach*, que se acha gravado dentro de um *teth* phenicio. É possivel mesmo que estes pontos, como o triangulo etc., tenham outra significação, pois os encontramos figurando em varios symbolos antigos, como o da Stela de Lilybaeum á fl. 282 do *Manuel d'Archeologie Orientale*, de E. Babelon, que reproduzimos, fig. 48, e na ceramica soterrada.

A sua descripção muito nos orienta e auxilia a interpretar de algum modo nossas gravuras: "...... A grande divindade feminina do pantheon Carthaginez, Tanit, encontra-se ahi representada não somente sob a fórma humana, mas muito frequentemente por um symbolo difficil de descrever.

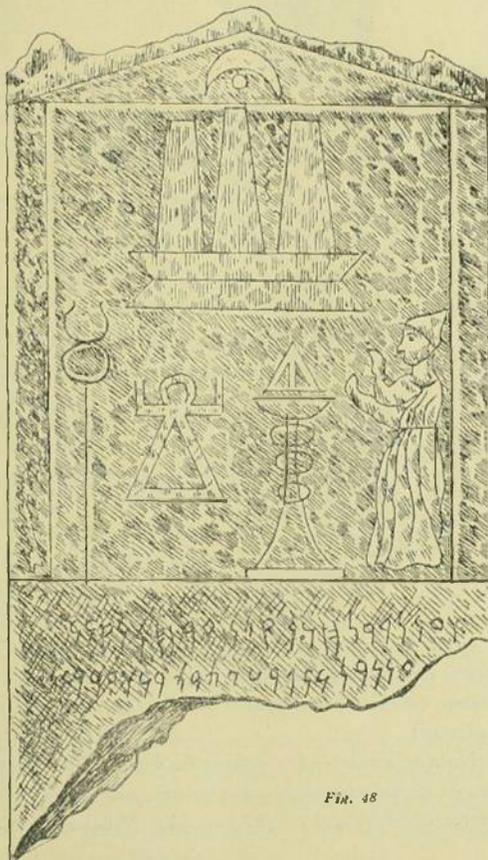
E' uma especie de manequim triangular, representação tradicional e degenerada d'um *betyle*; munido de protuberancia na parte superior, este triangulo assemelha-se um pouco a uma pessoa trajada com um longo vestido, com as pernas afastadas, levantando ao céo os dois braços: esta figura corresponde muito bem á descripção que faz Tacito da Aphrodite de Paphos.

A trindade suprema, composta de Baal-Hammon, Tanit e Eschmoun, tem ahi frequentemente seu symbolo composto de tres cippos de altura desigual reunidos sobre uma base commum.

Fig. 48

Vemol-a tambem representada sobre steles d'Hadrumete e de Lilybée; os cippos são mais largos na base que no alto e o do meio é encimado pelo disco solar e o crescente invertido, tendo por baixo um ponto.

A's vezes um fumegador cuidado por um pontifice arde aos pés desta figura symbolica".

Deprehende-se pois desta descripção muito de aproveitavel, não só ao nosso assumpto historico, como á parte propriamente symbolica.

Encontram-se, como já dissemos, varios desenhos esparsos, dos quaes reproduzimos os seguintes (figs. 49 a 52):

Eis, mais ou menos, as inscripções de Itacoatiara, além das da Necropole ou Miracãuera, Rio Urubú, que lhe ficam proximas, restantes das que escaparam da acção do tempo, das continuas deslocações e, finalmente, das destruições produzidas pelas mãos indiscretas ou inconscientes do homem, labor, entretanto, valioso de outros, nessa remota antiguidade.

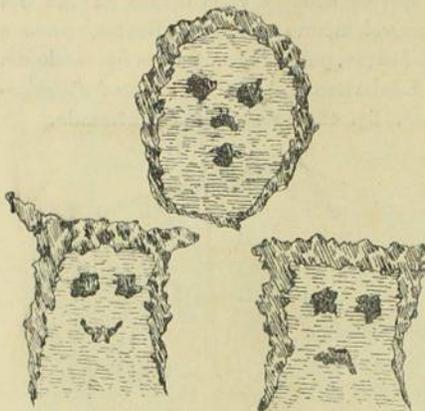
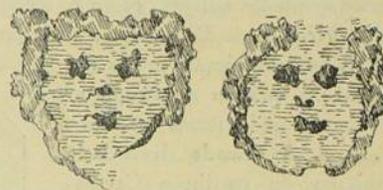



Fig. 50

Fig. 49

Em sua quasi generalidade, interpretam-se as palavras tantas vezes repetidas de fórmas variadas e artisticas — SÃO E SALVO — TÃO CONSIDERAVEL — QUANTO GRANDE — cujo ideal significaria a alegria, o contentamento de quem se salva de um imminente perigo de vida, segundo já dissemos uma vez.

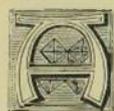
Fig. 51

Fig. 52

Com que prazer seriam esculpidas essas phrases, espalhadas por toda parte onde se encontram essas originalissimas inscripções, que tanto vêm preoccupando o espirito dos scientistas!

Nota-se ainda outra ordem de inscripções, seguida de nomes mythologicos, e esses eram os de seus reverenciados deuses, sobretudo o do supremo deus — JUPITER, além de serie consideravel de pensamentos philosophicos, reveladores de profunda sabedoria.

CAPITULO IV

Rio Urubú: Suas Inscripções e Tradições Prehistoricas, Gregas e Phenicias. Ligeiras referencias sobre a Religião Phenicia e factos recentes, occorridos em 1664 nesta região, etc.

ABSTRAHINDO multiplas considerações suggeridas sobre a originalidade deste importante rio, no ponto de vista das transformações de seu primitivo curso, occasionadas pelos phenomenos geologicos, tão desencontradas entre chronistas e historiagraphos, vamo-nos restringir ligeiramente aos assumptos propostos, apenas.

Varios são os locaes, dos quaes iremos successivamente tratando, no longo curso do Rio Urubú, assignalados com inscripções valiosas, cuja authenticidade comprova a existencia, em prehistoricas éras do Brasil, a permanencia de emigrações phenicias ou chananeas e gregas em nosso Continente.

A partir da extremidade inferior deste rio, denominada Maquará ou Itapinima, encontram-se, á margem esquerda, blócos de pedras com inscripções de identica natureza ás de Itacoatiara, com suas variantes alternativas.

O rio segue o seu curso até Silves, outr'ora Saracá, onde desagua.

O bloco que contém a fig. 25 é de regular tamanho; deslocou-se da parte mais alta do rochedo, e acha-se lançado á base deste, permittindo, com alguma difficuldade, o exame de sua interessante gravura.

Sempre a mesma figura caracteristica da divindade superior, adorada e reverenciada, uma pallida apparencia ao conjuncto da tradicional Sphynge. A esta figura denominamos IG — deus do vento, tão celebrado e citado pelos phenicios, pois parece desprender-se de seus labios o vento bonançoso, favoravel a esses arrojados navegadores, assignalados pela historia antiga e pelo Propheta Ezequiel. (1)

A disposição desses blócos lembra-nos os templos e a religião d'aquelle povo, de cujo assumpto assim se expressa resumidamente Seignobus em sua citada obra: (2)

« Os Phenicios a principio, adoravam pedras e arvores, que consideravam como objectos divinos. As pedras sagradas, que chamavam *bétyles*, isto é, habitação de Deus,

---

(1) Tex. Bib. caps. XXV-XXVI.
(2) *Histoire des Anciens Peuples de l'Orient*. Paris, 1899. cit.

eram de ordinario seixos duros e pretos em fórma conica ou oval (1), algumas vezes aerolithos caídos do céo. As arvores sagradas eram, ora arvores naturaes, ora columnas de bronze adornadas e terminadas em fórma conica.»

« Os phenicios levantaram tambem no cume das montanhas altares feitos d'um blóco de pedra e columnas de pedra.

Além disto, todos os phenicios, acreditavam em um Deus, que chamavam Baal, isto é, o *Senhor* e em uma Deusa, com a denominação de Baalit, isto é, a *Senhora*, ou Astaréth (Astarté), fig. 55.

O Baal era o Sol bemfeitor que illumina a natureza e prodigaliza a vida; era tambem o Sol ardente que destroe a vegetação e dá a morte. Representavam-n'o como um homem ou como um touro, algumas vezes mesmo como um homem com cabeça de touro.

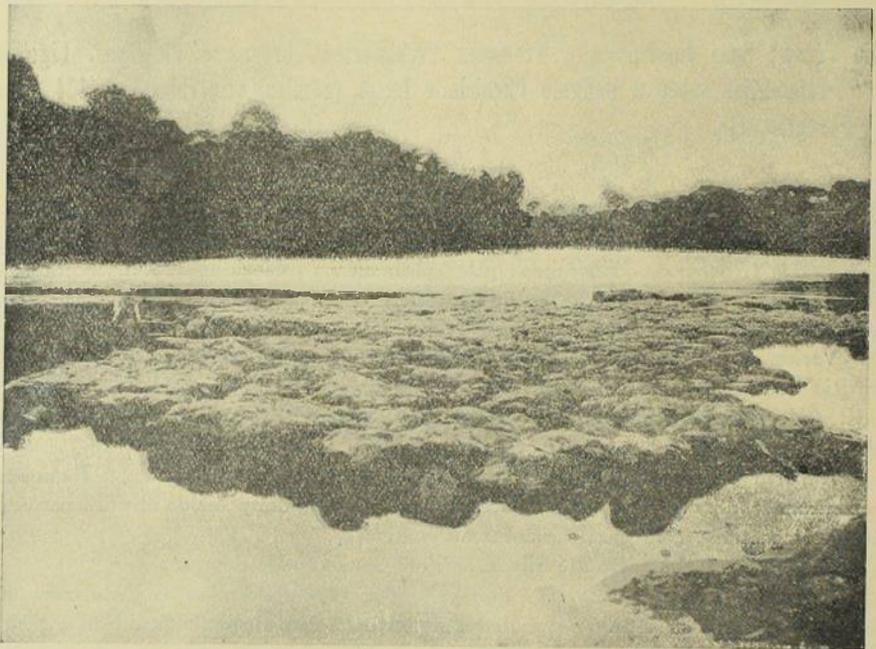



Fig. 53 — Aspecto geral dos blócos com inscripções situados pouco acima da fóz do Arantó (Rio Urubú)

Figuravam-n'o caprichoso e sanguinario; para satisfazel-o, degollavam homens, e julgando mesmo ser-lhe particularmente agradavel, sacrificavam-lhe seus proprios filhos.»

A Astareth ou Baalit (Astarté), fig. 55, "era a lua, a rainha dos Céos, a deusa do amor e da primavera". Era representada em figura de mulher, tendo sobre a cabeça o crescente lunar.

Cada cidade tinha seu Baal e sua Astarté, que os habitantes adoravam como senhores protectores. O Baal de Tyro chamava-se Baal-Melkart (senhor da Cidade). Era re-

---

(1) Mais tarde passaram a denominar-se pedras votivas ou talismans, de que possuimos um exemplar com essa apparencia (fig. 54), encontrado nas immediações de Itacoatiara e com gravura phenicia.

É semelhante ao granito roseo escuro, com veias esbranquiçadas.

presentado victorioso e um grande navegador; contavam-se suas expedições para os paizes do poente; os rochedos das duas costas de Gibraltar eram chamados as columnas de Melkart (os gregos chamavam columnas de Hercules).

« Melkart, tinha no Tyro, um templo muito antigo, onde se conservava uma grande esmeralda brilhante que era adorada como sendo a habitação do Deus. »

Houve tambem templos de Melkart em quasi todas as cidades fundadas pelos Tyrenses.

Podemos, portanto, deduzir que na fig. 22 temos tambem a divindade que mais uma vez reputamos o Sol, emquanto que a fig. 56 se assemelha á cabeça de um touro, outra fórma talvez de representar a mesma divindade, como a força, a paciencia, a paz favoravel ou laboriosa, figura preponderante n'aquellas remotas éras e que lembra ainda o magno culto do Supremo *Apis*, dos egypcios. É claro que não se trata de uma cidade, mas sim de valiosa colonia phenicia, ao que parece, cujo desenvolvimento não póde ultrapassar do que se deduz de seus proprios vestigios, quasi desapparecidos na voragem do tempo, salvo raros fragmentos de sua vasta necropole, como vagas tradições e inscripções, das quaes ora nos occupamos.

Fig. 54

No Rio Urubú, donde se deriva o Maquará, encontram-se ainda, segundo se diz, as ruinas de um templo rustico, formado de blócos de pedras, ao ar livre, erguido nos altos de um rochedo, seja o de Melkart, do local, como um outro nas margens do Rio Uatumã, templos ou altares hoje conhecidos pelo nome de — *Curuaras*.

Assim é que *Baal* ou *Bel*, *Senhor*, Divindade dos Phenicios ou Chananeus, se julga ser o Sol. Achab introduziu o culto desta divindade nos seus Estados; e depois os Hebreus a adoraram por muito tempo e lhe construiram altares nos bosques, nas eminencias e até nos terraços das suas habitações. Jeremias ameaçou os habitantes de Judá, que até sob os seus tectos haviam prestado culto a Baal. *Ædificaverunt excelse* Baal (Jeremias, 32, 29).

Fig. 55 — Outra fórma de Astarté — Terra Cotta Phenicia (Museu do Louvre)

« Josias destruiu os altares que Achab havia construido sobre os terraços do seu palacio. Haviam elles chegado a sacrificar victimas humanas a Baal. Ha quem acredite que Baal representava Bel ou Nembrod, a quem seu filho Nino havia edificado um templo e o fazia adorar como deus, pelos vassallos, e foi d'aqui que veio para aquella nação a origem da idolatria. »

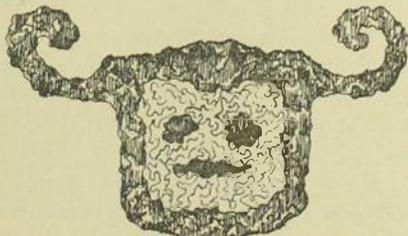



Fig. 56

Demonstradas algumas analogias rapidas da religião phenicia com a da raça em questão, proseguiremos na reproducção de outros desenhos epigraphicos do Rio Urubú.

É intuitivo que nem todos possam ter uma applicação, mesmo apparente, admittindo-se que uma grande parte d'elles não representa mais do que simples phantasias ou passatempo. Notamos nessa variedade serpentes guarnecendo cabeças humanas, crescentes, etc. Comtudo, vamos reproduzir um certo numero desses desenhos, fazendo-os acompanhar, em baixo, das letras — UR —, destacando-as do grupo em que se encontram, a começar por uma gravura (fig. 57), que se póde admittir, como — *Astarté* — da região do Rio Urubú, attingindo a 76.

Fig. 57

Innegavel é, tambem, que muitos seres exoticos ou simples objectos tinham então uma invocação ou allusão, os quaes encontramos na antiga mythologia; alguns d'elles têm vindo mesmo até nossos dias. Nesta nomenclatura especifiquemos: a aguia, o pavão, a abelha, a tartaruga, a rôla, o cão, o jacaré, o gallo, a cegonha, o delphim, o veado, o cavallo, o camello, a gralha, o elephante, o mocho, a lebre, o coelho, o lobo, os pombos, os peixes, a serpente, etc.

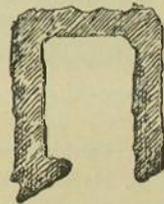
Além destas figuras mythologicas, das quaes algumas se encontram modeladas na ceramica soterrada, temos os symbolos "que significam objectos, physico ou moral, senha, signal de convenção, para se reconhecerem pessoas ligadas por doutrinas religiosas, etc." Os Egypcios symbolisavam o sol debaixo da fórma do gavião, o anno pela figura de uma cobra que morde a cauda.

Assim tambem os signos, "que, além do caracter symbolico que representa as doze constellações do zodiaco, têm outras applicações, como o signo Samão, — e, segundo Bluteau, signo ou sello de Salomão, mui celebre talisman no Oriente, e não duvida que este fosse o sentido vulgar; mas, considerando a figura formada por dois triangulos ligados entre si de modo a apresentarem seis pontas ou angulos, vê-se que é identico á estrella, simulacro ou hieroglypho entre os Egypcios, e symbolo da luz celeste, dos astros e do céo estrellado; e por isso julga que se deve verter signo celeste".

Ora, vemos, portanto, quanta divindade de invocação e allusões se encontram subordinadas á mythologia, por isso não será de admirar que estes proprios desenhos não representassem o signal ou signo, particularizados á raça, á familia ou pessoa que assim os gravou, cujo habito ainda hoje se acha inveterado entre nós.

Fig. 58 — UR

Quem visita determinados logares archeologicos e outras paragens curiosas, isto facilmente confirmará, com a nomenclatura de nomes, monogrammas e iniciaes, alli gravados ou escriptos.

Si appellarmos, na região da qual ora nos occupamos, para outra ordem de vestigios epigraphicos, a não ser aos da ceramica, difficilmente se encontrará, e não é sem assignalada razão.

Antes de recorrermos áquelle valioso meio, temos necessidade de compulsar a historia sobre factos que em 1664 tiveram logar no Rio Urubú, e conseguintemente nestas

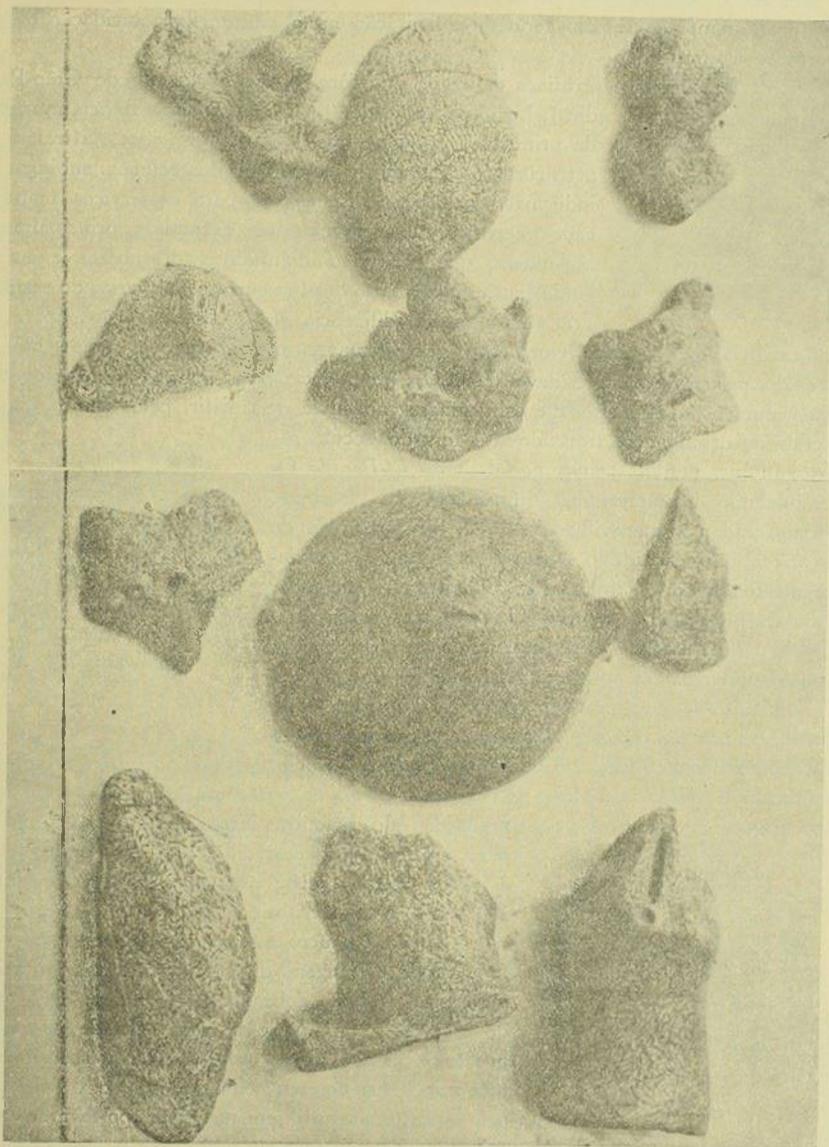



Fig. 58 A — Fragmentos de Ceramica e Diorito esculpidos com arabescos e por nós restaurados, encontrados nas regiões Atuman e Urubú. Amazonas

paragens, e não é sem razão que a tal somos forçados. Depois de semelhantes factos, que tiveram como epilogo a morte, o incendio e a devastação, pouco ou quasi nada, com

effeito, poderia restar de aproveitavel, decorridos seculos, si bem que remontem as nossas investigações a éras positivamente mais remotas.

Passemos a resumir essa historia, que intercalaremos, entretanto, de topicos de varios escriptores, quanto ao aspecto geral da colonisação então, para melhor elucidação de tão importante assumpto.

« . . . . . . Assentes os arraiaes da tropa que fôra ao descobrimento do Grão-Pará, diz J. Lucio de Azevedo [1], e levantadas as frageis muralhas da primitiva fortaleza, tres objectos principaes attraiam as attenções e chamavam a actividade dos colonos: subjugar os indigenas, auxiliares indispensaveis para os serviços manuaes e de guerra; expellir os invasores extranhos, principalmente hollandezes, que se haviam adiantado na descoberta; e, em seguida, lançarem-se á cata dos thesouros pelo interior do sertão.»

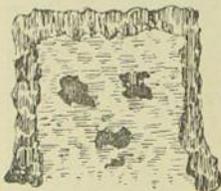



Fig. 59 — UR

« Esta ultima diligencia era a preoccupação suprema e o fim essencial da conquista. Ouro era o que estes aventureiros, como os que os haviam precedido, procuravam; ouro devia haver em abundancia pelas margens desse rio quasi oceano, immenso e mysterioso: e esta imaginação havia de resistir, pelo tempo adiante, a todos os desenganos, trazendo até fins do seculo seguinte a nunca perdida crença na fabula do *El-Dorado*. Os que, julgando invenciveis as difficuldades do caminho, ou exaggeradas as maravilhas da lenda, não cogitavam de buscar esse paiz encantado, esses embrenhavam-se nas florestas, e sondavam o leito dos rios, onde deviam encontrar os metaes preciosos, as pedrarias, os aljofares, os crystaes de rocha. Esta illusão é constante; verifica-se nos actos dos colonos; apparece em numerosos documentos da época.»

Fig. 60 — UR

« A' falta de ouro, prata e pedras preciosas, não eram para desdenhar as riquezas vegetaes, que o solo feracissimo produzia sem cultura. A baunilha, o cacáu, a canella, o cravo, as raizes aromaticas abundavam no seio da matas. Recolher as *drogas do sertão* era uma das occupações preferidas dos colonos. Em seguida á attracção do ouro, sem comtudo destruil-a, veio esta outra tentar a avidez dos conquistadores, creando novo incentivo á exploração do territorio.»

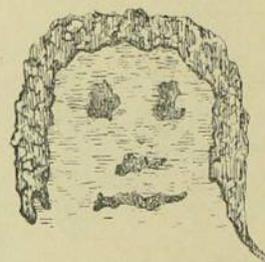
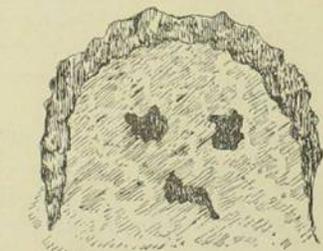



Fig. 61 — UR

« Pouco a pouco, ia-se rasgando o véo mysterioso que, desde a viagem de Orellana, tantas tentativas abortadas tinham deixado pairar sobre esta parte do Novo Mundo. Tarde haviam chegado os portuguezes, e já por outros precedidos no descobrimento; mas impellidos por seu genio aventuroso, e sobretudo pelo espirito mercantil, em pouco tempo levaram suas embarcações aos mais reconditos tributarios do rio-mar.

A mesquinha povoação, que tinham fundado, longe mais do que cumpria do oceano, não tinha importancia como cidade: era apenas um cáes de desembarque e um ponto de

(1) *Os Jesuitas no Grão-Pará, suas missões e a Colonisação*, fls. 124, 126 a 129— Lisbôa, 1901.

partida: mas tambem o centro de onde as ambições insaciaveis irradiavam, procurando riquezas.»

« Aos dois motivos principaes, já apontados, da rapida expansão dos colonos pelo interior das terras, temos de accrescentar um terceiro, de todos o mais effectivo, si bem que, de certo, menos louvavel. Todas estas expedições, quer seu objecto fosse puramente mercantil, como na colheita das *drogas*, quer tivessem por fim o descobrimento e posse de novos territorios, exigiam, além dos elementos materiaes de embarcações, armamentos e viveres, numeroso pessoal de remeiros e soldados. Da mesma fórma, quando se tratava de emprezas bellicas, fossem estas contra os europeus intrusos ou contra as cabidas hostis. Era egualmente necessario cultivar a terra, para haver a farinha, de que todos se alimentavam, e algodão, de que a maior parte se vestia.

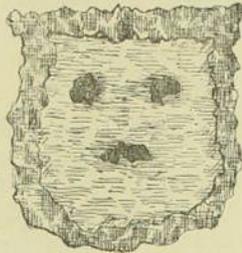



Fig. 62 — UR

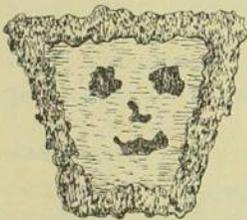
Colhia-se tambem o tabaco, depois a canna de assucar, e mais tarde começou o fabrico da aguardente, nos pequenos engenhos chamados *molinotes*. Fazia-se, além disso, preciso acudir á edificação da cidade, á construcção de navios, e, por ultimo, havia o serviço domestico dos moradores, que, reputando desdouro todo o trabalho manual, não podiam dispensar um sequito numeroso de famulos e serviçaes de varias sortes.»

« Para satisfazer esta imperiosa e constante necessidade de braços activos, recorria-se á mina inesgotavel da gente indigena. Os colonos seguiam o uso de seus maiores: repetiam o que se tinha feito na Africa, no Brazil. Apossando-se das terras, sujeitavam ao captiveiro os habitantes; e faziam-no sem hesitação nem escrupulos, como quem exerce direito indiscutivel.

Fig. 63 — UR

O infante D. Henrique, o tetrico scismador de Sagres, iniciando as descobertas, déra principio á nefanda pratica; e era a tradição medieval que, ainda agora, fazia applicar ás tribus da America a lei cruel da barbarie antiga.»

« Os serviços prestados primeiro aos invasores pelos selvagens, em pagamento de mesquinhas dadivas, foram bem depressa um onus da escravidão. O que a principio o branco solicitava com brandura, logo depois exigia com arrogancia. Para vencer as resistencias, faltando o numero, tinha a superioridade das armas, e o soccorro dos indios alliados, que preparavam o captiveiro de seus congeneres, inconscientes d'aquelle em que viviam. Quando as velleidades de reacção surgiam, era immediata e terrivel a repressão. D'ahi provinham sanguinolentas represalias, com que a ferocidade dos indigenas ainda mais acirrava a crueza dos conquistadores.

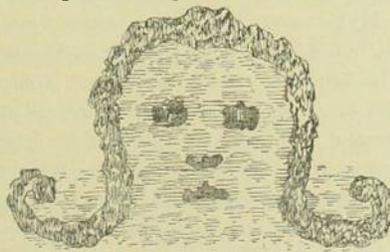



Fig. 64 — UR

A severidade que os portuguezes punham nestes castigos era proverbial. Quando, em 1638, parte das forças de Pedro Teixeira ficaram á espera no paiz dos *Encabellados*, emquanto o chefe da expedição chegou a Quito, ao cabo de pouco tempo romperam as

costumadas hostilidades com os indios do logar. Acommetteram estes em grande numero o acampamento, matando muitos do lado dos portuguezes e queimando-lhes as embarcações. Repellidos com perdas — "pagaram com tresdobradas vidas dos seus as que tiraram aos nossos", — refere o padre Christovam de Acuña, e continúa: — Castigo pequeno á vista dos rigores que em casos taes costumavam empregar os portuguezes» [1].

As atrocidades antes commettidas justificam bastantemente a affirmação. Os primeiros tempos da conquista passam-se em sanguinolentas correrias contra os tupinambás, e os sertões entre o Pará e Maranhão são desapiedadamente assolados. O annalista Berredo, neste periodo, quasi só nos falla dessas emprezas, em que figuram como chefes Mathias de Albuquerque, Bento Maciel Parente e Pedro Teixeira. Uma vez, em 1619, os indios, no auge do desespero, reunem-se em grande força e põem cerco á cidade.

Fig. 65 — UR

«Era apertadissima a situação, quando Bento Maciel, vindo por terra com tropa armada á sua custa, cáe sobre os sitiantes, e desde o logar chamado Tapuytapéra até o Pará "extingue por aquella parte as ultimas reliquias destes barbaros" [2]. Simão Estacio da Silveira, talvez testemunha presencial, calcula que passariam de quinhentas mil almas os mortos e captivos [3]. Mesmo dando enormes descontos ao exaggero, póde-se imaginar quão grande seria a carnificina.»

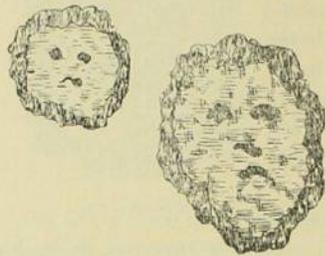
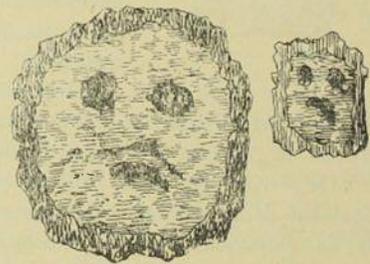
«Estas matanças continuaram por muito tempo, ainda quando já era incontestado o dominio dos conquistadores.

Sem que falemos das guerras feitas aos aruans, aos inheiguaras e outros, cujos estragos não foram provavelmente extraordinarios, visto d'elles não fazerem os chronistas menção especial, citaremos a expedição de 1664 contra os indigenas do Rio Urubú [4].»

Fig. 66 — UR

Habitavam este Rio, então florescente, entre outras, as nações Bururúrús, Guanavenas e Cabuquenas, contra as quaes commetteu Pedro da Costa Favella horrivel carnificina em represalia a aquelles se obstinarem formalmente á submissa escravidão. Assim a descreve, resumidamente, o Conego Bernardino de Souza [5]:

«Em consequencia das ordens do Governador Ruy Vaz de Siqueira, diversas missões, escoltadas por mosqueteiros, internaram-se pelos sertões do Amazonas e de alguns rios que n'elle affluem.»

---

(1) *Nuevo descubrimiento*, etc.

(2) Berredo, *Annaes historicos*, § 477.

(3) *Relação summaria das coisas do Maranhão* — Lisbôa, 1624.

(4) Berredo, *Annaes historicos*, §§ 1134 a 1139.

(5) *Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas*, fls. 181 a 184.

« Uma destas escoltas, commandada pelo sargento-mór Antonio Arnaud Villela, entrou com o missionario Fr. Raymundo, da ordem das Mercês, no Rio Urubú e teve a infelicidade de perder parte dos seus companheiros, com o commandante e o Alferes Francisco de Miranda, nas mãos dos Cabouquenas e Guanavenas, que, com mostras de paz, conseguiram illudil-o. Apenas lograram escapar o missionario e o seu companheiro mal ferido, e alguns mosqueteiros e indios amigos, que se apressaram em montar as canôas, Senhores do campo, embarcaram-se os selvagens em 45 canôas para a aldeia de Saracá, onde sabiam que se achava o Alferes João Rodrigues Palheta; mas, pouco antes de chegarem á aldeia, encontraram-se com elle, que os esperava á frente de desoito soldados e dusentos indios, em cinco canôas, e os põem em completa debandada. »

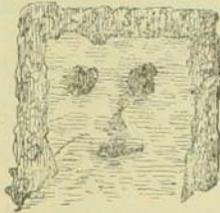



Fig. 67 — UR

« Informado o governador de semelhantes acontecimentos, resolveu tomar prompta desforra e infligir aos indios do Urubú exemplar castigo. A 6 de Setembro do mesmo anno sahiu de Belém a expedição contra os indios do Urubú, commandada pelo Capitão Pedro da Costa Favella. Compunha-se esta expedição de trinta e quatro canôas com quinhentos indios sob as ordens de seus superiores e de quatro companhias de tropas regulares sob o mando de quatro capitães de infanteria e de outros officiaes subalternos.

A 25 de Setembro chegou a expedição á aldeia de Tapajós, hoje cidade de Santarém, e depois de chamar a si muitos indigenas domesticados das aldeias d'aquelles contornos e de refrescar a sua gente, partiu o Capitão Favella para o seu destino. »

« A 4 de Novembro partiu da cidade de Belém o governador com o fim de subsidiar de mais perto a expedição, levando comsigo o maior numero de gente que poude pôr em pé de guerra. Não foi, porém, além de Porto de Mós, que se chamava então Xingú e primitivamente aldeia de Maturú, visto como interesses momentosos da politica chamavam-n'o com urgencia á cidade.

Em seu logar, porém, partiu o Sargento-mór Antonio da Costa, em demanda da expedição. »

« No dia 25 desembarcou o Capitão Favella no primeiro porto dos indios inimigos no Rio Urubú, e depois de fortificar-se na margem do rio e de deixar alli tropa sufficiente para defender as canôas e as fortificações, penetrou com a força no interior das mattas. »

« A 7 de Janeiro encontrou os Cabouquenas já unidos aos Guanavenas e outros das serranias do Perú, que marchavam tumultuariamente contra a expedição em bandos numerosos. Travou-se então encarniçada peleja e depois de tenaz resistencia conseguiu Favella pôl-os em debandada. »

Fig. 68 — UR

« A perseguição foi violenta. Os indios, acossados por Favella e pelo Sargento-mór Antonio da Costa, que chegou n'essa occasião, reunem-se de novo e com mais furia continúa o combate ! Foi horrivel: morreram 700 selvagens, cahiram prisioneiros 400 e as chammas produzidas pelo incendio de 300 aldeias illuminaram sinistramente essa scena de luto e de sangue. »

« Assim terminou essa celebre expedição do rio Urubú, o qual d'então em diante pareceu ter ficado fechado aos exploradores. »

Aos horrores d'estas guerras constantes, diz J. Lucio de Azevedo, veio juntar-se a crueldade dos supplicios. Destes, um dos mais vulgares consistia em amarrar os pacientes á bôcca das peças de artilharia, que, disparando, semeavam a grandes distancias os membros dilacerados. Para estes e outros ainda mais crueis castigos bastavam ás vezes meras suspeitas de rebellião. Com semelhante fundamento mandou o primeiro Capitão-mór do Pará esquartejar varios chefes indios, servindo-se para esse effeito de canôas, a supprir os cavallos ordinariamente usados na execução [1].

« Por egual motivo, a mandado de Bento Maciel, 24 indigenas — *dos da primeira estimação,* diz o chronista — condemnados á ultima pena, foram entregues a outros selvagens, de nação inimiga, e com barbaro tripudio por elles mortos a golpes de espada [2]. Assim se verificava o dito do primeiro governador do Brasil, Thomé de Souza, de serem os indios tantos — "*que ainda que os cortassem em açougue nunca faltariam*" [3]: expressão prophetica, e bem adequada ás chronicas futuras. Mas no Pará já os sertões mais proximos despovoa vam, e novas expedições, sempre em busca de captivos, iam fazendo pro gredir a grande obra do descobrimento.»

« Deste modo ia desappa recendo a raça humana, aniquilada como a outra pela frequencia das batidas.

No tempo do governador Ruy Vaz de Siqueira (1662-67), pela costa do Maranhão até Gu rupá, no Amazonas, não havia mais indios; era necessario ir buscal-os muitas leguas pelo rio acima, e nos afflu entes. As empresas de resgate saiam tão mortiferas como as proprias guerras, por tal fórma que, com as muitas baixas resultantes das longas e penosas viagens, e descontando os que fugiam, não se apu ravam, nas duas cidades de Belém e S. Luiz, mais de 400 escravos por anno [4]. Quando as expedições eram bem suc cedidas, chegava ao Pará sómente a metade: imagine-se o que seria nas outras. Uma vez cuidou-se de erigir uma hospital para que, á mingua de tratamento, não perecessem todos, tamanho era habitualmente o numero dos enfermos e inutilisados pela fadiga e privações [5]. Os que restavam sãos e robustos eram, portanto, em numero insufficiente para compensar os mortos e estropiados e contentar as necessidades da população em augmento.»

Fig. 69 — UR

« Por alvitre de Antonio Vieira, se tinha assentado que a metade de todos os escravos novos coubesse ao povo, repartindo-se pelas povoações, consoante as necessidades. Da outra parte se tirava o quinhão do governador; depois o dos cabos da jornada, dos soldados, e finalmente dos indios que trabalhavam n'ella, pois tambem estes se associavam nos despojos. As despezas eram rateadas pelo numero das *peças* que tocavam aos mo-

---

(1) « Entrou em suspeitas que os Tupinambás se queriam levantar contra elle, e, sem a averiguação que requeria a resolução que tomou, prendeu os mais principaes, e sem mais provas que uns leves indicios os mandou matar tyrannamente, e imitando a Tullio Hostilio, os fez partir, e justamente afogar a todos; presas as pernas a duas canôas, por lhe faltarem os cavallos, correram estas á força de remos em contrarios rumos. » (*Chronica da Companhia de Jesus*, pelo Pe. Jacintho de Carvalho Ms. da Bibliotheca de Evora).

(2) Berredo, *Annaes* hist., § 665.

(3) Fernão Guerreiro, *Relação annual dos Padres da Companhia.*

(4) Vieira, Resp. ao cap. 25.

(5) Carta Regia de 20 de Outubro de 1690.

radores, cobrando-se destes na distribuição. Com o tempo, porém, se foi abandonando esta pratica. Em vez do custo real, que vinha a ser mais ou menos de 4$000 por cabeça, exigiam depois 15$000 e 20$000. A' vezes o governador apossava-se do rebanho inteiro e o dividia por seus officiaes e familiares. Esses o revendiam, em seguida, a setenta e oito mil réis.»

« Repartidos os indios pelos moradores etc., continuava ainda a mortandade; pelo que dizia Vieira á Camara de Belém: "Por mais que sejam os escravos que se fazem, mais são sempre os que morrem" (1). Para isso concorria o trabalho das fazendas, sobretudo a cultura da canna de assucar e do tabaco, tarefa em demazia pesada aos indios, mal habituados á continuidade dos serviços penosos. Além das doenças, que estas raças inferiores sempre adquirem no contacto dos brancos, os maus tratos que recebiam eram outras tantas causas de molestia e morte, não obstando a isso as leis repressivas repetidamente promulgadas. Dos tormentos a que os sujeitavam basta lembrar que era corrente marcarem-se os captivos com ferro em braza, para os distinguir dos forros, e tambem para serem reconhecidos pelos donos. Muitos d'elles appareciam com o nome do senhor assim gravado ou com lanceta no peito, e, sendo as letras grandes, as vezes, em duas regras, etc. A praxe fôra introduzida pelos cabos de resgate, que por distincção dos indios, apartados para a Fazenda Real, lhes punham marca; e sob tão bons auspicios a continuaram os moradores (2). Os mortos, as mais das vezes, — "ou se lançavam nos rios ou se enterravam mal cobertos nos mattos, onde eram pasto das feras" (3).....»

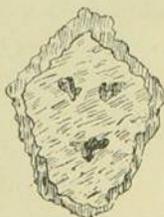



Fig. 70 — UR

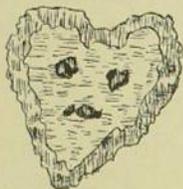



Fig. 71 — UR

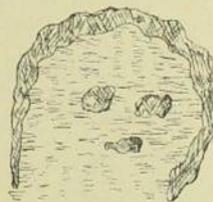
Antes de terminarmos este capitulo, de cujo assumpto muito restaria a dizer, se estivesse nas normas deste trabalho, repetiremos as palavras de Jupy-Assú, um dos velhos chefes de influencia entre os Tupinambás, e observaremos o rumo que tomou com sua gente. Estas palavras foram proferidas no momento em que, no anno de 1572, Antonio Salema, governador em S. Sebastião, com uma tropa de 400 portuguezes e 700 indios, deu-lhe batalha e aos Tamoyos, alliados aos Francezes: (4)

« Tupinambás! ultimos restos d'esta immensa tribu, da qual só o nome bastava para inspirar terror a seus inimigos, como é que, esquecendo-vos de vosso justo odio contra os invasores portuguezes, quereis entregar-vos hoje a esses oppressores dos indios? Tereis esquecido sua perfidia e sua crueldade ou podeis crer que homens que fazem do massacre e da devastação um simples jogo tornar-se-hão mais justos e mais humanos?»

Fig. 72 — UR

« Cansados de nos degollar, elles procuram agora attrahir-nos a si sob um véo de falsa piedade; mas é ainda uma cilada que elles nos armam; é para fazer de nós instru-

(1) Berredo, *Annaes*, § 1030.

(2) Officio de F. Xavier de Mendonça, de 16 de Novembro de 1752 — Archivo do Pará. A requerimento da Camara se mandara executar no Estado a lei de 3 de Maio de 1741, vigente no Brasil, dispondo que se marcassem a ferro em braza os escravos fugidos nos mocambos; só, porém, os negros; os indios, esses em caso algum — Resol. de 30 de Maio de 1750. — Prov. de 12 de Maio de 1751.

(3) Vieira, Resp. ao cap. 25.

(4) *Histoire du Brésil* — M. Alphonse de Beauchamp. ps. 336 a 338, vol. I.

mentos de novas conquistas; é para utilisar-se de nossos braços e nosso corpo para trabalhos cujo unico salario seria a violencia e o ultrage. Forçados pelas vantagens de suas armas de fogo, nós teriamos de ser vencidos. Levemos para outra parte nossa acção e nossa coragem. Nada mais podemos esperar dos nossos alliados de França, pois que elles nos abandonaram para conservarem suas vidas. Retiremo-nos antes para terras onde nossos olhos não sejam jámais feridos pela vista dum christão.

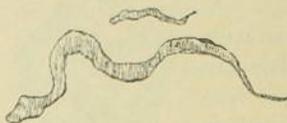



Fig. 73 — UR

Lá, voltaremos aos usos de nossos antepassados, que se contentavam de cultivar e cortar as arvores com instrumentos de pedra, e desprezemos d'hoje em diante todos estes perfidos presentes, todos estes objectos inuteis que nos trouxeram os homens vindos da Europa para nos subjugar. Apressemo-nos em fugir para longe do supplicio da escravidão; a terra é vasta, não paremos senão quando tivermos posto entre nós e nossos implacaveis inimigos um espaço que jamais possam elles transpor. "Convencidos pelo discurso de Jupy-Assú, os Tupinambás tomaram, no mesmo instante, a resolução de effectuar uma retirada, que julgariam deshonrar com o nome de fugida." »

« Primeiro, refugiaram-se nas florestas; mas, não se julgando ainda em segurança contra as aggressões dos Europeus, decidiram-se a procurar além da immensidade dos desertos, alguma terra desconhecida que podesse tornar-se o ultimo asylo de sua independencia.

Reuniram-se em multidão e partiram em longas columnas de todos os sexos e idades, dirigindo-se ao norte para a linha equinoxial, e não deixando atraz de si senão vasta solidão.

Fig. 74 — UR

Chegados emfim ao rio das Amazonas, elles não quizeram recuar á vista desta poderosa barreira; estabeleceram-se em muitos pontos de sua margem meridional, desde sua confluencia com o rio Madeira até sua embocadura. Uns fixaram-se ao longo do mar, na embocadura mesmo do rio, outros sobre a montanha de *Ibanijapap*; estes julgam que a ilha de *Maranhan* os tornaria, mais que em outra parte, inaccessiveis a seus ardentes perseguidores, porque nada lhes parece mais temivel que a vizinhança dos povos civilizados; aquelles preferem as margens dos rios Itapicurú e Mearim; outros, emfim, retirados a léste e a oéste do Pará para Cuma e as costas maritimas de Cayena, estabeleceram lá suas habitações, e todos juntam aos nomes dos logares que elles habitam o de Tupinambás, do qual elles muito se orgulham, para jámais esquecel-o ou consentir em perdel-o. »

Fig. 75 — UR

Eis, conseguintemente, em resumo, o aspecto geral da colonização do norte do Brasil na época mais ou menos a que nos referimos e o que particularmente importa ao Rio Urubú, quanto ao aniquilamento das tribus, com suas differentes denominações, que o habitavam e a sua lugubre devastação.

Logo, que poderemos hoje colher de suas tradições, decorrido mais de dois seculos e meio ?. . .

Fala-nos, apenas, Xavier de Sampaio, 110 annos depois, do Rio-Urubú ([1]), de sua grande população extincta, dos vestigios de seus extensos povoados e accrescenta quanto

(1) *Diario de Viagem na Capit. do Rio-Negro* — 1774-75, § IV.

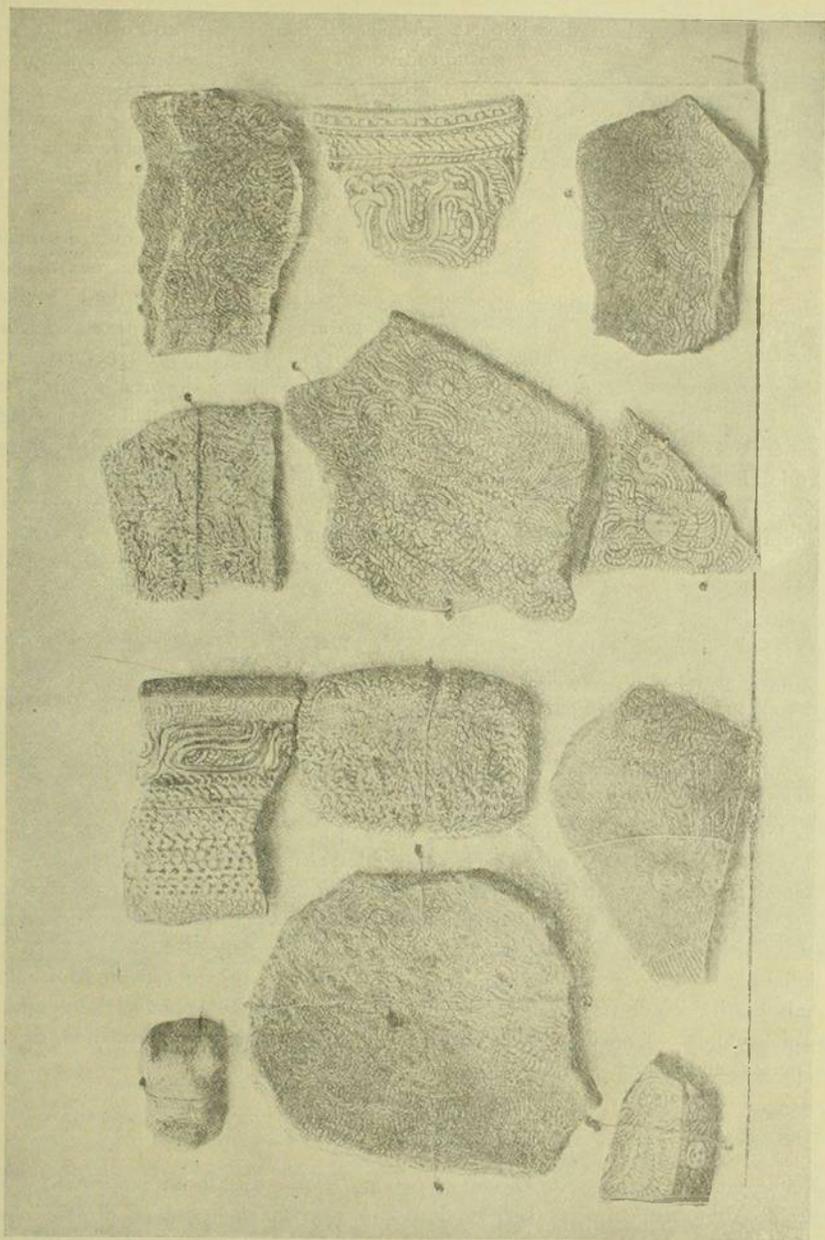



Fig. 76 — Fragmentos de ceramica e diorito gravados com arabescos e por nós restaurados, encontrados nas regiões do Rio Urubú e na Necropole (Miracãuera). Amazonas

ao rio: "as suas fontes, nascem na Goyana Hollandeza, e não ha muitos annos que por aqui se recebiam fazendas pelos indios da parte superior, que communicavam aos da inferior".

É intuitivo que os indios restantes, assombrados com os horrores porque passaram, tomassem o mesmo alvitre dos Tupinambás, internando-se pelas vastidões das mattas, onde não mais tivessem sobre si as vistas malditas de seus oppressores, conduzindo comsigo os objectos mais preciosos.

Fig. 76 A — UR

Deste modo, de seculo a seculo, foram desapparecendo as tradições que conservavam de seus maiores, quanto ás raças que os antecediam, ou deixaram de si vestigios que, embora vagos, encontraram na região que occupavam. As nuvens negras dos côrvos, que por muito permaneceram sobre os despojos dos infelizes, victimas do arcabúz mortifero, que era, então, a *vós sonora da civilização*, determinaram, provavelmente a mudança do nome da tribu Bururarús, segundo uns, Guanavena, Cabuquena e tantos outros, para o de Urubú, pelo qual passou a ser conhecido o rio, de então para cá.

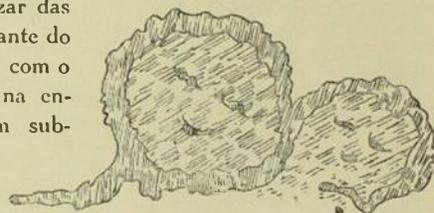
É crivel que tudo isto significasse ainda a realização das propheticas palavras contidas na inscripção de Itacoatiara — FORTUNA E RUINA.

O Rio Urubú offerece-nos, como vemos, uma serie de elementos apreciaveis, dos quaes vamos com interesse cogitando, apezar das difficuldades imperiosas que occasiona a vasante do rio, interceptando as vias de communicação com o Rio Amazonas, emquanto simplificada é na enchente, quando as pedras infelizmente ficam submergidas.

Nem todas as localidades do Rio Urubú, onde temos noticias da existencia de inscripções lapidares, nos serão accessiveis, mas não é sem grande pezar que a tal nos subordinam insuperaveis difficuldades.

Fig. 77 — UR

Agimos de motu proprio e de accordo com o que nos permittem os nossos limitados recursos, si bem não nos faltem coragem e perseverança nesta ordem de investigações.

Aybú é o ponto convergente agora aos nossos estudos e, pelo que demonstra, não é dos mais destituidos de preciosidades, como vamos ver. Neste aprazivel local acha-se installada campestre vivenda, de propriedade particular, dir-se-ha precedida de um bello museu epigraphico.

AYBÚ

Em seguimento ao presente capitulo, portanto, vamos incluir as interessantes inscripções de Aybú, denominadas deste modo pela sua proximidade, talvez, do lago assim conhecido, quando é certo se acharem situadas na margem esquerda do Rio Urubú, municipio de Itacoatiara.

Só podem ser vistas nas regulares vasantes, dependendo a locomoção para este fim por terra e por pequenas embarcações, ou por Silves, em lanchas de regular calado.

Pelo que nos revelam suas inscripções em caracteres phenicios e gregos, sobre variantes naturezas de assumptos, seria este local de alta valia na vida dessas correntes emigratorias, que alli se estabeleceram na alta antiguidade.

A limitação territorial, demonstrada pelos marcos epigraphicos e resolvida, como dizem, em paz e harmonia; a posição estrategica do local, que é um dos mais elevados da região; a divisão natural do curso do Rio Urubú, que alli desenha um angulo saliente, tendo quasi á frente a ramificação do rio, que fórma o lago propriamente do Aybú, e servia a talvez de limite natural, tudo nos faz crer no valor desses singulares monumentos.

É certo que as inscripções de Maquará, das quaes já tratámos, e ficam a regular distancia das de Aybú, na parte inferior, denunciam a predominancia dos caracteres

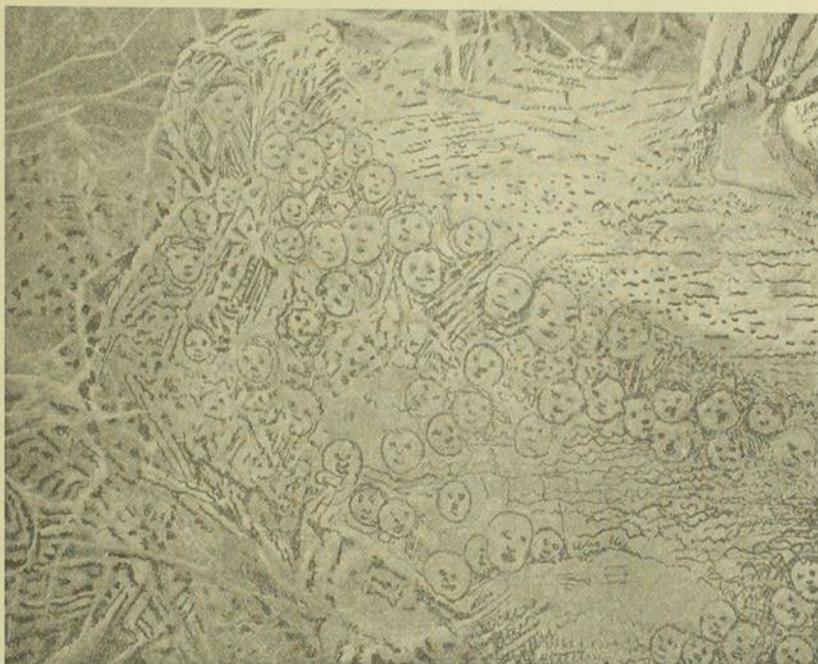



Fig. 78 — Um dos maiores blócos com gravuras no Aybú

phenicios, ao passo que da superior até Sangay, ou antes, Sngarys, pelo menos, os dos gregos. A zona de Itacoatiara nesta razão e comprehendidas as regiões de Silves, Urucará, Uatumã, etc., seriam do dominio phenicio (Cananéa). Quantas surprezas ainda nos reservará o futuro, quando um estudo meticuloso de caracter archeologico for levado a effeito nestes valles e nos differentes de outros Estados da União ?

Desappareçam o indifferentismo, a incredulidade, a ingenuidade, mesmo, dos nossos homens scientistas e preste o governo attenção á nossa prehistoria, que serão realizadas as prophecias do Visconde de Figanière em 1889: "Abrir-se-ão segredos de um passado de que nem se suspeite, com espanto de theoristas e mortificação de uma sciencia arrogante !"

As figs. 5, 80 e 81, relativas entre si, offerecem-nos magnifica interpretação. São subordinadas a caracteres phenicios, em estylo figurativo, artisticamente esculpidos.

A começar da direita para esquerda, teremos em primeiro logar as figs., 5, 81, e 80, terminando mesmo pela grande inscripção da fig. 78, cujos desenhos e caracteres figurativos gregos contêm a palavra :

ΣÓΟΣ: SÃO E SALVO; QUE SUBISTE, etc.:

G H I K S K U G F E R E B H A S A

ח ג ה י ק ש ח ר ב פ ה ר י ב ה אשא

ASA E HEBER ENTREM NAS DELICIAS DE EGHE

Asa, segundo o Dicc. Biblico cit. de Pedro Lacheze (purificação): "Filho e successor de Abia, rei de Judá, seguia o systema de David; dedicou-se a restabelecer o culto do Senhor, e destruiu todos os templos que os reis seus predecessores haviam edificado para os idolos. E' censurado na Escriptura unicamente por não haver tambem destruido as eminencias que a superstição havia consagrado ao Senhor — *Excelsa autem non abstulit* (3, Reg. 15, 14).

Deus concedeu-lhe uma assignalada victoria contra Zara, rei da Ethiopia, que viera aggredil-o com um numeroso exercito; porém excitou a colera de Deus, pedindo soccorro a Benadab, rei da Syria contra Basa, rei de Israel. O Propheta Hanani veio da parte de Deus reprehendel-o por este motivo, e Asa o prendeu e matou muitos judeus. *Iratusque Asa adversus videntem, jussit eum mitti in nervum; val de quippe super hoc fuerat indignatus; et interfecit de populo in tempore illo plurimos* (I Par. 16, 13). Deus o castigou com a terrivel molestia da gota, da qual morreu no anno 3090, da creação do mundo".

Heber, diz o Dicc. cit.: "Filho de Salé; nasceu no anno 1723 do mundo e foi pae de Phaleg. Morreu com 464 annos de idade. Este Patriarcha, assistiu ao nascimento de toda segunda geração desde Noé até Tharé, e ao começo da terceira, vivendo com Abrahão, com Ismael, Isac, Jacob e os filhos deste. Presenciou o principio da divisão do mundo por Noé, e tambem a dos idiomas; viu a tyrannia de Nemrod, o estabelecimento do culto do verdadeiro Deus, a introducção da idolatria, e, finalmente, viveu até o tempo de Nino e de Semiramis (Gen., 10, 21)".

As outras palavras já foram antecedentemente decifradas.

Conclue-se, portanto, que eram os Phenicios (cananeos) oppostos a Asa, Heber e seus adeptos, em creanças religiosas, e sentiam-se bem amparados por EGHE IGou IK, umas das suas eminentes divindades; concitavam elles aos demais a entrar, (por essa allusiva inscripção), e a compartilhar nas delicias que então gozavam, onde o Destino e as dissensões os arrojaram.

Esta inscripção tem affinidade com as de Itacoatiara, sob todos pontos de vista.

Continuamos a nossa descripção por um blóco rigido, que mede de 2 a 3 metros de comprimento, tendo em uma das faces, conforme a fig. 78, grande variedade de gravuras, regularmente visiveis, apesar da submersão de 8 a 9 mezes por anno, como mais ou menos acontece com as demais inscripções da região amazonense.

*

Em a fig. 79 encontra-se de mais notavel uma inscripção em grego antigo nestes termos:

= ΕΗΗΑΕ
ΕΘΑΕ } ETHAE (*robusto*) recorda o nome Biblico assim descripto:

"Da cidade de Geth muito influente no partido de David.

Esteve presente á tomada de Jesrualem e á derrota de Abrahão, onde combateu contra Joab".

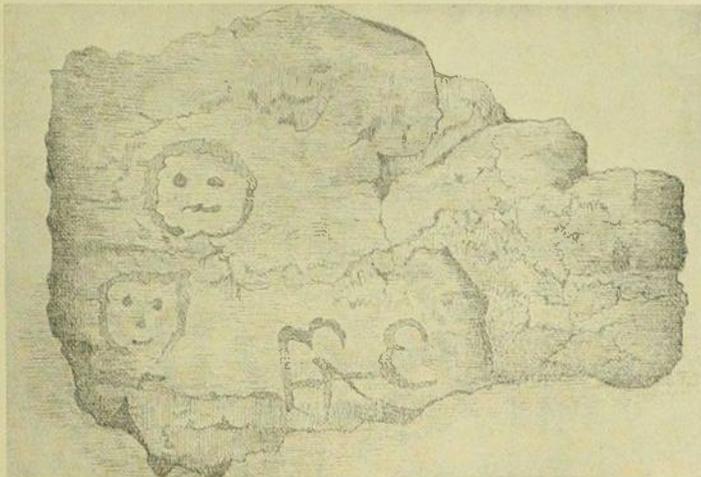



Fig. 79 — Blóco com gravuras em Aybú

As duas figuras traduzem-se pelas palavras gregas ΣΌΟΣ.

*

A nossa photographia, constante da fig. 4, não incluiu com precisão as figuras á esquerda do blóco, pelo que nos força a reproduzil-as como nelle se acham:

I.

Fig. 80

II.

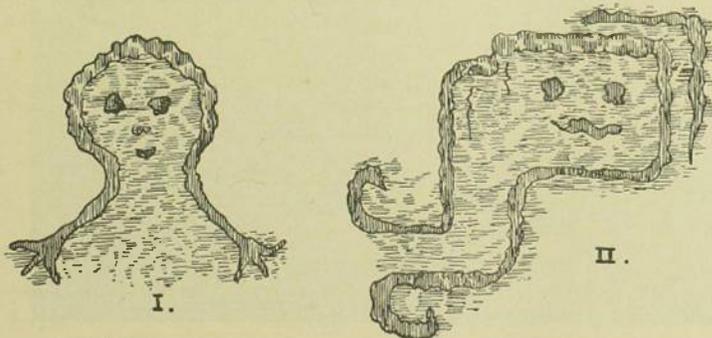



Fig. 81

A II e a que se segue á direita, suppomos representarem o ser symbolico, genio ou divindade do sopro, do ar, do vento, adorada pelos Phenicios, denominada IG, IK ou EG, de que já tratamos em capitulos anteriores.

*

A fig. 82 representa um blóco de regular tamanho com gravuras; talvez as tres da direita a trindade suprema composta de Baal-Hammon, Tanit e Eschmoum, e as duas

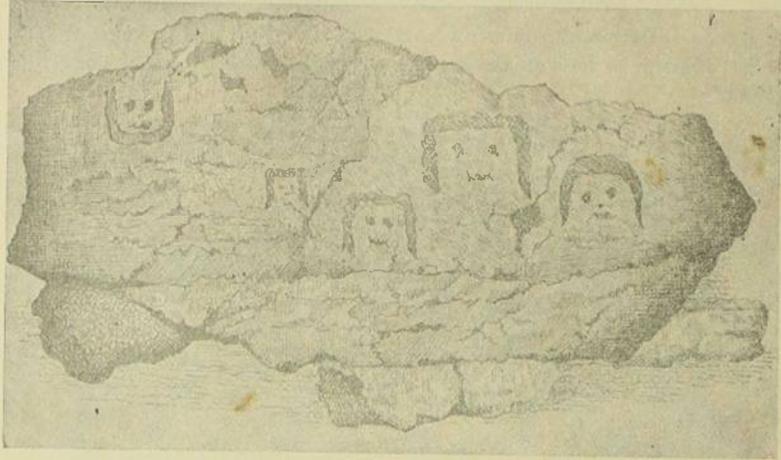



Fig. 82 — Blóco na região do Aybú

da esquerda o Sol e a Lua, divindades Phenicias, contendo a palavra ΣΌΟΣ: *são e salvo; que subsiste*, etc.

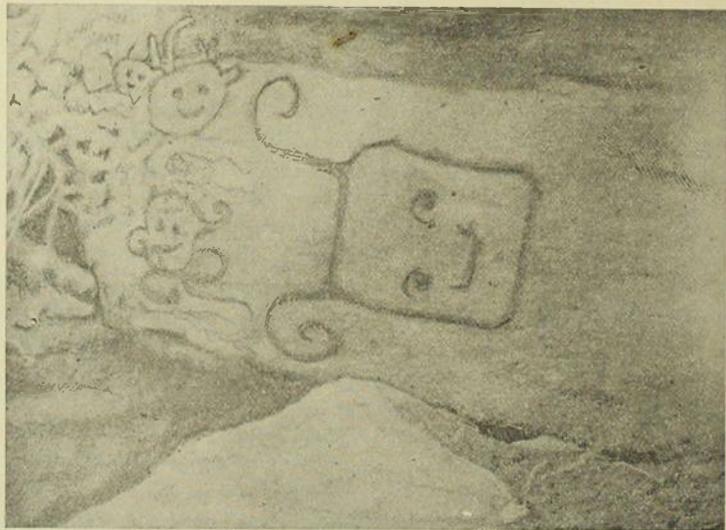



Fig. 83 — Blóco na região do Aybú

A fig. 83, encerra gravuras com chifres, talvez analogas ao demonio, sendo, porém, sabidas as differentes fórmas com que os deuses se transformavam em certas figuras de

animaes etc., como Moloch-assis, Astarté e tantos outros, principalmente egypcios. Isto nos revela tambem uma ligeira ideia dos tradicionaes *juruparys* indigenas, creações analogas aos singulares transformismos dos deuses dessa remota antiguidade.

*

Segue-se a fig. 84, que dá rapida ideia de uma esphinge, em frente a uma gravura, cuja interpretação cremos ser a seguinte:

ΣΙΓΑ — Dicc. Gr. cit., p. 1281 — Σιγα. *adv.*, em silencio, em paz, etc. R. σ-γή.

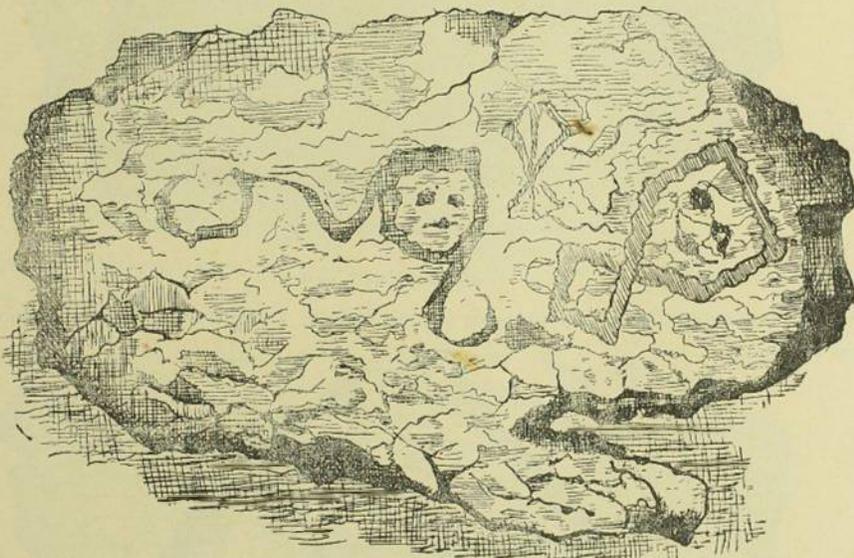



Fig. 84 — Inscripção da região do Aybú (R. Urubú)

*

ΟΡΟΣ — Idem, p. 1009 — Ορος. ου. (ο). limites, fronteira, crista elevada para servir de limite ou de monumento; poste com uma inscripção ou um annuncio para indicar que uma propriedade está alienada, etc.; limite que se não deve transpor, etc.

*

ΙΦΙ — Idem, p. 708 — Ιφι. *adv.*, fortemente, possantemente, deliberadamente, valiosamente, generosamente, etc.

ΟΧΟΣ — Ο Χ Ό Σ

Idem, p. 1025 — Οχός ος, ον, tenaz, firme, solido; *com o gen.* que retem que contém, etc. R. εχω.

INTERPRETAÇÃO: ΣΙΓΑ ΟΡΟΣ ΙΦΙ ΟΧΌΣ

EM PAZ: LIMITE E FRONTEIRA, DELIBERADAMENTE FIRME E FORTE.

A fig. 85 contém a tradicional serpente, o symbolo de Votan, invariavelmente esculpida de differentes fórmas em todos os logares onde se encontram caracteres phenicios em gravura.

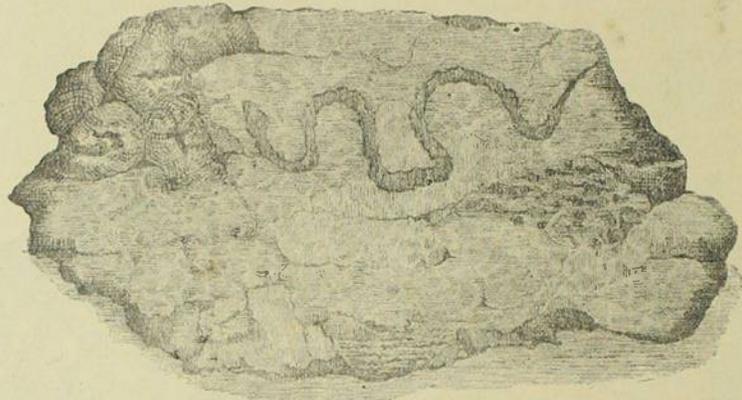



Fig. 85 — Inscripção da região do Aybú

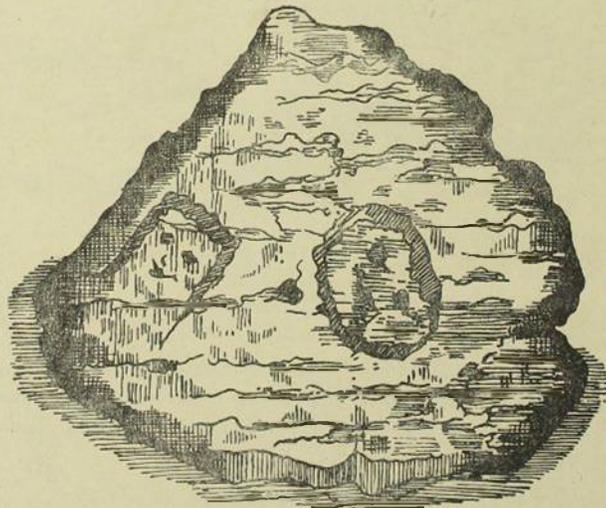



Fig. 86 — Inscripção da região do Aybú

As tres seguintes figs. 85, 86 e 87 não offerecem outra importancia, além de definirem a palavra Σόος, como as precedentes. Nestas condições, muitas outras encontramos isoladas, porém, por muita que seja a nossa minudencia, torna-se difficil mesmo

desenhal-as, ora porque se acham em logares de accesso perigoso e ora quasi apagadas as suas gravuras.

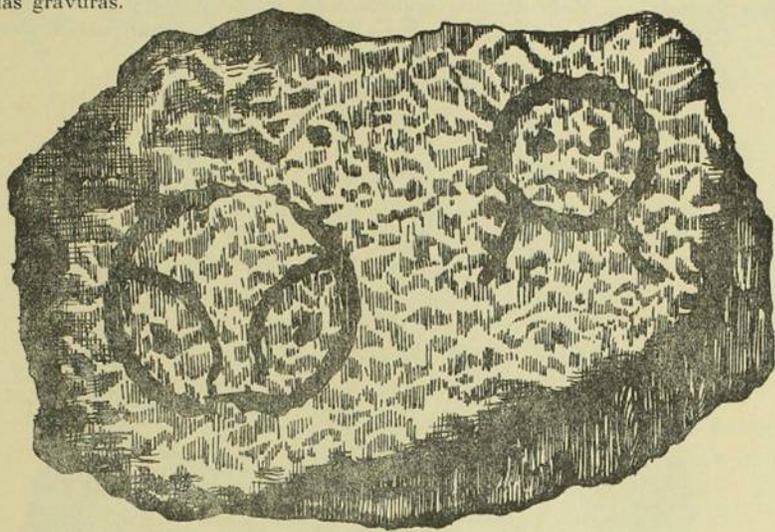



Fig. 87 — Inscripção da região do Aybú

A fig. 89 é incontestavelmente uma das mais importantes inscripções da região do Aybú.

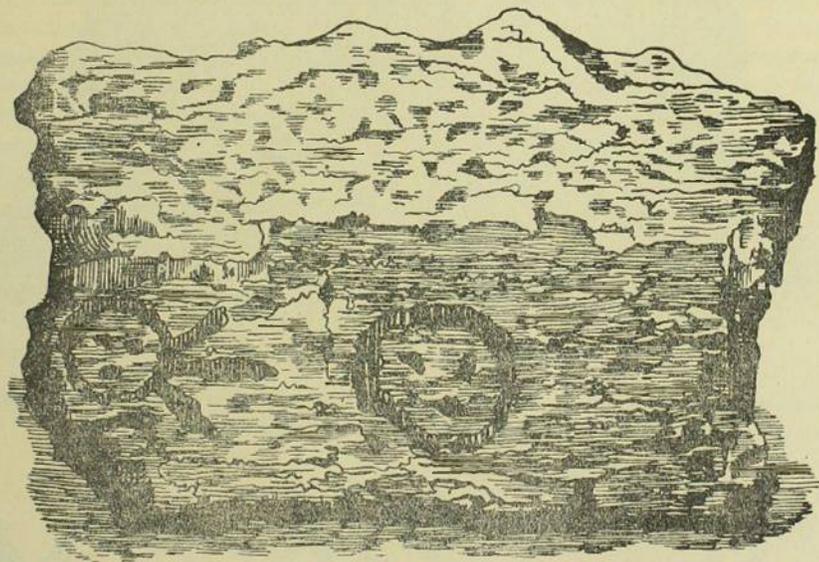



Fig. 88 — Bloco da região do Aybú

Contém caracteristicos phenicios, bastante damnificados pelo tempo, mas que, com algum trabalho, os restaurámos, sem alterar comtudo as suas primitivas fórmas.

Revelam seis nomes, cuja origem remota e historica se encontra no diccionario da Biblia Sagrada, por Pedro Lachèse, publicada em Lisboa no anno de 1853.

Para melhor clareza da nossa interpretação, reproduzimos cada palavra com seus

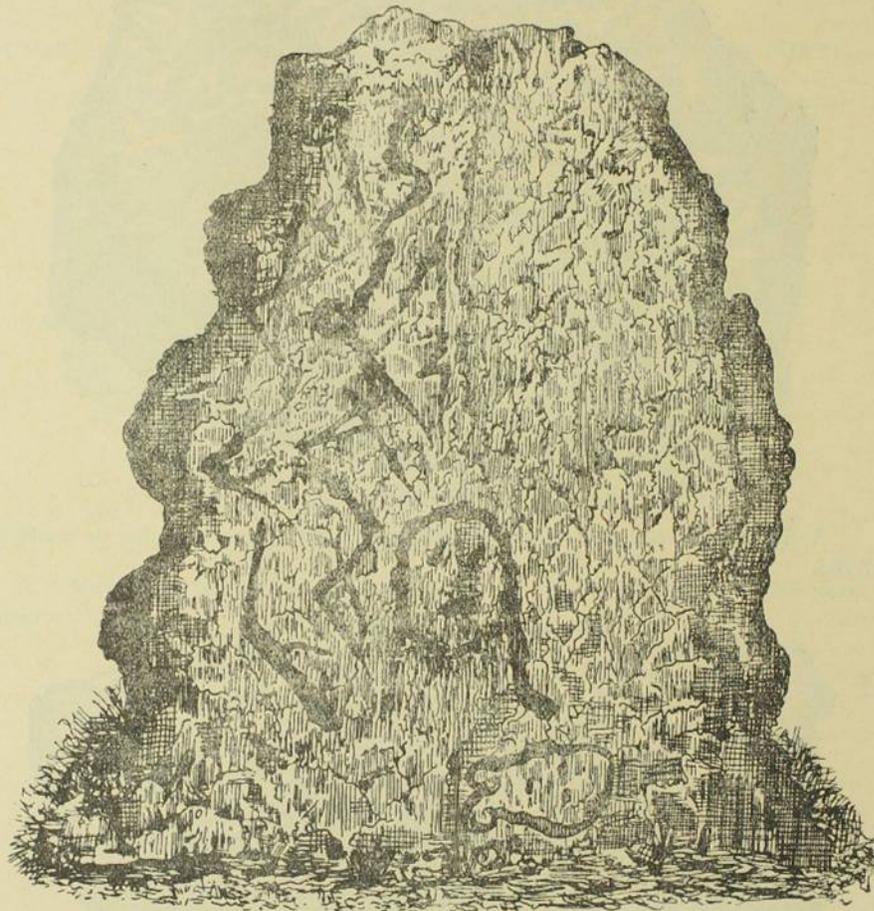
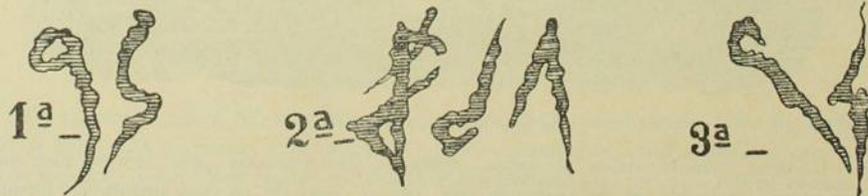
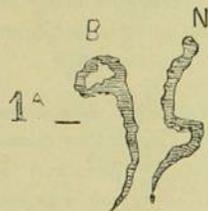
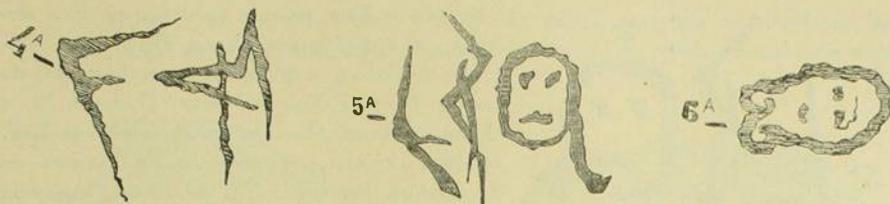



Fig. 89 — Blóco com inscripções phenicias no Aybú

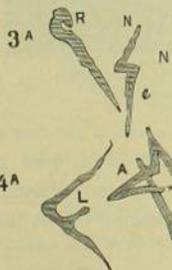
caracteristicos competentes, de modo simplificado, e em seguida a sua pronuncia figurada, como temos feito, e finalmente a significação historica de cada uma.

1ª_ 2ª_ 3ª _

: NEBO OU NEBE = Grande montanha nos confins do territorio dos Mahobitas, onde mandou Deus que subisse Moysés para d'alli contemplar a terra de Chanaan. NEBO *ou* NABO : Divindade da mythologia assyria, muitas vezes citada na Biblia. Representavam este deus com uma cabeça de cão e, segundo S. Jeronymo, attribuia-se-lhe o dom de adivinhar.

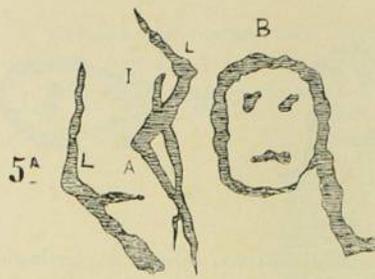
: GALAAD = Filho de Machir e neto de Manassés; teve em partilha as montanhas de Galaad, d'além do Jordão; e foi d'ahi que elle tomou o nome de Galaad. Teve seis filhos: Jezer, Helec, Arriel, Sechem, Semida e Hepher. (Num. 26, 29 e segs.).

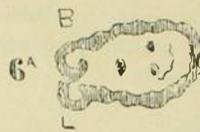
GALAAD — Tambem montanhas ao Oriente do Jordão que separavam o territorio de Ammon Moab, Ruben, Gad e Manassés, da Arabia deserta. Esta montanha estendia-se desde o norte do Libano até ao paiz de que era possuidor Séhon, rei dos Amorrehenses, e foi dada á tribu de Ruben. Tinha mais de setenta leguas em comprimento. Sobre esta montanha foi Jacob insultado por Labão, seu sogro, mas depois de algumas offensas reciprocamente dirigidas, fizeram um com outro alliança e ergueram alli um monumento a que Jacob poz o nome de Gal-haed, etc., cuja passagem já referimos em capitulo anterior.

Havia uma provincia situada além do Jordão, a qual tinha egualmente o nome de Galaad, onde havia antigamente vinte e tres grandes e bellas cidades, que a tribu de Manassés usurpou aos Amorrehenses sob o commando de Gallaad.

Foi neste paiz que morreu Jephté, e foi enterrado em Séba, cidade da provincia. Judas Machabeu tambem alli se assignalou pela derrota de Thimotheo, general dos Ammonitas. (Gen. 31, Num. 32, Deut. 2, Jos. 12, Jug. 5, I Reg. II, 1 Par. 2).

: NERE = Filho de Abiel, pae de Abner e tio de Saul.

: GAAL = *despreso* — Filho de Obed, homem poderoso e de grande credito entre os Sichimitas, o qual querendo libertar os seus concidadãos da oppressão e tyrannia de Abimelech, foi descoberto, atraiçoado por Zebul, a quem havia sido dado o logar de governador de Sichem. Abimelech o perseguiu e Zebul o obrigou a sahir da cidade onde se refugiara. (Jug. 9, 26 e segs.).

5.ª

: BELIAL = Esta palavra hebraica significa *scelerado*; e a Escriptura chama Belial aos habitantes de Gabaa, os quaes abusaram da mulher do Levita: *Civitatis illius filii Belial* (Jud. 19, 22) a Ophni e Phineo, filhos do grande sacerdote Heli, tambem o chama por causa dos seus crimes de devassidões. *Parro filii Heli filii Belid.* Algumas vezes esta palavra designa o demonio, como em S. Paulo: "Que comparação ha entre Jesus Christo e Belial ? (2 Cor. 6, 15.)

6.ª

: BEL ou BELUS, *ancião* — Primeiro rei da Babylonia, que depois de morto recebeu d'esta cidade e de toda a Chaldéa as honras da divindade. Não se sabe com certeza se era Nembrod ou Belus o pae de Nino que os de Babylonia adoravam sob este nome, e a quem erigiram um templo, o qual passava por uma das maravilhas do mundo.

Este templo, com todas as suas grandes riquezas, existiu até ao tempo de Xerxes, o qual, na volta da sua infeliz expedição ao Egypto, o destruiu depois de o haver saqueado. (Dan. 14.)

Eis uma photographia da pedra contendo a inscripação da qual acabamos de tratar.

A sua posição, porém, intercalada a blócos que lhe ficam em frente, difficulta apanhal-a na face justamente mais gravada, restando apenas o rosto que constitue o final da inscripção.

Além destas inscripções, colhemos ainda as seguintes figs. de 91 a 96, mais por curiosidade do que pela importancia que mereçam.

A de n. 96, porém, contém uma data em letras numericas, segundo o estylo grego,

Esta engenhosa combinação, se subordina como é sabido, a que os numeros se contem pelas letras do respectivo alphabeto, quer sejam maiusculas ou minusculas, accrescentando-se-lhes uma virgula em frente ou atrás, ao alto ou á parte inferior, alterando assim a 1ª e a 2ª categoria, etc.

Fig. 90 — Bloco com inscripção phenicia no Aybú (Rio Urubú)

Ora, em uma vetusta inscripção lapidar, carcomida pelo tempo, como a de que ora tratamos, claro é que uma simples virgula podesse conservar, sem alteração, suas primitivas fórmas. Sua funcção, entretanto, no vertente caso, é de caracter essencial, mas infelizmente atrophiado. Esta omissão ou circumstancia impossibilita-nos uma segura interpretação.

Admittamos, porém, que a letra ·ϒ fosse com effeito precedida da virgula na base, teriamos 3.000, emquanto a segunda ᵾ' com a virgula ao alto, 400 — completaria a data

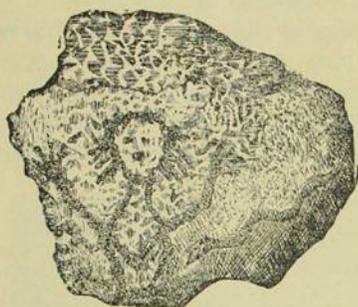



Fig. 91 — Inscripção do Aybú (Rio Urubú)

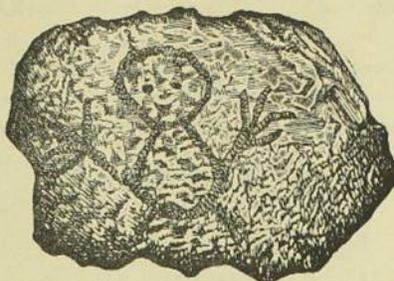



Fig. 92 — Inscripção do Aybú (Rio Urubú)

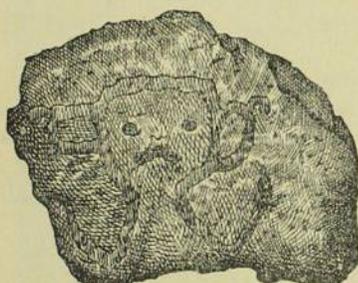



Fig. 93 — Inscripção do Aybú (Rio Urubú)

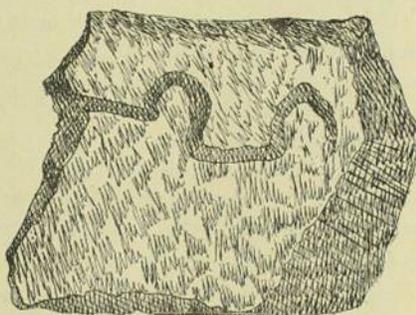



Fig. 94 — Inscripção do Aybú (Rio Urubú)

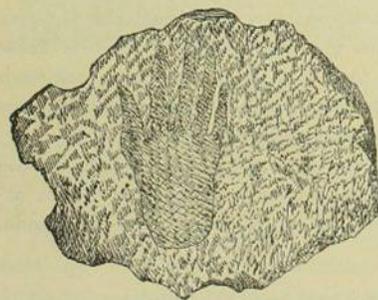



Fig. 95 — Inscripção da Pedra Rasa (Rio Urubú)

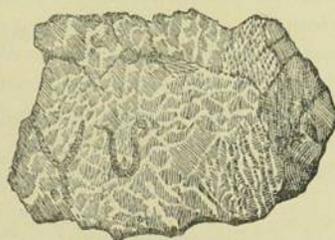



Fig. 96 — Inscripção do Aybú (Rio Urubú)

— 3400 — Observando ainda o computo do tempo — 4004 — da creação do mundo, como querem varios chronologos, teremos a data 604, que se póde suppor anterior á nossa éra.

É curioso ainda que, gravadas estas duas letras numericas em uma das faces do mesmo blóco, n'outra o fizessem em caracteres do grego, então em uso, a fig. 94 —, que, ligada á primeira, proporcionam a seguinte interpretação:

Γ Υ Ε Λ

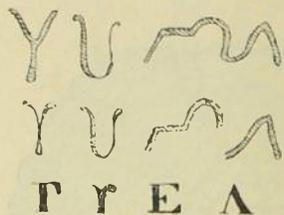



Fig. 97

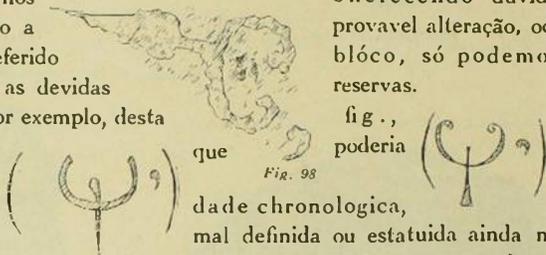
GUEL, nome que se encontra no Diccionario Biblico, já citado, de Pedro Lachèze: (*redempção de Deus*). Filho de Machi; foi um dos enviados por Moysés para o reconhecimento da Terra da Promissão. (Num. 13, 16). Deste modo, podemos finalmente deduzir duas inscripções, aliás bem importantes.

Lembra-nos ainda citar que, na base do blóco de Maquará, fig. 22 —, encontra-se a seguinte gravura: que, nos offerecendo duvida a sua fórma já carcomida, como a provavel alteração, occasionada pelo deslocamento do referido blóco, só podemos sobre ella nos manifestar com as devidas reservas.

Fig. 98

E' assim que, tratando-se, por exemplo, desta fig., teremos 500; de outro modo 700, que poderia estar ligada a outra, desapparecida.

A delicadeza ou complexidade chronologica, pois, desta ordem de numeração, mal definida ou estatuida ainda na epigraphia antiga, e, diga-se mesmo, em geral, torna-se embaraçosa e difficil, ante tanta diversidade de contar o tempo, por isso que appellamos para a interpretação das inscripções, deduzindo d'ella os factos, para coordenal-os ou subordinal-os á chronologia, como temos observado.

*

Subindo o Rio Urubú, pouco acima da fóz do Arauató, encontra-se o grande blóco de que trata a fig. 52, de magnifica apparencia. Esta bella photographia com a que se segue, fig. 99, devemos á recente e delicada offerta da importante Empreza — AMAZONIA CIN FILM —. As inscripções n'ellas contidas revelam uma serie de caracteres de apparencia ethiopica de tal modo, infelizmente apagados uns e confusos outros, pela acção do tempo, e, segundo a posição rasa dos blócos á do fogo, que alli de preferencia commoda ateam os viajantes para o preparo do alimento. Isto tem concorrido, ao que parece, para a depredação dos importantes caracteres, de si já, secularmente alli gravados.

Um estudo meticuloso merecem, pois, as referidas inscripções, confrontando mesmo o original, alvitre que levariamos a effeito, si não fôra o inconveniente de só serem accessiveis nas regulares vasantes do rio, o que se opera, ás vezes, em poucos dias do anno.

*

SANGAY ou SANGAUA, aliás SANGARIS, é o local para onde ora converge nossa attenção. Antes, porém, de entrarmos em assumpto, precisamos fazer ligeiramente algumas considerações sobre este nome, que tambem no tupi é figura, imagem, etc.

Sangay, segundo o Dicc. Geogr. Universal, elaborado por uma Sociedade de Homens de Sciencia, editado por David Corazzi, Lisbôa, 1878, é Montanha e vulcão da Cordilheira dos Andes e faz parte do territorio da Republica do Equador;

Shang-Hai é tambem cidade e porto fluvial da China, como *Sangaris* ou *Sangarius*, rio da Antiga Asia Menor, hoje *Sakaria*, etc. Emfim a nympha SANGARIS, mulher de Athys, e filha do Oceano.

É possivel que haja corrupção nesta palavra, como geralmente acontece com tantas outras da nossa região. Ella terá entretanto sua origem bem significativa e prehistorica mesmo.

Sangay, um affluente do Rio Urubú, onde imperando a superstição, é raramente navegado. Grandes e severas são as penalidades a que está sujeito o pobre mortal, segundo aquellas frivolidades, que se aventura navegal-o, jamais tocar ou mutilar as re-

Fig. 99 — Inscripção do Rio Urubú (Amazonas)

liquias alli petrificadas e esculpidas em fórma de peixes e outros animaes. É em sua fóz que existe a maior parte d'essas curiosidades, mas a pouca vasante, no momento da nossa visita, privou-nos, infelizmente, o prazer de examinal-as.

Percorrendo o seu curso até o fim, ahi logramos deparar com uma variedade de blócos, que curiosamente examinamos, revelando-nos agradavel surpreza.

É real, portanto, que o Sangay, contém preciosidades epigraphicas de alto valor, das quaes não havia até então noticia alguma, valendo-lhes talvez essas superstições a reserva feliz de sua guarda, ás communs depredações.

Os blócos esculpidos são de preferencia esbranquiçados e assemelham-se ao granito em rigidez, de modo que, suas inscripções, conservam-se, com quanto algumas subterradas, admiravelmente intactas e legiveis, como vamos demonstrar.

Não só os apresentamos em photographia, como em desenho tirado do natural, no sentido de simplificar as interpretações, seguidamente observadas.

A fig. 100, porém, resentindo-se de expressão, achamos conveniente reproduzil-a em maior tamanho, dando-lhe melhor exactidão paleographica.

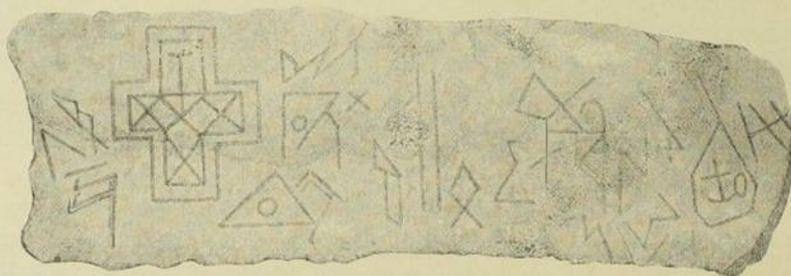



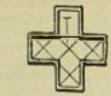
Fig. 100

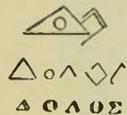
Fig. 101 — Inscripções de Sangay (Rio Urubú)

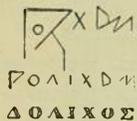
BÃ
ΛINON

Bã — interj. para exprimir o riso, ah! ah!; ou para chamar he! olá!

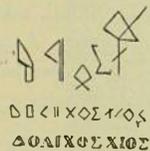
Dic. Gr. cit. p. 856, ΛΙΝΟΝ ou (τό) linho (planta), linha de fiar: tudo que é de linho, como corda, fio, linha de pescar, tarrafa, lençol, vestuario, vela de navio, etc.

Poet. fio em geral; fio das Parcas, fio da vida, destino; Ὑπὲρ τὸ λίνον — além do destino ou a despeito do destino, etc.

ΠΕΡΙΣΣΌΣ

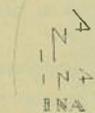
Dicc. Gr. cit. p. 1111 — Περισσος, ἡ, ον (*comp.* οτερος *sup*, ότατος?) que tem alguma cousa mais que as outras; superior, maior *ou* mais abundante; que é demasiado, que excede o numero *ou* a medida, excessivo, etc.

ΔΟΛΟΣ

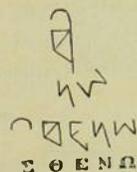
Idem p. 389. Δολος, ου (ὁ) Astuto, velhaco, alicantineiro, artificioso, ardiloso, manhoso, hypocrita, traiçoeiro, etc.

ΔΟΛΙΧΟΣ

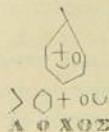
Idem p. 389. Δολιχος, ἡ, ον (*comp.* ωτερος. *super.* ωτατος), longo, alongado; *alg. vez.* longo, de longa duração *Ou* Δολιχὸν *adv. Poet.* longamente, demoradamente.

Δολιχὸς, ου (ὁ), a mais longa carreira que se percorria nos jogos da Grecia, etc.

ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ

Dicc. Gr. cit. p. 389 — Δολιχοσκιος, ος, ον *Poet.* que projecta ao longe sua sombra.

R. R. δολιχοσκια.

ΙΝΑ

Idem p. 697 — Ἱνα, *conj. com o subj. ou* o opt para que, a fim que, etc.

ΣΘΕΝΩ

Idem p. 1.281 (*imperf*) ἔσθενον, *pont de outros tempos*), ser forte, robusto, possante *com o infin.* poder, ter meios *ou* a força de οικατω σθενοντες. *Eurip.* os deuses infernaes.

Λ Ο Χ Ο Σ — Idem p. 864. Λοχος, ου (ὁ), emboscada, cilada, corpos commandados por uma emboscada, destacamento, e *por ext.*, corpo d'armas; *muitas vezes*, companhia de infantaria; *tambem*, esquadra, flotilha, frota, etc.

Η Χ Ή — Dicc. Gr. cit. p. 660. Ηχή, ῆς, (ή), som, barulho, *como* barulho da voz, do vento, do combate, da multidão, etc. *Poet.* palavra, discurso, rumor, nomeada, etc.

ΒÀΛΙΝΟΝ ΠΕΡΙΣΣΟΣ ΔΟΛΟΣ ΔΟΛΙΧΟΣ

ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ ΙΝΑ ΣΘΕΝΩ ΛΟΧΟΣ ΗΧΗ

OH ! FIO DA VIDA OU DESTINO, SUPERIOR EM EXCESSO A OUTRAS COUSAS, TRAIÇOEIRO EM DEMASIA, PROJECTA AO LONGE TUA SOMBRA, AFIM DE SER FORTE E POSSANTE NOSSA ESQUADRA, AO RUMOR DO VENTO, DO COMBATE E DA MULTIDÃO [1]

*

Eis uma serie de surprehendentes inscripções, que synthetisam o valor moral, social, maritimo, artistico e industrial dos emigrantes intemeratos precolombianos. A que acabamos de expôr é uma lucida e tocante invocação ao — Destino —, no proposito de pôr a salvo a sua famosa frota das impetuosidades do mar, dos eminentes combates e dos susurros da multidão inimiga.

Os velhos e primitivos caracteres gregos, hoje felizmente decifrados, revelam claramente o computo do tempo, no qual, só então, eram de uso essas gravuras de escripta, sobre as paginas abertas de seus sublimados archivos, que outros não eram, que os rudes blócos de pedra, prodigamente disseminados pela natureza, á margem de nossos rios e mares, pelos escarpados das serras e pela vastidão dos nossos sertões.

A par de outras não menos significativas inscripções, em seguimento, poder-se-ha considerar que as do Rio Urubú são poderosos factores para a solução do magno problema prehistorico do Brazil, no qual tanto se vem empenhando os perseverantes americanistas.

Pelo aviso ou reclame interessante da inscripção seguinte, fig. 102, deduz-se a existencia de uma localidade de certo desenvolvimento industrial, artistico, etc. D'elle, deprehende-se ainda, que era uso o systema de raspar o cabello, costume inveterado no Oriente, ainda hoje entre os egypcios. Depois desta operação adaptam o tradicional

---

(1) « Segundo o multideismo grecoromano havia no principio o *Chaos* e a *Noite*, de cuja união nasceu o *Destino*, divindade a que obedeciam todas as outras ».

turbante (do Pers. *toruan*) uso tambem peculiar aos Mouros e outros povos da antiguidade. Emquanto os chinezes primam ainda hoje pelo uso abundante do cabello para augmento da trança ou rabicho, áquelles, ao contrario, melhor se sentem sem elles, até mesmo sem as pennugens.

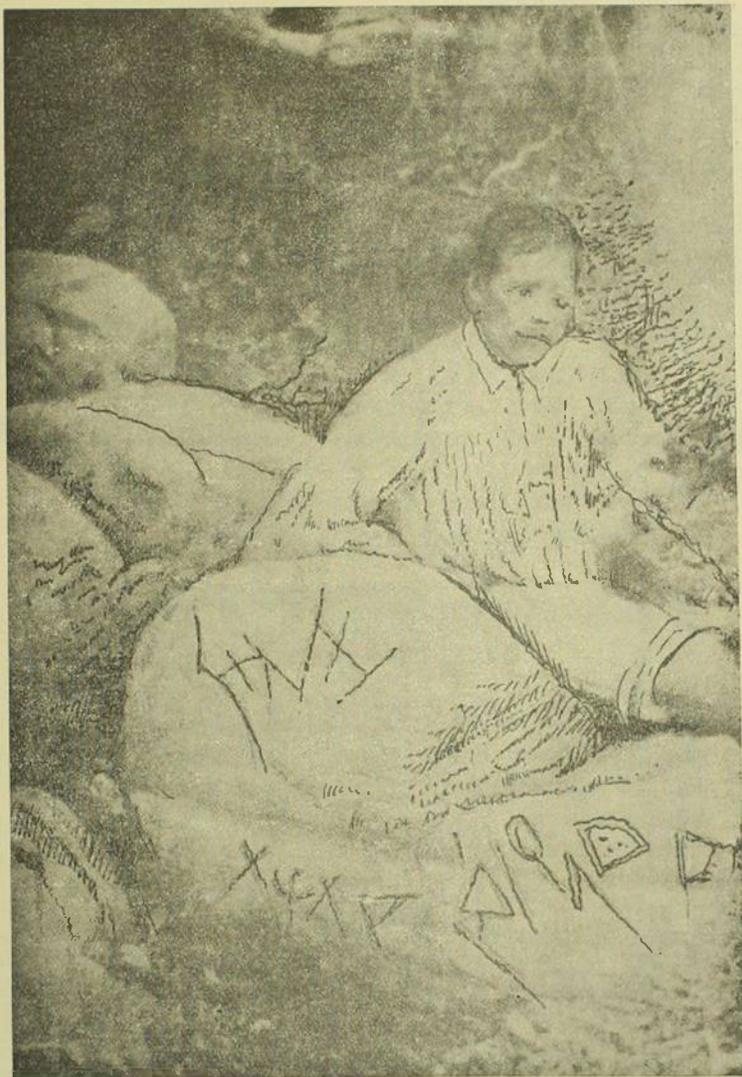



Fig. 102 — Inscripção de Sangay (Rio Urubú)

Propositalmente photographamos, ao lado do seguinte blóco, fig. 102, o nosso velho e intelligente guia, Romualdo, typo caracteristico da região do Rio Urubú. Em

seus traços physionomicos, muito se apura do estudo proficiente da raça indigena Americana, por Couto de Magalhães, Virissimo e outros, no ponto de vista a affinidades asiaticas.

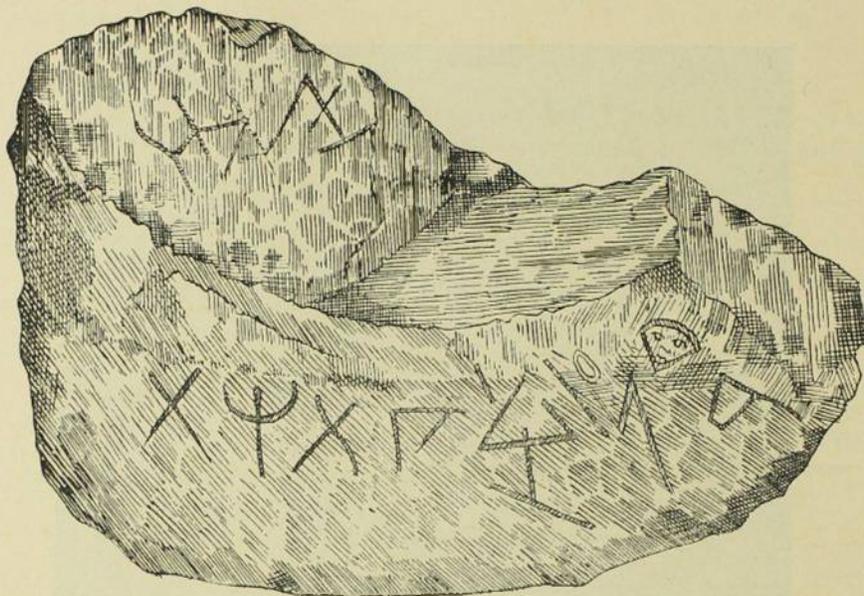



Fig. 103 — Inscripção de Sangay (Rio Urubú)

Σ Ξ Η Μ Α

Dicc. Gr. cit. p. 1388. ΣΞΗΜΑ, ατος, (το) forma, figura exterior, etc. toucador, ornamento qualquer em geral, figura traçada, desenho, esboço, bosquejo, etc.

Η Χ Η

Idem p. 660 Ηχή, ής, (ή), som, barulho, *como* barulho da vóz, do vento, do combate, da multidão, etc., *Poet.* palavra, discurso, rumor, nomeada, etc.

Dicc. Gr. cit. p. 964. Ξυω, f. ξυσω (*aor.* εξυσα, *perf. pass.* εξυσμαι), Raspar, arranhar, esfregar; *alg. vez.* barbear, etc.; polir raspando, *por ext.* esculpir, gravar, inscrever, *alg. vez.* alisar um tecido *ou fig.* polir, aperfeiçoar e concluir com cuidado, etc. R. ξεω.

ΞΑΙΝΩ

Idem p. 959 ΞΑΙΝΩ. f. ξανῶ (*aor.* ἔξηνα. *perf.* ἐξαγχα. *perf-pass.* ἔξασμαι etc. *verbal,* ξαντεον), arranhar e *principalmente,* cardar, pentear; *alg. vez.* fiar, tecer, *fig.* sulcar, rasgar, lavrar, pellar, e *por ext.* bater, etc. R. ξεω.

ΙΟΝΘΟΣ

Idem p. 698. Ιουθος. ου (ὁ). a raiz dos cabellos; pennugem, pello nascente; *alg. vez.* pequenos botões sobre a pelle, etc.

ΣΞΗΜΑ ΗΧΗ ΞΥΩ
ΞΑΙΝΩ ΙΟΝΘΟΣ

TOUCADOR OU TENDA DE NOMEADA:

RASPAR, BARBEAR, GRAVAR E CONCLUIR COM CUIDADO. CARDAR, PENTEAR, PELLAR ATÉ A RAIZ DOS CABELLOS, A PENNUGEM E O PELLO NASCENTE

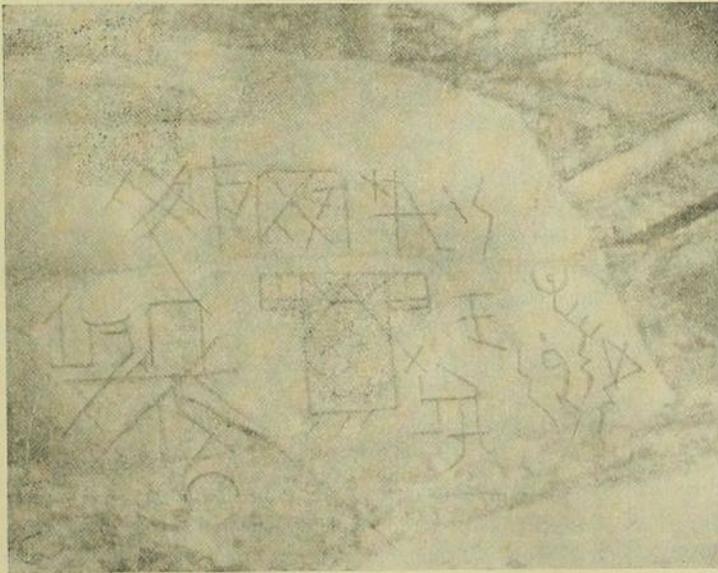



Fig. 104

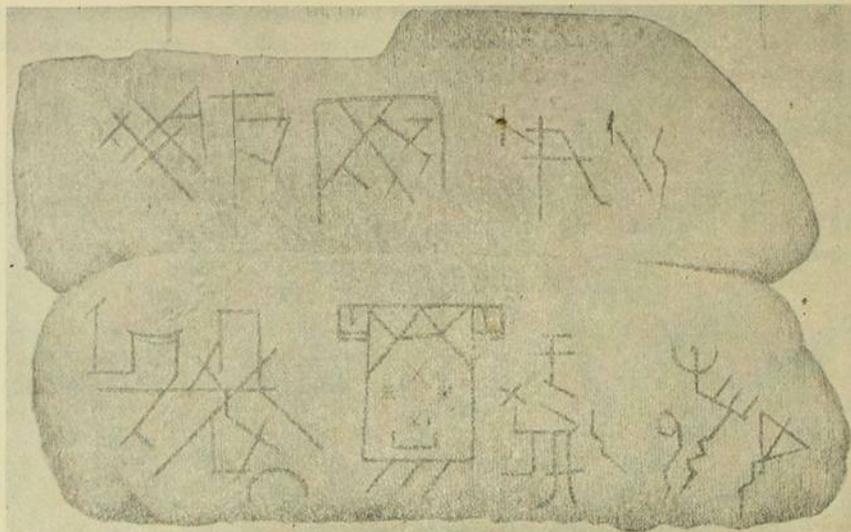



Fig. 105 — Inscripção de Sungay (Rio Urubú)

ΑΜΑΞ

Dicc. Gr. cit. p. 69 — ΑΜΑΞΑ *ou* *ION.* Αμαξα, ης (ἡ), carro, carruagem. *Poet.* charrua, pela sua semelhança com uma carruagem; a carruagem ou grande ursa, etc.

ΟΓΓΑ

Idem p. 966 ΟΓΓΑ ας, (ἁ) *Dor.* sobrenome de Minerva *em* Sparta; *assim* Ογχα. ας (ἁ). *Dor, em* Thebas, *como* Ογγα. *aos* Lacedemonios.

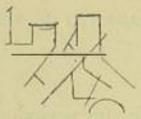
ΠΑΧΥΣ

Idem p. 1.082. Παχυς, εια υ (*comp.* παχυτερος *e* *Poet,* παχιστος). espesso, grosso, gordo, repleto, que tem boa disposição; robusto, forte, grosseiro, commum; *alg. vez.* rico, opulento. R. πηγνυμι.

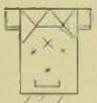
ΧΕΡΗΣ

Idem, p. 1575 — Χερης. ηος (ὁ). *Poet. menos usado o nominativo,* máo, covarde, fraco, *por outra,* inferior, subalterno, *ainda*: mais fraco, mais cobarde, mais vil, etc.

ΙΣ

Dicc. Gr. cit., p. 701 — ΙΣ. *gen.* ινος, (ἡ), fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez,* impetuoso, violento — "Iς" Ηραχληος *ou* "Ηραχληειη. *Hom.* a força de Hercules, ou o proprio Hercules, o poderoso Hercules. Iς Οδυσηος. *Hom.* Ulysses proprio.

ΑΛΙΠΛΟΟΣ-ΟΥΣ

Idem, p. 60 — Αλιπλοος-ους, οος, ους, οον, ουν. *Poet.* que navega sobre, junto ou no mar. R. R. ἅλς, πλεω. Αλιπλωτος. *P. m. sign.* Αλιπλοος ους, etc., que sopra sobre o mar ou toma folego, etc.

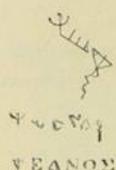
ΠΕΡΙΣΣΟΣ

Idem, p. 1111. Ja interpretada: superior, que excede ao numero ou á medida, excessivo, etc.

ΧΕΡΗΣ

Dicc. Gr. cit., p. 1575 — χερης, (ὁ). *Poet menos usada no nominativo,* máo, covarde, fraco, *por outra,* inferior, subalterno, *ainda*: mais fraco, mais cobarde, mais vil, etc., fragil.

ΟΣΤΙΣ

Idem, p. 1014. Οστις, ἥτις, ὅτι *ou* ὅ τι, *gen* ουτινὸς, ἥστινος, etc. (*declina-se as duas partes da palavra*) *pro-nome relat. indefin.* quem, o qual, aquelle que, *em geral ou num sentido indeterminado,* quem quer que; quem, o qual, etc.

ΨΕΔΝΟΣ

Idem, p. 1601. ψεδνος, η, ον, claro, raro, aberto, calvo, etc.

ΑΜΑΞΑ ΟΓΓΑ ΠΑΧΥΣ ΧΕΡΗΣ ΙΣ ΑΛΙ ΠΛΟΟΣ-ΟΥΣ ΠΕΡΙΣΣΟΣ ΧΕΡΗΣ ΟΣΤΙΣ ΨΕΔΝΟΣ

CARRO OGGA OU MINERVA, ESPESSO, FORTE, IMPETUOSO EM EXCESSO, COMO O PROPRIO HERCULES; NAVEGA SOBRE, JUNTO AO MAR E SUBMERGE; CLARO, ABERTO E SUPERIOR; EXCEDE AO MAIS RARO, FRAGIL OU DELICADO

Com effeito, este singular carro, acha-se ao lado ou á margem do rio, no periodo da vasante; apparentemente fluctuando ao chegar-lhe a agua, submerge durante a enchente, para, novamente, recomeçar esta sua continua alternativa, aliás bem significativa, externada pelo celebre e secular esculptor ou gravador desta bella inscripção.

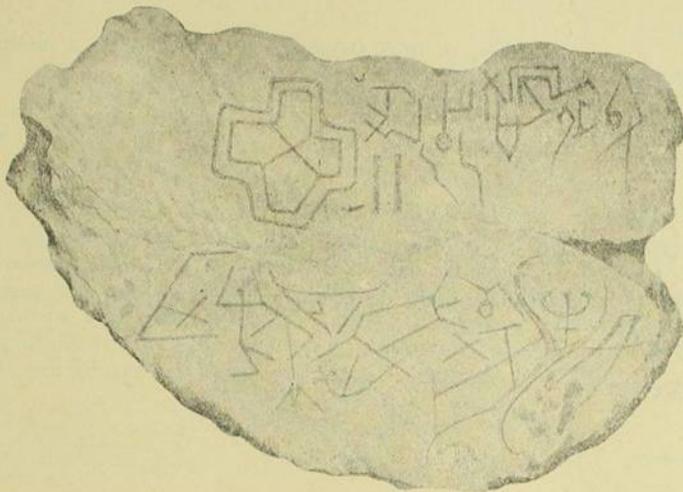
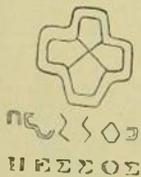
Fig. 106

*

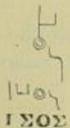
Eis um dos mais celebres monumentos epigraphicos do Brasil prehistorico. Sabemos avaliar a alliança, a paz, a promessa testemunhal na velha historia do mundo, em cuja ceremonia figura a pedra como um de seus magnos attributos. Pois bem, aqui temos o presente blóco, que papel saliente e venerando representou na desapparecida — SANGARIS — do Rio Urubú.

Caso de ampliação analogo ao das figs. 100 e 101 dá-se com as de ns. 106 e 107, cujos originaes mereceriam ser transportados para um dos museus Nacional ou do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, bem como outros valiosos monumentos da região de Sangarys, de não muito difficil remoção.

Fig. 107 — Inscripção de Sangay (Rio Urubú)

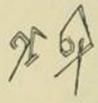
ΠΕΣΣΟΣ

Dicc. Gr. cit., p. 1119. Πεσσός, οῦ (ὁ), tento, peça com a qual se executa certo jogo; pedra de fórma cubica *ou* pyramidal, etc. R. πίπτω ?

ΠΙΣΤΕΙΣ

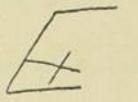
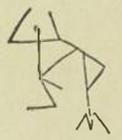
Idem, p. 1127. Πίστεις, εων, (αἱ), garantias, certezas, promessas, obrigações, palavra dada e recebida, convenções, tratados, etc., *sing.* Πίστις, εως (ἡ), fé, confiança, crença: o que faz fé *como* argumentos, demonstrações; promessa, certeza, garantia; opinião que se tem dos talentos ou das virtudes de alguem. Cousa ou encargo confiado a alguem, commissão, mandato, delegação, poderes de um embaixador; *alg. vez.* docilidade, obediencia, *muitas vez.* fidelidade e boa fé, etc.

ΙΣΟΣ

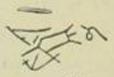
Idem, p. 704. Ἴσος *ou poet.* Ἶσος, η, ον, 1°, igual, semelhante; 2°, igual, unido, plano; 3°, igual, indifferente; 4° justo e equitativo, etc.

ΟΧΛΗΤΙΧΟΣ

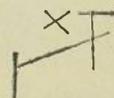
Idem, p. 1025. Οχλητιχος,ή ον, que concerne á multidão; *alg. vez.* Οχληρος ?

ΟΧΛΙΧΟΣ

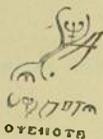
Dicc. Gr. cit., p. 1025. Οχλιχος. ή. ον. que concerne á turba, azafama, aperto de gente, multidão, ao vulgo, á populaça, etc.
R. Οχλος.

ΑΛΗΣ

Idem, p. 59. ΑΛΗΣ, ης. ες. *Poet.* congregado, reunido; concurso de povo; abundante, copioso, em grande quantidade *ou* em grande numero reunido, reunido em um só corpo ION por μλεςι em grande quantidade, em massa, etc. R. ιλλω.

ΨΕΔΝΟΣ

Idem, p. 1601. Ψεδνος, η, ον, claro, brilhante, raro, aberto, etc., claridade, luz, resplandor, *adv.* distinctamente, sinceramente, etc. etc.

ΑΨΙΧΑΡΔΙΟΣ

Dicc. Gr. cit., p. 267 — Αψιχαρδιος, ος, ον. — tocante, que toca ao coração.
R. ἄπτχαρδια.

ΗΧΗ

Idem, p. 660. Já descripto: som, barulho, *como*: barulho da vóz, do vento, do combate, da multidão, etc. *Poet.* palavra, discurso, rumor, nomeada, etc.

ΟΥΕΠΟΤΕ

Idem, p. 1025. ΟΨΕ, *adv.* etc. Οψέ ποτε, emfim, em summa, finalmente; n'uma palavra, por conclusão, por fim, etc.

ΠΕΣΣΟΣ ΠΙΣΤΕΙΣ ΙΣΟΣ ΟΧΛΗΤΙΧΟΣ ΟΧΛΙ ΧΟΣ ΑΛΗΣ ΨΕΑΝΟΣ ΑΨΙΧΑΡΔΙΟΣ ΗΧΕ ΟΨΕ ΠΟΤΕ

PEDRA DAS GARANTIAS OU PROMESSAS, OBRIGAÇÕES, TRATADOS, AO MANDATO OU DELEGAÇÃO DE FIDELIDADE E BOA FÉ, JUSTO E EQUITATIVO, QUE CONCERNE A' TURBA OU MULTIDÃO DO POVO EM GRANDE NUMERO CONGREGADO EM UM SÓ CORPO, SINCERAMENTE TOCANTE A' PALAVRA E AO CORAÇÃO EMFIM

*

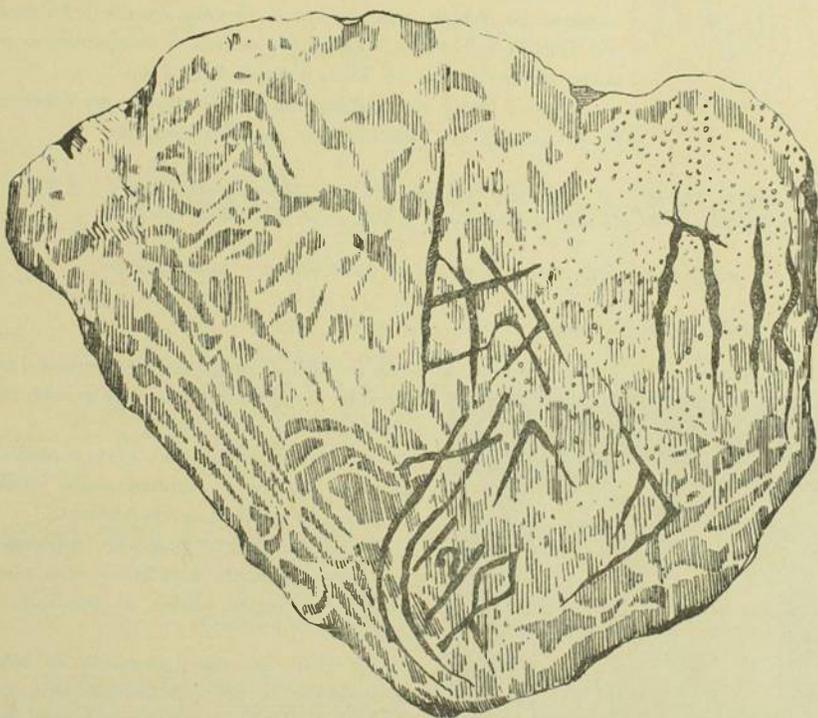
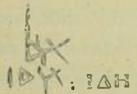



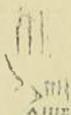
Fig. 108 — Inscripção de Sangay (Rio Urubú)

: ΙΔΗ

Dicc. Gr. cit., p. 688 — ΙΔΗ, ης, (ἡ), ΙΟΝ, bosque ou pequeno valle coberto de matto, ou forrado, aliás guarnecido de madeira, *nas montanhas*: Ida, nome de montanha.

ΗΧΗ

Dicc. Gr. cit., p. 660. Ηχη, ης (ἡ). (Já descripto): de nomeada, afamado, celebre, etc.

ΛΗΓΞΩ

Idem, p. 850. f. ΛΗΞΩ (*aor* ελῆξα), se terminar, acabar, cessar, parar-se, repousar-se. *Poet. no som act.* fazer cessar, etc.

ΑΠΙΣ

Idem, p. 174. R. Απιος, etc. ΑΠΙΣ. Nome de um antigo rei fabuloso de Argos, que governava tyrannicamente e foi morto por Telchin e Thelxios. Deste rei deixou o Peloponeso o primitivo nome de Apia ou Terra d'Apis (*Apia Tellus*).

Apis ou Hapis era tambem um touro sagrado que adoravam no antigo Egypto, especialmente em Memphis, etc.

ΙΛΗ-ΑΠΙΣ-ΗΧΗ ΛΗΓΞΩ

BOSQUE — APIS — AFAMADO PARA ESTACIONAR E REPOUSAR-SE

*

No momento em que fazia medição do presente blóco o amigo dedicado major Jason Hermida, o surprehendemos, com prazer, photographando-o.

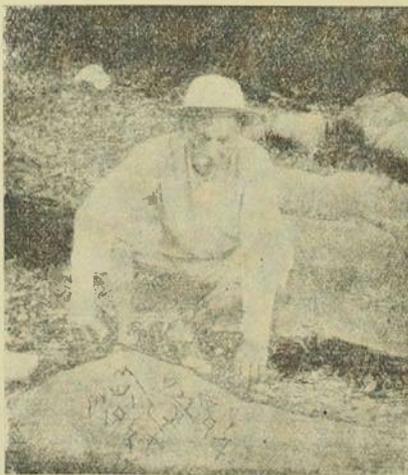



Fig. 109

Assim procedemos como grata recordação aos seus valiosos e desinteressados auxilios em favor do nosso emprehendimento.

O referido blóco achava-se subterrado, como provavelmente acontecerá com tantos outros nessa região, dadas as condições do terreno.

E' crivel que esse accumulo de blócos tão importantes, ahi subterrados, seria uma preciosa reserva de monumentos para alli transportados de seus primitivos logares, em momentos talvez angustiosos da vida de seus autores, cabendo-nos a satisfação da descoberta dessa preciosidade epigraphica.

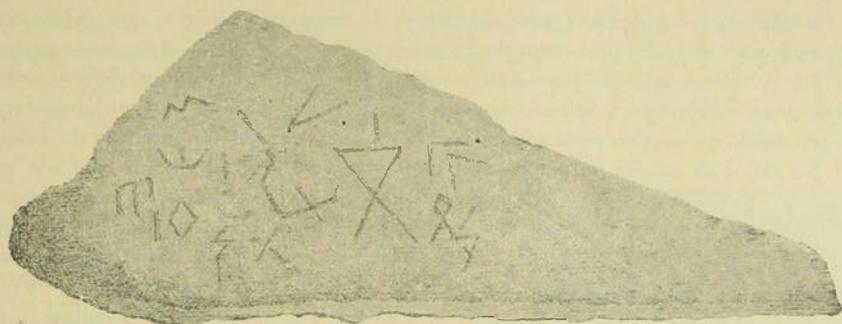
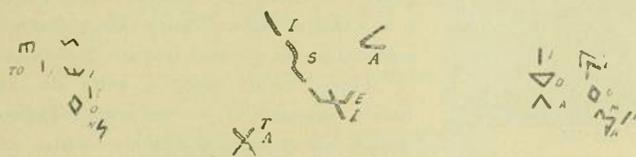



Fig. 110

Dicc. Gr. cit., p. 702. ΙΣΕΙΟΝ *ou* ΙΣΕΙΟΝ, ου (τό), o templo de Isis = ΤΑ ΙΣΕΙΑ, as festas de Isis. R. Ισις, *deusa Egypcia.*

Idem, p. 688. ΙΔΑΛΛΟΜΑΙ, *Gloss. p.* ΙΝΔΑΛΛΟΜΑΙ = p. 697 — Ινδαλλομαι, *sem fut.* (*aor.* ινδαλθην). *Poet. ou raro em prosa,* se mostrar, se indicar, dar a conhecer, ensinar, assemelhar, parecer, semelhante, etc. R. ειδος, εος ους, (τό). aspecto, apparencia, fórma exterior, etc.

ΤΟ ΣΕΙΟΝ ΤΑ ΙΣΕΙΑ ΙΔΑΛΛΟΜΑΙ

DAR A CONHECER O ASPECTO DO TEMPLO E DAS FESTAS DE ISIS

M. Georges Bénédite, descrevendo a Ilha de Philae, falla-nos assim do grande Templo de Isis: "Construido no fundo do dromos, tem seu primeiro pilone da largura de 45 ½m sobre 18 de altura. Os dois massiços entre os quaes se encaixa um portal ornado de quadros com *cartouches* de Nectanebe II, são ornamentados na face principal com a grande scena tradicional do massacre dos captivos; o rei que executa o sacrificio aqui é Neos Dionysios e as divindades ás quaes se dirige são Isis, Horus d'Edfou e Hathor.

Os quadros superiores têm o nome do mesmo Pharaó.

O *Mammise* é uma linda parte do edificio de disposição *périptere*, comprehendendo tres quartos em seguida, precedidos de um *pronaos*; um portico limitado ao norte, a oeste e a léste, Nelle se adorava Isis a Antiga, mãe d'Hathor, e os quadros que ahi se vê em representam o nascimento, a infancia e a educação de Horus. Começado por Evergete II, foi continuado em sua decoração sobre Neos Dionysios e acabado já no reinado de Tiberio.

No alto e no interior da parede éste, do *pronaos*, ha duas inscripções bilingues (em caracteres hieroglyphicos e demoticos) de Epiphania, das quaes uma é reproducção do decreto trilingue, gravado sobre a celebre pedra de Rosetta; infelizmente ellas são intercortadas pelos baixos relevos mandados gravar depois por Neos Dionisios. . . . "

Fig. 111

Sobre Isis, assim se manifesta o *Diccionario Popular*, citado: "Uma das divindades principaes dos egypcios era mulher e irmã de Osiris, e mãe de Horus e de Harpocrates. Reinou largo tempo no Egypto com seu irmão, e ambos fizeram florescer a agricultura.

Osiris, tendo sido, á volta da conquista dos Indios, assassinado por seu irmão Typhon, Isias, levantou um exercito e marchou contra este, dando o commando das tropas a Horus, seu filho, que venceu o inimigo em duas batalhas campaes.

Foi introduzido, depois da sua morte, na classe dos deuses.

Tomou-se Isis umas vezes pela Lua, outras vezes pela Natureza, mãe de todas as cousas; tambem algumas vezes se confunde com a vacca Io.

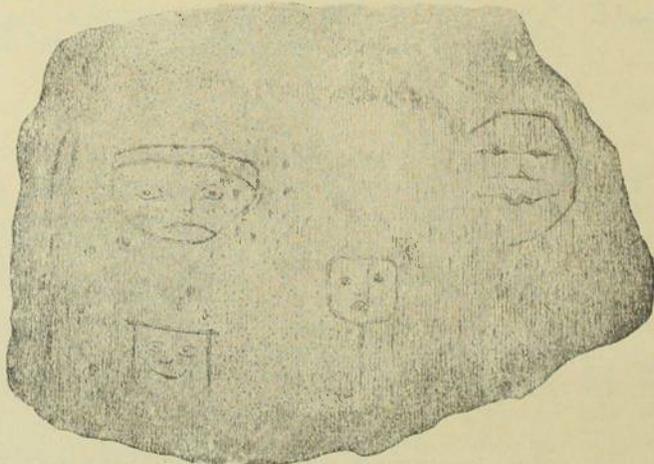
Representam-n'a com a physionomia de uma joven mulher, tendo na cabeça pontas ou um globo lunar, sentada e amamentando Horus; tem por attributos o sistro e o lodão.

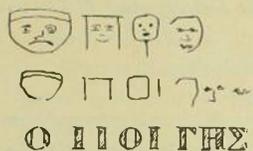
Fig. 112 — Inscripção de Sangay (Rio Urubú)

O Egypto celebra em honra de Isis mysterios que se espalharam na Grecia e na Italia, e que se julga serem os mesmos que os de Cybele.

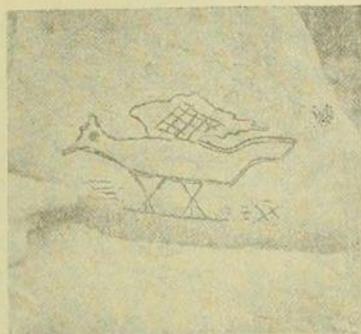
Tinha padres chamados Isiacos.

Vêem-se os mysterios de Isis representados na *Taboa Isiaca*".

*

A fig. 111, aliás uma interessante pergunta, cuja resposta é a que se segue, fig. 112, não foi apanhada em sua totalidade photographicamente, o que, entretanto, está sup-

prido pelo desenho. Os blócos acham-se com effeito quasi juntos e são de tamanhos regulares, acontecendo ao primeiro o mesmo que ao segundo, no sentido de não ser apanhado por completo. O seu desenho, porém, tendo abrangido a fórma geral, dá a perceber uma leve apparencia da ave esculpida em repouso, ou a de outro mais apropriado animal.

Ο ΠΟΙ ΓΗΣ

Dicc. Gr. cit., p. 999. Οποι, *adv.* onde, junto a que lugar, *com movimento.* Οποι γης em que lugar do mundo, etc.

R. ποι.

ΟΠΟΙ ΓΗΣ (?)

EM QUE LUGAR DO MUNDO (?)

Fig. 113 — Inscripção de Sangay (Rio Urubú)

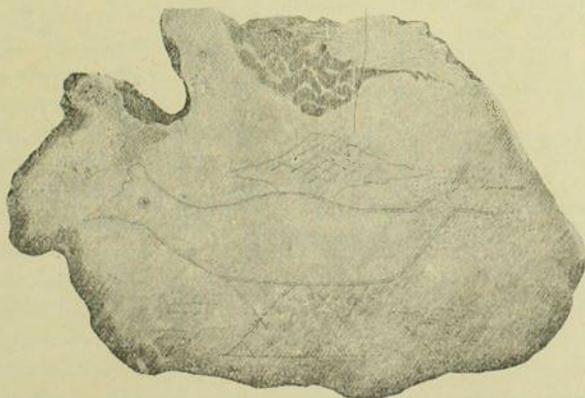
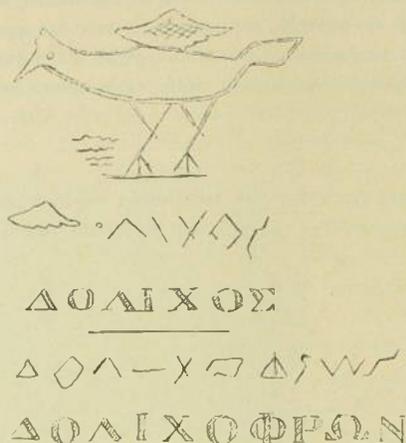



Fig. 114

ΔΟΛΙΧΟΣ

ΔΟΛΙΧΟΦΡΩΝ

Dicc. Gr. cit., p. 389. Δολιχος. ου (ο), distante, a mais longa carreira que se tem percorrido *nos jogos da Grecia*, etc. R. δολιχος. *adj*.

Idem, p. 389. Δολιχοφρων. ων, *gen*. ονος, *Poet*. donde os pensamentos se estendem longe.

R. R. δολιχος.φρήν.

ΔΟΛΙΧΟΣ ΔΟΛΙΧΟΦΡΩΝ

DISTANTE DONDE OS PENSAMENTOS SE ESTENDEM LONGE

Vamos terminar as nossas ligeiras investigações em Sangay com duas interessantes figuras: a primeira, 115, apresenta um bloco de 2m,00 de alto, parte natural e parte artificial, representando um monstro, que parece devorar uma presa. O seu effeito é magnifico, pois, collocado na fóz d'uma das ramificações do rio, apresenta-se de surpresa á vista do viajante. De longe, mais ainda se torna curiosa essa esquisita figura, que não se póde precisamente definir.

A segunda é outro blóco no primeiro caso, dando apparencia de um *peixe boi*. Esta figura acha-se mutilada nas partes suppridas por pontos. É d'ahi, como em outros casos, que se origina a lenda ou o mysterioso horror que votam os supersticiosos a essas sombrias paragens.

Uma vez verificadas semelhantes depredações, segundo o vulgo, graves condemnações de então pesaram sobre seus autores, como a todo aquelle que ouse tocar ou visitar mesmo semelhantes curiosidades.

Fig. 115 — Blóco em Sangay (Rio Urubú)

Assim, terminamos o presente capitulo referente ao Rio Urubú, que muito tem de precioso, ainda, a estudar e investigar.

*

Deccorridos alguns annos e continuando inedito o presente trabalho, eis que se nos offerece feliz acaso, proporcionado pela enorme vasante de 1926, phenomeno que

variavelmente se vem operando na região amazonense, de 10 em 10 annos, permittindo-nos levar a effeito uma excursão, não só neste, como nos rios Uatumã e Jatapú, com bom exito. De facto, a differença em nivel d'agua de 4 a 6 metros, trouxe á luz do dia numero consideravel de inscripções verdadeiramente surprehendentes e bellas, não só no ponto artistico, como attestanto a solução do nosso magno problema prehistorico Americano e particularmente o do Brasil, cujo assumpto tanto nos tem preoccupado.

É a epigraphia o elemento supremo que, como na Assyria e no Egypto, resolveu e revelou mysterios pasmosos de éras perdidas na noite dos tempos.

Diante desses colossaes blócos de pedra, gravados como se fôra para a eternidade, dos quaes reproduzimos com paciencia, os exemplares que ora offerecemos aos scientistas, é que se firmarão, de vez, provas irrefutaveis da nossa these.

Tão grandes são, com effeito, esses specimens, como difficil de remover a maior parte, e apagar o indelevel systema da escriptura n'elles esculpida, reveladora do primordio do nosso longinquo secular passado, que vinha ignorado.

Varios são, na realidade, os pontos historicos, que se referem á vida agitada e ás calamidades dos gregos, que, debaixo d'um aspecto bem diverso de vencedores de Troya, continuaram perseguidos aqui e acolá pelos deoses ou pereceram em suas peregrinações

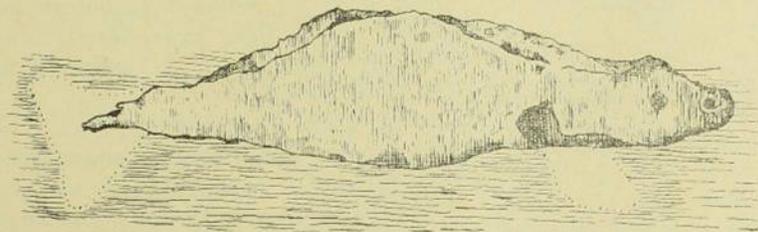



Fig 116 — Sangay (Rio Urubú)

ou acharam, ao entrarem em suas casas, a usurpação, o adulterio e o assassinato, no dizer de Cantú. É elle ainda que nos diz:

« Continuaremos nessa narrativa dizendo que a guerra de Troya, isto é, o ultimo movimento da raça pelasgica, abalou todos os reinos da Asia Menor e da Grecia; daqui as mudanças de dynastias, as emigrações, as colonias, cujas vicissitudes o historiador segue com muito custo, tão grande é a penuria de documentos. »

. . . . Das verdades Primitivas, os hymnos orphicos fornecem a prova de que, na origem, a Grecia professava a unidade de Deus: "Jupiter foi o primeiro e o ultimo, a cabeça e o meio; delle provieram todas as cousas. Jupiter foi homem e virgem immortal; Jupiter é a chamma de fogo, a origem do mar; Jupiter é o sol e a lua; Jupiter é rei: elle só creou todas as cousas. É elle uma força, um deus, o grande principio de tudo quanto existe; é um todo perfeito que abrange todos os seres, fogo, agua, terra, ar, noite, dia e Metes primeira creadora, e o amor attrahente.

Todos estes seres se contam no immenso corpo de Jupiter. O mesmo Orpheu, isto é, os poetas mais antigos cantavam: Natureza, mãe divina, universal, mãe por tantas fórmas celeste, veneravel, espirito soberanamente creador, rainha indomavel que tudo domas, tudo governas, por toda a parte brilhas, omnipotente, adorada na eternidade, divindade superior a qualquer outra, indestructivel, primogenita, antiquissima. . . commum a todos, unica incommunicavel, mãe de ti mesma porque não tens mãe, por tua

força varonil tudo produzes, tudo sabes, tudo dás; creadora e rainha do Universo, artista fecunda de tudo quanto cresce, destruidora de tudo quanto está sazonado, pae, mãe, alimentadora e sustentaculo de todas as cousas.»

« Os gregos perdem de vista este culto da natureza, vizinho do pantheismo. Este Jupiter, considerado em todos os cantos primitivos como o senhor do céo e da terra, pae dos deuses e dos mortaes, fonte da vida, da ordem e da justiça, converte-se em um nome appellativo; eis porque houve tão grande numero d'elles na Grecia; Varrão chegou a contar 300, na Italia; as qualidades personificam-se, e as fabulas se vão complicando cada vez mais. Porém, nada ou pouco sabemos da mythologia pelasgica, symbolica e theologica que presidiu aos primeiros desenvolvimentos da civilização grega; pois pelo tempo da separação entre a sacerdocia e a poesia ella somente sobreviveu nos mysterios e nos

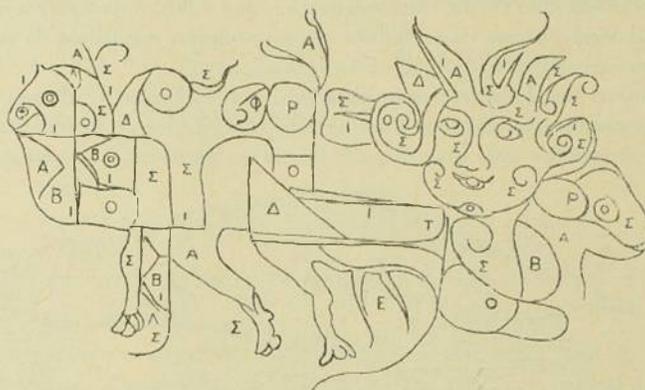



Fig. 117 — Inscripção no lugar denominado Nebo (Rio Urubú — Amazonas)

ΙΘΙ ΌΛΟΣ ·ΑΣΙΔΟΣ ἈΒΙΟΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ —·ΣΙΆΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ

·ΣΙΌΣ ΔΙΑ ·ΣΙΑ͂Σ ·ΣΙΟ͂Σ "ΟΣΟΣ! ΣΟΟΣ! ΣΟΒΑΡΟΣ!

CORAGEM !

DE CAMINHO DA ASIA (MENOR) POBRE OU QUE TORNA A VIDA

INSUPPORTAVEL Á HUMANIDADE EM VIOLENCIA !

DEUSA VENUS, DEUS JUPITER, DEUSAS, DEUSES TÃO CONSIDERAVEIS! SÃOS E SALVOS

QUE SE AGITEM COM IMPETO!

mythos, cujo sentido se perdeu; até Homero e Hesiodo, que referem alguns fragmentos d'elles, não parecem comprehendel-os já...»

«.... As divindades homericas são locaes, de tribu, como qualquer outra coisa na Grecia; a immortalidade dos deuses não é mais do que uma vida muito mais longa do que a nossa; podem communical-a aos mortaes, mas não poderiam subtrahil-os á morte decretada pelo Destino, potencia superior á delles, contra a qual lutam sem cessar. Sua agilidade, uma corpulencia gigantesca, uma voz mais retumbante, um porte mais nobre, distinguem-nos dos homens...»

Estas breves citações dão-nos ensejos bem frisantes a illações sobre a suprema divindade de Jupiter, pae dos deuses e dos mortaes, cantado em vibrantes hymnos, na sonora lyra de Orpheu, como em prosa, indelevelmente gravados nesses singulares monumentos

epigraphicos, executados pelos seus fervorosos e fieis veneradores, amparados nesta vasta parte da região denominada então — Iliada — e de permeio ás controversias do poderoso — Destino —. Venus é, como Jupiter, a deosa por excellencia, invocada na afflicção e massacres, dos quaes, porém, se consideravam Sãos e Salvos pelos seus deuses.

E' agora uma questão de observação methodica e visual. Esse memoravel archivo está a mercê da sciencia; é diante delle que se deve argumentar, discutir e resolver o problema Americanista, no qual caberá ao Amazonas uma parte valiosa, em parallelo ás engenhosas inscripções da America Central.

QUEM SALVA A VIDA É JUPITER DEUS E DEUSAS A HUMANIDADE NA TENAZ DÔR, MISERIA TÃO CONSIDERAVEL DO TUMULTO! AI DE MIM!

*

TERRA QUE SE INFLAMMA DE AMOR Á PRIMEIRA VISTA, DEUS JUPITER AO OCCIDENTE A QUIZ DAR DE VEZ COMO RECOMPENSA Á HUMANIDADE FIRME AOS DEUSES E DEUSAS.

*

COMPLACENTE JUPITER TÃO GRANDE DEU ARRIMO, ABRIGO DEPOIS D'UMA LONGA ESPECTATIVA TÃO CONSIDERAVEL Á PUJANÇA DA VIDA * A VARA MAGICA DO DEUS DA ACÇÃO DE ESCREVER SATYRAS OU TENAZ AUTOR DE POEMAS SATYRICOS É MUCOSIDADE QUALQUER * SEM GRITO, SEM PENA, CUJA MORTE NÃO É CHORADA, EIS AQUI A FÓRMA CARACTERISTICA DO POEMA SATYRICO LASCIVO.

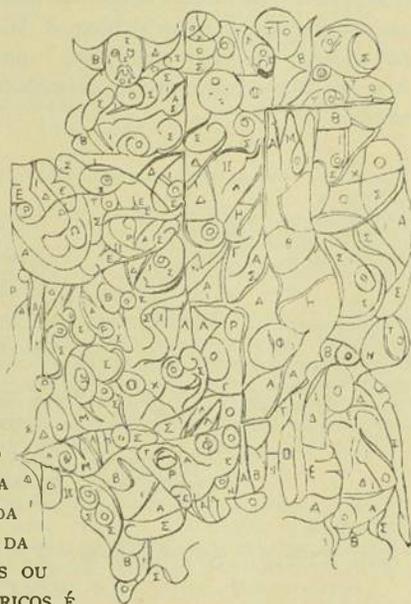



Fig. 118 — Inscripção no lugar denominado Nebo (Rio Urubú — Amazonas)

ΒΙΟΣΣΟΟΣ
ΔΙΟΣ ΣΙΟΣ
ΣΙΑΣ ΒΙΟΣ
ΟΧΟΣ ΟΤΛΟΣ
ΟΣΟΣ ΟΤΟΒΟΣ
ΟΤΟΤΟΣ
ΕΡΑ
ΙΔΕΡΩΤΟΣ
ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ
ΕΣ ΙΕΡΑ
ΔΙΔΩΝΑΙ
ΙΛΗΓΑΣ
ΑΜΟΙΒΗ
ΒΙΟΣ ΟΧΟΣ
ΣΙΟΣ ΣΙΑΣ
ΡΑΔΙΟΣ ΔΙΟΣ
ΟΣΟΣ ΔΟΜΟΣ
ΔΙΑΓΜΑΤΟΣ
ΟΙΟΣΟΣ ΒΙΑΣ
ΒΙΟΣ ΡΑΒΔΟΣ
ΣΙΟΣ
ΣΙΛΛΟΓΡΑΦΙΑ
ΟΧΟΣ
ΣΙΛΛΟΓΡΑΦΟΣ
ΣΙΑΛΩΝ
ΑΒΟΗΤΙ
ΑΒΟΗΤΟΣ
ΟΔΕ
ΙΔΕΑ
ΙΔΙΟΣ
ΣΟΒΑΣ

São esses foragidos da Asia Menor que nos revelam, em suas inscripções, que Jupiter compensou, pelo seu supremo poder divino, a humanidade do *constrangimento e violenta agitação d'alma*, de que fora victima, *com terras no Occidente que inflammam d'amor á primeira vista*, bem assim, *abrigo e farto meio de subsistencia*. Esta divina compensação fôra reciproca á fidelidade desse povo aos seus mythologicos deoses, uma facção da grande emigração.

O subsidio valioso ora incluido neste como em outros capitulos dará ensejo aprazivel em todo ponto de vista.

Tendo já por nossa parte dado o mais minucioso systema de interpretação ás inscripções anteriores, ora passamos a adoptar um outro mais simplificado, determinando, com as letras do moderno grego, o antigo, que constitue o conjuncto na parte linear e figurativa.

A pronunciada erosão, muito natural em tantos seculos, damnificou muito o preciosissimo elemento paleographico e artistico, privando-nos de sua reproducção, e não pequeno foi o nosso esforço em restaurar muitos que constituem os surprehendentes exemplares com que ora augmentamos com prazer o nosso trabalho.

Não desejando finalmente nos afastar por completo da construcção da phrase compativel ao grego antigo, damos aproximadamente em nossas interpretações feição harmonica, quanto possivel, á nossa linguagem, sem comtudo deturpar de vez aquelle systema que revela o caracter philologico do tempo.

Muito poderiamos aproveitar de varias inscripções publicadas como especimens epigraphicos, de vez em quando encontrados em nossas, como em varias regiões, se não fôra a copia erronea ou má photographia, que deturpa de vez o sentido de tão valiosos monumentos, que interessariam na ordem epigraphica e prehistorica mesmo. No andar dos tempos, porém, a necessidade demonstrará a conveniencia de bem definil-as, a bem da sciencia archeologica.

Fig. 119 — Inscripção no lugar denominado Nebo (Rio Utubú — Amazonas)

ΔΙΟΣ ΔΙΟΣ ΘΣΟΣ ΒΙΟΣ ΒΙΟΣ ΣΟΟΣ ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ΣΙΑΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΙΔΙΑΙΤΕΡΟΣ ΣΙΟΣ
ΣΙΑΣ ΑΓΑΓΑ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ ΣΟΟΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣΜΟΣ ΣΟΟΣ ΣΟΟΣ ΣΟΟΣ ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ΟΓΟΣ
ΒΙΟΣ ΒΙΟΣ ΣΟΒΑΡΟΣ ΔΟΛΙΧΟΣ ΙΔΙΟΣΤΟΛΟΣ ΙΔΙΟΣΥΓΧΡΙΣΙΑ ΡΑΜΟΣ ΟΣΟΣ ΣΟΟΣ ΔΙΟΣ
ΣΙΟΣ ΒΙΟΣ ΦΙΕΙΣ ΣΟΟΣ ΣΟΟΣ ΣΟΟΣ ΣΟΟΣ

DIVINO PRODIGIOSO JUPITER TÃO CONSIDERAVEL Á VIDA DA HUMANIDADE
QUE SOBREVIVE ! * DEUS JUPITER DEUSA VENUS, PARTICULARES DEUSES E DEUSAS,
FAZEI CONDUZIR, GUIAR A HUMANIDADE COM PUJANÇA SÃ E SALVA DO VIVER
DE CONSTRANGIMENTO E VIOLENTA AGITAÇÃO D'ALMA ! * SÃO E SALVO !
SÃO E SALVO ! POR DEUS JUPITER ! TÃO CONSIDERAVEL A VIDA DA HUMANIDADE ! * QUE
SE AGITE COM IMPETO EM LONGA DURAÇÃO. * EQUIPADO A EXPENSAS DE UMA SÓ
PESSOA DE UM TEMPERAMENTO ESPECIAL, COMMO-DOTÃO CONSIDERAVEL,
SÃO E SALVO POR JUPITER DEUS DA VIDA FELIZ AFORTUNADA !
SÃO E SALVO, SÃO E SALVO ! SÃO E SALVO !

Fig. 120 — Inscripção no lugar denominado Nebo (Rio Urubú — Amazonas)

ΒΙΟΣ ΣΟΟΣ ΙΣ ΗΛΕΓΙΘΟΡΟΣ ΒΙΑΣ ΒΙΟΣ÷ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ÷ΣΙΑΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ • ΒΙΟΣΣΟΟΣ ΒΙΣΤΕΡΗΣ ΒΙΟΤΟΣ ΒΙΟΣ-
ΤΕΙΑ *(NO CIRCULO)* ΒΙΟΣ÷Σ·ΙΟΣ ΟΣΟΣ ΒΙΟΣ • ΣΟΒΑΡΟΣ ΣΟΒΑΣ÷ΣΙΟΣ ΒΙΑΣ ΣΟΒΑΡΩΣ ΣΟΒΟΣ ΟΔΣ ΙΔΣΑ
·ΣΟΟΣ ΣΙΛΛΛΣ ΔΙΟΣ·ΣΙΟΣ ΣΙΑΛΟΣ ΟΧΟΣ ΒΙΟΣΤΕΙΑ . ΣΟΟΣ ΙΣ ΔΙΟΣ÷ΣΟΟΣ ΙΣ ΔΙΟΣ÷ΣΟΟΣ ΙΣ ΔΙΟΣ.
ΒΙΟΣΣΟΟΣ ΔΙΟΣ . ΚΑΙ ΒΙΟΣΣΟΟΣ ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ ΒΙΟΤΟΣ ΒΙΟΤΗ ΒΙΑΣ·ΟΔΙΟΣ ΒΙΟΣ ΒΙΟΤΕΤΩ ΒΙΟ-
ΤΙΧΟΣ ΒΙΟΣ ΦΑΓΩΣ ·ΒΙΟΤΟΣ ΧΟΙΙΟΣ ΙΣ ΙΣΟΣ ΒΟΗΘΟΣ ΑΒΙΟΣ ΒΙΟΣ
·ΟΣΟΣ ΒΙΟΣ ΔΙΟΣ÷Σ·ΟΣ ΒΙΑΣ

VIVER, SÃO E SALVO COM FORÇA NA GRANDE JORNADA PUJANTE DA VIDA COM DEUS JUPITER E DEUSA VENUS * QUEM SALVA A VIDA, A QUEM FALTA MEIO DE VIDA, BENS, FORTUNA OU MEIOS DE SUBSISTENCIA (NO CIRCULO) E' JUPITER, DEUS TÃO ADMIRAVEL DA HUMANIDADE * VIOLENTO, VAIDOSO, LASCIVO DEUS ARROGANTE, ALTIVO, E' MAGESTOSAMENTE SOBOS! EIS A FEIÇÃO CARACTERISTICA DO ARROJO E SARCASMO DO POEMA SATYRICO DO DEUS PORCO E O TENAZ MEIO DE SUBSISTENCIA * SÃO E SALVO A FORÇA DE JUPITER! SÃO E SALVO A FORÇA DE JUPITER!
SÃO E SALVO A FORÇA DE JUPITER!
QUEM SALVA A VIDA É JUPITER!
SIM, QUEM SALVA A VIDA, A QUEM FALTA MEIO DE VIDA, BENS, FORTUNA, MANEIRA DE VIVER, A PUJANÇA, QUEM PROTEGE O VIAJANTE, A CIVILIZAÇÃO, A SE SUSTENTAR, A VITALIDADE, DA MORTE VIOLENTA, QUEM PRESIDE A EXISTENCIA, FORÇA, JUSTO EQUITATIVO, DEFENSOR DO POBRE INDIGENTE A VIDA TÃO CONSIDERAVEL DA HUMANIDADE, É JUPITER, DEUS PODEROSO

Fig. 121 — Inscripção em Sangaua (Rio Urubú — Amazonas)

ΟΣΟΣ÷ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ÷ΣΙΑΣ ΣΕΛΗΝΗ, ΒΙΟΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ÷ΣΙΑΣ

QUANTO GRANDE DEUS JUPITER E DEUSA LUA E VIVER COM VENUS DEUSA

ΣΟΒΟΣ, ΤΌΣΟΒΟΣ

ΙΔΙΑΣ

ΣΟΒΑΣ

"ΑΒΙΟΣ

ΒΊΑΣ

ΣΊΛΛΟΣ

'ΙΔΙΟΣ

*

DEUS LASCIVO O SOBOS GENERO OU ESTYLO LASCIVO, QUE NADA TEM DE PUJANÇA E O POEMA SATYRICO DE PARTICULAR

*

Fig. 122 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

·|·ΣΙΌΣ

ΔΙΌΣ

"ΟΣΟΣ

·|·ΣΙΆΣ

ΑΦΡΟΔΙ.

ΤΕ

·|·ΙΣΌΣ

Fig. 123 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

DEUS JUPITER TÃO GRANDE E SEMELHANTE Á DEUSA VENUS

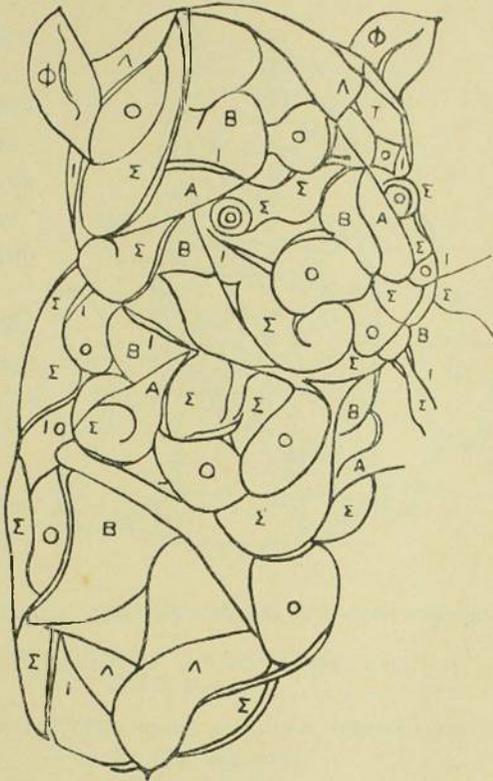
ΦΙΛΟΣ
ΒΊΑΣ
ΦΙΛΟΣ
ΒΊΟΣ
ΣΟΒΑΣ
ʼΤΟΙ͂ΟΣ
ΣΟΒΟΣ
ΙΣ
ΙΣ
✝ΣΙΌΣ
ΒΊΑΣ
✝ΣΙΌΣ
ΣΟΒΑΣ
ΣΟΒΟΣ
ΣΊΛΛΟΣ

AMIGO
DA
PUJANÇA,
AMIGO
DO
VIVER
LASCIVO
TAL
SOBOS!
FORÇA E
NERVO!
DEUS
DA PUJANÇA,
DEUS
LASCIVO,
SOBOS
PORCO

Fig. 124 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

✝ΣΙΌΣ
ʺΟΣΟΣ
ΒΙΟΣΣΟΟΣ
✝ΣΙΆΣ
ΑΦΡΟΔΙ-
ΤΕ.

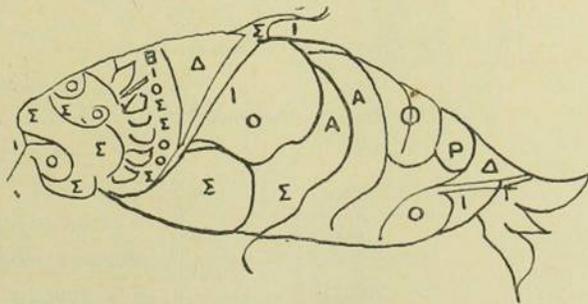
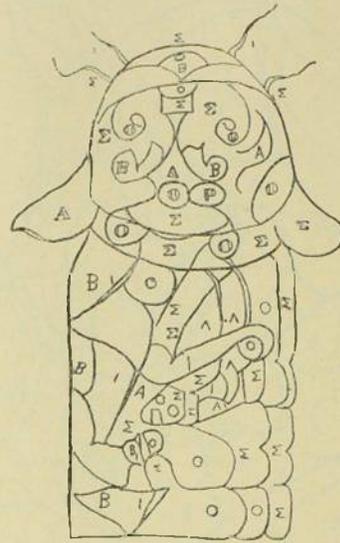
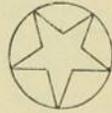



Fig. 125 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

DEUS TÃO GRANDE QUE SALVA A VIDA É JUPITER E DEUSA VENUS

ΙΣ ΙΣ
ΣΟΒΟΣ
ΣΟΒΑΔΟΣ
ΣΟΒΑΡΟΣ
ΌΣΟΣ
ΒΙΟΣ
ΣΙΛΛΟΣ
ΒΊΑΣ
ΌΣΟΣ
ΣΙΛΛΟΣ
ΒΙΟΣ
ΒΙΟΣΣΌΟΣ

FORÇA, NERVO. DEUS LASCIVO, LUXURIOSO, IMPETUOSO EXTRAORDINARIO NO VIVER PORCO E NA PUJANÇA SINGULAR DO POEMA SATYRICO, CONDIÇÃO QUE O SALVA NA EXISTENCIA

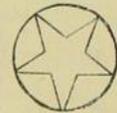



Fig. 126 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

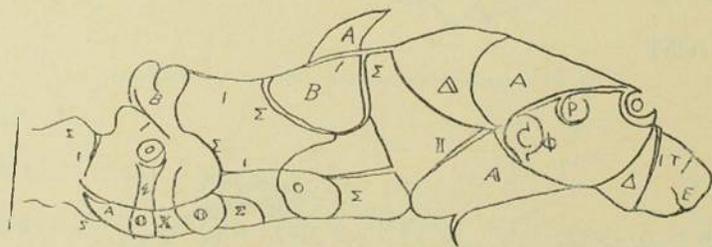



Fig. 127 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

∴ΣΙΑΣ
ΒΙΟΣ
ʼΟΧΟΣ
∴ΣΙΌΣ
ΙΣ
ΒΙΑΣ
ΔΙΆ
ΑΦΡΟΔΙΤΕ

DEUSA DA VIDA FIRME E DEUS DA FORÇA E PUJANÇA, JUPITER E VENUS

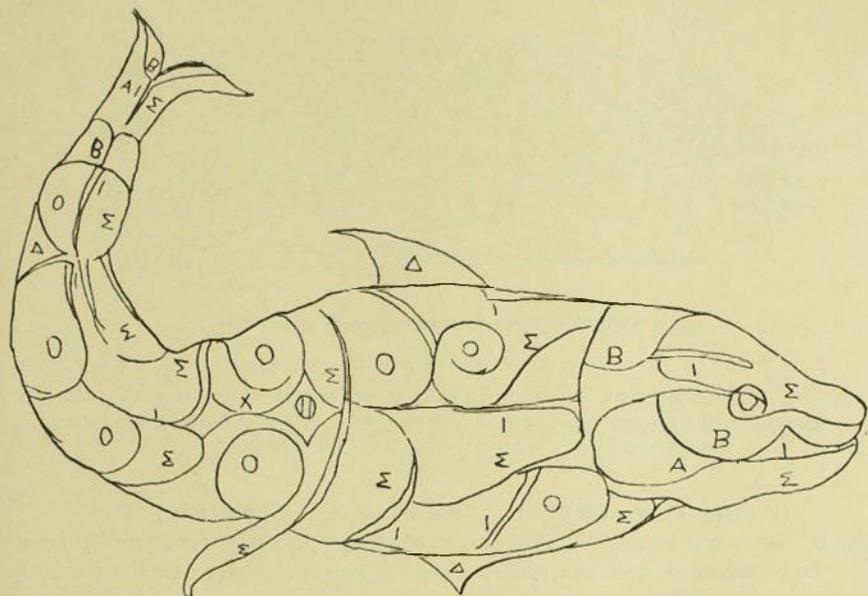



Fig. 128 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

ΒΙΑΣ.ΒΙΟΣ, ΔΙΟΣ ÷ΣΙΌΣ ΟΧΟΣ:ΟΣΟΣ ΔΙΌΣ,ΙΣ ΊΔΙΟΣ
ΒΊΟΣ,ΒΊΑΣ

PUJANÇA DA VIDA, JUPITER DEUS FIRME, ADMIRAVEL JUPITER! FORÇA PARTICULAR DA VIDA PUJANTE!

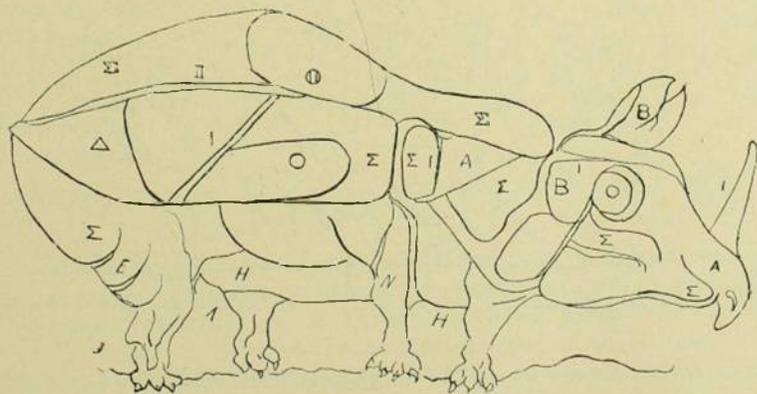



Fig. 129 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

÷ΣΊΟΣ ΔΙΌΣ ÷ΣΙΑΣ ΣΕΛΗΝΗ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ

DEUS JUPITER, DEUSA LUA, VIDA E PUJANÇA!

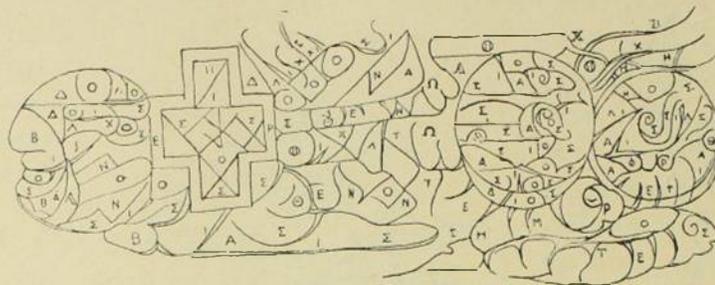



Fig. 130 — Semelhante á outra em Sangaua — Amazonas

ΔΟΛΟΣ ΔΟΛΙΧΟΣ ΒΙΟΣ ΒΑ ΛΙΝΟΝ :ΣΙΟΣ ΒΙΑΣ ΙΣ ΠΕΡΙΣΣΟΣ ΔΟΛΙΧΟΣ ΧΙΟΣ ΙΝΑ Σ ΘΕ-
ΝΩ ΟΙΧΑΤΩ ΣΘΕΝΟΝΤΕΣ ΗΜΕΤΕΡΟΣ ΛΟΧΟΣ ΗΧΗ . ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ΣΙΟΣ
ΔΙΟΣ ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ . ΗΛΙΟΣ ΔΙΟΣ ΣΙΑΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ.

(1° CIRCULO) TRAIÇOEIRO, DE LONGA DURAÇÃO E SUBSISTENCIA, OH! DESTINO! DEUS (ao centro) DE PUJANÇA E FORÇA EM DEMAZIA, PROJECTA AO LONGE TUA SOMBRA AFIM DE SER FORTE, POSSANTE OU TER A FORÇA DOS DEUSES INFERNAES, NOSSA ESQUADRA OU FLOTILHA, AO FUROR DO VENTO, DO COMBATE E DA MULTIDÃO! (2° circulo) DEUS JUPITER! DEUS JUPITER! DEUS JUPITER! (3° circulo) SOL, JUPITER E DEUSA VENUS!

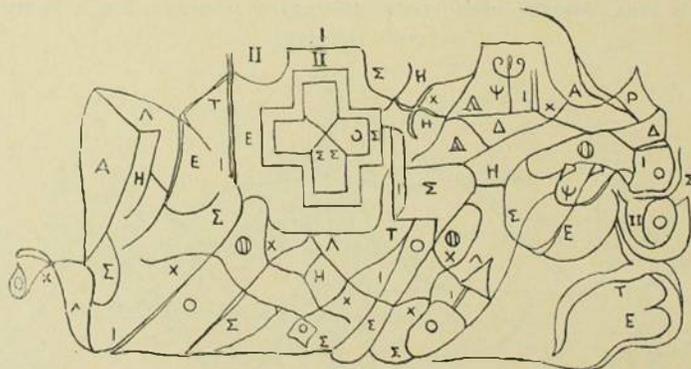



Fig. 131 — Semelhante á outra em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

ΑΛΗΣ ΟΧΛΙΧΟΣ ΠΙΣΤΕΣ ΠΕΣΣΟΣ ΟΧΛΗΤΙΧΟΣ ΙΣΟΣ
ΟΧΛΙΧΟΣ ΑΔΗΣ ΗΧΗ ΑΦΙΧΑΡΔΙΟΣ ΟΨΕ-ΠΟΤΕ.

CONGREGADA ASAFAMA A PEDRA DAS GARANTIAS QUE CONCERNE Á MULTIDÃO IGUAL E UNIDA DO POVO EM UM SÓ CORPO E PALAVRA QUE TOCA AO CORAÇÃO EM FIM

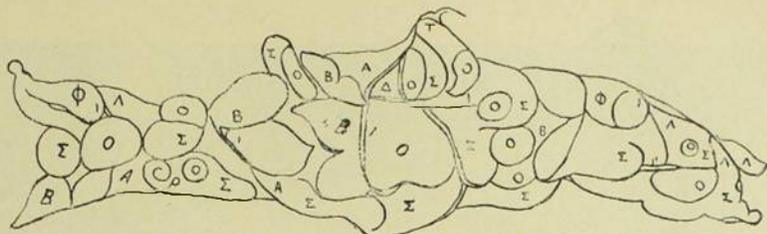



Fig. 132 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

ΦΙΛΟΣ ΣΟΒΑΡΟΣ ΒΙΑΣ ΒΙΟΣ ΣΟΒΑΔΟΣ ΤΟΙ̃ΟΣ ΣΟΒΟΣ
ΦΙΛΟΣ ΣΊΛΛΟΣ

AMIGO ARROGANTE DA PUJANÇA E VIDA LASCIVA, TAL SOBOS ! AMIGO PORCO

ΒΙΧΙΟΝ. ΣΟΡΟΣ
ΣΑΡΧΟΦΑΓΟΣ
ΒΙ̃ΧΟΣ. Ἴ́ΔΙΟΣ
ῬΌΦΗΜΑΤΟΣ
ΒΙΟΣ ΌΣΟΣ, ΘΣΙΛΣ
ΣΟΡΟΠΟΙΟΣ
?ΣΑΜΒΡΙΛΣ
ΔΟΧΟΣ
ἈΡΧΗΣ
ΦΘΑΝΩ
ΙΔΙΟΣ ἉΛΊΣ-ΔΆΣ
ΔΑΙΣ-ΔΑΙΤΟΣ
ΔΑΙΔΑΛΟΣ
ΛΟΧΟΣ ἼΔΙΟΣ
ΙΣΟΣ ΣΟΛΟΣ
ΦΘΑΝΩ ὍΔΕ, ΟΔΟΣ

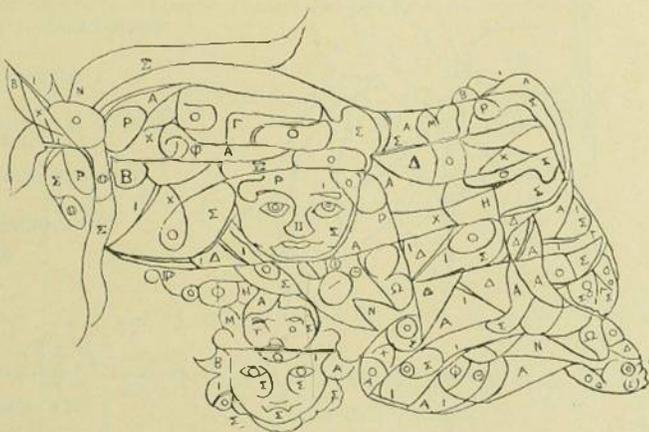
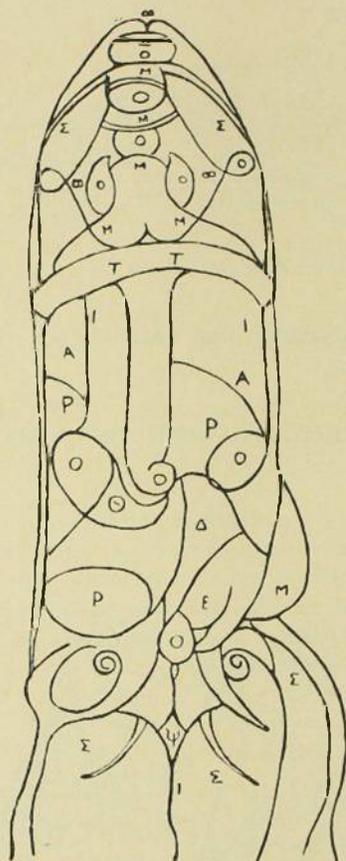



Fig. 133 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

PEQUENA AMPHORA, URNA CINERARIA, SARCOPHAGO, ESPECIE D'AMPHORA, ESPECIAL A SOPA, BEBERAGEM, REMEDIOS, ETC. EM CONDIÇÃO TÃO GRANDE. EXEQUIAS, FUNERAES. FABRICANTE DE CAIXÃO, ESQUIFE, TUMBA, ESPECIE DE VASO PARA BEBER. JULGAMENTO OPINIÃO COM PRINCIPIOS E AUTORIDADE.

PREVENIR, ANTECIPAR AS CONDIÇÕES DE TOCHAS, ARCHOTES, FACHO, REFEIÇÃO, FESTIM ARTISTICAMENTE TRABALHADO E ORNADO. JULGAMENTO E CONDIÇÕES IGUAES EM MASSA COMPACTA. PREVENIR, EIS AQUI O SYSTEMA

ΒΊΟΣ

ΣΟΒΟΣ

῞ΟΣΟΣ

ΣΟΒΟΣ

ΤΙΑΡΟΘΟΡΟΣ

ΤΙΑΡΟΔΕΜΟΣ

῞ΟΨΙΣ

*

VIDA DO DEUS LASCIVO O EXTRAORDINARIO SOBOS QUE USA TIARA E A CORDA QUE SERVE PARA PRENDER A TIARA POR TRAZ. (TIARA-TURBANTE QUE ERA O PENTEADO OU ADORNO DOS PERSAS)

*

Fig. 134 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

ΨΙΕΙΣ ΙΣ†ΣΙÓΣ ΒΊΟΣ

ΔΙÓΣ ΙΣ

FELIZ, AFORTUNADO

COM VIGOR DEUS JUPITER

DÁ VIDA E FORÇA

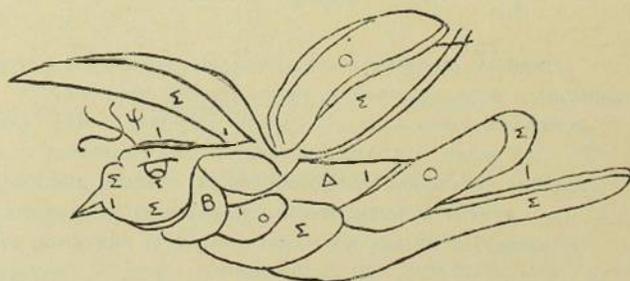



Fig. 135 — Inscripção em Sangaua — Rio Urubú — Amazonas

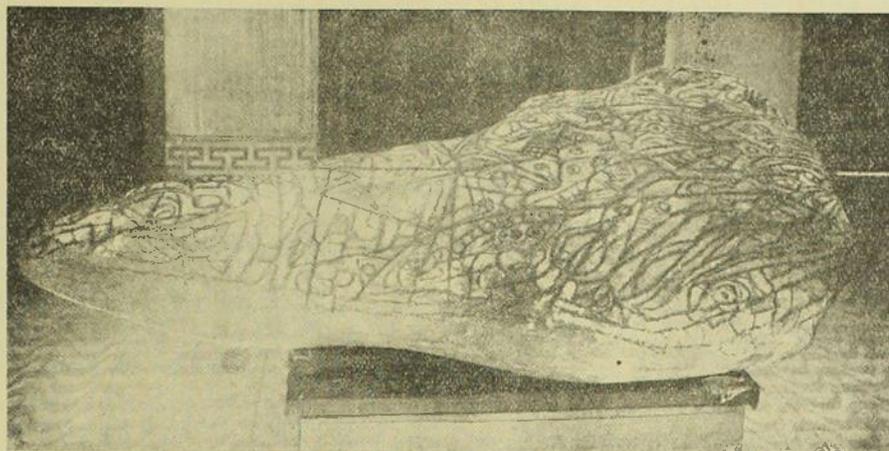
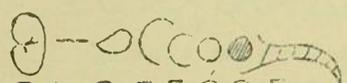
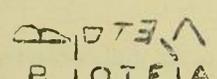
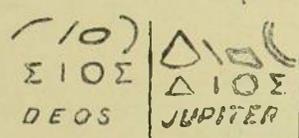
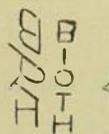



Fig. 135 A — Blóco com inscripção encontrado no Rio Urubú, proximo da fóz do Sangay, recolhido ao museu do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, cuja inscripção ora interpretamos

Β Ι Ο Σ Σ Ό Ο Σ — *ΒΙΟΣΣΌΟΣ. *Poet.* quem salva a vida, etc.

Β ΙΟΤΕΊΑ — ΒΙΟΤΕΊΑ meio de subsistencia; R. Βιοτεύω

ΣΙΟΣ *DEOS* | ΔΙΟΣ *JUPITER* | ΒΙΟΣ — ΒΙΟΣ, a humanidade, a sociedade, civilização, etc. | ΒΙΑΣ — ΒΙΑΣ força pujança, etc.

Β Ι Ο Τ Η — ΒΙΟΤΉ, vida, genero de vida, maneira de viver, etc.

INTERPRETAÇÃO

ΒΙΟΣΣΌΟΣ ΒΙΟΤΕΊΑ+ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ΒΊΟΣ
ΒΊΑΣ ΒΙΟΤΉ

QUEM SALVA A VIDA, OS MEIOS DE SUBSISTENCIA OU MANEIRA DE VIVER DA HUMANIDADE COM PUJANÇA É DEUS JUPITER

ΒΙΟΤΟΣΧΟΠΟΣ *Poel.* quem preside a existencia.

R. R. Βιοτος, σχοπέω.

Para simplificar a interpretação, passamos a destacar os periodos.

ΣΟΟΣ ΔΙΟΣ ΒΙΟΣ

ΣΟΟΣ, são e salvo, etc.

ΔΙΌΣ, *gen. de* Ζεύς, JUPITER

ΒΙΟΣ a humanidade, etc.

RESUMO:

ΒΙΟΤΟΣΧΌΠΟΣ ΣΌΟΣ ΔΙΌΣ ΒΊΟΣ

QUEM PRESIDE A EXISTENCIA DA HUMANIDADE SÃ E SALVA É JUPITER

*

ΒΟΟΧΤΑΣΙΑ

ΒΟΟΧΤΑΣΙΑ *Poel,* matança de boi, grande sacrificio, etc.

*

ΟΣΟΣ | ΟΣΙΟΣ | ΔΙΟΣ

ΟΣΟΣ quanto grande, etc.

ΟΣΙΟΣ santo, justo, conforme a justiça, puro, innocente, etc.

ΔΙΌΣ *gen. de* Ζεύς, JUPITER.

ΣΙΌΣ ΒΙΟΣ

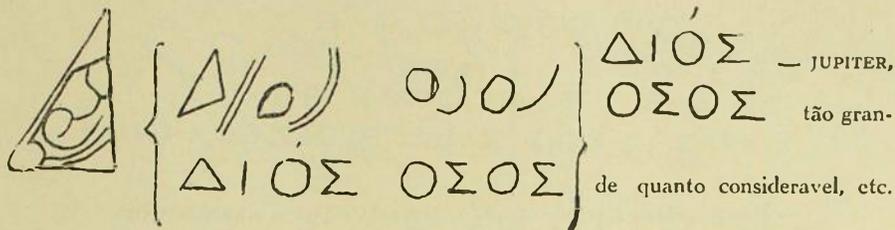
ΣΙΟΣ *Laced. p.* ού (ό), DEUS.

ΒΙΟΣ vida, viver, a humanidade, etc.

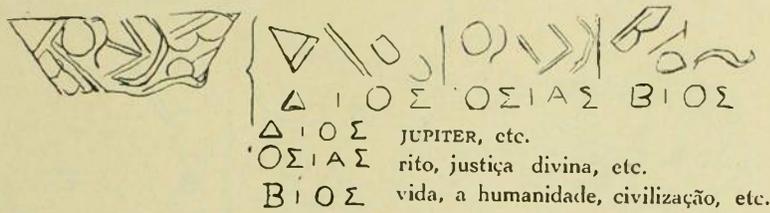
ΟΣΟΣ ΟΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ΣΙΟΣ ΒΙΟΣ

QUANTO GRANDE, SANTO E JUSTO É JUPITER, DEUS DA HUMANIDADE

ΔΙΌΣ ΟΣΟΣ

ΔΙΌΣ — JUPITER,
ΟΣΟΣ tão grande quanto consideravel, etc.

JUPITER É TÃO GRANDE, QUANTO CONSIDERAVEL!

Δ Ι Ο Σ 'ΟΣΙΑΣ ΒΙΟΣ

ΔΙΟΣ JUPITER, etc.
'ΟΣΙΑΣ rito, justiça divina, etc.
ΒΙΟΣ vida, a humanidade, civilização, etc.

ΔΙΌΣ 'ΟΣΙΑΣ ΒΊΟΣ

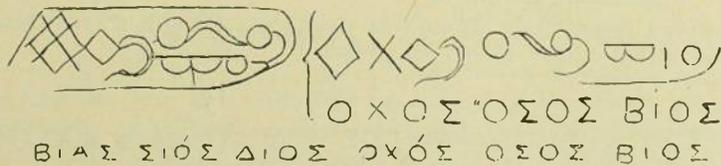
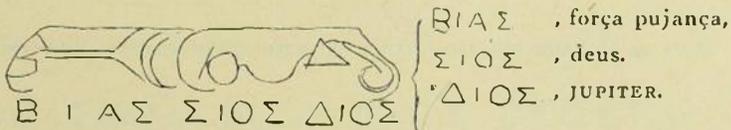
JUPITER É A JUSTIÇA DIVINA DA HUMANIDADE

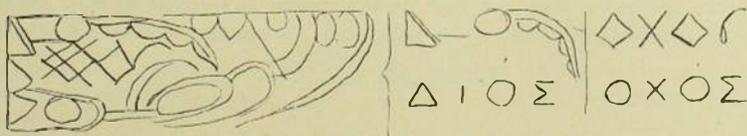
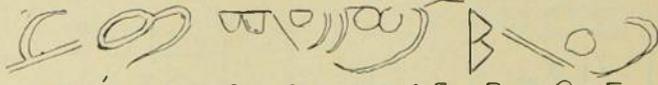
*

ΒΙΑΣ, força pujança,
ΣΙΟΣ, deus.
'ΔΙΟΣ, JUPITER.

Β Ι ΑΣ ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ

ΟΧΟΣ 'ΟΣΟΣ ΒΙΟΣ

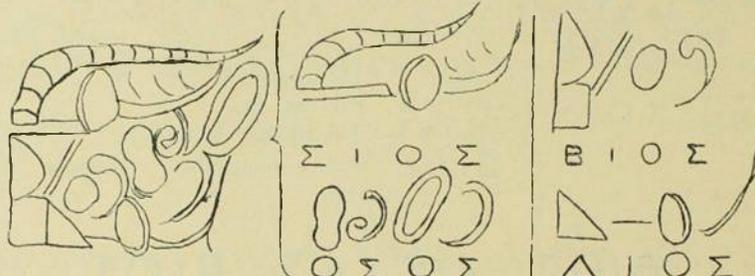
ΒΙΑΣ ΣΙΌΣ ΔΙΟΣ ΟΧΌΣ ΟΣΟΣ ΒΙΟΣ

A FORÇA E PUJANÇA DE DEUS JUPITER É TENAZ, FIRME E TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL Á HUMANIDADE

*

ΔΙΟΣ ΟΧΟΣ

Σ Ι Ό Σ Β Ι Ο Σ Σ Ο Ο Σ Β Ι Ο Σ

Δ Ι Ό Σ Ο Χ Ό Σ Σ Ι Ό Σ Β Ι Ο Σ Σ Ό Ο Σ Β Ί Ο Σ

JUPITER TENAZ E FIRME DEUS É QUEM SALVA A VIDA Á HUMANIDADE

*

Σ Ι Ο Σ

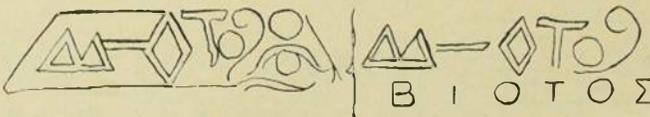
Ο Σ Ο Σ

Β Ι Ο Σ

Δ Ι Ο Σ

†ΣΙΌΣ ΒΙΟΣ "ΟΣΟΣ ΔΙΌΣ

DEUS DA HUMANIDADE TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL É JUPITER!

*

Β Ι Ο Τ Ο Σ

Ο Σ Ο Σ

*ΒΙΟΤΟΣ', vida, existencia, maneira ou meio de viver, etc.

ΟΣΟΣ tão grande quanto consideravel, etc.

·ΒΙΟΤΟΣ "ΟΣΟ:

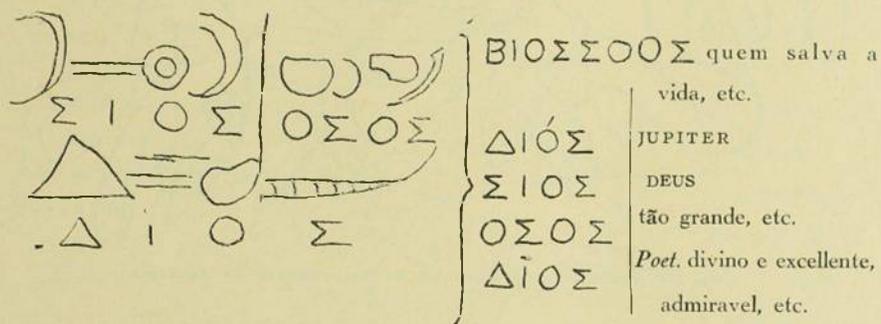
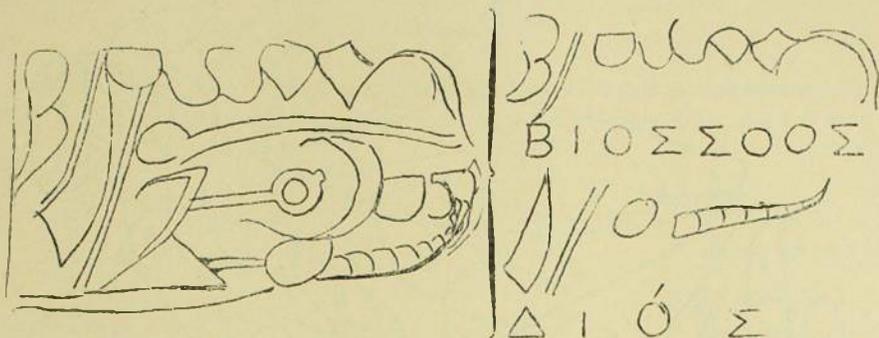
VIDA OU MANEIRA DE VIVER TÃO GRANDE

ΒΙΟΣΣΟΟΣ

ΔΙ Ό Σ

Σ Ι Ο Σ ΟΣΟΣ

.Δ Ι Ο Σ

ΒΙΟΣΣΟΟΣ	quem salva a vida, etc.
ΔΙΌΣ	JUPITER
ΣΙΟΣ	DEUS
ΟΣΟΣ	tão grande, etc.
ΔΪΟΣ	*Poet.* divino e excellente, admiravel, etc.

*ΒΙΟΣΣΌΟΣ ΔΙΌΣ ∴ΣΙΌΣ ΄ΟΣΟΣ *ΔΪΟΣ

QUEM SALVA A VIDA É JUPITER, DEUS TÃO GRANDE, EXCELLENTE E ADMIRAVEL

No local em que fôra encontrada esta notavel pedra existem muitas outras com apparencias de animaes, principalmente peixes. Quasi que permanecem de continuo submergidas, e só com grande vasante do rio é que se tornam visiveis, mas isto mesmo por pouco tempo apenas, sem que possam com facilidade ser estudadas ou transportadas as menores.

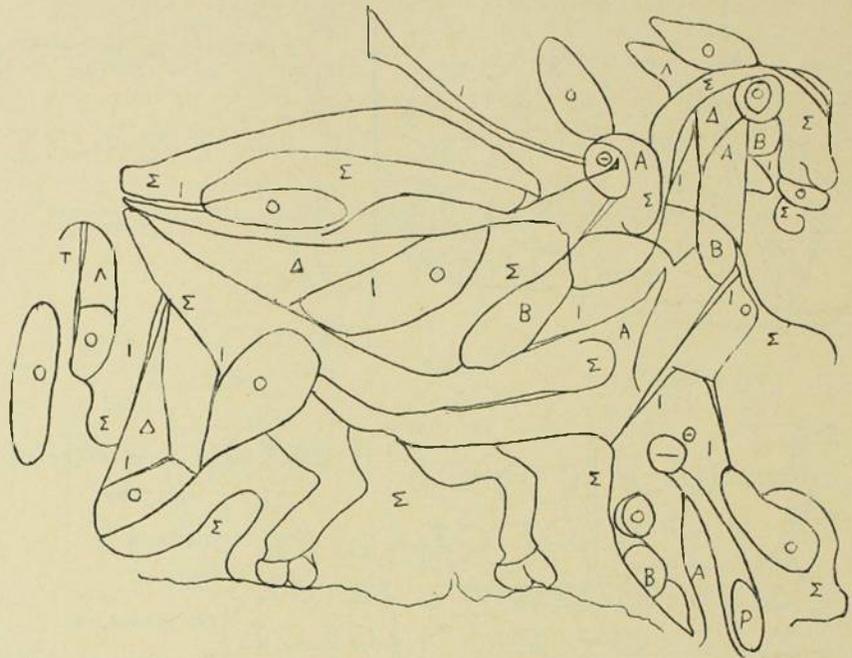
Um recurso restará ainda levar a effeito: é visital-as na singular occasião da vasante periodica, que se opera de dez em dez annos, quando o rio baixa consideravelmente. Este phenomeno se verifica não só neste rio, como no Jatapú e no Uatumã, que incontestavelmente devem ter suas preciosas reservas epigraphicas e archeologicas.

*

Fig. 136 — Inscripção em S. Raymundo do Carú — Rio Urubú — Amazonas

ΙΘΙ ʽΟΛΟΣ ʺΑΣΙΔΟΣ ʺΑΒΙΟΣ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ ×⁝ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ⁝ΣΙΌΣ
ΟΤΛΟΣ ΙΔΙΟΣ ΣΟΒΑΡΟΣ× ΙΘΙ×

CORAGEM! EM CAMINHO DA ASIA MENOR POBRE OU QUE TORNA A VIDA INSUPPORTVEL Á HUMANIDADE EM VIOLENCIA! DEUS JUPITER E DEUSES, DOR, PENA, DÓ COM SENSO PROPRIO, QUE SE AGITE COM IMPETO! CORAGEM! SIGAMOS!

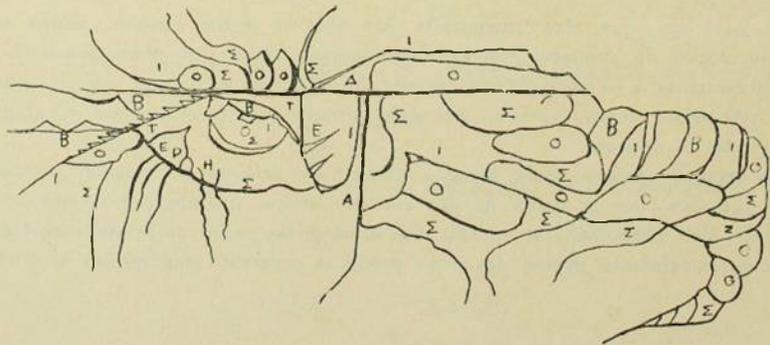



Fig. 137 — Inscripção em S. Raymundo do Carú — Rio Urubú — Amazonas

ΒΙΟΣΣΌΟΣ ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ, ΒΙΟΣΤΕΙΑ ΔΙΌΣ ⳾ΣΙΌΣ ΌΣΟΣ ΒΊΟΣ

ΒΙΟΣΣΌΟΣ

QUEM SALVA A VIDA, A QUEM FALTA MEIO DE VIVER OU MEIOS DE SUBSISTENCIA?
JUPITER DEUS TÃO GRANDE DA HUMANIDADE É QUEM SALVA A VIDA!

*

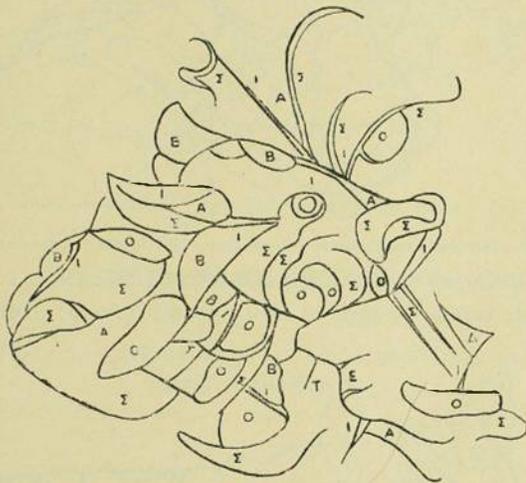
⳾ΣΙΆΣ
⳾ΣΙΌΣ
ΒΊΑΣ
ΒΊΟΣ
ΣΊΑΣ
ΒΊΟΣ
ΣΌΟΣ
ΒΙΟΤΟΣ
ΒΙΟΤΕΙΑ
ΒΊΑΣ
ΒΊΟΣ
⳾ΣΙΌΣ
ΔΙΌΣ

DEUSA, DEUS,
PUJANÇA,
VIDA, DEUSA,
QUEM
SALVA A VIDA,
BENS,
FORTUNA,
MEIOS DE
SUBSISTENCIA,
PUJANÇA E
VIDA É DEUS
JUPITER!

Fig. 138 — Inscripção em São Raymundo do Carú — Rio Urubú — Amazonas

ΒΊΑΣ
⳾ΣΙΌΣ
ΔΙΌΣ
⳾ΣΙΆΣ
⳾ΣΙΌΣ
ΔΙΌΣ

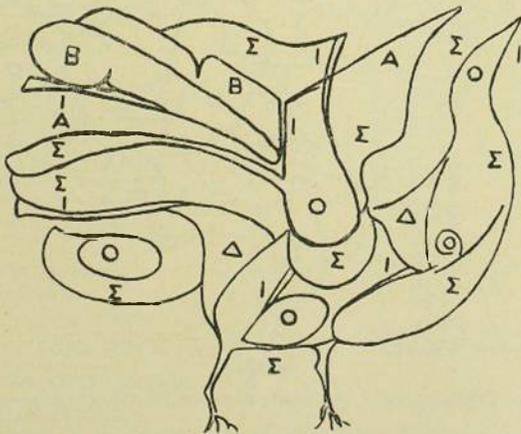
*

PUJANÇA
DEUS JUPITER,
DEUSA E
DEUS JUPITER!

Fig. 139 — Inscripção em S. Raymundo do Carú — Rio Urubú — Amazonas

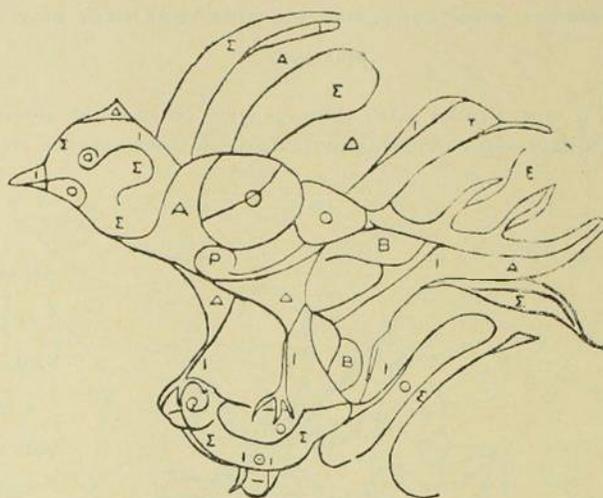



Fig. 140 — Inscripção em S. Raymundo do Carú — Rio Urubú — Amazonas

+ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ+ΣΙΆΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ,ΔΙΌΣ,ΔΙΌΣ,ΙΘΙ

DEUS JUPITER, DEUSA VENUS, PUJANÇA DA HUMANIDADE! JUPITER! JUPITER! SIGAMOS!

+ΣΙΌΣ
ΔΙΌΣ
ΒΊΟΣ
ΙΣ
ΒΙΟΣΣΌΟΣ
ΔΙΌΣ
ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ
'ΒΙΟΤΟΣ
ΒΙΟΣΤΕΙΑ

*

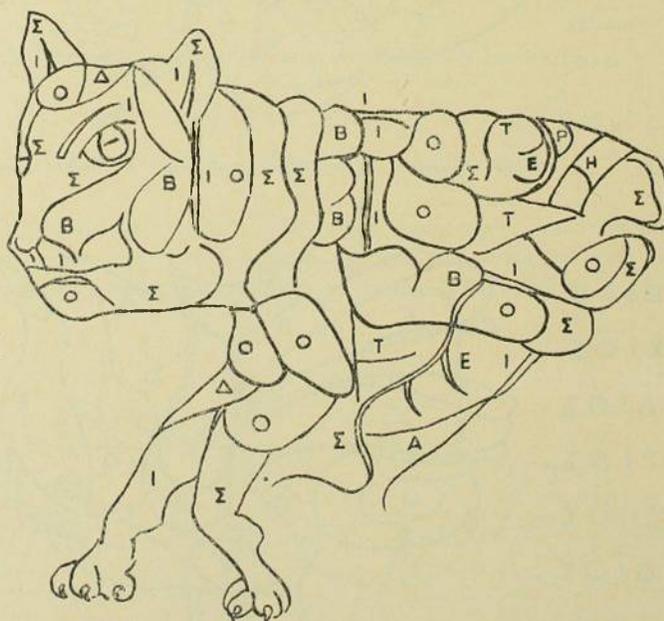



Fig. 141 — Inscripção em S. Raymundo do Carú — Rio Urubú — Amazonas

DEUS JUPITER VIDA E FORÇA! QUEM SALVA A VIDA É JUPITER E A QUEM FALTA MEIO DE VIDA, BENS DE FORTUNA E MEIOS DE SUBSISTENCIA

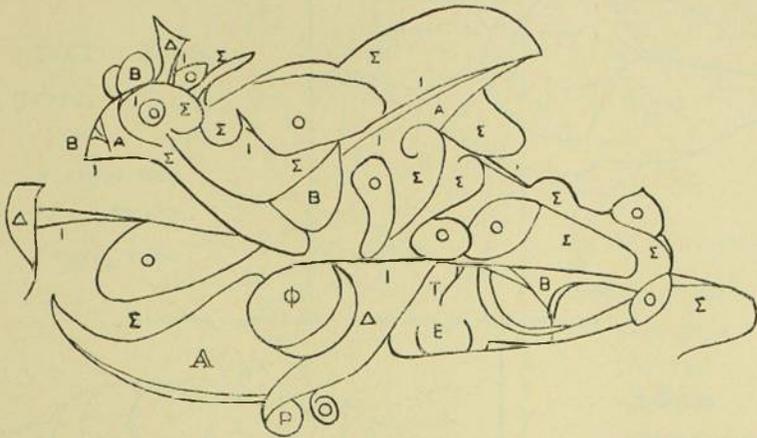



Fig. 142 — Inscripção em S. Raymundo do Carú — Rio Urubú — Amazonas

ΔΙΌΣ. ΒΊΟΣ. ΒΙΑΣ. ✝ΣΙΌΣ ✝ ΣΙΆΣ. ΙΣΟΣ. ΒΙΟΣΣΌΟΣ ΔΙΌΣ. ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΒΊΟΣ

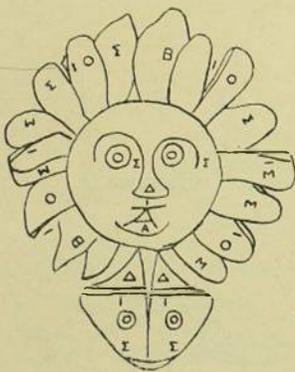
JUPITER, VIDA, PUJANÇA, DEUS, DEUSA, IGUAL UNIDO QUEM SALVA A VIDA. JUPITER! VENUS! HUMANIDADE!

ΒΊΟΣ
ΙΣ
ΣΊΟΣ
ΒΊΟΣ
ΙΣ
ΣΊΟΣ
(AO CENTRO)
῾ΟΣΟΣ
ΔΊΑ
(EM BAIXO)
ΔΙΌΣ
ΔΙΟΣ

Fig. 143 — Inscripção em Barreirinha — Rio Urubú — Amazonas

VIDA, FORÇA, DEUS, VIDA, FORÇA, DEUS (ao centro) TÃO CONSIDERAVEL JUPITER (em baixo) JUPITER! JUPITER!

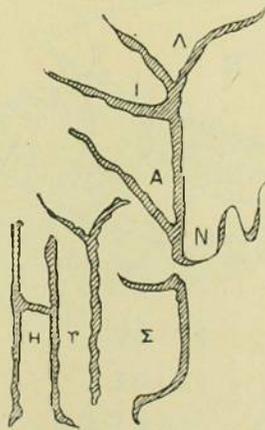
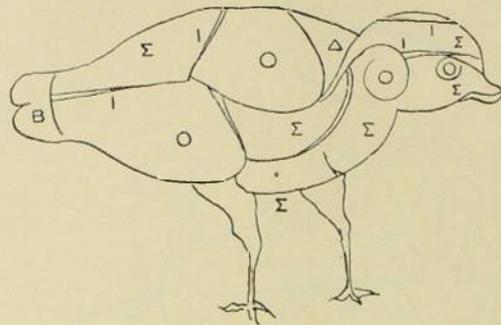



Fig. 144 — Inscripção em Barreirinha

✱ ῾ΗΥΣ ΛΙΑΝ

FORTE, DEMASIADO!

ΒΙΟΣ ΙΣΟΣ
ꟷΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ×

VIDA IGUAL E
UNIDA A
DEUS JUPITER

Fig. 145 — Inscripção em Barreirinha — Rio Urubú — Amazonas

ΔΙΟΣ
ΒΙΟΣ ΣΟΟΣ
ΒΙΟΣ ΤΕΡΗΣ

JUPITER, QUEM
SALVA A VIDA E A
QUEM FALTA MEIO
DE VIVER

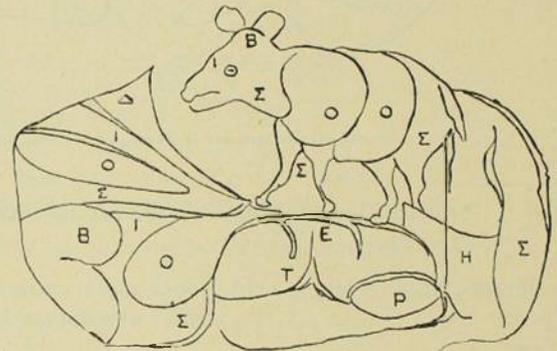
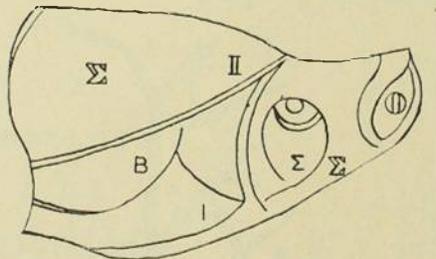



Fig. 146 — Inscripção em Barreirinha — Rio Urubú — Amazonas

ꟷΣΙΟΣ ΒΙΟΣ

DEUS DA SUBSISTENCIA

Fig. 147 — Inscripção em Barreirinha — Rio Urubú — Amazonas

ꟷΣΙΟΣ
ΒΙΟΣ
'ΙΛΑΡΟΣ ×

DEUS!
VIDA
ALEGRE!

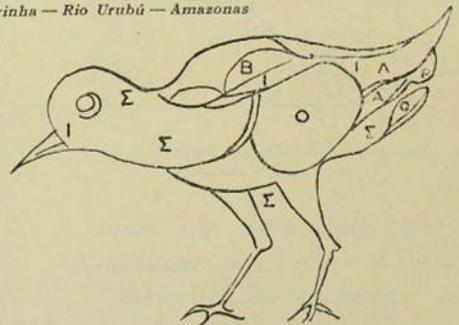
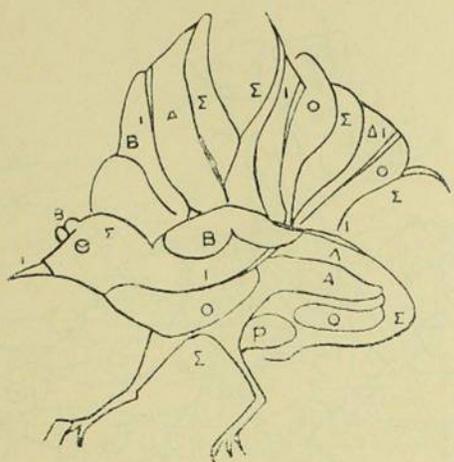



Fig. 148 — Inscripção em Barreirinha — Rio Urubú — Amazonas

BÍΟΣ

BÍΑΣ

+ΣΙÓΣ

ΔΙÓΣ

BÍΟΣ ʽΙΛΑΡΟΣ

VIDA E PUJANÇA

DÁ DEUS

JUPITER

E O VIVER

ALEGRE

Fig. 149 — Inscripção em Barreirinha — Rio Urubú — Amazonas

São varios os exemplares do seguinte genero neste local, valendo-nos este para uma ligeira demonstração. E' pena que, sendo bem curiosas, o tempo tenha feito *desapparecer linhas artisticas* dessas interessantes gravuras, comquanto primem na maior parte pela arte figurativa apenas.

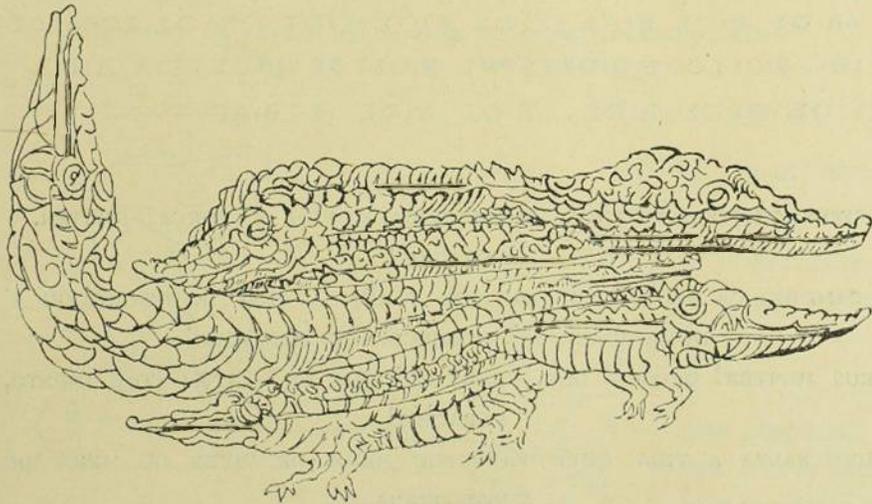



Fig. 150 — Inscripção em Santa Cruz do Animbá — Rio Urubú — Amazonas

BLOCO INTERESSANTE DE SEIS JACARÉS, NO QUAL SE RESUMEM MUITAS VEZES REPETIDAS AS PALAVRAS: ΙΣ, ΙΣΟΣ, BÍΟΣ. BΙΑΣ, Ο×ΟΣ, ETC. FORÇA, UNIÃO, VIVER, PUJANÇA, TENAZ, FIRME, ETC.

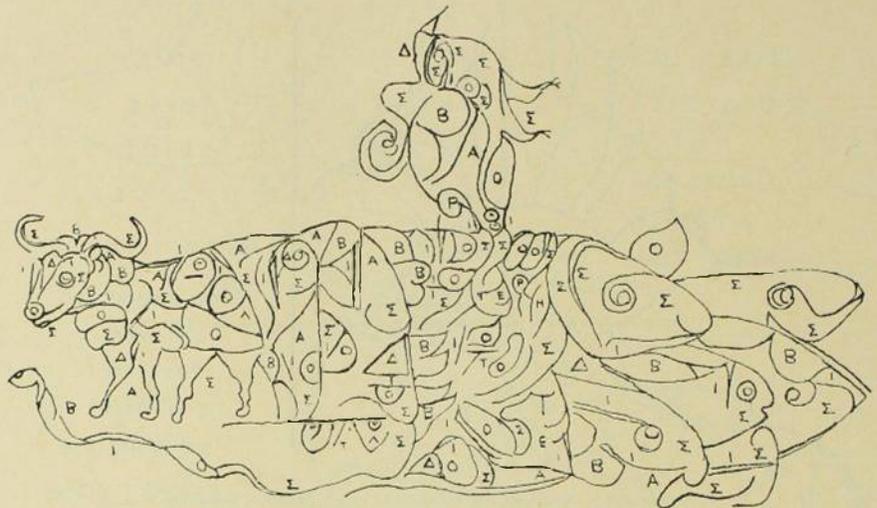



Fig. 151 — Inscripção em Santa Cruz do Animbá — Rio Urubú — Amazonas

⁘ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ΒΊΑΣ ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ ΔΊΑ ΙΣ ΙΘΙ ΟΛΟΣ ἈΣΙΔΟΣ
ΑΒΙΟΣ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ ⁘ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ⁘ΣΙΌΣ ΟΤΛΟΣ ΣΟΒΑΡΌΣ
ΙΘΙ. ΒΙΟΣΣΌΟΣ, ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ, ΒΙΟΣΤΟΣ ΒΙΟΣΤΕΙΑ, ΔΙΌΣ
⁘ΣΙΌΣ ὈΣΟΣ ΒΊΟΣ. ΒΊΟΣ, ΔΙΌΣ ΙΣ ΒΊΑΣ

DEUS JUPITER, PUJANÇA, SUPERIORIDADE, VIDA E FORÇA! JUPITER, CORAGEM!
A CAMINHO DA ASIA, POBRE OU QUE TORNA A VIDA INSUPPORTAVEL A' HUMANIDADE EM VIOLENCIA OU MASSACRE!
DEUS JUPITER! DEUSES! DOR, PENA! DÓ! QUE SE AGITEM COM IMPETO, CORAGEM!
QUEM SALVA A VIDA, QUEM FAVORECE MEIOS DE VIVER OU MEIOS DE SUBSISTENCIA
E' DEUS JUPITER, TÃO ADMIRAVEL DA HUMANIDADE!
HUMANIDADE!
JUPITER!
FORÇA E PUJANÇA!

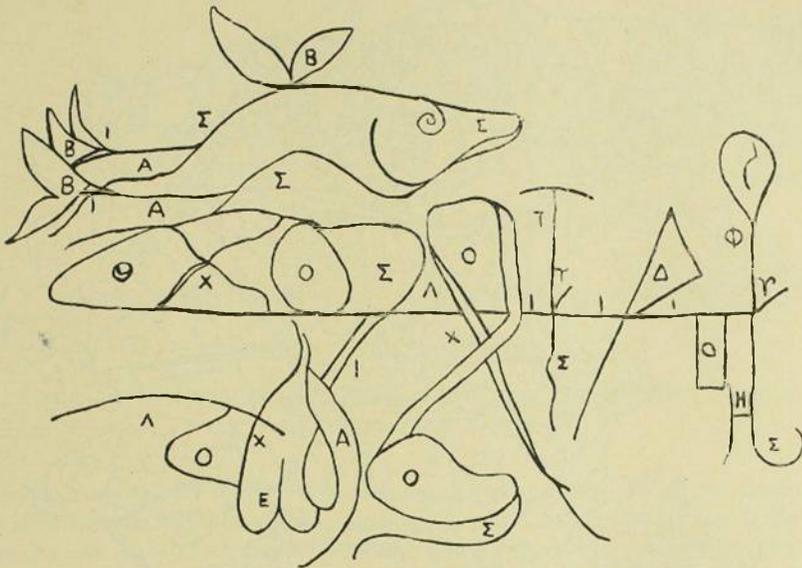
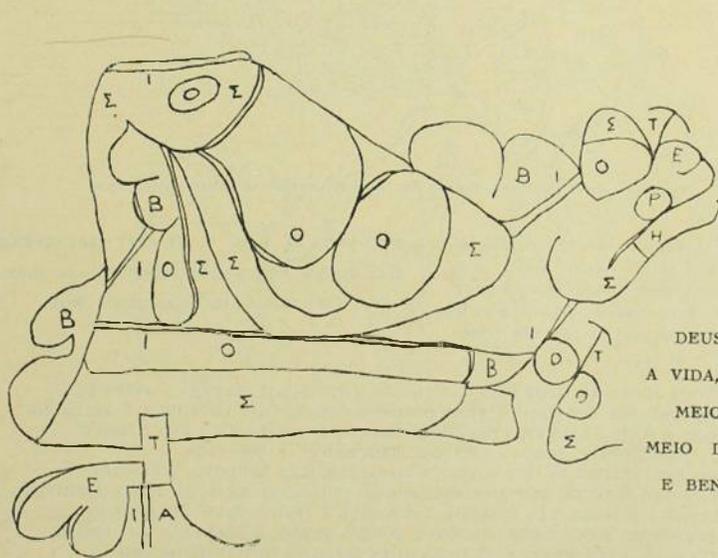



Fig. 152 — Inscripção em Santa Cruz do Animbá — Rio Urubú — Amazonas

ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ 'ΟΧΟΣ ΛΟΧΕΙΑ ΛΌΧΟΣ 'ΙΤΥ ΙΔΙΟΦΥΗΣ

PUJANÇA DA VIDA, PUJANÇA TENAZ. LUGAR DE NASCIMENTO, PARTO
HABILIDADE DE UMA FORMA PARTICULAR

+ΣΙΟΣ

ΒΙΟΣΣΌΟΣ

ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ

ΒΙΟΣΤΕΑ

ΒΙΟΣΤΟΣ

*

DEUS QUEM SALVA
A VIDA, A QUEM FALTA
MEIO DE VIVER OU
MEIO DE SUBSISTENCIA
E BENS DE FORTUNA

Fig. 153 — Inscripção em Santa Cruz do Animbá — Rio Urubú — Amazonas

Fig. 154 — Inscripção em Miratuba — Foz do Rio Urubú, proximo a Silves — Amazonas

ΒΙΟΣ ΙΣ ΙΣΟΣ+ΣΙΟΣ ΣΟΒΑΛΟΣ ΣΟΒΟΣ ΣΙΛΛΟΣ ΙΔΙΟΣ ΒΙΟΣ
ΙΣ ΙΣ+ΣΟΟΣ ΙΣΟΟΣ ΒΙΟΣ+ΣΙΟΣ ΣΟΒΟΣ ΒΙΟΣ ΙΣ ΒΙΟΣ
ΣΟΒΟΣ ΣΙΛΛΟΣ ΙΔΙΟΣ ΣΟΒΟΣ ΙΣ ΒΙΟΣ+ΣΙΟΣ ΣΟΒΟΣ
ΣΟΒΑΣ. ΣΟΒΟΣ ΣΟΒΑΣ ΣΟΒΑΔΟΣ ΤΟΣΙΟΣ ΒΙΟΣ ΣΟ.
ΒΟΣ. ΔΙΟΣ ΙΣΟΣ 'ΟΧΟΣ ΙΣ·ΛΑΙΑ ΣΙΛΛΟΣ ΣΟΒΟΣ

ΔΙΟΣ ΒΙΟΣ ΙΣ ΒΙΑΣ ΑΓΙΟΣ ΖΕΥΣ·ΟΣΟΣ ΙΣ+ΣΙΟΣ
ΒΙΑΣ ΣΙΛΛΟΣ ΣΟΒΟΣ+ΣΙΟΣ ΣΟΒΑΣ ΙΣ, ΙΣ.ΙΣ ΒΙΟΣ.
ΔΙΟΣ ΑΓΙΟ+ΣΙΟΣ ΔΙΕ ΒΙΟΣ ΟΔΟΙΙΟΙΟΣ ΒΙΟΣ.
+ΣΙΟΣ ΔΙΑ 'ΟΧΟΣ ΒΙΟΣ

VIDA E VIGOR IGUAL AO DEOS BACCHANTE SOBOS. SINGULAR SATYRA E VIVER DE NERVO E FORÇA. SALVA E SUBSISTE A VIDA DO DEUS SOBOS. VIDA DA FORÇA É VIVER DE SOBOS COM O POEMA SATYRICO SINGULAR. NERVO É A VIDA DO DEUS SOBOS O BACCHANTE. SOBOS LASCIVO E BACCHANTE E SUA VIDA.

JUPITER. EQUITATIVO. RETEM A FORÇA DA ASSEMBLÉA DO POVO. E POEMAS SATYRICOS DE SOBOS. JUPITER. HUMANIDADE. FORÇA. PUJANÇA. SANTO OU PURO. AUGUSTO E VENERAVEL! JUPITER TÃO GRANDE. EMINENTE E FORTE DEUS! PUJANÇA DO POEMA SATYRICO DE SOBOS DEUS LASCIVO É FORÇA. NERVO E MANEIRA DE VIVER.

JUPITER. AUGUSTO. VENERAVEL DEUS DUAS VEZES DA HUMANIDADE. QUE TRAÇA O CAMINHO Á CIVILISAÇÃO.

DEUS JUPITER É FIRME A' HUMANIDADE!

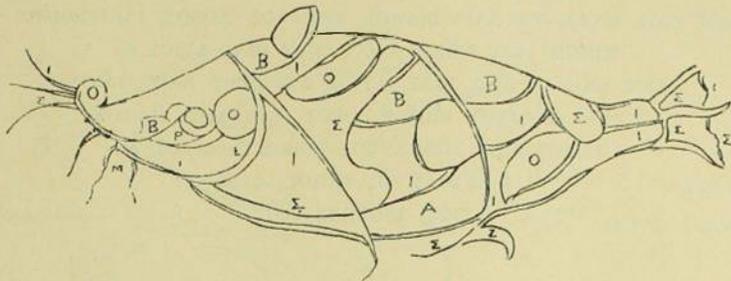



Fig. 155 — Inscripção em Miratuba — Foz do Rio Urubú, proximo a Silves — Amazonas

IΣ OBPIMOΣ IΣ BÍOΣ BÍAΣ BÍOΣ IΣ, IΣ, IΣ

FORÇA, VIGOR, PUJANTE, AGIL, CORAJOSO NO VIVER VIOLENTO EM CONDIÇÃO DA FORÇA, VIGOR E NERVO

Não atinamos com o genial proposito que demoveu o Reverendo Padre Constantino em 1876, segundo deixou esculpido, a inutilisar dois trechos da seguinte inscripção, aliás, uma das mais importantes da nossa serie epigraphica. Só muita ingenuidade ou ignorancia!

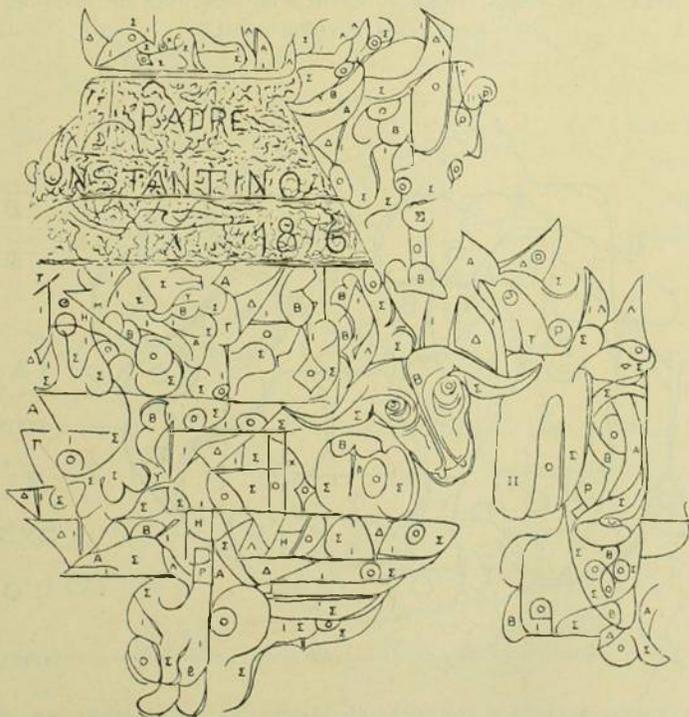



Fig. 156 — Inscripção em Miratuba — Foz do Rio Urubú, proximo a Silves — Amazonas

ΔΙΌΣ ΙΣΟΣ ΌΧΟΣ ΙΣ ✻ ΛΑΊΛ ΣΊΛΛΌΣ ΣΟΒΑΔΟΣ ΣΟΒΟΣ ΙΔΙΌΤΡΟΠΟΣ ✻
ΤΙΘΗΜΙ ΔΙΣ † ΣΙΌΣ ΒΊΟΣ ΖΕΥΣ ΒΊΑΣ ΑΥΙΟΣ ✻
ΔΙΌΣ ΒΊΟΣ ΙΣ, ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ, ΑΥΙΟΣ ΔΙΕ ΖΣΥΣ ΒΊΟΣ" ΙΔΙΟΣ
† ΣΙΌΣ ΙΣ 'ΟΧΟΣ ΒΊΟΣ ✻ ΣΟΒΟΣ ΣΟΒΑΔΟΣ ΣΊΛΛΟΣ'
ΙΔΙΟΤΡΟΠΟΣ ΣΟΒΑΣ ΒΊΟΣ ΣΟΒΟΣ ΣΟΒΑΔΟΣ ✻
ΔΙΆ ΙΣ ΒΊΑΣ ΗΡΑΧΛΗΟΣ, ΔΙΌΣ ✻
† ΣΙΌΣ, ΒΊΟΣ, ΙΣ ΙΣΟΣ

✻

JUPITER EQUITATIVO, RETEM A FORÇA DA ASSEMBLÉA DO POVO E DO POEMA SATYRICO
BACCHANTE DE SOBOS, QUE TEM UM CARACTER ORIGINAL
INSTITUIR DUAS VEZES DEUS DA HUMANIDADE, SÓ JUPITER EM PUJANÇA E
FORÇA, O SANTO, PURO, AUGUSTO E VENERAVEL!
JUPITER, HUMANIDADE, FORÇA, VIGOR, FORTUNA E PUJANÇA!
SANTO, AUGUSTO, DUAS VEZES JUPITER DA HUMANIDADE, O PROPRIO DEUS DA
FORÇA E VIGOR, QUE RETEM A VIDA!
SOBOS DEUS LASCIVO E BACCHANTE DO POEMA SATYRICO QUE TEM UM CARACTER
SINGULAR LASCIVO DA VIDA DE SOBOS BACCHANTE
ATRAVÉZ DA FORÇA, VIGOR E PUJANÇA DE HERCULES DE JUPITER!
DEUS, VIDA E VIGOR IGUAL!

✻

ΒΊΟΣ
ΒΊΑΣ
ΙΣ
ΙΔΙΌΣ
'ΟΧΟΣ
ΒΊΟΣ
'ΟΧΟΣ, 'ΟΧΟΣ
'ΟΧΟΣ
✻

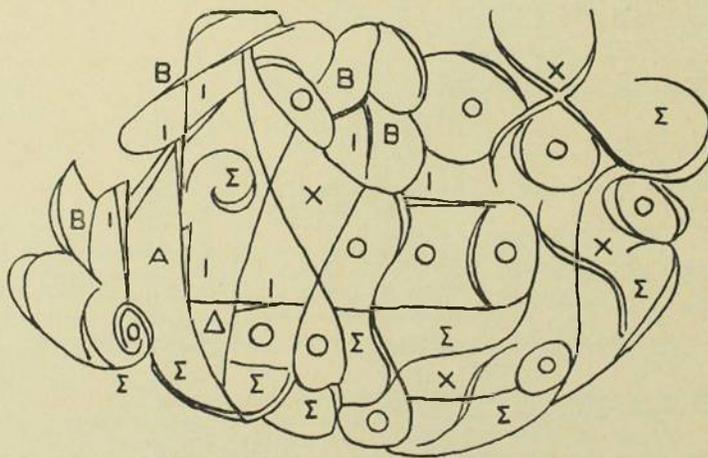
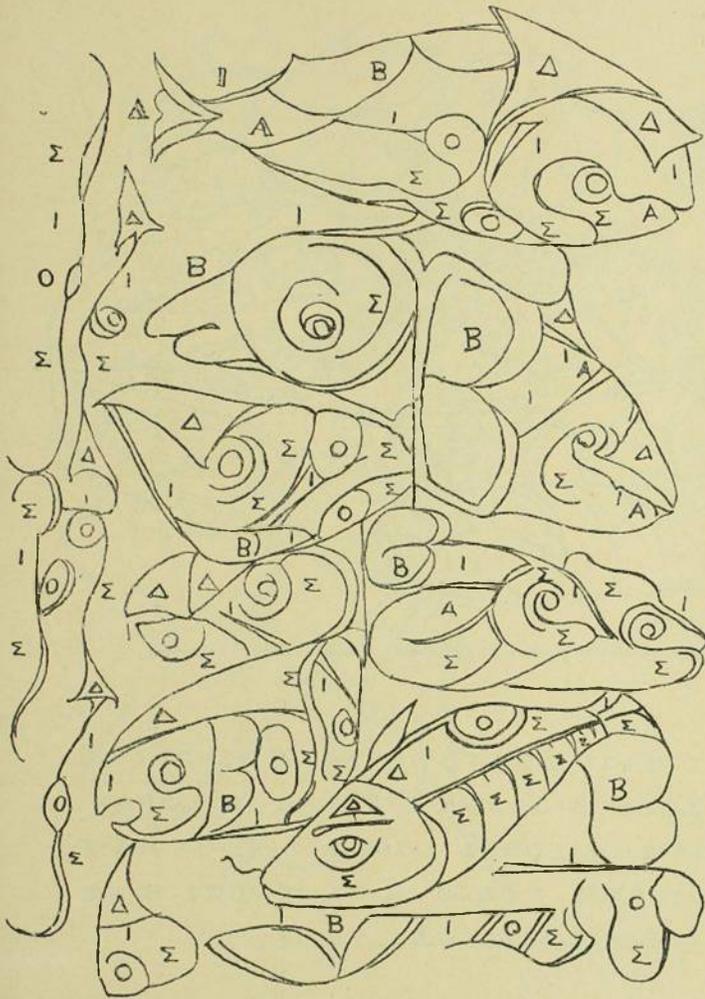



Fig. 157 — Inscripção em Mirituba — Foz do Rio Urubú, proximo a Silves — Amazonas

VIDA, FORÇA, PUJANÇA E VIOLENCIA EM PARTICULAR TENAZ, FIRME EM VIVER
FIRME E TENAZ, FIRME E TENAZ, FIRME E TENAZ

CONTÉM A PRESENTE INSCRIPÇÃO:

6 vezes ϯΣΙΌΣ, DEUS
8 » ΔΙΌΣ, JUPITER
3 » ΔΊΑ, »
7 » ΒΊΟΣ PUJANÇA
2 » ΒΊΑΣ VIDA
7 » ΙΣ, FORÇA, VIGOR, ETC

RESUMO:

DEUS JUPITER,
PUJANÇA,
VIDA E
FORÇA-VIGOR

Fig. 158 — Inscripção em Miratuba — Foz do Rio Urubú, proximo a Silves — Amazonas

ΘΙ!
ΙΘΙ!
ΙΘΜΑ!
ΙΣ ΙΣ

VAMOS! CORAGEM!
MARCHA!
FORÇA! FORÇA!

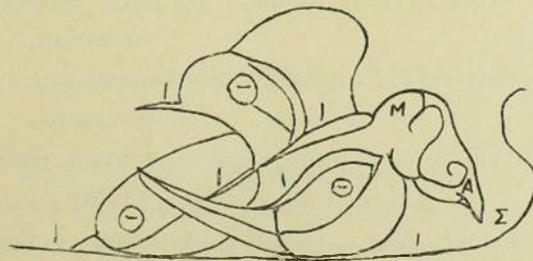



Fig. 159 — Inscripção em Miratuba — Foz do Rio Urubú, proximo a Silves — Amazonas

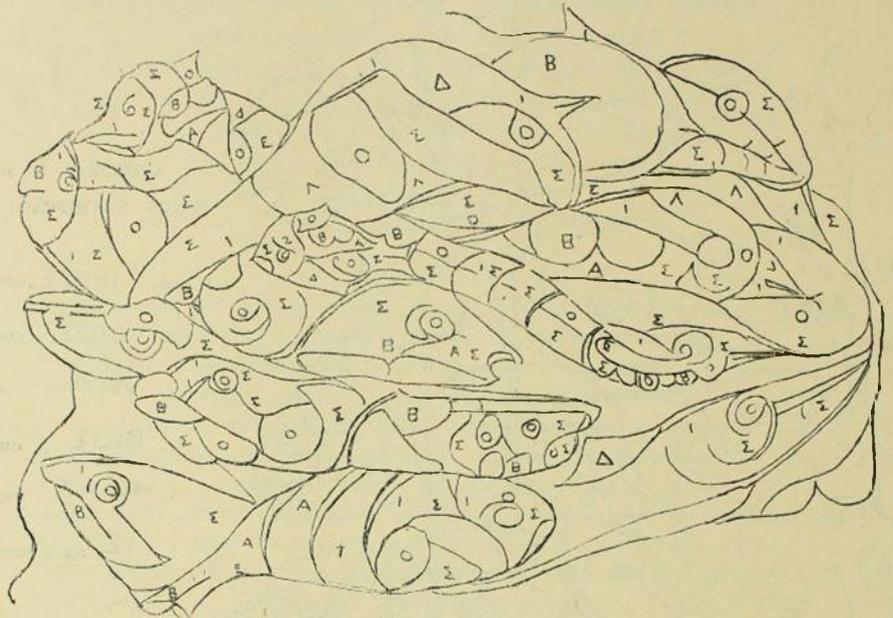
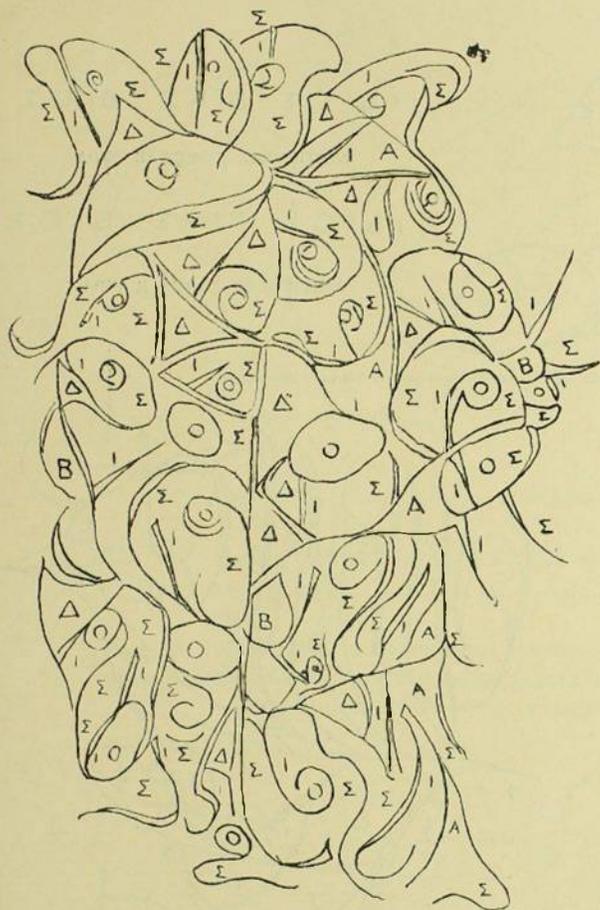



Fig. 160 — Inscripção em Miratuba — Foz do Rio Urubú, proximo a Silves — Amazonas

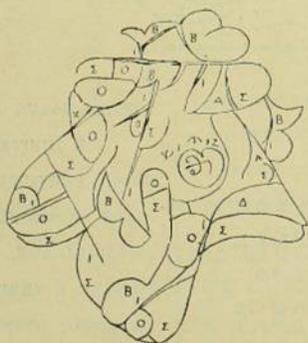
ΒΙΟΣ ΙΣ ΙΣΟΣ÷ΣΙΟΣ ΣΟΒΑΔΟΣ ΣΙΛΛΟΣ ΙΔΙΟΣ,
ΒΙΟΣ ΙΣ ΙΣ"ΣΟΟΣ ΒΙΟΣ÷ΣΙΟΣ ΣΟΒΑΔΟΣ ΣΟΒΑΣ.
ΒΙΟΣ ΙΣ ΙΣΟΣ÷ΣΙΟΣ ΣΟΒΟΣ ΣΟΒΑΣ ΣΙΛΛΟΣ ΙΔΙΟΣ
ΒΙΟΣ ΙΣ"ΣΟΟΣ ΒΙΟΣ ΣΟΒΟΣ ΔΙΟΣ ΙΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ
ΑΓΙΟΣ÷ΣΙΟΣ.

VIDA E VIGOR IGUAL Á DO DEUS BACCHANTE E DO POEMA SATYRICO SINGULAR,
SUBSISTENCIA DA FORÇA E NERVO QUE SALVA O VIVER DO DEUS BACCHANTE E LASCIVO
VIDA E VIGOR IGUAL Á DO DEUS SOBOS LASCIVO E DA SATYRA. SINGULAR SUBSISTENCIA DE FORÇA! SÃO E SALVO VIVER DE SOBOS!
JUPITER. FORÇA, VIGOR! HUMANIDADE, PUJANÇA; SANTO, PURO E AUGUSTO DEUS!

✣ΣΙΌΣ ✣ ΣΙΟΣ ✣ ΣΙΌΣ

DEUS, DEUS, DEUS

ΔΙΌΣ, ΔΙΑΣ, ΙΣ, ΙΣ

JUPITER, DEUSA, FORÇA,
VIGOR, ETC.
PALAVRAS MUITAS VEZES
REPETIDAS, COMO SE ACHAM
DEMONSTRADAS NA FIGURA

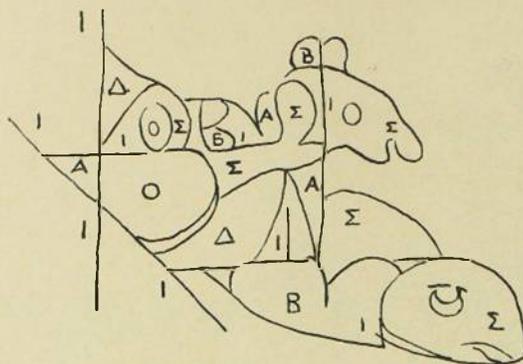
Fig. 161 — Inscripção em Miratuba, proximo a Silves — Amazonas

ΒΙΟΣ ΌΧΟΣ ΒΙΟΣ

ΙΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ

ΨΙΣΙΣ ΒΙΑΣ

ΔΙΟΣ

VIDA TENAZ, VIDA FORTE
VIDA PUJANTE, FELIZ, AFORTUNADA
É COM O PODER DE JUPITER

Fig. 162 — Inscripção em Miratuba — Foz do Rio Urubú, proximo a Silves — Amazonas

ʼΙΔΙΟΣ ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ

PARTICULAR FORÇA E VIDA

ʼΙΔΙΟΣ ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ

PARTICULAR FORÇA E VIDA

Fig. 163 — Inscripção em Miratuba, proximo de Silves — Amazonas

ΙΘΙ, ΙΘΙ, ΙΘΜΑ.

ΙΣ, ΙΣ, ΙΣ.

ΙΘΜΑ

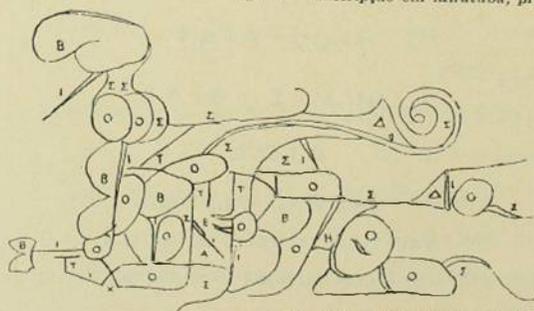
ΙΣ, ΙΣ.

VAMOS! VAMOS! CORAGEM,
FORÇA, VIGOR, CORAGEM, FORÇA
FORÇA!

*

ΙΣΟΣ ΙΣΟΣ, ΙΣΟΣ,

UNIDO IGUAL, UNIDO SEMELHANTE

Fig. 164 — Inscripção em Miratuba, proximo a Silves — Amazonas

ΒΙΟΣΣΟΟΣ
ΔΙΟΣ ΒΙΟ-
ΤΟΣ, ΒΙΟΣ-
ΤΕΙΑ, ΒΙΟΣΤΙ-
ΧΟΣ+ΣΙΟΣ
ΔΙΟΣ ΤΟΙ
ΒΟΗΘΟΟΣ

QUEM SALVA A VIDA
É JUPITER
BENS, FORTUNA, MEIOS
DE SUBSISTENCIA,
VITALIDADE, DEUS
JUPITER É VERDADEIRA-
MENTE DEFENSOR

Fig. 165 — Inscripção em Paraná de Silves—Amazonas

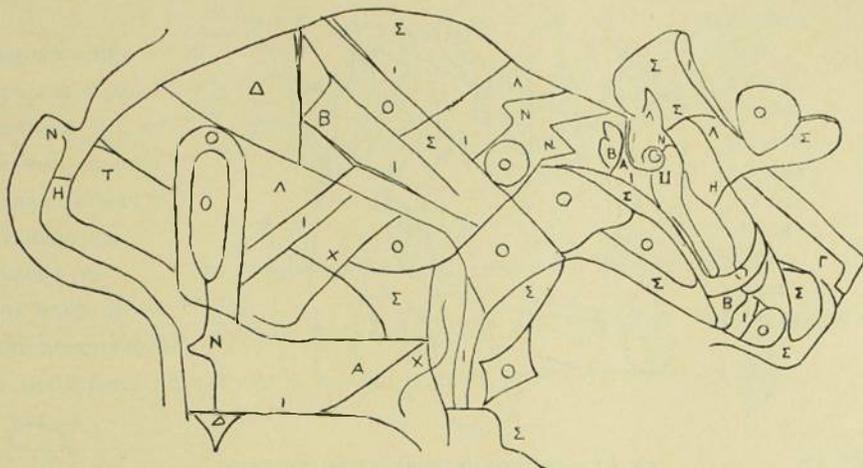



Fig. 166 — Inscripção do Paraná de Silves — Amazonas

ΝΗ ΤΟΝ ΔΙΆ ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ ÷ΣΙΌΣ ΒΙΟΣ. ΛΙΝΟΝ÷ΣΙΌΣ
ὉΣΟΣ ΒΙΑΣ ΛΙΝΟΠΛΗΓΟΣ ΒΙΟΣ

SIM POR JUPITER, QUEM PROJECTA LONGE SUA SOMBRA, DEUS DA HUMANIDADE. DESTINO DEUS TÃO CONSIDERAVEL DO PODER DE QUEM AGITA SURPREHENDENTEMENTE A TRAIÇÃO NA VIDA

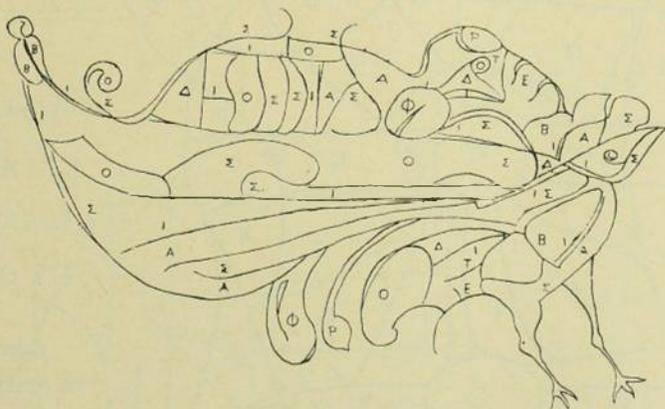



Fig. 167 — Inscripção do Paraná de Silves — Amazonas

ΒΊΟΣ÷ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ÷ΣΙΆΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΙΣ ΒΊΑΣ.
ΒΊΟΣ÷ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ÷ΣΙΆΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΙΣ ΒΊΑΣ.

VIDA DO DEUS JUPITER E DA DEUSA VENUS, FORÇA E PUJANÇA!
VIDA DO DEUS JUPITER E DA DEUSA VENUS, FORÇA E PUJANÇA!

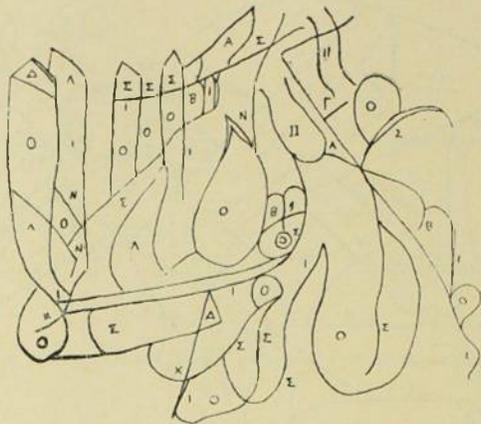
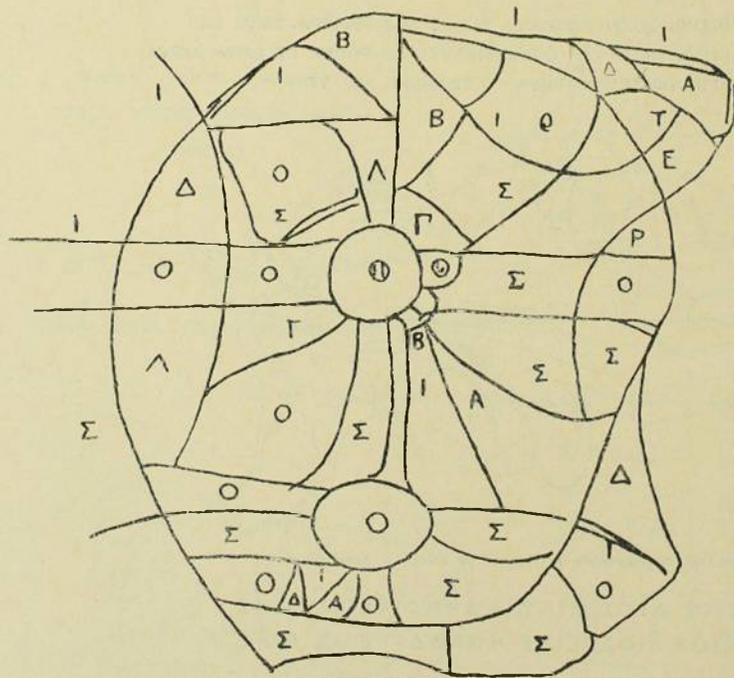
ΔΟΛΙΧΟΣ ΧΙΟΣ
ΔΙΟΣ
ΊΣΙΟΣ
ΒΙΟΣ
ΛΙΝΟΝ
ΊΣΙΟΣ
ΌΣΟΣ
ΒΙΑΣ
ΛΙΝΟΠΛΗ-
ΓΟΣ
ΒΙΟΣ.

QUEM PROJECTA
LONGE SUA SOMBRA
É JUPITER,
DEUS DA HUMANIDADE
DESTINO DEUS TÃO
CONSIDERAVEL
DO PODER
DE QUEM AGITA
SURPREHENDENTEMENTE A
TRAIÇÃO NA VIDA

Fig. 168 — Inscripção do Paraná de Silves — Amazonas

ΙΔΙΟΣ ΒΙΌΣ
ΛΟΓΟΣ ΌΣΟΣ
ΔΊΑ
ΛΟΓΟΣ
ΙΔΙΑΙΤΕΡΟΣ
ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ
ΌΣΟΣ ΔΙΌΣ.

PARTICULAR VIDA
EM DISSERTAÇÃO DO TÃO
CONSIDERAVEL JUPITER
DISSERTAÇÃO ESPECIAL
DO VIVER E PUJANÇA
DO TÃO CONSI-
DERAVEL JUPITER

Fig. 169 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

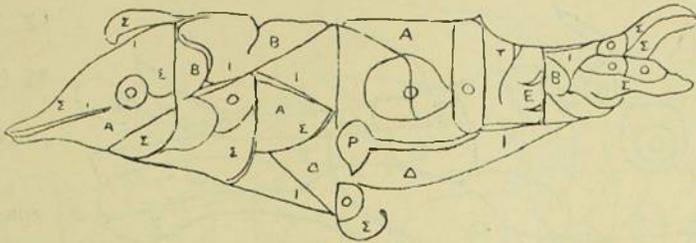
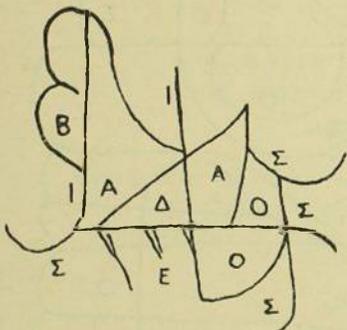



Fig. 170 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

·⁘ΣΙÓΣ⁘ΣΙÁΣ ΒÍΟΣ ΒÍΑΣ ΔΙÓΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΒΙΟΣΣÓΟΣ

DEUS, DEUSA, VIDA E PUJANÇA, JUPITER, VENUS QUEM SALVA A VIDA.

ΒÍΑΣ ΙΔΕΑΣ "ΟΣΟΣ.
PUJANÇA DE ESTYLO TÃO SINGULAR

ΣΙΛΛΟΥ-ΡΑΘΟΣ
SATYRICO, AUTOR DE POEMA SATYRICO

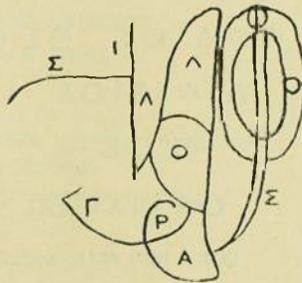



Fig. 171

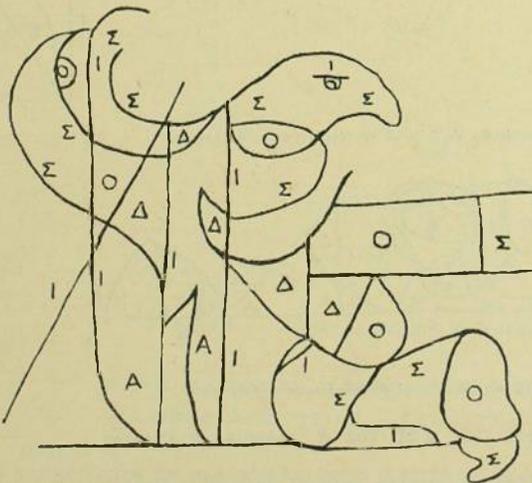
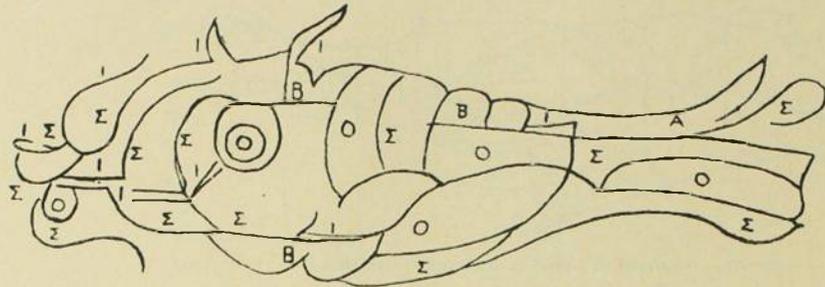



Fig. 172

⁘ΣΙÓΣ	DEUS
⁘ΣΙÓΣ	DEUS
ΔÍΑ	JUPITER
ΔÍΑ	JUPITER
ΔÍΑ	JUPITER
⁘ΣΙÓΣ	DEUS
ΔΙÓΣ	JUPITER
ΔΙÓΣ	JUPITER
ΔΙÓΣ	JUPITER
⁘ΣΙÓΣ	DEUS

Fig. 173 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

ΙΣ ΙΣΟΣ ΙΣ. ΙΣ

ΙΣΟΣ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ

"ΟΣΟΣ"

FORÇA E IGUAL FORÇA, FORÇA IGUAL, VIDA E PUJANÇA TÃO ADMIRAVEL

Fig. 174 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

"ΟΔΙΟΣ "ΟΣΟΣ

ΔΙΑ ⁞ΣΙΟΣ ΙΣ

ΙΣΟΣ

ΟΧΛΙΧΟΣ

QUE É DUM FELIZ AGOURO AO VIAJANTE, TÃO ADMIRAVEL JUPITER, DEUS DA FORÇA, UNIDO Á MULTIDÃO

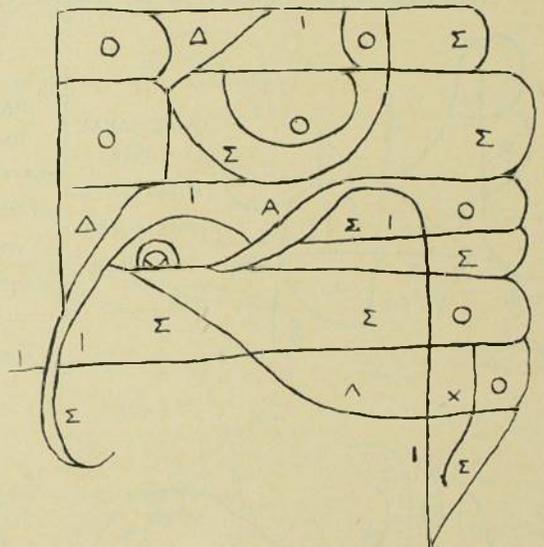



Fig. 175 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

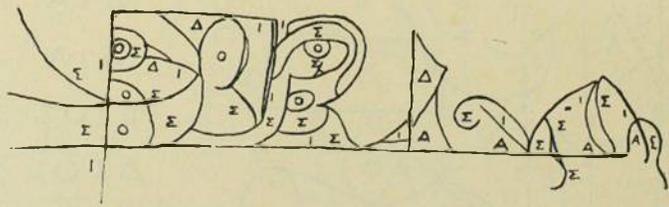



Fig. 176 Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

⁞ΣΙΌΣ⁞ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ΔΙΌΣ, ΙΣΟΣ ΙΣΟΣ ΙΣΟΣ ΙΣ ΔΊΑ⁞ΣΙΑΣ⁞ΣΙΑΣ⁞ΣΙΆΣ

DEUS, DEUS, JUPITER, JUPITER, IGUAES UNIDOS, IGUAES UNIDOS, FORÇA JUPITER, DEUSA E DEUSA

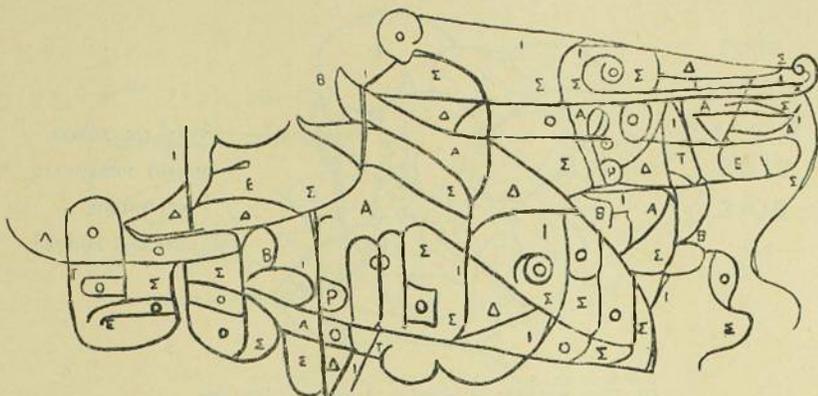



Fig. 177 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

ΛΟΓΟΣ ΙΔΕΑΣ 'ΟΣ ΟΣ ⁞ΣΟΟΣ ΒΙΑΣ ΒΙΟΣ ΔΙΑΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ
⁞ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ "ΟΣΟΣ ΔΙΟΣ ΙΣΟΣ ΙΣΟΣ ΔΙΑ ⁞ΣΙΟΣ ⁞ΣΙΑΣ
ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΒΙΑΣ ΒΙΟΣ

DISSERTAÇÃO EM ESTYLO ADMIRAVEL E SALUTAR Á PUJANÇA E VIVER DA DEUSA VENUS E DEUS JUPITER, O TÃO EMINENTE JUPITER IGUAES, UNIDOS, JUPITER DEUS E DEUSA VENUS SÃO A PUJANÇA DA VIDA

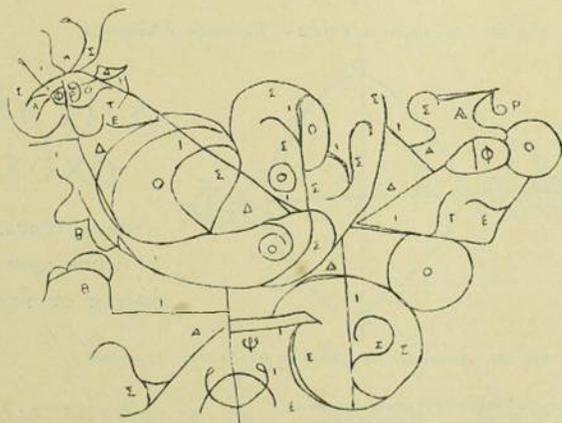



Fig. 178 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

⁞ΣΙΑΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ·ΙΔΙΟΣ ⁞ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ΙΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ
ΨΙΕ-ΙΣ ΔΙΟΣ ⁞ΣΙΑΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ

DEUSA VENUS EM PARTICULAR, DEUS JUPITER EM FORÇA VIDA E PUJANÇA. FELIZ AFORTUNADO COM JUPITER E DEUSA VENUS

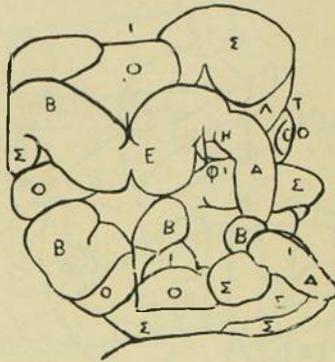
ΒΙΟΣ
ΣΟΒΟΣ
ΕΦΙΑΛΤΗΣ
ΒΙΟΣ
ΒΙΑΣ
ΙΣ

VIDA DE SOBOS
DEMONIO PESADELO,
CONDIÇÃO,
PUJANÇA E FORÇA!

Fig. 179 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

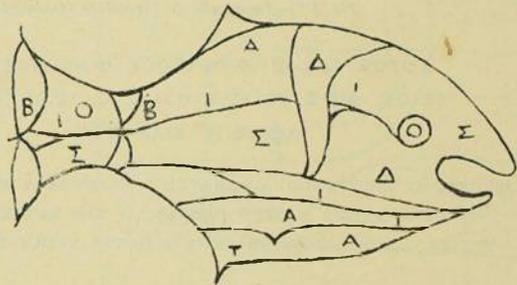
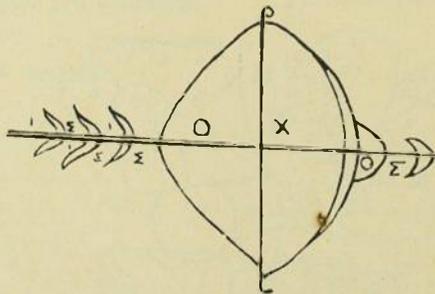
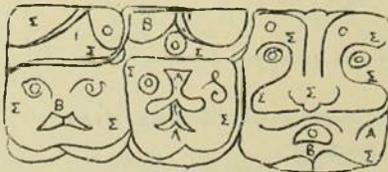
ΒΙΟΣ ΒΊΑΣ
ΔΙ̂ΟΣ
ΔΊΑΙΤΑ

VIDA, PUJANÇA
E ADMIRAVEL REGIMEM

Fig. 180 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

ΙΣ ΙΣ ΙΣ
'ΟΧΟΣ

FORÇA, FORÇA,
VIGOR, QUE
CONTÉM OU RETEM

Fig. 181 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

ΣΙΌΣ ΣΟΒΟΣ ΒΙΟΣ ΣΟ.
ϑΑΔΟΣ ῞ΟΣΟΣ
῞ΟΣΟΣ ΣΟΒΟΣ

DEUS SOBOS DE CONDIÇÃO
LASCIVA TÃO EXTRAORDINARIA
E ADMIRAVEL

Fig. 182 — Inscripção do Litoral de Itapiranga — Amazonas

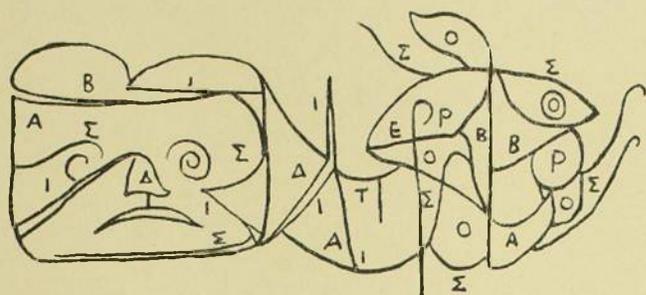



Fig. 183 — Inscripção do Litoral de Itapiranga (Amazonas)

ΒΊΑΣ ΙΔΙΟΣ ΙΣ ΙΔΙΑΙΤΕΡΟΣ ΣΟΒΟΣ ΣΟΒΑΡΟΣ

PUJANÇA E SENSO PROPRIO DA ESPECIAL FORÇA DE SOBOS O ARROGANTE

CAPITULO V

Miracãuera (Necropole): Culto dos Phenicios aos deuses e aos defunctos. As ceramicas funebres e communs

DESDE tempos remotos, é assim denominada a região comprehendida entre o canal Arauató e as terras Amatary, cortadas na enchente por este e pelos canaes Cainamã, Santo Antonio, Uichituba ou Aybú, que se communicam com o Rio Urubú.

Altas barrancas que variam de seis a dez metros, na vasante, fig. 184, constituem a margem d'esta vasta necropole, e desde muito permanecem em continuo desabamento.

Esta particular circumstancia faz vir á luz do dia grande porção de fragmentos da ceramica, como as urnas funerarias, o asylo das ossadas e cinzas dos que n'aquella região viveram e desappareceram no periodo de seculos, costumes que revelam certa analogia aos dos Phenicios.

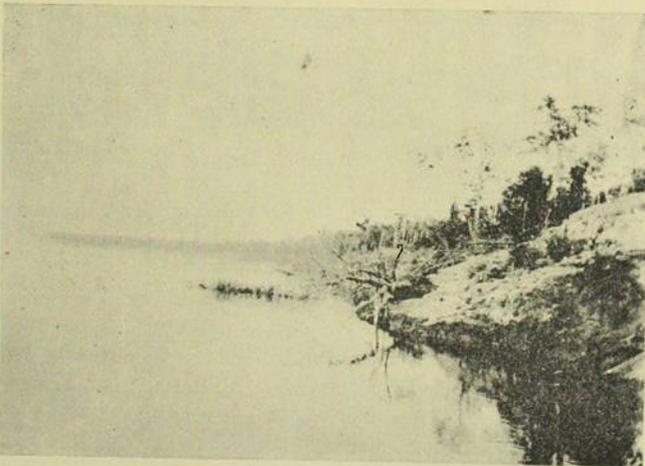



Fig. 184 — Miracãuera (Necropole)

A Necropole, propriamente dita, não comprehende toda costa, ella se fixa no ponto fronteiro á extremidade baixa da ilha da Benta, assim conhecida, n'uma extensão de mais de meio kilometro. Mata em deslocamento, algumas habitações com o plantio de cacoaes, constituem a margem sombria de Miracãuera, paragem assignalada pela ideia lu-

gubre da morte. Antes de proseguirmos, vem a proposito referirmos: "que os Phenicios, segundo a historia (1), acreditavam n'uma vida, depois da morte, analoga á vida terrestre, e, na sua opinião, a tranquillidade das almas dos defunctos dependia da absoluta tranquillidade do corpo morto; por esta razão, cuidavam muito da conservação dos cadaveres, embora não tivessem chegado á perfeição com que os egypcios se distinguiram a este respeito. No acto de depositarem os cadaveres nos sepulchros abertos nas rochas, adaptavam com frequencia disposições complicadas para garantir aos mortos a mais completa tranquillidade".

« Em sarcophagos de barro, que não devem ser senão de época remota, vê-se que a tampa apresenta uma mascara correspondendo á cabeça do cadaver, tendo no ouvido um orificio que penetra até ao interior; prova evidente de os phenicios julgarem os mortos susceptiveis de ouvir o que se dizia. » (2)

« Tocar na morada de um morto, que os phenicios chamavam "casa eterna", era considerado peccado gravissimo.»

« A prova do terror que inspirava qualquer profanação da morada do defuncto, está nas maldições que se acham escriptas no sarcophago de Eshmunazar, rei de Sidon (na época dos Ptolomeus), contra qualquer profanador d'esta especie. Lê-se ahi: que "os deuses sagrados" se vinguem d'esse profanador, não deixando d'elle nem raiz nem fructo, nem honra entre os que vivem debaixo do sol; o que quer dizer, que o culpado deve ser exterminado com todos os ascendentes e descendentes. Outra inscripção do sarcophago de Tabnit, pae de Eshmunazar diz: "que o profanador não tenha descendencia entre os vivos debaixo do sol, nem sitio de repouso entre as almas dos defunctos". »

Fig. 185 — Cabeça de Sarcophago em terra cosida. (Museo do Louvre)

Fig. 186 — Tela votiva a Tanit, de Carthago

« Não se sabe ao certo com relação aos perigos que as almas corriam em consequencia da profanação do seu repouso; devia, comtudo, temer-se que a alma incommodada, não encontrando em seguida lugar occulto onde se acoitasse, se achava na mesma perigosa situação que tivera por morte do corpo a que pertencia, á cabeceira do qual se installava um ser monstruoso, a que se attribuia forma de leão, e que se apoderava da alma para a despedaçar, se acaso os amigos do moribundo não afugentassem a tempo o espirito destruidor. »

---

(1) Hist. Un. de Oncken, cit., pags. 370 a 372, 374, 378, 379.

(2) Para exacto confronto com os do Miracãuera, offerecemos as figuras 187 a 190, como varios outros exemplares seguintes. A proposito, reproduzimos, ainda, uma cabeça de sarcophago, fig. 185, em terra cotta, encontrada na Necropole d'Amrith, que não é menos que cobertura d'um sarcophago antropoide; existe actualmente no Louvre (museo). E. Babelon. cit., pag., 295.

Temos, ainda, uma outra cabeça, Stela votiva, a Tanit de Carthago, fig. 186, *Hist. Universal* de Oncken, cit.a fl. 317.

«O que acabamos de dizer deduz-se de uma inscripção em grego barbaro, aberta no monumento sepulchral de um phenicio chamado Antipatro, natural de Ascalon e enterrado em Athenas.»

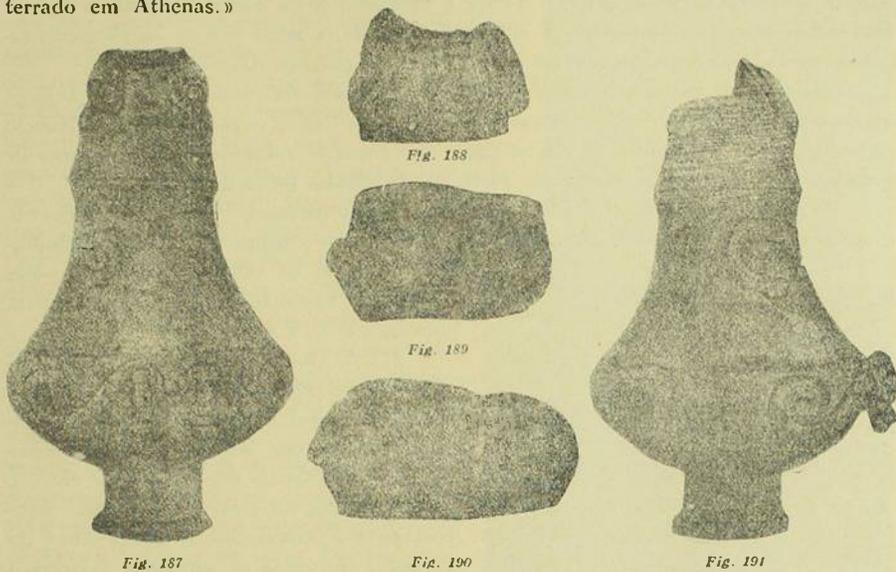



Fig. 188

Fig. 189

Fig. 187 Fig. 190 Fig. 191

Urnas funerarias de Miracāuera

« Infere-se do que deixámos dito que os phenicios, além de crerem que a alma, na occasião da morte, quando abandonava o cadaver, vivia separada d'este, julgavam que

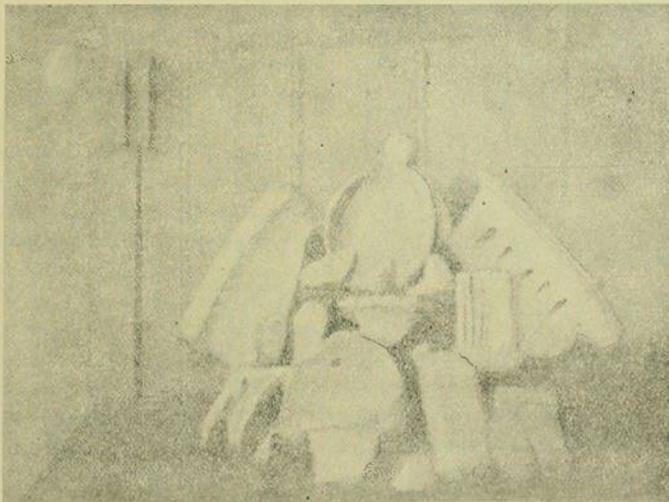



Fig. 192 — Fragmentos ceramicos de Miracāuera

as almas sem morada estavam expostas a ser exterminadas por espiritos mais poderosos; o que nos leva a suppôr que essas crenças produziram a convicção de que as divindades,

que podiam causar a morte das pessoas, tinham, como espiritos malignos, o desejo de se apoderar das almas humanas para se divertirem, destruindo-as, e, por conseguinte, que o meio mais efficaz para evitar o rancor e apaziguar a ira d'estas divindades era offerecer-lhes sacrificios humanos. É esta, naturalmente, a razão porque os phenicios sacrificavam de preferencia individuos novos, em plena pujança da vida.»

« Ha tambem indicios de que a vida depois da morte era considerada como analoga á vida terrestre, porque enchiam os mortos de amuletos (talvez os mesmos que o defuncto usava em vida) e de muitos utensilios, como, por exemplo, colheres, punhaes, frascos de pomada, lampadas, copos, figuras de barro de divindades protectoras, etc. . . . »

« Segundo parece, os phenicios — e outros povos semiticos — julgavam sufficiente consolar a alma dos seus defunctos, nos funeraes e durante o tempo do luto, com manifestações claras de dôr, e subministrar-lhes meios que bastavam, na sua opinião, para lhes conservar a existencia.»

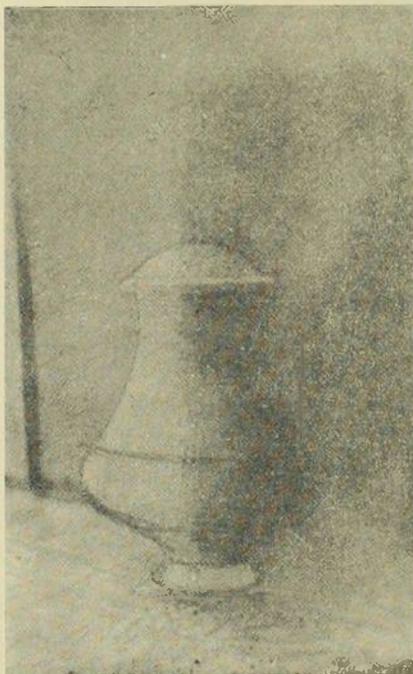



Fig. 193 — Urna funeraria

« . . . . Outro tanto parece, os phenicios tambem utilisaram, á falta de cavernas para enterrarem os seus mortos, outros logares, como, por exemplo, certas rochas isoladas e de fórma que dessem na vista, e certas arvores ou grupos de arvores. Este costume e a convicção de que a alma do defuncto procurava na superficie da terra e perto do seu cadaver uma morada, quer no interior do marco, pedra ou estaca que indicava a tumba, quer em rochas e arvores immediatas a ella, deram provavelmente origem á crença de que havia pedras, penhascos e arvores nas quaes viviam espiritos e até deuses.»

« Ainda se encontram vestigios desta crença, provavelmente commum na sua origem a todos os povos semiticos, em algumas tribus beduinas, que consideram sacrilegio ou profanação apanhar fructos ou tocar em arvores que cresçam junto a uma tumba ou perto de sitios onde antigamente se enterravam mortos. . .»

« Muitos, se não todos os sanctuarios phenicios, possuem, além dos pilares de pedra erigidos em pontos sagrados, uma provisão de pedras milagrosas, ahi guardadas como joias, e que serviam principalmente de oraculos, em que se suppunha que residia qualquer coisa semelhante a uma alma ou a um espirito, razão porque lhes chamavam *bêtêl* ou *bêtyl*, que quer dizer "morada de Deus", ou na tradução livre de Philon de Byblos, "pedra animada".»

« Na origem, este antiquissimo nome, como se deprehende da descripção do sonho de Jacob e da pedra de Betel, designava as pedras em cuja immediação se manifestava alguma divindade, e que eram tidas por moradas de uma força divina.»

A ideia de que um ser invisivel podia ter morada n'uma pedra, deve ter nascido das ideias da alma depois da morte do individuo, o que tambem explica o habito de untar com azeite pedras de aspecto especial, costume que se conserva ainda no paiz de Sidon. A utilidade attribuida pelos phenicios á untura das pedras está confirmada pelos frascos com azeite que punham ao pé dos cadaveres nos sepulchros. Nas tampas dos sarcophagos de barro cosido, que se encontram principalmente perto de Tortosa, as figuras que representam o defuncto têm um pequeno vidro com azeite na mão, e o mesmo succede com uma figura humana representada n'um sarcophago phenicio de pedra, encontrado em Selinonte.»

«Os phenicios tambem dedicaram pedras a muitos dos seus deuses, em cumprimento de um voto, e pilares de pedra ou lapidas a determinadas divindades, em paga do auxilio solicitado. É evidente que houve tempo em que se cria que essas pedras eram tão uteis ás divindades como o era ao homem o auxilio d'estas, crença que devia ter tido origem na de que as divindades eram espiritos que influiam na sorte dos vivos. A crença de que uma determinada divindade dava importancia á posse de uma pedra, denota pobrissima ideia ácerca das qualidades

Fig. 194 — Fragmento ceramico de Miracãuera

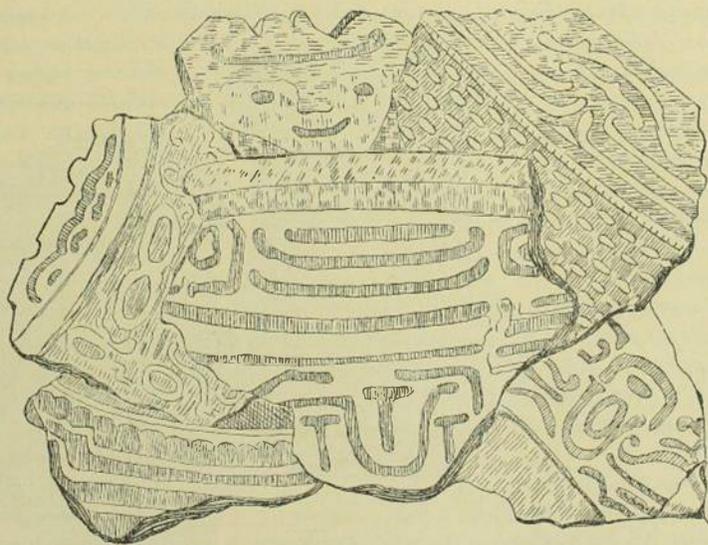



Fig. 195 — Fragmentos ceramicos de Miracãuera

dos deuses; esta crença devia ter datado de um tempo em que os espiritos, e em especial as almas dos defunctos, eram considerados como causadores de mudanças desejadas do

destino, e aos quaes se pagava offerecendo-lhes morada n'uma pedra identica ás que eram collocadas em cima dos sepulchros; de sorte que a primitiva significação dos marcos nativos deve ter sido, como já dissemos, a de fetiches de pedra.»

« Este caracter da religião primitiva e rudimentar não se conservou no culto de todas as divindades phenicias, porque, evidentemente, em época remota se formou uma tradição que limitava o offerecimento de pedras votivas a determinadas divindades. Depois o habito fez esquecer a primitiva significação, se bem que as pedras votivas serviram sempre de offerendas, em consequencia de um voto feito em assumptos particulares.»

« Ao principio, a fórma da pedra era, com certeza, indifferente; com o andar dos tempos deu-se ás pedras differentes feitios, conforme a divindade a que eram destinadas. A Melkart, o Baal de Tyro, promettiam-se dois pilares, em vez de um, provavelmente porque, no templo dedicado a Melkart em Tyro, os pilares dedicados a este deus eram dois. Noutros casos promettia-se uma só pedra a duas divindades, naturalmente porque ambas tinham o mesmo logar de culto.»

Fig. 196 — Urna funeraria de Miracãuera

Fig. 197 — Urna funeraria de Miracãuera

« Não longe da collina em que estava o bairro de Carthago chamado Byrsa, encontram-se amontoadas em fórma de paredes, milhares de lapidas, com o extremo superior triangular, dedicadas a Rabbat-Tanit-Pene-Baal e a Adon-Baal-Hammon. Noutros logares do norte da Africa, como, por exemplo, nos sitios onde outr'ora foram Cirta e Adrumeto, tambem se têm encontrado muitas pedras votivas d'esta especie, com inscripções dedicadas aos mesmos deuses, mas em ordem inversa, quer dizer, citando-se Adon-Baal-Hammon antes da deusa Rabbat-Tanit-Pene-Baal.»

« Estas pedras votivas estavam cravadas no solo, mettidas na parede interior do recinto do templo sagrado ou nas columnatas.»

« Muitas destas pedras não têm inscripção, por onde se vê que a pedra por si só podia preencher o fim para que era offertada.»

« Nas pedras que têm dedicatoria, citam-se, além das divindades, as pessoas que lhes dedicam essas pedras em cumprimento de um voto. A formula é quasi sempre a mesma; na sua redacção mais completa diz o seguinte:

Fig. 198 — Urna funeraria de Miracãuera

« A Rabbat-Tanit-Pene-Baal e ao Adon-el-Baal-Hammon, como lh'o prometteu (*o nome do offertante*), filho de (*fulano de tal*), por terem ouvido a sua supplica; que o bemdigam.»

« A's vezes designa-se a pedra expressamente como donativo. »

« O trabalho d'estas pedras é tosco e mal acabado, e em tudo se vê que deviam estar feitas em grande quantidade e promptas para receber a inscripção de quem as quizesse adquirir e offerecer. . . »

Elucidado deste modo, com minudencia e extrema analogia o assumpto de que vinhamos tratando, vamos proseguil-o, deduzindo conclusões claras e positivas.

Com o desmoronamento das barrancas da necropole, os fragmentos ceramicos são arrojados ao leito das aguas do rio Amazonas, conseguindo-se ainda hoje espcimens, dos quaes alguns representando as figs. 190 a 197, dão ligeira ideia, emquanto, raramente obtêm-se intactos esses asylos ceramicos, de execução admiravel, mas desformados, em grande parte, pela acção corrosiva do tempo. Accresce ainda a singularidade de que os moradores surprehendidos, ás vezes, com o achado dessas urnas funebres, com pavor, removem-n'as á corrente do rio, evitando o contacto e a conservação de tão lugubre lembrança dos antepassados, tornando-se com effeito, presentemente, difficil a obtenção desses objectos archeologicos.

Fig. 199 — Urna funeraria de Miracãuera

Ha seguramente 45 annos, na administração Paranaguá, o illustre Botanico, de saudosa memoria, Dr. Barbosa Rodrigues, visitando Miracãuera, ainda alcançou precioso contingente ceramico, que arrecadou ao Museu Botanico do Amazonas, do qual era Director. Esses exemplares valiosos, com a extincção do referido estabelecimento e remessa para a Exposição dos Estados Unidos da America (Chicago), desappareceram por completo; mas, por felicidade nossa, foram desenhados e lithographados alguns no volume IV, da — *Vellosia* — e descriptos no II, obra de caracter official da então Provincia. Com prazer reproduzimos algumas estampas, como passamos a resumir o capitulo referente ao assumpto de que ora nos occupamos.

Conservaremos a orthographia do autor quanto a nomes tupys, adoptados, sem razão talvez, aos da raça extincta, cujo dialecto, sendo então ignorado, nenhuma vantagem offerece a sua substituição, a não ser pelo portuguez: Eis suas palavras:

Fig. 200 — Urna funeraria de Miracãuera

« Na multidão de fragmentos, e mesmo peças inteiras que se encontram, tres especies de *iukaçauas* ou urnas mortuarias se descobrem no *Mirakanguera*, todas de diversos ta-

manhos, que indicam a estatura e a idade do individuo, o que se conhece pelo comprimento dos ossos, desde o adulto até á criança de peito. Na primeira guardavam-se propriamente restos dos chefes, dos *moakaras* ou pessoas de familia, mas simplesmente ossos, depois de haver a terra consumido as carnes; na segunda encerravam-se restos do vulgo, sendo os ossos partidos e guardados depois da cremação do corpo; na terceira encerravam-se restos das cinzas das carnes e pó dos ossos, servindo tambem nas ceremonias funebres. Os chefes não eram cremados; enterravam-se, sendo mais tarde exhumados os ossos. Sómente pessoas de familia e o vulgo soffriam a cremação, sem que nisso houvesse excepção. Depois de retirados da fogueira, os ossos calcinados eram quebrados, recolhidos a uma urna, sendo uma parte reduzida a pó para ser misturada a tinta de *urukú* ou *kury*, e servir na festa funebre da familia, o *koroknó*.

Fig. 201 — Taça das libações

Algumas vezes reduziam a ossada a pó e então era guardada em urna especial. Isto dava-se com as familias dos Chefes ou dos *moakaras*. Estas urnas cinerarias são de formato differente das que guardam ossos do vulgo, conservando estas sempre a mesma uniformidade, posto que não apresentando todas o mesmo tamanho. Conforme a quantidade de ossos que deixava o funeral, assim o tamanho da urna. Comparado o numero das urnas ossuarias com as cinerarias, vê-se que aquellas são em numero mais limitado, emquanto que o destas é extraordinario. »

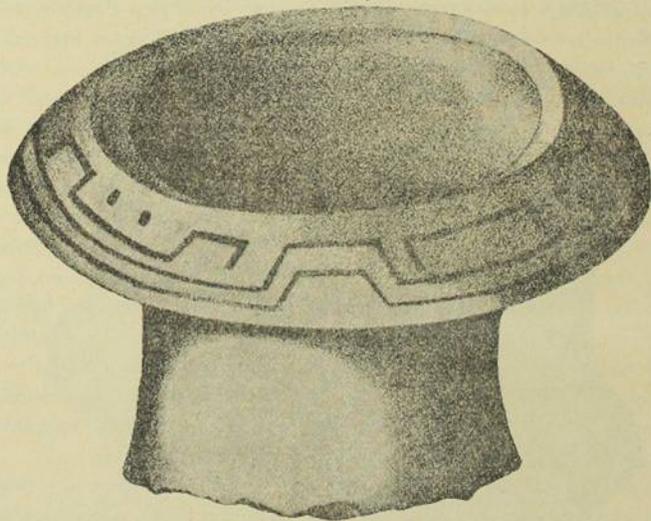



Fig. 202 — O grande pote (fragmento)

« Além destas urnas, havia outras tambem cinerarias, que serviam para guardar cinzas dissolvidas em tinta. D'ahi as passavam para as taças. Essas urnas são rarissimas,

Todos os vasos que encerravam despojos eram pintados de branco, com arabescos pretos e vermelhos, sendo alguns tambem esculpidos.

As panellas que continham viveres, que se collocavam junto á urna, eram tambem pintadas e esculpidas; assim como as taças que serviam para o *kachiry* e para o deposito de tinta para pintura do corpo. As panellas tinham as bordas ornadas de figuras zoomorphas, assim como as azas das taças cinerarias, de que abaixo tratamos.»

Fig. 203

Taças cinerarias

Fig. 204

Fig. 205

Fig. 206

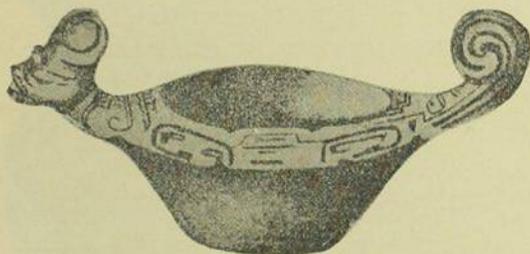
«Infelizmente a humidade do terreno, circundado d'agua por toda parte, principalmente durante o inverno, impede que as tintas se conservem. Retiram-se as urnas da terra completamente cobertas de tabatinga, percebendo-se aqui e alli os desenhos com as côres ainda vivas; porém logo que se lança agua sobre ellas para despojal-as das massas de terra que a ellas estão adherentes, desapparecem os desenhos, de modo que é difficil conserval-os.

Em geral, a parte gravada é coberta por tinta vermelha, e pela gravura vêem-se então bem os desenhos. A porção, porém, que conserva a tinta, sendo exposta ao sol, depois de secca não desapparece.»

Fig. 207

Fig. 208 Taça cinerarias Fig. 209

«As proprias urnas, quando desenterradas, pela humidade que em si contêm, são muito quebradiças, mas apenas seccas, tornam-se muito rijas e sonoras, parecendo obra moderna. Se não fosse relativamente muito baixo o terreno da Necropole, que todo anno é humido; se sua natureza, em vez de argilosa, fosse silicosa, essas urnas seriam ainda hoje um mimo de pintura, por que as tintas se conservariam perfeitamente.»

«Quanto á religião dessa tribu, póde-se affirmar que seus individuos acreditavam na vida de além tumulo, porque em torno aos jazigos enterravam panellas, de diversos

tamanhos, com viveres, instrumentos de trabalho e, penso, que amuletos, si não tinham elles attribuição votiva, representados por machados de diorito, pequeninos, costume esse que se filia ao berço asiatico e runico. » [1]

« Havia vazos ou taças cinerarias para os convivas que festejavam a partida do morto.

Cheias de tinta com cinzas, n'ellas molhavam os dedos e desse modo pintavam-se, clamando lugubremente. »

Fig. 210 — Taças cinerarias

« É aqui logar para uma observação: esse uso de pintura com cinzas dos mortos não seria uma applicação identica á dos christãos ? Não seria como a advertencia do *pulvis es et pulverem reverteris*, da quarta-feira de cinzas ?

A analogia é grande. Pequena porção de tinta, comtudo, era dividida, porque pequenas são sempre as taças, o que indica que o fim não era consumir os ossos, porque eram guardados, porém lembrar que, como aquelle que morria, assim morreriam tambem os outros e em cinza se tornariam. »

« Esses vasos eram enterrados em torno á urna, e creio que tambem as vasilhas em que bebiam a *kachiry*, que alegrava a festa, porque junto ás urnas se encontram pequenos *kumalys*. Para elles, como para esses descendentes de hoje, o morto era um ente que se perdia, cuja sombra poderia ser encontrada, e quando fosse má era o *maaya*. Que

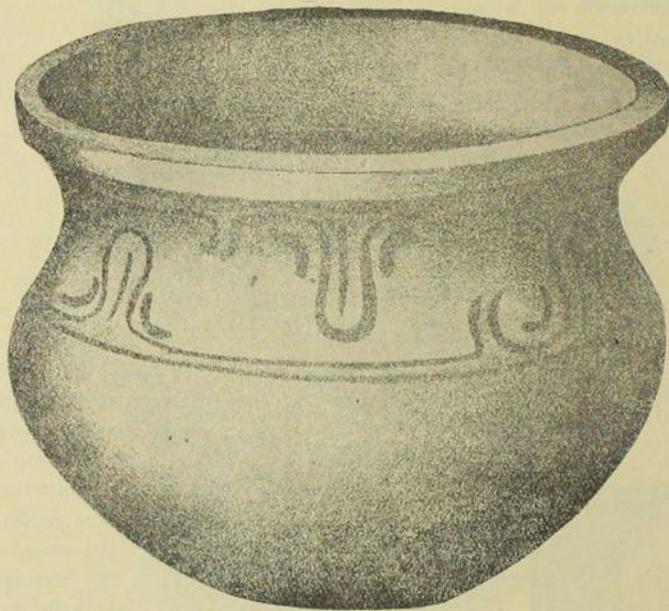



Fig. 211 — Taças cinerarias

(1) « Que a população primitiva do Amazonas, diz o autor, descende de duas emigrações, uma Asiatica e outra Normanda, crusada, para mim é fóra de duvida, porque provas materiaes o conflirmam. O *Muyrakytã*, os aterros sepulchraes e os Kjoekkenmoeddings o attestam, além de differentes usos identicos que isso corroboram.

a civilização que possuia o povo de *Mirakanguera* entrava já em grande aperfeiçoamento, o prova a maneira pela qual a argilla era escolhida, preparada e cozida; a boa preparação das tintas que empregavam na pintura de seus vazos; as fórmas correctas e elegantes que davam aos mesmos; as gravuras e baixos relevos que nelles empregavam e a harmonia e intelligente disposição das linhas de seus desenhos.»

«Até hoje a ceramica que mais altamente attestava a civilização dos tempos idos deste Imperio era a dos aterros sepulchraes da ilha das *Pakovas*, no lago Arary, sitio na ilha de Marajó, que fica muito aquem da da Necropole do *Mirakanguera*. Tem o mesmo berço desta, porém é de casta differente, e o proprio meio em que viveu foi outro, adoptando, talvez por contacto com os Normandos, outros costumes.»

Fig. 212 — Panellas votivas — Miracãuera

« Posto que oriundos do mesmo tronco, os Marayoaras, faziam aterros sepulchraes, uso proprio dos Normandos e Nahuas, emquanto que os Amataryoaras ou Aroakys desconheciam esse costume, embora as panellas e armas de pedras mostrem o uso runico.

Se aquelles foram numerosos e trabalhadores pacientes, a ponto de elevarem montanhas artificiaes, estes dedicavam seu trabalho e paciencia ao aperfeiçoamento de sua ceramica, que é muito mais artistica e de muito mais difficil execução que a d'aquelles. Conheço ambas perfeitamente.»

Fig. 213 — Panella votiva — Miracãuera

« Quando estudamos a evolução da ceramica entre os povos até á Renascença e desta aos nossos dias, vê-se que só da idade media em diante começaram a apparecer os vasos de altos pés, pois até então sempre os seus bôjos assentavam directamente sobre o solo, como os de Marajó e Normandos. Só a Grecia, no tempo das Olympiades, época anterior á christã, apresentou algumas amphoras pamathenaicas, alguns cantaros com altos pés, como a ceramica do *Mirakanguera*. A India que, pelos Phenicios, levou á Grecia os modelos de alguns de seus vasos, parece que tambem foi a mestra dos oleiros do *Mirakanguera*.»

O uzo de cremar os corpos e enterrar os ossos queimados foi dos Normandos, em sua época de ferro, que começou logo depois da éra christã, embora mil annos antes fosse o ferro empregado pelos gregos de Homero e no Egypto. Na sua época de bronze, os Normandos não queimavam os corpos e esse uzo caracteriza o fim d'ella e o começo da de ferro. Queimados os ossos, eram guardados em urnas de argilla e mettidos nos *tumulis*, *cairss* ou stenkummel, sueco. Cumpre notar que este uso acabou justamente no fim da idade de ferro, isto é, no meio do XI seculo, no periodo dos *vikkings*, ou da emigração dos Normandos para as costas da Europa e da Filandia, onde vincularam seu nome como descobridores da America.»

« Quando comparamos as urnas funerarias que encerram somente as cinzas dos mortos de *Mirankanguera* com os que a India usava 300 annos antes de nossa éra, com as que noticia, descreve e representa M. Luiz Rousselet, no *Tour du Monde*, das quaes typos foram levados á Europa por esse autor, vê-se que ha perfeita identidade de fórma. »

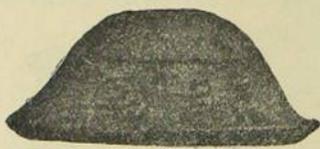



Fig. 214

« As que elle encontrou no cimo do Sathara, na India Central, quando o explorou, não apresentam differença das que desenterrei na costa do Amazonas. »

« É sempre do berço asiatico, sem idéa preconcebida, que parece ter partido a extincta civilização do Alto-Amazonas, descoberta pelo *muyrakytã* e confirmada pela invasão normanda; ainda temos longinquos descendentes, os Aroakys, mettidos nas selvas, porém embrutecidos e esquecidos da antiga industria, que mal arremedam, attestando, de dia em dia, a decadencia do oleiro de hoje, que, preparando o mesmo vaso pelo primitivo modelo, tem as mãos tão inhabeis que não chega a imital-o no aperfeiçoamento. »

« Charles Wiener, tratando da ceramica peruana, diz que o alvo dos ceramistas, na America, não foi o bello, pois se limitavam á copia servil da natureza. Se isso é real em relação aos *filhos do sol*, não é quanto aos ceramistas do *Mirakanguera*. Onde foram elles buscar na natureza as fórmas que aqui deixo representadas?

São todas originaes. »

« O facto da invasão do povo da Necropole, nas terras amazonicas não está tambem perpetuado nas inscripções de Itacoatiara e do Rio Urubú?... »

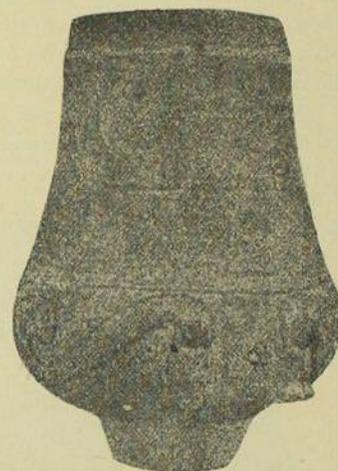
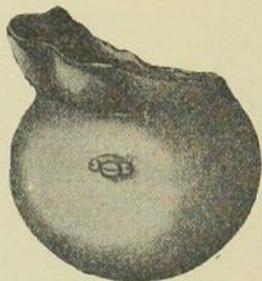
Fig. 215 — Urna cineraria

Assim determina este capitulo o illustre autor, falando-nos apenas de inscripções de figuras de restos e rostos humanos da éra recente de 1754 em Itacoatiara e não de caracteres alphabeticos, como os dos propriamente phenicios, que alli encontrámos e lhes damos hoje a respectiva interpretação, como a muitos d'aquelles rostos, que não menos representam, a nosso ver, que divindades phenicias e gregas, em sua quasi totalidade.

Abstemo-nos de fazer outras considerações sobre varios assumptos, os quaes visivelmente estão em manifesta contradição ao que hoje se tem positivamente apurado em semelhantes casos.

Fig. 216

Na generalidade, diz o illustre autor:

« Resumindo as considerações que apresentei, baseado no estudo que fiz no local, com objectos numerosos nas mãos, e no que a lição da historia affirma, direi que a Ne-

« Os Celtas e depois os Gaulezes tambem tiveram o uso de quebrar e cremar os ossos, depositando junto d'elles prendas e amuletos Quando a Panuco chegou Quetzalcohualtn com seus companheiros, do 3º ao 6º seculo da nossa era, que para

cropole do *Mirakanguera* começou em época anti-Colombiana e estava assentada em uma ilha no meio do Amazonas, ilha que se extingiu no seculo XVII, quando começou a união das terras, que pertencem ao povo conhecido por Aroakys, descendente de um povo invasor; que supponho que as inscripções marcam a vinda desse povo ao Amazonas e que a civilização de então era superior á de hoje, entre os indios, como se prova com objectos que vou descrever.»

Eis, em resumo, a classificação da ceramica:

« *Urnas mortuarias*, as que encerravam ossadas completas, sem terem sido levadas ao fogo e que em baixo relevo representam differentes partes de uma figura humana, com

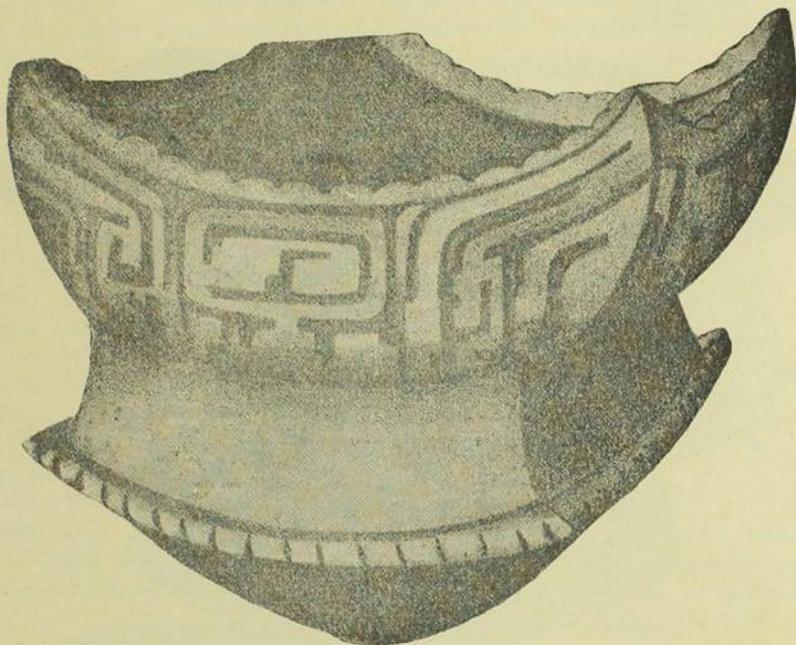



Fig. 217

indicação do sexo. Figs. 187/191 [1] (frente e lado), 196/197, para criança 196/197,

Urnas ossuarias, as que guardavam ossadas queimadas e partidas, algumas semelhantes ás primeiras e outras sem indicar fórma alguma humana e destituidas de relevos, figs. 199 e 200.

---

uns historiadores eram Budhistas e para outros Normandos, já encontrou a civilisação yucatica, symbolisada pelo nome de Itzamina, e o de Votan, anterior a esta, que eram ophiobatas. »

« A ultima emigração, conhecida por Nahua, pelos novos conhecimentos e luzes que trouxeram, derrubaram, com os numerosos proselytos que fizeram, o Imperio de Xaballa, e levantou-se o dos Nahuas, que, subdividindo-se, deu logar a formar-se o grande Imperio dos Toltecas. Os Nahuas introduziram o costume de queimar os corpos e guardar as cinzas, que para o Sul trouxeram quando emigraram.»

(1)

Altura	7,50	Diametro da bocca	0,22
» da urna	0,54	» do bojo	0,45
» do pé	0,11	» da base do pé	0,17

Diametro do cylindro. 0,15

Urnas cinerarias, as que continham o pó e as cinzas das ossadas. Estas urnas têm a fórma de um pote e raras vezes têm indicio de parte do corpo humano, figs. 216 e 219.

O grande pote, no qual dissolviam a tinta e n'elle misturavam o pó e as cinzas dos ossos, fig. 134.

Taça das libações, com a fórma de panellas, mais ou menos ornadas, algumas com emblemas zoomorphos em relevo, fig. 201.

As taças cinerarias, em que se derramava a tinta incinerada. São ornadas com emblemas anthropomorphos e zoomorphos, figs. 203 a 209 e 211.

Panellas votivas, em que depositavam os viveres para o morto. Eram ornadas de desenhos, por gravura ou pintura, e de emblemas zoormorphos e alguns antropomorphos, figs. 217/218, 212/213.

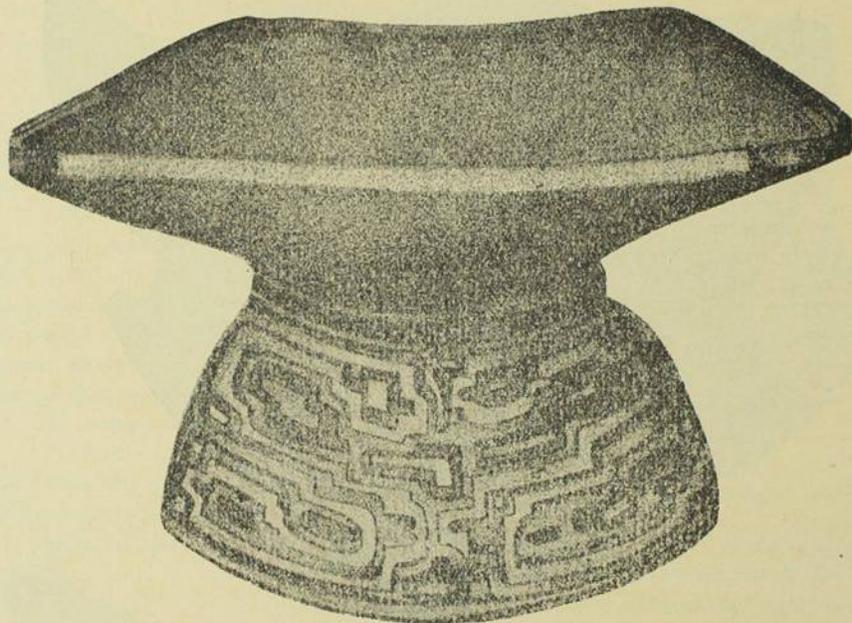



Fig. 218 — Panella votiva

Especie de hydra dos gregos, que servia para derramar as tintas nas taças cinerarias, figs. 152, 153.»

Assim termina o autor suas demonstrações, que resumimos, continuando longamente em successivos capitulos, com admiravel minudencia, sobre a outra ordem da importante ceramica, não só peculiar á Necropole, como á de uso domestico do povo extincto.

Uma observação, porém, nos suggere, attendendo-se que tantas e variadas eram as excentridades dos antigos povos, com relação a crenças, superstições, costumes, etc.; é preciso considerar-se que, muitas vezes, habitos inveterados mesmo, entre elles, passam despercebidos ou são muito tarde admittidos na ordem de nossos conhecimentos, transmittidos pelos historiadores.

O caso da cremação dos corpos, por exemplo, entre os antigos povoadores da Necropole, muito naturalmente poderia ser admittido espontaneamente, por contingencia

ou circumstancia a observar de momento, ou mesmo por inducção ou tradição. A proposito, muito bem diz Oncken: "A essencia das primeiras tradições era constituida por habitos e usos religiosos, e não por ideias e theorias; esses habitos e usos deviam reproduzir apenas o que era indispensavel para o exercicio dos actos do culto; o conhecimento dos nomes dos differentes poderes ou forças, aos quaes esses actos religiosos eram dedicados, figurava em primeiro logar. Quanto mais distantes estavam os tempos que originaram a maior parte das tradições, tanto menor era a reminiscencia que os povos conservavam das ideias que ao principio predominavam entre elles; tambem desde remotos tempos ideias novas vieram occupar o logar de outras já antiquadas, porque esses povos não consideravam necessario conservar interpretações de ideias vindas de tempos passados, de cuja origem, historia e evolução nada se sabia..."

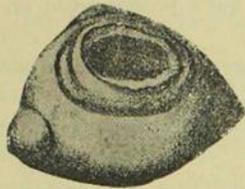



Fig. 219

Como vinhamos dizendo, nas urnas e accessorios funebres percebem-se signos ou caracteres graphicos, mas tão sumidos, que em vão seria procurar decifral-os, sendo de lamentar esta circumstancia, como a do illustre botanico, disto não fazer particular menção.

Todavia, nutrimos a esperança de que o acaso, ou um esforço pratico, nos proporcionará ainda specimens de natureza facultativa a essa necessaria verificação.

A's correntes impetuosas do Amazonas deve-se a profanação de Miracãuera, fazendo vir á luz do dia asylos sephulchraes, que representam, entretanto, valioso elemento para a nossa archeologia. A figura ou symbolo predominante, como já dissemos, representado no tampo das urnas, no alto, nas faces, em accessorios funebres e em muitos outros objectos, é a cabeça, como que penteada com o *klaf* e com o *uraeus* na fronte, á semelhança da Sphinge Egypcia; já demos sufficiente interpretação, quando tratámos das figuras 185 e 186, não menos que as gravadas, se bem mais simplificadas, nos blócos de Itacoatiara, Maquará e fóz do Uatumã.

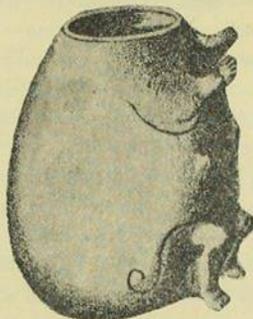
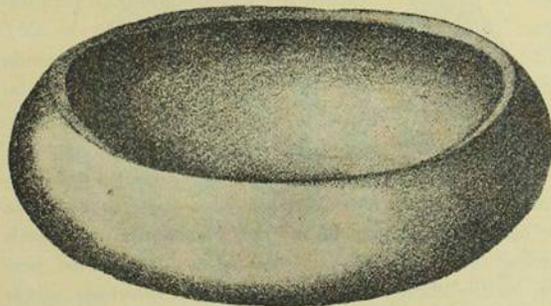



Fig. 220

Do mesmo modo acontece com a tradicional galéra, sempre desenhada ou esculpida de permeio ás duas cabeças, que figuramos ser supremas divindades de origem phenicia. É que na época a que se refere o autor citado consideravam-se as inscripções de Itacoatiara como simples specimens *cryptographicos* ou *hieroglyphos indianos*, sem valor, ao passo que hoje já lhes demos a respectiva interpretação.

Fig. 221

Outrotanto acontecerá com relação á ceramica, que, além de por si só já representar valiosissimo elemento archeologico, ainda terá em si, esculpidas, palavras ou legendas decifraveis, para melhor ellucidação do povo de que é propriamente originaria.

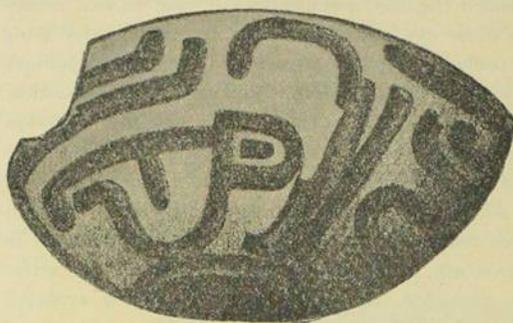



Fig. 222

São dignas de menção ainda as palavras de Barboza Rodrigues sobre as taças de Miracãuera: "lembram-nos os cantaros gregos, com seus pés delicados e suas azas; parecem mesmo os primeiros ensaios que a Grecia fez antes de cobrir de maravilhosos ornamentos a sua argilla. É verdade que, muito antes d'ella, já a China, a India, o Japão e a Persia caminhavam na vanguarda do progresso ceramico, apresentando as suas porcellanas. O certo é que a alma do artista americano, emigrado, invasor ou descendente desses, na arte se expandiu, na época em que as terras do Miracãuera recebiam seus despojos, que hoje nos patenteiam, salvando do esquecimento essa população que ahi por longos annos existiu.

Fig. 223

O uso que faziam dessas taças levou o artista a dar-lhes uma fórma, tornando-as elegantes, conservando affinidade com as urnas. Nas danças as empunhavam, como se empunhavam os cantaros nas festas Bacchicas, e por isso todas são feitas sobre alongados pés, sobre os quaes a taça descança, ornadas de azas, não anuliformes, como as gregas, mas representando figuras anthropomorphas e zoomorphas, como de aves, de quadrumanos, de saurios, cheloneos, etc., ou mesmo figuras phantasticas. A fragilidade da taça fez com que não tenha podido resistir ao tempo, mas as partes mais solidas como os pés e os enfeites das azas, ahi estão resistindo esparsas pelas areias da praia, abaixo das barrancas, que o rio leva.

Essas figuras são tão caprichosamente feitas, que se conhece perfeitamente o animal que quizeram representar. . ." (figs. 223, 224 e 225).

Fig. 224

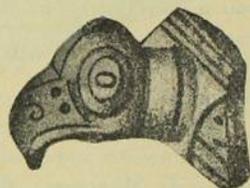
De nossa ultima excursão a Miracãuera, podemos deduzir que, se ainda alguma cousa preciosa alli se póde obter com algum esforço e paciencia, com maioria de razão succederá quanto ao Rio Urubú, que lhe fica parallelo e visinho.

O mesmo poderá acontecer com o Uatumã e Urucará, que naturalmente tiveram suas Necropoles, não tendo sido até agora encontradas e nem o acaso se incumbiu de divulgal-as, se bem que alli vimos, de passagem, até mesmo um pequeno monte sepulchral, que examinaremos em seu tempo. A natureza dos terrenos permittirá, talvez, melhor conservação da ceramica alli soterrada, sendo como foram tambem muito habitadas aquellas paragens pelo mesmo povo de que ora tratamos.

Fig. 225

A morte, o incendio e a devastação levados a effeito em 1664, portanto, ha mais de dois seculos e meio, contra os descendentes desse povo, no Rio Urubú, facto que escapou

á minudencia peculiar ao autor referido, como as suas horrorosas consequencias, póde-se calcular aproximadamente a grande população de então, que occupava, além do rio Urubú, as terras circunscriptas entre Amatary, o Uatumã, inclusive as margens pelo lado do Amazonas e as do Maquará, até Silves, mais ou menos.

O ouro incitava a ferocidade e ambição dos aventureiros, exterminando esses infelizes, que, com a repulsa ao nefando captiveiro, preferiram o exterminio extremo, a exemplo de Carthago; e, em vez de estudarem e compulsarem suas memorias e progressos para nos legarem, preferiram pôr em pratica esse nefando barbarismo!

Fig. 226

As tradições verbaes, por conseguinte, e mesmo muitas inscripções e reliquias, que tanta elucidação dariam ao caso vertente e que teriam passado de geração a geração, em sua quasi totalidade, desappareceram com aquelles que cerraram os olhos, feridos de morte pelo arcabuz e tyrannias, emquanto os horrores desses barbarismos assombraram e dispersaram os sobreviventes, que se internaram nos confins das selvas.

Assim se justifica o que diz José Verissimo (1): "que o gentio do Brasil, ao menos aquelle que habitava a região amazonense, devera ter civilização — mais perfeita do que a dos restos das tribus esparsas pelo nosso extenso interior e até, a certos respeitos, do que os seus descendentes actuaes".

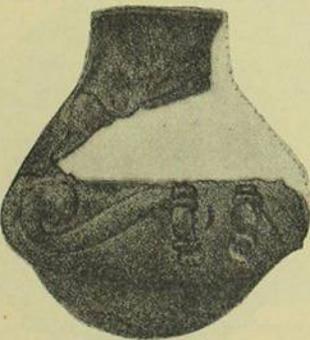
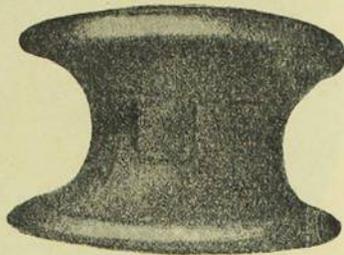
« Para provar esse tal ou qual estado de civilização, quiçá aperfeiçoavel, ahi estão os factos, como bem lembra o Sr. Baptista Caetano, de uma lingua em caminho de progresso, a preparação de conservas por meio do fogo, uma certa agricultura, o fabrico do *kagui* (*kaui*, no Amazonas) etc. » (2).

« O abatimento a que chegou entre os seus descendentes a arte ceramica, tão florescente outr'ora, é uma prova eloquente de que as perseguições, a falsa catechese, todos os crimes que a cubiça baixa engendrava, fizeram de uma raça selvagem, mas talvez aperfeiçoavel, uma gente abastardada, dissimulada, odiando a civilização ou amando unicamente os vicios que fatalmente ella acarreta comsigo, a bebedice, a rapina e a hypocrisia. Quem ha visto os restos da louça dos nossos selvagens, desentranhados da terra pelas investigaçõs dos naturalistas, e admirado as fórmas bizarras, mas elegantes por vezes, das *igaçauas*, estudando-lhes as gregas caprichosas e o desenho correcto, e comparando-os com a louça grosseira, pesada e disforme que o tapuio e o mameluco fazem hoje, não póde deixar de notar essa decadencia que principiou, sem duvida, logo após a conquista, porque nas excavações se encontra a louça mais perfeita nas camadas inferiores e as mais grosseiras nas superiores. »

Fig. 227

(1) *Rev. do Instituto H. G. Brasileiro*, v. 60, ps. 302-1887.
(2) *Apontamentos sobre o Abaneenga* in *Ensaios de Sciencia*, fasc. I, Rio de Janeiro, p. 25— 1876.

« A colonização do Pará começou em meiados de 1616, pois as primeiras levas trazidas por Castello Branco (1615-16) eram de soldados e não de colonos. Portugal, como é natural, mandava para as suas colonias o refugo da sua sociedade.

Os criminosos de degredo eram os emigrantes forçados, e atraz d'elles vinham os aventureiros audazes e avidos, que na sua ignorancia, então partilhada por todos, julgavam que a região do Amazonas, como o Perú ou Mexico, abundava em ouro, a grande preoccupação d'aquelles tempos. . . » (1)

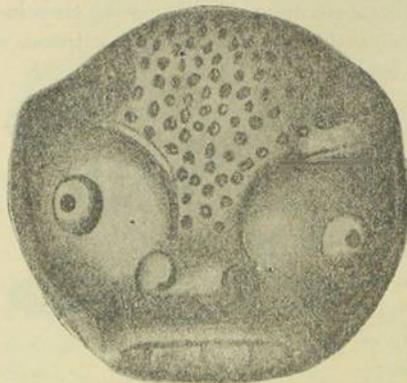



Fig. 228

O contingente ceramico, finalmente, de *Miracãuera* (necropole), como ficou demonstrado, é, em todo caso, um dos mais valiosos centros archeologicos da nossa região, e positivamente provado fica: "que em seus sarcophagos de barro vê-se na tampa uma mascara tendo no ouvido um orificio communicativo ao interior, uso particularizado aos phenicios, de que, segundo as suas crenças, os mortos ouviam o que se dizia". Esta figura, protectora dos mortos, crê-se, não seria menos que a representação de Tanit, emquanto muitas theorias de Barbosa Rodrigues não têm rasão de ser.

*

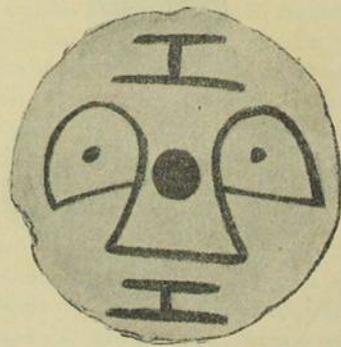
Larga mésse de valiosos elementos ceramicos, com prazer, addicionamos resumidamente a este capitulo, cujos esforços devemos ao illustre archeologo patricio Dr. Ladisláo Netto, Director do Museu Nacional, exemplares hoje recolhidos a este importante estabelecimento.

Constam do capitulo IV do vol. VI do *Archivo* do referido Museu, obra publicada em 1885.

A isto induz-nos, ouvirmos as proprias palavras investigadoras do autor, alta mentalidade Nacional, trabalho alías pouco divulgado, mas de caracter official. Estas e outras circumstancias, demoveram-nos, ainda, ao presente emprehendimento, que, firmando-se principalmente nas *Tradições* e *Inscripções*, não seria rasoavel excluil-as do desenvolvimento dos argumentos e demonstrações paleographicas, na razão de valiosos symbolos e variedades de gravuras. Só os reproduzindo, portanto, se poderá levar a effeito este alvitre.

Fig. 229

Outra é ainda a razão de assim procedermos e resume-se nas conclusões, muitas vezes hypotheticas, do illustre autor, quando revelam hoje conclusões reaes, diante das nossas interpretações.

---

(1) Veiam-se os chronistas desta parte do Brasil, principalmente a *Relação* da viagem de Pedro Teixeira, pelo Padre Christovão da Cunha publicada no 2º v. das conhecidas *Memorias*, do Senador Candido Mendes de Almeida.

Ninguem mais competente que Ladisláo Netto poderia descrever melhor a importante ceramica, por elle colleccionada e arrecadada ao Museu Nacional; a ninguem, como ao Director desse estabelecimento, cumpria o dever de estudar e nos falar com erudição do que lhe era peculiar, na razão de tão elevadas funcções [1]. Conscios por nossa vez destas razões e da realidade dessas gravuras, não tememos reproduzil-as e estudal-as, na certeza de que não são apocryphas ou phantasticas.

Os argumentos e conclusões que suggerimos no decurso do presente trabalho equivalem a demonstrar o nosso modesto modo de ver, no presente assumpto e nos que divergimos, conseguintemente, dos do abalisado archeologo.

Fig. 230

A epigraphe de que nos vamos occupar encerra o seguinte:

FÓRMAS PLASTICAS. ESCULPTURA E PINTURA DA CERAMICA DE MARAJÓ (PARÁ), ETC. A FACE HUMANA, ORA ESCULPIDA, ORA PINTADA, SERVINDO DE BASE Á ORNAMENTAÇÃO CERAMICA.
TYPOS ZOOLOGICOS QUE MAIS DOMINAM NA ARTE DECORATIVA DOS VASOS.
AUSENCIA QUASI COMPLETA DO REINO VEGETAL NA ORNAMENTAÇÃO

Eis suas palavras, seus argumentos, e de autores diversos, n'um assumpto do qual muito ainda se terá que colher e estudar na nossa região:

« São extraordinariamente variaveis as fórmas que os *mound-builders* marajoenses modelaram na fabricação da sua louça. E aqui, muito mais do que em outro qualquer dos trabalhos da ceramica d'aquelles povos, é difficil estabelecer medida ou termo de comparação em que se possa fixar um ensaio sequer de coordenação systematica. O que se evidencia do exame dos muitos vasos de Marajó, existentes no Museu Nacional, é que, se todos não foram propositadamente fabricados para urnas funerarias, a razão está em que de alguns parece que com este fim se lançou mão uma ou outra vez, quando circumstancias fortuitas haviam impedido o fabrico antecipado da urna sacramental. »

Fig. 231 — Urna funeraria de Pacoval com a respectiva tampa. Red. a 1/9

« Mais provavel, entretanto, me parece que todos os vasos tomados para depositos de ossos fossem effectivamente e intencionalmente preparados como urnas funerarias, cujas fórmas e ornatos varios representam, na diversidade que lhes é peculiar: as qualidades dos fallecidos, as familias a que pertenceram, o apreço em que eram tidos e muitas outras circumstancias determinativas, de que impossivel nos fôra agora ter cabal e exacto conhecimento. »

(1) O Dr. F. Ferraz de Macedo, em sua importante *Ethnographia Brazileira*, publicada em 1886, refuta theorias e trabalhos de Ladisláo Netto.

« O que é caracteristico em todos estes curiosos artefactos é o adorno graphico, especie de historia necrologica representada por um sem numero de figuras hieroglyphicas, entre as quaes sobresáem tantas e tão diversas caras humanas.

Era costume tambem, e supponho que até preceito, inhumarem-se, com os ossos do individuo fallecido, differentes objectos indicadores da naturesa do morto ou delo menos significativos dos sentimentos d'aquelles que os estimavam [1]. Explica-se d'este modo a presença, no interior da urna funeraria, de pequenos vasos ou de adornos, que bem parecem haver pertencido ao morto. O que é facto mui positivo é que os formosissimos ornatos que serviam de *Folium vitis* ás Evas de Marajó sempre os encontrei dentro das urnas em que haviam sido depositadas ossadas de mulher.

Fig. 232 — Urna funeraria de Santa Catharina, toscamente esculpida na face exterior e lisa na inferior. Red. 1/9

As urnas mais ricas, ou pela esculptura, ou pela pintura, eram ordinariamente enterradas, ou dentro de potes grosseiros, ou envolvidas por grandes fragmentos de vasos de fabrico inferior ao d'ellas, precaução muitas vezes inutil, porque raras vezes hão sido encontradas inteiras. Muitas d'estas urnas, e creio mesmo que todas ellas, tinham um texto ou operculo cujas abas mui largas me induzem a presumir haverem sido destinadas a proteger o proprio vaso, porque se estendem muito além da borda d'este.

Acredito, porém, que esta mesma circumstancia apressava-lhes a fractura, de modo que mui raros operculos me foi possivel exhumar que não estivessem reduzidos a pequenos fragmentos e, mais frequentemente, ao só corpo central [2]. Estas tampas eram, entretanto, a parte da urna a que pareciam ter ligado a maior importancia e dado particular significação. A urna funeraria, ou seja esculpida, ou seja pintada exteriormente, nenhum adorno apresenta do lado interno.

O operculo, ao contrario, raras vezes é ornado pelo lado exterior, e se qualquer adorno ahi existe é de gravura, consoante á que n'esse caso exorna a superficie da urna.

Fig. 233 — Tampa de urna funeraria, voltada, para deixar ver os ornatos da face interior

Os adornos mais communs do operculo são pintados como é pintada frequentemente a propria urna. Entretanto, a louça pintada, de ordinario, é lisa e resiste, por isso, muito menos que a louça gravada ao contacto da terra humida. »

---

(1) Nos tumulos de alguns pontos da America do Norte os vasos eram collocados, consoante prescripções rituaes, ora ao lado da cabeça, ora aos pés do cadaver. W. P. Potter, *Arch. Remains in S. E. Missouri, S. Luiz, Acad. of Science, 1880.*

(2) O corpo central de uma tampa d'estas urna funerarias foi esculpido e figurado como vaso nos *Ensaio de Sciencias*; Appendice 77, Est. VII, fig. 7.

« Raros são os vasos pintados que havemos logrado extrahir inteiros do *mound* de Pacoval e esses são os que tinham sido envolvidos em grandes fragmentos de vasos lisos, que lhes serviram assim de abrigo. Uma das urnas mais bellas d'este genero é a que se segue — fig. 234.

Sobre o collo ou gargalo, cuja borda foi destruida, ha uma face humana, sem grande significação para a urna, visto não occupar sequer a linha central do adorno, que é o seu principal emblema. Este adorno que, á primeira vista, se nos afigura um capitel jonico, é antes a representação convencional e um tanto exagerada da cabeça de um insecto

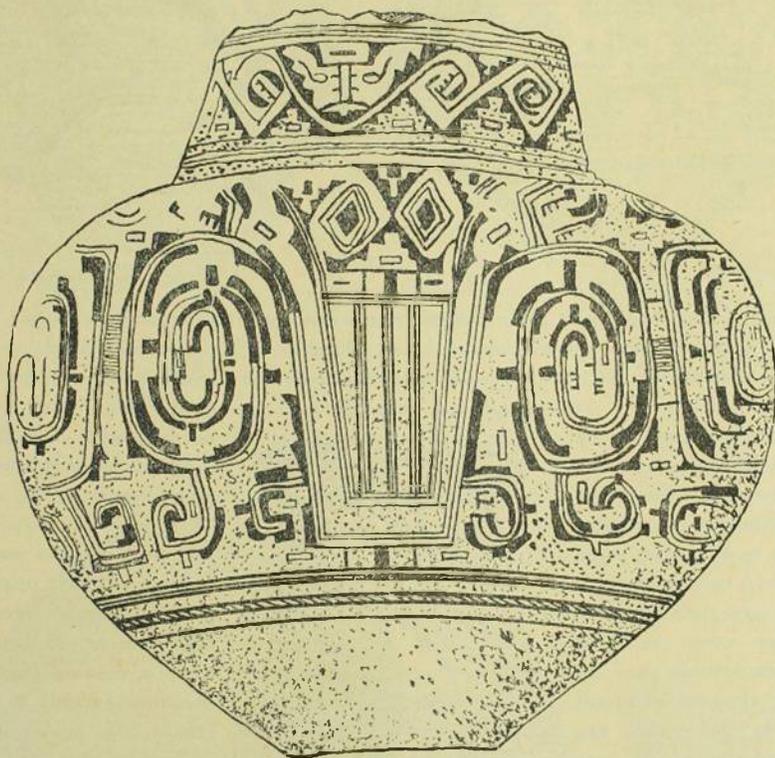



Fig. 234

hymenoptero, de uma abelha, ao que presumo, pelo que, em outros ornatos mais completos da ceramica de Marajó, me ha sido possivel observar.

A fig. 235 representa um vaso a um tempo gravado e pintado. O estylo, assim da pintura como da mesma fórma do vaso, é neste specimen o mais commum da louça do Pacoval.

São losangos de côr escura, quasi negra, nos quaes estão escriptos symbolos cruciformes representando, ao que supponho, em consentaneidade com a ideographia dos primitivos povos, emblemas de cidade, como nos hyeroglyphos mexicanos. »

« Os vasos, figs. 236, 237 e 238, são adornados de pinturas subordinadas tambem a um systema especial de linhas gravadas, que estão de alguma sorte delimitando o espaço em

que o pincel do pintor devia estampar a ornamentação prescripta. Este ornato, ainda que se apresentando especial em cada vaso, é, no seu aspecto geral, o mesmo para todos tres, e resente-se do caracter que synthetisa a arte graphica dos *mound-builders* de Marajó, como já a defini nestas Investigações: uma escriptura vagamente symbolica de quem se

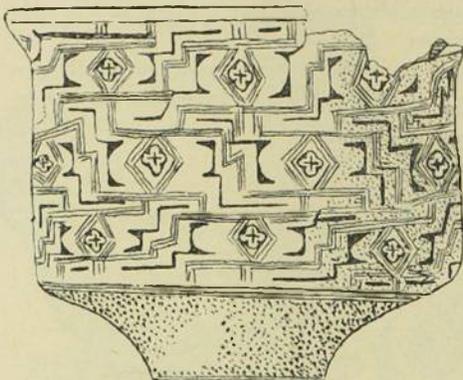



Fig. 235

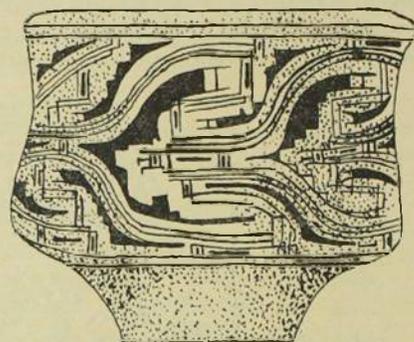



Fig. 236

houvesse olvidado da maior parte dos caracteres convencionaes aprendidos, e que, para supprir o que lhe não transmittiu mais clara ou menos defectiva a tradição de seus remotos antepassados, interpoz o que de sua imaginação lhe pareceu mais se approximar da fórma tradicional. Assim é que, no vaso 168, o adorno geral muitas vezes repete figura convencional, ao que eu supponho, de paiz, de região determinada, como a tentar substituir com a insistencia o que lhe fallece pela sciencia.»

«Nos dois vasos 238 e 239, porém, os traços symbolicos se alteraram perde ram parte de sua authenticidade, e, ora representam unicamente umas pequenas figuras que mais parecem pelles de animaes, mui distendidas, como as costu mam retesar em varas os indigenas actuaes, para sec carem-n'as ao sol (fig. 239), ora se alongam extraordi nariamente n'uma anamorphose de mais e mais exa gerada, por modo que a nenhum objecto se asse melham, salvo grande esforço de imaginação. A este mesmo estylo decorativo se filiam outros vasos da collecção Marajoense do Museu Nacional, entre os quaes podem ser incluidos os das figs. 240 e 241. A pintura fazia-se ordinariamente revestindo-se a superficie do vaso de uma camada de tauá-tinga, argi la branca mesclada com um pouco de gommo-resina e debuxando-se depois sobre este fundo branco figuras de côr escura em espaços determinados, ou propositalmente abertos entre ornatos de côr vermelha. Uma ou outra vez, as figuras são vermelhas, emmolduradas em ornatos de côr escura.

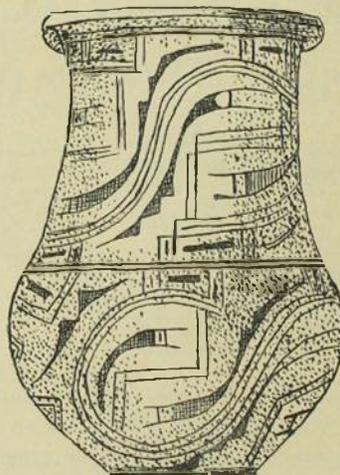



Fig. 237

No interior dos têstos ou operculos das urnas funerarias tenho encontrado as mais significativas e as mais interessantes d'estas figuras.»

«Outros vasos em que ellas se apresentam com o caracter de pseudo-hieroglyphos são os alguidares e os pequenos pratos, quasi sempre esculpidos exteriormente e pintados do lado interno. Os caracteres symbolicos comparados, de que dou adiante, em outro capitulo, por figuras e descripção, fidedigna copia, foram em grande parte extrahidos d'essa abundante seara de documentos indecifraveis, em que estão talvez escriptos os annaes dos constructores das collinas sagradas de Marajó.

As figuras de insectos (talvez ainda hymenopteros) são algumas vezes o adorno principal dos vasos funerarios ou dos de uso domestico do *mound* de Pacoval. O alguidar, fig. 244, tem toda a face concava occupada por uma unica figura e esta é a de um d'esses insectos.»

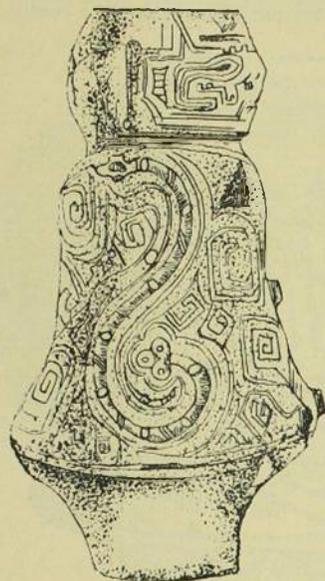
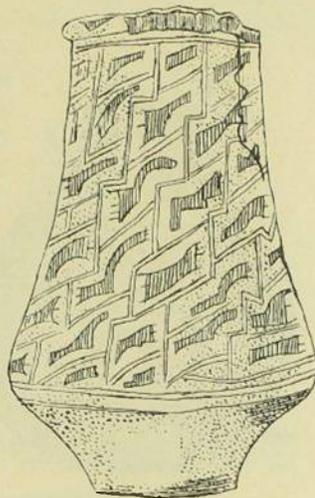



Fig. 238

Fig. 239

«Nota-se apenas ahi que o animal tem duas cabeças, uma em cada extremidade do corpo, mas são assim representados quasi todos os insectos figurados na antiga ceramica de Marajó, de modo a tornar-se difficil o conhecermos qual a parte superior, qual a inferior dos animaes; e a prova de que tal foi o intento do artista é que, para eliminar a disposição das azas, pela qual se póde inferir a verdadeira posição do insecto, como nol-o denunciam as azas figuradas no caso 244, fabricou, ou o mesmo artista ou outro da mesma escola, o alguidar, fig. 245, em que vemos um insecto em todo semelhante ao primeiro, mas tendo as duas azas de tal modo dispostas que, se uma se presta a que se tome este animal n'uma qualquer das posições, suppondo-o, assim, na sua verdadeira attitude natural, ahi está a outra aza que o colloca na direcção contraria. Ha n'esta particularidade, é certo, uma verdadeira inverosimilhança; mas devemos, antes de tudo, attender que o principal caracter que se quiz dar á figura foi a dualidade do individuo, e a dualidade é uma das

Fig. 240 — Vaso gravado e pintado, da ilha de Marajó. Red. a 1/4

Fig. 241

feições mais incisivas e mais notaveis dos seres mythicos dos povos primitivos dos dois continentes.»

«Sob a fig. 247, vê-se a parte superior de um vaso dos que de mais elegante conformação apresenta a ceramica de Marajó.

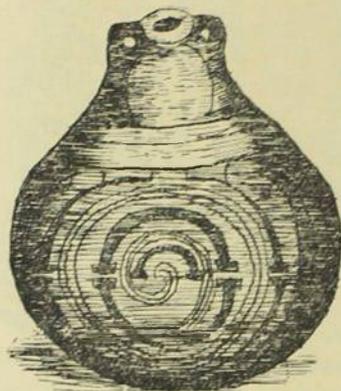



Fig. 242
Vaso gravado e pintado, da ilha de Marajó. Red. a 1/4.

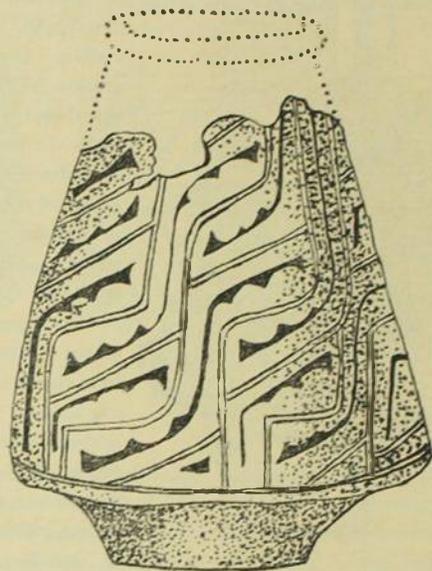



Fig. 243

A figura principal é um escorpião com quatro patas bem visiveis, os dois palpos maxillares em fórma de voluta, de um e outro lado da cabeça, e a cauda muito exigua, mas

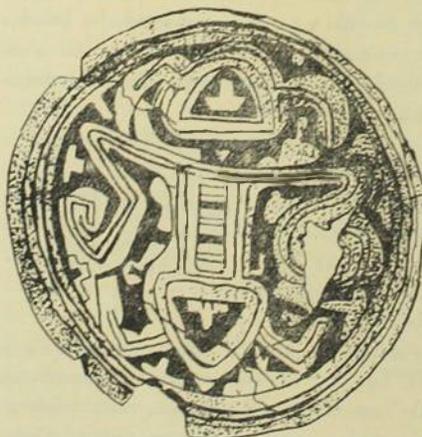



Fig. 244

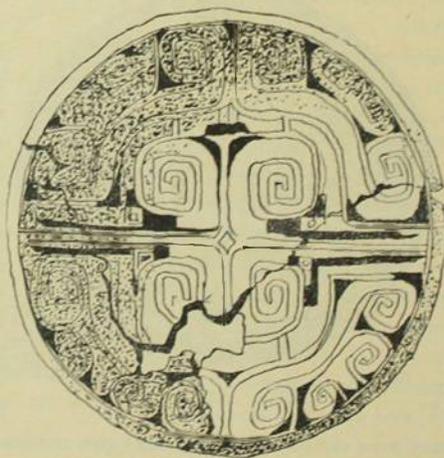



Fig. 245

recurvada na base do abdomen. Este animal é mais frequente ainda do que a abelha na arte decorativa da louça dos *mound-builders* de Marajó, sobre o espirito dos quaes parece ter exercido não pequena influencia.»

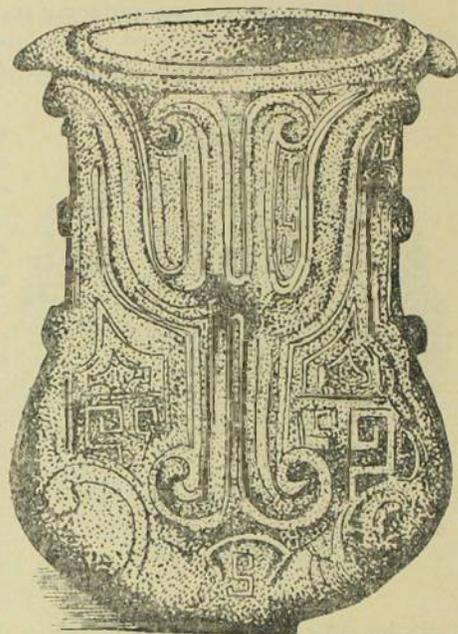
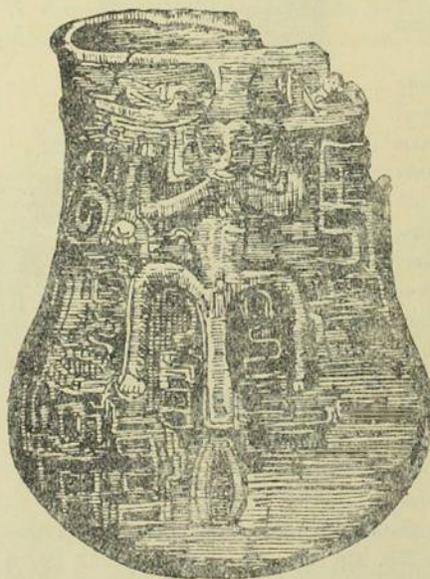
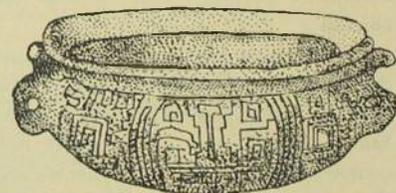
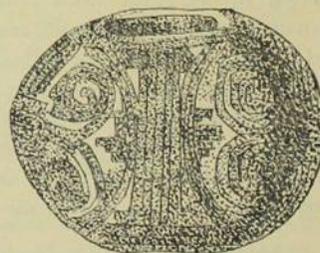
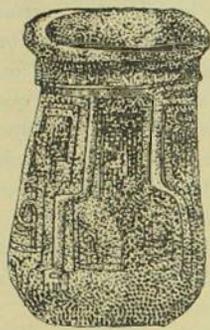
« O vaso, porém, que nos apresenta a mais singular idealisação zoomorpha, com dupla cabeça e dualidade simulada no proprio corpo do animal metaphoricamente figurado, é o que se acha lithographado, fig. 246 da série respectiva.

Este animal emblematico e um tanto enigmatico, permitta-se-me dizel-o, tem alguma cousa que relembra o symbolo chinez *cheu* ou *chu*, imagem da longevidade, a qual, segundo as tradições e livros sagrados da China, foi creada ou inventada pelo famoso Fo-Hi, o Faramundo chinez a quem se deve a organização politica do Celeste Imperio, cerca de 3000 annos antes da éra christã e a quem esse symbolo divino, conforme o dizer das lendas asiaticas, foi revelado por um cavallo sagrado (1). Na louça dos *mound-builders* de Marajó a figura d'esta expressão emblematica adapta-se, por meio de anamorphoses sem conta, como e quando convém ao objecto de que é adorno, do mesmo modo exactamente porque o faz o *cheu* da theogonia chineza. »

Fig. 247

Fig. 246

« No vaso que temos neste momento diante dos olhos, vaso de fórma circular e de incomparavel belleza, principalmente no dorso, que é do mais fino lavor, a figura convencional tem a mesma conformação do *cheu* dos sinetes circulares da China, e n'este estado o symbolo do *cheu* afasta-se notavelmente da fórma do *cheu* rectangular, que é muito mais zoomorpha, como é facil verificar em qualquer vaso chinez, ornado d'este emblema divino. Nos vasos esculpidos, de que temos centenares de fragmentos analogos de admiravel lavor, as figuras são de ordinario muito mais difficilmente decifraveis, já pela extraordinaria complicação das linhas dos varios objectos gravados, já porque raro é o vaso em que essas delicadas cinzeladaduras não hajam sido gastas ao contacto da terra humida, em que permaneceram tantos seculos. Taes são as figs. 235, 236, 238, 252, 253 e 254, 249, 257, 247 e

Fig. 248 — Urna Funeraria, esculpida e gravada, de Marajó Red. a 1/5

(1) Edouard Furnier, *Histoire de la Céramique, chez tous les peuples, depuis* [illegible] *temps anciens jusqu'à nos jours ps. 395 e 396*. Tours, 1882.

256. Nas figuras intercaladas nas presentes paginas alguns vasos se nos mostram que reunem a fórmas graciosissimas gravuras não menos interessantes pela significação de que são caracteres symbolicos, talvez de bem complexa significação. »

« N'uns vemos, em gravuras e em baixo-relevo, cabeças humanas ou simulacros d'ellas, como carrancas decorativas, a elucidar provavelmente os caracteres representados ao redor; n'outros, se nos deparam figuras de animaes (ordinariamente batrachios e saurios) esculpturadas em alto ou em baixo relevo e, ás vezes, simplesmenta gravadas a ornarem duas a duas, toda a superficie da urna funeraria. Estes repteis são talvez os representantes do nome da tribu a que pertencia o morto cujos despojos foram alli encerrados, se não symbolisam melhormente as divindades a que, n'um totemismo, de cujos caracteres fiz acima menção, prestavam os *mound-builders* marajoenses um certo tributo.

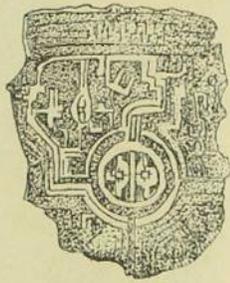



Fig. 254

Fig. 255

Um dos mais curiosos d'estes vasos tem a figura em relevo de uma especie de H com dois appendices ou braços supplementares, que parecem ligar este emblema ás outras linhas decorativas do vaso, as quaes simulam longas serpentes estendidas indolentemento sobre a superficie da urna e com as caudas dispostas em largas espiraes. Esta mesma figura, com os seus accessorios circumvisinhos, repete-se fielmente na face opposta. Sobre a borda da mesma formosa urna, e em dois pontos diametralmente oppostos, se nos deparam duas cabeças de saurios ou chelonios, as quaes, emergindo do lado exterior da borda do vaso, figuram duas elegantes, ainda que pequeninas azas.

Fig. 256

A superficie geral do vaso é toda ornada de emblemas gravados, cuja contextura, commum á maior parte dos vasos de Marajó, lembra a voluta das columnas jonicas e mais particularmente as quatro pontas de que se compõe aquelle typo variante da cruz mystica de Buddha, denominado: nandyavarta ou nandavartaya, no mysticismo e uma ficção, cujo verdadeiro sentido melhormente significa: *circulo feliz* (1). »

Fig. 257

Fig. 258 — Vaso anthropomorpho ornado de relevo e gravura e pintado de linhas vermelhas em fundo branco. Achado em Marajó. Red. a 1/5

« É, provalvelmente, uma simples e casual analogia de fórma de que eu não devera

(1) Burnouf. *Le Lotus de la bonne lei* ps. 625-626. Holmboe, referindo-se á Nandyavarta, diz o seguinte: Cette figure, un peu plus grande, est bien connue en Norvège, où elle sert de jouet pour les enfants, qui la dessinent, comme on

fazer menção, para me conservar nos termos da reserva a que, quanto me ha sido possivel, me tenho adstricto; e tanto mais me atenho a estes escrupulos, quanto, por outro lado, me parece ver antes em cada uma d'estas figuras o meandro de que se compõem certas gregas de linhas multiplas. Meandro ou nandavartaya que seja, embora, pouco importa. A perfeição do adorno em si é o que mais aqui nos impressiona, e este adorno não tem superior nos que enfeitam os mais bellos da Etruria e da Grecia antiga, com os quaes tem muitas relações.

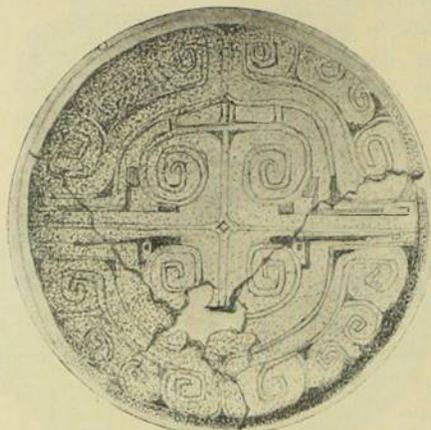



Fig. 259

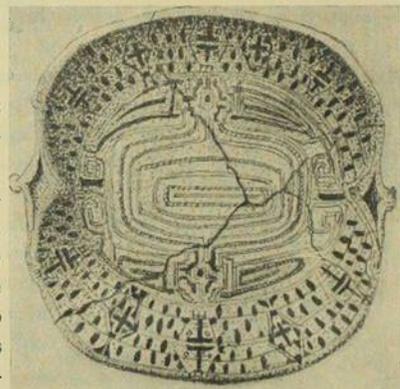
Os corpos dos saurios anthropocephalos são os adornos frequentes de algumas grandes urnas funerarias.

N'uma d'ellas ha um saurio, ao qual, em não pequeno grão, descabe semelhante nome, tão inverosimil se mostra, além de outras partes, a cabeça do animal perfeitamente humana. A cauda d'este reptil, ao envez do natural, dilata-se para a extremidade e termina bruscamente, tomando, assim, a fórma de pá. Na ornamentação delicadamente gravada que reveste toda a superficie da urna reconhecem-se, entre caras humanas, curvas poliformes, gregas elegantes e muitos caprichosos arabescos, de par com algumas das pontas redobradas da mandavartaya, ou de simples meandros.

Se, porém, as urnas funerarias, nas suas grandes proporções e largos ornatos, de um estylo grandioso, imprimem no espirito do observador o sentimento de tristeza e de um quê de religiosidade, que assim poderiamos chamar a veneração que nos acordam n'alma estes testemunhos da theogonia de um povo ha muitos seculos desapparecido, e para todo o sempre aniquilado, se nos dilue, por outro lado, este pezar ao aspecto gracioso dos pequenos vasos, dos pratos e dos alguidares que se prestavam aos misteres da existencia, instrumentos indispensaveis, por certo, dos repousados devaneios e constantes folgares em que vivia aquelle povo, como ainda hoje passam os dias descuidosos e felizes os selvagens amazonenses nos valles frondosos, não longe das mesmas paragens. »

Fig. 260

« Os menores d'estes graciosos artefactos, destinados á conservação de tintas, essencias, oleos e pequenos adornos de osso e de pedra, são geralmente gravados com tamanha de-

le voit, fig. 6, et cherchent á trouver le passage de l'entrée jusqu'au bout et *vice-versa*. J'ai entendu cette figure nommée Troyeborg Slot (chateau du bourg de Troye) par le bas peuple. Cette appellation peut être substituée au Asgaard Slot (chateau de la ville des Ases), comme la préface de l'Edda de Snorro substitue la ville de Troya au Asgard et les Asiates aux Ases. — Holmboe, *Traces de Buddhisme em Norvège avant l'introduction du christianisme*, p. 35. Paris, Simon Raçon & Cl., 1857.

licadeza, que lembram sem esforço as cinzeladuras em metal e outros identicos lavores em que são emeritos os artistas persas, malayos e japonezes. Dos alguidares, de que tão bellos specimes apresentam as estampas 259 e 260 e de que não é menos gracioso exemplar o que nos dá uma das figuras proximas, de fórma bellissima, ainda que asymetrica d'estes alguidares, digo, encontram-se não raros no interior das urnas funerarias, alguns inteiros e já quebrados outros. »

« Se, por haverem pertencido ao morto, como objectos mais queridos d'elle, eram-lhe d'este modo consagrados estes artefactos para a supposta existencia d'além da morte ou se n'isso andava outra razão, facto é este que, por estranho ás relações de um povo extincto com a nossa existencia e percepção, não é de mui prompto averiguar. Entretanto, é presumivel que fosse razão d'estas usanças aquella hypothese acima expressa, referente ao figurado viver do fallecido. Os nossos selvagens actuaes, semelhantemente a outros povos antigos e modernos, ainda hoje por egual modo manifestam a idéa que lhes é dado conceber da metaphysica eternidade dos espiritos. Para elles, o morto querido e pranteado não morreu totalmente; e, se bem não continue a ser a mesma pessoa na accepção absoluta da palavra, resta-lhe grande porção da sua primitiva natureza na personificação que lhe vai agora caber; e desta grande porção do antigo individuo é evidente que devem ser apanagio ou precalço humano as necessidades materiaes da existencia.

Crença é esta tão radicada no espirito dos nossos aborigenas, que não lh'a poude ainda arrancar nenhum dos solicitos missionarios, a quem de ordinario são confiados no Brasil os arduos deveres da cathechese (1). Uma prova inconcussa d'este facto tive a na minha viagem ao longo do rio Capim, na provincia do Pará.

Fig. 261 — Idolo phallomorpho pintado de vermelho e de côr escura sobre fundo branco, tendo sobre a fronte dois triangulos ou o duplo yoni (Pacoval, Marajó)

Graças a um estratagema que empreguei e de que darei minuciosa noticia na descripção ha pouco iniciada d'essa viagem, coube-me a boa sorte de exhumar para mais de vinte esqueletos dos indios Tembés e Tury-uáras, que alli foram aldeados e provavelmente baptisados. »

« O indio Henrique, da tribu Tury-uára, que me revelou a secreta localidade dos tumulos d'estes selvagens, seus proximos parentes, afiançou-me que haviam recebido todos

---

(1) Tem-se observado, não somente na America, porém, em todas as outras regiões do globo, povoadas por selvagens que, apezar de baptisados e de iniciados na doutrina christã, estes povos não se desprendem, senão da terceira geração em diante, das praticas aconselhadas ou guiadas pelas crenças de seus antepassados. Em a Nova Zelandia era costume sacrificar-se uma pessoa da plebe quando se perdia alguem da familia. Ora, os missionarios inglezes referem que uma neozelandeza novamente convertida, tendo-se-lhe afogado uma filhinha de tenra idade, pedia com o maior empenho que se sacrificasse uma mulher do povo para guiar e pensar a criancinha no outro mundo.

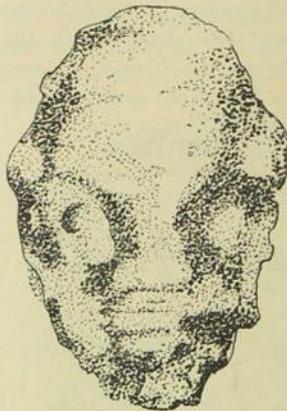



Fig. 262 — Cabeça capricornia, provavelmente ornamental de grande e rico vaso (Marajó)

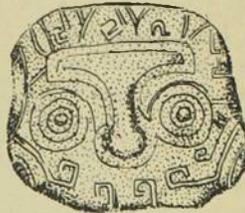



Fig. 263 — Cabeça de um idolo platycephalo com gravura, pintura e relevo (Marajó)

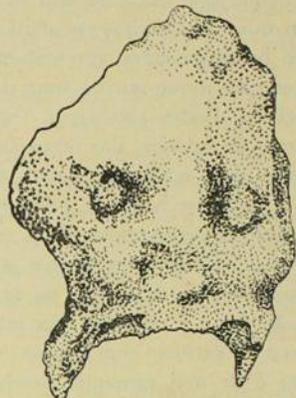



Fig. 264 — Cabeça de idolo com adorno sobre o alto (Marajó)

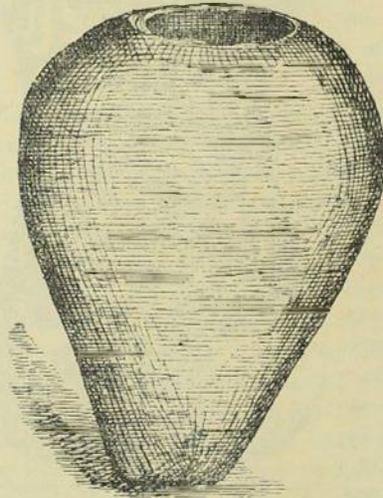



Fig. 265 — Vaso liso, pyriforme, estrahido nas visinhanças de Magé. Red. a 1/10

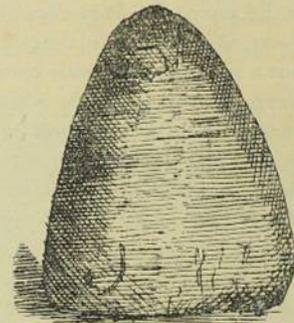



Fig. 266 — Vaso liso, pyriforme, da provincia das Alagôas. Red. a 1/6

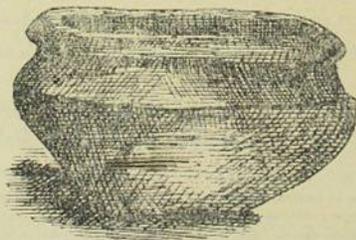



Fig. 267 — Vaso liso pintado de branco, da provincia do Rio-Grande do Sul. Red. a 1/6

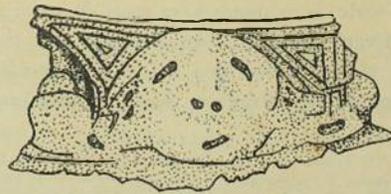



Fig. 268 — Cabeça ornamental de bocca de vaso (Marajó, Pacoval)

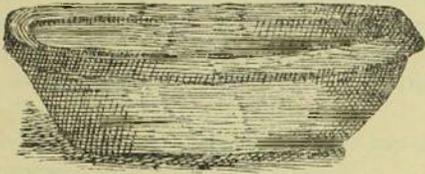



Fig. 269 — Vaso pintado de linhas vermelhas em fundo branco, da provincia do Rio de Janeiro. Red. a 1/8

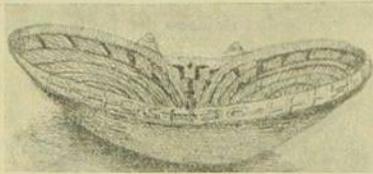



Fig. 270 — Alguidar esculpido e pintado de Marajó. Red. a 1/5

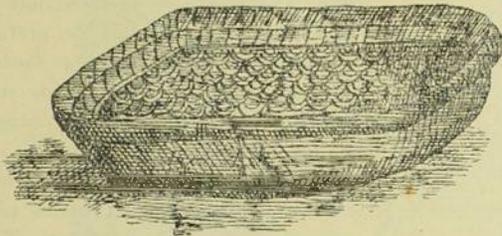



Fig. 271 — Idem como a precedente. Red. a 1/4

Fig. 272 — Vaso gravado de Marajó. Red. a 2/3

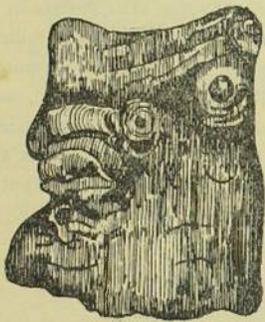
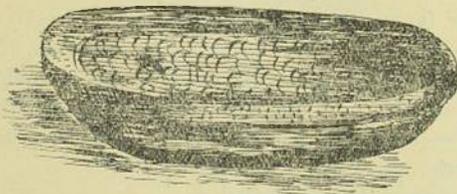



Fig. 273 — Cabeça monstruosa servindo de adorno a um vaso ricamente esculpido

274 — Vaso pintado de linhas vermelhas em fundo branco, provincia do Rio de Janeiro. Red. a 1/4

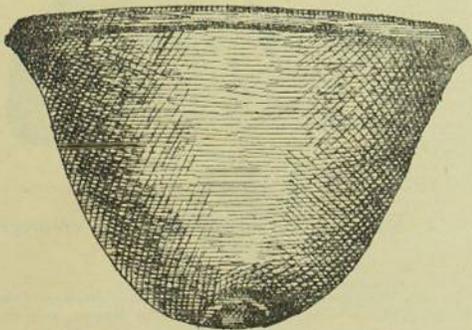



Fig. 275 — Vaso liso da provincia do Rio de Janeiro. Red. a 1/7

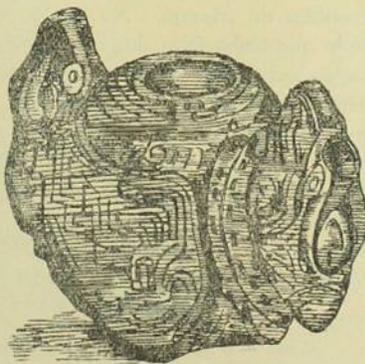



Fig. 276 — Vaso pseudo zoomorpho de duas cabeças, de Marajó

as aguas da redempção christã, o que me confirmaram de resto, as cruzes que no meio do matagal, inteiramente invio, conservavam algumas sepulturas. Ora, nenhum d'estes vinte e tantos indios alli enterrados deixára de ser acompanhado de seus utensilios de uso quotidiano, e entre estes utensilios era constante a presença de um ou mais pratos de fabrico europeu.

A presupposta alimentação, portanto, de que tem necessidade o morto na sua vida tumular, ou melhor, na peregrinação que terá um dia de fazer, basea-se ainda hoje sobre a mesma crença dos antigos povos selvagens [1] e, pois, não é caso de estranharmos o apparecer tamanha copia de pratos, alguidares, terrinas, taças e tantos outros pequeninos utensilios de uso diario, junto aos despojos dos antigos aborigenes.

Fig. 277 — Face mutilada, representando a orelha e o olho do lado direito de uma urna funeraria. As palpebras meio cerradas indicam a morte

« Entre estes pequenos vasos um encontrei que lembra a muitos respeitos a configuração dos juncos chinezes ou de navios de fórmas ainda mais pesadas, e em particular um modelo em terra cotta da collecção Campana. Infelizmente, uma só parte (a que seria a prôa do imaginado navio) me foi possivel achar, ficando, assim, desconhecida a fórma geral do curioso vaso. Seria, porém, tarefa demasiado longa, sobretudo pouco necessaria, descrever em separado e miudamente todos os outros vasos que constituem a collecção ora existente no Museu. Uma particularidade, comtudo, d'estes artefactos, inteiros ou não, exige que seja detidamente especificada. É meu intento referir-me á face humana como thema especial ou base plastica da ornamentação, quer pintada, quer gravada, da ceramica de Marajó. No estudo que tenho feito dos artefactos antigos ou modernos, assim dos americanos como dos povos malaio-melano-polynesicos, é a face ou corpo do homem o modelo ou termo de comparação sobre o qual evoluem todas as variabilissimas fórmas tão phantasticas e á primeira vista tão diversas dos adornos que empregam

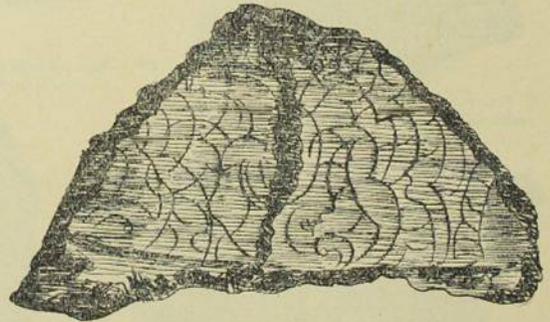



Fig. 278 — Fragmento de um vaso egual ao da figura anterior

---

(1) Não sei se devem ter tal epitheto, individuos que conservam estas praticas. Um povo de alta civilisação, no Oriente o povo egypcio, tinha para com o morto a quem chamava *Ka*, isto é, *le double*, como interpretou Mr. Maspero, attenções e cuidados que só se prestam aos vivos. Maspero — *Conférence sur l'histoire des âmes dans l'Egypte ancien, d'après les monuments du Musée du Louvre. Bulletin hebdomadaire de l'Association scientifique de France.*

Fig. 280 — Vaso esculpido e gravado, de Marajó Red. a 1/2

Fig. 279 — Idolo phallomorpho em terra cotta, pintado de linhas vermelhas em fundo branco. O pescoço é atravessado por um orificio que servia ao cordel do qual pendia este idolo. Red. a 1/3

Fig. 281 — Vaso em forma de cachimbo. Red. a 1/4

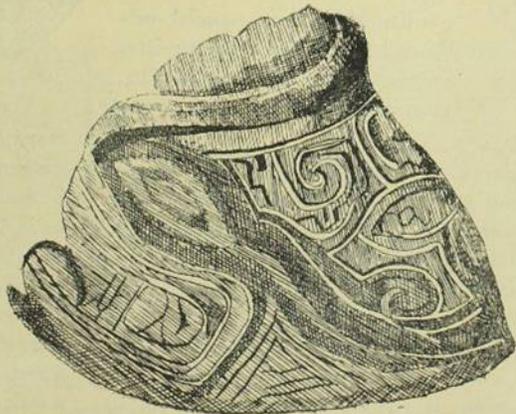



Fig. 282 — Vaso navioforme esculpido e gravado, de Marajó Gr. nat.

estes povos, já nos seus instrumentos de caça, de pesca ou de guerra, já nos seus vestidos e na sua propria tatuagem; e o que deixei anteriormente exposto em alguns trechos d'estas Investigações permitte de algum modo antever qual a importancia dada n'este particular pelos nossos *mound-builders* de Marajó á cara humana. As demonstrações que se seguem vão confirmar de todo o ponto este facto.

Para iniciar o leitor na apreciação destas varias physionomias que, ao meu modo de suppôr, devem ter uma completa significação e representar uma linguagem ou escriptura ideographica e talvez hieroglyphica de que ninguem até hoje cogitou, cumpre-me prevenil-o de que, á primeira inspecção, algumas d'estas caras humanas têm tão pouca vera similhança, que difficilmente as reconhecerá por taes quem não esteja affeito aos trabalhos graphicos de semelhante natureza e não conheça alguma cousa da evolução por que ha passado o desenho convencional de que se hão servido os mais antigos povos da terra na configuração da face humana; e tanto maiores são as difficuldades no tocante á convencionalidade do desenho ou da gravura dos *mound-builders* de Marajó, quanto é facil ver que elles empregavam num artefacto, ás vezes, a expressão da fórma natural e a um tempo as linhas da mais vaga ou mais subil ficção.

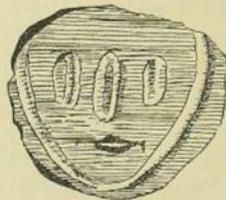
Fig. 283 — Adorno phantastico de um vaso do Pacoval

Para que se conceba mais positiva idéa d'esta especial modalidade decorativa dos ceramistas precolombianos da grande ilha, mister é começarmos pelas CARAS GRAVADAS DA LOUÇA DE MARAJÓ.

Fig. 284

Fig. 285

«Nas duas figuras proximas, por exemplo, em que a physionomia humana está claramente esboçada pareceria nada terem que ver em qualquer gráu da mais afastada analogia as tres figuras immediatas, as quaes, entretanto, representam a seu modo, e provavelmente nos mais elevados termos de significação, a face e a physionomia humana.

Fig. 286

Examine-se, porém, a serie das figuras que se seguem e ver-se-ha que a pouco e pouco de cada uma d'ellas surgem, como por encanto, expressões diversissimas das numerosas faces de um povo inteiro.»

. . . .

«. . . . . . Se por mera phantasia, se para exprimir idéas determinadas em uma linguagem, de cuja esteganographia não curou ninguem ainda, gravavam os *mound-builders* de Marajó tão varias physionomias entre os arabescos decorativos de seus artefactos,

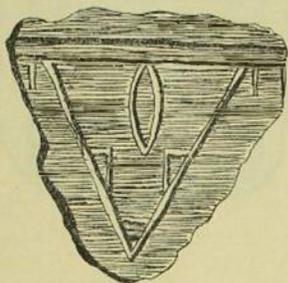



Fig. 287

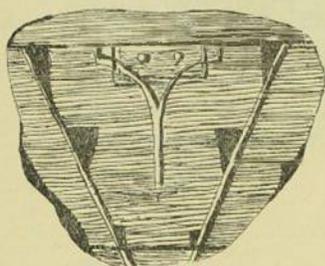



Fig. 288

repetindo, em alguns vasos, a mesma physionomia duas, quatro, seis e mais vezes, assumpto é este que não me sinto com forças para discutir. Noto unicamente as

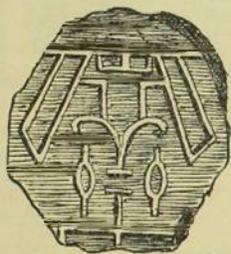



Fig. 289

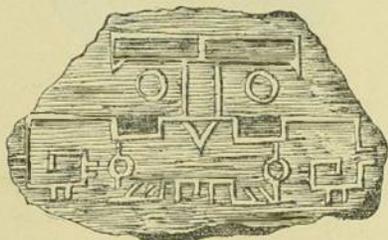



Fig. 290

correlações constantes dos traços convencionaes que deram aquelles artistas a cada orgão, a cada expressão mesmo, e admiro a firmeza em que, sem a monotonia das

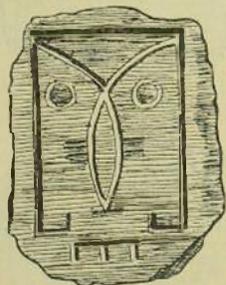



Fig. 291

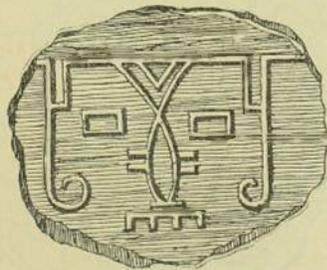



Fig. 292

repetições rigorosas, nem o servilismo caracteristico dos productos do labor instinctivo e archimilliariamente hereditario do castor e da abelha, os artistas *mound-builders* de Marajó se souberam manter.»

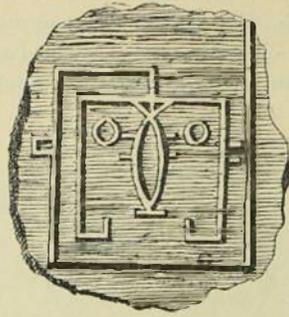



Fig. 293

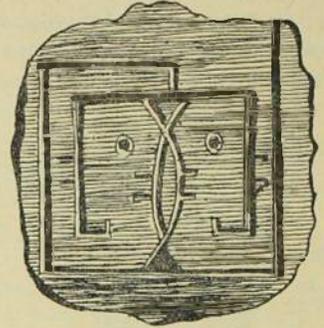



Fig. 294

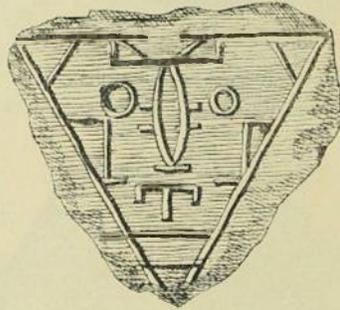



Fig. 295

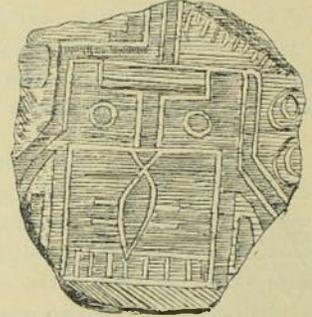



Fig. 296

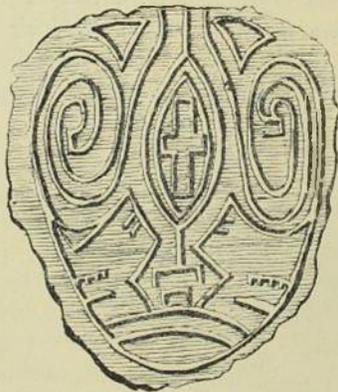



Fig. 297

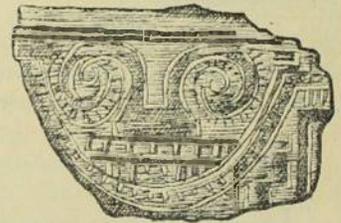



Fig. 298

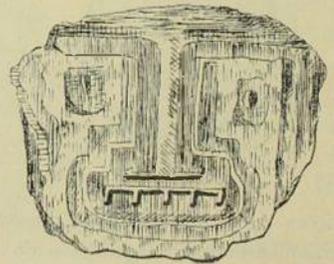



Fig. 299

«Dir-se-hia haverem tido aquelles antigos ceramistas a maior veneração pelas fórmas plasticas de uma tradição sagrada, ainda que phantasiando á feição e ao sabor de seus poeticos e livres devaneios os lavores accessorios do trabalho, de cuja base essencial e de cujos prescriptos módulos não pensavam sequer em se afastar. Se passarmos agóra ás CARAS PINTADAS DA LOUÇA DE MARAJÓ, verificaremos que ainda aqui physionomias semelhantes se apresentam na mesma convencionalidade observada ou respeitada no traçado das gravuras ainda ha pouco revistas.

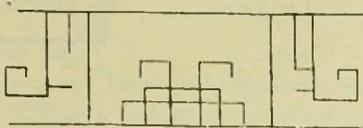
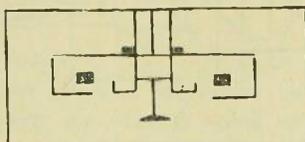



Fig. 300 Fig. 301

A primeira figura de que faço selecção para começar o exame comparativo d'estas pinturas dir-se-hia um simples ensaio do artista, no emprego das linhas quebradas, com-

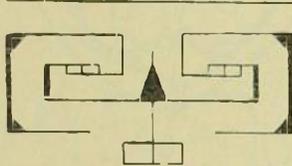
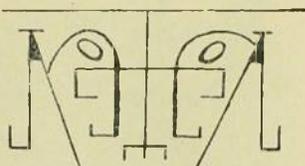



Fig. 302 Fig. 303

binadas de modo a reproduzirem já os primeiros delineamentos e vagos contornos da cara humana.

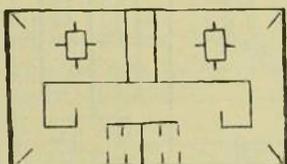
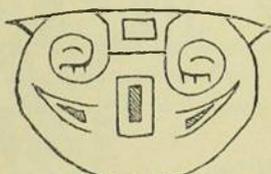
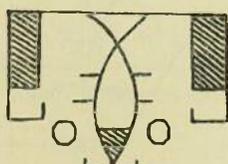



Fig. 304 Fig. 305 Fig. 306

Na segunda figura a combinação de linhas quebradas e de linhas curvas nos dá idéa mais completa da cara humana. As mesmas linhas quebradas sem o apoio das

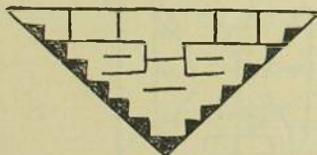
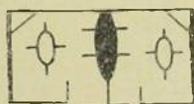
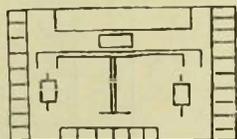



Fig. 307 Fig. 308 Fig. 309

curvas, mas graciosamente ligadas a um instrumento meio lança, meio tridente, apresentam na figura 301 o mais bello esboço dos contornos de uma face humana. As tentativas proseguem assim, hesitando aqui, avantajando-se acolá, até as figuras. 310,

315 e 324 em que os nobres delineamentos da face que se tinha por fito representar surgem n'uma adiantada phase de perfeição. Na cara (fig. 313) vê-se como que

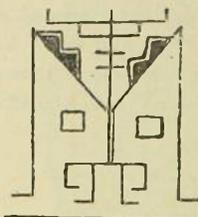
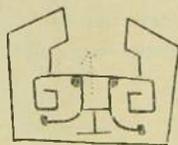
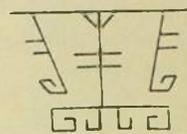
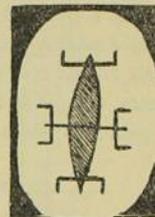



Fig. 310 Fig. 311 Fig. 312 Fig. 313

um novo ensaio que estaciona sem sequencia. Succedem-lhe depois umas experiencias sobre linhas curvas e que terminam com a bellissima pintura (fig. 317). Uma

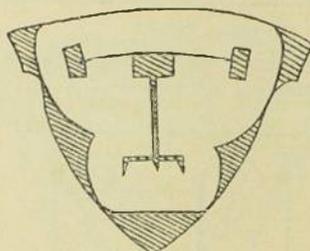
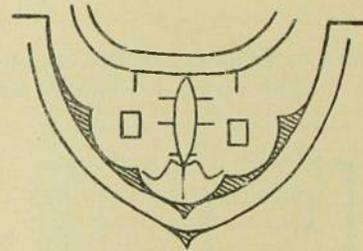



Fig. 314 Fig. 314 A

nova serie é tentada e esta tem por contorno geral o triangulo; mas cinco moldes unicos a representam sem grandes differenças dos typos geraes que havemos visto.

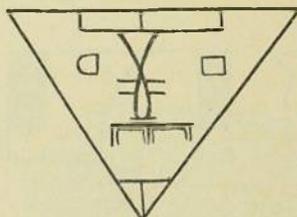
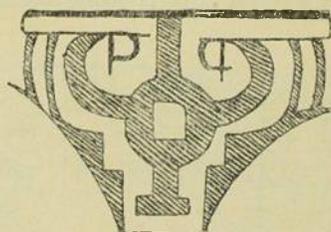
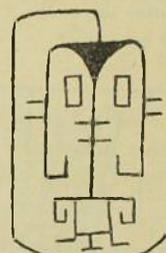



Fig. 314 B Fig. 314 C Fig. 315

São ordinariamente os adornos dos pequenos pratos e de algumas tampas de urnas funerarias pintadas. »

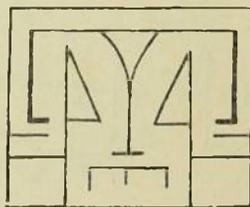
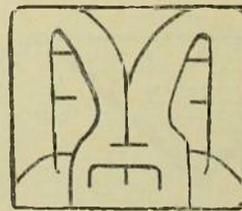



Fig 315 A Fig. 315 B

« Depois d'estas physionomias apparecem ainda cinco novos typos caracteristicos pela configuração do que não sei se deva chamar olhos (figs. 310 a 314). Dir-se-hiam laminas

de punhaes antigos, pennas de algumas aves ou folhas de palmeiras. Nos hieroglyphos egypcios, com os quaes aliás não tenho em mente comparar estes emblemas, figuras quasi semelhantes têm a significação de folhas, de facas ou de plumas.

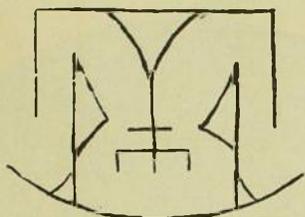



Fig. 315 C

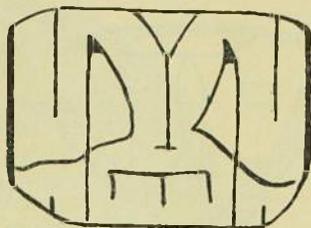



Fig. 316

As cinco ultimas caras têm os caracteres da modalidade mais geralmente encontrada na ceramica de Marajó.

A superficie da bellissima urna funeraria representada sob a fig. 258 e que não hesito em denominar a mais curiosa e a mais importante das urnas pintadas dos *mounds*

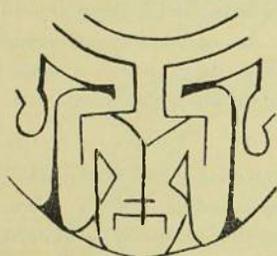



Fig. 316 A

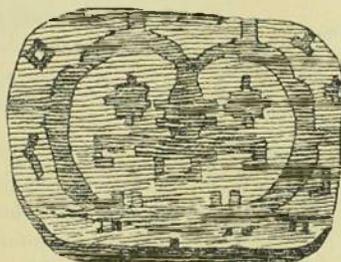



Fig. 317

dos marajoenses, foi adornada com um d'estes expressivos e não menos significativos typos da cara humana; e tanto mais creio que era este o mais nobre e o mais elevado estylo adoptado, que o encontro mais geralmente imitado em toda a ornamentação da

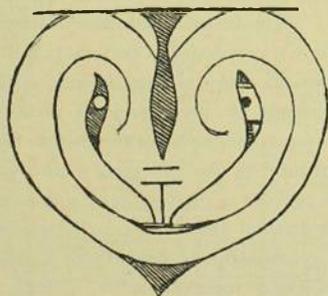



Fig. 317 A

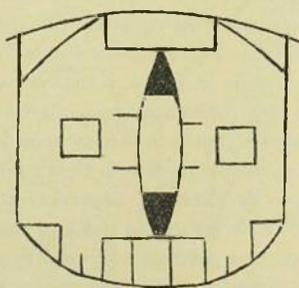



Fig. 318

ceramica da grande ilha amazonica. A face humana não era, entretanto, o unico thema fundamental das phantasiosas convencionalidades graphicas de que os marajoenses revestiam seus trabalhos de louça.

A cabeça ou mais ainda o corpo dos animaes lhes serviam tambem de modelo, e em muitos dos artefactos até aqui examinados ha de lembrar-se o leitor que muitas especies se nos deparam.

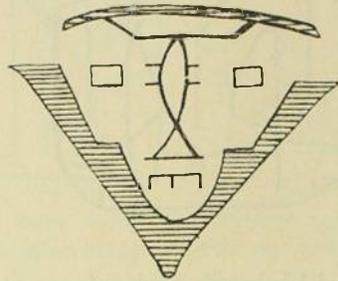



Fig. 318 A

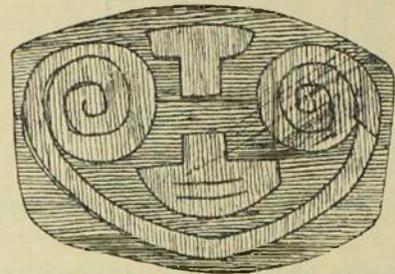



Fig. 319

O grupo que mais abundante quantidade de typos ministrou á esculptura, á gravura e á pintura foi o dos repteis. Os ophidios, os saurios e os chelonios figuram com effeito copiosamente nos adornos d'esta ceramica, seguindo-se-lhes immediatamente os batrachios. Aos ophidios e aos saurios parece haver caido por sorte a melhor parte, isto é, a mais honrosa porção na arte decorativa da ceramica de Marajó... »

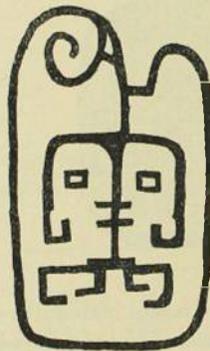



Fig. 319 A

*

Temos abreviadamente terminado o modo pelo qual se externou o illustre archeologo Ladisláo Netto sobre fórmas plasticas, esculpturas e pinturas de ceramica da Marajó, a face humana, ora d'esta e d'aquella maneira, ora com applicação ou baze á referida ceramica, etc.

Não é possivel desejar-se descripção mais methodica e minuciosa.

Quem, porém, observar com attenção a ceramica da necropole Miracãuera e a do Pacoval (Marajó), notará differenças consideraveis, em estylo e fórmas: a primeira rigorosamente uniforme e a segunda extremamente variada.

Uma cousa peculiarmente é notavel em ambas: é a coordenação systematica na delicadeza e correcção de traços, o engenho artistico e alguma cousa mesmo de rude ao sublime.

Mas esta differença se manifesta no primeiro caso, no predominio, a nosso ver, do estylo phenicio, tendo os sarcophagos de barro, como tampa, cabeças moldadas, fig. 185, e ás vezes esculpida, na face, a figura protectora dos mortos, que não seria menos que a representação de Tanit. No segundo caso, quer nos parecer a predominancia demonstradamente do estylo grego, em todos os seus effeitos, e do qual assim nos fala René Loufer [1]: "Vasos, potes e artefactos ceramicos, primitivos, grosseiramente executados a mão; nada de louça pintada, mas vasos de barro, algumas vezes incrustados de materia branca.

Notam-se fragmentos de barro de ornato oculado (com apparencia dos dois olhos apenas), indicando a tendencia de figuras mais ou menos da fórma humana".

---

(1) Journal de Diététique et de Bacteriotherapie p. 100 — m. 5. Paris.

«O que ha de caracteristico desde esta época, pelo menos desde o fim da neolithica (desde a aenolithica até a idade do bronze), é a presença de um idolo guardião das sepulturas.

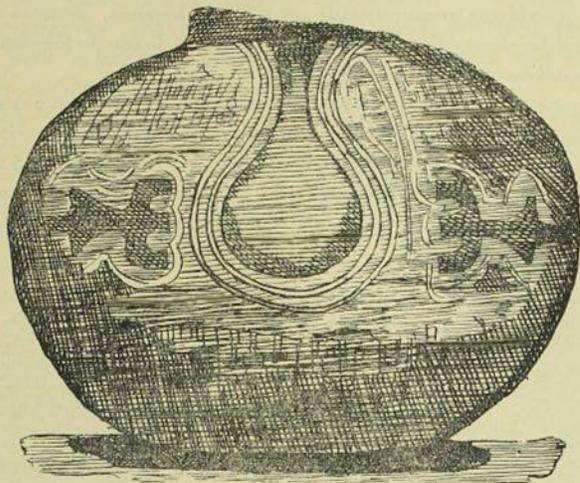



Fig. 320 — Urna funeraria de Pacoval, com pinturas vermelhas e de côr escura em fundo branco. Red. 1/6

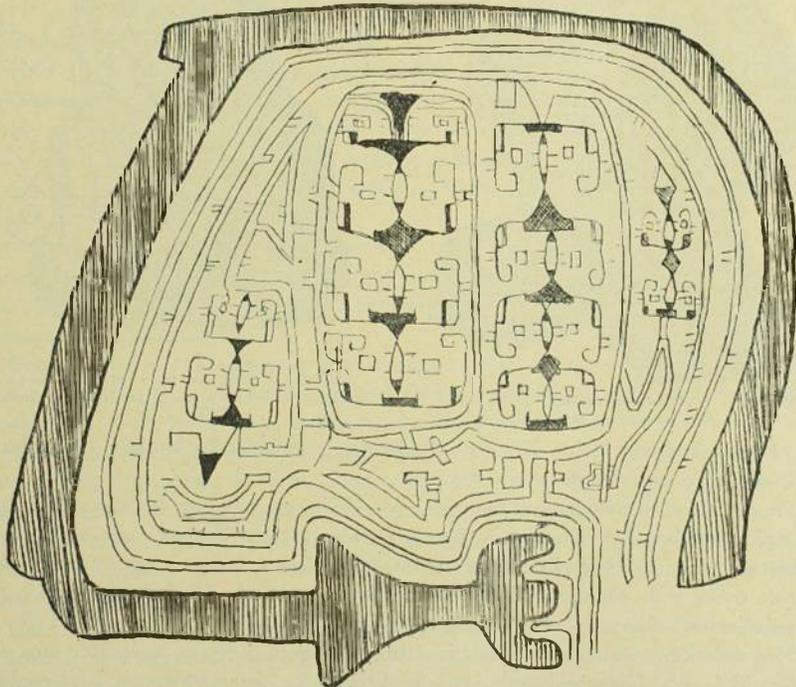



Fig. 321 — Reproducção em maiores proporções de uma parte da mesma urna

Apparece elle ora sobre vasos de cujos fragmentos são esses ornatos oculados de que acabamos de falar, ora sobre placas ou figurinhas de marmore conhecidas sob o

nome de *idolos amorgianos* (d'Amorgos, nas Cycladas, onde notadamente foram encontrados). Os vasos completos foram encontrados em Hissarlik II, que forneceu tambem os idolos. Estes reproduzem grosseiramente uma fórma humana, algumas vezes a fórma masculina e as mais das vezes a de mulher nua, ao contrario do uso do Egypto e da Chaldea. Algumas são *schematicas* em fórma de violino.

Os vasos apresentam o aspecto do corpo humano, com as espaduas e o collo encimado pela indicação dos dois olhos, das arcadas superciliares e um agudo nariz. Não se encontra, entretanto, nenhuma indicação da bocca nem outros detalhes da cabeça, mas o rosto apresenta indicios (traços pontuados) de tatuagens (Dechelette) ou pelo menos pinturas que corroboram a identificação dos idolos occidentaes com os idolos Egéos. »

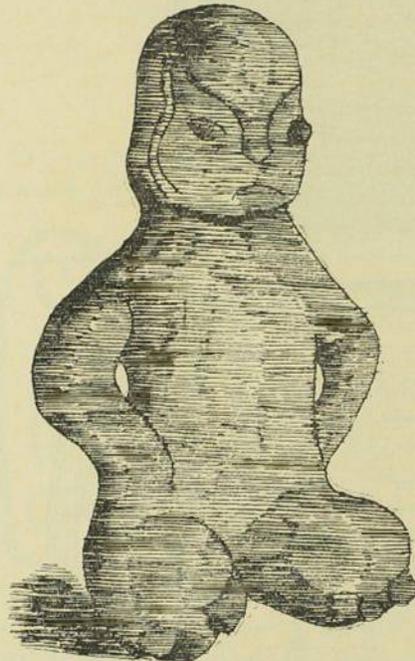



Fig. 322 — Idolo em terra cotta, de Marajó, pintado de branco. Red. a 4/9

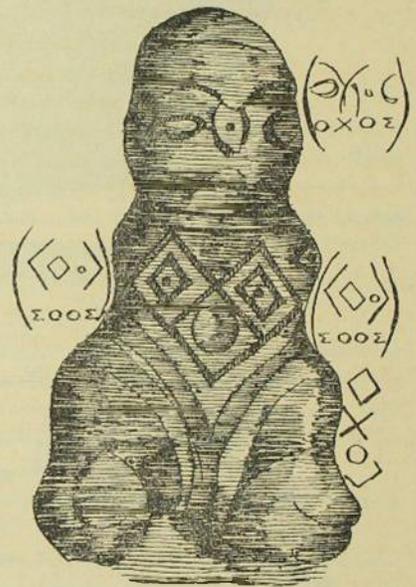



Fig. 323 — Idolo em terra cotta, de Marajó, pintura de linhas vermelhas em fundo branco. Red. a 2/3

« Estes primitivos idolos nem sempre são em marmore; são tambem em pedra, em barro, em osso, em chumbo e em bronze.

Foram não só recolhidos em Amorgos, mas ainda nos tumulos das diversas ilhas do mar Egéo, em Creta, em Chypre, na Grecia continental, em Yortan e em muitos paizes occidentaes (França, Hespanha, Ilhas Britannicas, etc.), e representam a divindade da idade do cobre, e do começo da idade do bronze; este periodo foi designado sob o nome de *cycladico* ou *Amorgyano* ou tambem *premycenico*.

Mas anteriormente a esta divindade anthropomorpha devemos assignalar uma outra que fôra idolo propriamente dito da idade neolithica: é a *deusa steatopyge*, bem conhecida nas estatuetas descobertas em as ilhas do mar Egêo, em Creta, por exemplo, na Grecia, em Thracia, em Malta, em Illyria, em Butmir (Bosnia), em Cucuceni (Romania), em Sereth (Polonia), no Egypto, em França (Monton Landes) e na Belgica.

Póde-se mesmo cogitar se havia uma nova prova de relação entre o Egypto prehistorico e o Occidente, tanto mais que algumas de nossas estatuetas representam uma vaga physionomia egypcia; mas ellas são de época quaternaria, anterior e bem difficil de estabelecer uma linha de parentesco ou relação, mesmo indirecta, entre nossos troglodytas e os habitantes do primitivo Egypto.

Ao contrario, é difficil admittir que o idolo amorgyanno seja de origem septentrional, sendo a corrente da civilização na época neolithica dirigida, ao contrario do Oriente ao Occidente e ao Norte, como indicamos a proposito do Egypto.»

«Portanto, nas épocas mais antigas, desde a tomada da possessão das ilhas gregas pelo homem, vemos apparecer a concepção anthropomorpha das divindades, concepção que não exclue, aliás a das divindades sob fórma animal ou sob a de uma arvore, d'uma pedra estas concepções coexistentes: "É necessario, diz M. Dussaud, tomar cuidado, quando se fala dos progressos de anthropomorphismo, cujos progressos não devem entender-se com as representações figuradas. Em certas épocas, o desenvolvimento das artes plasticas, repercurtiu sobre o material do culto; mas não houve introducção de uma noção nova. A prova disto é fornecida pelos idolos neolithicos, que, apesar de mais antigos, são, entretanto, mais visinhos do typo humano, que os idolos das ilhas chamados rabeca.»

«Hissarlik II, a segunda cidade ou "cidade queimada", que Schliemenn identificava erradamente com a Troia Homerica, é do começo da idade do bronze (cerca de 2.000)»

«Accessorios ou ferramenta, comprehende instrumentos de ferro e de bronze (machados chatos, ditos de alvado mediano e de dois gumes transversaes, facas e punhaes, alguns de typo alongado e de ponta fina, chamados *chypriate*), vasos e objectos de ornamentação.

Fig. 324 — Idolo em terra cotta platycephalo, de Marajó. Red. a 1/3

Os vasos pintados são ainda imperfeitos, mas revelam o emprego do torno; a ornamentação é como em Hissarlik I, *geometrica* (traços incisivos, zig-zag ou circular) e a fórma representa a silhueta humana ou animal...»

Como fórma animal caracteristica citamos o vaso de cabeça de coruja.

Certas fórmas, como as bilhas de bico alongado, espalharam-se juntamente com objectos de metal em uma zona muito extensa do mediterraneo.

«O celebre thesouro que Schliemenn (1873) chamava o thesouro de Priamo pertence a esta cidade. São vasos de prata e ouro, não tendo nenhuma ornamentação, joias diversas, algumas das quaes revelam uma arte bastante adiantada...»

Assim, vemos, segundo René Loufer, que o precioso cabedal descripto e feito lythographar por Ladisláo Netto é um conjuncto de elementos em grande parte positivos e de real authenticidade.

Quer nos parecer, por conseguinte, que esses *traços geometricos*, esculpidos e pintados nas urnas funerarias com apparencias de faces humanas, da ceramica de Marajó, não representam mais que palavras gregas, e demostrámos como, por exemplo, as definidas pelo Dicc. Gr. de Alexandre, Planche et Defauconpret p. 645: ΘΑΝΑΤΟΣ –, ου (ὁ) ou as vezes Θ ΑΝΑΤΟΥ *Morte natural*, οκατα φυσιν θανατος ου *Morte*

violenta ο βιαιος,-θανατος ου: φονος,ου(ὁ) *Morte prematura*, etc., em abreviaturas, combinações ou especies de monogrammas convencionaes, ora com o emprego de todas as letras, ora apenas com a primeira e a ultima, como acontece com a fig. 235, em estylo ornamentativo:

punir de morte; fut. ώσω acc. etc. = e ( ) ΘΑΝΑΤΟΩ ῶ:

Invariavelmente esses symbolos, com apparencia de rostos humanos, esculpidos em urnas funerarias e outros objectos ceramicos, traduzem invocações, preces, etc., a seus deuses, d'esse prehistorico povo, aos quaes confiava a guarda ou inviolabilidade de seus mortos, ou seriam destes, em vida, seus fervorosos patronos.

Com paciencia, vamos demonstrar o nosso modo de vêr, interpretando os referidos traços, que revelam muita arte e ideias, dos quaes com tanta timidez e escrupulo, se occupou Ladisláo Netto, resvalando em longas conjecturas, como em alguns casos. E' de lastimar que o tempo consumisse parte d'esses fragmentos ceramicos, privando melhor coordenação e estudos mais completos, sendo, entretanto, avultado, o numero de exemplares. Restringindo-nos ás gravuras, que passamos a reproduzir, sobre ellas podemos conseguir as seguintes interpretações:

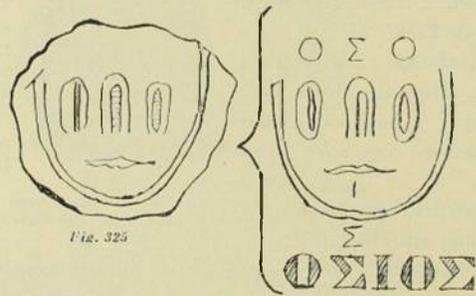



Fig. 325

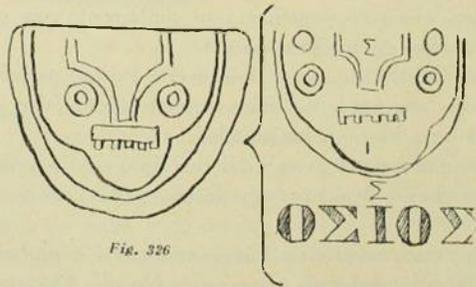



Fig. 326

"Οσιος,α,ον conforme as leis da religião; permittido pela religião *ou* não prohibida por ella, *donde alg. vez.* profano, que não é consagrado, que se póde tocar, sem crime *por opp.*; a ἱερος *mais seg.* santo, sacro; justo, conforme a justiça; puro, innocente, virtuoso; pio, etc.

Σιός. *Laced. por* Θεός. Deus, o Ser Supremo. Ις, *gen.* ινος fibra, nervo, força, vigor, etc.

Fig. 327

ΙΑΟΣ, εος, ους, *Poet, e ION*. suor; *alg, vez*. calor que faz suar, tempo quente. verão, etc.

Ις já descripto.

Fig. 328

Σoος, *Poet.*, são e salvo.

Δία *acc.* Ζευς JUPITER.

Λιτη, *Poet.*, preces, supplicas; *Neot,* procissão Λιταί, *em Hom.* as Preces, deusas filhas de JUPITER.

Fig. 329

ΣΙΑΣ *Laced, por* ΘΕΑ, deusa, etc.

ΣΙΟΣ *Laced. por* ΘΕΟΣ Deus, etc.

ΔΙΑ, *acc. de* ΖΕΥΣ, *gen* Διός, JUPITER, etc.

Fig. 330

*ΙΣΟΣ. egual, unido, justo, equitativo, etc.

ΛΙΤΕ. *Poet.*, preces, supplicas, etc.

Fig. 331

ΙΣΟΣ ΛΙΤΕ Palavras já interpretadas.

Fig. 332

ΙΣ. ΙΣΟΣ ΛΙΤΕ são palavras já descriptas.
ΙΣΙΣ Deusa Egypcia.

Fig. 333

*ΑΣΙΣ εως canto, louvor; divisão de poema, etc.

ΣΙΟΣ, ΙΣ ΟΣ. ΔΙΟΣ. já interpretadas.

Fig. 334

ΣΙΟΣ. ΔΙΟΣ, etc.

Fig. 335

ΔΙΑ, ΔΙΟΣ etc.
ΛΙΤΌΣ, *Poet.*, *com ι breve*, rogado, supplicado; digno de receber nossas preces; *alg. vez.* orando, supplicando, etc.

Fig. 336

ΛΙΤΌΣ, idem como precedentemente.

ΙΣ, idem, interpretada.

ΔΙΟΣ, idem, idem.

Fig. 337

Θ Α Ν Ά Τ Ό Ω-Ω̃

Θανατόω-ῶ, fazer morrer, submetter á morte, condemnar á morte, etc.

Fig. 338

Θ Α Ν Α Τ Ο Ω-Ω̃

Θανατόω-ῶ, idem como em a precedente inscripção.

Fig. 339

ΘÁΝΑΤΟΣ, ου, morte, obito; pena de morte, pena capital; *alg. vez. Pot.*, corpo morto, etc.

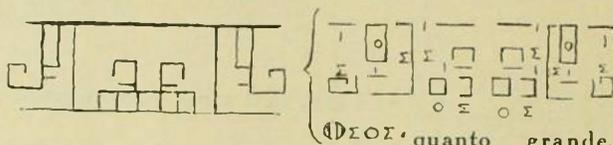



Fig. 340

ΙΣΙΟΣ, conforme as leis da religião, etc.

ΦΣΟΣ, quanto grande, consideravel, etc.

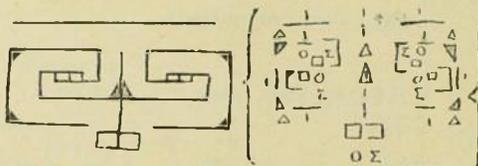



Fig. 341

ΙΔΙΟΣ, proprio, particular, singular, especial, tomado no sentido proprio, que é do dominio privado, etc.

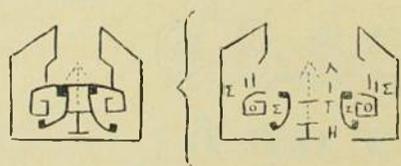



Fig. 342

Σιός, *Laced. por* Θεός Deus, o Ser supremo, etc.

Αιτη, *Poet.*, prece, supplica, oração, etc.

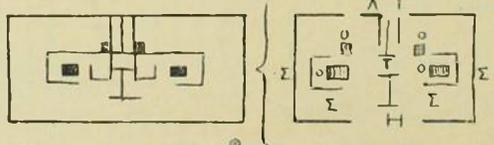



Fig. 343

ΟΣ ΟΣ, quanto grande, quanto consideravel, etc.

ΑΙΤΗ, prece, supplica.

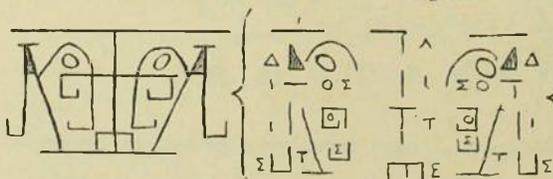



Fig. 344

ΔΙΟΣ, *gen. de* Ζεύς, JUPITER.

Αιτε, já interpretada.

ΣΙΤΟΣ, trigo, grão de trigo; *por ext.* pão, *e mais seguido*, comestivel, viveres; *alg. vez.* pensão alimentar, etc.

Fig. 345

Σιος — *Laced. por* θεός, Deus,
Σιος — Ser Supremo, etc.
ΙΣ, *gen.* ινος fibra, força, vigor, etc.

Fig. 346

ΟΣΙΟΣ
ΙΣΟΣ
ΛΙΤΗ
PALAVRAS JÁ DESCRIPTAS

Fig. 347

ΟΣΙΑΣ rito *ou* ceremonia religiosa *e especialm.* exequias, funeraes; *mais seg.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina, *ou simples,* direito, justiça, legitimidade, cousa permittida; desencargo de consciencia; o que é feito pela fórma.

Fig. 348

ΒΙΑΙΟΣ, violento; que emprega a violencia, *lambem* forte, vehemente, etc.

ΒΙΟΣ vida; viver, subsistencia; bens, fortuna; a humanidade, a sociedade; a civilização, maneira de viver; estado, condição; vida escripta, biographia, etc.,

Fig. 349

ΔΙΑ *acc. de* Ζεύς etc.

ΑΪΕ *voc. masc.*, de ῎ΑΪΟΣ: *Poet.*, divino *epith. que se dá aos deuses e aos heroes*: divino, *isto é*: excellente, admiravel, prodigioso, eminente, etc.

Fig. 350

ΙΔΙΟΣ

ΔΙΟΣ

ΔΙΤΕ

PALAVRAS JÁ DESCRIPTAS

Fig. 351

ΟΦΕΛΟΝ *interj*: Prasa a Deus! Prasa aos Céos! etc.

Fig. 352

Idem como a precedente

Fig. 354

Fig. 353

ΟΤΛΟΣ, *Poet.*, dôr miseria, pena, mal.

ΔΙΟΣ 2 vezes repetidas

ΔΙΑ 6 vezes repetidas.

Fig. 355

ΟΤΛΟΣ

Palavra por varios modos repetida

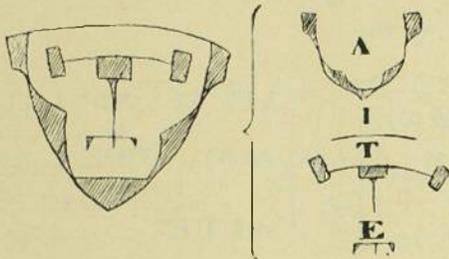
Fig. 356

ΑΙΤΕ, *ou* ΤΗ prece, supplica, etc., como já ficou descripto em paginas precedentes.

Fig. 357

ΣΙΟΣ
ΣΙΟΣ
ΑΙΤΕ
ΑΙΤΕ

Fig. 358

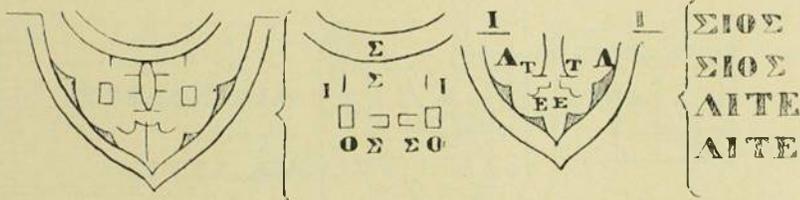
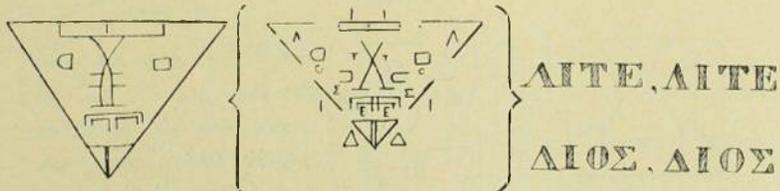
ΑΙΤΕ, ΑΙΤΕ

ΑΙΟΣ, ΑΙΟΣ

Fig. 359

Idem como a precedente.

ΔΙΑ, *acc.* Ζεύς, JUPITER.

ΑΙΤΕ, *palavra já descripta.*

Fig. 361

ΔΙΑ, ΔΙΑ, ΔΙΑ

ΔΙΟΣ, ΔΙΟΣ

ΑΙΤΕ

Fig. 362

ΔΙΟΣ, ΔΙΟΣ

ΔΙΑ, ΑΙΤΕ

Fig. 363

ΖΕΥΣ, *gen.* Διὸς *dal.* Διί *acc.*, Δία, *voc.* Ζεῦ, JUPITER, *deus da fabula ou planeta, Divind. supr. grega.*

Αιτε, *já descripta.*

Fig. 364

ΔΙΟΣ, ΔΙΟΣ

ΔΙΑ, ΔΙΑ, ΔΙΑ, ΔΙΑ

ΑΙΤΕ

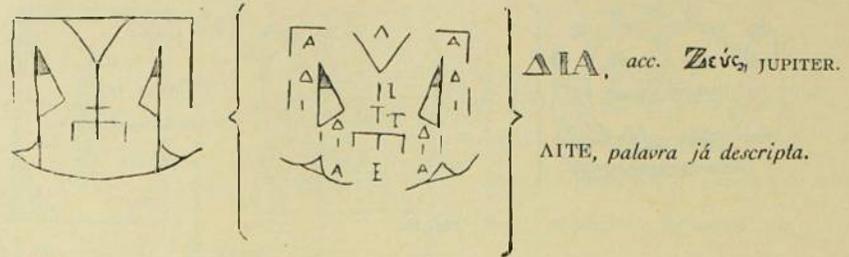
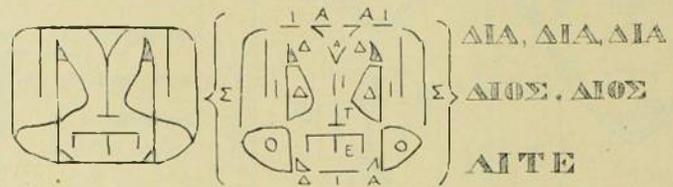
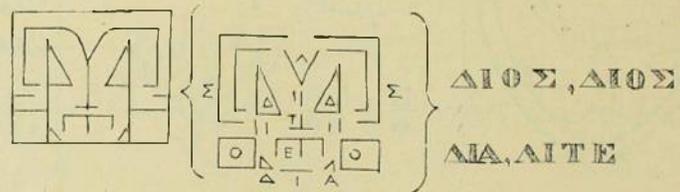
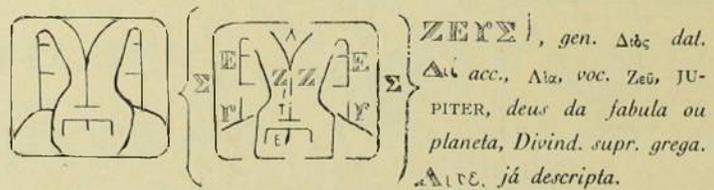
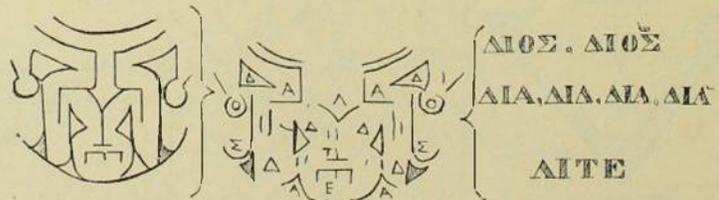
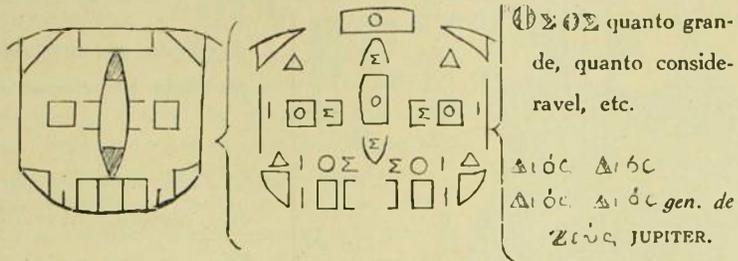



Fig. 365

ΘΣΟΣ quanto grande, quanto consideravel, etc.

Διός Διός
Διός Διός *gen. de* Ζεύς, JUPITER.

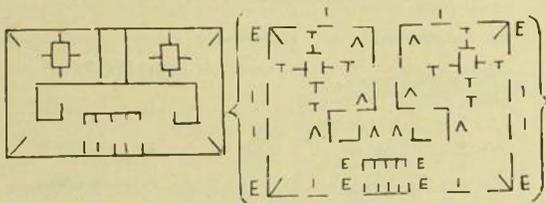
Fig. 366

ΛΙΤΕ, *por oito vezes repetida, cuja significação é sabida.*

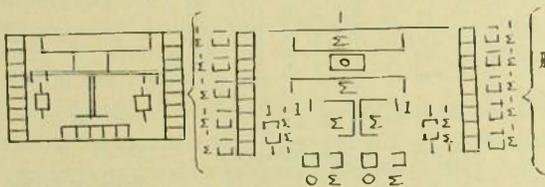
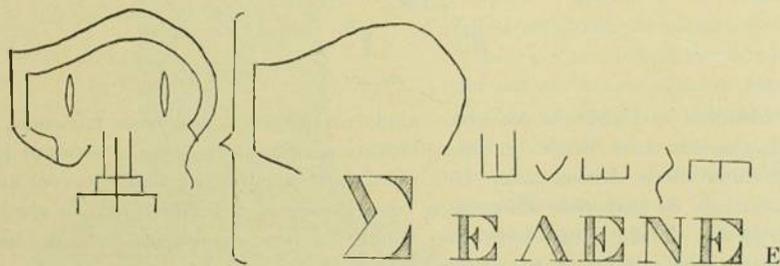
Fig. 367

ΙΣ, ΙΣΘΣ, *muitas vezes repetidas.*

Fig. 368

Σ Ε Λ Ε Ν Ε. Ε

ΣΕΛΗΝΗ ης, *a lua e principalmente* a lua cheia ; *alg. vez.* o luar: Diana, *deusa da lua*; uma das sete principaes divindades gregas, etc.

Ι Σ, Ι Σ

ΙΣ, *gen.* ινος fibra, nervo, força, vigor, etc.

Fig. 369

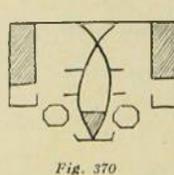
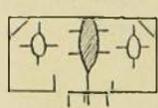
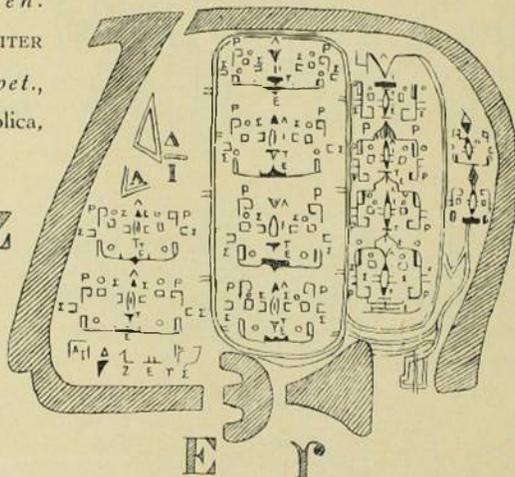



Fig. 370

ΦΣΙΦΣ, conforme as leis da religião; permittida ou não prohibida por ella, etc.

ΔΌΣΙΣ, acção de dar, dadiva, doação, liberalidade, etc.

ΔΙΑ, ΙΣ, ΙΣΦΣ *já conhecidas.*

Fig. 371

ΖΕΥΣ *gen.* ΔΙΟΣ, JUPITER ΑΙΤΗ. *Poet.*, prece, supplica, etc.

ΣΟΡΟΣ, urna onde se conservam os ossos dos mortos, urna cineraria; *por ext.* sarcophago, etc.

ΔΙΑ *acc.* Ζευς JUPITER.

Fig. 372

Identicas inscripções se encontram ainda em pequenas pedras ou talismans, depositadas, muitas vezes, dentro de urnas funerarias, cujas interpretações estamos levando a effeito do modo demonstrado. Outro tanto não acontece, infelizmente, com as urnas ou ceramica da necropole *Miracãuera*, que perderam a originalidade de seus traços ou legendas, devido a não terem sido desenhados com opportunidade. Em miniatura como se acham, impossivel seria qualquer esforço nesse sentido, sendo certo que os originaes, desappareceram, como já explicámos em principio.

E' intuitivo, porém, que entre essa multidão de traços e figuras estejam comprehendidos tambem symbolos e arabescos de ornamentação ou phantasias proprias á indole do artista, de permeio aos ritos então seguidos.

E' sabido, segundo Cantú: "que, quando as idéas religiosas começam a germinar no espirito do povo, ellas se revestem naturalmente das fórmas do symbolo e do mysterio".

« Cada coisa, em a natureza, póde ser encarada e acolhida como um symbolo, grosseiro, de principio, até o espirito ter descoberto conveniencias entre as coisas e as idéas

que ellas representavam. O bode fecundador e gerador foi a victima expiatoria immolada pelo pastor para salvação do rebanho; a vitella representou a terra pela sua fecundidade; o boi, o cavallo, companheiros do homem, foram os animaes destinados ao sacrificio; o proprio céo se povoou de symbolos, como os signos do zodiaco, os cem braços de Briareu, o duplo rosto de Ganesa. Saturno devorando seus filhos, as Danaides enchendo o seu tonel sem fundo, as parcas fiando a vida humana; mas, assim como os nomes tiveram na sua origem um valor depois perdido, assim se perdeu a significação dos symbolos, e Platão e Zenon não parecem hoje mais engenhosos que verdadeiros na explicação dos de Homero, que floresceu poucos seculos antes d'elles...»

Fig. 372 A — Cabeça ornamental da ceramica de Marajó. Red. a 4/5

«... Os antigos, em toda a frescura da sua imaginação, formavam da natureza uma idéa completamente espiritual; não viam elles no universo uma machina possante, regida por uma força attractiva e repulsiva, mas, pelo contrario, um todo vivente governado por genios. Esses astros admiraveis, cuja revolução invariavel mede o espaço e o tempo, leis do pensamento humano, lhes pareceram merecer um culto, e o cuidado que os padres punham em os contemplar passou por uma adoração.»

«O Sabeismo, com effeito, é a religião mais universal e a mais parecida com o monotheismo; é a elle que se referem as religiões dos babylonios e de Zoroastro, assim como as dos egypcios e dos phenicios. Ammon e Osiris figuram o sol; Isis a lua, muito reverenciada porque ella derrama o orvalho; Anubis, a estrella de Sirio, que, erguendo-se do lado da nascente do Nilo, annuncia a sua inundação; *os Cabiros são sete em numero, como os planetas; ha doze grandes deuses, tantos quantos as constellações do zodiaco; da mesma maneira que este é dividido em 36 partes, contam-se tambem 36 divindades de segunda ordem e seus 360 gráos são regidos por outros tantos genios.* O proprio sol muda de nome; depois do solsticio do verão é representado por Horus, vigoroso e barbado; depois do solsticio do inverno converte-se em Harpocrates, deus coxo; com os periodos crescentes e descrescentes da sua carreira combinam as festas de Isis e de Oriris.

Fig. 373 — Idolo phalloide do sexo feminino, com linhas gravadas. Red. 1/9

N'outras partes, á lua no seu 4º crescente dão o nome de Bubaste, e de Buto quando está cheia. Assim é que abstrahiam d'uma divindade principal as suas propriedades, manifestações e attributos.

Entre os gregos estão igualmente as divindades em relação com as revoluções sideraes, e os planetas tomam os nomes dos deuses; na primavera as Bacchantes celebram as festas de Dionysio, deus solar; os ritos de Eleusis têm por objecto o sol e a lua; o *hierophante* é a figura do primeiro, o *epibone* do segundo. Os deuses da Italia eram da mesma maneira planetarios, bem como os da Arabia, do Thibet e da China. . . »

Fig. 374 — Cabeça de um vaso anthropomorpho de Maracá

Em outro capitulo, trata ainda com minuciosidade Ladisláo Netto do culto de PHALLUS, entre os *mounds-builders* de Marajó.

« É real que ás divindades planetarias, diz Cantú, associa-se o culto dos phenomenos e dos elementos como potencias vitaes e fecundantes; são ellas veneradas de principio sem terem simulacros, em seguida debaixo da fórma de cone, de cubo, de disco brilhante, de columnas, de pedras caídas do céo (1) e principalmente debaixo do emblema expressivo do phallo; porque nós o vemos muitas vezes figurar nas ceremonias antigas: ornava elle, em pequenos amuletos, o pescoço das raparigas gregas e romanas, e com enormes proporções se erguia diante dos templos indianos e dos da mãe deusa da Phrygia. Mais tarde, em consequencia d'essa eterna propensão da natureza humana para tudo assemelhar a si, foram os deuses representados debaixo da figura humana; os seus nomes e attributos se multiplicaram então, e com elles a sua historia e genealogia. Esta personificação dos conhecimentos astronomicos e das cosmogonias, depois, o vulgo exagera, o tempo altera, as paixões corrompem, e d'ahi as extravagancias dos mythos, os ritos enigmaticos, as orgias ferozes e licenciosas. »

Assim, sobre este importante assumpto se manifesta Ladisláo Netto:

« Uma das questões mais em evidencia, de que se têm occupado os americanistas, e á frente d'elles o illustre Humboldt, é o saber se havia effectiva e positivamente na America o culto do Phallus (2). Depois das pesquisas do celebre autor do Cosmos, que se admira de não haver apparecido entre os hieroglyphos mexicanos o menor vestigio do culto do *Lingam*, alguns ethnologos descobriram, é certo, indicios deste culto nos monumentos deixados entre os povos mais adiantados da America e em particular pelos Mayas, mas podiam ser indicios casuaes, e desde então, infelizmente, a dar-nos testemunho, todos os dias, as investigações dos americanistas, demasiado sofregos por acharem estreitas correlações entre o Velho e o Novo Mundo.

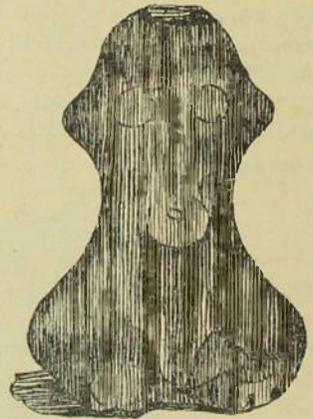



Fig. 375 — Idolo phallomorpho em terra cotta, de Marajó, tam. natural

(1) Βαιτυλια, Βαιτυλοι — do phenicio *Bethel*. Achamos na Biblia o altar de Bethel erecto por Jacob, a cidade de Bethulia etc. Os chinezes se occupavam tambem em tempos remotissimos da observação dos areolitos, aos quaes elles davam o nome de *sing-hun tching chi*, estrellas cadentes transformadas em pedra.

Os pagãos continuaram até muito tarde a adorar algumas destas pedras, entre as quaes podemos tambem contar o Kaab dos musulmanos.

(2) O culto de Phallus, no Egypto, é analogo ao de *Lingam*, na India, onde, segundo as tradições colhidas no Siva-Purana e no Kasi-Kanda, por Hamilton, William, Jones Schlegel e outros autores mais modernos, esta entidade mythica é adorada desde a mais remota antiguidade. Humboldt não havendo encontrado indicio algum do culto phallico entre os

Nas antiguidades dos *mounds* de Marajó, são numerosas as figuras que representam Phallus. Se a phallolatria alli realmente existiu não é permittido affiançal-o. Os *mound-builders* de Marajó, não me cançarei de repetil-o, afiguram-se-me individuos que houvessem guardado lembranças vagas de um longinquo passado de que não sabiam dar esclarecimentos positivos. A ornamentação dos seus idolos, a representação esculpida ou pintada de seus symbolos ideographicos e talvez hieroglyphicos, os toucados de que revestiam as cabeças de seus personagens, bem como as vestes simuladas por algumas figuras, tudo isso é um amalgama immediatamente heterogeneo, uma grande mescla, uma especie de eclectismo theogonico, em que se enxerga a tradição de uma remota nacionalidade superior, a pouco e pouco fundida ou incorporada em povos menos adiantados e talvez de paizes diversos, se antes não é uma natural degeneração realizada *in situ* e motivada pela separação absoluta da antiga metropole, ou pela adaptação irresistivel e fatal aos meios de existencia, ou pela morte d'aquelles que, entre os povos antigos, eram a tradição viva, os mantenedores do saber e da pratica, e os arbitros dos destinos dos seus irmãos.»

«O Phallus, portanto, era representado em Marajó sob as suas diversas fórmas mythicas mas dar-se-hia, porventura ainda alli, á sua primitiva divindade, algum vislumbre de culto? Ninguem, na carencia de provas inconcussas, o pode asseverar.»

«Observo apenas, continúa o autor, que, além do Phallus representado na sua configuração natural, da mesma sorte por que é representado qualquer dos idolos completamente independentes dos vasos, temos mais o Phallus ligado á borda de alguns d'estes vasos, nas mesmas condições em que já descrevi personagens de caracter e de attributos divinos. Do que se poderia deduzir uma tal ou qual veneração dos *mound-builders* de Marajó, a esta divindade tão e tão geralmente adorada entre os povos das costas e ilhas orientaes do Mediterraneo, assim como no Industão e na China.»

Fig. 376 — Idolo phallomorpho em terra cotta. Conserva vestigios de antiga pintura. Red. a 4/5

«Uma singularidade referente a este assumpto, e que teve tambem exemplo na antiguidade, é a personificação d'esta entidade ideal, como si, não satisfeitos da fórma propria do objecto venerado, os seus adoradores lhe quisessem dar um caracter de indi-

---

Mexicanos e baseando-se nas observações de Langles (*Recherchs asiatiques*, tom. 1), a respeito do horror que experimentaram os Vaichnavas ou sectarios de Vichnú, á vista d'este emblema da força productora, venerado nos tempos de Siva, exclama: "Ne pourrait on pas supposer qu'il existe également parmi les Baudhistes exilés dans le nordest de l'Asie une secte qui rejette le culte des *Lingan* et qui c'est de ce Boudhisme épuré qu'on retrouve quelques faibles traces parmi les peuples americains? (*Vues des Cordillères*, V. I. p. 276).

Os documentos aqui representados, si os conhecesse o illustre naturalista, poupar-lhe-iam o trabalho de desnecessarias e agora mal cabidas conjecturas.

Voltando ao symbolo do *Lingam*, que é o mesmo Phallus egypcio na India, e que se diz haver sido o prototypo d'este emblema mystico do Nilo, sabemos ter elle entre os hindùs tão elevado culto que, só por si, representa a famosa trindade indica, fazendo parte essencial da theogonia d'aquelles povos.

Ouçamos-lhes o livro sagrado, onde mais claro se nos diz o que era este divino mytho: "Quando os quatorze mundos se crearam com o eixo que os atravessa, acima do monte Kailaça, então surgiu sobre o cume deste monte o triangulo *yony* e dentro do yony *Lingam*. Este *Lingam*, ou arvore da vida, tinha tres cascas: a 1ª e a externa era Brahma, a média Vichnú, a 3ª e a mais occulta Siva. Quando os tres deuses se desligaram, só ficou no triangulo o tronco desnudado, desde então entregue aos cuidados de Siva".

vidualidade humana, sem, comtudo, alterar-lhe demasiado a configuração real. Só assim posso comprehender porque e como diversas gradações são encontradas na representação d'esta, que eu chamarei entidade divina, desde a sua absoluta e perfeita imagem natural até as fórmas em que ella simula um individuo humano ajoelhado ou sentado sobre os pés, fig. 261. Se se examinar com attenção uma destas figuras, que, de quantas possue o Museu Nacional, é a mais perfeita individuação do Phallus, verificar-se-ha que a cabeça, por exemplo, reunindo muitos traços physionomicos convencionaes dos idolos humanos de Marajó, havia sido habil e engenhosamente modelada, de tal modo que nem a saliencia do nariz e das orelhas, nem a extensão normal do pescoço pudessem causar qualquer desvio ao fim objectivo que tinha o esculptor. Sobre a fronte desta cabeça, cuja physionomia representa dignidade e poderio, estão pintados em fundo branco os dois triangulos de côr vermelha: um sobre cada arcada superciliar. Estes dois triangulos, mais visiveis na fig. 261, poderiam, sem grande esforço, representar o *yony*, que tem com o *Lingam* a maior affinidade, e que é o emblema da trindade hindú, sob o aspecto do dualismo a que me referi em nota anterior; mas, insisto em declaral-o, todas estas similitudes podem induzir-nos a graves equivocos, aos quaes prefiro limitar-me ás reservas de uma espectativa, que não deve ser havida por hostil aos que me levam larga dianteira no curso das hypotheses e das deducções audazes.»

Fig. 377 — Idolo phallomorpho em terra cotta de Pacoval, pintado de branco. Tam. natural

Continuando, o autor, sobre a fig. 261, assim conclue: "Os braços, por seu lado, que viriam perturbar as mesmas vistas do esculptor, foram supprimidos e os proprios joelhos, ligeiramente approximados um do outro, longe de desvirtuarem o ideal do engenhoso artista, tomaram, na posição em que se acham, a verdadeira fórma dos orgãos appendiculares que deviam reproduzir e fazer assim mais verosimil toda a individualidade plastica do Phallus."

«Conviria agora verificar se outros personagens sem os membros thoracicos e abdominaes e unicamente representados pela cabeça sobreposta a um corpo alongado e outras vezes espheroidal, figurando o tronco, devem ser considerados como simulacros do Phallus ou não.

Não insistirei neste ponto, deixando á apreciação do leitor que por si mesmo decida.

Na collecção extrahida dos *mounds* de Marajó ha, com effeito, estatuetas que, simulando o Phallus pela fórma da cabeça e do corpo cylindrico adoptado ou simulacro que parecem ter tido por fim figurar, não apresentam comtudo os orgãos appendiculares dos principaes personagens phallicos da mesma collecção e aqui figurados.

A personificação do Phallus induziu naturalmente os individuos que o veneravam a darem-lhe ou attribuirem-lhe os predicados de uma perfeita authencidade humana e, pois, não é de admirar que o houvessem imaginado capaz de ser representado em ambos os sexos, como sabemos que o idealisaram outros povos. Tem esta circumstancia, além d'isso, uma certa analogia com o que se observa em Babylonia relativamente ao mesmo culto. Ptolomeu e Alexandre Polyhistor dizem que n'aquella cidade havia, no templo de Belus, uma imagem phallica de duas cabeça: uma de homem e outra de mulher, e com os orgãos reproductores de ambos os sexos. A mesma reunião dos dois sexos no mesmo idolo phallico encontra-se igualmente na India, e, é natural, o apresentam todos os povos que

veneram a força geradora do Universo, e a um tempo o dualismo que se prende tão intimamente a um poder que tudo rege (1). Este androgynismo é caracterisco do Lingam, representado no seu dualismo.»

« Tenho quasi certeza de que novas e mais acuradas excavações que se façam em outros pontos da America, nos patentearão emblemas phallicos dos memo caracteres dos de Marajó. Na California, em Costa Rica, e em Chilicathe (2) imagens phallomorphas hão sido achadas.

O P. Kercher e Brancroft affirmam representar perfeitamente o Phallus, certa forma de adorno algumas vezes representada na ceramica do Perú, e se nos reportarmos ao consciencioso Stephens, diz-nos elle que em muitos templos do Yucatan alguns adornos monumentaes figuravam: *membra conjunclo in coitu.*»

« A contribuição que aqui trago, tão somente para a elucidação do assumpto e não por querer systematicamente encontrar filiações de praticas americanas no antigo continente, não tardará, espero, em ser acompanhada de novos elementos que mais esclareçam este facto.»

« Entre os vasos pintados e mais notaveis do *mound* de Marajó, alguns existem que exhibem o Phallus em logar conspicuo entre arabescos de especial configuração. Estes Phallus são pintados de vermelho uns e de côr muito escura outros. »

« Os arabescos que os emmolduram são de tal modo delineados, que mui propositalmente conservam os claros em que se acham pintados os emblemas da força geradora. E, de tal feição são estes claros, em relação aos arabescos e aos proprios Phallus, que não fôra facil averiguar se primeiro foram estes pintados, ou se antes, a graciosa urdidura de linhas enrediças em que se acham envolvidas estas figuras mythicas.»

Fig. 378 — Gargalo de vaso antropomorpho de Marajó ornado de gravuras e linhas vermelhas em fundo branco. Red. a 1/3

Ao terminar este assumpto, não podemos deixar sem especial reparo o que se observa nas urnas funerarias de *Miracãuera*, com relação á representação de Phallus de diversas fórmas, sendo as principaes as modeladas em baixo e addicionadas visivelmente na parte inferior das urnas. Barbosa Rodrigues, tratando da importante ceramica daquella Necropole, quer vêr nesses symbolos a designação apenas do sexo do morto, quando podem ser os intuitos de uma tal observancia.

Os valiosos argumentos que ahi ficam externados poderão, entretanto, servir para conciliar ideias ou resolver problemas, dos quaes procuramos a devida solução.

* * *

É-nos de interesse aqui deixarmos, ainda que resumidamente, as palavras externadas por Ladisláo Netto sobre a similitude que offerecem os artefactos dos *mound-builders* de Marajó com os productos ceramicos de outros antigos povos dos dois continentes: "Estes

(1) Os Siva-Baktas, ou sectarios de Siva, costumam trazer por emblema da casta ou da profissão d'elles, a imagem do *Lingam*, não, porém, na fórma simples e natural deste symbolo do poder creador, mas figurando *verendoe partis utrusque secus in actus copulationis*, para que mais á justa ou mais significativamente represente o phenomeno a que se liga tamanha veneração.

É mister accrescentar que a ideia de impudicicia é de todo o ponto estranha ao espirito d'esse objecto divino. A isenção de qualquer pensamento impuro diante do symbolo da *suprema essencia divina* está, assim, no espirito dos que o trazem ao pescoço ou preso ao cabello, como no espirito dos que acertam em encaral-o ».

(2) Hywood- *Natural and aboriginal Hist. Of.* Temessee, p. 115.

similes, como já o declarei no principio destas Investigações, não são nem muito evidentes nem mui numerosos, maxime com relação aos artefactos do sul do Brasil. Offerecem-se-nos, entretanto, alguns e tanto basta isso ao pouco do que a respeito tenho em mira fazer menção".

«O ponto de analogia que mais resalta, de quantos havemos até aqui examinado dos artefactos de Marajó, comparados, quer com a louça do Perú, do Mexico, dos *mounds*, dos estados meridionaes da União Norte-Americana, do Alto Amazonas (Miracãuera), de toda a Europa, do Egypto e da Indo-China, em summa, no Globo quasi inteiro, ou antes, de todos os paizes em que hão sido encontrados monumentos ceramicos antigos: este ponto commum, digo, a ceramica dos nossos *mounds* é a primitiva de taes povos, é a urna anthropomorpha ou pelo menos anthropocephala.

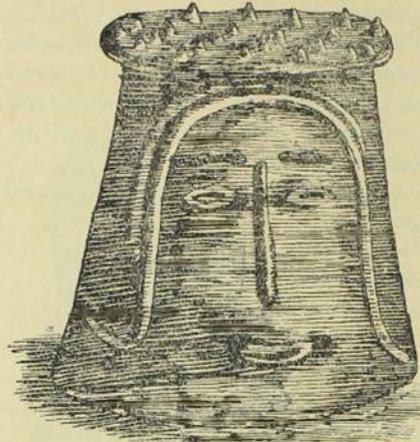



Fig. 379 — Cabeça opercular de urna funeraria anthropomorpha em Marajó. Red. a 1/4

Dir-se-hia ter subsistido uma convenção universal, pela qual toda e qualquer urna funeraria devesse representar, no todo ou em parte, os caracteres do individuo cujos despojos mortaes ahi foram guardados. Mas não precisamos de recorrer á transmissibilidade dos sentimentos e praticas de um povo a outros povos para que de prompto encontremos a explicação de semelhantes phenomenos.

A elucidação d'este facto está na idéa que tinham os primitivos povos a respeito da morte.

O Ka egypcio, de que fiz menção em nota á p..., era, para os antigos habitantes do valle do Nilo, um individuo com effeito morto, mas que não deixava de compartir das attribuições da vida, como se, até certo gráu, para nós inapreciavel, vivo ainda fôra. Era, emfim, uma individualidade mystica e um tanto mysteriosa que participava do duplo estado da vida e da morte, como muito bem o comprehendeu Maspero.

Ora, o que pensavam os egypcios tinha, com maior ou menor elevação de idealidade, o mesmo caracter psychologico entre povos de todo o globo, nas suas primeiras phases de evolução intellectual; e d'ahi resulta o sem numero de difficuldades em que se acham todos os ethnologos, que tentam explicar por meio das migrações prehistoricas as manifestações de crença, de conhecimentos e de preceitos miliares encontrados em pontos ás vezes antipodas uns dos outros.

Fig. 380 — Cabeça de vaso anthropomorpho de Marajó. Gr. natural

É tão universal a configuração humana empregada, geral ou particularmente. no constructura das urnas funerarias, que até hoje nenhum paiz se apresentou por excepção a esta pratica.

Virchow [1] a quem o desenvolvimento da anthropologia osteologica deve boa porção

(1) Virchow, *Zeitschrift für Ethnologie*, II. 1870.

do impulso que ha logrado receber nestes dois ultimos decenios, foi um dos que mais particularmente indicaram as analogias dos vasos anthropomorphos da Europa com os do Perú e do Mexico.

Estas analogias pareciam egualmente visiveis entre os vasos do antigo continente e os que hão sido encontrados nos *mounds* do Ohio e do Mississipe, nos necroterios de Catamarca, ao sul da America.

Devo, entretanto, accrescentar que, neste particular, as duas localidades que mais se approximam, unindo, archeologicamente e por modo surprehendente, os dois continentes, são o valle do Amazonas e as antigas cidades de Troya e de Mycenas.

Refiro-me ao valle e não á fóz do Amazonas, onde se acham os *mounds* marajoenses, e ás grutas de Maracá, em que tantas urnas funerarias estão a lembrar as antiguidades descobertas pelo Dr. Schliemann, porque recordam ainda mais as reliquias da desgraçada Côrte de Priamo os vasos encontrados no logar denominado *Miracãuera*, pouco acima de Itacoatiara. E, com effeito, basta lançar os olhos sobre as figuras representadas neste volume para reconhecer que, se muito se assemelham as cabeças operculadas ou tampas da collecção troyana de Schliemann com a das figs. 381 e 383, não é menos semelhante o grande vaso constante da fig. 258. Estas analogias se estendem a varios outros objectos dos dois paizes e em particular aos fusaiolos, ainda que nas gravuras d'estes, em Marajó, não me pareça haver figuras determinadas, ou que deixem ver, como nos de Troya, além da palavra *Sigos*, os symbolos *Swastikas* e *Kuas* da theogonia indiatica.

Fig. 381 — Cabeça opercular de uma urna funeraria de Maracá Red. a 1/3

A respeito, porém, de semelhantes affinidades, nenhuma é mais visivel do que a que offerecem as figuras da deusa Hera dos antigos gregos com alguns idolos marajoenses, cujos braços substituidos por duas saliencias curvas, conicas, volvidas para cima e portanto indubitavelmente corniformes, são o simulacro da lua nova, de que Hera se havia constituido entre os primitivos gregos a imagem verdadeira, sob a fórma de uma mulher com os braços em egual disposição ou sob a fórma de uma vacca, em cujas pontas melhormente se apresenta a idéa do Crescente (1).

Alguns idolos da ilha de Marajó apparecem nas collecções do Museu Nacional com os braços ou orgãos similares assim figurados, sendo bem singular que povos na apparencia tão estranhos um do outro e de origem tão semelhante ao que se deve crer, tenham tão singular e ao mesmo tempo tão significativo ponto de analogia» (2).

(1) Henry Schliemann. *Mycenas*, traduction de Girardin, ps. 136, 141, 173 e 176. Paris, 1879.

(2) Ora, explicam as interpretações das Inscripções, dizemos nós.

Schliemann, que testificou enorme quantidade de idolos de Hera em Mycenas, assim se exprime: "Parmi les idoles trouvées dans le dromos dévant le tresor en question, les plus anciennes idoles de Hera representée sous forme de femme sont très grossièrement façonnées; quelquefois elles n'ont pas d'ornements peints, leur tête est oblongue ou ronde, avec ou sans diadème; les yeux sont grands. Quelques-unes ont des mamelles, d'autres n'en ont pas; les mains sont tantôt saillantes, tantôt croisées sur la poitrine".

Fig. 382 — Figura da deusa Hera, Copiada de Schliemann

«A' la même époque, sans aucun doute, appartiennent les idoles feminines qui ont la tête nue et fortement comprimée, les yeux grands, les mains étendues et pas des mamelles, au dessous et de chaque côté des quelles une corne fait saillie; l'ensemble des deux cornes donne la figure d'un demicercle » (1).

A promiscuidade das fórmas anthropologicas com as zoologicas na ceramica das nações primitivas induz-nos a passar das similitudes das configurações humanas ás que apresentam os artefactos ceramicos dos varios povos antigos comparados entre si, em relação ao emprego das fórmas zoologicas.

É um campo este em que facil é verificar-se não serem menos curiosas as correlações entre os *mound-builders* de Marajó, com os demais ceramistas precolombianos da America do que com os artistas do antigo continente, como já ficou mencionado.

Na verdade, muito maior é a copia de cabeças de animaes ou de animaes inteiros do que o numero de figuras humanas, como adorno em relevo das urnas funerarias, jarros, terrinas, alguidares e pratos que exhibem os *mounds* de Marajó.

Esta superioridade numerica é a mesma apresentada na louça, não só na Europa e na Asia, mas tambem na America. Vem aqui de feição indagar em que sentido seriam havidos estes ornatos zoomorphos pelos povos que em tamanha abundancia os empregavam no imperio dos Quichuas e em varios paizes da America do Norte. Por verdadeiros idolos, tudo me leva a pensar que os não adorava nenhuma

Fig. 383 — Idolo do mound de Pacoval Gr. Natural

(1) Henry Schliemann, op. cit., p. 173.

tribu americana, mas que as presava em caracter de canopos, isto é, de genios familiares, divindades secundarias postas ao serviço intimo do morto, para acompanhal-o n'uma especie de domesticidade d'além tumulo: "*De egual modo veneraban*, dizem Tschudi e Rivero, *como canopos otros animales, menos utiles, como venados, monos, gatos montezes, papagaios, lagartijas, peces*, etc., *que amoldaban con barro en forma de vasijas, las cuales enterraban con los difuntos, para verter em ellas la chicha dei sacrificio* [1].

Havia evidentemente em tal usança alguma comparticipação das praticas religiosas do Egypto e do Yucatan..."

O importante elemento que encerra o presente capitulo, com relação aos *mound-builders* de Marajó, Maracá, etc., é mais uma prova inconteste para corroborar o que nos relata a nossa epigraphia valiosa, de alto alcance prehistorico do Brasil.

Ladisláo Netto externa-se proficientemente, com effeito, e suas conclusões prudentes revelam muito estudo, admiravel paciencia e vacillação em demasia.

Terminamos o referido capitulo, offerecendo ainda mais aos leitores a reproducção resumida das estampas de cabeças de idolos e adornos anthropomorphos da ceramica dos *mound-builders* de Marajó e de outras localidades do Amazonas, organizadas por Ladisláo Netto, exemplares existentes nos Archivos do Museu Nacional.

Assim as antecede: "Estas cabeças estão coordenadas por grupos em que procurei reunir, quanto possivel fosse, n'uma só estampa, as physionomias entre si semelhantes ou affins por qualquer caracteristico distincto.

Posto que mui discordantes nas fórmas geraes e exhibindo ás vezes entre grupos proximos as mais notaveis antitheses, já quanto á configuração do craneo, já em relação aos traços physionomicos, mostram, comtudo, estas tão varias e tão singulares representações da cabeça humana, numerosas analogias de convenção systematica, preceitos de estylo, dos quaes nem as mais arrojadas phantasias do esculptor ou da esculptora se puderam nunca totalmente libertar. É que acima da imaginação dos artistas e superior a todas as mutações do tempo havia o verbo da tradição, que se perpetuava de geração em geração entre povos que não tinham archivos gravados em pedra.

Fig. 384

Fig. 385

Fig. 386

Fig. 387

Idolos do Amazonas [2]

E este verbo, quando entre todos os anciãos da tribu decadente ou dispersa rarissimo ou nenhum mesmo houvesse já que o lograsse decifrar, ahi estariam a representar-o, a perpetual-o os lavores da ceramica, ideographia engenhosa em que toda a historia dos antigos tempos da grande nação ficaria synthetisada. Ora, a téla

(1) Tschudi Rivero, Antegucdades Peruanas, p. 170.
(2) A proposito, offerecemos um capitulo, na parte supplementar, de grande importancia

em que esse povo matisou a representação ideographica e não sei se tambem phonetica da sua tradição, foi a cabeça ou a face humana. Os olhos e a bocca, o nariz e as arcadas superciliares, a fronte, as orelhas e o mento, as tatuagens da cara como as das differentes partes do corpo, tudo isso por cem diversos modos figurado, parece representar a edade do individuo, as suas qualidades pessoaes, a posição entre os conterraneos, a familia ou tribu a que pertenceu, os seus feitos mais notaveis, a sua historia, emfim, — authentica parcella da historia da sua raça.

A attenção do leitor é, pois, d'este modo chamada para os documentos graphicos estampados nas paginas que se seguem.

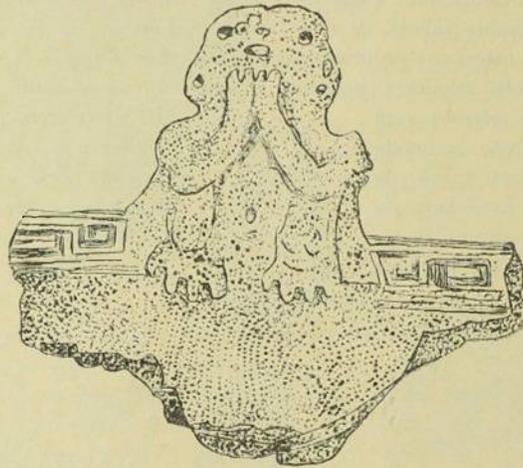



Fig. 388 — Ornato anthropomorpho (Pacoval)

De seu espirito unicamente dependerão as deducções que lhe despertarem o exame e o estudo comparado dos differentes typos ahi expostos, com as explicações que me pareceu dar-lhes em confronto, nas paginas que em face lhes correspondem."

Estas, porém, julgámos por nossa vez desnecessario resumir, diante das illações suggeridas já, em prova, quanto ao povo do qual se originam tão singulares monumentos; sendo curioso, entre estes, encontrarem-se arabescos artisticos contendo caracteres do antigo grego, formando palavras e até pensamentos.

Isto se deduz das figuras 413, 418, 419, 422, etc., nas quaes visivelmente se encontram, entre traços phallomorphos e arabescos artisticos, lettras dispostas a dar intuição de palavras alli firmadas e pensamentos proprios ao estylo e á philosophia do tempo. Em fragmentos, porém, essas preciosidades ceramicas, por muito que nos esforçassemos, não poderiamos infelizmente alcançar tanto quanto seria de desejar.

Cabeças de idolos e adornos anthropomorphos dos Mound-Builders de Marajó e de outras localidades do Amazonas

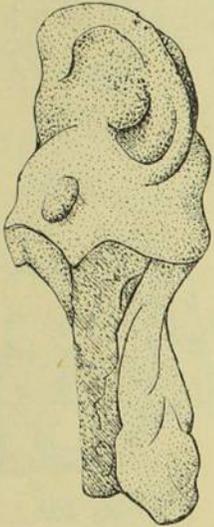



FIG 389

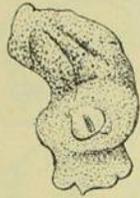
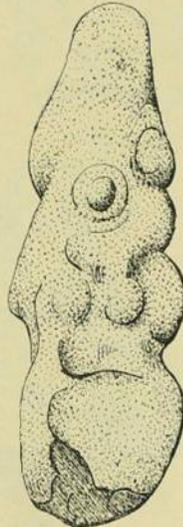
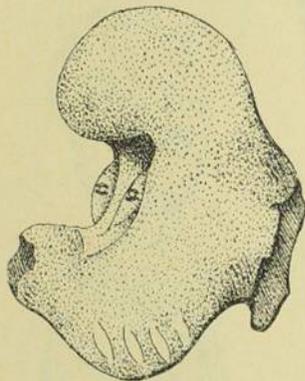



FIG. 390

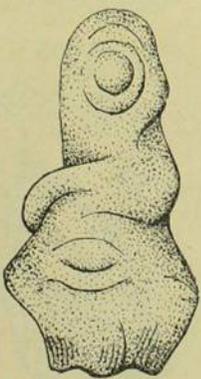



FIG. 391

FIG 392

FIG. 393

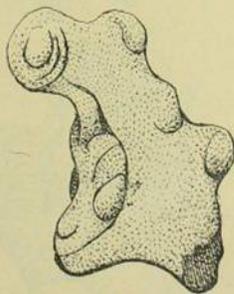



FIG 394

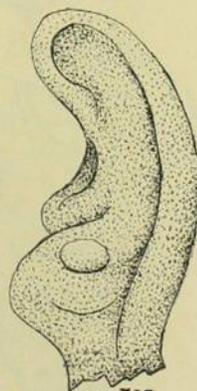



FIG. 395

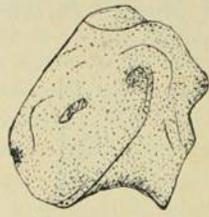



Fig 397

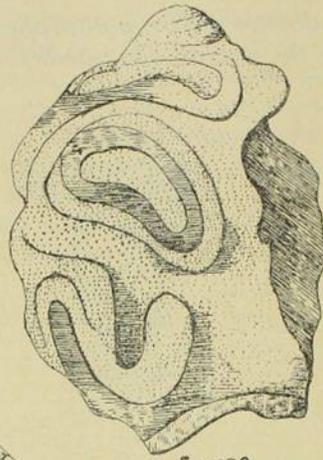



Fig 398

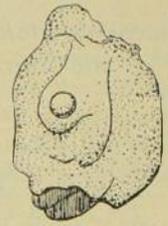



Fig 399

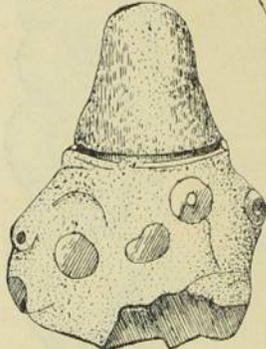



Fig 400

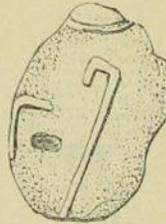



Fig. 401

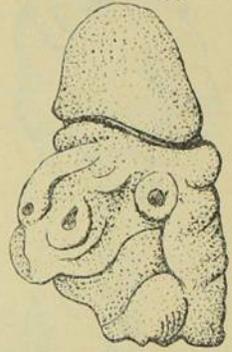



Fig 402

Fig. 403

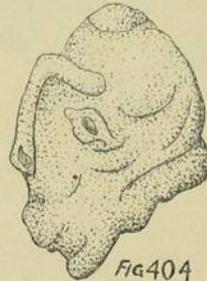



Fig 404

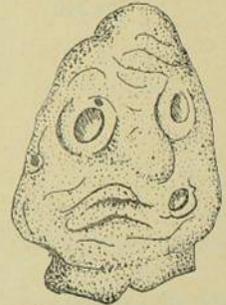



Fig 405

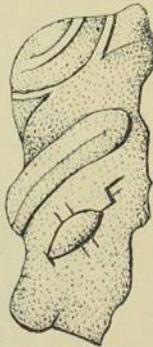



Fig. 406

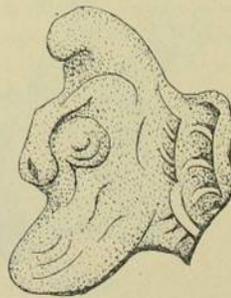



Fig 407

Fig 408

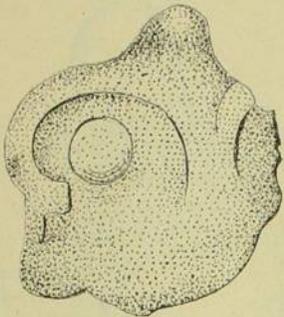



Fig. 410

Fig. 409

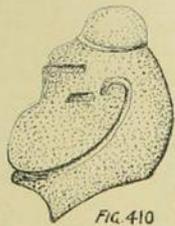
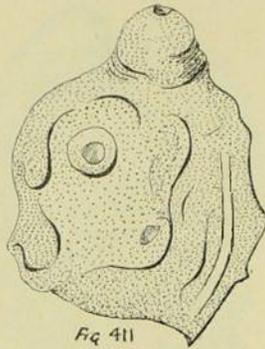
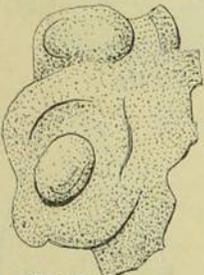
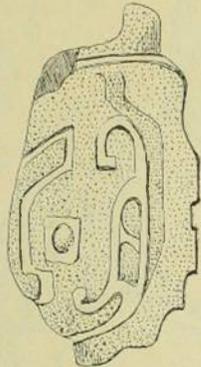



Fig. 411

Fig. 412

Fig. 413

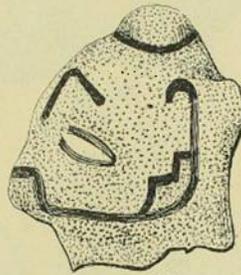



Fig. 414

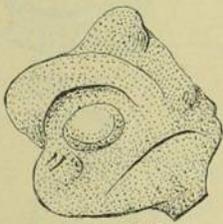



Fig. 415

Fig. 416

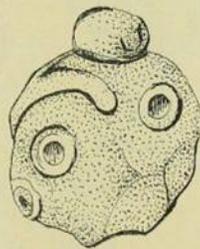



Fig. 417

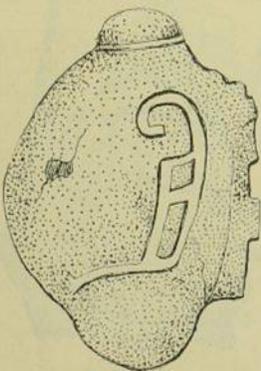



Fig. 419

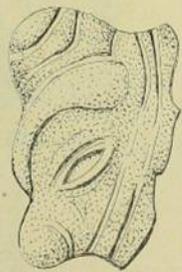



Fig. 418

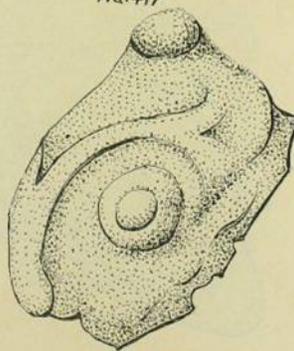
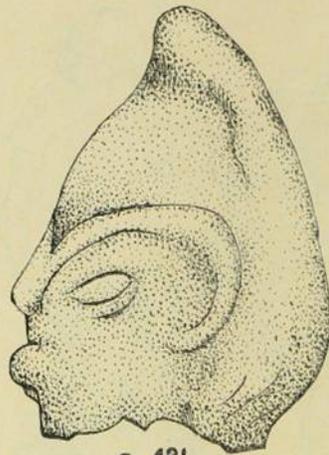
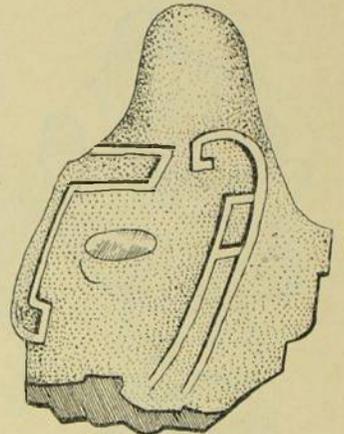



Fig. 420

FIG. 421

FIG. 422

FIG. 423

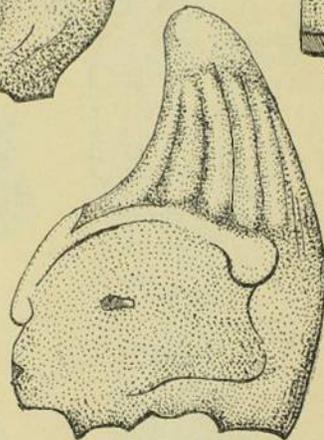



FIG. 424

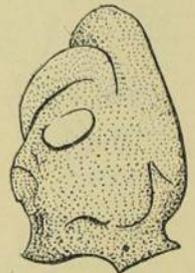



FIG. 425

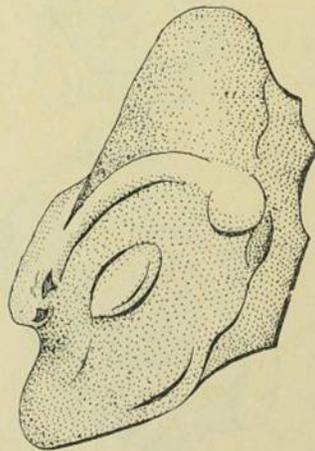



FIG. 426

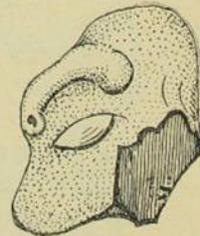
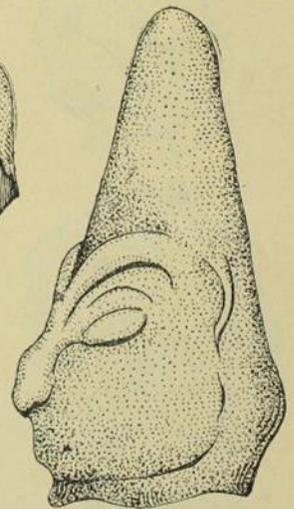
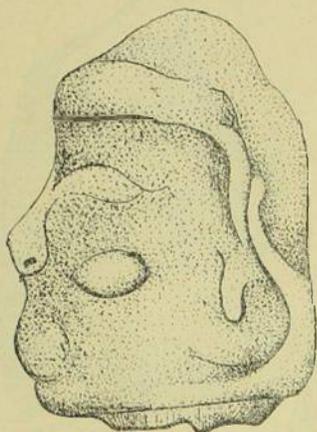



FIG. 427

FIG. 428

FIG. 429

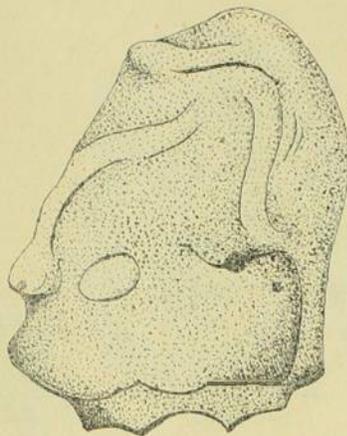



FIG. 430

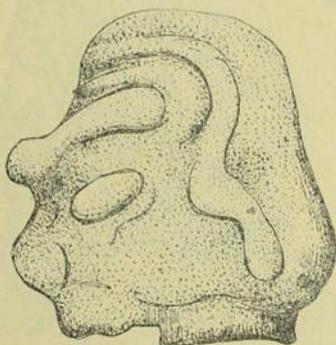



FIG. 431

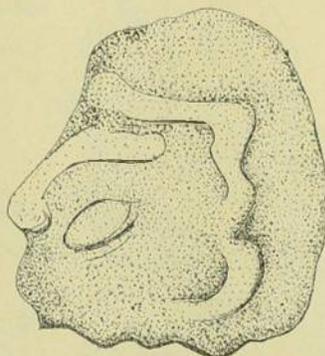



FIG. 432

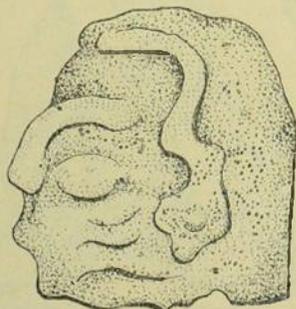



FIG. 433

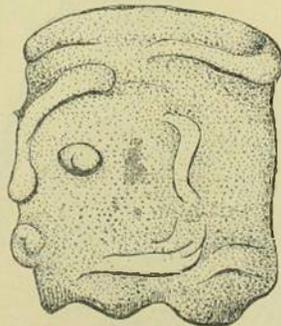



FIG. 434

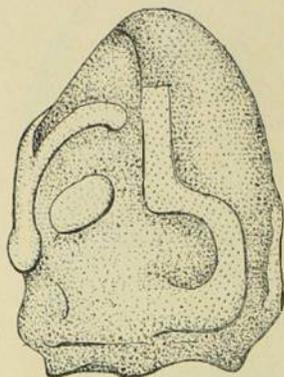



Fig. 435

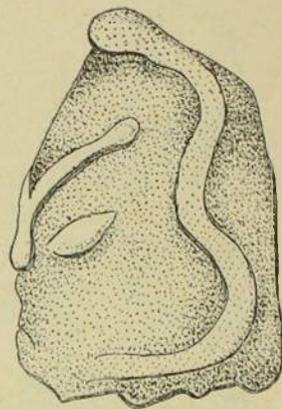



Fig. 436

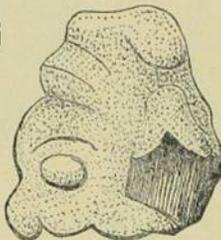
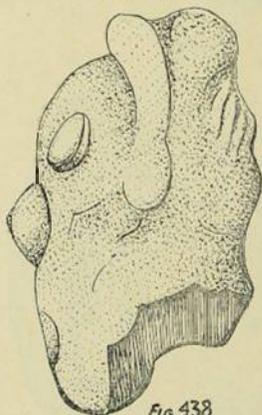
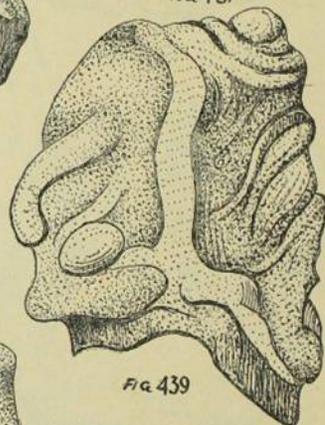



Fig. 437

Fig. 438

Fig. 439

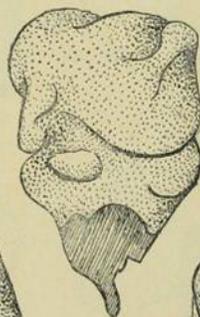



Fig. 440

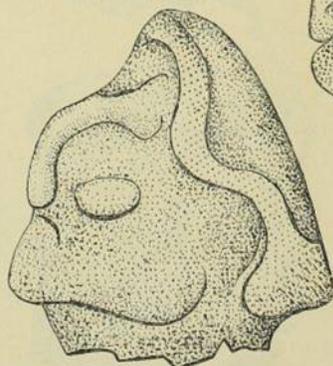



Fig. 441

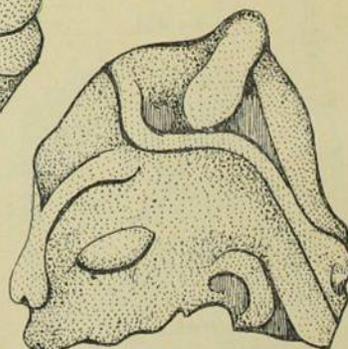



Fig. 442

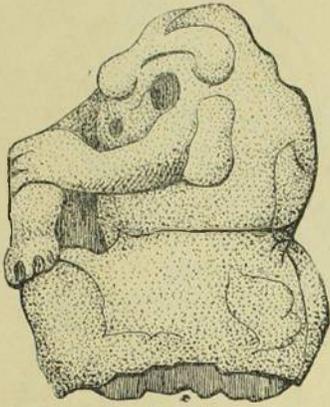



FIG 443

FIG 444

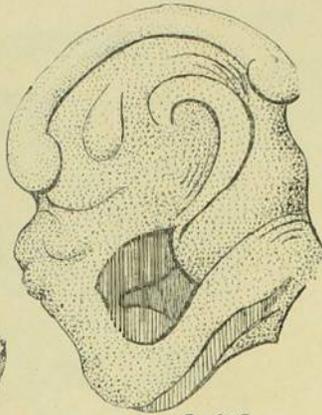



FIG 445

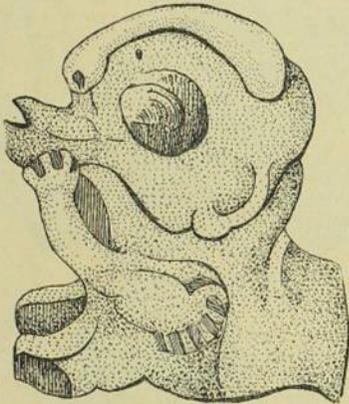



FIG 446

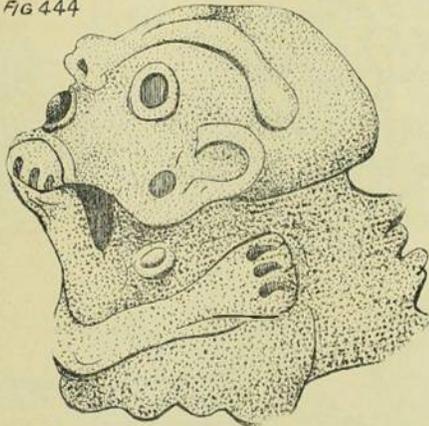



FIG 447

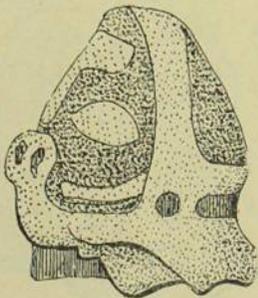



FIG. 448

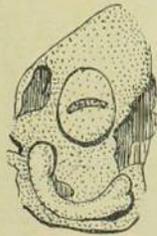



FIG 449

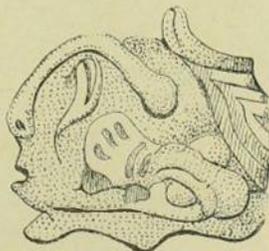



FIG 450

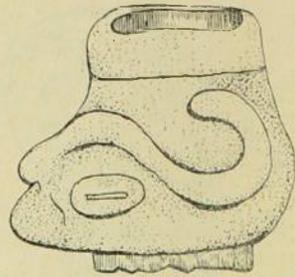



FIG 451

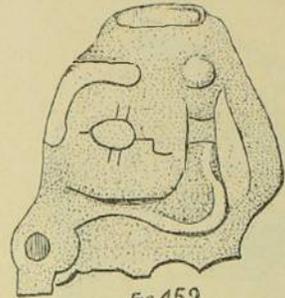



FIG 452

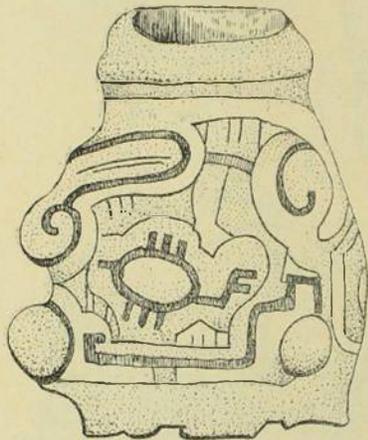



FIG. 453

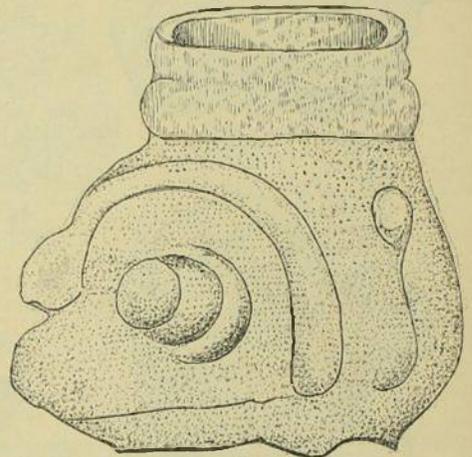



FIG 454

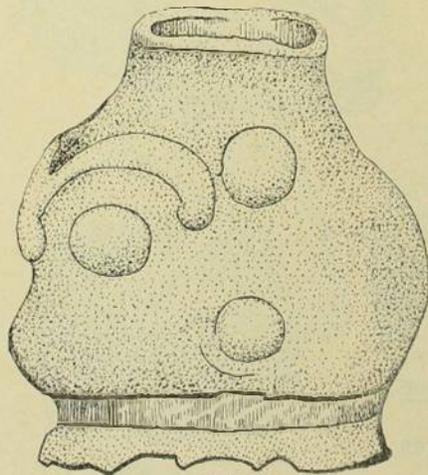



FIG 455

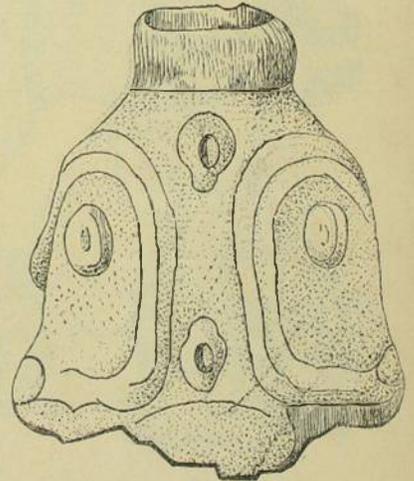



FIG 456

Fig 457

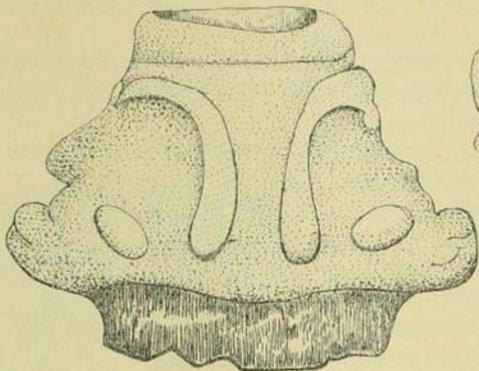



Fig 458

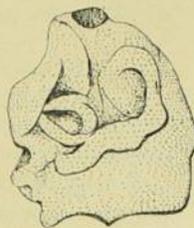



Fig 459

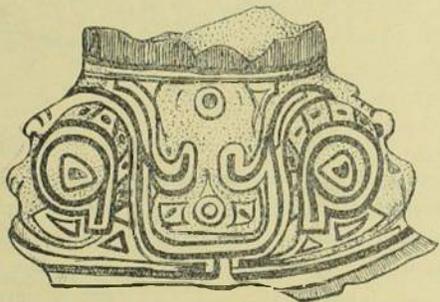



Fig 460

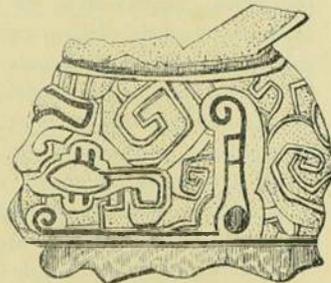



Fig. 461

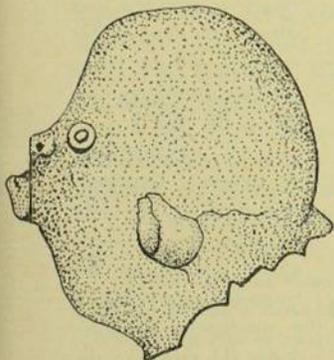



Fig 462

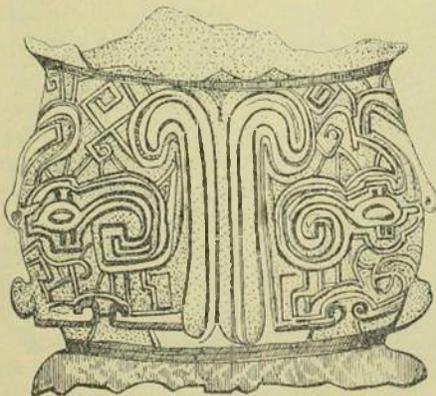



Fig 463

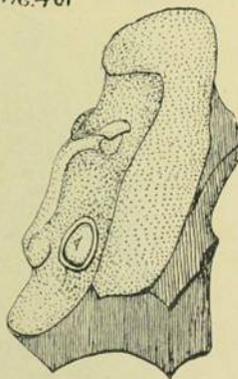



Fig 464

* * *

É opportuno suspendermos, para continuarmos depois, as investigações de Ladislau Netto sobre a ceramica de Pacoval, para ampliarmos o assumpto á generalidade, resumidamente embora.

Grande esforço é certamente o da imaginação, com os recursos da arte, na preciosa ceramica, desde os primeiros lampejos da civilização humana.

«As descobertas de M. de Sarzec em Tello, segundo Babelon, e as de outros exploradores da Chaldéa nos permittem remontar quasi ás origens da esculptura na Asia Occidental.»

Fig. 465 — Baixo relevo de Tello (Museu do Louvre)

«Nossos Museus possuem, com effeito, baixos relevos e estatuas de uma arte rudimentar, cuja remota época é confirmada pelo archaismo das inscripções que as acompanham, e estes mais antigos monumentos são seguidos, como no Egypto ou na Grecia, d'outras estatuas e outros baixos relevos que, se encadeando chronologicamente atravéz dos seculos, representam as phases graduaes do progresso artistico na Chaldéa, antes que o dominio Ninivita se impusesse a este paiz.»

« Entre os fragmentos de Tello, o que M. Heuzey considera como mais primitivo e que se deve collocar como a primeira das obras da esculptura oriental, é um baixo relevo em calcarea cinzenta, fig. 465.»

Fig. 466 — A Stela dos abutres (Museu do Louvre)

«A interpretação do quadro é duvidosa, mas, no ponto de vista da arte, deve-se reconhecer sem hesitar um fragmento que remonta a prodigiosa antiguidade. O relevo é diminuto, o contorno da figura é timido e incerto, seus detalhes desporcionados, como se a ponta rude que os gravou estivesse em mãos impotentes de uma criança.»

« Uma arte mais avançada já caracteriza o fragmento de baixo relevo que M. Heuzey chamou *tablette*, da aguia e do leão e é datado por uma inscripção mencionando o Rei

Our-Nina. (2.500 A. C.). A esculptura é igualmente de pouco relevo, mas o contorno das figuras é traçado com exactidão, com mão mais firme, fig. 467. . . »

«Uma 3ª etapa da esculptura Chaldéa póde ser representada pela "stela dos abutres", na qual se lê o nome de dois reis, dos quaes um é filho de Our-Nina. Os tres fragmentos d'esta stela em calcarea, são esculpidos nas duas faces. N'um d'elles vê-se um bando de abutres conduzindo, em seu vôo, destroços humanos, outro, parece representar a construcção de um tumulo, e o ultimo, uma scena de carnagem, etc.

Fig. 467 — Baixo relevo de Tello (Museu do Louvre)

A superioridade artistica dos baixos relevos da stela dos abutres, sobre os monumentos citados, é evidente e permitte já presentir a arte sobria e vigorosa que nos revelam as grandes estatuas encontradas no palacio de Gudea. . .

". . . O seixo Michaux, monumento datado do reinado de Marduk-nadinakhi, rei de Babylonia, cerca de 1.120 annos antes da nossa éra, era talvez um seixo rolado pelas aguas do rio, do qual se fez um betylo, fig. 468". O seu desenho, na parte superior é secco, chato e affecta uma rigeza hieratica que faz suppor uma época de decadencia ou, pelo menos, um periodo estavel na marcha ascencional da arte chaldéa; a inscripção cuneiforme contém a doação d'um immovel construido em dote. »

« As curiosas imagens, sob cuja protecção está collocado este contracto, nos demonstram que, desde, essa época a mythologia chaldéa era cultivada pelos artistas, que sabiam unir, sem cahir no monstruoso e no disforme, as fórmas humanas com as dos animaes e das figuras symbolicas aos astros e aos genios supra sensiveis que a sua louca imaginação concebera. O desenho destas estranhas figuras inspira o terror, sem cahir no grotesco que caracterizam as imagens dos deuses entre os povos barbaros. »

« A arte chaldéa, finalmente, é tão sabia quanto os arcanos da mythologia são complicados. . . . »

Deixando ligeiramente resumidas as palavras de Babelon, vamos nos referir ás do não menos sabio Vigouroux, em sua obra já por nós citada, tratando das bibliothecas Assyrias (p. 184 v. I):

« A Chaldéa e a Assyria possuem innumeras e bem providas bibliothecas nas cidade de Senkereh, Babylonia, Borseppa, Cutha, Accad, Ur, Ninive, etc. Os livros cuneiformes que hoje conhecem os assyriologos provém a maior parte de Hohyondjik, antiga cidade real de Ninive, onde fôra encontrado no palacio de Sennacherib e sobretudo no palacio de Assurbanipal, o Sardanapalo dos gregos.

Fig. 468 — Seixo Michaux (Gabinete de Medalhas)

Além dos que foram recolhidos, em 1850, por Layard e 1853 e 1854 por Loftus, novas *tablettes* foram descobertas em 1873, 74, 75, nas tres successivas viagens de George Smith continuando desde então todos os annos em augmento, constituindo hoje uma das principaes riquezas do Museu Britannico de Londres. Tambem se encontram em Paris, Berlim, Constantinopla, Cairo, Estados Unidos, etc. »

« Os livros cuneiformes, dos quaes muitas vezes fallaremos nesta obra, compõem-se de *coctiles laterculi*, como os denomina Plinio, isto é, tijolos, ou *tablettes* chatas e quadradas de barro cozido, tendo sobre as duas faces uma pagina de escripta cuneiforme cursiva muito fina e unida, traçada sobre argila ainda fresca, antes de cozida, fig. 470. »

« Os Assyrios não se serviam nem de tinta, nem de pincel; não possuiam papyrus, como os egypcios, nem pelles preparadas como os habitantes de Pergamu, os Gregos e Romanos, mas tambem argilla em abundancia e d'ella faziam por assim dizer, o seu papel. Utilisavam-n'a sob todas as fórmas, cylindros, barriletes, *tablettes*, fig. 471... Esta materia tão grosseira, servia maravilhosamente áquelles que a empregavam: ella resiste á agua e ao fogo, e ainda que não tenha podido escapar a todo o estrago do tempo, transmittiu-nos fielmente os pensamentos que recebeu ha muitos seculos... »

Fig. 469 — A Stela dos Abutres (Museu dos Louvre)

« A bibliotheca real de Ninive, a julgar approximadamente pelos fragmentos descobertos, devia possuir cerca de 10.000 *tablettes* cuneiformes, isto é, o thesouro quasi completo da litteratura dessa época. Seus destroços formam um conjuncto de mais de 100 metros cubicos. Ella está collocada na parte superior do palacio e dividida ou classificada por ordem de materias: theologia, astronomia ou astrologia, historia politica, historia natural, grammatica, exiecographia, geographia ou lista rudimentar de paizes, cidades, rios, montanhas e povos. Estes diversos trabalhos preencheriam na fórma ordinaria de hoje, mais de 500 volumes de 500 paginas em quarto. Havia bibliothecarios que organizavam os catalogos e velavam por sua conservação. O conservador chamava-se *nis duppisati*, o homem das *tablettes*, escriptos, etc.»

Diz-nos ainda Babelon: "a ceramica Assyria, mesmo a da melhor época, assemelha-se, ás vezes, a ponto de se confundir com a mais archaica da grecia propria e das ilhas do mar Egêo".

« Mas aqui não são senão os rudimentos da arte os primeiros esforços do oleiro, que em breve confeccionará obras primas; alli, ao contrario, os vulgares recipientes de cozinha são tudo arte e representam, ao mesmo tempo, ponto de partida e ponto de chegada. O abandono da ceramica pelos artistas chaldeos-assyrios é devido a causas geologicas e climatericas analogas áquellas que na Assyria, quizeram desenvolver a esculptura em baixo, com detrimento do alto relevo. Isto é devido particularmente á má qualidade da argilla da Mesopotamia, que, muito propria para tijolos, não é bastante fina para se prestar á confecção do fragil involucro de uma esbelta amphora e muito menos para se prestar a todos os detalhes do rosto e do vestuario de figuras graciosas eesbeltas, como os de Tanagra de Cymé ou de Myrina.»

*

Fig. 470 — Folha de um livro da Bibliotheca de Assurbanipal (tamanho natural)

Recentemente, em Setembro de 1926, a importante revista *Pelo Mundo...*, publicou um interessante artigo, illustrado, sob a epigraphe — *O palacio dos Reis de Kish*, — artigo que passamos a resumir: Em Hish, perto de Babylonia, entre outras preciosidades, descobriu-se o palacio dos primeiros reis sumerianos de Kish, construcção que data de uma época approximada a 2.500 annos A. C. É construido — o que ficou do edificio, naturalmente — de ladrilhos plano-convexos e é a unica construcção grande, em seu genero, excavada até hoje na Mesopotamia.

Mas o que nos interessa, entre outros preciosos objectos encontrados, são sellos cylindricos, por meio dos quaes os archeologos puderam provar a remota antiguidade do palacio; 2.000 taboinhas, fig. 474, principalmente grammaticaes, taes como syllabarios e um pequeno diccionario com os significados de algumas palavras sumerianas em uma traducção babylonia e, finalmente, a descoberta de um estylo para escripta cuneiforme, considerado pelos archeologos como o mais antigo do mundo. O dito estylo revela o methodo de fazer os signaes cuneiformes, methodo muito discutido pelos modernos archeologos, mas nunca clara e totalmente comprehendido. Foi achado entre as ruinas do periodo Hammurabi.

A fig. 472, mostra o estylo na posição conveniente para tornar a cabeça triangular, em fórma de cunha, da escripta cuneiforme. Com as quatro faces da extremidade póde-se

fazer perfeitamente as cunhas, virando o instrumento entre os dedos e apertando contra a argilla macia em posição quasi perpendicular.

*

Particularisando a ceramica por nós encontrada em nossas ultimas excursões nas regiões do Rio Urubú, Uatumã e outras do Amazonas, vemos o quanto de importante e analogo existe em relação á descripta, não só no ponto caracteristico linear e figurativo como artistico, desde o rude, ao adiantado, de admiravel execução. Assim, pois, vemos na Assyria e Chaldéa o systema da escriptura cuneiforme delineado em multidão de *ta-*

Fig. 471 — Inscripção Assyrianna

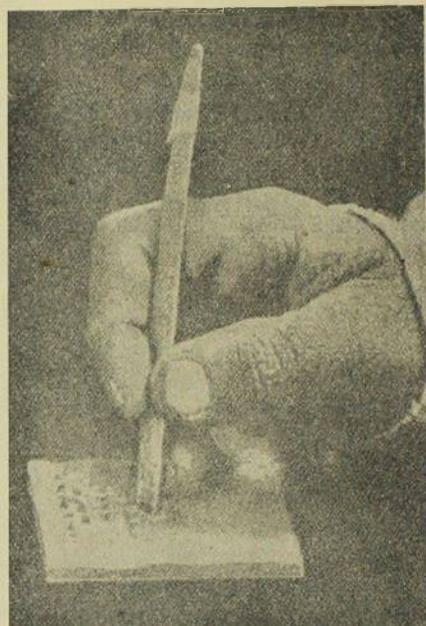



Fig. 472 — O famoso estylo para se escrever com signaes cuneiformes, encontrado em Kish, e considerado como o instrumento de escriptura mais antigo que se conhece

blettes, formando bibliothecas originaes, como a de Ninive, hoje grande parte recolhida aos museus europeus, principalmente ao Britannico.

Os specimens que encontrámos nas regiões referidas contem o mesmo systema de escrever, não só em fragmentos de ceramica, como em seixos, silex, etc., notando-se a differença: que estes obedecem á escriptura do primitivo grego, tal como a das consideraveis inscripções que tanto nos vêm preoccupando, emquanto outros exemplares apenas encerram arabescos artisticos de admiravel execução.

Cabe-nos o prazer de haver atinado com semelhante particularidade, que era ignorada pelos archeologos.

Neste proposito reunimos já grande numero destes importantes fragmentos, que tanta luz nos vieram offerecer, sob os pontos de vista, chronologico e de observação acerca de nossa prehistoria. E enorme, com effeito, o numero destas preciosidades, que temos accumuladas em nosso museu particular, além de algumas recolhidas ao Instituto Geographico e Historico do Amazonas, como outras existentes no Museu Nacional; os exemplares, que ora apresentamos, são uma diminuta parcella destes valiosos monumentos. Não ha pois razão, para acceitarmos as conjecturas de varios escriptores, a proposito dos oleiros e da confecção da ceramica encontrada soterrada nesta parte do continente americano, principalmente nos locaes onde existem as inscripções lapidares. Estas conjecturas consistem, principalmente, em negar a relação existente entre a ceramica e as inscripções em rochedos. Ora, com a nossa descoberta, provado está, que referidas inscripções são executadas, com effeito, nos mesmos caracteres que se encontram nos fragmentos ceramicos de que tratamos.

Fig. 473 — Cartas e enveloppes feitos de argilla e escriptos em caracteres cuneiformes, segundo Alvaro Reis

As figs. 475 e 476, delineadas muito nas duas faces, por nós restauradas, representam bem a nossa affirmativa, pois as fazemos acompanhar da interpretação das figuras collocadas ao centro, no estylo seguido, e do mesmo modo procedemos em relação ás figs. 477, 479 e 480, esculpidas em ceramica; emquanto ás de uma urna funeraria, encontrada na necropole de Miracáuera, fig. 478, restaurámos apenas.

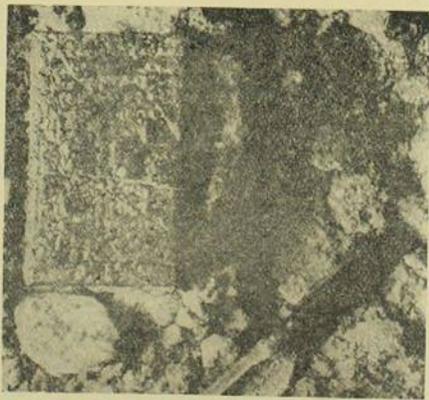



Fig. 474 — Uma das 2.000 taboas encontradas nas ruinas do Palacio dos Reis de Kish

I. FIGURA Á ESQUERDA:

ΟΤΛΟΣ † ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ
ΒΊΟΣ "ΣΌΟΣ ΙΣ
ΒΙΟΤΟΣ ΒΙΟΤΗ
ΙΣΟΣ ΒΊΛΣ

PENA, DÓ, DEUS
JUPITER,
VIDA, SÃO E SALVO,
FORÇA, BENS, FORTUNA, MANEIRA DE
VIVER, IGUAL,
UNIDO E PUJANÇA

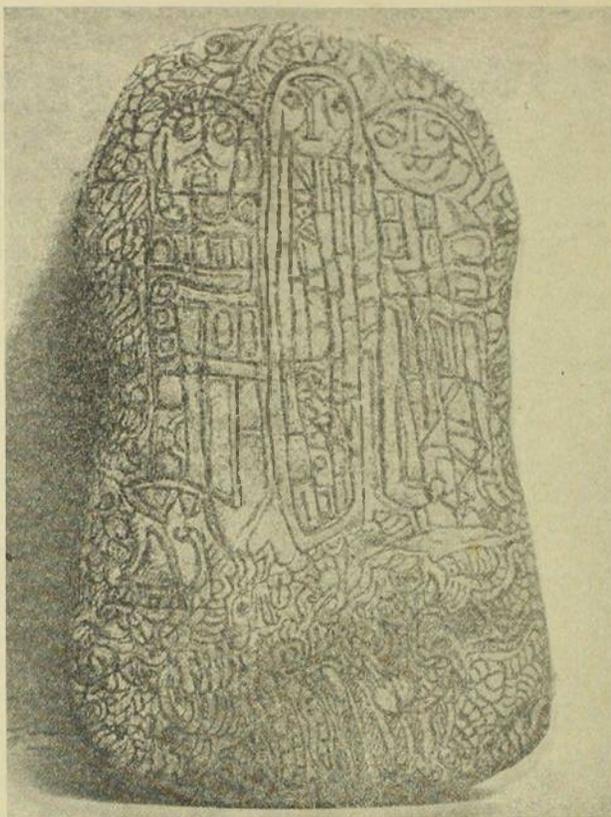



Fig. 475 — Talisman ou pedra votiva em tamanho natural — Rio Madeira — Amazonas

II. FIGURA AO CENTRO:

| ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ † ΣΙΆ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΒΙΟΣΤΙΧΟΣ ΙΣ ΙΣΟΣ ΒΊΟΣ ΒΙΛΣ ΨΙΕΙΣ

DEUS JUPITER, DEUSA VENUS, VITALIDADE, FORÇA, IGUAL, UNIDO,
A VIDA PUJANTE, FELIZ, AFORTUNADA

III. FIGURA Á DIREITA:

ΟΔΙΟΣ,

ΒΊΟΣ, ΒΊΑΣ, ΒΊΟΣ ΒΙΟΣΤΙΧΟΣ

QUE É DE FELIZ VATICINIO AO VIAJANTE, VIDA, PUJANÇA,
VIDA COM VITALIDADE

FIGURA AO CENTRO:

" ΙΔΙΟΣ

ΟΔΙΟΣ

ΛΙΘΟΣ

ΔΙΌΣ

ΒΙΟΣ " ΟΣΟΣ

ΙΣ • ΣΌΟΣ

ΒΊΑΣ

ΒΙΟΣΣΌΟΣ

ESPECIAL, QUE É D'UM FELIZ VATICINIO AO VIAJANTE. PEDRA PRECIOSA DE JUPITER. VIDA MUITO CONSIDERAVEL ! FORÇA ! SÃO E SALVO ! PUJANÇA E QUEM SALVA A VIDA !

*

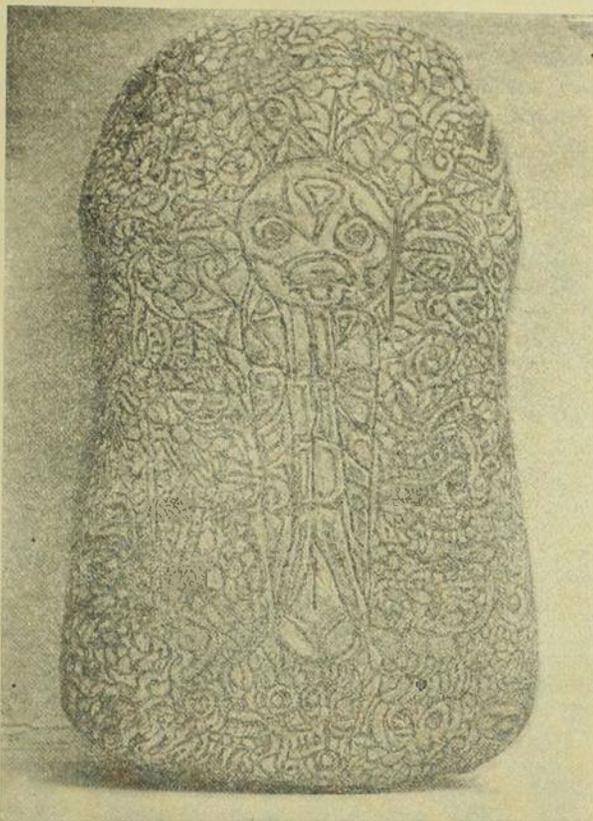



Fig. 476 — Talisman ou pedra votiva em tamanho natural — Rio Madeira — Amazonas

Os numerosos exemplares ceramicos recolhidos ao nosso Museu Nacional, dos quaes já nos occupámos ligeiramente, estão, em quasi sua totalidade, aguardando a interpretação paleographica conveniente, mas encerram, pelas conclusões tiradas dos já estudados, grande valor, sob varios pontos de vista.

Além do casual desmoronamento das barrancas de Miracãuera, vasta necropole situada pouco acima de Itacoatiara, á qual já nos referimos, nenhuma investigação se tem levado a effeito em nossa região.

O pouco que temos colhido, é producto do esforço particular nosso, em excursões epigraphicas, muito differentes das archeologicas, em cuja ordem de estudos está a excavação da ceramica soterrada, execução mais dispendiosa e demorada. Mas, a conveniencia valiosa da sciencia preponderará um dia sobre o indifferentismo, com que até hoje se vem encarando a nossa prehistoria, cujos elementos irradiam pasmosamente nesta parte do continente Americano.

Depois de havermos visitado os celebres monumentos originarios da antiga Grecia e bem observado o admiravel Museu Ceramico de Athenas, do qual guardámos como

lembrança a photographia reproduzida na fig. 481, jamais nos escaparam da memoria os bellos arabescos, figuras e gregas, delineados com artisticas expressões, sobre a ceramica e as rudes estatuetas, até nas grandes obras de admiravel primor.

Que prazer nos suggeriu o encontro de specimens com lavores semelhantes, nesta assombrosa região, outr'ora denominada, por um lado, Terra do Povo Iliada e, por outro, Terra de Jupiter ou Divina ?

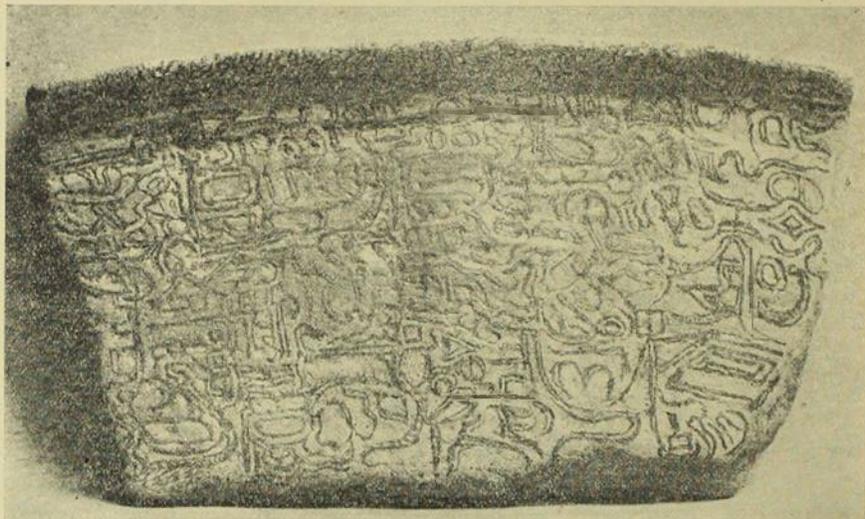



Fig. 477 — Escriptura em caracteres do primitivo grego em ceramica (tamanho natural) encontrada no Rio Urubú (Amazonas)

ΙΣ ΌΣΟΣ ∻ΣΙΌΣ ·ΔΙΌΣ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ
+ΣΙΌΣ ΌΣΟΣ ΔΙΌΣ ΒΙΟΣΣΌΟΣ ΒΊΟΣ
ΔΙΌΣ+ΣΙΌΣ ΌΣΟΣ ΒΊΟΣ
ΔΙΌΣ ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ ΒΙΟΤΟΣ ΒΙΟΤΕΙΑ ΟΣΟΣ.
∻ΣΙΌΣ ·ΣΌΟΣ ΙΣ ἩΛΕΩΦΌΡΟΣ ΒΙΑΣ ΒΙΟΣ.
∻ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ∻ΣΙΆΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΟΔΙΟΣ ΒΙΟΣ
ΒΙΟΤΕΥΩ ΒΙΟΣΤΙΧΟΣ +ΒΊΟΣΦΑΓΩΣ.
ΒΙΟΓΟΣΧΟΙΙΟΣ ΒΟΗΘΟΣ ¨ΑΒΙΟΣ ΔΙΌΣ
+ΣΙΌΣ ΒΊΑΣ

FORÇA TÃO GRANDE DO DEUS JUPITER A VIDA E PUJANÇA. DEUS TÃO CONSIDERAVEL É JUPITER, QUE SALVA A VIDA Á HUMANIDADE.

JUPITER DEUS, TÃO ADMIRAVEL DA HUMANIDADE. JUPITER DÁ A QUEM FALTA, MEIO DE VIDA, BENS DE FORTUNA OU MEIO DE SUBSISTENCIA TÃO CONSIDERAVEL.

DEUS ! SÃO E SALVO COM FORÇA DA GRANDE JORNADA PUJANTE DA VIDA.

DEUS JUPITER E DEUSA VENUS, QUEM PROTEGE O VIAJANTE, A VIDA, PARA SE SUSTENTAR A VITALIDADE, DÁ MORTE VIOLENTA.

QUEM PRESIDE Á EXISTENCIA, O DEFENSOR DO POBRE INDIGENTE E' JUPITER, DEUS PUJANTE

Esses fragmentos ahi estão em profusão, como as inscripções esculpidas indelevelmente em gigantescos blócos, á mercê dos scientistas, credulos ou não, nesse assumpto americanista; bem assim, o que suppomos, fortes vestigios de admiravel tinta com a qual, no Nordeste e Sul, seriam executadas nas grutas e cavernas as enormes variedades de figuras e interessantes inscripções, que ainda subsistem atravez de seculos, e têm suggerido varias conjecturas.

Decifradas as inscripções marginaes, como acontece, denunciando a existencia da séde de ancoradouro, da fiscalização, do professor de declamação, de contabilidade, de philosophia, de noções sobre hygiene, etc., é intuitivo que nesses locaes existem fragmentos de ceramica, nos quaes certamente devem estar compendiados os elementos, regras e ensinamentos essenciaes desses assumptos, como seria natural acontecer, atravez das phases graduaes de então, quanto ao progresso artistico, scientifico, etc. É isto, em grande escala, que existe nesses monumentaes archivos ceramicos de obras litterarias e scientificas.

Uma vez provado, como está, que o systema Assyrio da escripta cuneiforme era o mesmo seguido pelos gregos em seus peculiares caracteres nesta parte do Continente, resta pesquizar methodicamente, visto ainda não ter sido isto feito senão do modo rapido, como nos fôra permittido.

Outras vantagens tradicionaes nos revelarão esses fragmentos ceramicos, que tão alto valor ellucidativo representam na vida da humanidade.

*

E' pois nosso intuito, investigar, e não perder os elementos valiosos esparsos, externados por todos os que se vêm occupando do complexo assumpto prehistorico Americano, e é neste proposito, que vamos resumir as eruditas palavras do notavel scientista M. de Nadaillac (*Rev. de Anthropologia*, tom. IV. 1881, ps. 639-680), sob a epigraphe: — *O vasilhame dos antigos habitantes da America*, e de permeio ás nossas gravuras:

« Os *Mounds* são ajuntamentos de terra cuja fórma é essencialmente variavel. São redondos, ovaes, quadrados, mas raramente triangulares; sua altura varia de alguns centimetros a 20 metros, seu diametro de 1 a 300 metros. Os destinados a um rito religioso terminam por uma plataforma, á qual chegamos por uma rampa de accesso; muitas vezes não é possivel subir aos outros senão á custa dos maiores esforços, tão verticaes são as paredes. Ora estão levantados no cume de uma collina, ora se extendem pelos valles sem plano regular; outras vezes os vemos enfileirados systematicamente e encerrados nos recintos com muros igualmente de terra e fossos, quasi sempre interiores. Porém, todos, qualquer que seja a sua fórma, o seu tamanho, a sua posição, apresentam entre si notavel analogia: são evidentemente producto de uma mesma raça de homens, soffrendo as mesmas influencias e operando debaixo do imperio das mesmas causas. Dirigem-se para as margens do Mississipi, do Missuri e do Ohio, nas vastas regiões que se extendem do Atlantico ao Pacifico, dos grandes lagos do Canadá ao golpho do Mexico.

Descendo o immenso continente que forma as duas Americas, encontramol-os em Guatemala e no Yucatan, no Brasil e no Uruguay,

Wells refere que em Honduras os *vaqueiros* acham, e isto até nas florestas, onde é preciso abrir caminho de machado em punho, *Mounds*, muitos de uma altura notavel, e que cada um desses *Mounds* fornece de dez a trinta vasos de barro diversos. Estes *tumuli* se apresentam tambem nas margens da Baliza, e lhes devemos menção especial,

porque são cingidos por um circulo de pedras que conduz a tomal-os pelos *cromlechs* da Europa. Em 1876, emfim, o Dr. Zeballos referia, nessa mesma revista, as excavações de um *tumulus* de fórma elipsoide de 2m,50 de altura por um diametro de 80 metros, situado perto de Campana, na provincia de Buenos Aires.

Quasi todos estes *Mounds* são sepulturas que puderam recolher innumeros vasos funerarios de todas as fórmas, inteiros ou fragmentados. . .

Nos valles do Missuri é que encontrámos os mais interessantes vasos de barro, tanto pela fórma como pela ornamentação. O paiz tinha sido habitado por uma raça de homens, possuindo cidades, um governo, um systema religioso, gostos artisticos, uma raça muito superior aos miseraveis Indios, que os Francezes, os primeiros exploradores do Missuri e do Mississipi, tiveram de combater. . . Assim, entre os vasos descobertos no estado de Vermont, não citam senão seis encontrados intactos. Estes fragmentos, com uma conservação que desafiou os seculos, conservam os testemunhos immortaes dos costumes, dos habitos, dos gostos destes homens, a quem nem mesmo sabemos que nome dar. Sob este aspecto a sua importancia nunca seria exaggerada.

A ceramica fabricada na America, comparada com a da Europa durante o mesmo periodo de desenvolvimento, era evidentemente superior; eis ahi a primeira observação que se impõe.

É provavel tambem que um grande numero destes fragmentos que existem, sem data para nós, remonte a épocas afastadas. É raro, com effeito, que estejam associados a objectos de metal, e as unicas armas dos *Mound-Builders* eram machados, facas ou flechas de silex, que se assemelham, na fórma e no trabalho, aos de nossas regiões, durante esses tempos que os archeologos chamam a idade da pedra.

. . . Se, mesmo, o que parece duvidoso, esta louça remonta a épocas identicas, as differenças que notámos podem-se explicar pela raridade, a ausencia mesmo de toda a communicação entre as tribus dispersas em vastas extensões de territorio, e absorvidas pelas difficuldades materiaes da vida.

. . . Se compararmos, com effeito, o vasilhame proveniente dos *Mounds* com o das povoações lacustres da Suissa, entre as quaes é permittido suppôr um gráo analogo de civilização, ficaremos surprehendidos da inferioridade deste ultimo.

Não é só nos *Mound-Builders* que recolhemos estes variados vasos de barro; os *Clif-Dwellers* e os habitantes de *pueblos* nada lhes ficam a dever a este respeito. Os intrepidos roteadores da sciencia que percorrem a California, a Nevada, o Arizona, o Novo Mexico, o Colorado, o paiz dos Marmons, todo esse mundo novo, quasi desconhecido ha poucos annos ainda, enchem-se de admiração pelo numero de fragmentos de vasos que encontram a cada passo. . .

E' sobretudo nos diques (canons) ou valles formados pelos Mancos, o Mac Elmo e por seus affluentes que estas ruinas se encontram. "Que nós figuremos, escreve um viajante recente, um rio posto em secco, encaixado em rochas de gres vermelho, escarpadas e sem nenhum accesso, de uma altura de 1.000 a 1.200 pés e um homem em pé neste valle, contemplando em todos os andares as habitações de seus semelhantes, tal é o espetaculo que se nos apresenta a cada passo". Os rios estão seccos, quer pelo effeito de mudanças climaticas, quer pela destruição das florestas, de que começamos apenas a suspeitar a importancia; a agua desappareceu e, com ella, a vegetação e a vida. O homem fugiu destas regiões inhospitas, porém não para sempre, esperamol-o; pertence á sciencia do homem

fazer renascer o que o desmazelo do homem destruiu, e não será uma das menores glorias do nosso tempo a de fecundar de novo estas regiões desoladas.

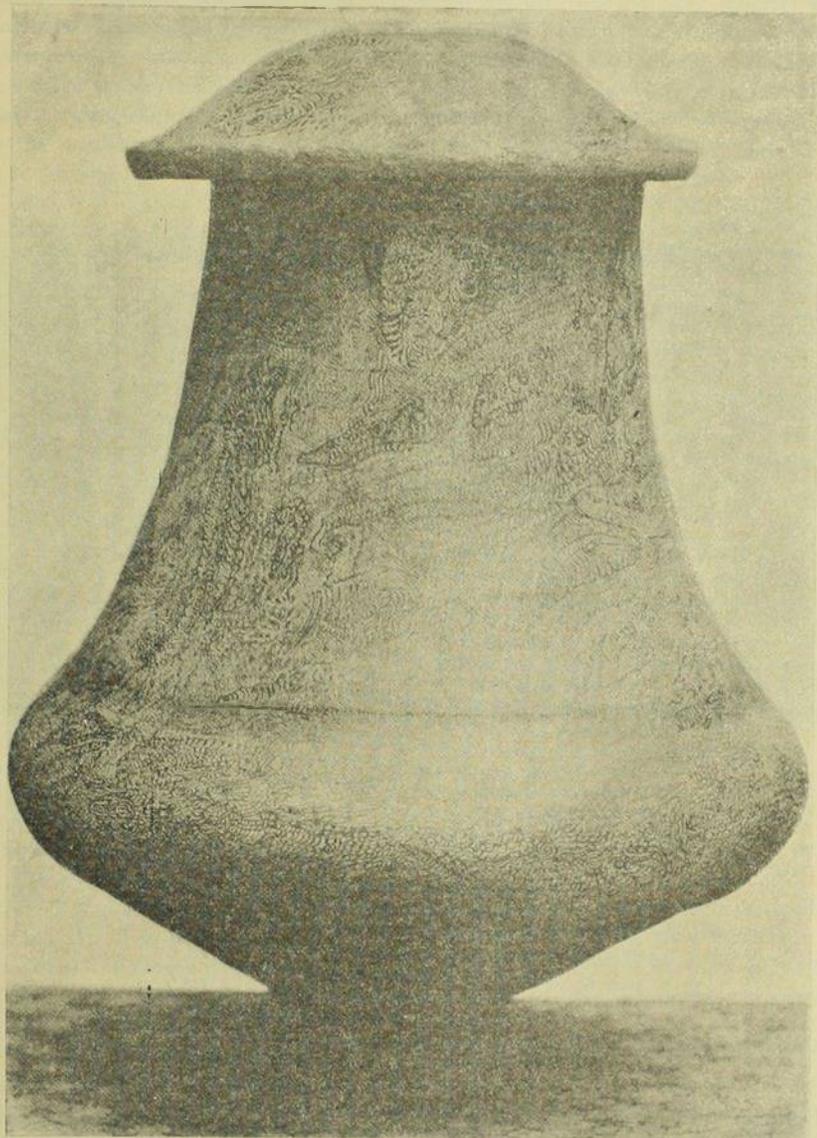



Fig. 478 — Um dos lados de uma urna funeraria em ceramica, encontrada na necropole Miracãuera, com arabescos por nós restaurados (Itacoatiara, Amazonas)

Em geral, a ceramica dos *Cliff-Dwellers* é muito superior á dos *Mound-Builders*. . .
. . . Vemos muitas vezes, como nos *Mound-Builders*, fragmentos nos quaes, linhas,

desenhos geometricos foram traçados com um instrumento ponteagudo. Mas os vasos dos *Cliff-Dwellers* apresentam gravuras mais complicadas que nos levam a tomal-os por vasos etruscos. Os desenhos dos da Arizona se assemelham aos ornamentos traçados nas paredes do templo de Mitla. Outras vezes as diversas peças são ornadas com figuras humanas ou representações de animaes. Nos *Mound-Builders*, o pato era, em geral, a ave escolhida; os *Cliff-Dwellers* parecem preferir o mocho. Em resumo, se a louça de barro destes é de um typo superior á recolhida nos *Mounds*, ella o é ainda mais do que a que fabricam hoje os oleiros do Rio Grande ou do Gila.»

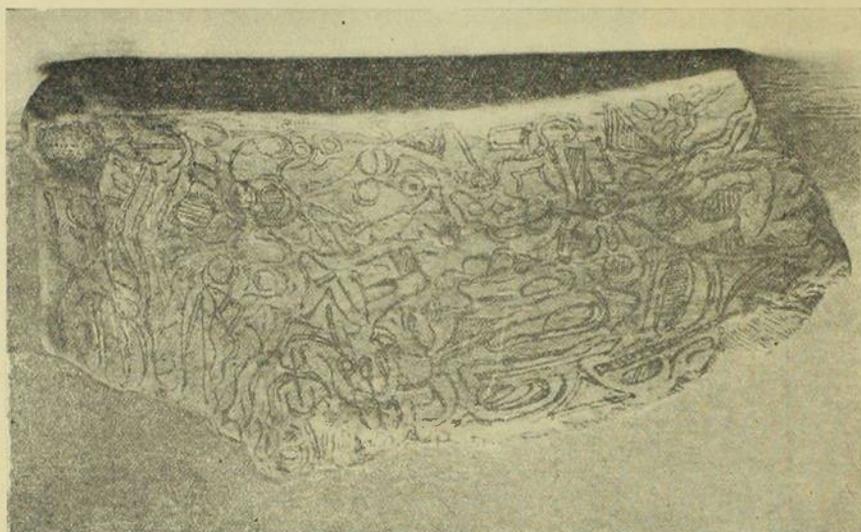



Fig. 479 — Escriptura em caracteres do primitivo grego em ceramica, tamanho natural, encontrada no rio Uatumã, Amazonas (primeira face)

"ΟΔΙΟΣ ΛΙΘΟΣ ΟΔΕΓΙΑ·ΟΣΟΣ ΙΣ.

∴ΣΙΟΣ ·ΔΙΟΣ ·ΟΧΟΣ ΒΙΟΣ ΣΟΟΣ∴ΣΙΑΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ.

ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ, ·ΟΧΟΣ∴ΣΙΟΣ∴ΣΙΑΣ∴·ΑΓΑΓΑ

ΒΙΟΣ·ΣΟΟΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣΜΟΣ.

∴ΣΙΟΣ ΔΙΟΣ∴ΣΙΑΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ!

ΨΙΕΙΣ. ΨΙΕΙΣ. ΨΙΕΙΣ ∴ΣΙΟΣ·ΔΙΟΣ∴ΣΙΟΣ·ΔΙΟΣ∴ΣΙΟΣ·ΔΙΟΣ

QUE É D'UM FELIZ AUGURIO AO VIAJANTE, PEDRA PRECIOSA, DIRECÇÃO TÃO CONSIDERAVEL Á FORÇA.

DEUS JUPITER TENAZ, É QUEM SALVA A VIDA E A DEUSA VENUS. VIDA E PUJANÇA TENAZ.

DEUS E DEUSA A CONDUZIR A HUMANIDADE SÃ E SALVA DO VIVER DE CONSTRANGIMENTO.

DEUS JUPITER, DEUSA VENUS!

FELIZ AFORTUNADO, FELIZ AFORTUNADO, FELIZ AFORTUNADO.

DEUS JUPITER, DEUS JUPITER, DEUS JUPITER

*

« Se sahimos das regiões que formam o immenso territorio dos Estados Unidos, para subir em direcção ao norte, ser-nos-á necessario mencionar os vasilhames recolhidos nas cavernas da ilha *Royale* (lago Superior) e os encontrados em Ochelaga e em Beaver Hall (Canadá). Elles offerecem decorações identicas ás dos vasilhames que as excavações deram nos tumulos merovingeos do noroeste da França. Os mesmos desenhos o mesmo *pontilhado*, as mesmas estrias, os mesmos denticulos.

É necessario que desçamos agora para o isthmo... Tambem lá teremos de fallar dos innumeros vasos de barro que os exploradores encontraram. Nas *huacas* de Chiriqui... No Nicaragua... A 5 ou 6 leguas de Tehuantepec... Os *tumuli* situados no valle de Tennessee, riacho que desagua na bahia de Tampico... Em Zacilla, na provincia de Oajaca.....

O vasilhame é raro no Yucatan e no Chiapas, onde, porém, ruinas grandiosas indicam a mais adiantada civilização e a mais desenvolvida riqueza de toda a America central...

É preciso mencionar tambem uma gruta situada no valle do rio Nazas (provincia de Durango) contendo milhares de mumias pertencendo a uma raça bem distincta dos Indios actuaes. Ao lado destes despojos humanos, recolheram-se pontas de flechas de silex e vasos de um lavor notavel, recordando, por sua decoração, a arte do antigo Egypto...

O Sr. Perrot compara os vasos peruanos aos encontrados na ilha do Chypre, "o mesmo *tom* da pasta, *terna* e como que desmaiada, diz-nos elle, os mesmos desenhos, lozangos e galões (*chevrons*), espiraes e circulos concentricos, os mesmos contornos de uma affectação singular".

Os vasos peruanos — A forma é, ás mais das vezes, ovoide e é indispensavel um pé especial para os descançar. Porém achámol-os, e isto nas mais antigas sepulturas, cujas fórmas são absolutamente semelhantes ás usadas em nossos dias; muitas vezes estes vasos são decorados com gregas... Não ha collecção peruana sem possuir destes typos que se approximam curiosamente dos que nós acreditámos até aqui, serem o apanagio exclusivo do antigo continente.

O Brasil, a terra mais antiga do globo, era habitada no principio do seculo XVI, quando os Portuguezes o descobriram, pelos Tupinambás, raça conquistadora estabelecida nas costas, e pelos Tapuyas, cujo nome significa extrangeiro ou inimigo, que viviam no interior do paiz... acabam de descobrir, principalmente na ilha de Pacoval, Marajó, e na Taperinha, no rio Tapajós, numerosos fragmentos de vasos de barro... Descobriram um certo numero de urnas semelhantes contendo todas ossos humanos. Por força, devem remontar a tempos afastados, pois que tudo que sabemos do modo de vida dos Tupinambás ou dos Tapuyas, e em particular de seus ritos funerarios, não permitte que lh'os attribuamos.

Se o fabrico do vasilhame remonta, na America, aos primeiros tempos conhecidos até hoje da existencia do homem, este fabrico continuara durante longas gerações e o vemos ainda florescente, ao menos no Mexico, no Pará e em alguns *pueblos* da America central, na occasião da chegada dos Hespanhóes... O que é mais certo ainda, é que ella (a ceramica antes do seculo XVI) ultrapassa muito a capacidade dos Indios selvagens e nomades, miseraveis herdeiros, não podemos dizer descendentes, das raças civilizadas de mais differente maneira do que as que as tinham precedido no solo do novo mundo. É conveniente não fallar aqui da progressão constante da humanidade como de uma lei geral

e sem excepção. Sem duvida, esta progressão soffreu paragens; sem duvida, a historia registra retrocessos, regressões, se me posso servir destas palavras, em certas povoações e em certas regiões...

Mas se os povos desapparecem, se as raças se estiolam, se extinguem; se muitas vezes a selvageria vem substituir a civilização e a areia do deserto apagar até o nome e recordação do homem, e é isso a lei geral, a humanidade, tomada em globo, continúa a sua marcha ascendente.»

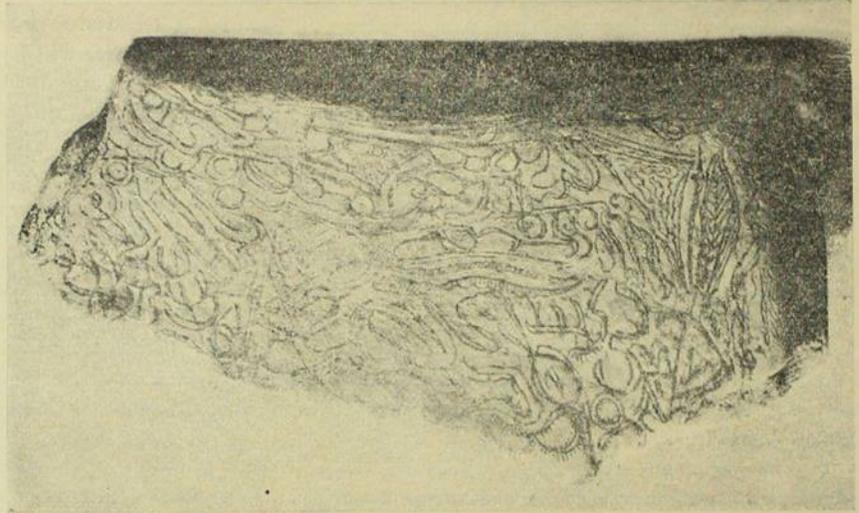



Fig. 480 — Escriptura em caracteres do primitivo grego em ceramica tamanho natural, encontrada no Uatumã, Amazonas (segunda face)

ΣΙΟΣ·ΔΙΟΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ ΟΣΟΣ ΨΙΕΙΣ ΨΙΕΙΣ ΨΙΕΙΣ
ΣΙΟΣ ·ΔΙΟΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ ΒΙΟΣ ΒΙΑΣ ΟΣΟΣ
ΒΙΑΣ ΒΙΟΣ
ΒΙΟΣΣΟΟΣ ·ΔΙΟΣ
ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ ΙΝΑ ΣΘΕΝΩ ΒΑ ·ΔΙΟΣ!

DEUS JUPITER, VIDA, PUJANÇA TÃO CONSIDERAVEL E FELIZ AFORTUNADO, FELIZ AFORTUNADO, FELIZ AFORTUNADO,
DEUS JUPITER, VIDA E PUJANÇA, VIDA E PUJANÇA, VIDA E PUJANÇA MUITO CONSIDERAVEL, PUJANÇA E VIDA. QUEM SALVA A VIDA É JUPITER. PROJECTA AO LONGE TUA SOMBRA AFIM DE SER FORTE, AH! JUPITER!

«O renascimento de um povo, a dispersão de outro, a formação e o aniquilamento de um imperio, a conquista e a derrota, o proprio tempo, este grande actor do drama, outras causas ainda, operam n'um sentido invariavel, cuja historia permitte seguir as diversas phases.

A America forneceu uma prova nova. A uma civilização que apenas principiamos a conhecer, succedeu-lhe outra, devida a novos *advindos*, os Peruanos e os Mexicanos, alumiada pelos primeiros clarões da historia. Esta propria civilização estava já em sua decadencia, no tempo em que a chegada dos *Conquistadores* veio trazer a estas regiões os elementos de uma nova sociedade, da qual a posteridade poderá um dia apreciar o desenvolvimento.

Ha outra conclusão, que se deriva, parece, de tudo que sabemos dos primeiros tempos em que o homem viveu. Os silicios, ora grosseiramente esboçados, ora polidos por um trabalho perseverante, apresentam uma analogia de fórmas que não deveriam escapar ao observador. Achámol-os nos *tumuli* da Siberia, nas sepulturas do Egypto, no solo da Grecia, nos grosseiros monumentos da Escandinavia, como nas florestas e nos *Mounds* do Novo Mundo; mas quer procedam da Europa ou da Asia, da Africa ou da America,

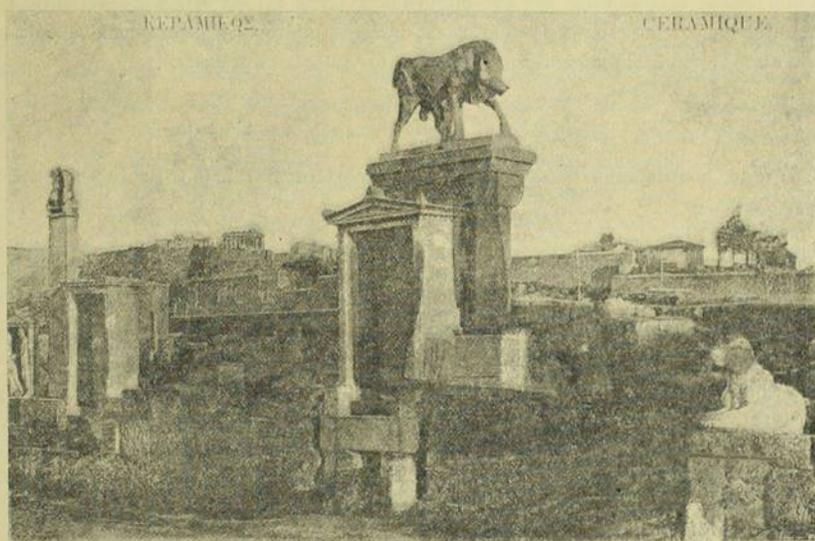



Fig. 481 — Vista de uma parte externa do Museu de Ceramica da antiga Grecia, em Athenas

elles são de tal sorte identicos na fórma, na substancia, no trabalho, que os poderiamos facilmente julgar como obra dos mesmos obreiros.

. . . Nas margens do Atlantico e do Pacifico, pyramides, estatuas colossaes, monumentos grandiosos, lembram os da Assyria e do Egypto; por toda a parte a architectura e a esculptura offerecem pontos de contacto verdadeiramente notaveis. Nesses *pueblos*, perdidos hoje no deserto, as pedras estão apparelhadas como nas construcções da velha Roma; os motivos da ornamentação dos Mexicanos e dos Peruanos nós os encontrámos nos vasos de bronze que os Chinezes fabricavam no começo da éra christã, e eis que os humildes cacos de vasos de barro, desdenhosamente calcados aos pés do viajante, vêm ajuntar uma pagina nova a esta historia singular.

Por toda a parte a argilla foi amassada e misturada com as substancias que melhor favorecem a sua consistencia; por toda a parte o homem a soube cozer e lhe dar as mais apropriadas fórmas ás suas necessidades, e por toda a parte estas fórmas são identicas!

Se percorrermos os museus, se lançarmos os olhos pelas gravuras que acompanham os trabalhos especiaes, pelas que nós reproduzimos, não nos espantaremos mais de ver os archeologos compararem a arte peruana e mexicana á arte dos *Cliff-Dwellers* e dos proprios humildes *Mound-Builders*, a arte egypcia ou etrusca, á arte grega ou franca. E comtudo os povos antigos, e os da idade media, ignoravam a existencia mesmo do continente Americano.

Tudo prova que esses homens, separados por mares ainda intransitaveis, não puderam ter relações muito repetidas para que os seus conhecimentos e suas artes fossem derivadas de uma fonte commum; tudo prova, que, se essas communicações existiram, se perdem na escuridão de um passado tão longinquo, que é quasi impossivel apoiar n'uma tão fraca hypothese estas maravilhosas similitudes de concepção e de execução.

. . . Os velhos habitantes do antigo e do novo continente são semelhantes por sua estructura ossea, semelhantes por sua intelligencia; elles elaboram nesta intelligencia os mesmos desejos, os mesmos pensamentos, as mesmas concepções; conhecem as mesmas necessidades de vida, empregam os mesmos meios para as satisfazer. »

*

Isto feito, continuamos a nos referir aos importantes trabalhos sobre ceramica de Ladislau Netto.

* * *

Falla-nos ainda Ladisláo Netto, no VI capitulo: — Da inhumação dos cadaveres fóra das collinas sagradas — Das urnas encerrando unicamente os ossos do morto e do modo de as prepararem para esse fim — Das contas ou perolas attribuidas aos Phenicios, achadas entre artefactos de pedra na então Provincia do Rio Grande do Sul, etc.

O nosso intuito é, não perder os elementos que concorram para demonstrar que as inscripções, em quasi sua generalidade, não são meros arabescos e nem deixaram de obedecer aos instinctos artisticos dos seus autores, offerecendo por esse meio argumentos vantajosos, para conclusões de alto alcance prehistorico.

É, sem duvida, a ceramica, com seus variantes arabescos, uma grande auxiliar para o nosso emprehendimento; em virtude disto, não podemos desprezar o seu estudo profundamente meticuloso levado a effeito por Ladisláo Netto, como o de outros pontos interessantes, resumindo suas palavras e desenhos, maxime permanecendo grande numero de exemplares curiosissimos no nosso Museu Nacional, e sendo o seu trabalho de caracter official e de rara divulgação. É de lamentar esta ultima circumstancia.

« Numerosas tribus da America e em particular do valle do Amazonas, diz o autor, têm ainda hoje por costume guardar com os cuidados de uma quasi piedade christã os ossos dos entes queridos que lhes fallecem, mas sem a menor attenção a qualquer outra parte dos despojos do morto. A mumificação é ainda hoje e era outr'ora, se não desconhecida, pelo menos descuidada entre estas tribus. Os *mound-builders* de Marajó que seguiam semelhante preceito deviam enterrar os cadaveres dos seus parentes nas planicies da ilha, periodicamente cobertas pelas enchentes annuaes e talvez até em vallas profundas, onde a agua permanente mais depressa decompuzesse as carnes do cadaver.

De muitas tribus que assim procedem é sabido que nem esperam sequer a completa decomposição da carne. Em lhes parecendo sufficiente certo tempo fixo para a putre-

facção dos musculos, extrahem os ossos mal despidos dos mesmos musculos e os limpam ou despojam da substancia molle putrefacta, seccando-os ao sol e guardando-os depois em cestos ou em vasos de barro (1).

Na ilha de Marajó e mais particularmente no *mound* do Pacoval os ossos eram depositados de varios modos nas urnas; n'umas, os havemos encontrado reunidos em um pacote no fundo do vaso e atados com tiras de uma casca que nos não foi possivel determinar, mas que evidentemente é de planta textil; n'outras parecem ter sido envolvidos em terra, de permeio com fragmentos de vasos, como para ficarem mais comprimidos e encher assim completamente a urna.»

«Sobre esta particularidade é bem difficil conceber, como já deixei exposto, a idéa que tinham da vida d'além tumulo os homens primitivos. Comprehende-se perfeitamente a crença n'essa existencia em povos que, como os Egypcios e os Peruanos, mumificavam os seus mortos, os premuniam de qualquer elemento de destruição e os rodeavam de todos os preservativos contra o aniquilamento subsequente á morte, ministrando-lhes até o alimento indispensavel á idéal existencia ou á presupposta jornada da vida eterna: mas não é facil imaginar a mesma convencionalidade com relação a individuos cuja carne se decompoz á acção corruptora das terras alagadas dos pantanos, aos dentes dos peixes e ás mandibulas das formigas, e cujos ossos são ainda envolvidos em terra, no proprio interior da urna funeraria a que são confiados.

Não sei se tambem se usavam encinerar parcialmente os ossos áquelles individuos de cujos caracteres tão poucas ou tão raras vezes se approximam os povos mais conhecidos da America.

Dous ou tres craneos foram, é certo, encontrados no Pacoval meio calcinados no interior das urnas, e é de crer que outros testemunhos identicos ainda se nos possam deparar em demonstração d'esta pratica; porém, não deve ser ella havida, ao meu pensar, senão por excepção entre os nossos *mound-builders*. Demais, não se póde com segurança discutir este facto porque nem certeza ao menos temos de pertencerem taes craneos encinerados aos *mound-builders* (2).

O que mais nos interessa conhecer é o modo porque se preparavam as urnas para receberem o deposito sagrado que se lhes confiava, que n'isso, cuido eu, empenhavam-se esforços e applicava-se todo o engenho de que dispunham os artistas da tribu.

As urnas deviam ser feitas depois do trespasse do individuo, cujos ossos eram destinados a guardar. O trabalho que exigia cada vaso mostrava-se tão multiforme quanto póde ser variavel o gráu de apreço ou de valor e de poder attribuidos ás pessoas mais ou menos distinctas de uma nação, embora pequena e semi-barbara.»

«De milhares de fórmas diversas, quer no tocante á conformação dos mesmos vasos, quer nas suas decorações gravadas ou pintadas, uma só, cujos caracteres serão mais adiante mencionados, se me afigura representada por alguns specimens: as outras, ainda que sob

---

(1) Os indios Maories da Nova Zelandia tinham por costume expor o cadaver dos seus mortos em plataformas especiaes até a decomposição da carne, depois do que lavavam os ossos e os guardavam em uma caixa que depositavam sobre uma pilastra junto da povoação. Dieffenbach *Nouvelle Zelande*, vol. II, p. 63.

(2) Os indios agigantados do interior de Santa Catharina, denominados Botocudos e que julgo serem os mais bravios e ferozes de toda a America do Sul, conservam a pratica da encineração. Estes selvagens, que não usam de louça, queimam os cadaveres dos seus parentes e enterram-lhes os ossos em cavidades preparadas no solo com perfeição tal que parecem urnas mettidas no chão. Sobre cada cavidade em que se encontram ossos calcinados de permeio com carvão erguem pequenos cones de terra, mais ou menos altos, conforme a importancia do fallecido. Para os Caciques, estes cones são de metro e meio a dous metros de altura, sendo de meio metro para os individuos communs. (Apontamentos colhidos do relatorio inedito do engenheiro Diogo de Vasconcellos.)

a influencia de determinados caracteres, testemunhos da commum origem de todos os productos ceramicos, mostram entre si a maior diversidade. Em alguns d'estes vasos se observam vagos vestigios de uma juncção ou emenda que denuncia haverem sido elles formados de duas metades, como os fabricavam em diversos pontos do Perú. Não tenho, entretanto, efficiente prova de semelhante facto, que só me fôra dado explicar pela necessidade de guardar no interior de taes vasos, de bocca de ordinario mui pequena, os esqueletos ou os proprios cadaveres inteiros, como os conservam os indigenas do sul [1].

Ha, comtudo, algumas urnas cuja bocca, de exigua que a fizeram, não permitte nem ao menos a passagem de um pequeno craneo, e força será por isso admittir, ou que fossem ellas fabricadas em duas partes justapostas e soldadas ao depois, ou que estivessem os ossos dos craneos desarticulados, podendo ter sido tambem encinerados quando foram alli mettidos, posto me não pareça isso muito acceitavel.

Os vasos mais ricos, pela diversidade de fórmas, não são menos notaveis pela variabilidade da sua estructura e decoração, sendo muito de admirar que esta variabilidade não tenha a menor distincção no tocante ao nivel do solo em que foi inhumado cada vaso. As urnas pintadas, bem como os pequenos pratos e os alguidares, tambem pintados, apresentam indistinctamente a côr vermelha ou a côr quasi negra sobre fundo branco.

Algumas vezes, rarissimas, uma das duas côres ornamentaes deixa de apparecer e o vaso perde, assim, não pequena parte da sua belleza. A tinta branca, applicada como fundo da pintura, é composta unicamente de tauá-tinga, nome indigena já por vezes por mim empregado nas paginas precedentes e significando: argilla branca.

Geralmente a gommo-resina só é applicada no interior do vaso, no momento em que este, completamente cozido, é retirado quente em braza das chammas.

Na ausencia de quaesquer outros documentos que nos revelem os caracteres ethnologicos dos nossos *mound-builders*, procuremos descobrir estes caracteres na ceramica deixada por aquelles individuos. »

« Na collecção archeologica de Marajó, representada actualmente no Museu Nacional por grande numero de urnas de variadissimos tamanhos e lavores, sobresáe um grupo nobilissimo, quanto á sua quasi uniforme contextura, não menos que pelo grande numero de vasos que o caracterizam.

Este grupo, perfeitamente representado pela urna, fig. 169, compõe-se de vasos anthropomorphos do sexo fiminino com o caracter dualista, ás vezes.

Os adornos em baixo relevo d'estas urnas nada mais são do que a representação dos membros e dos orgãos do individuo, que se teve em mira imitar, embora com as phantasiosas convencionalidades, entre as quaes basta allegar a dualidade figurada em alguns especimens.

Ha, porém, nas mesmas urnas, um caracter que não posso deixar de mencionar, e ao qual se me ha prendido particularmente a attenção.

Quero referir-me ao adorno que exorna todo o vaso em fórma de meandros e de espiras discordantes, representando mais ou menos a verdadeira tatuagem polynesica. É, com effeito, a mesma gravura incisiva das cabeças dos chefes neo-zelandezes, das quaes possue

---

(1) Entre os manuscriptos e desenhos ineditos deixados pelo Dr. Carlos Rath, que por meio seculo viveu em S. Paulo e percorreu os sertões d'aquella provincia e da do Paraná, encontrei o desenho de uma grande urna contendo a mumia de um chefe selvagem, na mesma posição das mumias peruanas, tendo-se-lhe para isso atado os braços e as pernas com fibras.

O vaso, porém, que devia ter sido fabricado em duas partes para poder guardar a referida mumia, evidentemente não foi cosido depois de soldado, como não o podiam ser os que no Perú ou em Marajó contêm ossos inteiros e mumias.

o Museu Nacional dous bellissimos exemplares, sendo facil reconhecer pelo lavor das urnas, comparado com o das cabeças, o esforço do artista em figurar a propria pelle recortada.

Se fossem estes vasos simulacros de individuos do sexo masculino, eu me limitaria a pôr em relevo a similitude do facto entre os *mound-builders* marajoenses e alguns dos povos da Oceania, porque alli se tatuam todos os guerreiros e em particular os chefes experimentados nos combates; mas, ao contrario, são exclusivamente as urnas representantes do sexo feminino e todas ellas, em caracter de excepção, as que nos *mounds* de Marajó exhibem a tatuagem empregada pelas mulheres, de cujos despojos são depositarias.

Temos, portanto, um assumpto curioso a examinar n'este ponto: a tatuagem usada unicamente pelo sexo feminino e não por quaesquer mulheres, senão pelas que deviam ter sido as privilegiadas da nação.

O que se deve colher d'esta singular circumstancia ?

Que haveria, talvez, entre os *mound-builders* da fóz do Amazonas, uma classe de mulheres excepcionaes, sacerdotizas ou ainda semi-arbitras e auditoras nas questões bellicosas ou pacificas da nação ? Não proseguirei na sequencia de cogitações que se deduzem de semelhante facto [1]. Uma ponderação me occorre, comtudo, a respeito d'esta supposta e apparente superioridade de uma determinada classe do sexo feminino: é a circumstancia a que me referi no final do capitulo anterior, quando tratei da superioridade artistica de algumas mulheres entre os *mound-builders* amazonenses. »

« Mister fôra indagar agora se sómente na perfeição do trabalho propriamente ceramico se tornavam distinctas aquellas laboriosas descendentes dos emigrados das regiões do norte, ou se lhes cabia cumulativamente tambem o registro da historia da nação, registro de que temos alguns trechos na artefacção de que estou a dar aqui uma pallida e ligeira idéa.

Que povo seria aquelle, como vivia, que nivel de civilização havia attingido, como era governado e de que povos hodiernos mais se approximava ?

Sobre cada uma destas questões tive já ensejo de rapidamente tocar, receioso de inquirir com mais insistencia a respeito dos caracteres que lhes são essenciaes. É que cada uma d'ellas é um problema difficil, e melhor fôra dizer de impossivel decifração. »

« Entre as antiguidades da collecção Rhone, existente no Museu Nacional e exhumadas das visinhanças de Santarém, se me deparam duas figuras de prisioneiros que não será facil saber se representam individuos de alguma tribu visinha ou inimigos colhidos e trazidos de longinquas paragens.

Uma d'estas estatuetas mostra o prisioneiro com os braços atraz das costas e atados pelos cotovellos, fig. 482, e a outra um homem que chora, fig. 483, a julgar pelas linhas perpendiculares que lhe sulcam as faces.

Se, como creio, os primitivos habitantes de Santarem tinham parentescos mais ou menos proximos com os constructores das collinas de Marajó, ou eram descendentes d'estes, é muito de suppor que os dous prisioneiros em questão hajam sido igualmente

---

(1) Entre as ponderações que me occorrem acerca d'este assumpto se me depara a idéa das famosas cunhãpyáras (mulheres senhoras de si mesmas ou de suas entranhas), de quem haviam noticias todos os povos das cabeceiras do Amazonas, os quaes lhes davam por habitação a foz deste rio. É mui natural que no espirito de barbaros, habituados a ver na mulher um ente pouco acima dos animaes domesticos, produzisse grande impressão a independencia e a autonomia de que deviam gozar entre os *mound-builders* de Marajó as matronas ceramistas, pelas quaes mui provavelmente os marajoenses manifestavam testemunhos de estima e de respeito. A idéa de que eram essas mulheres as senhoras de si mesmas, isto é, de que não eram sujeitas aos homens da sua nação, foi meio caminho para a fabula creada no cerebro exaltado de Orellana.

estranhos ao povo Marajoara. Como quer que fosse, uma das referidas estatuetas tem o cabello enrodilhado á guiza de corôa no alto da cabeça, caíndo ao depois sobre as costas em grossa madeixa. A outra, figurando o individuo de braços atados nas costas, duas vezes maior que a primeira, está sem a respectiva cabeça, mas pendem-lhe sobre as espaduas nuas duas densas tranças, como se n'estes individuos houvesse o costume de trazerem os chefes esta divisa para se distinguirem dos representantes vulgares de uma só madeixa. Ao lado d'esta particularidade mostra-se, digno de attenção, o aspecto chinez do individuo que chora, não tanto pelos traços physionomicos, que os não póde mostrar nitidamente a face, em parte mutilada, como pelo penteado e preparo do cabello.»

Fig. 482 — Estatueta representando, de costas, um homem nú com os braços atados para traz e os cabelos divididos em duas tranças

«O mais singular, como prova de nada ter que ver este typo humano com a nação dos nossos *mound-builders*, é o não haver na collecção de cabeças de Marajó uma só que reproduza semelhante molde de cabeça ou de cabello; do que concluo serem os prisioneiros alludidos oriundos de região completamente desconhecida dos ceramistas da grande ilha.

Segundo tudo me faz presumir, os *mound-builders* do Amazonas vieram, é certo, ainda uma vez o repito aqui, de longinquas terras, de cujos attributos mal guardavam mui pallidas reminiscencias, pelos muitos embates que soffreram ao longo de demorado peregrinar. Entretanto, traziam algumas das feições de povos antigos do Norte, talvez dos *mound-builders* do Mississipe ou dos proprios toltecas, descendentes ou affins d'aquelles. Dotados de certa cultura intellectual e não contando grande numero de representantes, apossaram-se de alguns pontos da grande ilha de Marajó, dividindo-se por grupos de familias ou por tribus e estabelecendo-se em logares que os tornassem, pela disposição topographica dos pontos escolhidos, salvaguardados dos ataques dos povos barbaros das cercanias. Os *mounds* ainda hoje existentes e em grande numero erguidos de modo a ficarem sobranceiros aos lagos, aos rios e ás planicies annualmente alagadas, são eloquentes provas de que, não sem enorme trabalho e emprego de forças collectivas, os ergueram aquelles forasteiros para nelles guardar os despojos dos seus mortos e de cima d'essas improvisadas atalaias velar pela segurança de toda a tribu.

Fig. 483 *Fig. 484*

Estatueta representando, de frente e de costas, um prisioneiro (?) a pranteiar-se, com o cabello reunido em uma só trança. Gr. nat.

Quanto aos caracteres ethnologicos deprehendidos das fórmas das urnas funerarias ou dos artefactos achados no interior d'ellas, já em grande parte mencionados e analysados, começo por dizer que todas as urnas em que se guardavam ossos de mulher hão sempre apresentado, de permeio com os fragmentos quasi pulverizados dos mesmos ossos ou com a terra que os envolve, aquella singular especie de *Folium vitis*, a que anteriormente me referi e que, sob o nome de tanga ou *babal*, é vulgarmente conhecida hoje na archeologia brasileira.

Este adorno pertencia exclusivamente á pessoa para a qual havia sido feito, pelo que se deprehende das dimensões e fórmas varias observadas em muitas dezenas que d'elles possue o Museu Nacional.

Além disso, os desenhos, que têm por base uns seis ou oito padrões geraes, são tão diversos ou tal esforço se empregou em differençal-os nos lavores secundarios, que não ha dous perfeitamente identicos em toda a collecção. O que se nota, e é isso mui digno de re paro, são as graduações apresentadas n'estes or natos, indicando as numerosas classes que consti tuiam aquelle povo.

As mais pobres tangas, pertencentes ás mulheres mais obscuras da tribu, ás da plebe, em summa, são simplesmente pintadas de vermelho. As folhas de vinha das Evas obscuras da grande ilha não exi giam o mesmo cuidado empregado na modelação das outras. Faziam-se provavelmente sem medida nem modelo, com as desat tenções do *à peu près*, o que se reconhece pela falta de rigorosa sy metria e mais ainda pela ausencia do relevo observado nas tangas aristocraticas. »

Fig. 485 — Tanga ou Babal (Folium vitis) das mulheres primitivas de Marajó

«Estas ultimas são tão numerosas quanto as primeiras e não hesito em mencional-as como os mais delicados artefactos deixados pelos *mound-builders* marajóenses. São placas triangulares, curvilineas, ou melhor, são triangulos esphericos, ligeiramente irregulares nas extremidades e no encurvamento, quanto necessario foi a se poderem adaptar ao orgão a que eram destinadas. Em cada extremidade ha um orificio, pelo qual se deprehende immediatamente o modo pelo qual eram atados estes adornos. Chamo-lhes adornos porque eram, segundo penso, o unico objecto com que as morenas in sulares procuravam velar a sua nudez. Seria, po rém, a tanga um simples atavio de pudicicia ou devemos attribuir-lhe alguma utilidade hygienica ou significação de algum rito? Que fosse peculiar ao caracter da nubilidade, sup ponho-me de alguma sorte impedido de o affirmar, por haver encontrado um d'estes objectos com dimensões proprias da edade de 6 a 7 annos, sendo tambem possivel, entretanto, haver sido fabricado o pequeno especimen em questão como brinquedo de cri anças. Ordinariamente estas tangas eram fabricadas com muito mais cui dado que os vasos ricos. A argilla que lhes era destinada, depurada de quaesquer grãos de areia e muito mais cautelosamente pre parada que a da louça, achatava-se até adquirir a espes sura de 5 a 7 millimetros.

Fig. 486 — Tanga ou Babal (Folium vitis). Formato menor, com desenhos emblematicos

Talhado o triangulo, dava-se-lhe a concavidade necessaria, adelgaçando-se o precioso adorno gradualmente do centro para a peripheria, por modo que tivessem as bordas metade e muitas vezes menos da metade da espessura do centro. A pintura fazia-se depois de secca a tanga inteiramente á sombra, como de resto era de costume praticar-se com os mais trabalhos ceramicos.

Quanto á utilidade d'estes enfeites, bem possivel é que os trouxessem as mulheres de Marajó durante a menstruação, e n'este caso não fôra muito de admirar que subsistissem n'esta pratica a prescripção de um rito e a um tempo a necessidade de certas cautelas n'uma região infestada de dipteros, tão importunos quão numerosos.

Qualquer que fosse, porém, a causa determinativa do uso de semelhante adorno, é certo que lhe davam o mais alto apreço e um valor estimativo de custosa joia, que n'essa conta e valia mui provavel supponho a tivessem. E na verdade, o que de mais delicado se exhibe na pintura da ceramica aborigene de Marajó mostra-o esta especie de graciosos artefactos, compendiando na sua superficie, em delicadissimas miniaturas, todas as decorações da louça mais perfeita da Ilha.»

Fig. 487 — Tanga ou Babal (*Folium vitis*). Desenhos em meandros

«A tanga, portanto, não tinha, quanto a mim, a simples utilidade da compostura ou da preservação a que me referi precedentemente. Alguma nobre significação se lhe devia dar e attribuir, significação que não podia deixar de ter suas correlatividades com a phallolatria dos habitantes de Marajó, ponto unico da America onde vemos em simultaneidade o uso da tanga e a presença do phallus, sob tão grande variedade de fórmas exhibidas. Toca, porém, esta questão ás raias de um campo onde me tenho abstido de penetrar; evidente parece que, se ao uso da tanga está ligada a tradição de um culto ou a observancia de um rito, respeitado por um povo no meio do qual vemos tão commum a imagem do Phallus, não póde deixar esse culto de prender-se á phallolatria. Mas em tal caso o que deve ser a tanga senão a imagem do divino triangulo hindú, do tres vezes sagrado Yoni, fonte e principio do proprio Lingam? Bem se vê que não está na indole d'estas Investigações o insistir em semelhante assumpto, para o qual não se me depara sufficiente ponto de arrimo no minguado material de que disponho. Desenvolver este thema, dar-lhe o caracter de um principio justificado ou revestil-o com a peremptoriedade de um axioma, fôra nada menos que radicar directamente os *mound-builders* de Marajó na raça hindú, como se nenhum outro povo se lhe interpuzesse, como se de um salto houvessem transposto os milhares de leguas que distanciam o velho solo das margens do Indus ou do Ganges das praias orientaes americanas, ou como se de cima de semelhante unilateralidade comprobativa fosse admissivel argumento em favor de tão larga quanto arriscada intuição.

Fig. 488 — Tanga ou Babal (*Folium vitis*). Adornos symbolicos

Se a phallolatria existiu em Marajó com toda a ampliação e complexidade que lhe havemos notado em paginas anteriores, e mais ainda com a representação positiva e concreta do Yoni, por meio da tanga usada pelas mulheres dos nossos *mound-builders*, não padece duvida que algum vestigio do mesmo culto se devia ter já encontrado entre os povos antigos do Missuri, aos quaes provavelmente se enlaçaram outr'ora os marajóenses. Mas nem o Phallus foi alli indubitavelmente encontrado em caracter de idolo, nem houve

o menor vislumbre de qualquer adorno triangular em quantas excavações hão sido feitas naquellas paragens.

Entretanto, se taes argumentos se nos ante-offerecem para duvidar da authenticidade da phallolatria em Marajó, representada pelo culto do *Lingam* e do *Yoni*, exigem ponderações de outra ordem que não nos sirvamos de peremptorias negativas. *Laboremus*, tal deve ser por muito tempo ainda a senha dos investigadores entregues ao estudo das gerações que por longos seculos evoluiram antes de nós sobre o solo americano. Accresce mais que o *Yoni* ou o triangulo divino, a que se atinham tão de perto os principios da theogonia indiatica, parece haver sido adorado por todos os povos do antigo continnente, immiscuindo-se em todas as religiões e, o que mais singular se nos afigura, sempre velado por attributos que se prendem aos mysterios da suprema divindade. »

« Nem precisamos de tomar o bordão de peregrino para buscar nas longinquaes plagas do Oriente provas efficazes d'este facto. Quem ha que não conheça o espirito de mysteriosa e divina ascendencia attribuido ao *Signum Salomonis*, emblema ligado a todas as sciencias occultas, tão preconisadas até a edade média e em muitos centros populosos e adiantados da Europa até ha dous seculos passados ?

Perguntai á velha aia européa ou americana de raça indo-germanica para que fim serve o signo de Salomão, em ouro ou em prata, que traz pendente do pescoço a formosa criança de quem ella é guarda vigilante e solicita, e de prompto vos responderá ser aquella joia emblema sagrado e poderoso talisman, só por si bastante a conjurar todos os males a que está sujeita a infancia. Ora, esse talisman de todos os povos e de todas as phases da historia humana, sobre o qual dizem escriptores antigos haver escripto o erudito e imaginoso filho do rei-propheta um dos seus mais curiosos livros (1), não é outra cousa senão o duplo *Yoni*, isto é, a imagem de Yoni na sua representação dualista, que é a expressão mais elevada da divindade indiatica. E se assim nos mostramos ainda phallolatras perfeitos com o uso do *Yoni*, não seria muito de estranhar que o culto d'este symbolo se achasse enlaçado ao Phallus entre os primitivos marajóaras exactamente como na India. Todo o valor de um facto d'esta ordem estaria unicamente em se poder averiguar se consciente ou inconscientemente, ou melhor, se por transmissibilidade ou não de povos alienigenas, praticaram os nossos *mound-builders* o culto da phallolatria.

Fig. 489 — Tanga ou Babal. Fragmento em grandeza natural

Mas attingir semelhante *desideratum* nada menos seria que desvendar um dos trechos mais obscuros e de maior interesse para a historia primitiva das nações americanas. Ora, tal é a intricada urdidura debaixo da qual se oculta a evolução d'essa historia, que nenhum facto nos apparece em caracter de authenticidade e a prometter incontestaveis revelações que simultaneamente nos não venham para logo annullando todas estas esperanças e presumpções outros factos contrarios, porém de irrecusavel admissibilidade. Dir-se-hia propositalmente inventado contra cada testemunho, na apparencia

(1) Alguns auctores contestam que Salomão houvesse escripto a respeito d'este assumpto. E' mui singular, na verdade, que tenha sido o nome d'aquelle soberano ligado a este symbolo celeste de que se serviam os astrologos no Egypto e na Assyria. Não poderá ser explicado este facto pelo homophonismo existente entre Salomão e a palavra arabe e hebraica *Samana*, que significa Céu, sendo, portanto, o referido emblema a imagem do Céu estrelado, a que se reportam tantas vezes os ritos das margens do Nilo e do Euphrates?

inconcusso, argumento de mais inconcussa irrefragabilidade, pelo que tanto mais nos parece fugir o descobrimento dos primeiros élos da evolução da ethnologia americana, quanto mais nos esforçamos por elucidal-os ou alcançal-os. »

« Volvamo-nos, porém, ao assumpto de que nos occupamos. A prova de que as tangas não eram simples adornos se nos depara na pobreza de outros ornatos pessoaes, usados provavelmente pelas mulheres a quem pertenciam as mesmas tangas: taes são os cylindros e pequenos enfeites de terra cotta, que ellas traziam mettidos nos lobos das orelhas e, de par com outros enfeites, as perolas da mesma substancia, de que usavam enfiadas n'um cordão pendente do pescoço. Estas perolas ou enormes contas de que tenho recebido numerosos e mui differentes especimens de quasi todos os pontos do Brasil, tinham mais commummente em Marajó e em Santarém a fórma ovoide representada na segunda e na terceira figura desta pagina. Devo advertir, a proposito das referidas perolas, que, na provincia do Rio Grande do Sul, no logar denominado Linha Grande, foram encontradas, dentro de uma urna funeraria de incalculavel antiguidade, duas perolas cujos caracteres parecem ligal-as ás perolas de vidro achadas na America do Norte e que Morlot e Nilsson tomam por testemunhos ou vestigios irrecusaveis da presença dos Phenicios n'este continente (1). As nossas duas perolas, que não sei se, na sua estructura, têm semelhança com as dos tumulos indigenas da America septentrional, são compostas de camadas concentricas, canaliculadas e de varias côres, isto é, brancas, vermelhas e azul ferrete. Examinando estas diversas camadas ou capas concentricas, reconhece-se facilmente que foram formadas successivamente, cada uma, sobre a que lhe é sotoposta, sendo a perola, depois d'esta longa operação, submettida a uma elevada temperatura, que a vitrificou. A superficie canaliculada de cada camada foi assim preparada naturalmente quando a substancia pastosa conservava ainda um pouco de ductilidade. Basta-nos, porém, taes provas para a presumpção em favor do exodo dos phenicios no continente americano? Em verdade, confesso que me não sinto inclinado a adherir á opinião de Franks, o qual attribue estas perolas á artefacção veneziana, parecendo ignorar serem as perolas de Veneza muito mais perfeitas que as phenicias.

Fig. 490 — Fig. 491 — Fig. 492 — Fig. 493 — Fig. 494 — Fig. 495

Adornos de terra cotta usados nas orelhas e no pescoço

Fig. 496 — Fig. 497 — Fig. 498

Adornos de terra cotta usados no pescoço

Fig. 499 — Perola de terra cotta. Red. a 7/8

---

(1) Das duas perolas encontradas no Rio Grande do Sul, uma se acha no Museu Nacional, ao qual offereceu-a o Dr. Ihering, e a outra pertenceu ao erudito e enthusiasta americanista Carlos von Kozeritz, que a perdeu no incendio de que foi victima a Exposição brazilio-germanica de Porto-Alegre, em 1881. Esta, segundo a descreve o mesmo Kozeritz, era de rara belleza e de grande perfeição.

Como quer que fosse, nada se me afigura realmente mais difficil e mais arriscado que explicar o modo por que puderam ser reunidas semelhantes perolas a artefactos indigenas da America do Norte e da nossa provincia do Rio Grande do Sul. Seria necessario conhecer se taes adornos não foram trazidos em abundancia entre os artefactos com que os primeiros colonos e arrojados descobridores europeus procuravam attrahir as vistas e as sympathias dos selvagens americanos.

Fig. 500 — Perola de orelha. Red. a 7/8

As côres brilhantes d'esses objectos nos induzem a crer que sim, mas não está provada a origem veneziana; ao contrario, tudo faz crer que, depois de minucioso estudo, se dará preferencia á fonte mais antiga.

Entretanto, não nos esqueçamos de que a presença dos Phenicios na America é um facto cujas provas hão sido até hoje baldadas.»

«A proposito da inscripção da Parahyba, de cuja versão me incumbiu o Instituto Historico Brasileiro [1] e que ao primeiro aspecto parecia ser o mais notavel testemunho comprobativo conhecido de tão importante acontecimento, não só lhe descobri os caracteres apocryphos, senão tambem logrei desvendar o modo por que havia sido inventada aquella inscripção. Destino quasi semelhante parecem ter tido outras inscripções de egual natureza, inclusive a da Grave Creek, a que o professor P. Gaffarel suppoz caracteres de incontestavel anthenticidade [2]. Não quero com isso dizer que não tenham vindo á America os unicos homens que em tempos antecolombianos eram capazes de realizar a travessia do Atlantico. Penso unicamente que não nos devemos antecipar á fatalidade dos acontecimentos, e a apparição das provas de semelhante facto é uma das que mais adstrictas se parecem achar aos caprichos do acaso [3].

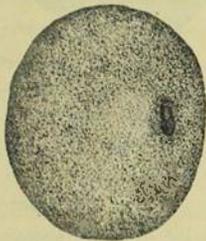



Fig. 501 — Perola de terra cotta. Red. 3/4.

Fallavamos das perolas de *terra cotta* quando, pela idéa associada a este objecto, fomos levados a tratar das suppostas perolas phenicias. Volvendo de novo áquelles toscos adornos das primeiras nações de Marajó e Santarém, deparam-se ao lado d'elles diversos objectos ora lamellares ou cylindricos uns e lentiliformes e ainda ovoides outros, que não sei se eram tambem adornos pessoaes ou instrumentos de trabalho, pesos de pesca ou utensilios de usos desconhecidos. Estes objectos são perfurados mais ou menos profundamente de um só lado, não admittindo, porém, pela estreiteza do orificio, a menor hypothese de que pudessem servir de vasos ou de receptaculos de qualquer natureza.

As bobinas, que existem em não pequena porção nos *mounds* de Marajó e nos escombros de Santarém, representam, quasi tanto como as tangas, as diversas categorias

(1) «A versão d'esta inscripção, que será dada á luz mais tarde com todas as circumstancias historicas do facto, nunca até hoje a publiquei senão em esboço na imprensa do Rio de Janeiro, no só intento de conhecer o individuo que se irrogava o descobrimento d'aquella inscripção de tão curioso monumento. Desde então tenho acompanhado em silencio tudo quanto se ha escripto em apoio ou desabono da authenticidade de semelhante inscripção, admirado de que não se tenha dado egual publicidade á communicação feita por mim a respeito do modo por que logrei verificar a apocryphidade d'essa pseudo-paleographia. E entretanto empreguei, na segunda publicação, o mesmo canal de que me servi para a primeira.

É que a alacridade por toda a parte empregada para o conhecimento de uma noticia que toca as raias do mysterio, embora com laivos de inverosimil, ás vezes está em contraste perfeito com a indifferença com que se recebe o testemunho de um facto comprovado.»

(2) Paul Gaffarel, *Les Pheniciens en Amerique*, Cong. Intal. des Americanistes. 1ª Session — Nancy, 1875, vol. 1º, p. 127.

(3) (Veja-se pagina adiante ISCRIPÇÃO DIGHTON ROCK, ETC.

da população que as empregava em seus labores. A mais bella d'estas bobinas offerece, sobre uma superficie lisa e perfeitamente torneada, finas gravuras de desenhos delicadissimos, á semelhança dos que se encontram nos fusos usados pelos mesmos povos.

Estes fusos, na sua maior parte de *terra cotta*, faziam-n'os os indigenas da fóz do Tapajós de uma rocha ferruginosa, especie de grés argilloso da mais fina granulação.

Ainda hoje são modelados sob a fórma e adornos destes artefactos dos primitivos povoadores d'aquellas paragens os fusos fabricados pelos indigenas actuaes.»

«E singular que não tenham visto nenhum machado no *mound* de Pacoval todos os que alli me precederam e que os tendo eu encontrado em numero de 10 a 12, os houvesse egualmente colhido, em não pequena porção, o Sr. Rumbelsperger um anno depois de mim. A raridade de semelhantes instrumentos se explica pela ausencia absoluta de diorito em Marajó e pelas difficuldades que tinham os seus habitantes em obter a troco de muitos productos de seus trabalhos os poucos machados necessarios aos misteres que os não podiam dispensar. A prova mais convincente d'esta escassez de machados de pedra na ilha a exhibem os poucos especimens que alli havemos achado, os quaes estão completamente gastos e na maior parte reduzidos a pedaços. Ou fosse tambem pela ausencia de diorito, de quartzo e de silex, ou por qualquer outra causa, nenhum instrumente de guerra, de caça ou pesca foi até hoje descoberto no *mound* de Pacoval, onde por milhares se nos hão deparado tão diversos artefactos de barro. Do que concluo haverem usado os *mound-builders* marajoaras unicamente de apparelhos feitos de substancias organicas, redes ou cestas, como tão varios e engenhosos os sabem fabricar os nossos actuaes aborigenes.»

Fig. 502 — Perola de supposta origem phenicia. Red. 7/8.

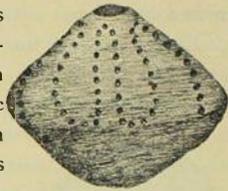



Fig. 503 — Ornato ou peso de terra cotta. Red. a 1/3.

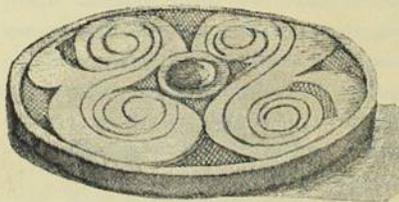



Fig. 504 — Disco para fuso de grés argiloso e de cor vermelha. Red. a 7/8.

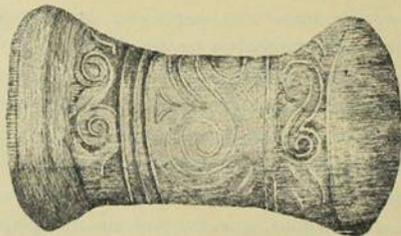



Fig. 505 — Bobina de terra cotta. Red. a 7/8.

Falla-nos ainda neste capitulo Ladisláo Netto de anzoes que deveriam ter sido preparados por meio de acúbos ou espinhos reunidos e atados em estado e condições de se prestarem ao fim desejado.

E, finalmente, cogita sobre a ausencia de cachimbos nos *mounds*, como offerece desenhos de varios e interessantes exemplares encontrados no Rio Grande do Sul, especimens em terra cotta de fórmas mui rudes e pesados, tendo a chaminé pyramidal e o receptaculo ou fugôr um pouco irregularmente excavado, além de outros no genero e em madeira, tambem achados na Bahia, Alagôas, etc.

INSCRIPÇÕES DA PEDRA LAVRADA DA PARAHYBA, GRAVE CRECKE DIGHTON ROCK

É de absoluta opportunidade deixarmos aqui uma explicação sobre as inscripções acima, sendo as duas primeiras e parte da terceira por nós decifradas e outra parte pelo notavel philologo Onffroy de Thoron, afim de que fiquem convenientemente elucidadas confusões suggeridas no precedente capitulo pelo archeologo Ladisláo Netto. Da *Pedra Lavrada da Parahyba*, isto é, a copiada pelo engenheiro Retumba, damos no presente trabalho minuciosa interpretação, fig. 1239, á vista da qual, se deduz não ser apochripha, nem de origem phenicia, como se quiz suppor, e sim grega. Quanto á segunda, fig. 506, que muito se tem commentado, consignamos em seguida a sua decifração, bem como parte da terceira, e pensamos prestar relevante serviço á epigraphia americana resumindo aqui esses magnos problemas.

INSCRIPÇÃO DE GRAVE CRECK, NO VALLE DO OHIO, SUDÉSTE DO ESTADO DE INDIANA (E. U. A. N.) — Quer na America do Norte, quer na do Sul, como é sabido, têm sido descobertos monumentos epigraphicos de authenticidade real e alto valor prehistorico, phenicios e gregos, em caracteres primitivos.

O de que ora tratamos é, com effeito, um dos que tanto têm occupado a attenção dos scientistas.

O professor Paulo Gaffarel, como tantos outros têm feito, occupou-se no Congresso Internacional dos Americanistas de 1875, em Nancy, deste importante assumpto, não logrando, entretanto, dar a devida interpretação á famosa inscripção de Grave Creck. O scientista Ladisláo Netto pensou mesmo consideral-a apochripha, como a de Parahyba (1), —não a que interpretámos sob n. 878, segundo ficou dito.

O illustre professor A. Childe, ultimamente, em um artigo publicado em *A Noite* do Rio de Janeiro de 13 de outubro de 1922, diz haver tratado em uma conferencia, sob os auspicios do Museu Nacional, em 1915, das inscripções de *Dighton Rock* e *Grave Creck*, manifestando-se deste modo:

« A primeira foi invocada por Court de Gebelin. Infelizmente toda a perspicacia e a boa vontade, se mallograram perante um exame serio da pictographia. Ella não tem cousa alguma de phenicia, máo grado as affirmativas do Rev. Ezra Stilles (2).

O emprego incontestavel do ferro para graval-a afasta tambem uma origem india; e em 1875 Gravier de Rouen, reconsiderando os trabalhos de Rofn o Magnusen, opinou que a inscripção era de fonte escandinava e lembrava a expedição de Thorfinn Karlsefn no Massachussets, no seculo XI.»

A proposito, offerecemos com prazer a minuciosa interpretação em phenicio, dada pelo archeologo Onffroy de Thoron, reproduzindo-a, como vamos fazer, em seguimento á nossa, sobre a inscripção de Grave Creck, trabalho que trará luz sobre esta controvertida inscripção, talvez a ultima palavra sobre o assumpto.

Com referencia á de Grave Creck, diz o illustre professor A. Childe, "... é muito mais impressionante; os caracteres são incontestavelmente de origem semitica. School-

---

(1) Lettre à Monsieur Erneste Renan, à propos de L'Inscription Phenicienne apocryphe, soumise en 1872 á l'Institut Historique, Géographique et Ethenographique du Brésil — Rio de Janeiro, 1885.

(2) Congr. citado, ps. 175 e 177.

craft, Tuner, Jomard, de Castelnau, Schwab, Oppert e Levy Bing são concordes neste ponto; entretanto, as traducções propostas pelos tres ultimos não têm nada absolutamente de commum. A leitura se deve fazer da esquerda para a direita, contrariamente ao phenicio e ao hebraico, e Levy Bing se apoiava nesta particularidade para fixar no III ou II seculo A. C. a época de sua gravura" [1].

«Ora, os caracteres e o estylo da inscripção de Grave Creek, como vamos demonstrar, obedecem á generalidade dos empregados na profusa quantidade espalhada por toda parte, resaltando, portanto, a sua contemporaneidade chronologica. Passamos a offerecer a nossa modesta interpretação, cujos fundamentos se identificam aos externados no decurso deste nosso trabalho.

INSCRIPÇÃO DE GRAVE CRECK

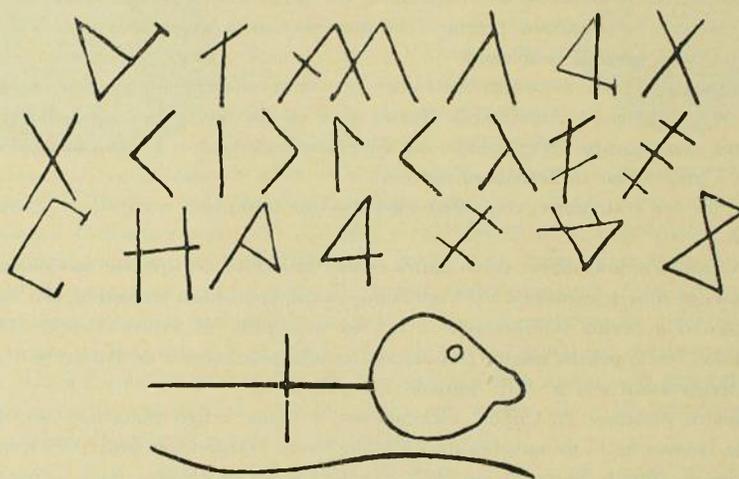



Fig. 505 — Inscripção de grave Crech

Eis a nossa simplificada interpretação:

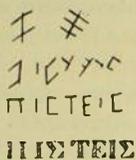
A TTATAΓAX — Ἀτταταί *ou* Ἀτταταιάξ, *interj.* ah! ah! ah! *grito de alegria ou de dor.*

XAIA — Χάια, ον e χαιός, ά, όν, *D.*, antigo, vetusto, velho, *por ext.* respeitavel, bom, probo, virtuoso. R. χάος?

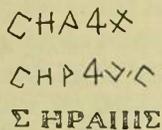
Χάος. . . . . *plu., ordinariamente,* cháos, miscellanea confusa dos elementos; *alg. vez. Poet.*, ar, atmosphera; obscuridade, tenebroso; inferno; *alg. vez.* immensidade do espaço *ou* do tempo.

ΓAIA — Γαῖα, ας, *ou* ης (ἡ) *Poet., por* γῆ, a terra, *por ext.* terra, paiz, etc. ΓΗ. *gen* γῆς, (ἡ) *contr. por* γέα *ou* γαῖα, terra, *em sent ampl.*, elemento terrestre, globo terrestre, porção de teritorio, paiz cultivado, dominio, etc.

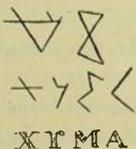
---

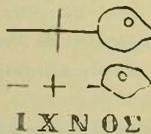
(1) Congr. cit., ps. 130 e 221.

ΠΙΣΤΕΙΣ

Πίστεις, *plur. de* Πίστις, garantias, seguranças, palavra dada e recebida, convenções, tratados, etc. Πίστις, *sing.*, fé confiança; crença; oque faz fé, *como* argumentos, demonstrações, promessas; opinião que se tem dos talentos *ou* de virtudes de alguem, commissão, mandato, delegação, etc.

Σ ΗΡΑΙΠΣ

ΣΕΡΑΠΙΣ *ou* ΣΑΡΑΠΙΣ, ἰδος, Serapis. "Deus do antigo Egypto, acerca do qual as tradições são muito confusas". Segundo refere Santo Agostinho, no tempo dos patriarchas Jacob e José, "Apis, rei dos argivos, chegou com uma esquadra ao Egypto, e ahi morreu, sendo reconhecido pelos egypcios como o maior dos deuses com o nome de Serapis. Ficaram-lhe assim chamando depois da morte, em vez de Apis, porque o tumulo que denominamos sarcophago chama-se *soros* em grego e como o veneravam no tumulo antes de construirem um templo de *Soros* e Apis se fez Serapis, que depois, pela mudança de uma letra, se transformou em Serapis.»

«Seja ou não exacta esta etymologia, os que sustentam a origem grega d'este deus se fundam em que nos antigos monumentos egypcios nunca apparece a figura de Serapis. O culto deste deus era celebre no tempo dos Lagidas e no ultimo periodo do paganismo estava muito vulgarizado em todo o imperio romano.»

«Na origem Serapis, parece que era conhecido o emblema do Sol, precedendo a entrada d'este no solsticio do inverno; depois os gregos o identificaram com Plutão, com Esculapio e até com o proprio Jupiter. Consideravam-n'o tambem como precedendo as cheias do Nilo e o nilometro foi-lhe consagrado. Era representado com uma cesta á cabeça como symbolo da fertilidade que produzia, já com o calor do sol, já com as cheias do Nilo. Era invocado particularmente pelos doentes, a quem se acreditava que elle restituia a saude. Tinha uma infinidade de templos, sendo o mais celebre o de Alexandria e o mais antigo o de Memphis.»

ΧΥΜΑ

Χύμα, ατος — O que derrama ou espalha o ouro, corrente d'agua, rio, mar, *alg. vez.* fig. affluencia, abundancia, etc. R. χέω: f. χέω *ou raram.* χεῶ, derramar, espalhar, fazer correr, *por ext.* deixar correr, fazer chover, espalhar com abundancia, etc.

ΙΧΝΟΣ

"ΙΧΝΟΣ, εος, ους, traços dos passos, marca dos pés, *donde fig.* vestigios, traço, indice *alg. vez Poet.* passo, marcha (*donde* Κατ᾽ ἴχνος, *Eurip.* passo a passo), etc.

Assim, attendendo-se á juncção, á inversão das letras e á incorrecção, algumas vezes da copia, casos por nós explicados em capitulo especial, offerecemos a nossa interpretação da tão contravertida inscripção de Grave Creck, que, como as demais, gregas, não se

podem adaptar á construcção da phrase textual e sim á substancial, como passamos a resumir:

ΑΤΤΑΤΑΥΑΧ ΧΑΙΑ ΓΑΙΑ ΠΙΣΤΕΙΣ

ΣΕΡΑΠΙΣ ΧΥΜΑ ΙΧΝΟΣ

AH! AH! AH! (GRITO DE ALEGRIA) A VETUSTA TERRA EM QUE SERAPIS DERRAMA OURO E ABUNDANCIA COM GARANTIAS E SEGURANÇAS, MARCHA!

Prevalecendo, no presente caso, quasi identicas tradições firmadas por Onffroy de Thoron, quanto á seguinte inscripção de Dighton Rock, n'ellas nos baseamos, prescindindo, portanto, de outros argumentos, além dos já por nós externados, sob o ponto de vista da existencia dos gregos em todo o hemispherio occidental, em eras prehistoricas.

INSCRIPÇÃO DIGHTON ROCK

«Deixemos o Mexico, diz Thoron, em sua citada obra, e nos transportemos ao norte do Continente Americano. Ahi, em diversas partes dos Estados Unidos, é que se descobriram e se descobrem ainda monumentos epigraphicos d'uma authenticidade real, cujas inscripções são em caracteres phenicios; suas letras são, em geral, uma mistura dos alphabetos sidonio ou cadmeu, da ilha de Thera, da Cyrenaica, e algumas em caracteres campanios e punicos.

No que concerne a monumentos epigraphicos da America, nossa primeira observação se refere ao ponto essencial, que é o seguinte:

Está provado, pelas investigações até hoje feitas, que os autochtones do continente americano nunca fizeram uso do ferro e ignoravam a arte de forjal-o. Entretanto, monumentos antigos em ruina mostram que o talhe da pedra e a esculptura foram executados por pessoas munidas de utensilios de ferro ou de aço, donde se póde concluir que os emigrados do velho continente foram os unicos a trabalhar e gravar a pedra na America.

Assim como ahi se encontram inscripções phenicias, é admissivel que os phenicios tentaram colonisar a America muito antes da éra christã.

Já nos primeiros seculos do christianismo existiam as tradições dos navegadores do norte da Europa, e na idade média se sabia que as ilhas Feroe, a Islandia e a Groenlandia serviam de escála aos navios Islandezes, Bretões, Irlandezes, Escandinavos e Normandos, que seguiam esta rota para se dirigirem ao grande continente que Plutarco chamava Continente Croniano.»

« Segundo Behaim, as tradições que se referem a S. Brandão, contemporaneo de Procopio (VI seculo), dizem que este santo, no anno 565, visitara uma ilha onde encontrara cousas maravilhosas.

S. Malo e o irlandez Cluenfert são citados, por terem estado nas ilhas Cassiterids, ou dos Açores, das quaes antigamente os phenicios exploravam as minas de estanho, e pensava-se que ellas eram as ilhas afortunadas da tradição; mais tarde, os cosmographos deram tambem este nome ás das Canarias; mas aquellas são, na realidade, as Antilhas, como já demonstrámos em nossa obra.»

« Seja como fôr, os habitantes dos Açores, diz a tradição, sabiam que havia a oeste, terras habitadas, porque os ventos de oeste e as correntes pelagicas impelliam sobre suas praias, não sómente bambús, arvores e outros vegetaes extranhos, mas ainda pedaços de madeira esculpidos e talhados; eram vistas mesmo, barcas levando homens de uma raça desconhecida vindos de oeste.

Estas tradições involuntarias de americanos foram assignaladas em diversas épocas remotas e a este respeito Humboldt, fez mensão em sua *Historia da Geographia* (tom. II); ao demais, a distancia dos Açores a Nova Escossia é apenas de 410 leguas.

Foi na ilha mais occidental dos Açores que, em 1749, se descobriu um vaso cheio de moedas phenicias, carthaginezas e syrenaicas.

Os povos maritimos, porém, que tomavam o rumo do norte, que já indicámos, encontravam maior facilidade de communicação que pelos Açores, porque das ilhas Feraides á Islandia a distancia é só de 108 leguas; da Islandia á Groenlandia 52 leguas e desta ao Labrador (na America) 140 leguas. »

« Seneca, em sua obra *Naturales questiones*, falla da proximidade da Hespanha, das terras occidentaes e da facilidade de se fazer a travessia em poucos dias, se o navio era bem conduzido pelo vento.

Strabon assignala *duas terras habitadas a oeste*. Cicero é mais explicito (edit. Schutr, tom. XVI, cap. II, p. 98), porque diz que essas duas terras são habitadas, sendo uma *austral* e outra *boreal* (America do Sul e America do Norte). Estas narrativas constatam, portanto, que a America era na antiguidade conhecida e que para ella se seguia pela rota directa para oeste e pela rota do norte fazendo escala.

Nos tempos mais proximos de nós, como no anno 730 de nossa éra, os Dinamarquezes se apossaram da Islandia e os religiosos n'ella se estabeleceram, assim como nas ilhas Feróe, na Groenlandia, para lá pregar o christianismo.

O livro do monje islandez Dicuil, publicado em 825, sob o titulo *Dicuili de mensurá orbis terrae* e traduzido em 1814 por Letronne, constata que em 795, havia padres christãos estabelecidos na Islandia.

Depois dos dinamarquezes, foram os norueguezes que occuparam a Islandia, e em 980, colonizaram o oeste da Groenlandia, onde se vêm ainda ruinas de suas colonias e inscripções runicas do seculo XI. No anno de 985, elles fizeram expedições para explorar a America e o irlandez Biarn Herjolfson ahi descobriu o Vinland.

Este, no anno 1000, voltou com os islandezes Leif Ericson e Leif Heppeni; juntos visitaram o Vinland, o Helluland e o Markland e desceram até 41° e 24ᵐ de latitude septentrional, onde invernaram.

Erik Rauda explorou as costas da Groenlandia; d'ahi se dirigiu á embocadura do rio S. Lourenço, no Canadá, e, por sua vez, penetrou no Vinland; para ahi foi tambem Bjoerm, no anno 1001; emfim, foi no anno 1007 que Thorfinn-Karlsefn foi explorar o Rhod Island, o Helluland, o Labrador e o Markland.

Adam de Breme (hist. eccles.) diz que em 1035 o arcebispo Bezelinus Abrandus, em seus escriptos, fez menção do Vinland; elle assegura que os Frisons dilataram suas explorações no mar tenebroso para além da Islandia e aportaram a terra, cujos habitantes eram de estatura colossal.

Tanto os autores que citámos acima como os factos que acabámos de mencionar deviam ser, em parte, conhecidos por Christovam Colombo; porque Seneca nascera em Hespanha e era de lá que os modernos e os antigos, iam aos Açores; não ha duvida que

os Islandezes, tinham conservado as tradições dos navegadores que partiam de sua ilha para a America.»

« Voltemos a Thorfinn Karlsefn, que, segundo os scandinavos, teria visitado o Massachussets, e ao qual o dinamarquez Frinn-Magnusen, ha poucos annos, attribuiu o monumento de Dighton Rock e considerou como runica a inscripção que ahi se acha gravada.

Vamos reproduzir aqui o *fac-simile* dessa inscripção, em razão de sua originalidade e para demonstrar que, longe de ser runica, ella é campano-phenicia e não póde ter por autor Thorfinn-Karlsefn.

Esta inscripção é gravada sobre um blóco granitico situado na margem oriental do rio Tauton, no Estado americano de Massachussets; embora sua superficie seja um pouco carcomida pela onda quotidiana da maré montante, a profundidade dos caracteres ahi gravados os preserva da destruição.

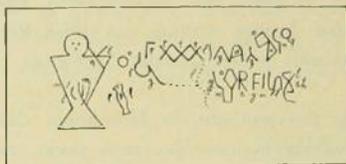



Fig. 507 — Cliché da inscripção de Dighton Rock

Sómente utensilios de ferro poderiam gravar tão profundamente. Neste monumento, signaes caprichosos servem de assumpto á inscripção e têm dado margem a supposições insensatas, as mais contraditorias e não têm servido senão para incitar a imaginação dos que têm fé nos signaes cabalisticos, os quaes, por isso, não reproduzimos.

Abordando a questão, devemos fazer saber, que, no Congresso dos Americanistas, reunido em Nancy, em 1875, o orientalista e philologo M. Madier-de-Montjou communicou uma noticia de M. Gravier, de Rouen, sobre a inscripção de Dighton Rock, e nós a reproduzimos da revista impressa desse Congresso.

Nella se diz que os antigos Dinamarquezes crêm reconhecer nas inscripções desse monumento caracteres *runicos*, narrando aventuras dos Scandinavos em Massachussets, embora outros n'ellas reconheçam caracteres phenicios, sem comtudo darem nenhuma interpretação. Sendo nós da opinião d'estes ultimos, por não podermos participar de um erro dos *runistas*, emprehendemos, por isso, traduzil-a de uma fórma methodica e analytica, inscripção que, desde longo tempo, é objecto de numerosos commentarios, fazendo, de passagem, a devida critica ás deducções do runologo dinamarquez Finn Magnusen.

Este sabio quer que o *grupo de lettras* ΓXXXI, seja traduzido *em algarismos romanos* CXXXI, e que represente o numero de homens conduzidos por Thorfinn Karlsefn a Vinland. Provaremos o seu erro.

O leitor póde tambem ver ao peito do busto as tres letras phenicias n/l *m, m l n*, que se lêm da direita para esquerda; mas Magnusen lê da esquerda para a direita; omittindo a letra *l*, e declara que *n* é abreviatura de *nœrœnir* (norte), e que *m* é *niadr*, no plural *medr*, tendo por valor epigraphico *menn* (homens), donde seu monogramma *n m* significar "*homens do norte*".

A isto responderemos que, fazendo emprego das tres letras *m l n*, teremos *mâlôn* מלן = מלון, termo que designa o que é estavel, logar onde jaz, logar do repouso, o que é inanimado, um morto (genesius); *mâlôn* vem do verbo radical לון *loun*, permanecer, jazer, donde o preterito e o presente são לן *lon*; trata-se, portanto, d'um monumento funebre e não das aventuras de Thorfinn Karlsefn; *mâlôn* é equivalente a *aqui repousa* ou *aqui jaz*, de nossos tumulos.»

«De outro modo, Magnusen, não tratou da imagem allegorica que está á direita do busto e que representa um ser enterrado, ao lado do qual se vêm lagrimas; eis, portanto, o motivo determinativo ou significativo da inscripção.

Voltemos aos systematicos monogrammas de Magnusen. A' direita dos pretensos algarismos romanos, onde se acham as duas letras phenicianas ΛΛ — *g d*, elle as transformou no monogramma ΛΛ, no qual vê o *runo complexo* NAM, derivando de *nema*, copere, occupare, palavra adequada, diz elle, ao baixo allemão *niman* e ao dinamarquez *nam*. *Nam*, diz ainda, é muitas vezes empregado como *land*, territorio; por infelicidade, o nome do territorio não está na inscripção, porém Magnusen n'ella o inclue; com effeito, o transmissor da noticia diz que, *em todo caso*, o valor deste nome *não deixa nenhuma duvida*, e póde admittir-se a seguinte interpretação que dá Magnusen: "*Occupatio regionis sive territorii, terra ita occupata sive fundus in primi inventoris possessionem redactus.*"

Eis, por conseguinte, *duas letras* do monogramma que produzem 14 palavras latinas, ou 17 francezas, que são: "*occupation du pays ou territoire, terre occupée ou tombée en la possession du decouvreur ou premier occupant*".

« Vê-se que o interprete, conforme o sabio runologo, soube dar um bello desempenho a *nam*, mas nenhum d'elles cogitou traduzir o grupo pheniciano *qanoa*, que se compõe de varias letras, o qual se vê ao lado de *nam*, deixando-o em completo olvido, como mais commodo lhes parecera.»

« Passemos á segunda linha da inscripção, que se compõe de 17 letras phenicias. Magnusen tomou as duas letras ◇R, novo monogramma, que, pelos sabios, com bizarras deducções, fôra traduzido por "*territorio a nobis occupata*" e por "*coloniæ nostræ*".

Parece que Magnusen não quiz ir mais longe; porém o transmissor da noticia foi mais audaz, porque, diz elle: "um estudo *mais aprofundado* nos convenceu que estas duas letras pertencem á palavra ◇RFINZ". Faremos notar que, na inscripção, a ultima letra á direita está cortada por um *t* ☓, que o interprete supprimiu; leu o nome de *Orfinn*; entretanto, seria preciso achar *Thorfinn*; ora, sobre a inscripção á esquerda de *Orfinn* falta a dupla letra *th* e ahi se vê as duas letras phenicias [illegible]; o que fazer então?... nada mais simples, para elle, que a estas letras sobrepôr esse *thau* A *th* pheniciano, e deste modo foi o estratagema posto em jogo. Com este processo se obteve o nome de Thorfinn.

Faremos notar, porém, que, n'um lado, a letra *g*, da inscripção, está figurada sobre o desenho por pontos, visto como está meio apagada, assim como a consoante *t* da palavra á sua esquerda; mas estas duas letras, bem visiveis em outra parte, foram reconstruidas pelo scandinavo Carlo Rofn, e nós as adoptámos taes como nos foram trnsmittidas.»

« Assim foi que o interprete encontrou o meio de nos fazer ler Thorfinn, e executar a applicação com o *nam*, de Magnusen; é porque, tomando *nam* na primeira linha da inscripção, elle adapta a *Thorfinn* na segunda linha e *nam Thorfinn* significa que: "*Os companheiros de Thorfinn se propuzeram occupar esta terra depois de haver cumprido os ritos de preza de possessão*" (*sic*) !!!.»

«De semelhante invenção, por parte de um sabio, não mereccerá ella admiração dos leitores e dos philologos? Ella está na altura das traducções phantasticas que, cada sexta-feira, Messieurs Michel Bréal, Ernesto Renan, Jules Oppert e Gaston Paris, professores do Collegio de França e membros do Instituto (inscripções), gravemente lêm

diante de seu auditorio silencioso, porque suas traducções epigraphicas não são objecto de nenhuma censura e são acceitas e admittidas sem discussão. »

« Para terminar a critica das interpretações de Magnusen e do transmissor da noticia, faremos determinar que cinco lettras da primeira linha e 10 da segunda não puderam ser explicadas pelos dois sabios; é que omittiram na traducção a metade dos caracteres da inscripção, e o que é de lastimar! porque, com os monogrammas de Magnusen, reforçados das letras omissas e dos commentarios do transmissor da noticia, estes dois sabios conseguiram idealisar as aventuras do scandinavo Thorfinn Karlsefn no Massachussets. »

« Não pretendemos concluir, de tudo isto, que Thorfinn, não fôra a Massachussets no começo do seculo XI, mas é evidente: 1°, que a inscripção de Dighton Rock não é runica; 2°, que não foi Thorfinn Karlsefn quem gravou esta inscripção, onde não existe a orthogographia de seu nome, na qual nunca existiu, ainda, de qualquer modo, como acabámos de demonstrar proficientemente. »

« Um sabio, M. Paul Gaffarel, crê que o monumento epigraphico de Dighton Rock permanecerá n'um enigma indecifravel; é uma opinião erronea, porque, sem muita difficuldade, chegámos a interpretal-a. Nossa interpretação é justificada por uma analyse detalhada de cada uma de suas letras e cada palavra com o seu valor exacto concorre á formação da phrase de um modo correcto e racional. Além disso, publicando nossa critica, feita no interesse da historia da America antiga e da sciencia em geral, pedimos uma critica justa e arrazoada sobre nossos escriptos; que ella seja leal, feita sem reticencias, nem omissão voluntaria, e que não se desnature, em absoluto, o sentido de nossas palavras e interpretações; nestas condições offerecemos a lucta aos verdadeiros sabios, submettendo nossas obras ao seu exame ou á sua sagacidade scientifica. »

« Como se viu precedentemente, adaptámos a cada letra do cliché da inscripção phenicia a letra latina correspondente aos 29 caracteres desta inscripção, e para facilitar a verificação da nossa interpretação faremos uso dos caracteres hebreus, afim de dar ás palavras seu valor e sua pronuncia taes como são no diccionario do sabio Sesenius. Estas palavras, em numero de 11, formam duas phrases, que se lêm da direita para a esquerda, palavra por palavra, na ordem da inscripção » :

Shâlal Spoliabat — Thop Feriendo — Theth Dare — Qal Ruinas — Gâd Fortunæ — Qanoa induvidiosus

Qal-lô Rapida — Legâl Sicut unda — Oneg Vita delicata — RFIL Le-nâgar effusa est

Fig. 508.

"INVEJOSO DA FORTUNA, PARA CAUSAR AS RUINAS, ELLE ROUBAVA FERINDO:
SUA VIDA VOLUPTUOSA PASSOU-SE COMO A ONDA RAPIDA."

« Esta inscripção é um mixto de letras phenicias e muitas de suas derivadas, que se encontram no alphabeto de Campana; isto indica uma época de transformação e per-

mitte concluir, que a emigração donde emana a inscripção de Digthon Rock remonta ao tempo aproximado das conquistas de Alexandre — o Grande. »

« Analysando letras e palavras da inscripção, da direita para esquerda, nossa primeira palavra é *qanoa*, formada do *koph* phenicio de Thera: esta mesma letra faz tambem parte do alphabeto campano; a segunda, *n*, é tambem teraica; a terceira, *o*, é campana e vê-se sobre a moeda dos hebreus, cunhada em Phenicia: a quarta, *a*, é phenicia de Thera. »

« A segunda palavra, *gad*, é formada das duas consoantes *gd*; a primeira é um *g* phenico-arameco e a segunda é *d* theraico. Vem em seguida a palavra *gal*, formada de duas letras, sendo a primeira um *g* de Thera e a segunda *l* phenico primitivo. »

« A quarta palavra, *theth-theneth*, dois infinitos do verbo *nathan*, dare, dar, produzir, causar; as duas letras *th th* ou XX são theraicas.

A quinta palavra é *thap*, derivado do verbo radical ת פ ת *thapap*, ferir, furar, fustigar, queimar, matar, maltratar e que corresponde bastante ao sanskrito *tup*, *coedere*, *interficere*, matar, massacrar; a primeira letra de *thap* é *th* de Thera e a segunda, *p*, pertencente ao alphabeto campana. »

« A sexta palavra que termina a primeira phrase da inscripção é *shâlal*. Sua primeira letra, que é *sh*, pertence ao alphabeto campana, que a empresta ao alphabeto lycian (Asia menor); sua segunda letra é a consoante *l* de Thera, que cruza a letra *sh*, campana e lycianna; emfim, a terceira letra é tambem *l*, porém ella é phenicio archaico.

A segunda phrase da inscripção começa pelo verbo *le-nagar*, effusa est: sua primeira letra é *l*, prefixo; ella é theraica; sua segunda letra é *n* phenicio archaico; sua terceira é um *g*, representado pelo *digamma* cadmeo; esta letra, que se assemelha a F maiusculo, foi introduzida na Grecia por Cadmus e esteve em uso entre os Eoliens; a quarta letra, *r*, copia do nosso R maiusculo, apparece nos alphabetos campano e latino. A segunda palavra desta phrase é *oneg*, formada de *o* campano, de *n* theraico e do *g* phenicio archaico. A palavra seguinte, *legâl*, tem por primeira letra *l*, prefixo, que é phenicio; por segunda *g* phenicio-arameo e por terceiro *l* theraico. A quarta palavra, *lo*, é uma preposição prefixa, cuja funcção é de marcar o *momento do tempo*; sua letra *l* é phenicia e a *o* vê-se nos alphabetos de Campana, de Thera e da Phenicia; *lo* se liga á ultima palavra da inscripção que é *qul*, rapido; esta se compõe de duas letras, da qual a primeira é *q* sidonio-phrygio e etrusco de Peruse; a segunda *l* é de Thera. »

« Por esta analyse, sabemos, portanto, a proveniencia de todas as letras desta inscripção, e que não são ellas runicas scandinavas. »

« Salvo a letra R, que é latina e campaneana, as mais são todas phenicias ou d'ellas derivadas e importadas pelos Gregos, por Cadmus, que era Sidonio, por conseguinte, da Phenicia; é assim que se encontram na ilha de Thera os alphabetos phenicios e inscripções identicas; estes caracteres phenicios serviram de base aos alphabetos da Campana e dos Osques e foram usados na antiga Grande Grecia. »

« De nossa demonstração resulta que temos reduzido a nada *as aventuras dos scandinavos de* Massachussets e as illusões dos monogrammas tirados da inscripção de Dighton Rock, mas que não existem sinão no cerebro de Finn Magnusen e de seu engenhoso interprete M. Madier de Montjou. »

« Em conclusão, nossas demonstrações do primeiro capitulo provam: 1°, que os phenicios fizeram tentativas de colonização no Yucatan do Mexico; 2°, que suas expedições a esta região se faziam por mar, vindo de éste; 3°, que, mais tarde, estes Phe-

nicios, seguindo o litoral dos Gaules, da Gran-Bretanha, da Irlanda e passando pelas ilhas Feroe e Islandia, depois de terem feito ainda escala a oeste da Groenlandia, desembarcaram ao norte da America na *Terra da Sombra* e brumosa. Era de lá, que, por terra, seus emigrantes, desciam para as regiões meridionaes, onde se extasiavam em contemplar o Sól, que lhes recordava o Oriente, e, como diriam elles ingenuamente, não sabiam o que tinham vindo fazer tão longe. »

« Emfim, no 2° capitulo, bastou-nos reproduzir o *fac-simile* da inscripção de Dighton Rock; demonstrar que ella é phenicia e não runica; que effectivamente é escripta com caracteres phenicios e campanos; e que ella confirma a passagem, a marcha de norte a sul das migrações phenicias, as quaes puderam arrastar comsigo outras fracções de povos navegadores ou commerciantes.

Com os seculos, suas familias se confundiram com as populações autochtones da America, que as absorveram. Mas, como demonstrámos, sua lingua, sob o nome de tsendal, sobreviveu-lhes no Mexico, assim como a historia de Votan, mysterioso personagem, ao mesmo tempo fundador de colonias e do culto da serpente, cuja origem se vê na cosmogonia e theogonia phenicia. Tomando o titulo de serpente, Votan apparece como um ser mysterioso, parodiando Cadmus ou Cadno, fundador de Thebas, e que se metamorphoseou em serpente. »

*

Decorrido muito tempo, depois do escripto n'este capitulo sobre DIGHTON ROCK — sem que houvesse ainda opportunidade de ter publicidade a presente obra, voltamos com prazer a illucidal-o em vista do magistral artigo editado pela revista *Portugal*, n. 86, de 3 de Fevereiro de 1927, no Rio de Janeiro.

Nem de outro modo poderiamos proceder diante de tão magno assumpto, que vem sendo descutido e tem merecido a attenção de congressos e de notaveis archeologos; sendo, a nosso ver, bem acatada a opinião do notavel polyglota Onffroy, de Thoron, constante do profundo estudo que acabámos de reproduzir.

É discordante em varias considerações da referida revista, cujo artigo passamos a transcrever, mas não em seu estylo orthographico.

« . . . Ao tantas vezes provado patriotismo do illustre Consul de Portugal em Providence, A. de Oliveira Aguas, devemos o prazer de proporcionar aos nossos leitores a magnifica traducção por S. Ex. feita do notabillissimo trabalho do professor Edmund Burke Delabarre, lente da Universidade de Brown (Providence), por cujas pesquisas "se póde fechar com gloria para Portugal a historia da viagem de Miguel Côrte Real, navegador, que assim se prova ter sido o primeiro a desembarcar nas costas dos Estados da Nova Inglaterra, America do Norte. »

Referindo-se á "ROCHA DE DIGHTON", continúa:

« O padrão mais antigo dos Estados da Nova Inglaterra e que em tempos idos constituiu objecto de grande interesse, acha-se votado á mais completa indifferença e abandono. »

« Trata-se de uma das rochas mais ou menos numerosas nesta região, contendo inscripções gravadas, a que tem frequentemente sido attribuida significação historica e cuja antiguidade se allega ser mui superior á do Penedo de Plymouth. Seja porque as varias interpretações romanticas sobre o significado destas inscripções não tenham logrado alcançar maiores credenciaes do que as que se attribuiriam a frutos de imaginação,

seja porque o consenso dos mais conceituados archeologos lhes não attribue fóros especiaes, gravuras feitas, sem motivo especial, pelos indios, o certo é que estas rochas são pouco conhecidas e, ao presente, votadas ao abandono.»

« Taes circumstancias não devem, porém, influir ou desanimar pesquizas bem orientadas, tanto mais que a opinião transitoria dos proprios peritos póde, muitas vezes, ser baseada sobre elementos deficientes.»

« Uma destas rochas — e talvez uma só — quando estudada por methodos aperfeiçoados, offerece evidencia inquestionavel de que algumas das inscripções nella gravadas representam signaes alphabeticos e de que estes não foram alli registados pelos indios, assim de que a feitura de taes signaes é de data anterior á da chegada á America dos Peregrinos Inglezes.»

« Dos monumentos ou objectos de antiguidade americana, a Rocha de Dighton é, certamente, o mais discutido. A mera descripção das tentativas feitas para copiar e interpretar os signaes n'ella gravados constitue de per si um estudo fascinante.»

« E agora que se apresentam novas descobertas e, finalmente, baseadas em factos verdadeiros, novamente volta a Rocha de Dighton a attrahir a attenção publica.»

A rocha não se acha situada em Dighton, mas em Assonet Neck, Berkeley, quasi equidistante entre Taunton e Fall-River e do lado opposto da villa de Dighton, no Rio Taunton. A rocha é de composição silicosa e situada junto á margem do rio; fica completamente descoberta na baixa-mar e inteiramente submersa durante a prea-mar.

« A face da rocha voltada para o rio se apresenta quasi lisa e macia, mede aproximadamente onze pés de comprimento e ergue-se a quatro pés e dez pollegadas de altura, desde a base até ao topo, com inclinação de trinta e nove gráos do vertice.

Fig. A — A pedra de Dighton cercada pelas aguas do rio Taunton

Esta face acha-se quasi completamente coberta de incisões, algumas das quaes com apparencia de signaes alphabeticos e outras representando figuras, em grupos varios, uns alinhados regularmente outros a esmo.

Aparte aquillo que o estudo da rocha nos revele, temos em que a sua existencia se acha registada desde Outubro de 1680.»

« John Danforth, mais tarde presbytero protestante em Dorchester, descreveu em desenho a parte superior dos caracteres inscriptos sobre a rocha áquelle tempo e sobre os mesmos escreveu uma descripção (vide gravura junta). O seu relatorio permaneceu em manuscripto e por publicar durante os cem annos que se lhe seguiram.»

« Entretanto, em 1690, Cotton Mather publicou uma vaga cópia do desenho feito por Danforth, sem lhe reconhecer a autoria, cópia que acompanhou de commentarios seus.

Em 1712 conseguiu Mather obter, de origem que desconhecemos, um outro desenho mostrando a parte interior da inscripção na rocha, remettendo nessa occasião os dois

desenhos á Real Sociedade de Geographia, em cujo boletim (Philosophical Transactions) foram publicados em 1714, aliás com a parte inferior voltada ao contrario, erro este que só ha poucos annos se descobriu. »

« Esta descoberta provocou enorme interesse, e de caracter douradouro, sobre a rocha, d'ahi resultando grandes discussões, tanto na Europa como na America, acerca das interpretações possiveis. »

« O proprio Mather attribuiu as inscripções aos Indios, mas a opinião publica inclinava-se para as gentes do Oriente como seus autores.

O segundo periodo de discussão sobre a rocha foi provocado com a communicação feita pelo Conde de Gebelin, Paris, em 1871, em que dava a interpretação da inscripção na rocha, inscripção que attribuia aos antigos navegadores Carthaginezes, opinião esta que o Sr. Ezra Stiles, ao tempo Reitor da Universidade de Yale, perfilhou, cavalheiro este que, n'um sermão proferido em 1783 perante o Governador e Membros da Legislatura do Estado de Connecticut, alludiu á Rocha como sendo um padrão gravado pelos Phenicios ha tres mil annos. O periodo mais agitado e de mais cuidadoso escrutinio do assumpto foi, porém, quando em 1837 o Professor Rafn, da Dinamarca, annunciou que lhe seria possivel decifrar na rocha uma declaração comprobativa de que fôra naquelle local que Thorfinn tentara estabelecer, em 1007, a colonia de Vinland. »

« Deste debate se occuparam não sómente a maioria dos historiadores d'aquella época como muitas pessoas mais ou menos competentes para a discussão de tal assumpto. »

Da historia da discussão da Rocha de Dighton são estes os factos mais salientes. E provavel é que nenhum registo ou padrão lavrado pela mão do homem tenha jamais dado occasião a tão animada discussão quanto á origem, idioma, contendo a verdadeira interpretação.

Nesta tentativa de apurar a autoria da inscripção de que nos occupámos nada se poupou, desde a invocação de habitantes da Atlantida, Tribus perdidas de Israel, Egypcios, Lybios, Sycthios, Chinezes, Romanos, Druidas, Missionarios Catholicos, Piratas, e até os homens do proprio periodo pre-glacial!

Fig. B — "Primeiro desenho da descripção da pedra de Dighton feita pelo Sr. John Danforth em outubro de 1860 (o original existe no British Museum)"

« Sem embargo, até hoje, nenhuma das theorias apresentadas logrou alcançar a confiança geral. Aparte a opinião geral de que se tratava apenas de inscripções feitas pelos Indios, as versões formuladas têm sido baseadas em concepções romanticas e imaginarias e jamais sobre crenças bem fundadas sobre a existencia de determinado individuo ou raça naquellas paragens. »

« A complicada historia deste conflicto de opiniões, só recentemente foi compilada detalhadamente, podendo ser lida em artigos, a começar no decimo oitavo volume das recentes publicações *Publications of the Colonia Society of Massachussets.* »

« As versões anteriores sobre a polemica contêm grande numero de incorrecções. »

« A principal difficuldade em se chegar a um acôrdo sobre tal estudo resulta da

circumstancia de que, pelo estudo da rocha em si, ninguem póde, com segurança, decifrar as inscripções nella existentes.»

« Porque as marés, apenas durante um curto periodo, deixem a descoberto a Rocha de Dighton, não é possivel fazer-se um exame que satisfaça; a illuminação, por outro lado, tambem sempre deficiente, nunca abrange uniformemente toda a face da Rocha; a maior parte das gravuras são tão leves, tão identicas em colorido com a restante face da pedra e de tão facil confusão com as irregularidades de composição da mesma e os effeitos do tempo na pedra, que tarefa bem difficil é destacar os lavrados artificiaes da decomposição natural da rocha.»

« Das inscripções photographadas, apenas poucas se podem acceitar inteiramente. A figura humana esculpida entre as extremidades da inscripção, duas pequenas figuras identicas, á extrema esquerda duas figuras confusas, em fórma triangular e ao topo, e ainda um exquisito quadrupede com hastes proximo ao centro da face da pedra, constituem, por assim dizer, tudo quanto se approxima entre os varios exames feitos.»

«Demonstrando suppostas interpretações das inscripções feitas na rocha e tendo as mesmas sido previamente cobertas a giz, existem aproximadamente trinta photographias; destas se verifica a diversidade de interpretação e cobertura a giz, excepto no que se refere a poucos caracteristicos communs. No conjuncto, a differença entre umas e outras é notavel.»

Fig. C — Primeira photographia conhecida da pedra de Dighton. — Daguerreotipo feito em 1858 pelo cap. Bastman, hoje em poder da sociedade historica de Pensilvania

«Verifica-se igualmente que, seja o estudo feito por duas pessoas ou só pela mesma pessoa mais de uma vez, não tem sido possivel chegar a completo accôrdo. A Rocha de Dighton constitue, pois, um daquelles raros objectos em que se nota qualquer coisa de definido, mas por todos visto de modo diverso. Desta sorte, somos levados a concluir que os defeitos primordiaes das photographias resultam da fórma diversa sob que cada um dos photographos interpretou o curso dos signaes da pedra, ao cobril-os a giz, afim de os photographar, não podendo, por isso, merecer confiança para rigorosa pesquiza.

Egual criterio somos forçados a adoptar para com tentativas feitas para registar as inscripções na rocha quando, antes do recurso da photographia, se cobriu a face inscripta com tinta de impressão, afim de tirar das inscripções uma copia directa.»

« A unica solução para um estudo adequado seria a de uma boa photographia. Subsistia, porém, a mesma difficuldade, desde que, para se registar photographicamente as inscripções, estas teriam de ser, ou destacadas primeiro a giz, ou por outra qualquer fórma, assim se influenciando a versão segundo a marcação que se fizesse. Só uma ou duas das photographias assim feitas se apresentam sufficientemente claras para permit-

tirem estudo isento da interpretação de quem deu relevo á inscripção antes de photographal-a. »

« Assim, pois, o valor de quinze desenhos e impressões e de uma boa duzia de photographias tiradas á rocha e que existem, aparte certos caracteristicos que apresentam harmonia, limita-se a registar o aspecto psychologico de mal fundadas convicções por parte dos respectivos autores. »

« Ha, entretanto, algumas descripções da face da rocha feitas com fidelidade e sem terem sido prejudicadas por interpretações phantasiosas do observador. »

« A primeira tentativa feita em 1840 para photographar a rocha e cuja chapa não se sabe onde se acha, foi em época demasiado cedo na historia da photographia. O daguerreotypo mais antigo que se conserva, tirado pelo Capitão Seth Eastman em 1853, mostra os traços inscriptos na rocha marcados a giz. Entretanto, a focagem foi tão cuidadosamente feita que muitas das linhas que não foram cobertas a giz tambem apparecem na photographia. »

Fig. D — A inscripção de Dighton segundo um desenho feito por uma commissão da Sociedade Historica de Rhode Island, em 1834

« É digno de nota o facto de que fosse esta das primitivas photographias, e de todas, a mais nitida, pois que do seu talhe podemos obter confirmação de traços que em photographias mais recentes apenas podemos suspeitar. Este daguerreotypo foi especialmente feito para Schoolcraft afim ser empregado na sua illustração das *Tribus Antigas.* Os methodos então empregados para reproducção de daguerreotypo eram, entretanto, tão primitivos que nos não servem para pesquizas; mas como o original foi recentemente encontrado entre a collecção da Historical Society of Pennsylvania, possivel se nos torna apresental-o aqui, pela primeira vez, tal qual é. O melhor processo conhecido para conseguir um forte relevo de detalhes de composição, elevação e depressão é o conhecido por projecção de sombra — foco de luz assente quasi ao nivel da face observada, de fórma que a luz projectada ao longo da face observada projecte na sombra todas as gravuras feitas. No caso da rocha de Dighton é, entretanto, impossivel obter um resultado satisfactorio, seguindo tal processo, com luz natural. »

Além disto, como a face da rocha se inclina em um angulo de 39 gráos do vertice, impossivel se torna photographar fórmas exactas e proporções sem distorsão de perspectiva empregando a machina num tripé commum.

« Para que se obtenham resultados satisfactorios, torna-se necessario assentar a machina a altura que permitta a focagem perpendicular á face da rocha, e como a luz do dia se diffundiria pelas depressões gravadas, cumpre photographar de noite e com luz artificial. Foi assim que o autor conseguiu obter os resultados apresentados na gravura IX por photographia tirada ás 3 horas da madrugada do dia 17 de Julho de 1920.

Esta photographia foi feita sobre uma chapa 5″ × 7″, com uma lente Protar, tendo a machina sido assente sobre um cavallete de madeira a uma altura de onze e meio pés e inclinado para baixo a um angulo de 51 gráos perpendicular á face da rocha, sendo a illuminação projectada sobre a face por meio de dois poderosos fócos de luz de magnesio ás duas extremidades. O emprego de dois fócos se tornou necessario devido ao con-

torno da face, cujo centro, projectando-se, annullaria a illuminação completa, se fornecida por um só fóco.»

« Tirámos, assim, uma serie de photographias, deslocando-se gradualmente o eixo da luz por toda a face da pedra. Dois annos mais tarde tiraram-se varias outras photographias, mas com a luz projectada sobre a face da pedra, a angulos diversos. Todas estas photographias foram de valor para o estudo do assumpto. Aquella que fizemos illuminar de ambas as extremidades é, porém, a melhor de todas.»

« Com effeito, póde affirmar-se que esta photographia constitue a melhor, mais instrutiva, precisa e detalhada reproducção jamais feita da Rocha de Dighton. E tanto detalhe mostra que, na verdade, em alguns pontos se torna difficil a sua reconstituição.

Talvez que, devido á forma grosseira e profunda com que foram gravadas na rocha algumas inscripções recentes, não seja possivel lêl-as nesta photographia. O estudo das demais photographias bôas descobre n'ellas muitos traços claros que, devido á especial incidencia da luz, quasi que são imperceptiveis na photographia a dois fócos.

Como de fórma alguma nem em momento dado e especial de illuminação se podem revelar conjuntamente todos os detalhes na face inscripta, nenhuma photographia, de per si, proporciona os precisos elementos para estudo. E portanto, empregando a collecção que agora possuimos, supplementando umas ás outras, torna-se possivel averiguar muito mais do que jamais se havia sequer suspeitado existir.

É, portanto, fóra de duvida que o estudo das photographias conduz a resultados muito mais satisfactorios do que seria possivel obter com o estudo directo da pedra, na vaga mensagem que nos apresenta. De resto, a rocha póde ser estudada apenas por curtos periodos entre marés, após completa limpeza e enxugo da parte inscripta, sob condições de luz que raramente satisfazem e que nunca abrangem a face por igual. O autor passou alli muitas horas, em occasiões differentes, estudando a rocha, não tendo, porém, conseguido descobrir uma unica caracteristica nova ou differente.»

Fig. E — "Inscripção central da pedra de Dighton. Em cima: phot. do prof. Delabarre, tirada a 16 de julho de 1920, á luz do dia. Ao centro phot. do prof. Delabarre, tirada de noite a 17 de julho de 1920. Em baixo: lição correcta mais provavel em que se distinguem, nitidamente, as palavras Corte Real"

« Por outro lado, o estudo das photographias tem revelado consideravel numero de signaes e indicações até então por descobrir e dos quaes damos aqui os mais importantes. Parece que esta descoberta offerece prova em contrario da opinião generalisada de que a rocha se decompõe rapidamente sob a influencia das marés, do gelo e das mudanças atmosphericas, alterando assim rapidamente as incisões feitas na face.

De que mudança alguma se tem operado na inscripção na rocha, durante os ultimos 70 annos, prova-o a comparação da photographia tirada pelo Capitão Eastman e a tirada recentemente pelo autor. O desgaste da rocha é tão moroso que, a menos que se dê

qualquer desincrustação, torna-se imperceptivel. Mas logo que os antigos observadores não conseguiram descobrir o que agora é possivel registar com o auxilio de apparelhos modernos, tambem se deve admittir que as incisões baixas possam confundir-se com as marcas feitas pelo tempo durante um periodo de cincoenta ou cem annos, para finalmente permanecerem inalteradas indefinidamente. A primeira destas inesperadas descobertas deu-se com a inscripção do numero 1511, verificada pela primeira vez ao estudar a photographia tirada por Harthaway em Dezembro de 1918, signaes estes que toda a gente, juntando-lhes os circulos parecidos com symbolos do sól, logo acima e abaixo do numero 51 e desprezando a curva inferior do 5, suppõe constituir uma figura humana.»

« Admittindo, porém, o numero 1511 como representando uma data, a nenhuma outra conclusão se póde chegar. E esta descoberta determinou a leitura de feitos historicos cuja éra se ligasse a uma época tão remota como 1511. Da leitura de taes historicos resultou a convicção, para mim, que o nome *Miguel Corte Real*, até então nunca visto na rocha, alli se encontra, entretanto, nitidamente esculpido, excepção feita de algumas letras.

Mais tarde, se descobriu o veado á direita da inscripção, depois as figuras 167 e o A D. sobre o peito da figura humana á esquerda do centro, a tartaruga abaixo e os dois indios á extrema esquerda. A tartaruga se apresenta, porém, um pouco confusa. O A. D., comquanto plausivel, não se apresenta absolutamente nitido. »

« Os numeros 167 e os Indios se apresentam claros e podem ser verificados na propria photographia tirada pelo Capitão Eastman, comquanto nesta as cabeças se apresentam cobertas a giz e um pouco obscurecidas por falta de luz. Claras como se vêem na photographia tirada á luz artificial, de admirar é que ha mais tempo não tivessem sido descobertas na rocha, se bem que, com segurança e sem estudo aturado das photographias, jamais teria sido possivel affirmar a existencia da data, nome, veado, tartaruga, numero e dos Indios.

Da existencia destes seis signaes qualquer pessoa póde adquirir a certeza pelo estudo da photographia á luz artificial e com auxilio de uma lente, especialmente se estabelecer comparação com photographias anteriores, sem relevo a giz, e em particular com a photographia tirada pelo Capitão Eastman. Por serem menos nitidas as photographias anteriores, possivel é que alguns dos traços registados pareçam algo confusos ou indefinidos devido á pobreza de illuminação e alterações a giz; entretanto offerecem ellas elementos de prova sufficiente da existencia dos caracteres apontados, reconhecida ha mais de 70 annos e que não são, portanto, fructo de imaginação. O nome da gravura recente, achado proximo ao centro e que Rafn e seus companheiros attribuiram a Thorfin e sobre o que tantas conjecturas têm sido baseadas, difficilmente inspira confiança. »

«Comtudo, difficil é repudiar a sua existencia. Até aqui não tem sido possivel a quem quer que seja e por meio de comparação de desenhos feitos e susceptiveis de duvida, affirmar a veracidade da interpretação dada pelo referido Rafn. De resto, não havia meios de prova para tal interpretação.

Agora já nos é possivel obter elementos sufficientes para estudo e chegarmos a uma conclusão mais facilmente do que estudando a rocha no proprio local. A face da pedra gravada se apresenta neste estudo sob todos os seus aspectos mais interessantes, assim como a chapa obtida pelo Capitão Eastman tal qual foi feita e as demais chapas, ampliadas de fróma a facilitar o respectivo estudo. »

« A primeira coisa que se nota é que duas fórmas proeminentes e aproximadas, assemelhando-se a um X e a um V, proximo ao fim da linha inferior, não constituem por

certo parte da inscripção primitiva, mas foram augmentadas mais tarde e interpoladas sobre a mesma, confundindo assim alguns dos caracteres já feitos. Comquanto esta circumstancia se não verifique facilmente nas photographias mais antigas, a presumpção de sua existencia resulta bem clara. »

*

A nossa fascinação, desde muito, pelos assumptos epigraphicos, principalmente referentes á America, é notoria e o demonstram nossos presentes trabalhos. É por isso que o presente artigo nos trouxe elementos valiosos e nos inspirou de modo a concorrermos com o nosso mediocre contingente, ao problema que paira sobre a tão interessante Rocha de Dighton.

Os dois excellentes trabalhos, dos quaes ora nos occupamos, ampliam o que se tem dito a proposito, sendo que o primeiro, tem por base essencial a prehistoria, philologia e epigraphia e o segundo, o estudo epigraphico pela photographia. Neste proposito ahi estão as variedades e fórmas de investigar a verdade, em um caso bem original e interessante.

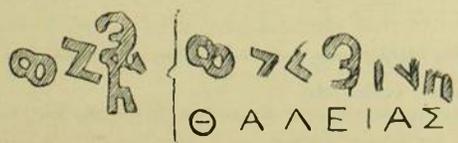
Com esses elementos, póde-se bem ajuizar ou resolver o ponto capital em que se resume tão importante rocha, que representa, com effeito, grande curiosidade e valor prehistorico, mesmo.

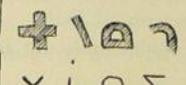
Percebe-se claramente que alli deixaram varios navegadores o seu signal de passagem, e a época em que ella se effectuou, mais ou menos o que se dera com o notavel navegador Côrte Real, como presume o professor Edmund Burke Delabarre, vendo mesmo datas e figuras de animaes, etc.

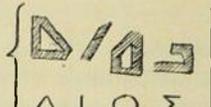
As revelações de Onffroy de Thoron alludem a um trecho phenicio, esculpido, de permeio a outras inscripções, por elle interpretado iconographicamente; proporcionam ellas esmagadora refutação ao modo irrisorio de o decifrar, pelo celebre Finn Magnusen e de seu engenhoso interprete M. Madier de Montjau.

É, pois, intuitivo que a ordem chronologica prevaleça no caso vertente; e, assim sendo, não póde a inscripção de Côrte Real anteceder ás dos phenicios e gregos. Como iremos ver houve permuta por parte do professor Delabarre, de lettras phenicias por algarismos arabicos.

Eis ainda um caso imprevisto até agora e que nos suggeriu a fig. B., cuja authenticidade affirma na sua publicidade a importante Revista *Portugal*. Nós fielmente a fizemos reproduzir e della, ora nos vamos occupar, jamais existindo, como se diz, o original do desenho no British Museum. O referido desenho não determina qual o local da rocha, donde fôra tirado, mas fazendo-se minucioso exame, percebe-se por alguns detalhes, que fôra da parte central superior, em linha horizontal, pois o desenho está gravado verticalmente.

Assim, na fórma seguida, vamos offerecer a respectiva interpretação de mais este especimen do primitivo grego:

Θ Α Λ Ε Ι Α Σ

ΘΑΛΕΙΑΣ, florescente, prospero, abundante; vegetação, novos rebentos, descendentes.

Χ Ι Ο Σ

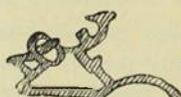
ΧΙΟΣ, Chio, ilha do mar Egéo. ΧΙΌΣ, habitante *ou* nativo de Chio.

Δ Ι Ο Σ

ΔΙΟΣ, divina, excellente, admiravel, etc.

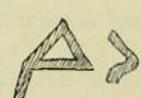
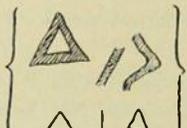
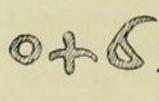
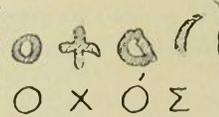
Ρ Α Ι Ο Σ

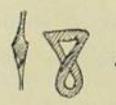
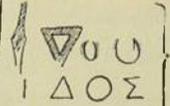
ΡΑΙΟΣ, *ou* ΡΑΔΙΟΣ, facil, commodo, expedito; que se deixa facilmente levar, obediente, complacente, frivolo, inconsiderado, credulo, simplorio, tolo, *alg. vez.* facil de comprehender, etc.

ΘΑΛΕΙΑΣ ΧΙΟΣ ΔΙΟΣ ΡΑΔΙΟΣ

FLORESCENTE E NOVO REBENTO DE CHIOS É EXCELLENTE, ADMIRAVEL E COMMODO

Θ Α Λ Ε Ι Α Σ

ΘΑΛΕΙΑΣ, florescente, prospero, abundante, etc.

Δ Ι Α

ΔΙΑ *acc. de* Ζευς, *gen.* Διός, JUPITER. ΝὴΔία, por Jupiter, etc.

Ο Χ Ό Σ

ΟΧΌΣ, tenaz, firme, solido; *com o gen.*, que retém, que contém, etc.

Ι Δ Ο Σ

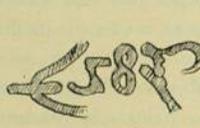
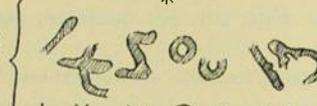
ἹΔΟΣ, *Poet e ION.* suor, *alg. vez* calor, que faz suar, tempo quente, verão, etc.

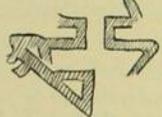
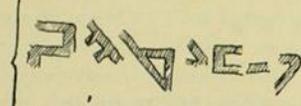
ΨΙΕΙΣ

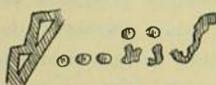
† ΨΙΕΙΣ, *Gloss.* feliz, afortunado. R ψιά por εὐψία, etc.

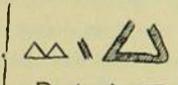
ΘΑΛΕΙΑΣ ΔΙΆ ΟΧΌΣ ΙΔΟΣ ∴ ΨΙΕΙΣ

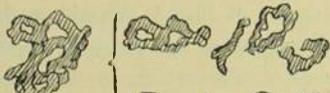
AO PROSPERO REBENTO, JUPITER RETEM O CALOR, FELIZ, AFORTUNADO

*

ΙΧΝΟΣ ΙΣ

"ΙΧΝΟΣ, traços dos passos, marca do pé, *fig.* vestigio, traço, passo, indicio, *alg. vez. Poet.* marcha etc. ΙΣ, força, vigor, etc.

ΣΈΡΑΠΙΣ

ΣΈΡΑΠΙΣ *ou* ΣΑΡΑΠΙΣ, SERAPIS, *nome d'uma divindade egypcia.* (Em outra parte tratamos minuciosamente desta divindade).

ΒΙΟΣ

ΒΊΟΣ, vida, viver, subsistencia; bens, fortuna; a humanidade, a sociedade; a civilização, condição, etc.

ΒΙΑΣ

ΒΊΑΣ, força, pujança, violencia, injuria, ultraje, attentado, etc.

ΒΙΟΣ

Idem como a precedente.

ΑΒΙΟΣ

ΑΒΙΟΣ, que não tem ou não procura de que viver; pobre. indigente; não civilizado, sem vida, etc.

ΙΧΝΟΣ ΙΣ ΣΕΡΑΠΙΣ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ
ΒΊΟΣ "ΑΒΙΟΣ

TRAÇOS OU VESTIGIOS DA FORÇA E VIGOR DE SERAPIS Á VIDA E PUJANÇA DA HUMANIDADE POBRE E NÃO CIVILIZADA

O primeiro desenho, pois, da Rocha de Dighton feito por John Danforth, em 1680, offerece-nos valiosa tradição prehistorica Americana. É elle a reproducção de uma das mais valiosas inscripções que alli podem existir, parallela á phenicia, sendo, portanto, recentes as demais. É do mesmo estylo, é semelhante á não menos celebre inscripção de *Grave Creek*; uma completa a outra, sendo, porém, aquella de magnifica apparencia nas disposições caracteristicas.

Sobre as muitas execuções de photographias da rocha, em relação ás suas inscripções, bem judiciosos são os conceitos que formula o illustre professor Edmund Delabarre. São ellas com effeito tão differentes entre si!

Na execução pratica de nossos trabalhos, epigraphicos, nem sempre nos tem valido mais a photographia, que o desenho. Este, feito por quem tem alguma noção d'aquelles estudos, offerece grandes vantagens.

Somos, finalmente, gratos á illustre redacção da importante Revista *Portugal* por nos ter proporcionado elementos valiosos, em um assumpto em que todos nós estamos empenhados.

* * *

No intuito de aqui resumirmos as opiniões externadas pelo illustre Director do Museu Nacional, Ladislau Netto, passamos a nos referir ao cap. VII de sua citada obra.

Nelle faz a concentração de caracteres figurativos e symbolicos dos productos ceramicos de Marajó, comparação dos typos mais distinctos ou mais communs dos mesmos caracteres com os de outros povos dos dois continentes; desenvolvimento intellectual da familia humana, muito acima da proporcionalidade adstricta á escala zoologica, etc.

« Uma selecção de todos os caracteres symbolicos ou emblematicos, diz elle, reproduzidos muitas vezes nos artefactos ceramicos de Marajó, não póde deixar de ser um repositorio curiosissimo para o estudo do desenvolvimento, intellectual do povo que foi alli deixar em tão numerosos monumentos os vestigios da sua elevada e culta mentalidade. As estranhezas até aqui observadas no que havemos examinado da artefacção ceramica dos primitivos indigenas do Brasil, e em particular da ilha de Marajó, nada são, comparadas com as que nos apresentam certas e determinadas figuras ornamentaes da ceramica dos *mounds* d'aquella ilha.

O que ninguem poderia averiguar actualmente é em que sentido e com que fim tão rigorosamente modelavam, gravavam e pintavam os ceramicos primitivos do Brasil os seus artefactos sob a fórma d'esta ou d'aquella especie de objectos, ao contrario do que outras vezes praticavam, arrastados nas azas da mais arrojada imaginação. Seria realmente do mais elevado alcance o conhecer-se, por acurado estudo dos caracteres symbolicos e dos phantasiosos emblemas ou das restrictas e rigorosas reproducções dos objectos, se consciente ou inconscientemente gravaram ou pintaram semelhantes figuras as nossas antigas louceiras ou os que as dirigiam n'esses trabalhos.

Fossem ou não as mulheres louceiras as auctoras d'estas figuras, não hesito em acreditar terem ellas deixado alli, de sua ou de alheia lavra, emblemas e caracteres convencionaes representando trechos ou parcellas de tradições referentes á origem dos nossos *mound-builders*.

O que é de natural intuição, entretanto, é que não conservassem aquelles individuos nem as fórmas primitivas de semelhantes caracteres em toda a integridade de seu antigo delineamento, nem a sciencia tradicional da significação das figuras ahi representadas.»

«E se muito sobrepusesse me seria a comprehender algumas das convencionalidades graphicas que vamos examinar, menos posso ter em mente a intenção de interpretar estes caracteres, deslocados dos grupos onde se achavam entrechocados, como letras de uma palavra ou membros de um trecho perfeito. Necessario foi, porém, dar aqui a copia mais fiel d'essa nova especie de hieroglyphia amazonense e tudo se oppoz a que eu a reproduzisse de outro modo. Nem me fôra isso possivel á vista da fragmentação a que se achava reduzida a quasi totalidade dos delicadissimos vasos, em cuja decoração estão justamente figurados os caracteres de que se trata.

Obrigado, portanto, a representar cada emblema em separado, occorreu-me comparal-os com os caracteres seus similares ou até certo ponto homomorphos das escripturas mexicanas, chinezas, egypcias e indiaticas, e eis como logrei formar os seis quadros que se seguem, compostos de oitenta e duas figuras amazonenses, tendo em face as que mais ou menos lhes correspondem nas referidas escripturas.

É um simples e despretencioso ensaio, cuja imperfeição começarei eu proprio, desde já, a descobrir e cujas deficiencias irei pondo em evidencia, ao passo que lhes tocar nos respectivos numeros.

Se, como parece, existia alguma escriptura convencional entre os ascendentes dos *mound-builders* amazonenses, em boa razão devemos crer, como já o disse ha pouco, lhes não ficasse d'essa escriptura senão a fórma indecifravel e mysteriosa, e essa mesma adulterada a pouco e pouco ao lento perpassar dos seculos. Quantas ceremonias rituaes e quantas praticas seculares dos antigos povos, nossos antecedentes, não empregam as baixas e médias camadas da população moderna sem lhes conhecerem nem a origem nem a significação ! Os hieroglyphos mayas, por estarem insculpidos em rija pedra, conservaram-se, é verdade, incolumes e inalteraveis na configuração que lhes deram os escribas, seus auctores, mas em que pese aos sonhos deslumbrantes de Brasseur de Bourboug, e aos esforços do Sr. de Rosny, não tiveram ainda até hoje aquelles caracteres de pedra o seu verdadeiro Champollion.

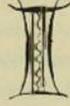
E, pois, que menos o devem ter as figuras emblematicas dos nossos *mound-builders*, limito-me a expol-as nas paginas seguintes em parallelo com alguns symbolos e caracteres graphicos, recolhidos entre monumentos de que mal se conhecem algumas copias, raras vezes exactas.

Melhor seria, bem o sei, não curar de qualquer idéa de parallelismo, afim de evitar as prevenções que, na classe dos americanistas, vão sendo creadas contra quem quer que apresente documentos em contrario ao autochtonismo americano. Mas foi plano meu, desde o principio d'este trabalho, não tratar senão do que me parece ter cunho de verdade, quaesquer que sejam as consequencias que se possam deduzir da minha exposição. Demais, as affinidades encontradas entre as nossas e as antiguidades de varios paizes dos dois continentes nada têm que ver com o autochtonismo da familia americana.

Esta podia ter tido por berço o solo do novo mundo, e recebido muito mais tarde o influxo de uma civilisação estranha, sem que por este facto se possa pôr em duvida a sua origem. . .»

ESTAMPA I

NUMERO	BRASIL-MARAJÓ	MEXICO	CHINA	EGYPTO	INDIA
1 — Fig. 509					
2 — Fig. 510					
3 — Fig. 511					
4 — Fig. 512					
5 — Fig. 513					
6 — Fig. 514					
7 — Fig. 515					
8 — Fig. 516					
9 — Fig. 517					
10 — Fig. 518					
11 — Fig. 519					
12 — Fig. 520					
13 — Fig. 521					
14 — Fig. 522					
15 — Fig. 523					

CARACTERES SYMBOLICOS COMPARADOS

ESTAMPA II

NUMERO	BRASIL-MARAJÓ	MEXICO	CHINA	EGYPTO	INDIA
16 — Fig. 524					
17 — Fig. 525					
18 — Fig. 526					
19 — Fig. 527					
20 — Fig. 528					
21 — Fig. 529					
22 — Fig. 530					
23 — Fig. 531					
24 — Fig. 532					
25 — Fig. 533					
26 — Fig. 534					
27 — Fig. 535					
28 — Fig. 536					
29 — Fig. 537					
30 — Fig. 538					
31 — Fig. 539					

CARACTERES SYMBOLICOS COMPARADOS

ESTAMPA III

NUMERO	BRASIL-MARAJÓ	MEXICO	CHINA	EGYPTO	INDIA
32 — Fig. 540					
33 — Fig. 541					
34 — Fig. 542					
35 — Fig. 543					
36 — Fig. 544					
37 — Fig. 545					
38 — Fig. 546					
39 — Fig. 547					
40 — Fig. 548					
41 — Fig. 549					
42 — Fig. 550					
43 — Fig. 551					
44 — Fig. 552					
45 — Fig. 553					

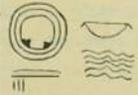
CARACTERES SYMBOLICOS COMPARADOS

ESTAMPA V

NUMERO	BRASIL MARAJÓ	MEXICO	CHINA	EGYPTO	INDIA
60 — Fig. 568					
61 — Fig. 569					
62 — Fig. 570					
63 — Fig. 571					
64 — Fig. 572					
65 — Fig. 573					
66 — Fig. 574					
67 — Fig. 575					
68 — Fig. 576					
69 — Fig. 577					
70 — Fig. 578					
71 — Fig. 579					

CARACTERES SYMBOLICOS COMPARADOS

ESTAMPA VI

NUMERO	BRASIL-MARAJÓ	MEXICO	CHINA	EGYPTO	INDIA
72 — Fig. 580					
73 — Fig. 581					
74 — Fig. 582					
75 — Fig. 583					
76 — Fig. 584					
77 — Fig. 585					
78 — Fig. 586					
79 — Fig. 587					
80 — Fig. 588					
81 — Fig. 589					
82 — Fig. 590					

CARACTERES SYMBOLICOS COMPARADOS

CARACTERES SYMBOLICOS COMPARADOS

ESTAMPA I

Fig. 509 — N. 1 — Esculpido, gravado e pintado em grande porção de adornos, particularmente na representação das arcadas superciliares reunidas ao nariz. É identico ás vezes ao T dos gregos e talvez corresponda ao T e á cruz argolada dos egypcios, entre os quaes symbolisa de ordinario omnipotencia, grandeza, glorificação, vida eterna. No *Codex* de Dresda e no C. troano tem quasi a mesma significação.

Fig. 510 — N. 2 — Esculpido, gravado e pintado como figura do olho. Encontra-se raras vezes em separado. No Mexico, com pequena variante de fórma, exprime a idéa da vista symbolica, da vista divina e traduz-se por: IX-IXTLI. No Egypto symbolisa egualmente a idéa de ver, de saber e de perspicacia.

Fig. 511 — N. 3 — Gravado e pintado, sem expressão definida, salvo a tal ou qual affinidade em que se acha com a phallolatria, como fiz ver anteriormente. Entre os indiaticos parece que tinha alguma referencia identica ao delta dos gregos, symbolisando, em mexicano, a acção de picar, fraccionar, o nome espinho e tambem a idéa de união. Alguns exegetas o traduzem tambem por: UI-HUI-UH, que apresenta algumas semelhanças com a articulação egypcia: HOU, tendo por symbolo a mesma figura.

Fig. 512 — N. 4 — Gravado e pintado. É de suppor que não apresente significação differente da do numero antecedente.

Fig. 513 — N. 5 — Pintado. Tal qual se acha figurado, seria antes um *mound*, um tumulo; mas invertido é um caracter mexicano, significando vaso, e traduz-se por: CAX-CAX-ITL. No Egypcio significa senhor.

Fig. 514 — N. 6 — É provavel (pintado) que represente uma penna. O mesmo caracter no Mexico figura uma penna amarella de alto apreço do passaro TOZTLI, nome que serve de raiz á palavra TOZ-TOZTLI e que significa tambem justiça, verdade. É singular que seja esta egualmente a expressão dada no Egypto ao mesmo symbolo que alli representa a penna da Abestruz.

Fig. 515 — N. 7 — Pintado. É bastante commum esta figura nas pinturas dos vasos mais delicadamente ornados. Não sei, porém, se de facto representará os quatro pontos cardeaes do mundo ou as forças da natureza, como em quasi todos os povos primitivos as symbolisava.

Fig. 516 — N. 8 — Pintado. Hesito em dar por uma graminea esta figura. Se assim é, tem analogia com a haste do milho dos mexicanos, a qual se traduz por OUA-OHUATL e significa *paz*. Entre os chinezes, uma figura de graminea tinha mais ou menos a significação: *de graça*.

Fig. 517 — N. 9 — Pintado. Encontrado na mesma urna funeraria de onde foi copiado o symbolo n. 5. Demasiado já tratei deste emblema quando me occupei da phallolatria.

Fig. 518 — N. 10 — Pintado. Pertencente á mesma decoração dos vasos ns. 5, 6 e 9. Parece figurar uma lagôa, bacia d'agua ou a idéa d'agua limitada. No *Codex* de Dresda seu valor é ATL e MAUH.

Fig. 519 — N. 11 — Gravado. Não sei bem se é saurio, como supponho, ou arachnidio. Como saurio, está em parallelo com a tartaruga dos chinezes e egypcios, representando entre aquelles a idéa de paciencia e de duração e entre estes a de pluralidade.

Fig. 520 — N. 12 — Gravado. Variante do symbolo do n. 2.

Fig. 521 — N. 13 — Pintado. Parece exprimir entre os nossos *mound-builders* o mesmo que significava no Mexico: a idéa de casa, habitação, que se lê: CAL, CALLI, em nahualt. A mesma idéa tem esta figura em chinez e egypcio.

Fig. 522 — N. 14 — Pintado. Em verdade, não sei ao certo se representa esta figura uma ampulheta, como na escriptura chineza e egypcia, em significação de tempo e duração, ou um instrumento de cordas. Foi copiado de um rico vaso funerario.

Fig. 523 — N. 15 — Pintado. Não ouso aventurar que exprimisse, como na escriptura chineza a divisão do dia e da noite ou que fosse, como entre os egypcios, a imagem da noite. Este symbolo está no mesmo vaso da figura antecedente.

ESTAMPA II

Fig. 524 — N. 16 — Pintado. Não tenho perfeita convicção de que represente este caracter a figura do machado. Como encontrei-o, porém, em outros specimens da ceramica de Marajó, e de conformação identica á de varias figuras de machados entre chinezes e egypcios, não é de estranhar a comparação em que aqui o ponho. Em egypcio esta figura tem a significação symbolica de Deus e pronuncia-se TORE ou TERI.

Fig. 525 — N. 17 — Pintado. Tem affinidade com o symbolo mexicano que significa sentar-se e figuradamente governar, commandar (PETLATL), parecendo-se tambem com o signo phonetico egypcio que exprime as consoantes P. e PH.

Fig. 526 — N. 18 — Pintado. Egual ao caracter mexicano que exprime conter, continente e ao signal egypcio symbolico da palavra: senhor.

Fig. 527 — N. 19 — Pintado. Hesitei em apresentar o nosso signo marajoense em parallelo com o dos chinezes e egypcios, que figura uma especie de umbella (flabellum), sendo ás vezes empregado symbolicamente para representar a idéa da calma.

Fig. 528 — N. 20 — Pintado. O unico signo que se lhe assemelha um pouco, encontro-o no antigo chinez, figurando a tartaruga e exprimindo tambem a idéa da tranquillidade. Creio, porém, que nada tem que ver com aquelle symbolo nem com a idéa que elle representa.

Fig. 529 — N. 21 — Pintado. Analogo ao signal chinez figurativo, determinativo de montanha e ao que em egypcio exprime a idéa de rochedo e monte.

Fig. 530 — N. 22 — Pintado. Não se encontra separado, mas ligado a figuras identicas, justapostas e alternantes. Os seus similares: no chinez é uma especie de marco ponteagudo e no egypcio representa uma pyramide ou stella.

Fig. 531 — N. 23 — Pintado. É uma variante da figura n. 21, a qual representa a pluralidade. Acho que, além d'isso, significa região montanhosa á beira d'agua, onde se reflecte cada monte.

Fig. 532 — N. 24 — Pintado. Caracter de difficil interpretação. Póde ser caracter determinativo de animal, de chefe ou figura symbolica de residencia especial. Prefiro, entretanto, não insistir em nenhuma d'estas hypotheses.

Fig. 533 — N. 25 — Pintado. Correspondente ao que em mexicano, em chinez e em egypcio representa casa, residencia e á idéa determinativa de habitar.

Fig. 534 — N. 26 — Pintado. Tem analogia intima com o symbolo egypcio da deusa *Neith*. No phonetico egypcio representativo esta figura exprime a consoante N.

Fig. 535 — N. 27 — Pintado e gravado. É provavel que represente fortificação, estacada á beira d'agua, com alguma analogia com as figuras chinezas e egypcias que significam muro ameiado, barreira defensiva.

Figs. 536 e 537 — Ns. 28 e 29 — Gravado. Estes dois symbolos exprimem idéas de difficil decifração.

Fig. 538 — N. 30 — Gravado. Representa cidade, ou melhor, os quatro pontos cardeaes ou as forças da natureza. Tem no antigo chinez a significação de residencia real, palacio.

Fig. 539 — N. 31 — Gravado. Signal de duvidosa significação.

ESTAMPA III

Fig. 540 — N. 32 — Gravado e pintado. Representa, nos vasos anthropomorphos mais ricos, a figura do olho lacrimoso; tem tambem provavelmente a expressão symbolica de passaro ou de reptil.

Fig. 541 — N. 33 — Gravado. Signal consagrado á representação de rei ou chefe, figurado na ceramica de Marajó com corpo de reptil, segundo penso, nos casos em que esta individualidade é assumpto principal de alguma commemoração referente á zoolatria. Traduz-se, segundo o conde de Rougé, por: AHAU. A figura chineza tem egualmente a significação de superioridade e de supremacia.

Fig. 542 — N. 34 — Gravado. É o unico signo figurativo de vegetal que se nos depara na ceramica de Marajó. Parece ter analogia com o que em chinez e egypcio representa logar coberto de bosque, formando neste ultimo idioma a syllaba AM.

Fig. 543 — N. 35 — Gravado, Apresenta grande affinidade com o signo do n. 27, exprimindo provavelmente, como elle, a idéa de fortificação ou ainda de residencia sobre pilotis. É tambem possivel que inclúa a expressão de numeração.

Fig. 544 — N. 36 — Gravado. Signo figurativo de ponte ou fortificação em egypcio. Entre os marajoaras deveria antes figurar as residencias caracteristicas da ilha, erguidas sobre esteios, como as habitações lacustres do antigo continente.

Fig. 545 — N. 37 — Gravado. Representa em mexicano um altar e se traduz por MOMOZ-MOMOZTLI, figurando o mesmo objecto em chinez. Em egypcio é figurativo determinativo de throno e qualificativo de realeza.

Fig. 546 — N. 38 — Pintado. Não sei se ha sufficiente analogia entre este symbolo e o que em chinez lhe parece corresponder representando um crustaceo ou arachnidio. Póde dar-se tambem a hypothese de figurar olho humano ou de symbolisar a idéa de ver.

Fig. 547 — N. 39 — Esculpido e gravado. Symbolo sagrado de urnas funebres e de alguidares de fino lavor. Corresponderá ao symbolo Quetzal-coatl americano e ao Urœus egypcio ? É o mesmo ophidio que se acha em relevo em differentes vasos de Marajó e que está representado na primeira figura da pagina respectiva.

Fig. 548 — N. 40 — Gravado. Recordação da ponta de flecha que não foi ainda encontrada nos *mounds*. Terá alguma analogia com o instrumento de absidianna, que em lingua maya exprime ITZ-ITZ-TLI ?

Fig. 549 — N. 41 — Gravado. Parece ser uma variante do symbolo que representa os quatro pontos cardeaes do mundo e as principaes forças da natureza.

Fig. 550 — N. 42 — Pintado. Não sei se está alliado á idea do n. 3, parece ter nates outra significação.

Fig. 551 — N. 43 — Pintado. Exprime, em todas as escripturas dos paizes comparados, a idéa d'agua corrente ou movediça, em mexicano symbolisa tambem o sangue EZTLI. É uma figura frequentemente representada na ceramica de Marajó.

Fig. 552 — N. 44 — Pintado. Parece representar um ophidio, mas póde ser comparado com o signo phonetico exprimindo DI ou o som de S forte. Em campo de tamanhas duvidas, quem poderá reconhecer caminho seguro? É o mesmo que navegar ás escuras por sobre innumeros parceis.

Fig. 553 — N. 45 — Pintado. Signo figurativo de passaro, ao que supponho, por estar assim representado no mesmo sentido em antiguidades peruanas. Não sei se me assiste razão bastante para comparal-o ao milhafre egypcio, symbolo do deus Horus e ao Toztli mexicano, especie de papagaio de pennas douradas, representando tambem por esta razão o emblema do sol. Teotl em mexicano significa Deus.

ESTAMPA IV

Fig. 554 — N. 46 — Pintado. Signo composto de um duplo symbolo divino em mexicano. Em chinez, segundo o diccionario de Kong-hi, o mesmo emblema significa união e é denominado TAU. Laotse attribue-lhe a significação da divina essencia e chama-o um abysmo de perfeição que contem todos os seres. Segundo o Chouc-ouen o Tau representa a divindade em um só ser; a união intima, o primeiro bem do homem, do céu e da terra, contidos em um só. Não preciso recordar sobre estas definições o que deixei exposto a respeito do Yoni. O livro Sec-ki, refererindo-se a esta divindade, diz o seguinte: *O Imperador sacrificava* solemnemente de tres em tres annos ao espirito *Trindade e Unidade.*

Fig. 555 — N. 47 — Pintado. Supponho ser uma fórma variante apenas da do numero precedente.

Fig. 556 — N. 48 — Gravado. Devia ter elevada significação por ter sido insculpida no peito de um idolo. É a cruz grega reunida aos quatro pontos cardeaes do mundo.

Fig. 557 — N. 49 — Gravado. Symbolo duplo que me parece uma variante da figura precedente. É uma cruz dupla tendo correspondentes nos caracteres do Egypto e da India.

Fig. 558 — N. 50 — Gravado. Não sei se representa figura identica ás duas anteriores. Ha n'este signo alguma cousa que lembra o caracter TOZ-TOZTLI, mas sou mais propenso a crer que haja ahi a indicação de quatro chefes vindos de regiões differentes para um só ponto.

Fig. 559 — N. 51 — Gravado. Symbolo composto tendo a ideia do tempo encimado pelo Tau, que parece, assim, uma divindade universal. Esta fórma pyramidal é a que supponho haver sido dada aos templos de todos os povos primitivos dos dois continentes.

Fig. 560 — N. 52 — Pintado. Symbolo composto. Pouco parece reportar-se aos caracteres egypcios que figuram em parallelo diante d'elle. Toda a figura parece representar a residencia de um chefe ou o proprio chefe, mas não ouso expor a respeito a menor observação.

Fig. 561 — N. 53 — Pintado. Caracter muito semelhante ao signo MULUK do *Codex Cortesianus*. Deve significar residencia, ponto de reunião, talvez cemiterio ou tumulo de um chefe.

Fig. 562 — N. 54 — Pintado. Residencia de chefe ou rio atravessado por uma ponte? Ha, com effeito, alguma analogia entre esta figura e a do n. 10, segundo o *Codex* de Dresda.

Fig. 563 — N. 55 — Dupla residencia ou origem de duas nações alliadas? Não sei se terá analogia com os caracteres egypcios que lhe ficam em face na respectiva columna.

Fig. 564 — N. 56 — Pintado. Lastimo que não me seja dado comprehender ou suspeitar sequer a significação deste duplo signo.

Fig. 565 — N. 57 — Pintado. Parece figurar um monumento sagrado, talvez de pedra, no interior de um *mound*, e, se assim é, refere-se a algum paiz onde os *mounds* tinham esta particularidade, de todo extranha a Marajó. Monumentos que assim poderiam ser figurados se encontram em grande copia ao longo do Ohio e do Missuri e em quasi todos os paizes da America povoados por tribus constructoras.

Fig. 566 — N. 58 — Pintado. Ou representa um reptil ou residencia entre ou sobre montanhas. A julgar pelas analogias que até aqui nos hão guiado e a que nos havemos soccorrido, todo este signo multiplo parece figurar residencia ou cidade real entre montes com duas unicas sahidas. Os triangulos dos quatro cantos n'este caso não me parecem facilmente decifraveis.

Fig. 567 — N. 59 — Gravado. Acha-se gravado no fundo do pequeno e formoso terceiro vaso figurado á pagina. É um symbolo complicado e delicadamente gravado bastante semelhante ao que orna a pedra dos sacrificios aztecas, mencionado por Prescott.

ESTAMPA V

Fig. 568 — N. 60 — Pintado. Por analogia, deve representar a alliança de duas nações ou de duas cidades.

Fig. 569 — N. 61 — Pintado. Symbolo de casa de residencia, povoação, tanto em chinez como em egypcio. Terá a mesma significação entre os nossos *mound-builders*?

Fig. 570 — N. 62 — Pintado. Lembra bastante a swastika, tendo unicamente a inversão de duas espiraes. Dir-se-ia a combinação d'este emblema sagrado com o symbolo KUA, tambem divino. Com pequenas variantes, é a figura mais empregada entre os antigos e modernos amazonenses na ornamentação dos seus artefactos.

Fig. 571 — N. 63 — Pintado. É notavel este symbolo por ser identico ao mexicano, o qual, segundo Landa, é o 17° dia e denomina-se AHAU: rei ou o periodo de 24 annos. A legenda o dá por demonio, chefe de legião e o chama HANHAU, segundo o POPOVUL, em allusão, sem duvida, ao personagem HUN-CAMÉ.

Fig. 572 — N. 64 — Pintado. Mostra ter algumas analogias com a figura anterior. É uma cara humana com vislumbres de physionomia felina; o que lhe dá significação de supremacia, de valor e até divindade.

Fig. 573 — N. 65 — Pintado. Não vejo significação sufficiente para este multiplo signo, senão na ideia de cemiterio, necropole.

Fig. 574 — N. 66 — Pintado. Residencias construidas sobre tumulo. É de notar-se a presença d'estes monumentos de pedra, figurados nos caracteres symbolicos aqui expostos, não havendo uma só pedra nos *mounds* de Marajó. Este mesmo signo invertido parece ser figurativo de cara humana.

Fig. 575 — N. 67 — Pintado. Caracter symbolico de grande cidade, de grande povoação ou de paiz habitado? Parece, porém, antes o emblema de TEOTL ou TEUTL: deus em mexicano.

Fig. 576 — N. 68 — Pintado. Symbolo da paz ou da alliança? Em mexicano, egypcio e indiatico encontram-se signos analogos, mas não é permittido dizer, se em identica significação.

Fig. 577 — N. 69 — Pintado. Comquanto se ache aqui em parallelo com symbolos de diversas significações, parece-me representar antes a figura KUA, tendo aos lados as forças da natureza, segundo a theologia.

Fig. 578 — N. 70 — Pintado. Parece significar folha, logar coberto de florestas.

Fig. 579 — N. 71 — Gravado. Signo symbolico, representando um saurio. Em egypcio o symbolo figurado pelo crocodillo com a cauda inclinada representa o poente, o occidente.

ESTAMPA VI

Fig. 580 — N. 72 — Pintado. Symbolo de difficil decifração, ainda que pelos caracteres egypcios seja possivel explical-os parcialmente. Ha, com effeito, ahi o caracter figurativo de fortaleza, encimado pela figura symbolica da palavra do commando. Na parte inferior do signo a figura existente póde ser tumulo ou póde representar ainda a idéa de dominio.

Fig. 581 — N. 73 — Pintado. Não deve estar muito afastado da significação de paiz habitado, colonisado, etc. O que é notavel é o pequeno traço negro que tem correspondente em egypcio.

Fig. 582 — N. 74 — Pintado. Em chinez um signo approximado desta fórma representa foice, sendo determinativo figurativo de contrario á verdade, adulteração e dolo.

Fig. 583 — N. 75 — Pintado. Parece ter a symbolisação do olho ou representar a idéa da vista. O orgão da visão offerece, na ceramica de Marajó, innumeras fórmas entre as quaes esta é bastante commum, ainda que representada de ordinario em vasos de somenos valor.

Fig. 584 — N. 76 — Pintado. Com pequena modificação, parece representar a mesma figura do n. 63.

Fig. 585 — N. 77 — Pintado. Em nenhum documento até hoje publicado sobre os caracteres graphicos dos paizes que tomei para a comparação d'estas figuras da ceramica marajoense, se me deparou algum que tivesse analogia com este emblema. O do Mexico, representado em face, se lhe approxima um pouco; não creio, porém, que represente a mesma idéa ou figure o mesmo objecto.

Fig. 586 — N. 78 — Pintado. Na representação de um ophidio inscripto na dupla pyramide ha um sem numero de idéas de que, por demasiado heterogeneas e complicadas, eu não ousaria nunca me occupar. Nos caracteres hieroglyphicos egypcios não será difficil encontrar ligada a esta figura a idéa da dentada de um ophidio; deixo, porém, a outrem a discussão d'este assumpto.

Fig. 587 — N. 79 — Pintado. Supponho ser em mexicano a figura de grande edificio, de palacio real (TEHAUTII ?), ainda que me não pareça explicavel o contorno da figura.

Fig. 588 — N. 80 — Pintado. Figura representando, ao que supponho, abrigo de aves nocturnas e symbolicamente a idéa de agouro. É uma das figuras mais salientes

e mais perfeitas da tampa de uma urna funeraria. A idéa de noite, apresentada no symbolo egypcio da columna correspondente, é bem manifesta no caracter de Marajó, como parece ser perfeitamente visivel a figura das duas aves.

Fig. 589 — N. 81 — Gravado e pintado. Caracteres mui communs sobre a ornamentação das urnas funerarias. São signos talvez casualmente figurativos do sceptro de Osiris, lembrando ao mesmo tempo a figura da mão, na attitude de offerenda ou de holocausto, ou mais ainda, a cabeça da *Mycteria americana*, tendo um peixe no bico. É bem de ver quanto se torna difficil a elucidação de semelhantes assumptos.

Fig. 590 — N. 82 — Gravado. Signo composto figurativo de residencia fortificada de chefe, de senhor poderoso, entre região montanhosa e grande superficie d'agua.

Nenhum grupo é mais delicado nem mais artisticamente coordenado que este, de quantos se nos deparam na ceramica dos constructores das collinas artificiaes de Marajó. Terá, porém, a significação que lhe attribuo ?

*

São estes os symbolos comparativamente organizados e descriptos por Ladisláo Netto, que reproduzimos como elementos concludentes do nosso capital assumpto.

Abstrahimos varias interpretações, que a nosso vêr, não estão perfeitas porque consistem os mesmos symbolos em letras dispostas em blóco, com significação determinada, arte e symetria, ao passo que admittimos outras, de certa originalidade, curiosas, adequadas apparentemente ás comparações feitas.

Muito já temos recapitulado sobre symbolos, em argumentos varios, no decurso deste trabalho; estes vêm ainda confirmar com seus desenhos, as considerações até então suggeridas. Tão vastos, complexos, são elles na remota antiguidade, como presentemente. Hoje vemos multiplas instituições, tendo cada uma o seu brazão, armas, escudos, monogrammas, etc.

Assim conclue o referido autor o presente capitulo, tão interessante quanto engenhoso e util, em alguns pontos porém, em desaccordo com o nosso modesto modo de ver:

« Tendo n'estas indagações muito de sciencia ascendida, dos factos menos notaveis, aos assumptos de maior importancia para o estudo dos nossos aborigenes, e ao passo que mais elevado se me vai mostrando o nivel da intellectualidade representada nos documentos que estamos a examinar aqui, tanto maiores são as similitudes manifestas entre os artefactos ceramicos amazonenses e os que em confronto lhes justapomos, de origem não sómente americana, senão tambem egypcia e chineza.

Foi a primeira base de comparação, neste fito particular, a serie de cabeças que havemos reunido em grupos de physionomias affins. Todos os povos do mundo estão ahi em grande parte representados pelos seus mais notaveis especimens. Vimos, pois, as immensas fórmas ceramicas, entre as quaes tantissimas vezes se nos depararam demonstrações evidentes de que aos *mound-builders* marajoenses não faltavam nem elevada mentalidade nem afiliações evidentes com povos oriundos das mais antigas civilisações do globo. E como se não bastassem todos esses documentos para nos demonstrar a larga dianteira alcançada pelos primitivos incolas do Amazonas, eis que se nos deparam por ultimo caracteres graphicos dos mesmos incolas em parallelo com os de que se serviram, talvez ao mesmo tempo, outras nações dos dois continentes. E, de surpreza em surpreza, força

é confessar que chegamos a ter diante dos olhos testemunhos irrefragaveis em favor de commum origem que enlaça a grande familia americana com as nações do Nilo e da Indo-China.

Não serão, porém, uma verdadeira miragem estas similitudes?

Na verdade, ellas se nos affiguram de tal ordem que bem podem erguer fundadas presumpções a respeito da immiscuidade de elementos alienigenas na raça americana do solo asiatico, que successivas correntes de emigrantes, rechaçadas pelas luctas intestinas ou pela invasão dos barbaros montanhezes do occidente, procuraram nas terras do levante, além das Aleutas, seguro e longinquo refugio. »

« Mas como explicar tambem o intimo parentesco egypcio entrelaçado com estas feições indo-chinezas na intellectualidade dos nossos primitivos amazonenses? Demais, quem nos poderá dizer com firmeza se foram muitas ou uma só a corrente migratoria a cuja exotica plasticidade devemos essas primeiras transfusões ethnicas no sangue primitivamente virgem da antiga raça do nosso continente? Bem facil é de ver o emmaranhamento em que se nos queda o espirito no meio de tão encontradas ponderações. »

« Vem de molde o perguntar a proposito d'este assumpto se não é antes admissivel a hypothese das evoluções parallelas. »

« Entendo por semelhantes evoluções as que até certo ponto e a varios respeitos se observam na escala zoologica. A differença principal é que nos seres inferiores ao homem os factos são na apparencia, ou pelo menos ao alcance da nossa percepção, funcções estacionarias, denunciadoras de uma intelligencia instinctiva e adstricta a uma tal ou qual hereditariedade, peculiar a cada genero ou especie, ao passo que no homem selvagem accresce a semelhantes faculdades a de selecção consciente e racional, do que lhe advém, salvo influencias deprimentes e perturbadoras, o seu constante aperfeiçoamento. »

« Tocamos, porém, n'este terreno a um dos magnos problemas da antropologia. Na verdade, ser-nos-á licito buscar entre os animaes constructores a exemplificação do trabalho, por assim dizer funccional, do homem barbaro? Qualquer que seja o ponto da terra em que se achem a formiga, a abelha, a ave, o castor, ahi terão construido estes laboriosos individuos as suas residencias, e os seus ninhos, mais ou menos identicos aos dos animaes seus congeneres, embora tambem seus antipodas. Na familia humana como naquelles animaes, á analogia dos orgãos e das faculdades é natural que corresponda uma certa identidade de consequentes funcções, independentemente da transmissibilidade tradicional; mas até que ponto, na esphera de visivel adiantamento intellectual, podemos acceitar este simile do homem com os representantes de toda a escala zoologica na autefacção relativa a cada genero ou familia? Bem sei e já o disse ha pouco que o mesmo homem barbaro raciocina, compara e aperfeiçôa o seu trabalho arrastado pelas necessidades da existencia; mas qual deve ser o limite em que as mais estreitas similitudes se podem manter entre dois povos inteiramente estranhos um ao outro e privados desde todo o principio de quaesquer meios de communicabilidade, sem detrimento irrefragavel para o autochtonismo de um d'elles?.. »

É, dizemos nós, com a interpretação das importantes inscripções, auxiliados com as respectivas tradições, vulgarisadas de norte a sul do Brasil, que chegaremos á solução de tão magno problema da nossa prehistoria.

Eis um problema, portanto, que ora entra no periodo de resolução, felizmente.

Nada perdemos em reproduzir as palavras de Ladisláo Netto. Este paciente trabalho contém, como ficou dito, uma variedade de symbolos, valiosos uns e apparentes

entre si, emquanto outros não passam de juncções de letras do antigo grego, dispostas em estylo figurativo e linear. Deduz-se isto claramente, da grande serie de interpretações paleographicas que ora offerecemos. De permeio, notam-se ainda: simples desenhos, letras isoladas, arabescos dispostos com muita arte, meras fantasias tão ferteis nesses admiraveis e engenhosos labores, que tanto vêm preoccupando os nossos scientistas.

Semelhantes trabalhos se não podem desprezar; são elementos valiosos a resumir, para de todos elles se deduzirem conclusões formaes e definitivas. E cabem aos seus autores meritos compensativos, em proporção aos esforços de cada um. Por outra phase, são ideias temerarias, hypotheticas, pessimistas, que se chocam adversas, mas que por fim se unificam, se combinam pela discussão, á realidade calma e synthetica dos factos, como ora vem acontecendo neste vertente caso.

É singular, que uma grande força investigadora posta em acção no sentido de dissipar, refutar e mystificar o alto valor da nossa epigraphia, exercida em grande parte pelos orientalistas ou anteamericanistas, viesse finalmente, ao contrario, fornecer os mais preciosos elementos e provas em auxilio positivo do ideal americanista, com proveito da nossa prehistoria.

CAPITULO VI

Urucará e Uatamã: Suas inscripções e considerações sobre a existencia de sua Necropole

AS inscripções desta Villa, isto é, as que lhe ficam proximas, estão situadas á sua esquerda e são visiveis nas vasantes regulares. Não encerram grande valor epigraphico, mas são singularmente profundas, quanto admiravel é a paciencia de seus executores.

O blóco, por exemplo, que representa a fig. 20, apezar de immenso, não foi em nada desperdiçado; contém avultadissimo numero de rostos, em seus logares mais reconditos. Este blóco não foi *in totum* incluido em nosso clichê, mas o excedente, podemos assegurar, não está menos esculpido que o figurado.

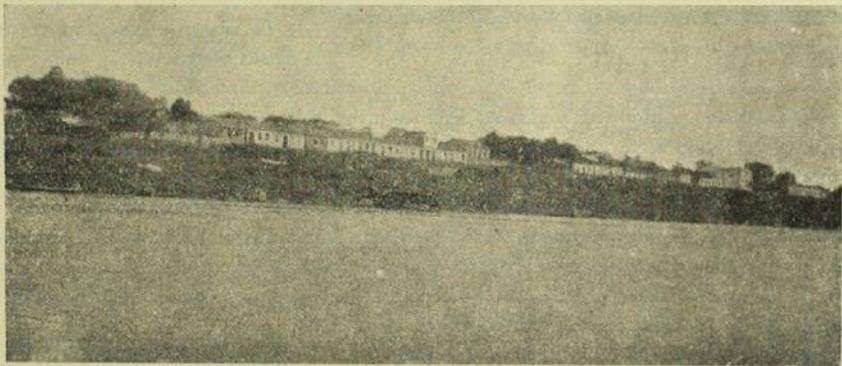



Fig. 591 — Vista de Urucará

Logo atrás, em uma leve depressão, está ainda um outro blóco, que se nos afigura um tumulo, pela natureza dos desenhos que contém, fig. 593. Representa o emblema da morte, além de outros analogos aos da inscripção de Itacoatiara.

Está exactamente de conformidade com a historia da crença ou religião phenicia nesta parte, e de que já tratámos no capitulo antecedente. Ora, esperar os desmoronamentos naturaes ou occasionaes da Necropole desta região, como aconteceu á denominada Miracãuera, será entregar ao tempo destruidor esse problema, que deve, ao contrario, ser resolvido por investigações ou excavações pacientes e immediatas. Todos os

indicios induzem a uma conclusão talvez util e valiosa para nossa archeologia; e apezar disso, nenhuma ordem de estudo ou observação ainda alli foi levada a effeito, aliás, a nosso ver, com muitas probabilidades de exito.

As inscripções muito nos revelaram já; resta seguir os vestigios desse povo, do qual são ellas positivamente originarias. É de notar, que as figuras esculpidas, na sua quasi totalidade, dão apparencia de rostos humanos, indicio vehemente de Necropole n'aquelles arredores.

As figs. 594 a 597 são outros pequenos blócos, que se encontram nas immediações dos de que tratámos.

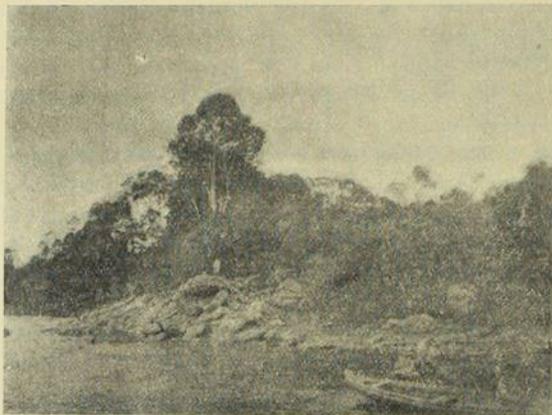



Fig. 592 — Blocos com figuras esculpidas (Urucará)

Além destas inscripções, algumas outras existem ainda no paraná de Urucará, fronteiro a esta cidade, como em suas margens proximas da fóz do Uatumã, as quaes são accessiveis nas medias e grandes vasantes.

É possivel mesmo, que tenhamos o prazer de incluil-as em appendice neste trabalho, pois servirão para melhor ampliar o assumpto em questão.

O rio, que passa em frente a Urucará, parece ser uma continuidade do rio Uatumã; e neste desagua o importante Jatapú.

No presente capitulo, incluimos as ligeiras investigações por nós levadas a effeito neste ultimo rio, de certa relevancia epigraphica, tanto quanto nos permittiu a enchente do mesmo.

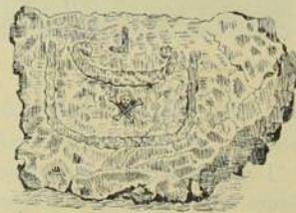
A fig. 11, representa a pequena, porém muito interessante cachoeira denominada — Arara —. Os blócos que a formam são no exterior, ligeiramente brancos e no interior, roseo claro e de grande rigidez e belleza. Suas fórmas são como representa a photographia, de aspecto não vulgar. Alli observámos, em pedra, a figura de um pombo pousado sobre o alto de um blóco com 1m,50, em fórma de columna, como que propositalmente esculpido.

Em um outro blóco notámos traços esculpidos em sentido apparente aos signos de Tanit, divindade phenicia.

Inscripções em traços e figuras, declarou-nos o nosso guia, já estarem no momento submergidas. Acham-se localisadas em face de grandes pedras, por onde passa o curso da crystalina agua da cachoeira.

Fig. 593

Muitos outros blócos de pedra branca, sem aspereza, estão dispersos nas margens do Rio Jatapú, com variantes e interessantes fórmas.

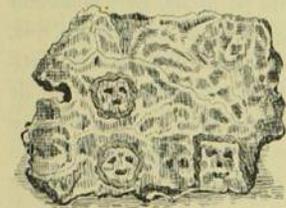
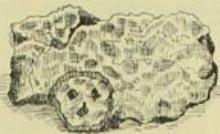
Os logares denominados Capúcapú, Abacate e tantos outros nesta região, e que ainda não visitámos, são assignalados por series de inscripções lapidares. Affirmou-nos o Sr. Candido Barros, commandante da lancha Canamary, que nos conduziu

a uma excursão á fóz do Rio Uatumã e a Urucará, existirem importantes inscripções no logar conhecido por *Jacaréquara*, situado pouco acima da entrada deste rio, á esquerda.

Deste modo vê-se, quanto é fertil este valle em assumptos epigraphicos.

Tambem é certo, que contém o mesmo figuras talhadas em pedra, semelhantes ás de Sangaris, como as derrocadas escadarias de pedra, que o illustre historiographo Pennafort denomina templos phenicios (hoje *curuaras*).

Fig. 594

Fig. 595

Tudo isto precisa vir á luz da observação, do meticuloso estudo dos competentes, resguardados, na maior parte, infelizmente, no commodo tecto de seus gabinetes de estudo. Sabemos, quanto de espinhoso comportam estas valiosas cogitações ou observações propriamente do original, mas nem por isso ultrapassam as raias do possivel.

Estudar de viso, é descortinar com precisão e consciencia.

A propria photographia, poderoso elemento para esta ordem de estudos, algumas vezes não é a expressão real do objecto, porque, em dado momento, por fortuitas

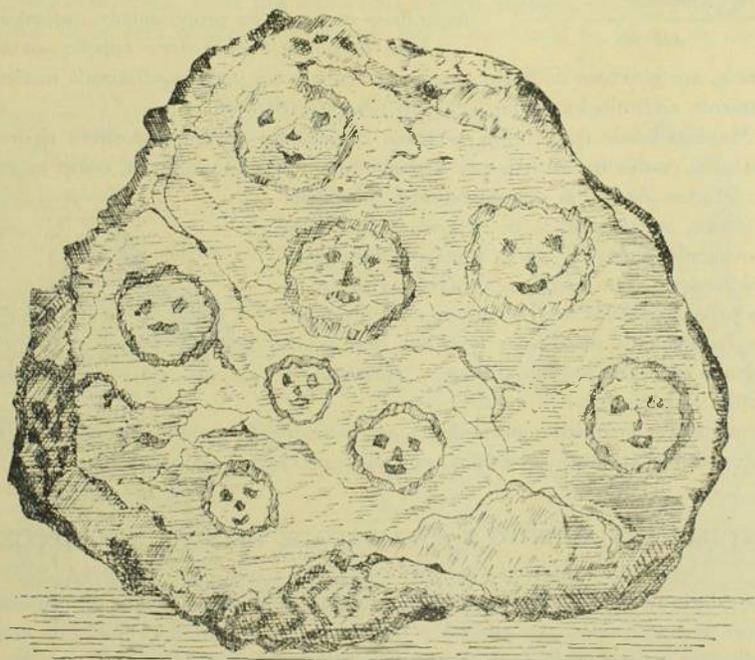



Fig. 596

circumstancias, tem contra si a luz que dissipa ou altera o ponto culminante a apurar. Outras vezes o local não póde offerecer distancia necessaria, nem meios á execução do trabalho.

O desenho é incontestavelmente um valioso auxiliar nas investigações e estudos epigraphicos, e a experiencia nos tem demonstrado de continuo esta verdade.

Quem se destina a uma excursão em zonas encachoeiradas como a do rio Uatumã, por exemplo, é forçado muitas vezes a não ter siquer um ponto de apoio, para conseguir com expressão uma photographia, desde que seja obrigado a effectual-a da embarcação, que, leve e diminuta, não alcança precisa estabilidade, devido ao movimento da agua em vertiginosa corrente; tem ainda contra si, a bruma, que se desprende das catadupas batidas de encontro aos blócos, que lhes servem de obstaculos nos seus violentos cursos. Além de outras cousas, não raro é um desastre, pondo em estilhaços os negativos em vidro, fructo ás vezes de muitos dias de insano labor.

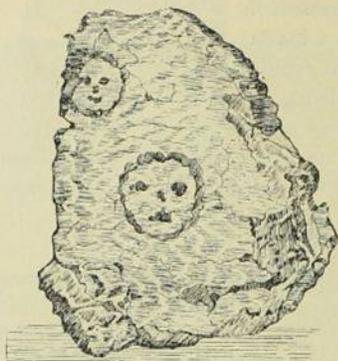



Fig. 597

O sól ardente, a chuva são outros tantos agentes para dissipar ou inutilisar o precioso cabedal e material photographico, como o esforço paciente; outro tanto não acontece com o simples e portatil lapis e fragmentos de papel.

Urucará, até a foz do Rio Uatumã, já mereceu singular visita de uma celebre escriptora extrangeira. Mais tarde, ficou reconhecida a frivolidade desta dispendiosa excursão ou propriamente *exploração.*

Aqui deixamos o mais justo appello aos homens da sciencia, aos governos do Estado, para que tenham em vista esta fecunda região, reconhecidamente archeologica, como fertil em riquezas naturaes.

Á Municipalidade de Urucará, pedimos a confecção de um dispositivo rigoroso em suas posturas, contra quem quer que deprede ou mutile as inscripções, como os proprios blócos. Muitos destes já desappareceram por differentes causas, entre ellas, a de ficarem subterrados pelo movimento annual do fluxo e refluxo das aguas. Estes blocos, poderiam ser transportados a Urucará e, em uma praça, com elles erigir-se um monumento tosco embora, congregando disposições naturaes, mas assim assignalando uma preciosidade historica, aproveitavel aos centros archeologicos em geral.

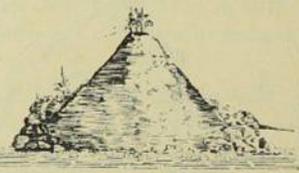



Fig. 598 — Outeiro sepulcral da foz do Uatumã

Constituiria finalmente um valioso aformoseamento para o legendario Urucará, digno da maxima attenção scientifica, por parte do Governo Amazonense.

UATUMÃ, SEU ASPECTO E A VARIEDADE DE SUAS INSCRIPÇÕES

Legendario rio do Valle Amazonense, que encerra uma variante serie de preciosidades archeologicas e minericas, por estudar e explorar. Sua encantadora fóz, que constitue uma bellissima paizagem, forneceu-nos valiosos contingentes epigraphicos, dos quaes nos vamos occupar.

Começaremos pela engenhosa inscripção em caracteres phenicios, disposta em um blóco isolado e de magnifica apparencia. (fig. 19.)

Determinadas as relatividades das lettras empregadas, teremos (fig. 599):

Emins (1), povos bellicosos e agigantados do paiz de Chanaan, os quaes foram destroçados por Chodorla-honor e seus alliados, na planicie de Cariathaim.

Este nome vem da palavra hebraica *Emim*, terrivel, ou de *Amma*, que significa o comprimento desde o cotovello até a extremidade do dedo maior da mão, porque elles tinham comparativamente este tamanho de superioridade aos outros homens. ÆNIM *primi fuerunt habitatores ejus; populos magnus et validos, et tam excelsus, ut de Enacim stirpe, quasi gigantes crederentur, et essent di similes filiorum Enacim.* (Deut. 2, 10, II.)

Fig. 599

Eis uma allusão a uma parte do povo Cananeo, originada talvez por um de seus adeptos, que fez parte da imigração.

Pondo de parte a phantasia ou exagero que póde envolver a tradição sobre gigantes na nossa região, referida por Xavier de Sampaio, em 1774 a 75 (2), não é contraproducente repetirmos suas palavras a proposito, e sobre habitos e costumes de algumas tribus indigenas de então:

« Entre as mais superstições da nação Purús, é famosa a do rigoroso jejum expiatorio a que se entregam por uma lei de religião.

Emquanto ella dura, ainda que sobrevenha alguma molestia, não tratam de si, nem comem mais do que lhes é permittido no jejum; de sorte que

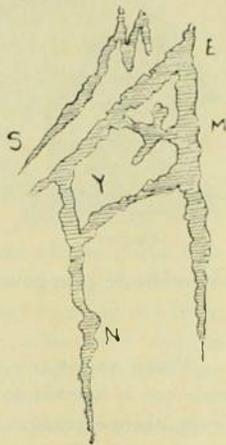
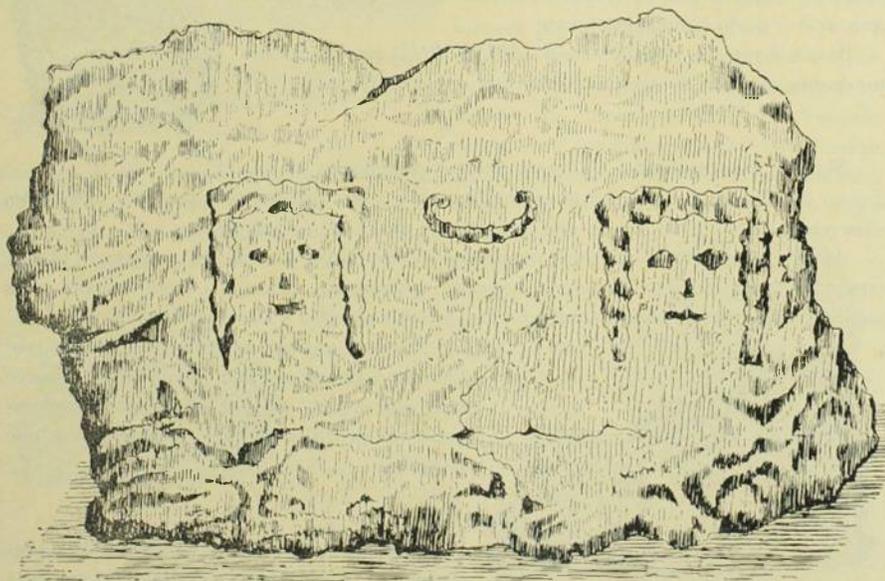



Fig. 600 — Inscripção semelhante a de Itacoatiara, mais perfeita, existente na foz do Uatumã

muitos morrem desfallecidos, sendo necessario aos que vivem na nossa povoação de Alvellos acautelar-lhes o tempo deste jejum, para os livrar da morte, fazendo-os comer

(1) "Diccionario Biblico" etc., por Luiz Felippe Leite. Lisbôa, 1853.

(2) Diario de Viajem etc., citado, pag. 18.

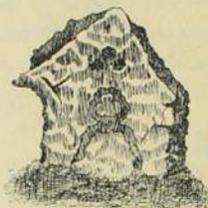
á força. O antigo nome de Alvellos (hoje Coary) era Cochiunara, que ainda conserva uma das suas bocas. São quatro as por onde desagua. Era antigamente povoadissimo, e as suas margens se acham cheias de maïs e mandioca. Nelle, conforme referem algumas relações, habitavam gigantes de dezeseis palmos de altura. »

Tudo isto demonstra, pelo menos, costumes de origens proprias do povo emigrado e que se inveteraram por successivas gerações. É certo porém, que possuimos por offerta de pessoa amiga, um arco medindo 2m,75 de comprimento e flexas de 2m,35, de indios de estatura fóra do commum, apparecidos nas proximidades de Maués e pertencentes a tribu ainda desconhecida.

Fig. 601

Não só o jejum, mas a circumcisão, são rigorosamente observados entre muitas tribus da nossa região, costumes trazidos naturalmente pelo povo emigrado.

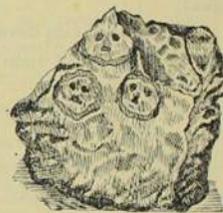
*

Pouco vamos nos deter sobre a correcta inscripção constante da fig. 600. Não é mais que a reproducção em miniatura da já descripta em Itacoatiara, com a vantagem de estar bem expressiva a galera, collocada entre as symbolicas imagens do Sol e da Lua.

Notavel differença se percebe no delineamento das figuras esculpidas pelo artista de Uatumã, em relação ás de outros logares: as linhas são mais leves, correctas, menos profundidade, mais arte e gosto conseguintemente.

É que o aspecto alegre e variado do local lhe suggeriu na alma impressões que não foram facultadas aos outros artistas.

Fig. 602

*

Simples mas profundo é o pensamento que encerra a inscripção em Arabe, artisticamente esculpida no blóco que representa a fig. 605. De facto, offerecem as duas palavras de que se compõe, differentes decifrações.

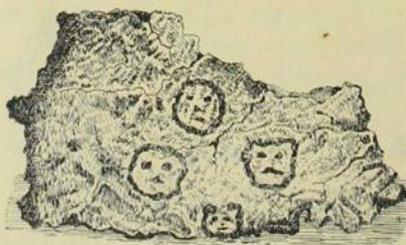
Assim: FALSA CARA, ou *falsa apparencia*, apropriadas á sentença vulgar: — AS APPARENCIAS ENGANAM — corresponde ao exacto pensamento inscripto, acompanhado mais por duas caras: uma, alegre, com atavios, e outra simples e carrancuda.

É ainda espressiva portanto, na linguagem figurada physionomica; finalmente offerece um bom aviso, não só digno de ficar gravado em pedra, como na memoria dos que a lerem.

Fig. 603

*

O blóco que constitue a figura 24 representa uma lamina tôsca ponteaguda, em cuja extremidade superior foi gravado um rosto, dando vaga semelhança á Esphynge Egypcia ou ao Deus Budha. Está um tanto inclinada para traz, como se fôra deslocada de sua primitiva posição, produzindo entretanto, magnifico effeito de esthetica entre outras rochas circumvisinhas. Póde representar esta figura uma das divindades invocadas e reverenciadas, ou simples phantasia do artista.

Outros blócos que se acham nas immediações e que constituem as figs. 603, 604, e 606 a 610, não apresentam assumpto digno de menção; a fig. 601 parece ser um tumulo, no qual estão esculpidos, além de um symbolo, o de tres pontos ∴ que representa provavelmente a trindade phenicia: Rabbat, Tanit Pene e Baal Hammon.

Sempre o commum rosto humano, gravado por toda parte, e representando todavia feições diversas.

Fig. 604

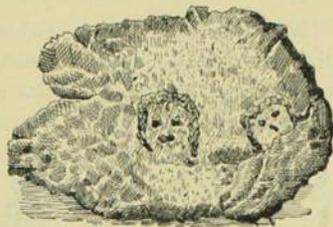
Notadamente, este genero de inscripções se encontra com mais profusão nos pontos, que serviram talvez de templo ou logar dos sacrificios, constituindo adornos de intima particularidade. Estes templos, como já dissemos em capitulo anterior, eram ao ar livre, mas guarnecidos de columnas e degraus formados das mesmas pedras e com sensivel elevação.

Algumas vezes se serviam de columnas de madeira, e, segundo a historia, eram nestas pendurados os objectos offerecidos em sacrificio aos deuses, e, findas as ceremonias, eram queimados.

Fig. 605

Em uma das margens do interior deste rio existe, segundo informações fidedignas, um destes templos, não estando ainda em completa ruina. Do mesmo modo são tradicionaes figuras de animaes talhadas em pedra, dispostas em varios locaes, trabalhos que reunem em si: arte e apparencia perfeita do objecto figurado. No logar denominado Abacate consta ainda a existencia de curiosidades epigraphicas, como no Jatapú e naturalmente em alguns outros locaes. Pelo que se dá com as inscripções de Itacoatiara, tão propicias a visitas, póde-se avaliar quanto ás de outros logares inteiramente reconditos. Requerem attenção e estudo. Não têm merecido a devida importancia do Governo do Estado, como particularmente dos homens scientificos.

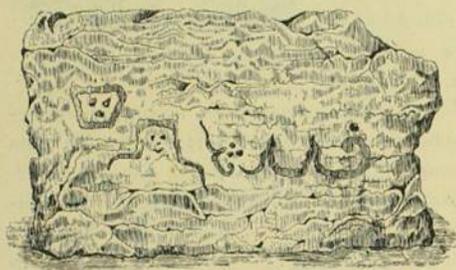
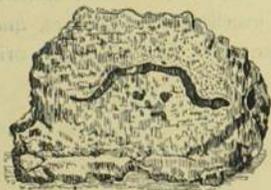
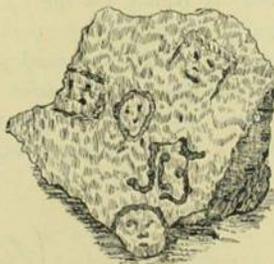



Fig. 606

Fig. 607

Só ao povo emigrado, finalmente, podemos attribuir todas as originalidades do Rio Uatumã e as de outras paragens conhecidas desde remota antiguidade. Sobre ellas se fazem sentir os effeitos de tantos seculos: blócos enormes, tombados, soterrados, partidos, carcomidos, esboroados em parte, a par de fragmentos de uma ceramica irreprehensivel, representando traços e sombras de arabescos artisticos, extranhos por completo á nossa éra.

* * *

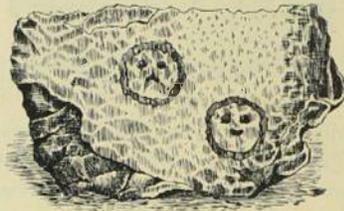
Havia decorrido alguns annos, e neste periodo levámos a effeito, sem resultado satisfactorio, duas excursões; finalmente, em Novembro de 1926, uma extraordinaria vasante nos permittiu uma terceira de feliz consecução, proporcionando-nos a acquisição de valiosas inscripções, sob muitos pontos de vista, parallelas ás do Rio Urubú.

É com prazer que d'ellas passamos a tratar, a começar pelas da fóz do Rio Abacate, novo estylo para nós, de caracteres grego-linear, de uma particularidade engenhosa e artistica. O local, por sua posição natural, é encantador. Lages planas, de pedra branca granitosa, occupam uma extensão de mais de mil metros quadrados. Não ha um só espaço perdido; todos contêm esses profundos e rectos caracteres; profundos e caprichosamente esculpidos, dão ao observador esplendida impressão. Seria talvez a particularidade intima da famosa terra da numerosa Assembléa do Povo Iliada, cujo encontro nos estava com grata surpreza reservado neste tradicional Rio, que assim bem compensou nossas frustradas excursões anteriores.

Fig. 608

Fig. 609

O presentimento, entretanto, perdurava em nosso espirito, e com auxilio do illustre collega do nosso Instituto Geographico e Historico, Sr. Antonio de Vasconcellos, conhecedor da região em que periodicamente navegava, obtivemos as provas, hoje incontestes, da nossa these, que desafiam a incredulidade dos antiamericanistas e dão á petrographia mundial um subsidio valioso.

ΣΟΟΣ

SÃO E SALVO, QUE SUBSISTE OU QUE SOBREVIVE

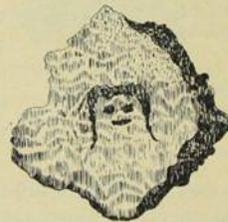
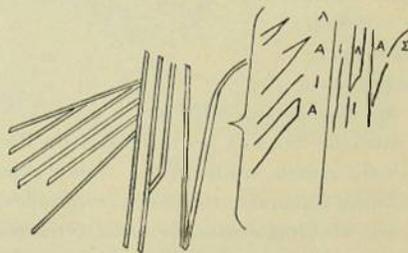



Fig. 610

Sem mais commentarios, passamos á demonstração dos excellentes exemplares, que o tempo nos permittiu desenhar pacientemente e interpretar. Ahi ficam, pois, os originaes á competente apreciação dos scientistas.

*ΛΑΊΑ — ASSEMBLÉA DO POVO —

'ΙΛΪΑΣ, αδος, A ILIADA,

POEMA DE HOMERO, ETC.

INTR: *ΛΑΪΑ 'ΙΛΪΑΣ ASSEMBLÉA DO POVO

ILIADA

Fig. 611 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

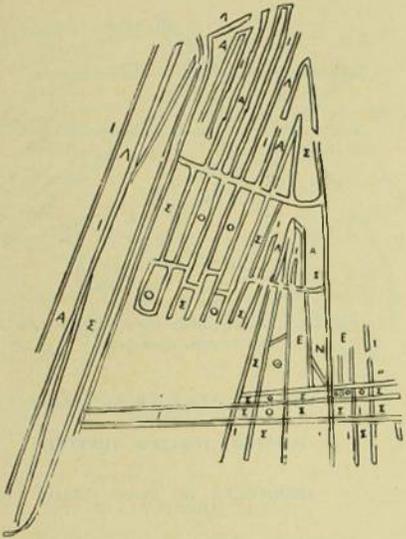



Fig. 612 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*

I. 'ΙΛΊΑΣ * ΛΑΊΑ 'ΙΛΊΑΣ †ΣΌΟΣ "ΟΣΟΣ 'ΙΛῚΑΣ ΣΘΈΝΕΙΑ ΙΣΟΣ, ΙΣΟΣ † ΣΌΟΣ, ΙΣ, ΙΣ, ΙΣ, ΙΣ: ILIADA, ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA, QUE SUBSISTE TÃO NUMEROSA. ILIADA, LUCTAS EM HONRA DE JUPITER STHENIUS? (*) UNIDO, IGUAL Á LIBERDADE, FORÇA E VIGOR.

(*) ΣΘΈΝΙΟΣ — ΖΕΥΣ EM ARGOΣ, JUPITER STHENIUS, DEUS DA FORÇA

II. * ΛΑΊΑ, 'ΙΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

III. ΔΙΆ, ΔΙΆ, ΔΙΆ, 'ΙΛΊΑΣ, 'ΙΛΊΑΣ

ΔΊΑ, *acc. de* ΖΕΥΣ, *gen.* ΔΙΌΣ, JUPITER

Assim temos tres vezes JUPITER *e duas* ILIADA

IV — ΔΊΑ, ΔΊΑ, ΔΊΑ

JUPITER, JUPITER, JUPITER

"ΟΣΟΣ 'ΙΛΊΑΣ 'ΙΛΊΑΣ

QUANTO GRANDE E CONSIDERAVEL ILIADA, A ILIADA!

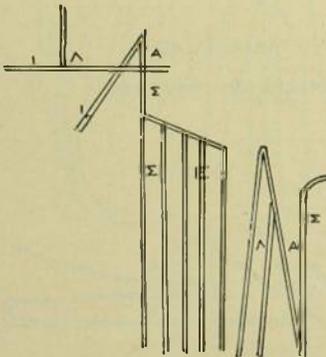
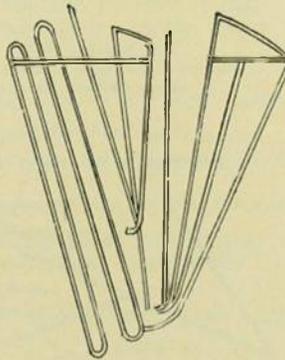



Fig. 613 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

'ΙΛΊΑΣ ΣΕΛΑΣ ILIADA, O BRILHO, ESPLENDOR OU A GLORIA, MAGNIFICENCIA FRAGOR, ETC.

Fig. 615 — Como a precedente

*ΛΑΊΑ ἹΛΊΑΣ ΓᾶΑ

ASSEMBLÉA DO

POVO DA TERRA DA

ILIADA

(ΓᾶΑ *gen* γᾶς *Dor. p.* γῆ *Terra*)

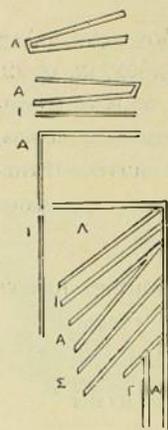



Fig. 614 — Como a precedente

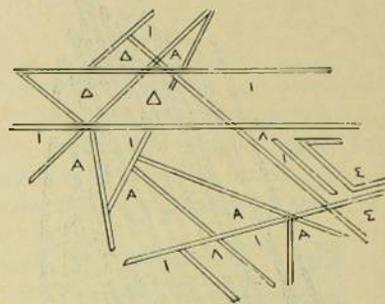



Fig. 617 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

ΔΙΆ ΔΙΆ ΔΙΆ * ΛΑΊΑ, ἹΛΊΑΣ

JUPITER, JUPITER JUPITER

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

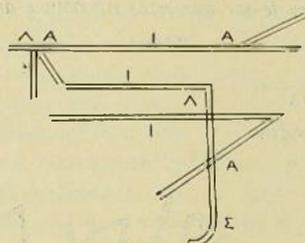
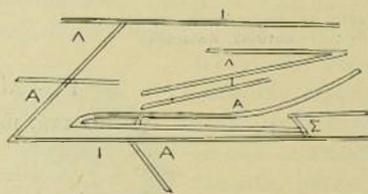



Fig. 616 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*ΛΑΊΑ ἹΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

Fig. 618 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*ΛΑΊΑ ἹΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

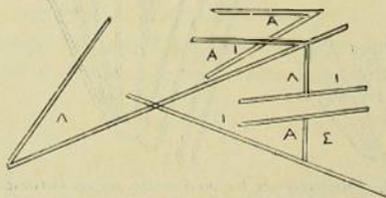



Fig. 619 — Inscripção da fóz da Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*ΛΑΊΑ ἹΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

*ΛΑΊΑ ἹΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

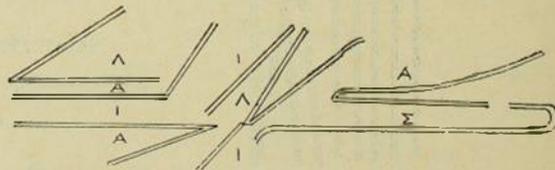
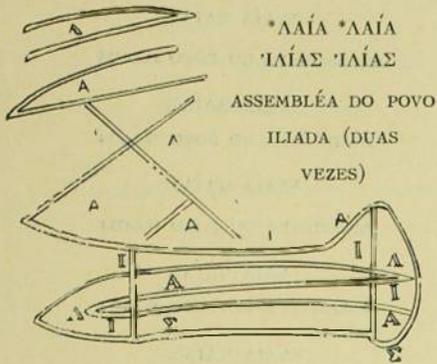



Fig. 620 — Incripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*ΛΑΊΑ *ΛΑΊΑ
'ΙΑΊΑΣ 'ΙΑΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO
ILIADA (DUAS
VEZES)

Fig. 622 — Incripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

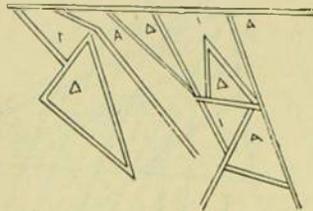
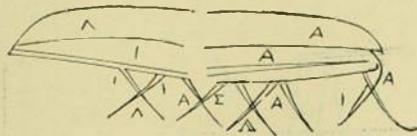



Fig. 621 — Inscripção da fóz do Abacate

ΔΙΆ ΔΙΆ ΔΙΆ

JUPITER, JUPITER,
JUPITER

*ΛΑΊΑ 'ΙΑΊΑΣ *ΛΑΊΑ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA,
ASS. DO POVO

Fig. 623 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

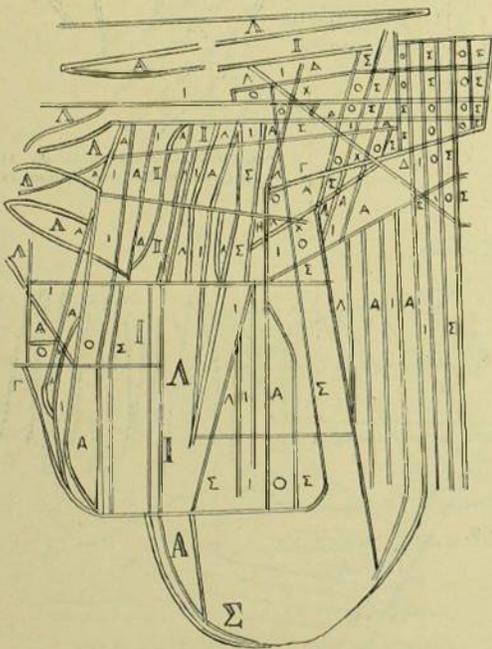



Fig. 624 — Inscripção da fóz do Abacate. no rio Uatumã. Amazonas

*ΛΑΊΑ 'ΙΑΊΑΣ "ΟΣΟΣ "ΟΧΟΣ "ΟΣΟΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA,
QUANTO GRANDE, TENAZ, SOLIDA E
ADMIRAVEL!

*ΛΑΊΑ 'ΙΑΊΑΣ ΔΙΆ "ΟΧΟΣ *ΣΌΟΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA
DE JUPITER QUE SUBSISTE FORTE

*ΛΑΊΑ 'ΙΑΊΑΣ ΛΟΓΑΣ 'ΟΧΟΣ *ΣΌΟΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA,
ESCOLHIDO, FIRME E SÃO

*ΛΑΊΑ'ΙΑΊΑΣ ΠΑΙΧΟΣ *ΛΑΊΑ *ΔΙΌΣ
†ΣΙΌΣ

ASSEMBLÉA DO POVO
ILIADA, TÃO GRANDE ASSEMBLÉA
DO DEUS JUPITER

*ΛΑΊΑ 'ΟΧΟΣ ΓΑΙΑ 'ΙΑΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO TENAZ DA
TERRA DA ILIADA

ΙΛΙΑΔΑ †ΣΙΌΣ ΛΑΊΑ ΙΣ

ILIADA DE DEUS, ASSEMBLÉA DA
FORÇA E VIGOR

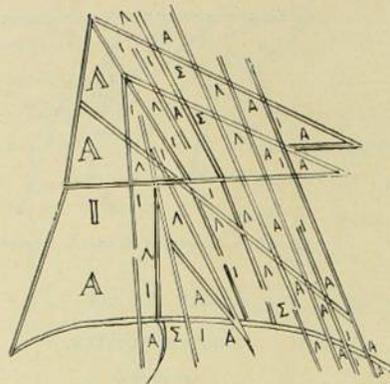



Fig. 625 — Inscripção da fóz do Abacate no rio Uatumã. Amazonas

*ΛΑΊΑ 'ΙΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

*ΛΑΊΑ 'ΙΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

*ΛΑΊΑ 'ΙΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

*ΛΑΊΑ 'ΙΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

*ΛΑΊΑ 'ΙΛΊΑΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA

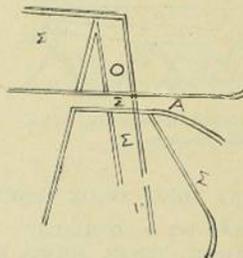



Fig. 626 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

† ΣΙΌΣ ΣΙΑΣ

DEUS DEUSA

*ΛΑΊΑ 'ΙΛΊΑΣ ΓΈ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA CERTAMENTE

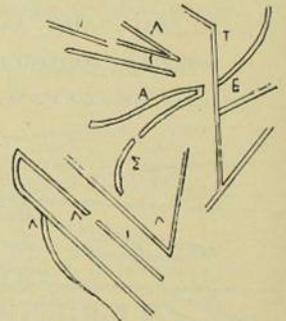



Fig. 627 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*ΛΑΊΑ 'ΙΛΊΑΣ

*ΔΙΌΣ ΝΑΙ

'ΙΛΗ *ΛΑΊΑ

'ΙΛΊΑΣ

*'ΙΛΑ ('ΙΛΗ)

*ΛΑΊΑ

'ΙΛΊΑΣ ΙΣ

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA DE JUPITER, SIM, DA MULTIDÃO

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA E DA MULTIDÃO

ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA DE FORÇA E VIGOR

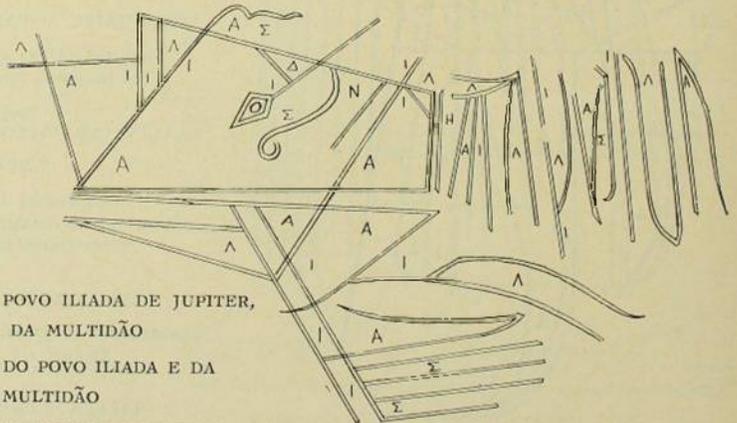



Fig. 628 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã Amazonas

ΣΙΛΟΥΡΟΣ. *ΑΛΙΆ ΣΙΟΣ 'ΙΛΙΆΣ

SILOYROS, ASSEMBLÉA
DO POVO DE DEUS E DA ILIADA

(Σιλουρος *grande peixe do mar e dos rios*)

R. R. σείω, ουρά?

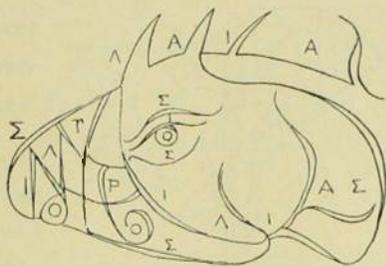
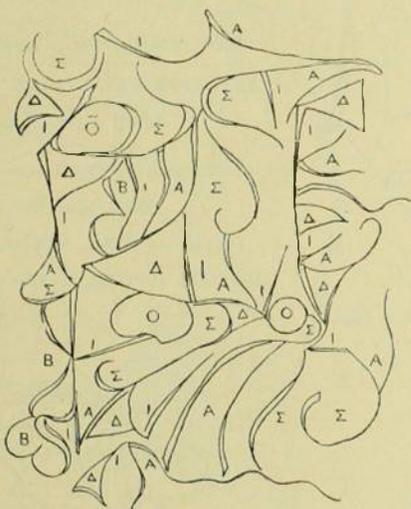



Fig. 629 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*ΔΙΟΣ ΣΙΑ ΣΙΑ
ΔΙΆ ΒΙΟΣ
ΒΙΑΣ* ΣΙΑ ΔΙΆ
ΔΙΆ ΔΙΌΣ † ΔΙΆ

DIVINO,
ADMIRAVEL
DEUSA A DEUSA,
ATRAVEZ DA
VIDA E PUJANÇA!
DEUSA
ATRAVEZ OU DE
PERMEIO A
JUPITER E FESTA
DE JUPITER!

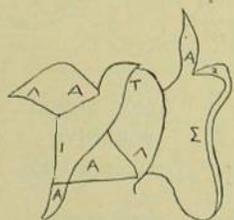



Fig. 630 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*ΑΛΙΆ ΑΤΛΑΣ *ΑΛΙΆ.
ASSEMBLÉA DO POVO.
"ΑΤΛΑΣ, αντος.
ATLAS *nome d'um gigante e de um monte ou montanha na Africa, etc.; tambem:*
"ΑΤΛΑΣ αντος.
Poet. infatigavel, etc.

INTR: ASSEMBLÉA DO POVO INFATIGAVEL

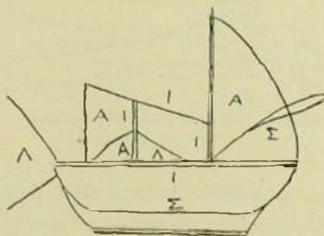
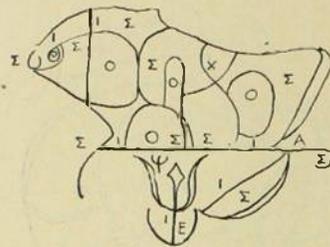



Fig. 631 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

Fig. 632 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

*ΑΛΙΆ 'ΙΛΙΆΣ ΙΣ
ASSEMBLÉA DO POVO ILIADA
FORÇA, VIGOR

Fig. 633 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

†ΣΙΌΣ †ΙΣΌΣ
'ΟΧΌΣ †ΣΙΌΣ
†ΣΙΆΣ ΨΙΕΙΣ

COM DEUS UNIDO,
TENAZ, COM DEUS
E DEUSA, FELIZ
AFORTUNADO

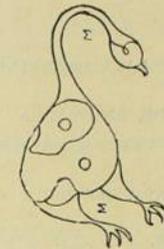
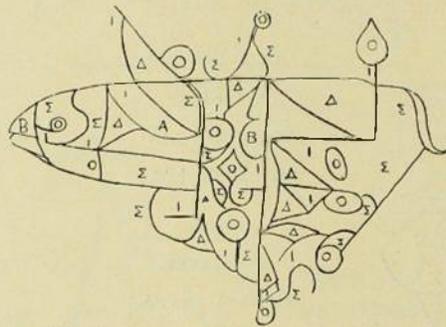



Fig. 636 — Como as precedentes

ΣΌΟΣ

SÃO E SALVO!

Fig. 634 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

ΒΊΟΣ 'ΙΔΟΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ* †ΣΊΟΣ
ΔΊΟΣ ΒΊΟΣ †ΣΊΛΣ 'ΙΔΟΣ ΔΙΌΣ ΔΙΌΣ
ΔΙΌΣ ΔΙΌΣ ΔΙΌΣ

DA CIVILIZAÇÃO É DEUS JUPITER O CALOR.
DEUS JUPITERE
DEUSA DA VIDA, VERÃO. JUPITER
JUPITER, JUPITER, JUPITER, JUPITER

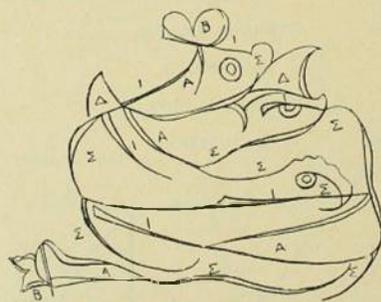
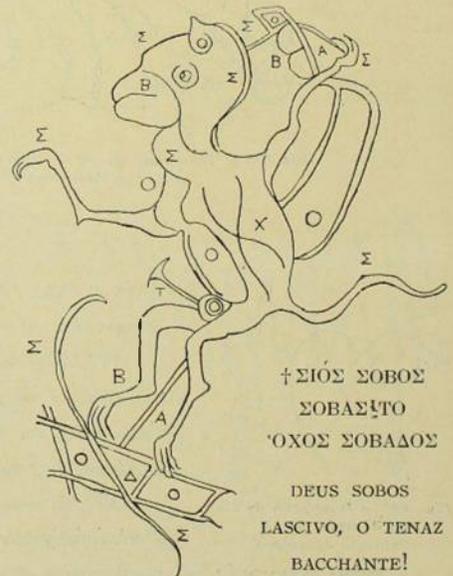



Fig. 635 — Inscripção da fóz do Abacate, no rio Uatumã. Amazonas

ΔΙΆ ΒΊΟΣ †ΣΙΆ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ
†ΣΙΆ ΒΊΑΣ

ATRAVEZ DA HUMANIDADE,
DEUSA E DEUS
JUPITER. DEUSA, FORÇA E PUJANÇA!

†ΣΙΌΣ ΣΟΒΟΣ
ΣΟΒΑΣϟΤΟ
'ΟΧΟΣ ΣΟΒΑΔΟΣ

DEUS SOBOS
LASCIVO, O TENAZ
BACCHANTE!

Fig. 637 — Inscripção da fóz do Abacate, em frente á Assembléa Iliada no rio Uatumã

†ΣΙΌΣ ΙΣΟΣ †ΣΙΆ
ΔΙΆ ΒΊΟΣ ΙΣΟΣ

DEUS UNIDO Á DEUSA
ATRAVEZ DA HUMANIDADE PLANA

Fig. 639 — Inscripção do local denominado Miraanga, no rio Uatumã. Amazonas

Fig. 640 — Inscripção do local denominado Miraanga, no rio Uatumã. Amazonas

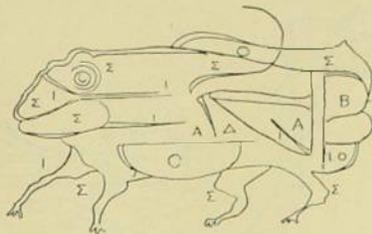
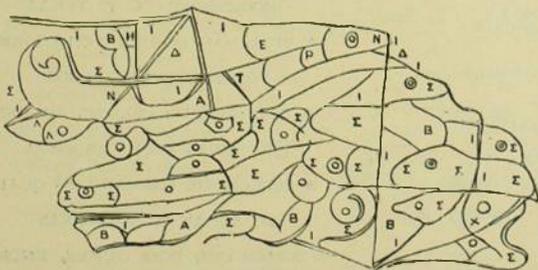



Fig. 638 — Inscripção no local da precedente

I. ΒΊΟΣ ΣΟΒΟΣ ῾ΙΔΈΑ
῾ΙΔΙΟΣ ΣΊΑΛΟΣ

II. ΙΔΙΟΝ †ΣΙΌΣ
῞ΟΛΙΣΒΟΣ ΟΧΕΤΟΣ ΣΟΒΑΣ

†ΣΙΌΣ ῾ΕΦΙΑΛΤΗΣ

III. ΣΟΒΟΣ †ΣΙΌΣ ΒΊΑΣ
ΙΣ ΣΟΒΑΡΟΣ ΣΟΒΑΣ ΣΙΑΛΟΣ

IV. ΕΦΙΑΛΤΗΣ †ΣΊΟΣ ΣΊΑΛΟΣ
ΟΧΕΤΟΣ

I. VIVER DE SOBOS E FORMA CARACTERISTICA, PARTICULAR DO POEMA SATYRICO

II. PROFANO DEUS, PHALLUS EM COURO, ABYSMO, VORAGEM, O LASCIVO DEUS, DEMONIO, PESADELO

III. SOBOS, DEUS DA PUJANÇA E FORÇA, ARROGANTE, LASCIVO E PORCO

IV. DEMONIO, DEUS DO POEMA SATYRICO DO ABYSMO!

Observação: simplificámos a fórma demonstrativa da interpretação, para a conservação do realce nas linhas delicadas da presente inscripção.

†῾ΙΒΗΣ ΣΊΑΛΟΝ, ΙΔΙΑΤΕΡΟΝ
῾ΣΌΟΣ †ΣΌΟΣ ΙΣΟΣ ΙΣ ῾ΣΌΟΣ
῾ΟΣΟΣ ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ ΙΔΙΟΣ
ΒΊΟΣ ΙΣΟΣ ΙΣ ΒΊΟΣ ῾ΟΧΟΣ

BOMBA, (PARA EMBARCAÇÃO) GRAXA E MATERIAS GORDUROSAS, PARTICULARMENTE. SALUTAR ELEVAÇÃO DO ESPIRITO, UNIDA Á FORÇA E ARROJO TÃO CONSIDERAVEL A PUJANÇA DA VIDA. PARTICULAR SOCIEDADE UNIDA Á FORÇA É CONDIÇÃO FIRME.

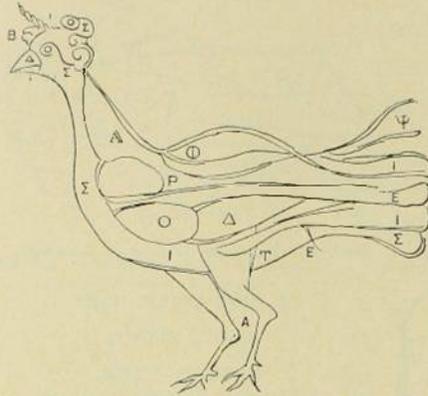



Fig. 641 — Inscripção do local denominado Miraanga, no rio Uatumã. Amazonas

ΒΊΟΣ ΔΊΟΣ †ΣΙΑ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΨΙΕΙΣ

VIVER COM JUPITER E DEUSA

VENUS É

FELIZ, AFORTUNADO

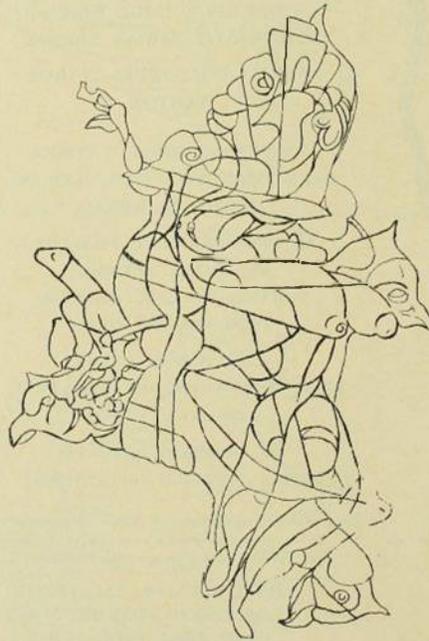



Fig 642 — Inscripção do local denominado Miraanga, no rio Uatumã. Amazonas

ΙΣ ΒΊΟΣ ΣΟΒΟΣ ΒΗΜΑ ΣΟΒΑΡΟΣ

ΣΊΑΛΟΣ ΣΟΒΑΣ ΣΊΑΛΟΣ

FORÇA, VIGOR DO VIVER DE SOBOS E MARCHA ARROGANTE DO PORCO, LASCIVO E DO POEMA SATYRICO!

(A inscripção repete tres vezes este pensamento).

Deixámos de assignalar com letras do moderno grego as antigas, para haver conservação das linhas artisticas da gravura.

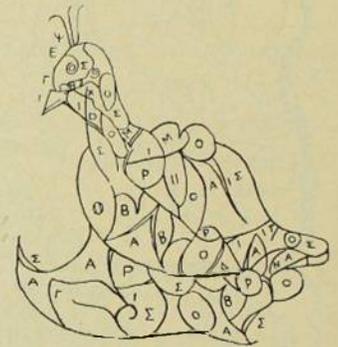



Fig. 643 — Inscripção no local Jaboty, rio Uatumã. Amazonas

ΨΕΓΙΟΣ ʽΟΧΟΣ ΒΊΟΣ

ΟΥ ΟΒΡΙΜΟΠΟΑΙΣ ΑΒΡΟΔΙΑΙΤΟΣ

ΝΑΙ ΣΟΒΑΡΟΣ ΣΑΓΑΡΙΣ

REPREHENSIVEL E TENAZ

A VIDA, NÃO DO QUE TEM FILHOS

FORTES OU PODEROSOS

E VIVE DELICADAMENTE, SIM DO

QUE AGITA COM VIOLENCIA

A ESPECIE DE MACHADO DO QUAL

SE ARMAM AS AMAZONAS

E ADAGA COM DOIS GUMES, ENTRE

OS PERSAS

†ΣÓΟΣ 'ΟΣΟΣ ΔΙÓΣ ΨΙΕΙΣ †ΣΙÁΣ 'ΟΧΟΣ
ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΔΟΛΙΧΟΣ
ΒÍΟΣ †ΣΙÓΣ ΔΙΑ †ΣΙΑ ΑΦΡΟΔΙΤΕ

SALVO PELO TÃO GRANDE JUPITER
E FELIZ AFORTUNADO COM A DEUSA FIRME
VENUS, EM LONGA DURAÇÃO DE
VIDA. DEUS JUPITER! DEUSA VENUS!

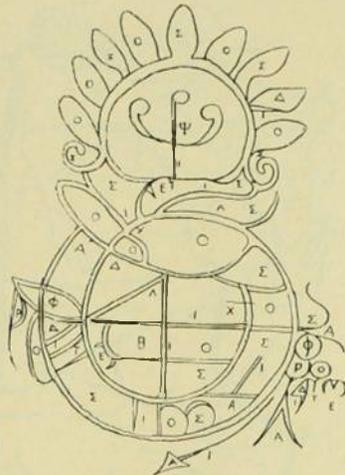



Fig. 644 — Inscripção no local Jaboty, rio Uatumã. Amazonas. O blóco está em nosso poder

PERCEBE-SE QUE A
VETUSTEZ
DESTRUIU QUALQUER
DENOMINAÇÃO
QUE POSSA ALLI TER
SIDO GRAVADA;
MAS DÁ ENTRETANTO
VAGA IDEIA DOS
RIOS JATAPÚ, URUBÚ,
UATUMÃ, ETC.,
ASSIM HOJE
CONHECIDOS. REGIÃO,
SEGUNDO AS
INSCRIPÇÕES DA FOZ
DO ABACATE, QUE ERA
DENOMINADA TERRA
DA ILIADA

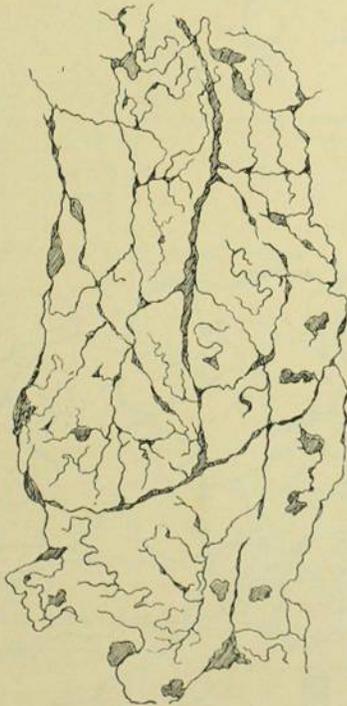



Fig. 645 — Inscripção de apparencia topographica esculpida, como as duas seguintes, nas lages e blócos do local denominado Jaboty, no rio Uatumã. Amazonas

Fig. 646 — Inscripção do local Jaboty, no rio Uatumã. Amazonas

ΊΔΙΟΣ ΒÍΟΣ ΒÍΑΣ

PARTICULAR
VIVER PUJANTE

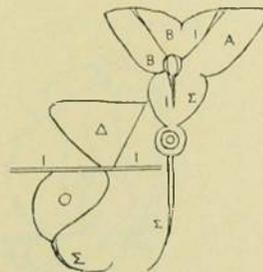



Fig. 648 — Inscripção do local denominado Jaboty, no rio Uatumã. Amazonas

ΙΔΙΟΣ ΒΙΟΣ. ΒΙΑΣ

PARTICULAR

VIVER PUJANTE

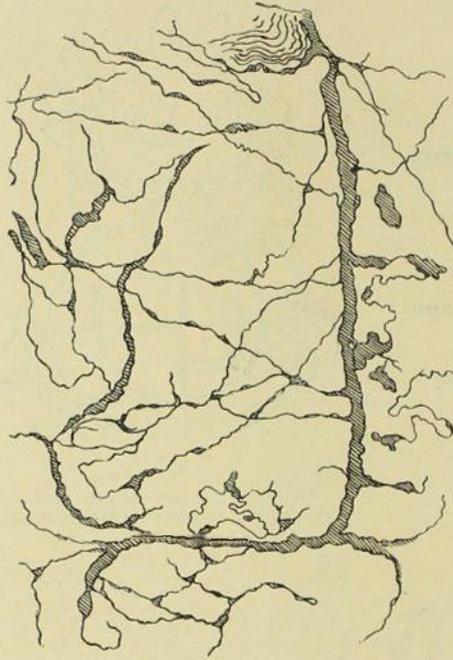



Fig. 647 — Inscripção de apparencia topographica no local Jaboty, rio Uatumã. Amazonas

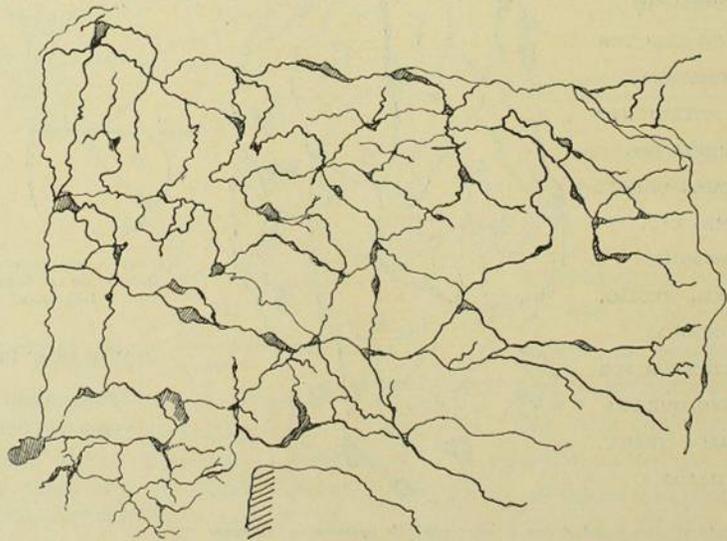



Fig. 648 A — Inscripção de apparencia topographica esculpida em lages no local denominado Jaboty, rio Uatumã. Amazonas

ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ ΒΊΟΣ
ΛΙΝΟΝ ΒΑ͂ †ΣΙΌΣ
ἸΔΙΟΤΡΟΠΟΣ ΒΊΑΣ

PROJECTA AO LONGE TUA
SOMBRA Á VIDA,
DESTINO, OH! DEUS QUE
TEM CARACTER
ORIGINAL DA FORÇA!

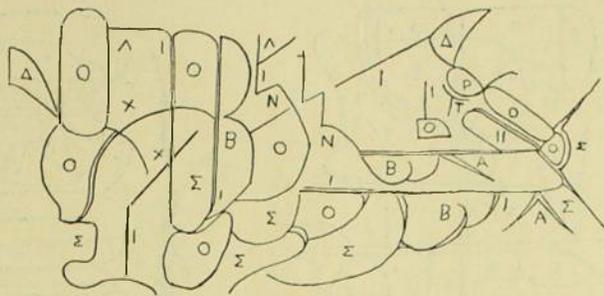
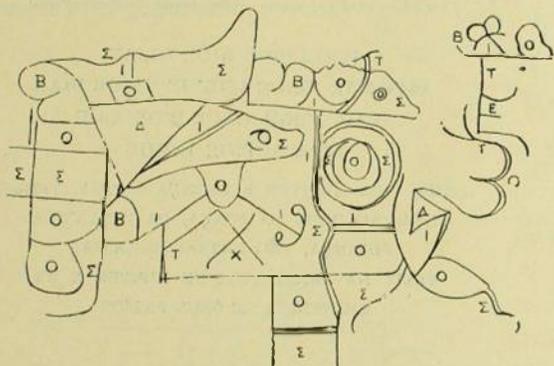



Fig. 649 — Inscripção do local Jaboty, no rio Uatumã. Amazonas

ΒΙΟΣΣΌΟΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ.
ΒΙΟΤΙΧΟΣ ΙΣ ΙΣΟΣ ΒΙΟΤΟΣ
ΒΙΟΤΕΥΩ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ

QUEM SALVA A VIDA É DEUS
JUPITER, A VITALIDADE, FORÇA
UNIDA, IGUAL, BENS DE
FORTUNA, PARA SE SUSTENTAR,
É DEUS JUPITER

Fig. 650 — Inscripção do local Jaboty, no rio Uatumã. Amazonas

ἸΔΙΟΣ ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ ΔΙΌΣ
†ΣΙΌΣ • ΙΘΙ •

PARTICULAR PUJANÇA
DA VIDA COM JUPITER, DEUS,
VAMOS! CORAGEM!

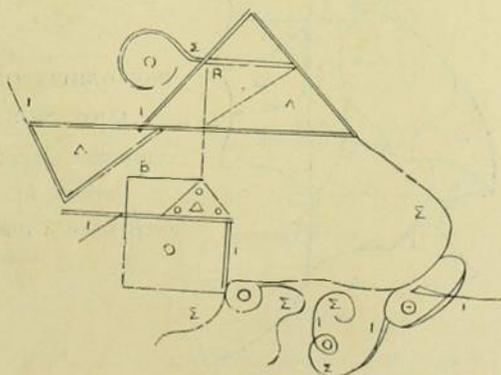



Fig. 651 — Inscripção do local Jaboty, no rio Uatumã. Amazonas

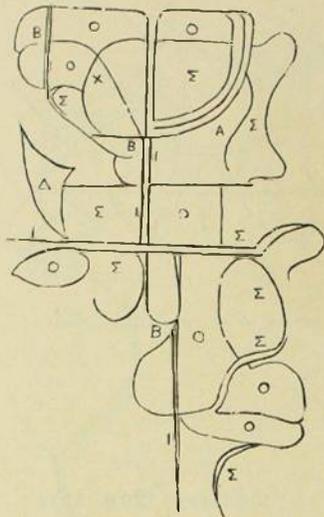



Fig. 652 — Inscripção do local Jaboty, no rio Uatumã. Amazonas

ΒΊΟΣ 'ΟΧΟΣ ΒΊΑΣ †ΣΙΌΣ

ΔΙΌΣ ΒΊΟΣ †ΣΌΟΣ

VIDA FIRME E PUJANTE, É DEUS JUPITER QUEM A SALVA

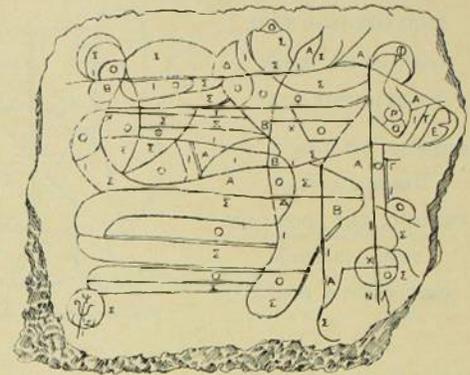



Fig. 654 — Inscripção no local Jaboty, rio Uatumã. Amazonas
(O bloco está em nosso poder, mede 0,m35 de altura)

†ΣΙΌΣ ΒΊΟΣ ΔΙΌΣ ΟΣΙΑΣ
ΑΦΡΟΔΙΤΕ 'ΟΧΟΣ ΙΣΟΣ ΙΣ 'ΙΔΙΟΣ ΒΊΑΣ
'ΟΣΟΣ ΨΙΕΙΣ 'ΟΧΟΣ ΒΊΟΣ ΔΙΌΣ
ΒΊΑΣ ΛΌΓΙΟΣ ΙΧΝΟΣ

DEUS, VIDA. JUPITER E JUSTIÇA DIVINA. VENUS FIRME AO DEUS DA FORÇA, DA PARTICULAR PUJANÇA, TÃO EXTRAORDINARIA; FELIZ NA TENAZ VIDA DE JUPITER E NA EMINENCIA DE SEUS PASSOS

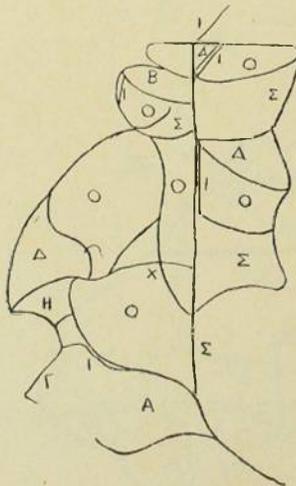



Fig. 653 — Inscripção do local Jaboty, Uatumã. Amazonas

ΒΊΟΣ ΟΔΗΓΙΑ 'ΟΧΟΣ
ΙΔΙΟΣ ΔΙΌΣ

VIDA COM DIRECÇÃO TENAZ, É PARTICULAR A JUPITER

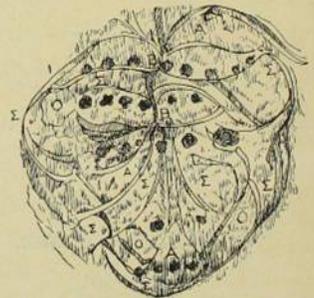



Fig. 655 — Como a precedente

†ΣΙΌΣ ΒΊΑΣ ΒΙΌΣ †ΣΙΆΣ
ΙΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ

DEUS, PUJANÇA, VIDA, DEUSA E A FORÇA DE DEUS JUPITER

ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ ΙΣ ΔΙΌΣ ΔΙΌΣ

ΒΊΑΣ ΙΣ 'ΟΧΟΣ ΒΊΟΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ

ΒΙΟΣΣΌΟΣ

PUJANÇA, VIDA, FORÇA DE JUPITER.
JUPITER, PUJANÇA, FORÇA TENAZ
DA HUMANIDADE.
DEUS JUPITER QUEM SALVA A VIDA

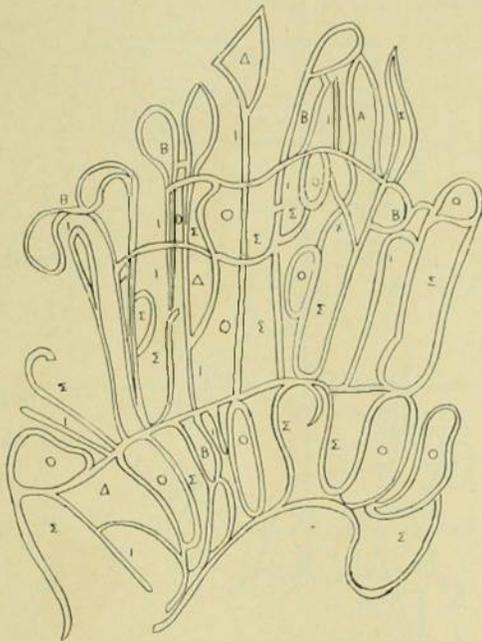



Fig. 657 — Inscripção do local denominado Pedras, no rio Uatumã. Amazonas

ΒΙΟΣΣΟΌΣ

†ΔΙΌΣ †ΣΙΆΣ

ΑΦΡΟΔΙΤΕ

ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ

QUEM SALVA A
VIDA É JUPITER E
A DEUSA VENUS
E QUEM PROJECTA
LONGE SUA
SOMBRA

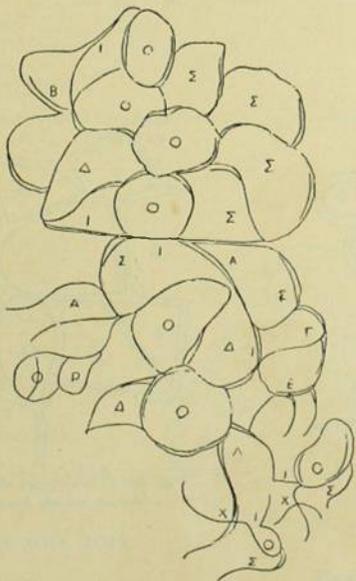
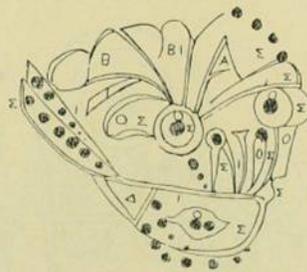



Fig. 656 — Inscripção do local Jaboty, no rio Uatumã. Amazonas

†ΣΙΌΣ ΒΙΌΣ ΒΙΆΣ †ΣΙΌΣ ΙΣ

'ΟΣΟΣ ΔΙΌΣ

DEUS, VIDA, PUJANÇA, O DEUS
DA FORÇA TÃO
EXTRAORDINARIA É JUPITER

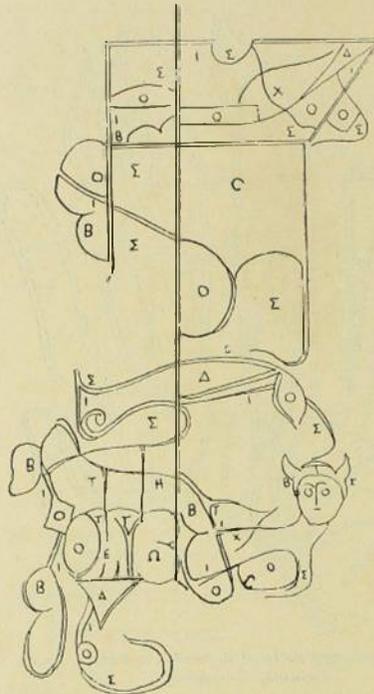



Fig. 658 — Inscripção do local denominado Pedras, no rio Uatumã. Amazonas

Fig. 660 — Inscripção do local denominado Pedras, no rio Uatumã. Amazonas

BÍOΣ IΣ 'OXOΣ ΔIÓΣ

*BIOΣΣOÓΣ †ΣIÓΣ ΔIÓΣ BIOTH́ BIOTIXÓΣ

BÍOTOΣ BIOTEΎΩ ΔIÓΣ

VIDA, FORÇA TENAZ É JUPITER.

QUEM SALVA A VIDA É DEUS JUPITER

E A MANEIRA DE VIVER, A VITALIDADE, BENS

DE FORTUNA A SE CONTENTAR,

É JUPITER

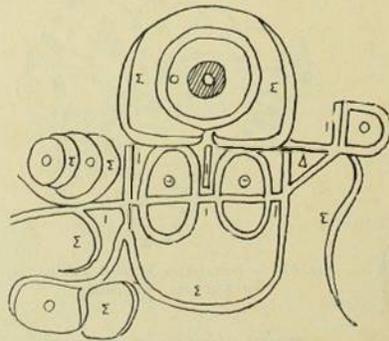



Fig. 659 — Inscripção do local denominado Pedras, no rio Uatumã. Amazonas

†ΣÖOΣ "OΣOΣ IΘI, IΘI IΣ,

IΣOΣ ΔIÓΣ

ARROJO MUITO CONSIDERAVEL, VAMOS!

CORAGEM! IGUAL, UNIDO A JUPITER!

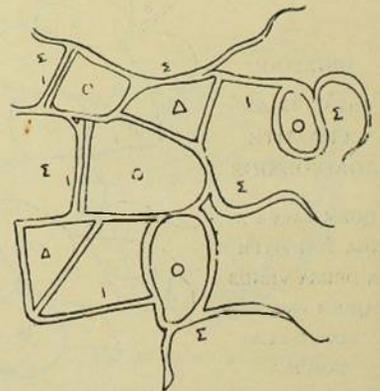



Fig. 662 — Inscripção do local denominado Pedras, no rio Uatumã. Amazonas

ΣIÓΣ ΔIÓΣ ΣIÓΣ ΔIÓΣ

DEUS, JUPITER, DEUS JUPITER

ϯΣΙÓΣ ΔΙÓΣ ϯΣΙÁΣ
ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΒÍΟΣΣÓΟΣ
ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ ΒÍΟΤΟΣ
ΒΙΟΣΤΕΙΑ ʻΟΧΟΣ
ΔΙÓΣ ϯΣΙÓΣ

DEUS JUPITER,
DEUSA VENUS, QUEM
SALVA A VIDA
A QUEM FALTA MEIO
DE VIVER, BEM
DE FORTUNA, MEIO DE
SUBSISTENCIA.
TENAZ JUPITER, DEUS!

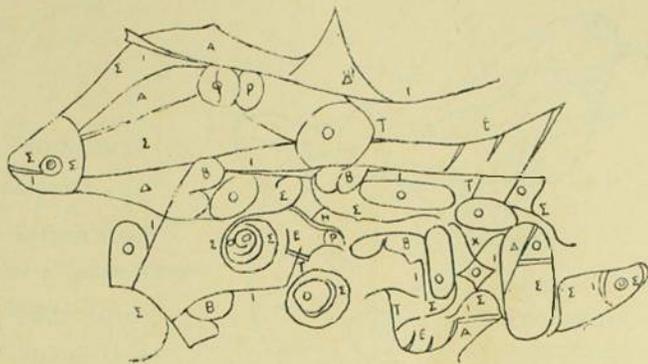
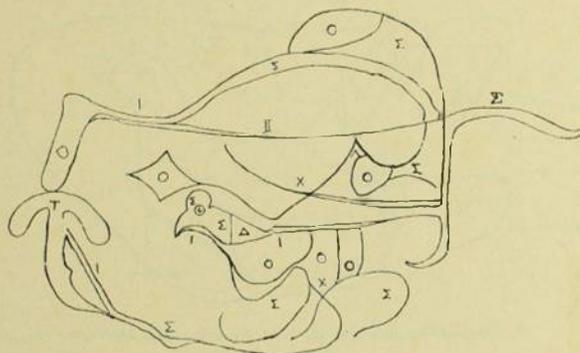



Fig. 661 — Inscripção do local denominado Pedras, no rio Uatumã. Amazonas

ΟΤΙΣ ΟU ΟΣΤΙΣ ΙΣ ΙΣΟΣ
ʻΟΧΟΣ ϯΣΙÓΣ ΔΙÓΣ
ʻΟΧΟΣ

QUEM DÁ FORÇA
IGUAL UNIDA Á ASSEMBLÉA
DO POVO, É DEUS
JUPITER, TENAZ E FIRME

Fig. 663 — Inscripção do local denominado Pedras, no rio Uatumã. Amazonas

ϯΣΙÓΣ. ΔΙÓΣ.
ΒÍΑΣ. ΙΣ. ΙΣΟΣ. ΒÍΟΣ. ΔΙÁ.
ʻΟΧΟΣ. ETC.

BLOCO ESCULPIDO
COM SERIES DE PALAVRAS,
ENTRE AS QUAES

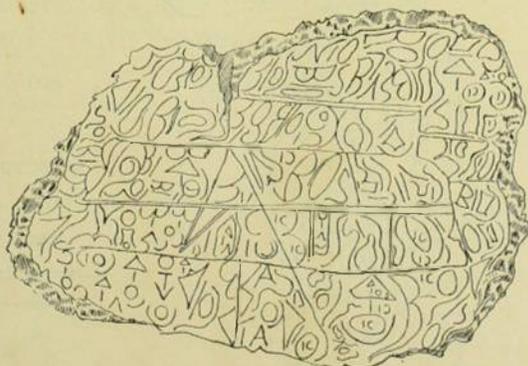



Fig. 664 — Inscripção do local denominado Pedras, no rio Uatumã. Amazonas

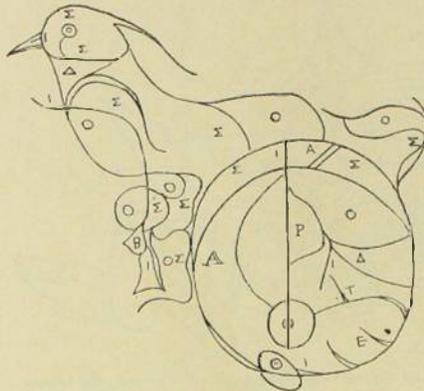



Fig. 665 — Inscripção do local denominado S. Maria, no rio Uatumã. Amazonas

†ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ῞ΟΣΟΣ ΒΙΟΣΣΌΟΣ
†ΣΙΆΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΙΘΙ

DEUS JUPITER TÃO EMINENTE,
QUEM SALVA A VIDA E A DEUSA VENUS.
VAMOS! CORAGEM!

ΒΙΟΣΣΌΟΣ ΙΣ ῎ΙΔΙΟΣ ῞ΟΧΟΣ
†ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ

QUEM SALVA A VIDA, POR
FORÇA ESPECIAL E TENAZ, É
DEUS JUPITER

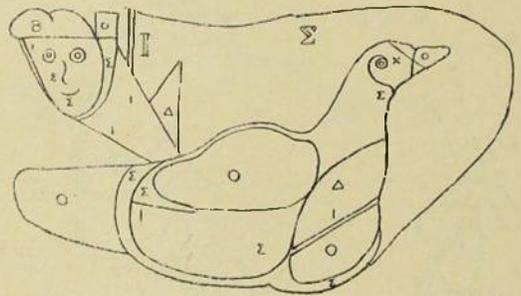
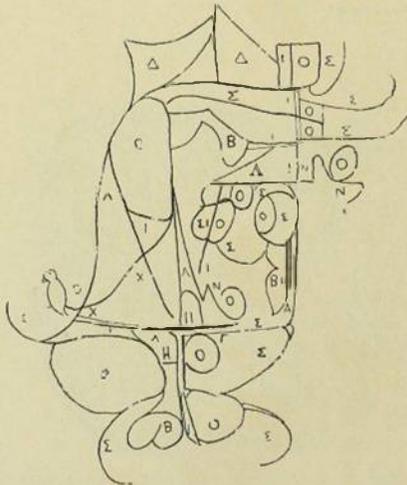



Fig. 666 — Inscripção do local denominado S. Maria, no rio Uatumã. Amazonas

ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ ΔΊΟΣ †ΣΙΌΣ
ΒΊΟΣ ΛΙΝΟΝ †ΣΙΌΣ ῞ΟΣΟΣ ΒΊΑΣ
ΛΙΝΟΠΛΗΓΟΣ ΒΊΟΣ

QUEM PROJECTA LONGE SUA SOMBRA,
É JUPITER DEUS DA HUMANIDADE, DESTINO,
DEUS TÃO EMINENTE DO PODER,
QUEM AGITA SURPREHENDENTEMENTE A
TRAIÇÃO NA VIDA

Fig. 667 — Inscripção do local S. Maria, no rio Uatumã. Amazonas

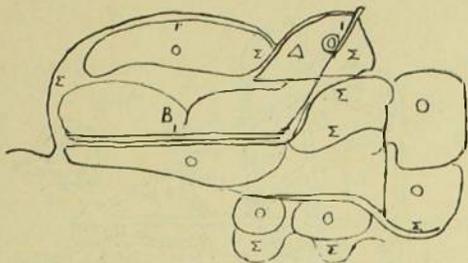



Fig. 668 — Inscripção do local S. Maria, no rio Uatumã. Amazonas

†ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ΒΊΟΣ †ΣΌΟΣ "ΟΣΟΣ

DEUS JUPITER QUEM SALVA A VIDA
TÃO CONSIDERAVEL

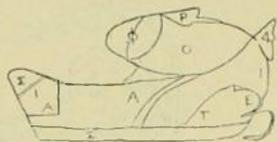



Fig. 670 — Inscripção do local Santa Maria, no rio Uatumã. Amazonas

†ΣΙΆΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ

DEUSA VENUS.
SEGUEM AS INSCRIPÇÕES DO
RIO JATAPÚ, AFFLUENTE
DO UATUMÃ

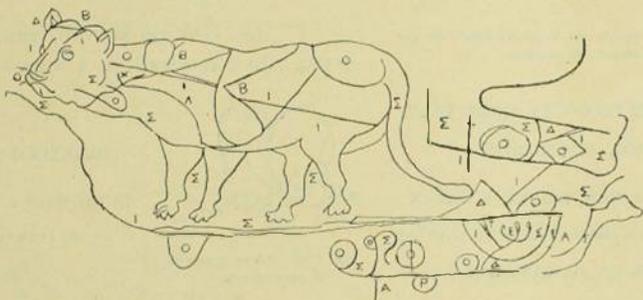



Fig. 669 — Inscripção do local Santa Maria, no rio Uatumã. Amazonas

ΔΙΌΣ ΒΊΟΣ 'ΟΧΟΣ ΒΊΑΣ
ΙΣ ΒΊΟΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ. †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ
"ΟΣΟΣ †ΣΙΆΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ

JUPITER DÁ VIDA TENAZ, PUJANÇA, FORÇA.
A HUMANIDADE! DEUS JUPITER! DEUS JUPITER! DEUS JUPITER!
TÃO GRANDIOSA É DEUSA VENUS!

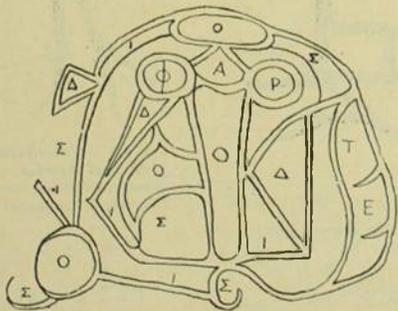



Fig. 671 — Inscripção do local Bacabal, no rio Jatapú. Amazonas

†ΣΙΌΣ *ΔΙΌΣ ΔΙ͂ΟΣ ΑΦΡΟΔΙΤΕ ΙΣ

DEUS JUPITER PRODIGIOSO
E VENUS, SÃO A FORÇA E VIGOR

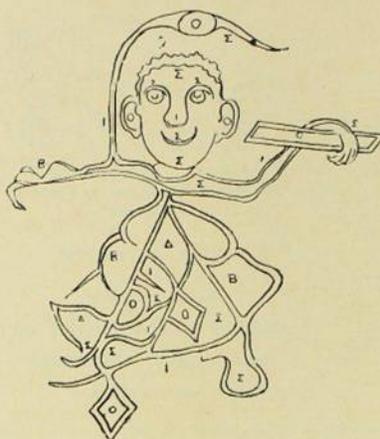



Fig. 672 — Inscripção do local Bacabal, no rio Jatapú. Amazonas

ΒΊΟΣ "ΟΣΟΣ *ΣΌΟΣ ΙΣ †ΣΙΌΣ ΒΊΑΣ

*ΔΙΌΣ †ΣΙΌΣ ΒΊΟΣ

A VIDA TÃO PRECIOSA SÃ E SALVA

POR FORÇA DO DEUS PUJANTE JUPITER,

O DEUS DA HUMANIDADE!

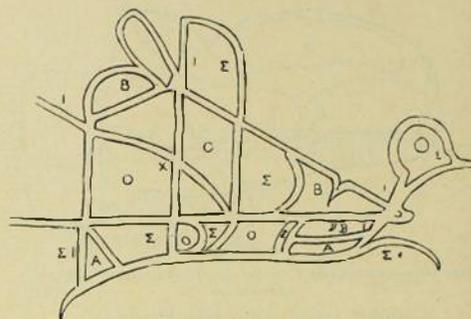



Fig. 673 — Inscripção do local Bacabal, no rio Jatapú. Amazonas

"ΙΒΙΣ 'ΟΧΟΣ †ΣΙΆΣ "ΟΣΟΣ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ

IBIS (AVE DO EGYPTO) TENAZ

DEUSA TÃO CONSIDERAVEL Á VIDA E PUJANÇA.

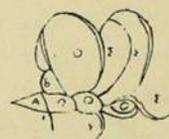



Fig. 675 — Idem como a precedente

ΒΙΟΣΣΌΟΣ ΔΙΌΣ

QUEM SALVA A VIDA

É JUPITER

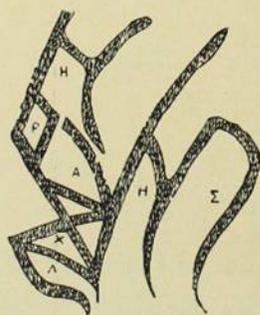



Fig. 674 — Inscripção como a precedente

ΗΡΑΧΛΗ͂Σ

HERCULES

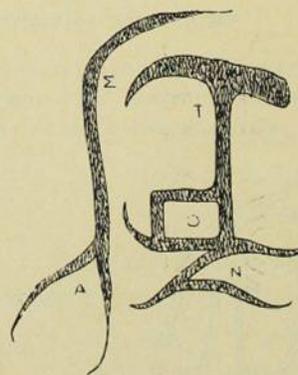



Fig. 676 — Inscripção como a precedente

†ΣΆΤΟΝ

MEDIDA, ALQUEIRE.

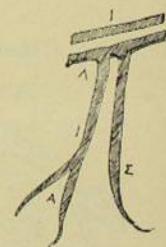



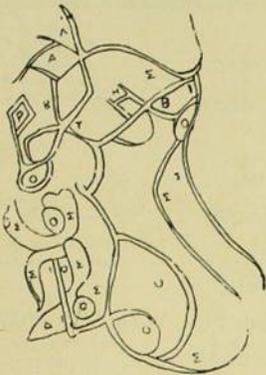
Fig. 677 — Inscripção do local Bacabal (margem direita), no rio Jatapú. Amazonas

Ι Λ Ι Α Σ

I L I A D A

ΛΑΒΡΌΤΗΣ
῞ΟΣΟΣ †ΣΙΟΣ
ΔΙΌΣ
ΒΙΟΣΣΌΟΣ

IMPETUOSIDADE TÃO CONSIDERAVEL DO DEUS JUPITER, QUEM SALVA A VIDA

Fig. 680 — Inscripção na margem direita do local Bacabal, no rio Jatapú. Amazonas

ΒΊΑΣ, ΒΊΟΣ
ΒΊΑΣ
ΒΊΟΣ †ΣΙΌΣ
ΔΙΌΣ ΙΣ

PUJANÇA E VIDA, PUJANÇA, VIDA E FORÇA É DEUS JUPITER

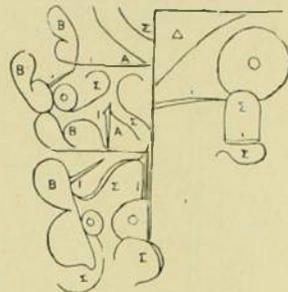
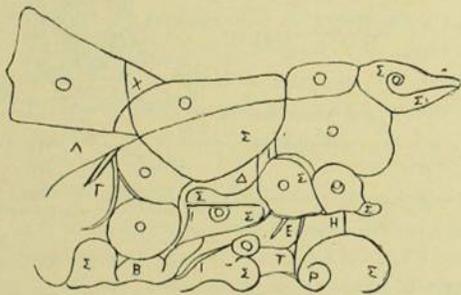
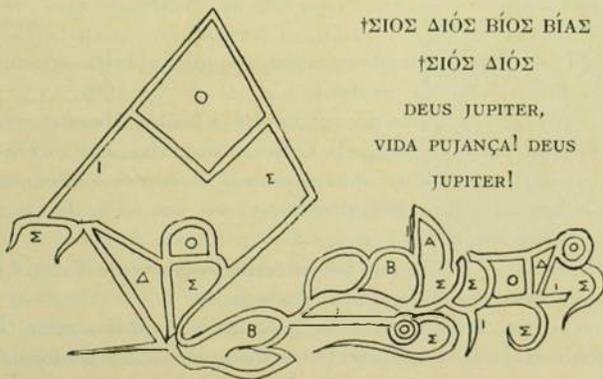



Fig. 678 — Inscripção do local Tamaquaré, margem esquerda, no rio Jatapú. Amazonas

Fig. 679 — Inscripção na margem esquerda do local Tamaquaré, no rio Jatapú. Amazonas

῾ΟΧΟΣ ῞ΟΣΟΣ ΛΟΓΟΣ ΔΙΌΣ †ΣΙΟΣ
῞ΟΣΟΣ ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ

TENAZ, TÃO ADMIRAVEL INTELLIGENCIA RACIONAL! JUPITER DEUS TÃO GRANDE, QUEM FACULTA MEIO DE VIVER!

†ΣΙΟΣ ΔΙΌΣ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ
†ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ

DEUS JUPITER, VIDA PUJANÇA! DEUS JUPITER!

Fig. 681 — Inscripção do local Tamaquaré, no Jatapú. Amazonas

ΟΔΗΓΙΑ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ
'ΟΧΟΣ *'ΟΔΙΟΣ, ΛΙΘΟΣ

DIRECÇÃO, VIDA,
PUJANÇA FIRME, QUE
PROTEGE O
VIAJANTE,
PEDRA
PRECIOSA!

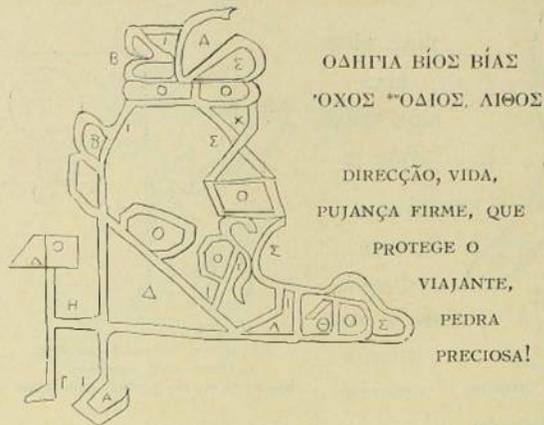



Fig. 682 — Inscripção da cachoeira Arara no rio Jatapú Amazonas

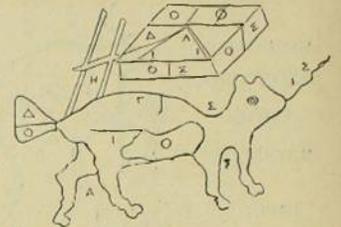



Fig. 683 — Inscripção proxima á cachoeira Arara, no rio Jatapú. Amazonas

ΟΔΗΓΙΑ ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ' ΟΧΟΣ
*'ΟΔΙΟΣ, ΛΙΘΟΣ

DIRECÇÃO, VIDA, PUJANÇA
FIRME, QUE PROTEGE O VIAJANTE!
PEDRA PRECIOSA!

ΟΔΕΓΙΑ 'ΟΣΟΣ
ΙΣ *'ΟΔΙΟΣ ΛΙΘΟΣ

DIRECÇÃO
TÃO CONSIDERAVEL
Á FORÇA É
QUE PROTEGE O
VIAJANTE, PEDRA
PRECIOSA!

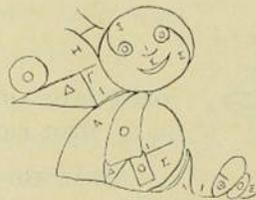



Fig. 684 — Inscripção proxima á cachoeira Arara, no rio Jatapú. Amazonas

'ΟΧΟΣ *'ΟΔΙΟΣ

FORÇA
QUE PROTEGE O
VIAJANTE!

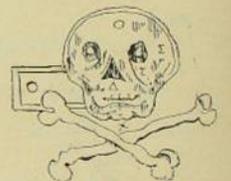



Fig. 685 — Inscripção no mesmo local precedente

ΒΊΟΣ ΙΣ ΛΙΘΟΣ

VIDA, FORÇA!
PEDRA PRECIOSA!
(TALISMAN)

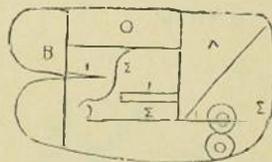



Fig. 686 — Inscripção na cachoeira Arara, no rio Jatapú · Amazonas

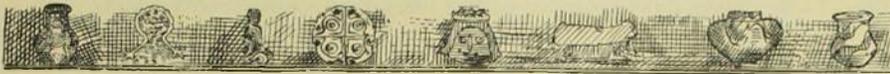
Σ D
I E
O U
Σ S

Fig. 687 — Inscripção na cachoeira Arara, rio Jatapú

O tradicional rio Uatumã muito contém em preciosidades epigraphicas, archeologicas e bem assim o Jatapú e Urubú.

O primeiro offereceu-nos franca navegação até a fóz do Abacate, trecho de que já tratámos em principio, restando-nos ainda observar suas afamadas cachoeiras, accumulo de inscripções, no mesmo genero das interessantes já descriptas e interpretadas. Penoso seria o emprehendimento para alcançal-as em canoa, em dois dias de viagem pelos trechos perigosos na occasião.

O segundo obstou-nos a passagem pela excessiva vasante, de Tabocal para cima e o Urubú já mereceu attenção minuciosa de nossa parte.

O tempo ou a opportunidade facultar-nos-á talvez o ensejo; então, faremos nossas investigações finalmente n'essas importantes reservas, em muitos pontos de real interesse.

CAPITULO VII

Lages: A variedade e importancia de suas inscripções

POR Lages é conhecido o local fronteiro, não só da foz do Solimões, como precisamente da curiosissima confluencia das aguas do Rio Negro com as d'aquelle caudaloso rio. Lages tem sua tradição prehistorica perfeitamente assignalada, como os successos politicos posteriores, de 22 de Junho de 1832, e é formada por uma vasta accumulação de pedras, em grandes lages e blócos, distando 10 milhas de Manáos. De seu aspecto dão ligeira ideia as figs. 688, 689, 692, 701 e 704.

É curiosissima a variedade de inscripções, que alli se encontram, em caracteres, não só phenicio, como grego, chinez, hieroglyphico e arabe.

Umas sobresahem pela forma e elegancia, outras pelo pensamento e pela execução artistica, cabendo primasia a uma gruta, cujas paredes são revestidas de uma multidão de legendas e figuras.

É possivel ainda fazermos um detido estudo deste precioso local, assignalado por uma inscripção chineza e fazel-o incluir no presente trabalho.

Pelo que passamos a tratar, póde-se fazer ligeira ideia deste mimo epigraphico, que photographámos no momento em que se achava invadido pela agua, fig. 692.

Fig. 688 — Blocos com inscripções das Lages

A transposição das inscripções com os seus respectivos caracteres, para o nosso trabalho, fizemos, subordinada á exactidão orthographica de então. É muito natural, conter falhas proprias do momento, como suppressão de letras feitas pelo artista e finalmente as apagadas ou mutiladas pela acção do tempo. Concorreria expressamente para as abreviaturas, algumas vezes, a exiguidade de espaço ou a accommodação da legenda ao limite deste

no blóco, ás vezes falho ou com cavidades inesperadas no momento da execução do trabalho, como já ficou dito.

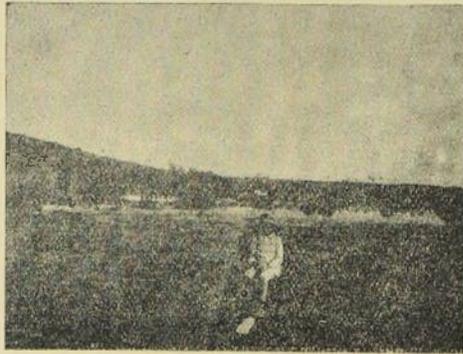
Adoptado o mesmo processo anterior, para obtermos a decifração, servindo-nos dos caracteres hebreus, começaremos pela inscripção phenicia, fig. 691, que dá a entender o preambulo ou inicio dos trabalhos lapidares ou epigraphicos, pelo seu autor — *Gade*:

Nota, signal ou inscripção sobre pedra. A palavra GADE está aqui empregada como nome individual.

Fig. 689 — Blocos com inscripções das Lages

Comquanto destituida de mais fundamento, a presente inscripção revela o nome do autor, o que constitue um grande valor, pois devemos uma parte a elle, das preciosidades de que nos occupamos. Nota-se, pelo exame de suas incripções, que possuia a particular qualidade de eximio anagrammatista.

* * *

Exibimos na pagina seguinte a inscripção chineza, precedida de uma palavra em phenicio, á qual já nos referimos.

O modo pelo qual minuciosamente está demonstrada a sua decifração, julgamos sufficiente para a bôa comprehensão.

É a unica no genero, até agora por nós encontrada, como acontece com as do estylo grego e egypcio, fig. 693.

E assim diremos:

AQUI HA UM COFRE OU GRUTA CHEIO DE LETTRAS, ESCONDIDO NO PONTO EM BAIXO, Á DIREITA

* * *

Interessante e artistica, innegavelmente, é a inscripção da fig. 695, em caracteres phenicios. Deixando de lado a juncção de algumas lettras, que lhe dá apenas um tom de uniformidade ou symetria, visiveis se tornam as necessarias para formação das palavras que a constituem.

Apezar disto, sentimos não atinar com o genero ou causa do *milagre apparecido*, que seria um motivo talvez sensacional, particularisado ao momento, ou a quem penetrasse no enigma do artista. De facto, á primeira vista, essa porção de traços, que se assemelham a garranchos informes, boa impressão occasiona ao decifrador curioso.

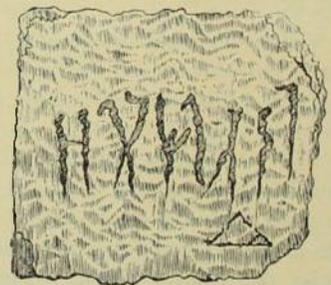
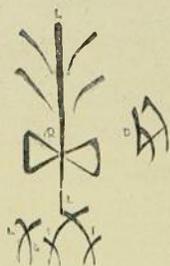



Fig. 690 — Inscripção phenicia (Lages)

Não foi, pois, sem razão que qualificámos a presente inscripção de interessante e artistica.

* * *

Do mesmo modo que a anterior inscripção, reputamos a que constitue a fig. 696, com a differença porém, de que encerra um aphorismo até hoje seguido. Com effeito — *a fortuna rapida ou mal adquirida é ephemera.* O autor, desta vez, serviu-se de seu proprio nome para elaborar uma gravura duplamente significativa, — artistica e moralisadora.

LAG HTEHT LAQ-OL DAG

ANIUR ÁD ADIPAR ANUTROF

FORTUNA RAPIDA DÁ EM RUINA.

Fig. 697

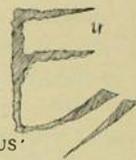
Passemos a uma gravura em *grego de inscripção* (1), alli esculpida por quem talvez implorava soccorro a seu deus, ou fazia-lhe preces por graças alcançadas, fig. 698.

Ελι

"MEU DEUS"

— *ELI* — *Fig. 698*

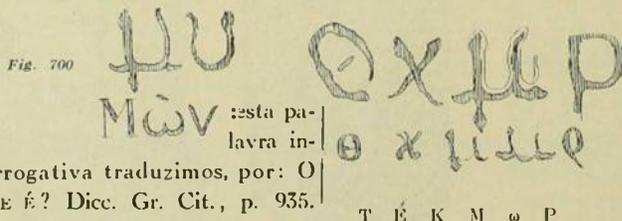
Esta simples mas tradicional phrase foi a ultima pronunciada por Christo a expirar na cruz, no cimo do Calvario.

* * *

Tres serpentes esculpidas em determinadas posições representam caracteres arabes, fig. 699. Dellas deduzimos a decifração, que as acompanha, confirmando-se, com effeito, que o alphabeto arabe obedecera em sua formação os movimentos da serpente.

M U J N	R M K	S M X	
			SOL
			LUA
ALLERTSE	*AUL*	*LOS*	ESTRELLA

Fig. 699

Nota-se tambem a mesma applicação da serpente em relação á gravura grega, figura 700, cuja significação traduzimos da forma que passamos a demonstrar:

Fig. 700

Μων : esta palavra interrogativa traduzimos, por: O QUE É? Dicc. Gr. Cit., p. 935.

T É K M ω P

Dicc. Gr. Cit. p. 1405: — Aliás, Τεκμωρ: termo, limite, signal de demarcação, *por extensão*, acabamento, fim, marca que serve para fazer e conhecer, indicio, testemunho, etc.

(1) O alphabeto grego de *inscripção*, como o *paleographico*, com muitas letras triplices, quadruplas e mesmo quintuplas com certa forma de numeração, eram empregados apenas em inscripções.

Com proporções desenvolvidas, medindo 0m,80 de alto, temos a inscripção em caracteres hieroglyphicos, no estylo determinativo, da qual damos, não só a photographia, fig. 701, como o desenho mais claro, acompanhado este de sua decifração, (1) fig. 702.

Observaremos para a cabal decifração da gravura 703, a abalisada opinião de Thoron sobre identico assumpto: (2)

« . . . . . Os Carthaginezes por sua vez, seguiram a rota de seus predecessores: á sua frente notamos um certo Chefe legislador Votan, do qual se encontrou no Mexico um manuscripto em lingua chamada tzendal, que é um dialecto phenicio porque צן *tsen*, é a cota de malha, o escudo servindo para proteger o corpo;

Fig. 701

pois tem-se צען *tsan, migravite* דחל *dal* ou *dhal, timuit, fugit*: tsendal, designa portanto guerreiros prudentes, emigrantes timidos e fugitivos.

Votan dizia-se descendente de Chivim e da raça das serpentes; que elle era serpente porque era Chivim. Com effeito *chivim* tem o seu homophono phenicio שפרם *shiphim*, que significa serpente; mas chivim é um outro homophono plural de חוי *chivi* ou *hivi*, que é o povo Chéveén ou Héveén citado pela Biblia (3); ora, segundo o historiador Petrus Martyr de Anghiera, o povo de Haiti, tinha o nome de *Chivi*: Votan era da mesma origem, pois dizia-se descendente dos *Chivim*.»

A AGUA,
O CÉO,
O GOSTO,
AS FLORES.
A VEGETAÇÃO
EM
GERAL

Fig. 702

« O nome de Votan, tem tambem seu homophono em פתן photan, que significa serpente, como *shiphim*; donde resulta que este personagem é duplamente serpente e por este motivo tem por symbolo escripto o hieroglypho — SS — que representa duas serpentes desenroladas e em marcha; porque a serpente, em sua marcha, tem sempre a cabeça levantada. O hieroglypho que symbolisa a marcha de Votan, sobre o velho continente, corresponde ao Z (∿) — phenicio e ao *zain* hebreu ז, serpente desenrolada, tendo a cabeça levantada » (4).

Segundo os traductores hespanhóes, quando o hieroglypho SS, do manuscripto de Votan, está deitado ou horizontal, como SS, indica a America, isto é, o paiz da chegada

(1) O hieroglypo lê-se de cima para baixo, ou da direita para esquerda.

(2) Les Pheniciens etc., pags. 21 a 22.

(3) Em hebreu a letra ח é *kh, ch* ou *h* duro e vogal aspirada.

(4) Philon nos ensina que o alp abeto phenicio foi formado segundo os movimentos, da serpente. Poder-se-ia dizer o mesmo do alphabeto hebreu, como do arabe.

ou o fim da viagem emprehendida. Mas notamos que em hebreu ז (z) permuta com o samech ס (s): que este representa a serpente enrolada e em repouso. Das observações precedentes resulta que ז corresponde a S e que ס corresponde a ∽ ou זז: SS:: סס:

Os dois samech סס, por sua vez pronunciados *sous*, significam cavallo; ora, o cavallo era o emblema dos Carthaginezes ([1]).

A approximação symbolica destes diversos signos é natural e expressiva, porque indica que chevien Votan era um chefe preponderante entre os Carthaginezes, mas occultava seu verdadeiro nome sob um pseudonymo com a significação da serpente.»

« Votan conta, que tinha sob suas ordens 19 outros chefes que dirigiam os primeiros emigrantes com o nome de Shan; ora em hebreu תן *than* é igual a Shan ([2]) e estes dois termos significam serpente; isto faz ver que estes emigrantes eram tambem sectarios da serpente.»

Fig. 703 — Inscripção das Lages

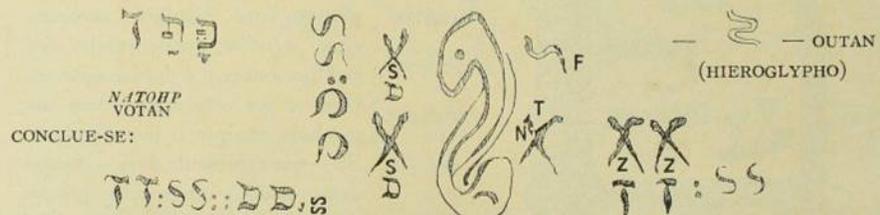
« O emprego dos tres termos differentes — *shan shivim* (shiphim) e *Votan* (photan) que são synonimos, servia sem duvida aos designios do legislador Mexicano.»

« Votan diz ainda que fez quatro viagens de Voloum Votan a Voloum Chivim e que de passagem visitou a habitação das 13 serpentes; é justamente a indicação de Haiti, onde ha cavernas, nas quaes são esculpidas imagens de serpentes e é mesmo provavel que na caverna sagrada se conservassem vivas treze serpentes; este numero 13 deve ter uma

NATOHP
VOTAN

CONCLUE-SE:

TT:SS::DD,

— OUTAN
(HIEROGLYPHO)

significação que ignoramos; mas estas serpentes vivas e emblematicas deviam ser tratadas com cuidado, como se vê ainda hoje em alguns cantões da Suissa, onde conservam animaes vivos, que servem de emblemas a estes diversos cantões. M. Brasseur de Bourbourg diz que duas estatuas de madeira, tendo ambas uma serpente enrolada, foram offerecidas a Christovam Colombo, pelos indigenas, por occasião de sua segunda viagem ás Antilhas.»

---

(1) Em suas medalhas, o cavallo pastando, assignalava a paz, a liberdade ou simplesmente um paiz abundante, emquanto que em desfilada, o paiz em agitação ou guerra. Algumas vezes designava as victorias dos jogos publicos, como sobre as medalhas do rei Hiéron II, etc.

(2) Em hebreu as letras *sh* e *th* se permutam.

«Quanto ao primeiro ponto de partida de Votan para dirigir-se da Lybia ás Antilhas, e que elle chamava *Valoum*, nós o descobrimos em uma carta de Ptolomeu: a éste de Tanger, no estreito de Gibraltar, ha um pequeno rio chamado *Valoum* (1); sem duvida em sua emboccadura existia um porto de desembarque. Em lembrança deste logar, Votan fundou no Mexico a cidade de Voloum Votan; M. Brasseur de Bourbourg diz que, nos arredores de Ciudad Real de Chiapos, visitou grandes ruinas, que têm o nome de Voloum Votan: emquanto que Voloum Chivim era uma colonia de Hévcéns ou Cheveéns, d'aquelles mesmos que habitavam Haiti, pois, no dizer de Petrus Martyr d'Anghiera, o povo era chamado Chivi. »

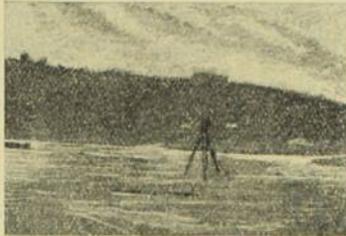



Fig. 704 — Locnl em que se acha a inscripção da gravura anterior

« Falando das serpentes e seus sectarios, vem-nos á memoria a existencia dos monumentos symbolicos representando em relevo sobre o sólo a serpente: o situado ao norte da Africa, o d'Abury na Inglaterra e na America o do Ohio, perto do rio Brusk-Creek (Condado d'Adoms), que é muito significativo, porque figura uma enorme serpente em parte enrolada, parte desenrolada e ondulante; suas fauces abertas estão em acto de engulir um circulo, no centro do qual se vê um pequeno tumulo oblongo isolado do circulo. (E de identica

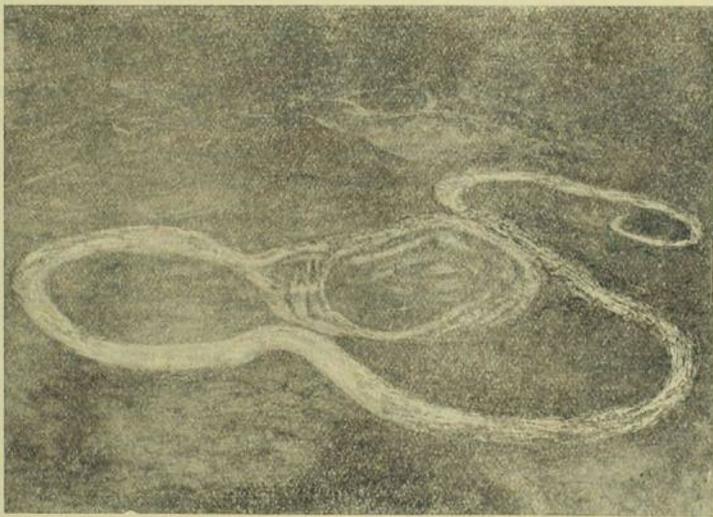



Fig. 705 — Representando a mesma serpente da fig. 6, em outra posição

conformação a que tambem possuimos e nos vamos occupar em seguida, representada pelas figs. 6, 10 e 705.

Segundo o nosso modo de ver, as ondulações ou voltas do corpo da serpente representam o movimento das vagas do oceano, que vão engulir o circuito e a ilha central, que

---

(1) A final hebraica ן *n* = ם *m*, como שָׂטָן *satan* = שָׂטָם, *satan*, adversario; e o mesmo acontece com os signaes do plural que são ים e ין *in* ao fim das palavras.

são oblongos. Este monumento poderia ser uma lembrança emblematica da Atlantida tragada pelo mar, ou de outro qualquer cataclysma.

As grandes revoluções geologicas dos tempos primitivos aterrorisavam os povos, que, para conjural-as, adoravam a serpente, tornada o symbolo das convulsões ondulatorias do globo.

= XOILOS =
= KOILOS = CÉO

= ÉRA — =
= TERRA

(HIEROGLYPHO — DETERMINATIVO) AGUA

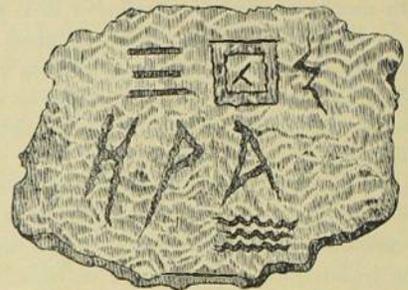
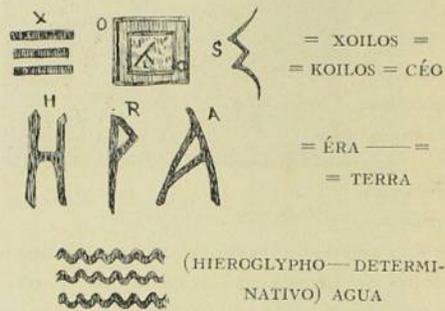



Fig. 706

Isto explica o poderio da serpente, considerada como arbitro dos destinos do mundo: com effeito, se lermos a cosmogonia indiana, vemos que Bistnou desce aos abysmos e d'elles tira Murto (a terra); esta produz uma serpente e uma tartaruga; Bistnou pôz então a serpente sobre as costas da tartaruga e Murto sobre as costas da serpente. Comprehende-se assim o terror inspirado pela serpente, que supportando a terra, podia, por sua vontade, causar os cataclysmas terrestres e maritimos. . . »

Deprehende-se desta importante tradição historica, muito de analogo ao assumpto da inscripção ora encontrada e por nós reproduzida, fig. 703. Ella não só marca o termo da viagem dos emigrantes sectarios de Votan, como consigna o numero exactamente de suas 13 tradicionaes serpentes, esculpidas em redor da que o symbolisa. Esta attinge mais ou menos 0m,60 de altura, tendo regular profundidade em relevo.

Aqui, segundo as figs. 6 e 705, como na Africa e em outras paragens determinadas, o symbolo de Votan ficou, por conseguinte, perpetuado tambem, medindo 1m,30 de alto por 0m,70 de largo na base, gravado n'um grande lagedo.

A gravura obedece á semelhança do nó ascendente.

Deste modo fica justificada a apparição de numerosas serpentes que se encontram esculpidas de differentes fórmas no valle do Amazonas.

Fig. 706 A — Fithon ou Python, em caracteres phenicios

É de lamentar que o local não se preste a melhores exemplares photographicos.

Como vimos, series de valiosissimas tradições historicas colhidas em nossas investigações vão se incumbindo, felizmente, de demonstrar a identidade ou a commum origem epigraphica.

*

As tres gravuras juntas — fig. 706 —: a 1ª em *grego paleographico*, a 2ª em *grego de inscripção* e a 3ª em *hieroglypho*, são simples; porém bem engenhosa, innegavelmente, é a primeira.

Dir-se-á, que se não trata exclusivamente de uma inscripção, e sim de um interessante enigma. Ahi ficam, na pagina anterior, suas decifrações.

*

Fithon ou *Python* é o nome determinado na inscripção phenicia, fig. 706 — "Cidade do Egypto, edificada pelos judeus, no tempo da perseguição" (1) e Python (2), é tambem serpente ou dragão monstruoso que nasceu da terra, depois do diluvio de Deucalião.

Guardava o antro em que Themis pronunciava os seus oraculos e tinha cem cabeças e cem boccas, pelas quaes vomitava chammas.

Foi morto por Apollo, que desejava consultar a deusa, e que, tirando a pelle ao monstro, envolveu com ella a tripode da pythonisa de Delphos e instituiu jogos pythicos para commemorar essa sua victoria.

*

As lettras constantes da fig. 707 formam varias palavras: tres phenicias, uma grega e uma hieroglyphica, correspondendo esta ultima a — OS BARCOS, A NAVEGAÇÃO — As duas primeiras phenicias significam — HELI —: (3) — "Supremo sacrificador e Juiz dos Judeos: descendia de Ithamar, segundo filho de Arão, na geração do qual havia entrado no logar de supremo sacrificador, depois que a de Eleazar foi d'elle despojado. Começou a governar o povo no anno 2848 do mundo e gosou da maior consideração entre os Judeos; porém seus dois filhos Opheni e Phineo tornaram-se um escandalo para o povo, por causa da sua má conducta e prevaricação. . ."

HELI = ILH = HELI

= ELI

HTH HETH

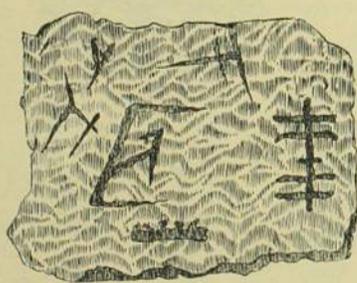
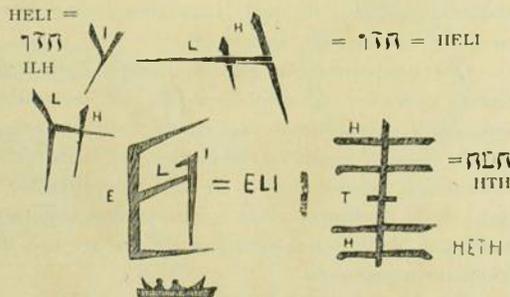



Fig. 707

(Os barcos, a navegação)

Quanto á terceira: HETH, foi — progenitor dos Hethenses; fôra o primeiro filho de Canaan, o qual habitou ao Sul da Terra da Promissão, em Hebron, ou ahi perto.

Esta cidade, no tempo de Abrahão, havia sido povoada pelos filhos de Heth (Gen., 33).

(1) Diccionario Biblico citado.
(2) Diccionario Popular por Pinheiro Chagas — Lisbôa.
(3) Diccionario Biblico citado.

Da gravura grega ELI, já demos a significação em outro logar, como finalmente da hieroglyphica.

*

Os symbolos representados pelas figs. 708 a 714 (duas serpentes unidas), com 1m,10 por 0m,55 a menor e variaveis os demais até 1m,35 por 0m,82, indicam a America, isto é, o Paiz da chegada ou o fim da viagem, segundo ficou demonstrado.

Fig. 708

*

Parece que os Phenicios levaram sua minudencia epigraphica ao extremo, não esquecendo siquer a figura genealogica de sua patria, em nosso valle, bem representada na fig. 715, pois, como é sabido, onze eram as tribus autonomas, mas unidas por um principio federativo.

Applicando-se os traços respectivamente ás suas cidades, teremos: Sidon, a mais antiga, seguindo-se Tyro, Berytho, (hoje Beyrouth) Tripoli, Biblos ou Gebal, Arado, Acco, Motra, Salois, Panorma e Erix, sendo as quatro ultimas na Sicilia.

Deste modo, podemos dar uma vaga interpretação á gravura referida, na falta de outra mais adequada.

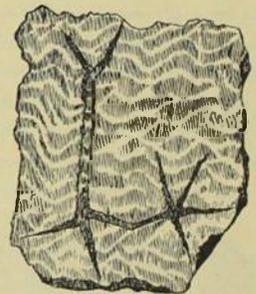
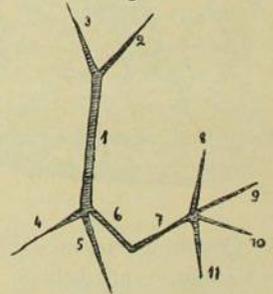
Fig 715

*

A fig. 729 representa uma cabeça humana, sobre a qual se nota alguma cousa em forma de chapéu, tendo no alto o emblema — Gad — do qual já tratámos, como de um outro ao lado, com identica significação.

Quer nos parecer que, além da inscripção em grego, represente a caricatura do artista referido, cuja personalidade era assignalada, dessas duas formas, em seus trabalhos epigraphicos.

As quatro seguintes inscripções, verdadeiros enigmas, aliás muito interessantes e de difficil decifração, vêm de certo modo confirmar ainda a remota época em que foram esculpidas, dada a circumstancia de que era uso, então, semelhante passatempo.

Vem a proposito o seguinte caso: houve uma alliança de Hiran com David e Salomão, sobre o fornecimento de marinheiros, carpinteiros, pedreiros e materiaes para construcção do palacio e templo deste ultimo. Diz-nos a historia, (1) que Salomão reconheceu mal os grandes serviços de Hiran, o que todavia não os tornou inimigos; pelo contrario, correspondiam-se frequentemente e enviavam mutuamente enigmas, impondo multa ao que não conseguisse decifral-os.

(1) Cesar Cantú — V. 1º, p. 237, citado.

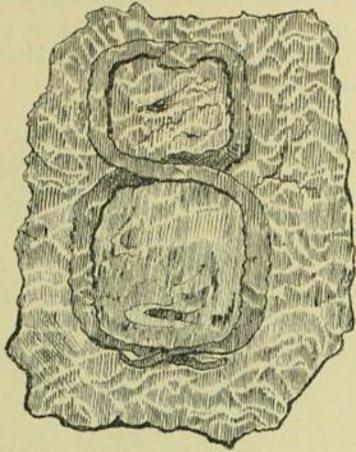



Fig. 709

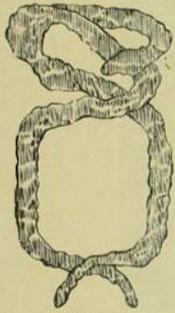



Fig. 710

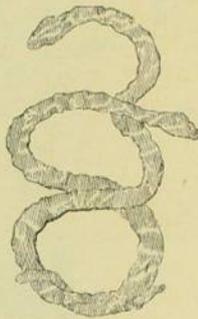



Fig. 711

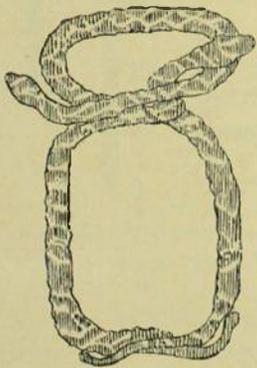



Fig. 713

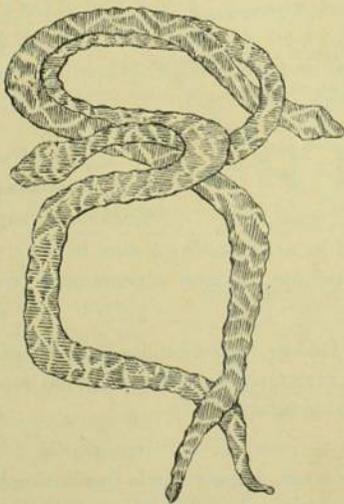



Fig. 714

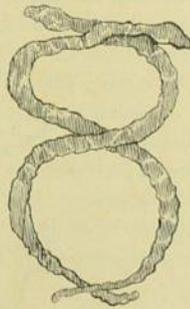



Fig. 712

Claro é, pois, que o seu povo mantinha o mesmo uso, e aqui deixou, não só os de que já tratámos, como os que se seguem.

O enigma da fig. 717 é, com effeito, pacientemente idealisado e resume uma sentença que vem atravessando seculos, até nossos dias.

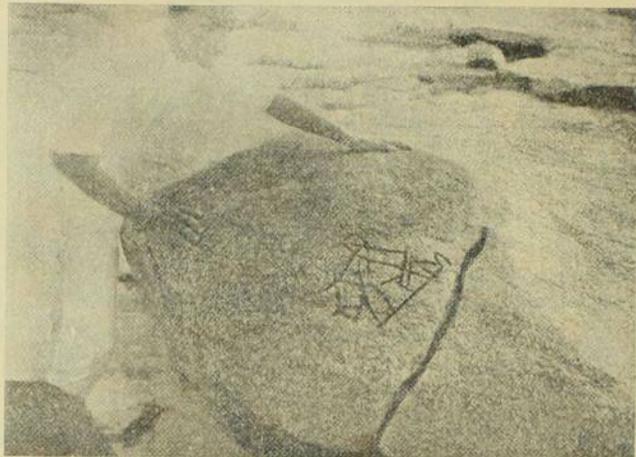



Fig. 716 — Inscripção das Lages, proximas de Manáos

Pela sua importancia, damos a respectiva photographia e o reproduzimos em maior tamanho, para melhor ficar demonstrada a sua decifração.

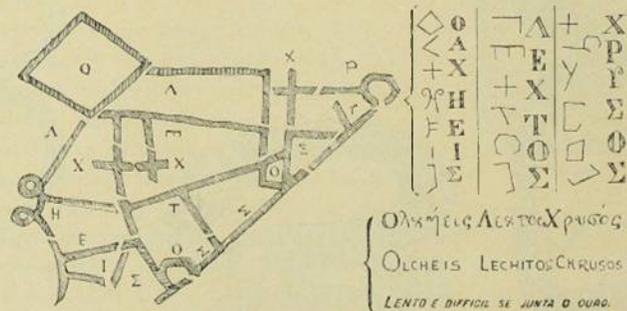



Fig. 717

O conjuncto do enigma se assemelha a uma balança, cujas cordas, braços e conchas, dispostos de modo conveniente, formam o pensamento com tres palavras.

*

Na fig. 718 é mais facil de comprehender-se a disposição do enigma, ainda firmado, como o precedente, em caracteres do velho grego de inscripção. É engenhoso e presta-se a mais de uma interpretação.

*

A fig. 719, contendo um enigma ainda mais simplificado que este ultimo, não deixa de ter sua importancia, eil-o: LECHI — Era o nome de uma cidade da tribu

de Dan, que já definimos ao tratar das inscripções em phenicio das pedras do littoral de Manáos, em seu respectivo capitulo.

Dicc. Gr. cit. = Δεδαα — p. 327: ser instruido, haver aprendido, saber, etc.

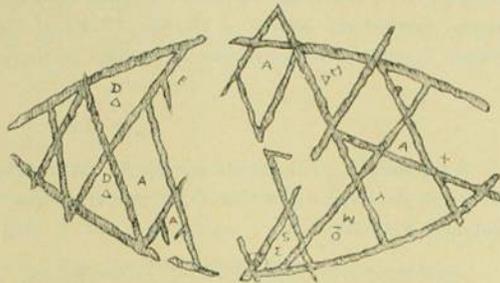
Idem: — Αδιδακτως p. 24, adv., sem ser ensinado ou instruido.

ΔΕΔΑΑ ΑΔΙΔΑΧΤΩΣ | SABER SEM SER ENSINADO OU
DEDAA ADIDAXTÕS | INSTRUIDO

Fig. 718

*

Eis a origem do nome contido na inscripção, fig. 720:

Eliezer: (*soccorro de Deus*) — Nascido na cidade de Damasco e servo de Abrahão, a quem este Patriarcha creou tanta affeição que o elevou a intendente do seu palacio, e tencionava constituil-o seu herdeiro, antes do nascimento de Isaac.

AEXI
Λεχι
LECHI

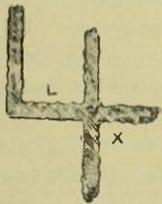



Fig. 719

Foi Eliezer o encarregado por Abrahão de ir a Mesopotamia procurar uma esposa para seu filho Isaac. Chegando áquelle paiz, o Senhor lhe quiz dar a conhecer, por um signal, qual era a mulher que destinava ao filho de Abrahão; e logo appareceu Rebecca, filha de Bathuel, filho de Nachor e irmão de Abrahão, a qual voltava á cidade trazendo um cantaro de agua. Eliezer lhe pediu de beber e depois de Rebecca lhe haver dado, os camellos, que Eliezer conduzia com magnificos presentes, curvaram os joelhos ante ella. Por este signal reconheceu o enviado de Abrahão que era aquella a esposa escolhida por Deus para Isaac, pediu-a para esse fim aos seus paes e obtendo d'elles o consentimento.

Eliezer — Filho de Moysés e de Sephora; morreu em Madian, quando aquelle se refugiara na casa de Jethro, seu sogro; o nome Eliezer, significa "O' Deus Poderoso, vem em meu soccorro" e foi posto ao recemnascido em consequencia de haver o Senhor salvo Moysés da perseguição e do poder de Pharaó. David metteu os descendentes de Eliezer entre o numero dos Levitas, e os encarregou da guarda do Thesouro Sagrado.

EΛIEZEP
Ελιεζερ

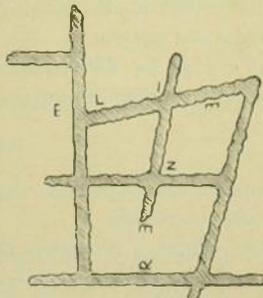



Fig. 720

Eliezer — finalmente, filho de Dodai, propheta, o qual annunciou a Josaphát rei de Judá, que a armada naval por elle equipada de accordo com o impio Ochosias, rei de Israel, seria destruida no porto de Asion Gaber, e por tal motivo ficaria sem effeito a viagem projectada contra a Tharsis. (2 Paral. 20, 37). A Escriptura falla de outros homens com este nome, porém são pouco conhecidos.

*

A seguinte fig. 721 é uma inscripção em caracteres phenicios, medindo de alto 0m,18 por 0m,58 de largo. Contém duas palavras, que têm sua origem remota, das quaes passamos a tratar:

Zur ou zuri = Em logar de sur ou suri —: (1).

Sur — Deserto do Egypto e da Arabia, onde o anjo achou Agar, serva de Sara, fugindo da colera de Sua ama. (Gen. 16,7.) Este era tambem o nome de uma das portas de Jerusalém.

Suri = Principe dos Madianitas e pae de Cozbi. — Cozbi — *mentirosa* — filha de Zur, principe dos Madianitas. Esta joven, tendo ido com outras da mesma idade ao acampamento dos Hebreus, incitou para o crime os mais modestos, e até para a idolatria os principaes Israelitas. Zambri, filho de Saul, da tribu de Semeão, entrou publicamente na barraca onde ella estava, o que foi observado por Phineo, filho de Eleazar; este matou ambos com sua espada. (Num. 25, 15).

Fig. 721

Ur = Cidade da Mesopotamia. — Tambem, segundo o Diccionario Popular de Pinheiro Chagas: Nome biblico de uma cidade da antiga Chaldéa, que foi patria de Abrahão; não se sabe ao certo a sua posição.

Esta inscripção e a da fig. 528 foram encontradas nas Lages pelo illustre Dr. Vivaldo Palma Lima. A' primeira damos as interpretações queh ficam.

*

Entre as inscripções das Lages, são dignas de nota as de uma ordem muito meticulosa e artistica, alli observadas.

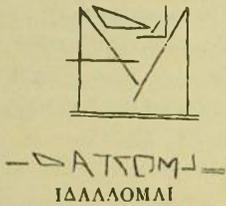
Para que sejam obtidas, é necessario previo preparo do local no blóco, onde tem de ser effectuado trabalho de investigação, excavando-se alguns millimetros, segundo demonstram as figs. 7 e 722.

(1) O 𐤓 (R) aqui está differente do da palavra UR; mas ha-os de outra forma ainda, como o ɗ (I ou Y) acha-se invertido.

D'esta curiosa inscripção, aliás subordinada a caracteres do antigo grego, damos os principaes traços, dos quaes deduzimos a sua interpretação:

Esta palavra já ficou sufficientemente definida, de accordo com os traços que constituem a gravura apparente do objecto de que se faz allusão no Capitulo I deste livro.

Fig. 722

Seguem-se outras inscripções em systema commum, porém muito interessantes:

ΙΔΑΛΛΟΜΑΙ
Fig. 723

Dicc. Gr. cit., p. 688 — ΙΔΑΛΛΟΜΑΙ, *Gloss.* p. ΙΝΔΑΛΛΟΜΑΙ, p. 697, Ινδαλλομαί (*aor* ίνδαθην).

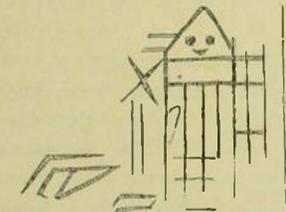
Poet. ou raro em prosa, mostrar-se, indicar-se, dar a conhecer, ensinar, assemelhar, parecer, semelhante, etc.

R. ειδος, εος, ους (τό), aspecto, apparencia, forma exterior, etc.

Dicc. Gr. cit., p. 389 — Δολιχος, ου (ο), distante, a mais longa carreira que se tem percorrido *nos jogos da Grecia etc.*

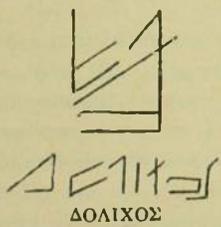
R. δοδιχος *adj.*

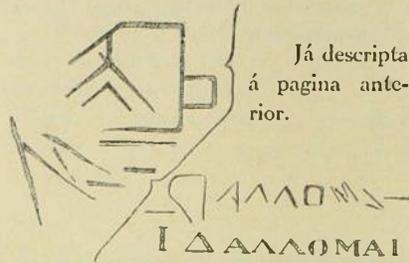
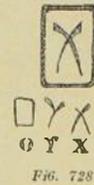
Idem, p. 389. Δολιχοφρων, ων, *gen.* ονος, *Poel.* donde os pensamentos se estendem longe.

R. R. δοδιχος, φρην.

ΔΟΛΙΧΟΣ ΔΟΛΙΧΟΦΡΩΝ
Fig. 724

Assim temos:

DISTANTE, DONDE os PENSAMENTOS se ESTENDEM LONGE

*

Eis a primeira palavra da precedente inscripção, já sufficientemente traduzida, porém esculpida de forma differente.

ΔΟΛΙΧΟΣ
Fig. 725

Já descripta á pagina anterior.

Ι Δ ΑΛΛΟΜΑΙ

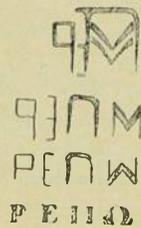
Fig. 726

Idem, p. 1.022 — Ουκ, *adv. neg.*, por ΟΥ — não, etc.

ΟΥΧ

Fig. 728

Fig. 727

ΡΕΠΩ

Dicc. cit., p. 1260 — ΡΕΠΩ, f. ρεψω (*aor* ερρεψα, *ponto de outros tempos*), balançar de um lado para outro, *principalmente tratando-se de uma balança; por ext. haver a inclinação*, a descida *ou* suspensão etc.; sensivel etc.

ΔΟΛΙΧΟΣ

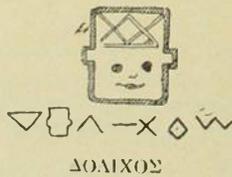
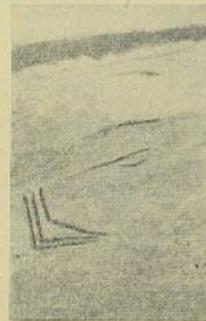



Fig. 729

Já descripta em paginas anteriores.

Fig. 730

ΙΛΑΣ

Dicc. Gr. Cit., p. 695 — Ιλαξ, αδος (ἡ) *Poet. p.* ιλη — tropa, tropel, bando, rancho; companhia de comediantes etc.

A inscripção tem apparencia de um pé.

ΘΥΟΣ

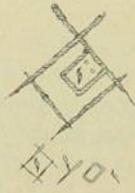



Fig. 731

Idem, p. 684 — Θυος, εος, ους (το) *Poet.*, perfume offerecido nos sacrificios *tal como incenso*; offerenda, victima immolada; *alg. vezes em sentido fig.* colera, furor, etc. R. Θυω, p. 685, f. θυσω etc., queimar incenso *e activam*, incensar, perfumar; *mais usado em prosa*, immolar, sacrificar, offerecer aos deuses d'uma forma qualquer; *alg. vez. por ext.* degollar, executar, matar, etc.

O Ψ I Σ

Fig. 732

Idem, p. 1026 — Ὄψις, εως (ἡ) vista, olhos. *Fig.* intento, designio, projecto, sagacidade, acção de ver *ou* o sentido da vista; o que se vê, espectaculo; visão, apparição; aspecto, apparencia, face, figura, visage; *alg. vez.* mascara *ou* personagem, figura de theatro, etc.

As inscripções das Lages não damos ainda por findas, certos da obtenção de muitas outras, considerando o seu immenso numero e valor.

Uma observação, porém, torna-se necessaria: devemos ter em vista a sinuosidade e aspereza das pedras, que certamente não facilitariam muitas vezes a expressão da lettra, ao contrario do que acontece hoje. O artista moderno grava no marmore, granito etc... já previamente preparados para esse fim. Tivemos mesmo necessidade de completar ou restaurar as que foram apagadas pelo tempo, e outras damnificadas em parte por mãos maldosas ou inconscientes.

A falta de uniformidade das lettras, muitas vezes inversamente gravadas, como era peculiar á escripta de então, mostra que o artista não tinha, na rocha bruta, a facilidade do esculptor em relação aos meios praticos para conseguir perfeição ou observar mesmo a symetria. O blóco, por si, surprehenderia tambem, com falhas, ao artista, difficultando o seguimento regular e alinhado do seu lavor. Todas estas observações são intuitivas e neces sarias, segundo o nosso modo de ver.

Quanto proveitoso para nós foi o precioso elemento va sado em moldes das inscripções do Rio Negro, resumidos no VI volume do *Archivo do Museu Nacional!* Reconhecemos ahi as das Lages. O mais simples confronto define esta asserção.

Fig. 733 — Que se relaciona á de n. 724

As inscripções representadas en globadamente, sem obediencia a ordem alguma, não se prestam a interpretação, mas servem para authenticar as nossas.

A gruta, cujo accesso aguar dámos por alguns annos para um detido exame, tem permanecido em completa submersão, entretanto algumas de suas inscripções se acham de permeio áquella miscellanea. Nutrimos, porém, a esperança de feliz opportunidade para a realização de nosso desejo.

Vê-se, finalmente, que Lages é um reducto de monumentos epigraphicos, ora demonstrado pelos exemplares que acabámos de resumir e interpretar.

Sobre este e outros locaes assim se externam Ladisláo Netto e o ethnologo paraense Dr. Ferreira Penna:

« Na fóz do Rio Negro, em frente ao Solimões, ha um extenso banco de grés estratificado, cujas camadas inferiores, havendo sido derruidas, ao eterno embate das aguas torrentosas de cada enchente, formaram assim grande hiato, que simula uma caverna, onde só na maxima vasante do rio é permittido entrar. Uma pedra da camada superior deslocou-se, deixando pequena abertura por onde a luz penetra e illumina as asperas paredes d'aquelle casual subterraneo. Em taes condições, era impossivel que não fosse

escolhido esse esconderijo para inscripções; e com effeito, é ahi que se acha a da Estampa XV, do Archivo do Museu Nacional, vol. VI, a contar da fig. n. 3 em diante [1].

« O Sr. Ferreira Penna, a quem mais de uma vez me tenho reportado e a cujo espirito altamente observador deve a ethnographia amazonica conscienciosas indagações, referindo-se a esse mesmo intento com que só nos recessos e logares excusos procuravam aquelles aborigenes ideographar os factos que mais lhes convinham perpetuar, diz o seguinte: "Elles não executaram jámais trabalho algum d'este genero nas planicies livres, nem nas encostas das serras, onde, aliás, a operação lhes seria muito mais commoda; mas, pelo contrario, fizeram sempre executal-o nos pontos mais inaccessiveis que podiam achar; ora no cimo das montanhas, como na Serra do Ererê e na da Escama, ora nas rochas escalvadas que se precipitam a prumo sobre os rios no meio das aguas em tumulto, como nas cataractas do Orenoco, do Madeira e do Cururuhy, affluente do Pucujá; outras vezes, quando lhes faltavam estes abrigos selvagens contra a sanha e selvageria de algum futuro inimigo victorioso, lavravam suas inscripções sobre lages do mar, cobertas, a maior parte do anno, pelas ondas da maré, como nas praias de S. Vicente, em S. Paulo, e de Itapuã, na Bahia; ou, emfim, á borda dos rios, sobre rochas ou rochedos que ficam totalmente inundados desde o primeiro movimento ascencional das aguas annuaes, como ao pé da villa de Serpa, antiga aldeia Itacoatiara, nome que em lingua indigena significa: *Pintura sobre pedra* ou simplesmente: *Pedra pintada.* »

Fig. 734 — Gruta das Lages, actualmente, depois de dynamitada (Amazonas)

*

Só em 16 de Outubro de 1926, decorridos dez annos, permittiu uma das excepcionaes vasantes dos rios, Negro e Solimões, que observassemos, pela segunda vez, a importante gruta da qual acabámos de tratar; reducto dos peixes, entre o periodo do fluxo e refluxo desses rios, situada no local denominado Lages, já descripto em principio.

Não suppunhamos, porém, que a desmedida ambição dos pescadores os seduzisse a lançar insensatamente bombas de dynamite nesse precioso local, onde existia uma consideravel e artistica ordem de inscripções lapidares prehistoricas.

---

(1) Ha engano, como já fizemos ver, por parte do autor, nesta collecção de figuras.

A fig. 692, em miniatura, dá uma leve ideia exterior da gruta em $^1/_3$ de enchente, e a fig. 734 mostra a que ora se acha ella reduzida, depois do vandalismo alli praticado. Foi photographada pelo illustre agronomo Roberval P. Cardoso e no cliché figuram os excursionistas, que nos deram o prazer de acompanhar. Dos fragmentos restam as inscripções figurativas, á direita e ao fundo, das quaes passamos a dar a necessaria interpretação. Para este fim e para melhor clareza dos traços caracteristicos, offerecemos mais desenvolvida a fig. 735, e assim teremos:

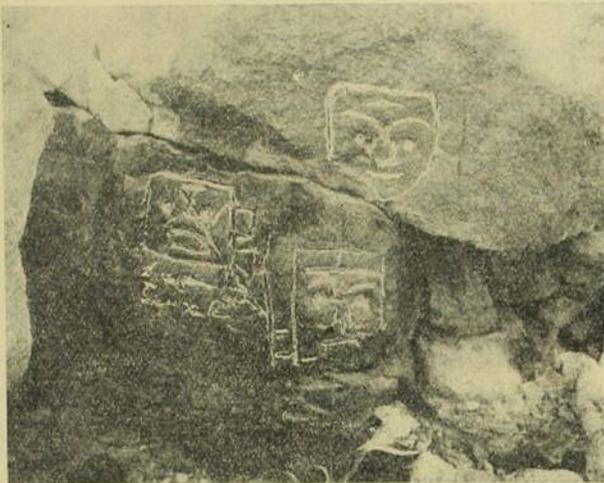
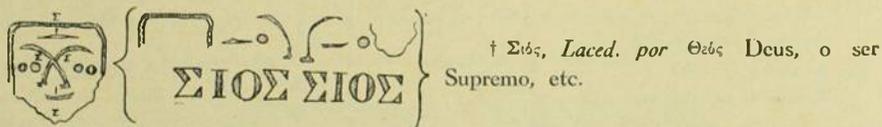



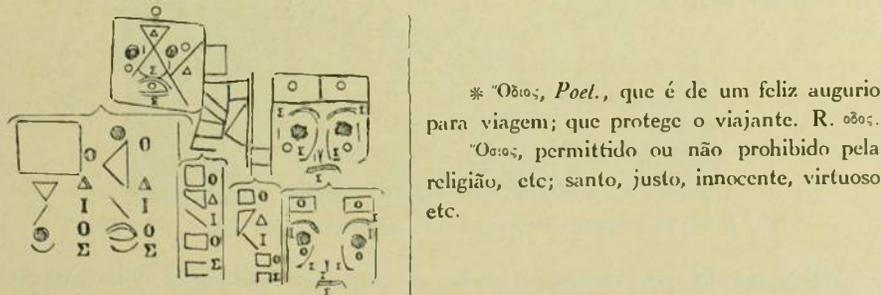
Fig. 735 — Restante das inscripções da gruta das Lages (Amazonas)

A do alto:

ΣΙΟΣ ΣΙΟΣ

† Σιός, *Laced. por* Θεός Deus, o ser Supremo, etc.

As duas abaixo, que teriam sido executadas com muita arte, acham-se algo damnificadas pelo tempo e explosão de dynamite, comtudo, revelam a seguinte interpretação:

* Ὅδιος, *Poet.*, que é de um feliz augurio para viagem; que protege o viajante. R. ὁδός.

Ὅσιος, permittido ou não prohibido pela religião, etc; santo, justo, innocente, virtuoso etc.

* Ἶς, *gen.* ἰνος, *Poet.*, força vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

Por traz do bloco, que contém estas inscripções, encontra-se outro, difficil de photographar, cujas figuras reproduzimos e passamos a interpretar:

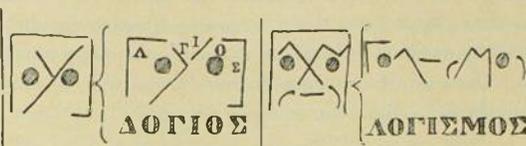
Λόγιος, sabio na arte da palavra; eloquente; que preside a eloquencia, *em fallando de Minerva*, douto, erudito, sabio, etc.

ΛΟΓΙΟΣ ΛΟΓΙΣΜΟΣ

Fig. 736

Λογισμός, calculo, conta, raciocinio, reflexão, argumento, syllogismo; razão. bom senso, etc,

INTR. ΛΟΓΙΟΣ ΛΟΓΙΣΜΟΣ:

SABIO NA ARTE DA PALAVRA, CALCULO, RACIOCINIO, SYLLOGISMO

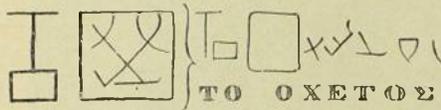
Ao lado direito do fundo restante da gruta encontra-se ainda a inscripção seguinte, que, apezar de pouco perceptivel, conseguimos, restaurando-a, decifrar:

ΤΟ ΟΧΕΤΟΣ

Fig. 737

Τό, *neut. do art.* ὁ, ἡ, τό, o, a, etc., Ὀχετός canal d'agua, aqueducto, canal de derivação, esgoto, etc.

Ainda ao lado esquerdo exterior da gruta, em traços desenvolvidos, depara-se com a inscripção que ora reproduzimos e não menos encerra que um interessante aviso ou annuncio. As duas primeiras palavras ligam-se a uma terceira, repetida, com differença apenas de disposições dos caracteres, como passamos a demonstrar:

Λογεύς, prosador; *alg. vez.* palrador, orador.

R. λεγω, Οχλαγωγος que reune grande multidão; que convoca ou subleva o povo; sedicioso; *subst.* (ὁ) charlatão. R. R. οχλος, αγω.

ΣΟΟΣ ΛΟΓΕΥΣ ΟΧΛΑΓΩΓΟΣ ΟΧΛΑΓΩΓΟΣ

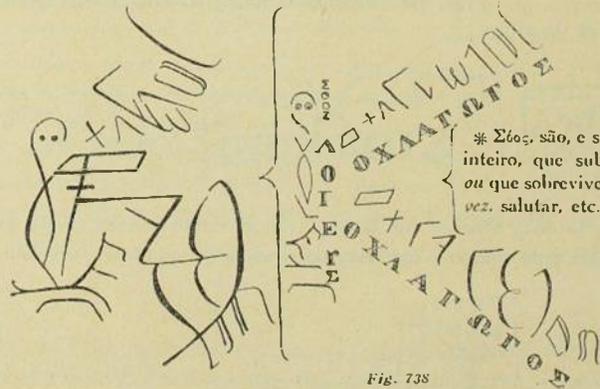



Fig. 738

* Σόος, são, e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive, *alg. vez.* salutar, etc.

Assim, se poderá subentender:

*ΣΟΟΣ ΛΟΓΕΥΣ ΟΧΛΑΓΩΓΟΣ

SÃO E SALVO SUBSISTE O ORADOR QUE SUBLEVA O POVO E A MULTIDÃO

Os fragmentos, pois, da notavel gruta, não permittem infelizmente obter suas preciosidades epigraphicas, de que nos falla Ferreira Penna, tal o estado em que ficou reduzida, segundo sua photographia, facto que sinceramente lamentamos.

Nas proximidades, em plano superior, pudemos ainda conseguir as importantes inscripções que se seguem:

ΨΙΕΣΣΑ

Fig. 739

† ψιεσσα, *Gloss*, feliz, afortunado.

R. ψιά *por* εψιά.

Inscripção semelhante á do Madeira, Andes Peruviano, etc.

ΑΔΡΙΑΣ

Fig. 740

'Αδριας, ου, *subentendida* ΠΟΝΤΟΣ, o Adriatico.

Ποντος, ου, *primitivamente Poet.*, o profundo abysmo; *por ext.* o Mar, um mar qualquer, e especialmente o Ponto Euxinio (antigo nome dado pelos gregos ao Mar Negro); mais tarde o Ponto, o Reino do Ponto; *alg. vez. fig.* um oceano de mar, de riquezas.

ΑΔΙ ΕΧΑΥΤΟΣ

Fig. 741

'Αδιέχδυτος, do qual se não pode escapar; que não tem subterfugio, etc.

Ligadas as tres palavras, teremos:

'ΑΔΡΙΑΣ (ΠΟΝΤΟΣ) ΑΔΙΕΧΑΥΤΟΣ

ADRIATICO, SUBENTENDIDO, PONTO EUXINIO OU PROFUNDO ABYSMO, DO QUAL SE NÃO PODE ESCAPAR OU QUE NÃO TEM SUBTERFUGIO

(*Refere-se talvez esta inscripção ao assombroso volume d'aguas na confluencia dos rios Solimões e Negro, que lhe fica em frente, inclusive á possante corrente das referidas aguas.*)

Prosigamos em investigações, tratando da seguinte inscripção:

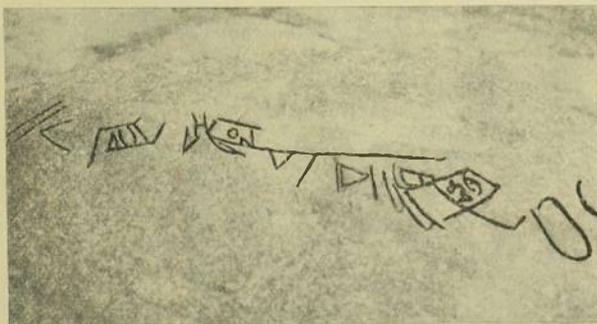
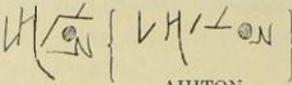



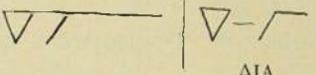
Fig. 742 — Inscripção nas Lages, annunciando uma conferencia

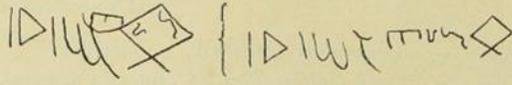
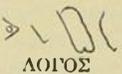
ΙΑ

※ 'ΙΑ', ᾶς (η), *Poet.* vóz, barulho, grito, clamor. R. ἰηωι ?

ΛΑΟΣ

Λαός, povo, *p. ext.* multidão, etc.

ΑΗΙΤΟΝ

✻ Λήτιον, *Ion.* publico, que pertence ao publico. Το λήϊτον, a casa commum, logar onde se tratam os trabalhos, etc.

ΔΙΑ

Δία, *acc. de* Ζεύς, *gen.* Διός, JUPITER, Νὴ Δία, por Jupiter. Οὐ μα Δία, não por Jupiter.

ΙΔΙΩΤΕΥΣΩ, viver em particular, governar uma vida particular; dominar, etc.

ΛΟΓΟΣ

Λόγος, palavra, linguagem, discurso, *alg. vez.* dissertação, conferencia, exercicio de estylo, razão, o que distingue o ser pensante, conta, calculo, etc. INTERPRETAÇÃO:

'ΙΑ ΛΑΟΣ ΑΗΙΤΟΝ 'ΙΔΙΩ ΤΕΥΣΩ ΛΟΓΟΣ

CLAMOR PUBLICO DA MULTIDÃO. CASA ONDE SE TRATAM DOS EFFEITOS DE JUPITER. VIVER EM PARTICULAR. CONFERENCIA

PURAQUÉQUARA

Pouco abaixo das Lages, á mesma margem, fica o logar assim denominado. Está assignalado por dois pharóes, que determinam á navegação os perigos a evitar, proporcionados pelas pedras alli disseminadas e impetuosa corrente. Proximo á terra estão os blócos contendo as inscripções, das quaes ora nos vamos occupar.

As figuras, 743 a 749, são as mais interessantes, por conterem caracteres do antigo grego. As decifrações acompanham-n'as.

E assim temos a fig. 743, que offerece mais uma nova forma de gravar a palavra ELI — que tem sua differença de HELI, ambas já interpretadas por varias vezes em capitulos anteriores.

Fig. 743

A figura 744, representa um grande blóco contendo inscripções em quatro figuras.

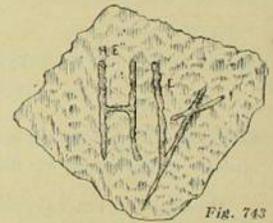
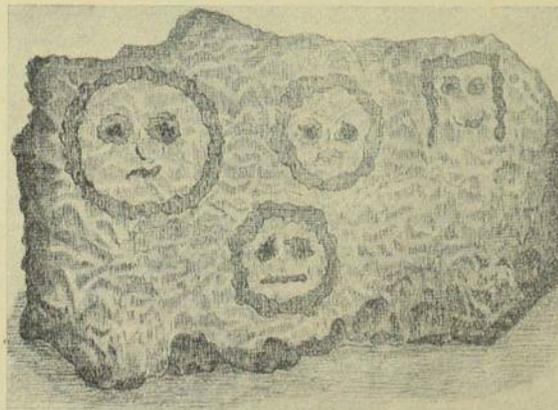
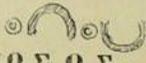



Fig. 744 — *Inscripção de Puraquéquara*

ΟΣΟΣ

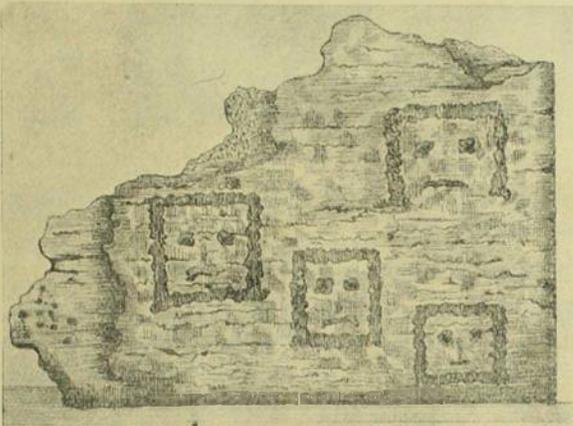
'ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel, etc.

ΙΣ

ΙΣ, força, vigor, etc. TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL FORÇA E VIGOR !

ΣΟΟΣ, são e salvo, etc.

Para a parte do rio, temos a fig. 745, com identico numero de gravuras precedentes, com a differença, de que são em forma quadrangular, e mais uma em pontos.

Este grande bloco, do qual desenhámos apenas uma parte, denegrido e rijo, está exposto ás violentas correntes, que impedem um trabalho mais minucioso, como seria de desejar.

ΔΙ̃ΟΣ, DIVINO, EXCELLENTE, PRODIGIOSO, IMMENSO OU ΔΙΌΣ, JUPITER

"Ο Σ Ο Σ

Ι Σ

(COMO A PRECEDENTE)

SÃO E SALVO

Fig. 745 — Inscripção de Puraquéquara

*

TÃO GRANDE QUANTO ADMIRAVEL É O DEUS DA FORÇA UNIDA AO VIGOR!

Fig. 746

Ο Σ Ο Σ

Σ Ι Ο Σ

ΙΣ ΙΣΟΣ

"ΟΣΟΣ †ΣΙΌΣ

ΙΣ ΙΣΟΣ

Em a fig. 746, nota-se uma gravura engenhosa, que sendo observada como está ou voltada ao contrario, proporciona a mesma, com ligeiras differenças.

Um mesmo genero de gravura encontra-se entre as das Lages.

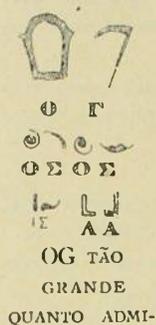
*

Segue-se a fig. 747, representando a primeira gravura um rosto em grande formato em sentido oval, medindo de alto 1m,0, mais ou menos, que nos merece uma interpretação, assim como as duas restantes.

Da primeira se podem destacar as lettras gregas ΟΓ, que formam a palavra do diccionario Biblico — OG = Rei de Basan, de Galaad e de Gualamita, o qual foi morto por Josué. Este Rei pertencia á raça dos gigantes; o seu leito tinha nove covados de comprimento.

A tribu de Manassés apoderou-se dos seus Estados. (Num. 22, 3.).

O Γ

OΣOΣ

AA

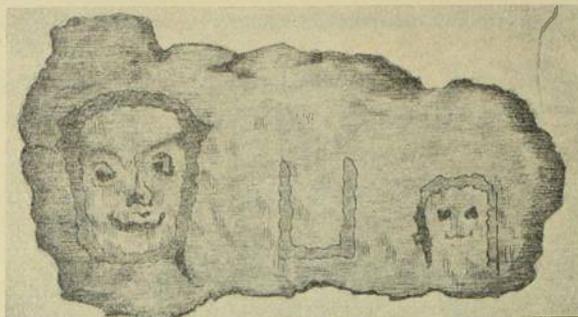
OG TÃO GRANDE QUANTO ADMIRAVEL EM FORÇA E VIGOR DEMASIADO!

SÃO E SALVO!

Fig. 747

A fig. 749 contém a mesma applicação do nome OΓ (OG); em seu conjuncto dá, ao que parece, um typo de mulher d'aquella época.

EMINΣ

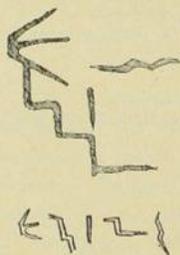



Fig. 748

Dicc. Bib. por Pedro Lachéze, p. 69: *Emins*, povos bellicosos e agigantados, do paiz de Chanaan, os quaes foram destroçados por Cariathaim. Este nome vem da palavra hebraica Emim, terrivel, ou de *Amma*, que significa o comprimento desde o cotovello até a extremidade do dedo maior da mão, porque elles tinham comparativamente este tamanho de superioridade aos outros homens. (Deut. 2, 10, 11). Esta palavra já encontrámos em phenicio sob a fig. 599.

O Dicc. Popular cit., de Pinheiro Chagas, assim define por sua vez *Og*: "Rei de Basan. Quiz oppôr-se á passagem de Moysés e dos Israelitas, foi vencido e os seus Estados foram cruelmente devastados pelo povo escolhido. O seu reino, que tinha por capital Astaroth, coube á tribu de Manassés. O rei Og era de estatura gigante, e as tradições rabbinicas dizem que escapára do diluvio universal, trepando para cima da arca de Noé. Ainda vivia no tempo de Moysés. Agarrando n'uma montanha para atirar com ella para o campo de Israel, a montanha, cavada pelas formigas, enterrou-se-lhe pela cabeça abaixo como uma especie de collar, e Og, não pôde livrar-se d'ella. Moysés aproveitou o incidente para o matar, batendo-lhe com um machado no calcanhar."

Fig. 749

CAPITULO VIII

Manáos: Blocos de pedra com inscripções applicados em construcção publica, e outros desapparecidos. Suas restantes inscripções

DANDO merecido valor ás inscripções de Itacoatiara, d'ellas nos occupámos em primeiro logar. Se só agora determinamos um capitulo a Manáos, é porque obedecemos á ordem seguida pelas nossas investigações, e deste modo, infelizmente, a primasia não lhe cabe. Mui pouco resta das gravuras com que foram asssignaladas as pedras de seu litoral, proximas á Serraria Sá, ou ponta dos Remedios.

Sabemos, por documentos officiaes, que deste local, em 1884, foram retirados dois blócos de regular tamanho, com inscripções, e por conta do Governo da então Provincia enviados ao Rio de Janeiro, com outros tantos, ao que consta, vindos do Rio Urubú.

Fig. 750 — Vista de Manáos, tirada de Constantinopolis

Na hypothese de que esta remessa teria sido feita ao Museu Nacional, dirigimo-nos em Outubro de 1912 ao respectivo Estabelecimento, por intermedio de pessoa amiga. Tivemos então formal desengano; nem só não constava a entrada das pedras em questão, como estas não existiam na quarta secção (antropologia, ethnologia e archeologia), segundo carta authentica do illustre Chefe da secção, de 20 de Novembro d'aquelle anno, em nosso poder, dirigida á referida pessoa amiga.

Apezar da circumstancia, que observámos, de nos não ser facultada a publicação deste documento, nutrimos a esperança de alcançal-o um dia e reformar os conceitos n'elle expendidos com relação ás inscripções antecolombianas etc.

Fig. 751

Investigámos ainda na Repartição das Obras Publicas, a remettente de taes preciosidades, se alli haviam ficado os respectivos desenhos, ao menos, mas, infelizmente, foram infructiferas todas as nossas pesquizas.

É sabido ainda, com grande pezar de nossa parte, que n'aquelle tempo, como nos subsequentes, uma grande parte das pedras do local referido foram retiradas, do mesmo modo que as de Itacoatiara, para varias construcções publicas e particulares. O que hoje resta, finalmente, são apenas 14 laconicas inscripções em phenicio e grego, quasi apagadas e em vias de completo aniquilamento; d'ellas passamos a nos occupar.

Fig. 752

*

As tres inscripções, figs. 751, 752 e 753, ligam-se ao mesmo assumpto. Para melhor ellucidação, damos em seguida resumidamente o historico das tres celebres palavras subordinadas a Balthasar (possuidor de thesouros), Rei de Babylonia na explicação da chamada ([1]) e a inscripção Dan. — "Era filho de Evilmerodach e neto de Nabuchodonosor. Convidou para um sumptuoso banquete toda sua Côrte, n'uma noite, durante o tempo em que os Persas e os Medeus cercavam a Cidade; e quando já tinha a cabeça esquentada pelo vinho, mandou que lhe trouxessem os vasos de ouro que tinham servido ao culto de Deus, no Templo de Jerusalem. Enchendo de vinho esses vasos, todos os convivas beberam por elles em honra de seus idolos, pela victoria por estes alcançada sobre o Deus de Israel, que não havia podido defender o seu Templo contra a pilhagem dos Chaldeus. O Senhor, offendido por tamanha impiedade, rompeu o silencio que havia tanto tempo guardava: um braço appareceu e escreveu sobre as paredes da sala do festim estas palavras: *Mane, Thecel, Pharés.*

Fig. 753

---

(1) —Mane, Manè, Teqel, Ufarsin — traduzio Daniel: *Menê:* Deus computou (*Menâh*) tua realeza e poz-lhe fim; *Teqêl,* tu foste pesado (*teqilta*) na balança e foste achado muito leve: *Pérès* teu reinado foi dividido (perêsat) e foi dado aos Medos e aos Persas (Dan., v. 25, 26, 28). A vulgata lê: Mane, Thecel, Pharès, vocalisando differentemente o texto messaretico e omittindo a reproducção do Manè.

Começaram assim a verificar-se as palavras do Senhor, pronunciadas por Jeremias, o qual annunciava a este principe que Deus o visitaria no auge da sua colera: *Ecce ego ad te, superbe, dicit Dominus Deus exercituum, quia venit dies tuus, tempus visitationis tuae.* (Jer., 50, 51, e 52). Em presença d aquelle prodigio, o rei deixou cahir a cabeça sobre o peito, e o seu espirito se perturbou deante das palavras que a mão mysteriosa escrevera; deu ordem para que viessem logo todos os seus interpretes e adivinhos, porém nenhum destes deu a significação de taes palavras.

A rainha Nitocre, sua mãe, aconselhou-o a que recorresse a Daniel; veio o Santo Propheta, e reprehendendo o rei pelas suas impiedades, annunciou-lhe que era chegada a justiça de Deus que o devia ferir e ao seu reino.

Mane, explica que o Senhor tem contado os dias do vosso reinado, do qual chegou o termo; *Thecel*, que fostes pesado na balança, e o vosso peso é diminuto; *Pharé*, que o vosso reino será dividido e entregue aos Medeus e Persas. Nessa mesma noite, Deus, segundo a predicção de Jeremias, "tendo seccado o mar de Babylonia" puderam os Persas penetrar sem obstaculos até ao centro da cidade; forçaram o palacio, e mataram Balthasar com toda a sua côrte, os quaes estavam entregues ao mais profundo somno. O corpo do rei, confundido entre os demais cadaveres, não houve quem o procurasse para dar-lhe sepultura; assim Isaias o tinha prophetisado: "Todos os reis das Nações morrem cercados de grandeza, e são recolhidos nos seus tumulos; porém tú serás arremessado, como um tronco abominavel, para longe do sepulchro que te era destinado". (Is.,14, 18). Anno do mundo, 3449.

*

As inscripções que se seguem, figs. 754 a 757, significam nomes individuaes e de cidades que, por lembrança ou signal convencional, foram esculpidos. Daremos, entretanto, a descripção de cada uma, a começar pela da fig. 754.

« *Dan*, era o quinto filho de Jacob e primeiro de Bala, serva de Rachel. Esta, vendo que não tinha filhos, pediu a Jacob que se unisse a Bala para que ella lhe desse successão; teve, com effeito, um filho, ao qual Rachel poz o nome de Dan, que significa *elle o julgou*, porque o Senhor tinha julgado a seu favor, dando-lhe esse filho. (Gen., 43, 17.)

= DAN

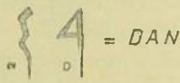



Fig. 754

Jacob quiz dizer que esta tribu, uma das mais poderosas, não deixaria de produzir um Chefe, o que aconteceu na pessôa de Sansão. A' tribu de Dan pertenceu uma das melhores provincias da Palestina, entre a tribu de Judá e o Mediterraneo, mas pouco satisfeita do logar que lhe fôra escolhido, enviou 600 homens, bem armados, contra a cidade de Lais, e depois de a tomar a força, exterminou todos os habitantes; reedificaram-n'a depois, deram-lhe o nome de Dan, em honra do seu progenitor, e elevaram á dignidade de grande Sacerdote, Jonathan, neto de Moysés, que tinham trazido da casa de Mechéas do Monte-Ephraim. Não se faz menção d'esta tribu no Apocalypse, porque ha quem julgue que ella abandonou o verdadeiro culto, e outros sustentam que d'alli ha de nascer o anti-Christo.

Dan é ainda uma cidade situada na extremidade septentrional do paiz de Israel, e da tribu de Naphtali, onde Jereboão, filho de Nabath, erigiu um dos Bezerros de Ouro, etc..»

*

Lechi (*cacheira*) — Era o nome de uma cidade da tribu de Dan, que antes fôra chamada *Thauma*, sujeita então aos Philisteus. Recebeu aquelle ultimo nome, que significa *cacheira*, porque foi neste logar que Sansão, armado com uma cacheira de burro, matou os mil Philisteus, juntando-lhe depois d'esta celebre victoria a palavra *Ramath*, que unida a Lechi completa a phrase *exaltação* da cacheira (J., 15, 19).

I K E L
= LECHI

Fig. 755

*

Heli já ficou descripto em capitulo anterior, sendo de notar as differentes formas com que foi gravado este nome, ora representado na fig. 756, tendo o (L) phenicio invertido.

Constitue finalmente, ainda em caracteres phenicios, a fig. 757, a palavra *Hur*.

I L H
= HELI

Fig. 756

«*Hur* (liberdade) era filho de Caleb, neto de Esron, esposo de Maria, irmã de Moysés, segundo diz Joseph. No pouco que a Escriptura diz d'elle, prova que era tido em consideração por Moysés. Quando este legislador enviou Josué contra os Amalecitas, subiu a montanha com Arão e *Hur*, e emquanto elevava as mãos ao céo orando ao Senhor, elles lhe sustentavam os braços, afim de que não se fatigasse, e esmorecesse; e quando Moysés subiu ao monte Sinai para ahi receber a lei, disse aos anciãos que, se lhe acontecesse algum desastre, ficavam, entre elles, Arão e Hur, a quem podiam consultar (Exod., 13, 10, 12,).»

R U H
= HUR

Fig. 757

Ha toda probabilidade, finalmente, de que as importantes inscripções contidas nas pedras das quaes nos occupámos em principio, seriam as das figs. 609 e 610, desenhadas anteriormente ao desapparecimento das mesmas.

Quanto ás tres celebres palavras do festim de Balthasar, com que fôra Manáos doada, não queremos crer que prevaleça, ou tenha influencia em sua vida politica e social, tão fatidica prophecia, embora alguma cousa semelhante se tenha realizado, no decorrer dos tempos.

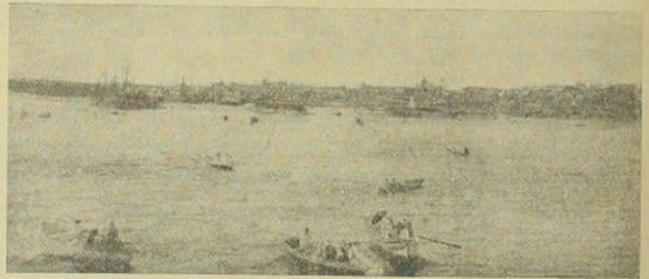



Fig. 758 — Panorama da cidade de Manáos, tirado em 1926

*

Ora, porém, se nos offerece ainda o ensejo de incluir mais cinco seguintes inscripções, por nós encontradas em face ao Mercado Publico, como as demais, muito

sumidas, mas conseguimos restaurar os seus traços e interpretal-as. Damos tambem um recente *cliché* da cidade de Manáos, em confronto com o que demos em começo do presente capitulo.

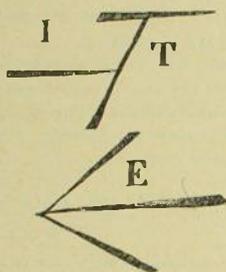



Fig. 759
Inscripção bastante desenvolvida e profunda, esculpida no litoral da idade de Manáos

"ΙΤΕ, *2ª p. p. ind. ou imp. pres. de* εἶμι, *seguir.*

Póde-se ainda interpretar:

<— }
ΛΙ } *part. insep. por* λιαν — muito forte.

< ⌐ — | Λα: *ou simpls.* λ, *part. inseparavel, que tem*
ΛΛΙ | *logar no começo das palavras equivalentes a* λιαν, muito, forte, etc. Póde-se subentender: ΙΤΕΛΙ — Seguir Muito.

*

Temos na seguinte inscripção, fig. 760, identicos dizeres de uma outra, gigantesca, com 200 a 250 metros de altura, esculpida num penhasco abrupto que borda o alto da bahia

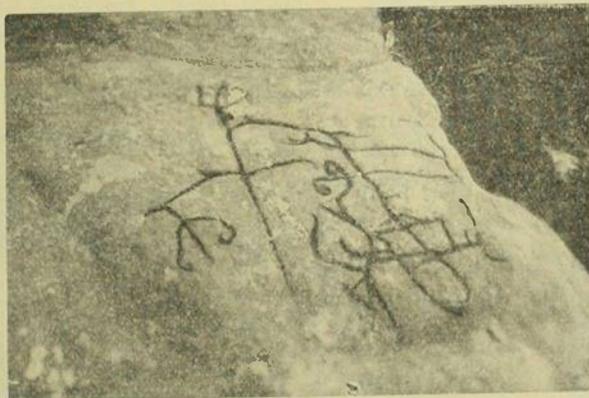
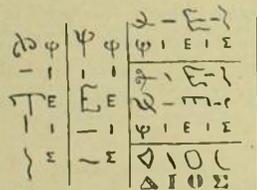



Fig. 760 — Inscripção esculpida no litoral da cidade de Manáos

ΨΙΕΙΣ *Gloss.*, feliz, afortunado. R. ψιά *por* εψιά

ΔΙΌΣ, *gen. de* ΖΕΫΣ JUPITER.

FELIZ, AFORTUNADO, JUPITER.

de Pisco, o importante massiço dos Andes, ao sul do Perú, na peninsula de Paracas, e que interpretámos. Esta incripção subordina-se a um artigo publicado na importante

revista "L' Illustration", n. 4333, de 20 de Março de 1926, sob a epigraphe — "*Le Mysterieux Symbole des Andes Peruviennes*", subscripto por V. Forbein.

ΟΥΧ ῞ΟΣΟΣ ΣΟΣ ΣΙΟΣ ΣΟΒΑΣ ΟΧΟΣ ΤΟ ΣΟΒΟΣ· ῞ΟΧΑ ΣΙΟΣ ΝΑΙ ΔΗ ΤΟΝ ΔΙΑ ΜΑ ΛΑΙΤΗΕΣ

NÃO TÃO CONSIDERAVEL TEU DEUS LASCIVO, O TENAZ SOBOS; EMINENTEMENTE DEUS SIM DE VERDADE É JUPITER, NÃO HOMEM DO POVO.

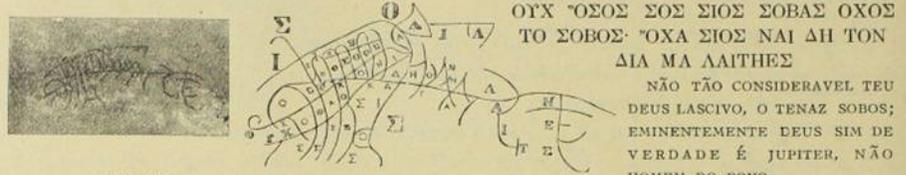



Fig. 761 — Inscripção do litoral da cidade de Manáos

A inscripção acima, fig. 761, tem clara relação com a 1473, de que trata de Nadaillac, existente á margem do S. João (Novo Mexico).

Sobos é encontrado em uma desenvolvida inscripção, esculpida em tamanho natural, com attitude e expansibilidade lasciva, no Rio Urubú, logar denominado Nebo, e ora na presente figura, de fórma deprimidora de seu valor e divindade ante Jupiter.

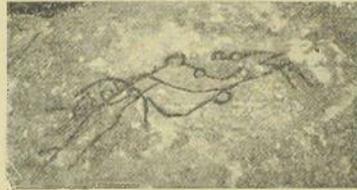
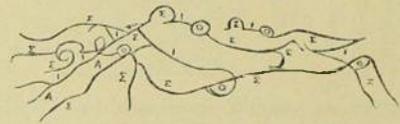



Fig. 762 — Inscripção no litoral da cidade de Manáos

† ΣΙΌΣ, *Laced. p.* Θεὸς, Deus, (o *Ser Supremo*).
† ΣΙΆ-ᾹΣ *Laced. p.* Θεά, Deusa. Cinco vezes, pois, as palavras ΣΙΌΣ e duas vezes ΣΙΑΣ, correspondentes ás sete Divindades gregas de primeira ordem: ΣΕΥΣ, ΕΡΜΗΣ ΗΛΙΟΣ, ΚΡΟΝΟΣ, ΑΡΕΣ, ΑΦΡΟΔΙΤΕ, ΣΕΛΗΝΗ QUE SÃO: JUPITER, MERCURIO, SÓL, SATURNO, MARTE, VENUS E LUA.

As seguintes inscripções, contendo uma palavra apenas, tornam-se interessantes pelas configuracões de animaes formados pelos blocos.

Fig. 763 — Inscripção do litoral de Manáos

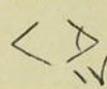
ΧΗΙΟ (Χῖος, ου (ἡ). Chio, ilha do mar Egeu. Χῖος, habitante *ou* nativo de Chio. Χηιο, poderá ser tambem um nome proprio assim escripto.

* ΛΑΙΑ, ας (ἡ) *Poet.* assembléa do povo, etc. R, λαός.
ΛΑΌΣ, οῦ, povo e *p. ext.* multidão, turba, azafama, aperto de gente, o vulgo; *Poet.* exercito, hoste, armada, esquadra, *e principalmente* infantaria. ||No *plur.* Οἱ λαοὶ, homens; guerreiros; subditos; vassallos, etc.

Fig. 764 — Inscripção do litoral de Manáos

Será ainda possivel que alguns destes blócos possam ser recolhidos ao Museu do nosso Instituto Geographico e Historico do Amazonas, salvando este restante das grandes preciosidades epigraphicas, que foram destruidas desde os tempos coloniaes.

CAPITULO IX

As relações entre Asiaticos e Americanos

ESTAMOS conseguintemente diante de um vasto e importante problema. Sem querermos ultrapassar as raias traçadas no nosso programma, somos forçados a compilar amplos argumentos de notaveis historiadores com relação á prehistoria Americana, e d'elles tirar as conclusões, ás quaes a nossa particularmente está subordinada.

Intercalaremos no decurso desses argumentos varios desenhos lithographados, fragmentos de objectos ceramicos e de outras naturezas, recolhidos nas regiões de Itacoatiara e Rio Urubú, emprehendimento levado a effeito por iniciativa do distincto Official da nossa Marinha, Antonio Madeira Schow, constantes nas figs. 765 a 776, de cujo assumpto já nos occupámos no Capitulo III.

Fig. 765

Sigamos, pois, os dizeres de Nadaillac, sobre as relações entre os Asiaticos e os Americanos:

« A communicação frequente entre os dois mundos, escrevia Humboldt, se manifesta de uma maneira indiscutivel nas cosmogonias, nos monumentos, nos hieroglyphos, nas instituições dos povos da America e da Asia [1].

Quando o illustre allemão publicara seus trabalhos, sabia-se ainda pouca cousa do Buddhismo, de seu poder de expansão, de sua alliança ou de suas relações com outros cultos asiaticos.

Fig. 766

Conhecia-se apenas imperfeitamente os aterros dos Mound-Builders, os edificios do Mexico ou da America Central, e embora seja ainda cedo para tirar conclusões formaes, póde-se dizer que todas as novas descobertas vieram justificar as asserções de Humboldt [2].

Um dos baixos relevos de Palenque offerece uma semelhança perfeita com as imagens de Buddha [3] e a offerenda feita aos deuses, que alli se acha representada, é frequentemente repetida sobre os monumentos do culto Buddhico. »

---

(1) Vues des Cordillères et des Monuments des peuples indigènes de l'Amerique, t. I. p. 31-39. Examen critique de l'hist. et de la geog. du N. Continent, t. II, p. 67.

(2) Póde-se consultar sobre as difficuldades que se oppõem a conclusões muito affirmativas, L. de Rosny, *Le Bouddhisme en Amerique*: "Cong. des Americ.", Nancy, 1875, t. I, p. 137.

(3) G. d'Eichtahl, *Etude sur les origines Bouddhiques de la civilisation americaine*. Paris, 1865, p. 70.

« Na Casa de Monjas (Uxmal) vê-se na soleira do nicho, que domina cada porta, uma figura acocorada que apresenta a impressão visivel do Buddhismo [1]. Um baixo relevo, recentemente descoberto em Chicheu-Itza, induz a uma conclusão semelhante [2], e os monumentos desta cidade santa dos Yucatecs lembram singularmente os *topes* e os *dagobas* da India [3], Quetzacoatl é muitas vezes representado com o bonet e na posição que a tradição heratica consigna a Buddha. Alguns americanistas julgam encontrar no Novo-Mundo as duas seitas da India: a dos adoradores de *Vichnon* e a dos de *Civa*. Elles pensam que o culto peruviano não é outra cousa que o de Vichnon, manifestando-se sob a figura de *Krichna* o Sól; o culto barbaro dos Mexicanos, recordaria o de Civa. Encontra-se tambem uma tocante semelhança entre a divindade hindú *Cali* ou *Bhavani*, symbolo da morte, ou da destruição, á qual se faziam sacrificios humanos, e *Mictlancihuotl*, deusa do inferno, no Mexico [4].

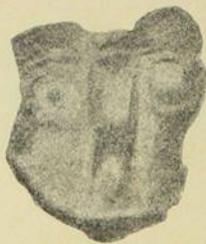



Fig. 767

O culto da serpente existia nas margens do Mississipe e em toda America Central.

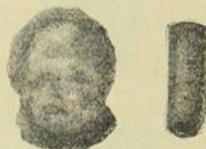
Recordemos a collina immensa de Brusk-Creek, no Ohio, que figura uma serpente engulindo um ovo; cita-se perto do Mexico uma esculptura quasi semelhante [5]; um e outro, assemelham-se á cosmogonia da India e á concepção do ovo do mundo, de onde sahe um Deus creador. (Observem-se as nossas figs. 605 e 705). Encontramos sobre os edificios sagrados do Chiopas e do Yucatan, como sobre as paredes do grande templo do Mexico, aos pés de *los Edificios* em Quemada, como sobre os monumentos de Cuzco.

M. de Humboldt quer vêr nisto uma lembrança da serpente Kaliya, vencida por Vichnou e que representa um grande papel na mythologi indiana [6].

Fig. 768

Segundo Lassen [7], o Buddhismo teria sido conhecido no Mexico desde o V seculo da nossa éra; teria contado numerosos sectarios até o XIII seculo, em que os Aztecs, victoriosos, tinham proscripto o culto de Buddha e substituido a caridade, pela humanidade, pregada por Cakyamouni aos vencidos, pelas horriveis crueldades que contámos. Talvez fosse egualmente unida ao culto buddhisco, a concepção dos Mexicanos d'um deus supremo adorado sob as tres formas de Ho, Huitzilopochtli e de Tlaloc, que lembram o Trimurtis indiano de Brahmah, Vichnou e Civa.

Fig. 769

O elephante era totalmente desconhecido antes da chegada dos Conquistadores; nenhuma tradição se refere á sua existencia sobre o continente americano. Entretanto, muitos dos principaes monumentos de Chiopas e do Yucatan, a Caza del

(1) F. de Waldeck, Palenque et autres ruines. Paris, 1866. — D'Eichthal, l. c. p. 78. Ces figures d'après les voyageurs que ont visité ces ruines auraient disparu.

(2) Stephes, Incidents of Travel in Yucatan, t. II, p. 292.

(3) Voy. ch. VII, p. 341, note 4.

(4) Desjardins, Le Perou avant la conquéte Espagnole, p. 101.

(5) Melgar, *Mex.Geog. Bulletin, 2a época*, t. III, p. 112 et segs.

(6) Esta serpente é tambem chamada Kalinaga. Humboldt, *Vues des Cordillères*, t. I, p. 230. — Moor, *Hindu. Pantheon*, 4°, London, 1813.

(7) *Indische Alterthun's Kund.* t. IV, p. 749 — Desde o 3º seculo antes de nossa éra o Buddhismo tinha começado a espalhar-se fóra da India. Tinha penetrado entre os Birmans no sul, entre os Chinezes e os Japonezes a léste, entre os Thibetanos e os Mongoes, ao norte. Lançou profundas raizes entre estas diversas nações, e 65 annos depois de Jesus Christo o Buddhismo foi solemnemente reconhecido pelo Imperador Ming-li, como 3ª religião do Estado. Max-Muller, *Buddhismo and Buddhist Pilgrims*, p. 24. — E. Burnouf, Introduction á l'histoire du Bouddhisme. — D. Eichthal, l. c. p. 20.

Gobernador e a Caza Monjas, por exemplo, contêm as trombas de elephantes, como motivos decorativos. Sobre um dos baixos-relevos do palacio de Palenque, o adorno do grande padre simula uma cabeça de *proboscidien* (1). Conservam-se no museu de la Paz (Bolivia), dois vasos, vestigios da antiga arte aymora; sobre cada um d'elles está figurado, em côr negra, um elephante conduzindo um palanquim. Recentemente foi encontrado em Iowa, um cachimbo de louça muito fragil. Este cachimbo absolutamente semelhante tanto em fórma como execução aos encontrados sob os moundes de Mississipe ou do Ohio, é obra evidente de operarios da mesma raça e representa um elephante (2).

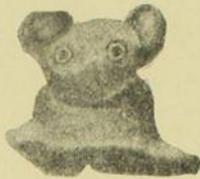
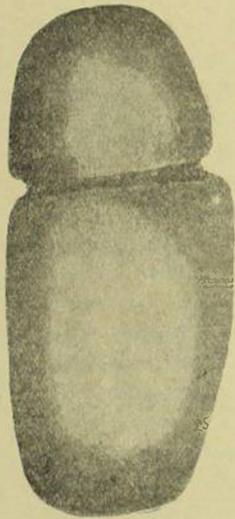



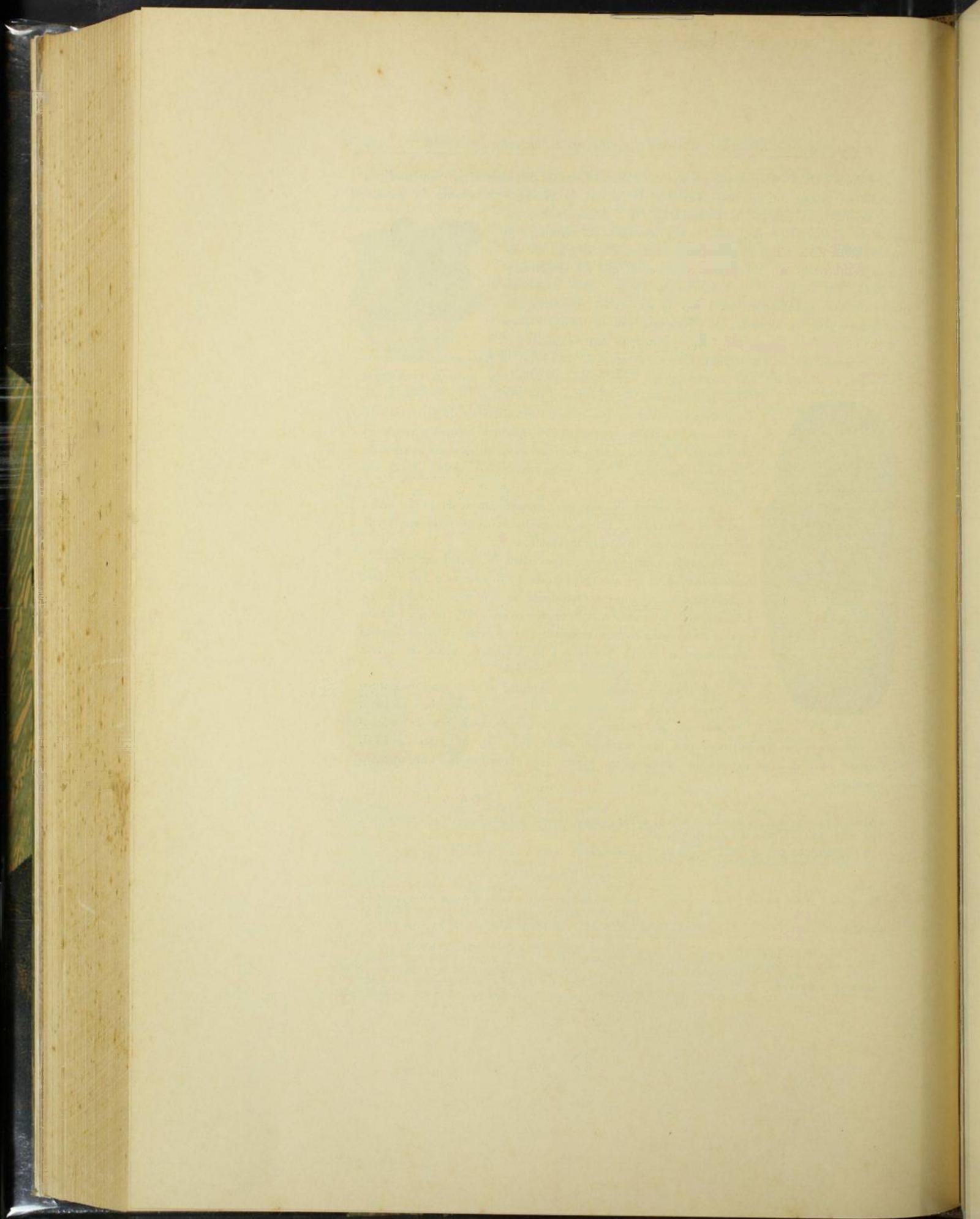
Fig. 770

É curioso, que se encontram claros vestigios de imagens da Asia nestes objectos executados a distancias tão consideraveis. Machados polidos em *nephrite* ou *jadeite* foram encontrados no Yucatan e no Mexico (3). O Museu de Copenhague possue pontas de flexas em nephrite de proveniencia Americana (4); idolos egualmente em nephrite vêm dos arredores do Mexico. A mina destas pedras é desconhecida no continente das duas Americas. Como, estes machados, estas flexas ahi chegaram ?

Excavações em New-Jersey, deram um martelo de pedra contendo o Swastika. Como, os symbolos mysteriosos dos Aryas se encontram nos Estados Unidos ?.»

Prosegue o autor sobre outra ordem de considerações, como calendarios identicos aos dos Chinezes, Japonezes e Thibetanos, semelhança dos idiomas e finalmente se refere ao Congresso de Orientalistas reunido em S. Petersburgo em 1876, no qual foram apuradas as semelhanças frisantes que existem entre as linguas americanas e as da Armenia e do Caucaso, além de outros muitos factos que poderiam ser citados.

Salientamos, nesta ordem seguida, a obra mais recente e de grande valor, de Onffroy de Thoron, publicada em 1889. As mais de que tratamos são de épocas mais remotas, alcançando mesmo a de Nadaillac, a que ora seguimos neste capitulo, o anno de 1883. A primeira obra e a nossa solução epigraphica muita luz offerecem aos argumentos em questão.

Fig. 771

(1) Lembramos que Ganesa, o deus da sabedoria na mythologia hindú, é sempre figurado com uma tromba de elephante.
(2) Short, North Americans of Antiguity. App. B.
(3) Leemans, Cong. preh. de Bruxelles, 1872.
(4) Cong. des Améric. Luxembourg, 1877, t. II, p. 317.

CAPITULO X

Chinezes e Japonezes

COM referencia aos Chinezes e Japonezes, assim se manifesta o mesmo autor: « Temos notado a presença de padres buddhistas no Mexico, desde o V seculo de nossa éra (1). »

« Eis o que relatam sobre este ponto os historiadores chinezes: "Outr'ora a religião de Buddha não existia nestes logares; foi no quarto anno do reinado de Hiao-woute do Soung (458 annos depois de J. C.), que cinco *pikhieou* ou religiosos do paiz de Ki-pin (antiga Kophêne) foram ao Fou-Sang, e ahi propagaram a lei de Buddha. Conduziram comsigo os livros, as imagens santas, o ritual e instituiram os habitos monasticos, o que fez mudar os costumes dos habitantes". Um destes missionarios, Hoei-Chin, voltou desta viagem longinqua, em 499 e foi sua narração embellezada pelas fabulas, as mais inverosimeis, que nos conservaram os escriptos chinezes (2) . . .

Não seria mesmo a primeira menção do Fou-Sang, nas historias do Celeste Imperio. Fong-fang-so, que vivia dois seculos antes de nossa éra, conta que o paiz de Fou-Sang está situado a léste do mar Oriental. Quando se desembarca nas costas deste paiz, continúa elle, é preciso avançar na posição do oriente e depois de ter percorrido dez mil li (3), encontra-se o mar de côr azul, vasto, immenso e sem limites (4). Um outro historiador, *Li-yen*, nos ensina que o Fou-sang está a 40.000 li a léste do paiz de Ta-han e tambem a léste da China.

Fig. 772

Marquez d'Hervey, emfim, conta que, segundo uma obra intitulada *Leang-esse-kong*, ou *Memoires de quatre seigneurs de l'epoque des Leang*, uma embaixada do Fou-Sang teria

---

(1) Reproduzimos a versão de M. D'Eichthal (l. c. p. 18). As considerações sobre as quaes elle se apoia são de grande penetração. Pode-se consultar sobre toda a questão Ch. Leland, *Fusang or th Discovery of America by Chinezes Buddhist Priests in th Fifth Century*, London, 1875, e uma excellente memoria apresentada em 1876 por Mis. D'Hervey de Saint-Denis, á Academia das Inscripções e intitulada: *Le pays connu des anciens Chinois, sous le nom de Fou-Sang*.

(2) Durante o reinado dos Fzi, no 1º anno da Origem Eterna, um padre buddhista Chinez, que tinha um nome monastico de *Hoei-Chin*, (compaixão Universal) veio de Fou-Sang, ao districto do Houkouang e aos districtos visinhos. Elle contou que Fou-Sang está a 20.000 li a éste de Ta-han e do Imperio do Meio. Ext. dos Nansou ou Annaes da China.

(3) A avaliação do li chinez, apresenta grande difficuldade: esta medida itineraria com effeito variou consideravelmente segundo os tempos. Pode-se consultar sobre a questão d'Anville, Mem. de l'Acad. des Inscr. t. XXVIII. Avalia-se actualmente em um terço de milha ingl., seja cerca de 506 metros.

(4) D'Hervey de Saint-Dinys — f. c. e p. 6.

chegado á China pelos annos *tien-kien*, começando em 502, data muito proxima da volta de Hoei-Chin, ajunta com razão M. d'Hervey, o que não deixa de despertar attenção.

M. de Guignes, foi o primeiro que determinou que Fou-Sang, deveria ser America ([1]).

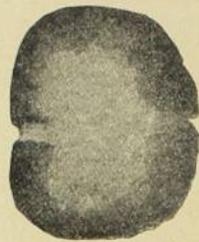



Fig. 773

Depois de ter notado, sobre uma carta, o caminho provavel, seguido por aquelles que elle chama navegadores Chinezes: "Examinei, disse elle, suas dimensões e ellas me conduziram para as costas da California, concluindo disto que elles tinham conhecido a America 458 annos depois de Jesus Christo".

Os conhecimentos geographicos, no tempo em que vivia o eminente sinologo, não permittiam a solução completa do problema. De Guignes, confessa mesmo que esteve muito tempo parado, pelas difficuldades que apresentava o itinerario seguido pelos Chinezes para chegar ao Fou-Sang e, sobretudo, pela confusão que causava o paiz de Tahan, situado no continente Asiatico e onde deveriam entretanto tocar os navios que se dirigiam á America . . .

Esta difficuldade não existe mais; M. d'Hervey, apoiando-se sobre o *Youen-kien-loui-han*, vasta encyclopedia publicada nos primeiros tempos da dynastia actualmente reinante, prova que existiam dois paizes de Ta-han. »

Fig. 774

«O primeiro é o que induziu de Guignes em erro, impedindo-o de lançar as vistas além do Kamchatka, e o segundo, é aquelle do qual se faz menção no itinerario de Fou-Sang, e que se não podia achar situado na Asia por estar a léste do primeiro ([2]). »

Os factos dão razão aos que pensam que o Fou-Sang era a America e apezar das objecções numerosas que têm sido feitas, ([3]) parece-nos ainda que é a hypothese mais viavel de todas as anteriores.

É á influencia Chineza que se devem attribuir os vestigios de Buddhismo nos habitos e nas instituições de certos povos do Novo-Mundo ([4]).

De Guignes attribuia igualmente á emigração Chineza a civilização dos peruvianos.

Fig. 775

« As curiosas analogias que se notam nos costumes, nas regras minuciosas que attingem todos os actos exteriores do homem, a protecção concedida á agricultura, a festa annual celebrada em honra aos agricultores pelo Inca do Perú e o Imperador da China, os systemas de irrigação, o pagamento dos impostos, o uso dos quipos, as construcções das pontes suspensas com cordas, a semelhança de certos

---

(1) *Sur les navegations des Chinois du coté de Amérique et sur plusieurs peuples situés à l'extremité de l'Asie orientale.* Ac. des Inscr. t. XXVIII, 1761.

(2) D'Hervey, l. c., p. 4

(3) Klaproth, Ost. — Asienund West-America Zeitscheiftfur Algemeine Erdkunde, Avril 1833. — Vivien de St. Martin, Unecceille histoire remise á flet, Année gro., 1865 — Lucien Adam. Le Fou-Sung, Cong. des Americ. — Nancy, 1875, t. 1, p. 145.

(4) Certos americanistas têm sustentado que Quetzacoatl, Bochica o legislador e o Deus dos Chibchas, e Viracocha, eram padres buddhistas. Isto póde ser verdade, mas faltam provas e as unicas que se poderia offerecer são curiosas semelhanças que existem em todas as legendas relativas aos iniciadores da civilização americana. Todos são representados como homens brancos barbados, usando longos vestuarios e pregando aos homens a virtude e a penitencia.

detalhes de architectura, a das barcas peruvianas com os juncos chinezes [1], tudo justifica esta hypothese. »

Outros argumentos ainda offerece o autor, terminando-os com algumas conclusões duvidosas ou hypotheticas.

Externa-se a proposito Ladisláo Netto [2] deste modo:

« As emigrações dos elementos asiaticos, pelo estreito de Bhering ou pelas Ilhas Aleutas, já por si não têm grande curso entre muitos americanistas e o afamado *Fu Sang*, que de Guignez pôz em tamanho relevo, desentranhando-o dos antiguissimos archivos chinezes, começa a perder terreno na discussão suscitada a respeito do budhismo introduzido, em épocas pre-colombianas, no solo da America.

Ora, se é ainda discutida e depreciada essa emigração, a principio considerada como verdadeira ou tida ao menos pela unica provavel, muito é de ver a opposição com que será recebido qualquer documento adduzido para a intromissão directa do elemento proto-semitico pelo lado do Atlantico. E o que muito é de notar-se é que, uma vez admittida semelhante hypothese, temos immediata e consequentemente diante de nós a nunca terminavel questão phenicia, visto que, sem estes arrojados navegantes, asseguram alguns auctores, os egypcios não teriam nunca podido arriscar-se á travessia do Atlantico. »

Fig. 776

« Bem é de ver, ao passar pelos olhos todas estas ponderações, quanto seria inutil seguirmos n'esta vereda, de ha muito, para quasi todo o mundo scientifico, espinhosissima. Aponto sómente as analogias, mostro, não os marcos de pedra da larga estrada, mas os leves e fugitivos vislumbres de apagada ou mal distincta trilha. Não insisto tanto na justificação das affinidades, como na authenticidade dos documentos que examino. Venha depois quem traga melhores argumentos — provas irrecusaveis em favor d'esta ou d'aquella idéa e prompto me achará a acceital-as, embora na mais flagrante opposição aos raros assertos um tanto peremptoriamente admittidos por mim n'estas Investigações. »

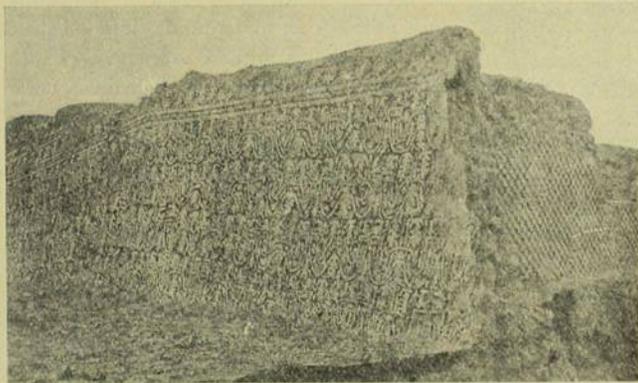



Fig. 777—Fachada do Palacio de Chan-Chan. "Este modelo, de lavração sinuosa, é executado em todas as muralhas e terraços de Chan-Chan. Ha algumas figuras de animaes entremeadas neste muro. Em outras partes das ruinas vêem-se bem distinctamente desenhos geometricos. Tudo isto indica que os edificadores destas ruinas bem conservadas foram artistas, esculptores e architectos"

(1) O mesmo facto póde ser citado no Mexico: quatro proas de navios apresentando uma certa semelhança com as prôas dos juncos Chinezes foram encontrados em um *hypogeo* por Vasquez-Carnado.

(2) Archivos do Museu Nacional, vol. VI, p. 469. Rio de Janeiro, 1885.

Ainda a proposito deste importante assumpto, seja-nos licito, para aqui trasladar um artigo e gravuras publicados pelo *Boletim da União Pan-Americana*, de Fevereiro de 1915, sob a epigraphe "As Ruinas de Chan-Chan", *Antiga Capital dos Chimus*.

«*Chan-Chan*, antiga capital de ruinas dos Chimus, não se acha situada na China, não obstante, pelo seu nome, trazer a idéa de uma cidade chineza.

Se os Chimus, em algum tempo, viveram nas terras orientaes, nossos archeologos não têm ainda podido descobrir o facto. Elles eram tão americanos como os Incas, cujas tradições revelaram uma serie ininterrupta de reis por um periodo de mil annos antes da conquista dos hespanhoes e de cuja civilização sabemos mais que, em algum tempo, estes Chimus eram em todas as artes formidaveis rivaes dos Incas, na paz e guerra. Nas mesmas condições em que viveram os Incas nas altas regiões dos Andes, assim viveram os Chimus nas costas do Perú, e, como os carthaginezes antigos, eram navegadores.»

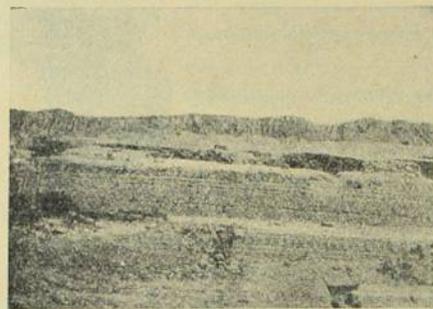



Fig. 778 — Terraços lavrados do Palacio de Chan-Chan. "As magnificas ruinas vistas nos grandes muros de Chan-Chan, que medem de 20 a 30 pés de altura, são evidencias da cultura dos Chimus que habitaram o valle perto de Trujillo, no norte do Perú. Mostram desenhos maravilhosos e trabalhos de estuque nas superficies e differem claramente em typo das ruinas encontradas perto de Cuzco"

«O mysterio representa o seu papel na historia precolombiana e quanto mais se procura investigar a origem das antigas civilizações do Mexico, da America Central e das costas occidentaes da America do Sul, tanto mais profundo se torna este mysterio. Talvez nenhum dos problemas apresentados aos archeologos e antrhopologos seja mais fascinante como o relativo ao estudo dos Chimus do Perú. O que sabemos a respeito destes povos é o que nos contam os primeiros chronistas hespanhoes, casualmente, e o que nos resta da sua maravilhosa civilização, são as ruinas estupendas e admiraveis que se acham perto da moderna cidade de Trujillo.»

«Os templos e muros do palacio arruinados desta antiga cidade, ricamente ornamentados em baixo-relevo, os grandes e vastos trabalhos de irrigação, os vallados com os sepulchros dos chefes que antigamente eram poderosos, tudo indica que os antigos Chimus eram dignos rivaes dos "filhos do sol", que finalmente os conquistaram. «

«Os Incas, segundo as tradições, vieram do sul e se estabeleceramm e terras occupadas uma vez por uma raça antiga de architectos e edificadores cyclopicos. Os Chimus, segundo dizem, vieram do norte em uma frota de balsas, ignorando-se, porém, a época da sua invasão. Alguns pensam que ha evidencia de duas civilizações primitivas; outros, que a occupação dos valles foi relativamente de pouca duração, estendendo-se apenas a alguns seculos antes do advento dos hespanhoes. Quanto á raça dos Chimus, de

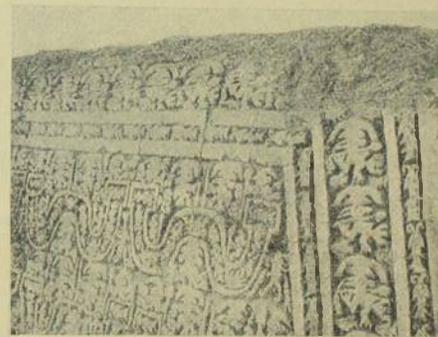



Fig. 779 — Esculpturas animaes nos muros de Chan-Chan. "Um estudo minucioso dos muros de Chan-Chan, revela, que quem quer que construisse estas muralhas, possuia uma vivida e forte imaginação artistica"

commum com quasi todos os povos da costa occidental da America do Sul, apresentavam os caracteristicos predominantes em uma grande parte dos antigos e modernos habitantes da America Central e do Yucatan, inteiramente distinctos do typo dos Incas conquistadores. »

« Como quer que isto seja, ha evidencias extraordinarias da civilização adiantada desta raça extincta. Os trabalhos de irrigação, aqueductos, reservatorios e os canaes, cujas ruinas podem ainda ser vistas, mostram que a habilidade de engenharia dos Chimus foi do mais alto gráo. A agua que vinha do Rio Muchi era encanada a uma distancia consideravel da cidade. O aqueducto tinha sessenta pés de altura e olhando-se de sua parte mais alta póde-se ver claramente o seu systema de distribuição de agua pela cidade e seus arredores. »

«Por toda parte vem-se canaes e reservatorios regando campos e jardins, protegidos por uma grande muralha que penetra pela cidade a muitas milhas. »

« Um estudo sobre estes canaes revela a differença na irrigação de terras para o cultivo do algodão e milho. O algodão do Perú foi muito cultivado até mesmo neste periodo remoto, e magnificos tecidos de algodão, de cores ricas, foram usados pelos ricos chimus. »

« Na arte ceramica elles estavam mesmo mais adiantados que os Incas e nenhum trabalho deste genero, que se tem encontrado ou descoberto no Perú, póde ser comparado com os que foram achados em Chan-Chan. »

« Alguns destes vasos de barro representando figuras humanas, cabeças e grupos, foram retratos de pessoas contemporaneas e o observador se sente impressionado com as expressões variantes e vigorosas que têm as faces. »

Fig. 780 — Photographia tirada da collecção de L. Jeremias, Guayaquil, Equador. Ceramica peruana. "Seria impossivel enumerar as multidões de variedades de formas e combinações de ceramica da costa do Peru. Difficilmente se encontram dois specimens iguaes. Não só se vêm quasi todas as combinações de figuras regulares ou geometricas, como tambem symbolos da terra, do mar e do ar. Homens, passaros, animaes, peixes, conchas, fructas, vegetaes, tudo em fim, está reproduzido na arte ceramica. Até mesmo a arte, architectura, costumes e noções religiosas estão representados"

« E' de taes reliquias que obtemos o nosso conhecimento da vida intellectual, moral e religiosa destes antigos Chimus, cujos traços vivos podem ser encontrados na lingua Muchica, que ainda sobrevive e é falada no porto de Eton, Perú, e suas vizinhanças. »

« O imperio foi conquistado pelos Incas cerca de cento e cincoenta annos antes da chegada de Pizarro, e, como uma raça, elles já se esvaneceram da face da terra, havendo sido espalhados e finalmente aniquilados pelos conquistadores. »

Tão boas illações, portanto, nos fornece a referida "Revista", no presente e em muitos outros artigos de sua competente e scientifica redacção, elementos valiosos para estudos archeologicos, que não podemos deixar de lhes dar a merecida e justa importancia.

CAPITULO XI

Judeus e Gregos

UM certo numero de escriptores, diz de Nadaillac, tem opinado que as primeiras nações civilizadas americanas descendiam dos Chananenses, expulsos por Josué, da Palestina e que das costas d'Africa tinham chegado ás da America. Esta opinião, embora pareça phantastica, encontrou partidarios: Lescarbot (1), no seculo XVII, e em nossos dias, certos escriptores americanos, sequiosos de excentricidades (2).

« Uma outra versão que se apoia sobre narração de Esdras (3) diz que, quando os Israelitas foram vencidos e conduzidos em captiveiro por Salmanazar, dez tribus se separaram de seus irmãos e se dirigiram para regiões desconhecidas. Sua emigração, durou anno e meio e no fim deste tempo chegaram ao paiz de Anian, depois de terem atravessado o mar que separa esta terra da Asia.

Pretende-se ver no paiz de Anian o continente Americano. »

A primeira versão conhecida se encontra n'um manuscripto conservado na bibliotheca do Mexico (4); ella foi depois geralmente acceita pelos escriptores espanhoes dos primeiros seculos que se seguiram á conquista.

Fig. 781

Nós a encontrámos reproduzida na Inglaterra, no seculo XVII (5); e em nossos dias o lord Kingsborongh (6) dispendeu sommas consideraveis para provar que é a estas tribus de Israel que o Novo Mundo deve as origens de sua civilização.

Adair, que residiu muito tempo entre os indios do Sul, ficou admirado de suas ceremonias religiosas e não sabia attribuil-as senão á origem israelita (7).

---

(1) *Hist. de la Nouvelle France*, Paris, 1609.

(2) Haven, Arch. of the United Statis: — Smithsanian Institute, 1856.

(3) L. IV, c. III. Voy. aussi. Rois, l. XIV, c. XVII.

(4) Este manuscripto, datado de 1585, é do Pº. Duran, originario de Tezeuco. Forma 3 grandes volumes in folio e é intitulado *Hist. Antigua de la Nueva España*. Conserva-se uma copia d'elle na bibliotheca do Congresso em Washington.

(5) Thourowgood, *Jerves in America*, London, in 4º, 1650 — L'Estrange combateu esta theoria e parece-nos necessario citar sua conclusão: "I am of openion that the Americans originated before the captivity of the ten tribes, even from Sem's near progeny". (A *Americans no Jews*. London, 1654, in. 4º, p. 13.)

(6) Antiquities of Mexico, 9 volumes in folio — London, 1831-1848.

(7) *Hist. of the American Indians*, London, 1775, in-4º.

O abade Brasseur de Bourbourg falla por sua vez com admiração dos typos judeus, assyrios e Egypcios, que elle teve occasião de notar, durante as suas longas explorações, entre as populações indigenas do Mexico e da America Central.

« Mais de uma vez, diz elle, observámos perfis semelhantes ao do rei de Judá, esculpidos entre as ruinas de Karnac e vimos indios, em sua altiva nudez, que se assemelhavam ás bellas estatuas egypcias dos Museus do Louvre ou de Turim. Muitos estrangeiros notaram, com tanta surpreza como nós, em certas aldeias Guatemalenses, o costume arabe dos homens e o costume judeu das mulheres de Palin ou das do lago d'Amatillam, tão perfeitos e tão bellos como nos quadros de Horacio Vernet [1]. A circuncisão era usada entre os Yucatecs e os Aztecs, mas só podemos dar uma importancia muito secundaria a este facto, porque este mesmo costume se encontra entre muitos povos que nehuma relação tiveram com os judeus nem com os musulmanos [2]. Uma narrativa de Bancroft nos parece mais curiosa [3].

Duas vezes, diz elle, as excavações puzeram a descoberto reliquias israelitas; da primeira vez extractos da lei escriptos em Hebreu sobre folhas de pergaminho e encerrados, segundo o uso judaico, em um estojo; uma outra vez, uma pedra tendo gravado um personagem usando o costume tradicional do grande padre e acima de sua cabeça os 10 mandamentos de Jehovah em caracteres hebreus.

Fig. 782

Admittindo, o que estamos dispostos a fazer, a perfeita authenticidade destas descobertas, nada permitte affirmar que os pergaminhos ou a pedra contendo os mandamentos de Deus sejam anteriores á chegada dos hespanhoes. O estado da Antiochia, emfim, que faz parte da nova Republica dos EE. UU. da Colombia, conta-se, foi povoado por uma colonia Israelita. É assim que se explica o elemento semitico fortemente representado entre a população branca, os prenomes do Antigo Testamento usados no paiz, a belleza das mulheres, cuja tez morena e grandes olhos negros lembram as bellas judias do Oriente; emfim, o genio commercial dos habitantes, muito differentes nisto de seus concidadãos. »

« Mas estes homens, termina de Nadaillac: não serão os descendentes dos Israelitas expulsos de Hespanha pelos reis Catholicos e que, depois de terem sido forçados a receber o baptismo, teriam procurado um asylo no Novo-Mundo, e não estará nisto a explicação mais verosimil de sua origem ? (Vergara y Vergara — "Historia de la Litteratura" em Nueva Granada). »

Ha, pódemos dizer, apenas saliente confusão chronologica de factos recentes com os primitivos, o que se infere das inscripções ora interpretadas.

*

Eis o que resumidamente diz Hauser sobre os Judeus, em sua importante obra "Le Grecs et les Semites dans l'Histoire de l'Humanité":

---

(1) Hist. des Nations Civilisées, t. II, p. 17; t. II, p. 180.

(2) Conta-se principalmente sua existencia entre diversas tribus da Australia. Na America este costume se conservou entre os habitantes de Goazacoalco, que affirmam tel-o recebido de uma longa serie de antepassados, e o P. Petilot constatou entre os Déni-Dindjies, grande familia de pelles vermelha que habitam entre o 53° e 69° de latitude.

(3) Races Native, t. V, p. 92. Todos os que quizerem estudar a questão devem ler o c. I deste v.; encontrarão ahi, entre outras informações importantes, investigações bibliographicas as mais curiosas.

« A Grecia, apezar de seu adiantado grau de cultura da razão e do sentimento, nada fez para a elevação da consciencia da personalidade humana. Os Athenienses começaram um regimen anti-humanitario para os gregos extrangeiros domiciliados entre elles.

Seus grandes philosophos, Platão e Aristoteles, justificaram a escravidão e os direitos do senhor sobre o escravo; negaram-lhes o ideal superior de Deus e de suas relações com o homem. Esta missão estava reservada para o povo judeu, que inaugurou o monotheismo entre as nações, d'onde sahiram o Christianismo e o Islamismo. Delle nasceu a Biblia, livro considerado ainda como sagrado por milhões de crentes e que fez admiração a todos os grandes pensadores da humanidade.

Fig. 783

Moysés, que foi o intermediario entre Deus e o povo judeu, é considerado, com razão, como um dos maiores homens da historia; grande, como libertador e educador d'um povo embrutecido pela escravidão; grande, como legislador, sabio, claro, evidente e grande, como fundador do monotheismo, tornado como religião da humanidade. »

« Moysés, segundo a Biblia, criado na côrte do Egypto e instruido nas sciencias e artes pelos padres de Amon, unicos depositarios da cultura egypcia, tinha provavelmente ahi encontrado a concepção monotheista, que, por sua intelligencia e intuição da verdade, soube aperfeiçoar e elevar ao ideal de um ser supremo, com a exclusão de qualquer outra divindade extranha e da representação conjecturada de Jehovah, sob qualquer fórma sensivel. »

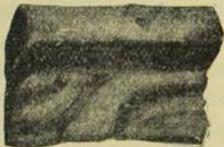



Fig. 784

« Elle comprehendeu igualmente a necessidade de estabelecer uma união entre Deus e seu povo, consistindo em uma alliança, segundo a qual, Deus permittiu elevar um povo muito alto entre as nações da terra, com a condição de que este não deixasse de observar a lei revelada a Moysés e de castigal-o severamente em caso contrario. As taboas dessa lei continham o decalogo, que devia servir de codigo moral e social, de vinculo sagrado entre Deus e o homem. »

« Moysés soube impor a seu povo um codigo de policia sanitaria sob a forma de preceito religioso, com o temor Divino contra sua violação. Tomou as medidas mais severas para impedir seu povo de recahir na idolatria. Entretanto, a ignorancia e os habitos seculares o impediram de comprehender o verdadeiro sentido e o alcance do ideal monotheista; mesmo no periodo de sua adoração a Jeovah, elle o considerava, com relação a outras divindades adoradas pelas tribus visinhas, como um Deus principal e predilecto. »

Fig. 785

« O primeiro periodo da concepção vaga do monotheismo prolongou-se durante seculos, mesmo os reis mais sabios, taes como David e Salomão, não puderam collocar-se na altura da concepção pura do monotheismo, da moral divina do decalogo. »

« Esta evolução só começou a fazer-se na época dos prophetas Amos e Oséas, que confundiam o ideal do amor d'um Deus unico com o do amor á Justiça social. A falta do ideal religioso levou primeiro a uma separação completa das tribus e a formação de dois reinos distinctos, o de Ephrain e o de Judá, tendo um Samaria e outro Jerusalém por capitaes. »

« Foi a falta de unidade nacional e religiosa que deu em resultado a invasão da Palestina pelo exercito Assyrio e a destruição do reino de Ephraim, em 721. O reino de Judá teve a mesma sorte em 588, tendo succumbido em consequencia d'uma invasão pelos exercitos de Nabuchodonosor, rei da Chaldeia, o qual incendiou Jerusalém e conduziu captivos á Babylonia o Rei, o exercito e os homens mais notaveis de Jerusalém... »

* * *

Segundo recentes investigações, diz o citado autor, verificou-se que antes da época historica o homem existia já sobre o solo grego, e que elle passou ahi por diversas phases prehistoricas, da mesma fórma que nas outras partes da Europa. A Grecia foi provavelmente habitada por povos completamente selvagens, morando em grutas, vestindo-se com pelles de animaes e alimentando-se sobretudo de hervas selvagens.

« A época neolithica deixou ahi vestigios abundantes. Encontraram-se em muitos logares da Attica, na Beocia, na parte norte do Peloponeso, na Etolia e nas ilhas, machados de pedra, de natureza mais ou menos granitica, em abundancia, assim como flechas e utensilios em obsidiana, armas de serpentina de porfiro, em grande quantidade, na parte sul da ilha de Eubeia, emquanto os instrumentos de silex são muito raros e da mesma forma faltam ahi habitações lacustres. »

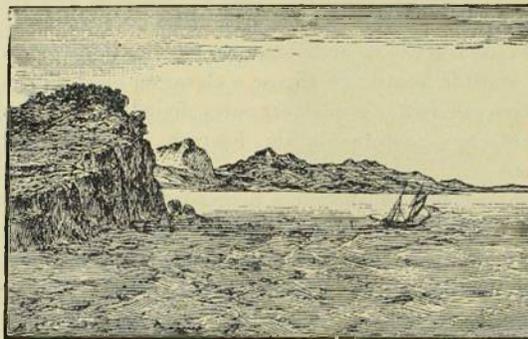



Fig. A — Uma ilha grega, Itaque (Seignobos)

«O povo grego tirou sua origem da mistura das tribus Pelagios, Dorios, Jonios e Eoleos, fundidos mais tarde sob o nome de Hellenos..... Os gregos nunca formaram um corpo de nação; eram sempre divididos em pequenos estados chamados Cidades, entre as quaes se distinguiram, Athenas, Sparta e Thebas, que enviavam colonias ás ilhas visinhas e ás costas do Mediterraneo, sobretudo na Italia. »

« A lingua grega tornou-se a mais divulgada. A sua cultura distinguiu-se desde sua origem, por ser a ideia religiosa intimamente ligada ao seu amor á natureza.

Elles habituaram-se desde principio a divinisar todas as forças da natureza e a associar todos os actos de sua vida a uma ideia religiosa. Os jogos olympicos, as vindimas, as danças populares, foram offerecidas em honra dos deuses. Suas tragedias e suas comedias eram representadas diante dos altares dos deuses. Tambem sua architectura distinguia-se por seu caracter religioso. Entretanto a Grecia não tinha dogma, casta sacerdotal, nem corpo de doutrina fixa. Elles se inspiravam nas bellezas da natureza. Seu espirito de observação dos phenomenos da natureza foi tão grande, que elles conceberam cedo o ideal do bello, do bem e da verdade, a ponto de Athenas tornar-se, sob Pericles, a cidade dos artistas, dos pintores, dos architectos, dos grandes oradores, escriptores e pensadores. A Grecia soube unir um complexo harmonioso dos dons superiores do pensamento a faculdades prodigiosas na expressão variada dos sentimentos humanos. Ella teve grandes poetas, taes como Homero, Hesiodo, Eschylo, Sophoclo, Euripide, Aristophano e Pin-

daro; grandes historiadores, taes como Herodoto, Thucydide e Xenophone; grandes architectos e esculptores, taes como Phidias, Ictinus, Muésicles, Polyclete, Scopas, Lysipps; grandes pintores, taes como Polygnote, Parrhofins, Zurxis, Apelles, etc. A Grecia brilhou principalmente pelas sciencias e pela philosophia. Seus philosophos foram os senhores do pensamento na Europa até o XVII seculo..... »

Fig. B — Vista da acropole, com o templo de Jupiter (Athenas)

«O primeiro periodo da philosophia grega foi iniciado pelos sete sabios, que expunham nas reuniões publicas suas ideias sobre as relações do homem com Deus e com a natureza. Foram elles os fundadores da escola Jonica; ao lado desta formou-se a escola Italica, cujo chefe foi Pythagoras. A escola Italica fallava muito de Deus, emquanto a Jonica se occupava da natureza; uma era espiritualista e outra nacionalista. Além desta formou-se a escola eleatica, cujo chefe foi Zenon de Eléa, que combatia o anthropomorphismo, a mythologia e o mysticismo de Pythagoras. Admittia, que Deus é *tudo* e *um* na natureza, mas não acima d'ella. Socrates, Platão e Aristoteles formaram-se na escola de Pythagoras. »

« Apezar da divergencia das escolas, relativa a concepções anthologicas, uma idéa fundamental dominava a philosophia grega: a harmonia entre os quatro elementos, a agua, o ar, a terra e o fogo. Os philosophos gregos cultivavam tambem as sciencias e sobre tudo a medica. Foi o grande genio de Hippocrates, que se apoderou dos materiaes accumulados pela escola de Cnide pelos philosophos, synthetisou-os, coordenou-os e lançou a base do edificio da medicina.

Fig. C — Propyleu (Athenas)

Para elle, a arte medica repousava sobre os conhecimentos exactos do organismo humano em relação com o meio, o clima, as forças da propria natureza. Um dos maiores meritos de Hippocrates foi romper definitivamente com as idéas dominantes na Grecia, de que

havia uma intervenção mysteriosa das divindades na producção e na cura das doenças... »

«É incontestavel que a cultura grega constituiu a origem da civilisação européa actual. O hellenismo deixou um vestigio profundo e luminoso na historia da humanidade e era Athenas que representava o cerebro da Grecia... »

Fig. D — Cariatides (Athenas)

« Tratando de Troya, tão rememorada, diz-nos Seignobos: "Até pouco tempo, quasi nada se sabia sobre os antigos habitantes da Grecia. Conhecia-se somente o logar de algumas das suas mais antigas cidades.

Um explorador allemão Schliemann excavando esses logares, descobriu ruinas de muros e um grande numero de objectos, que nos deram a conhecer os habitos desses antigos tempos. Começou elle pela cidade de Troya, na Asia menor, celebre pela lenda do "cerco de Troya" que fornecera ao mais illustre dos poetas gregos, Homero, o assumpto da Iliada..." »

« Todos na Grecia sabiam esta lenda, mas não conheciam ao certo o logar da antiga Troya; sabiam, apenas, que ella era construida sobre uma collina que dominava o valle de Scamandra. Schliemann, baseando-se na tradição dos antigos, fez excavar a collina menor e mais visinha do mar, da altura de 50m. Era coberta d'um amontoado enorme de destroços, accumulados durante 30 seculos. Este explorador teve a paciencia de desobstruir, fazendo cavar até uma pofundidade de 17m. Trabalhou de 1870, a 1882. Descobriu assim as ruinas de seis pequenas cidades, que tinham sido construidas, cada uma sobre os escombros da precedente. A penultima estava coberta de uma camada de cinzas e os tijolos tinham sido avermelhados pelo incendio; viam-se tambem os muros d'uma cidade construida de pedra e tijolo, de espessura de 3 a 4m, com torres e 3 portas. Schliemann declarou que acabava de descobrir a Troya, queimada pelos gregos. Nas ruinas desta fortaleza encontraram-se muitos objectos; havia vasos em terra cotta grosseira; machados e martelos de pedra;

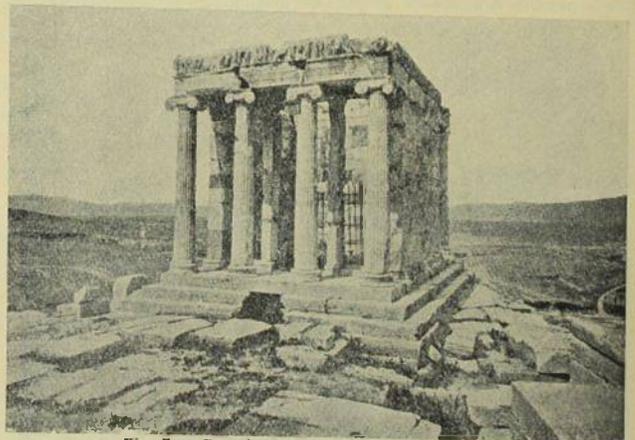



Fig. E — Templo da victoria Apterorz (Athenas)

machados, facas, punhaes em bronze. Num canto, perto do muro, encontrou-se um monte de objectos: cadeias de ouro ornadas de pequenas placas, collares de ouro, brincos, braceletes, alguns vasos de ouro, um vaso de prata, armas e instrumentos em bronze. Todos estes objectos pareciam ter sido collocados em uma caixa, cuja madeira foi queimada.

Schliemann vê nisto o thesouro de Priamo. »

« Não se sabe na realidade, termina o autor, como se chamava a cidade referida, pois nenhum vestigio se encontrou até então de seu nome, sendo certo ser ella muito antiga (entre XV e XX seculos A. C.). »

Fig. F — Templo de Jupiter (Athenas)

« Mas, segundo Hauser e do que já fizemos referencia, em outras paginas, a historia permanece muda sobre as primeiras phases do desenvolvimento da Grecia, e se habituou a considerar as primeiras façanhas de sua juventude, a guerra de Troya, como pertencente á idade mythica, a ponto de pôr em duvida a existencia de Homero e de ver as obras litterarias, taes como a Iliada e a Odisséa, como uma ficção poetica de autores anonymos. As memoraveis descobertas, porém, de Schliemann em 1870, das ruinas da antiga Troya, como são descriptas por Homero, constituem uma prova indiscutivel em favor de um facto historico. Nas excavações feitas por este e mais tarde por outros archeologos francezes e inglezes encontraram-se, não sómente as ruinas de antigas cidades na região onde teve logar a guerra de Troya, mas tambem obras d'arte primitiva, vasos em argila ornados de figuras, como taças de ouro etc. Além de Troya foram descobertas mais outras cidades, taes como Mycenas, residencia do rei Agamennon e Tyrente, antiga cidade da Argolida, patria de Hercules, onde foram encontrados restos de muralhas cyclopicas, o que prova bem que a Grecia já em seus primeiros tempos, isto é, na idade heroica, havia cultivado a arte ou ao menos conhecido as obras artisticas do Egypto e da Syria, introduzidas pelos Phenicios.

Fig. G — O Parthenon (Athenas)

Do mesmo modo, é admiravel que a lingua grega fosse já conhecida nos IX e X seculos A. C., n'um tão alto grau de perfeição, tal como a encontrámos na Iliada e Odisséa, onde se é surprehendido tanto pela construcção grammatical, como pela forma poetica perfeita.

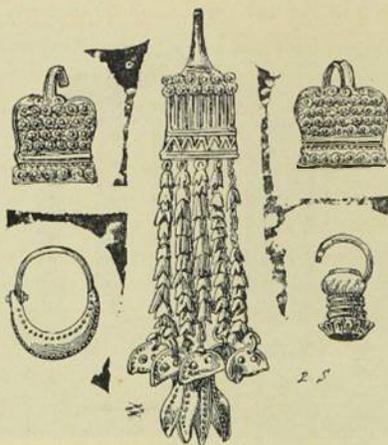



Fig. H — Ornamentos em ouro encontrados em Troya, segundo Seignobos

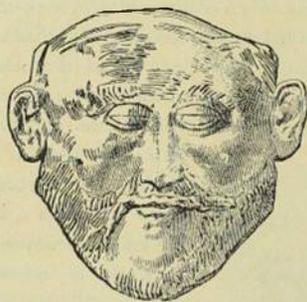



Fig. J — Mascara de ouro encontrada em Mycenas (Seignobos)

Fig. I — Punhal com incrustação segundo Seignobos

A historia de seus combates heroicos, diante de Troya, é uma descripção completa da vida e dos costumes da migração doriana...»

⁂

Fig. K — Diadema em ouro encontrado em Mycenas (Seignobos)

« Depois de rapidas cogitações sobre a historia da revolução da Grecia, não se póde, diz Hauser, deixar de extranhar, como o povo que produziu homens de genio em tão grande numero, tanto nas artes como nas sciencias, não se poude manter em seu apogeu mais que um seculo e meio. »

« Houve muitas causas que contribuiram para precipitar a decadencia da Grecia e a perda de sua independencia. »

« Em primeiro logar, foram as causas materiaes, isto é, o esgotamento dos recursos do paiz, a serie de guerras continuas de encontro á Persia, de permeio ás guerras intestinas entre as cidades maritimas e terrestres, Athenas, Sparta e Thebas. Os debeis vinculos d'uma mentalidade religiosa commum, que prendiam uma a outra das differentes cidades gregas, não puderam resistir aos seus interesses particulares, ás suas rivalidades no poder e ás suas dissenções domesticas continuas. »

« Em segundo logar, vieram as causas sociaes e moraes. O regimen democratico que havia prevalecido em Athenas e criado as bases d'uma civilização superior: o desenvolvimento das intelligencias e a diffusão das luzes entre as classes inferiores, sem obstar a continuação da guerra do Peloponeso, dava a superioridade a Sparta e impunha a Athenas um governo de oligarchia. Isto contribuia para revelar o governo particular das classes ricas e a nutrir os sentimentos de odio entre as visinhas cidades. Depois, longe de serem animados d'um espirito de panhellenismo, os cidadãos de Athenas viam como estrangeiros os habitantes de Sparta. »

« Os Spartanos, de seu lado, viam-se embaraçados quanto á renda e a difficil moradia e os Athenienses receiavam que lá introduzissem estes as ideias democraticas.

Si bem que se dissesse ter Athenas um regimen democratico, sua sociedade era formada de tres classes: cidadãos, estrangeiros e escravos. »

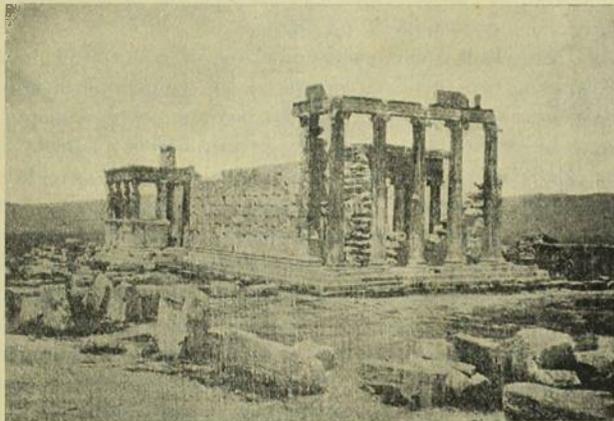



Fig. L — O Erechthéion (Athenas)

« A primeira constituia um circulo firme; uma verdadeira aristocracia de 15 a 20.000 homens, que governavam toda a nação e que se reuniam tres vezes por mez, para deliberar e para votar. »

« Quanto aos estrangeiros, não podiam adquirir os direitos de cidadãos, mesmo que tivessem habitado a Attica durante muitas gerações; não podiam esposar uma cidadã, nem adquirir um dominio; tinham mesmo necessidade d'um patrão para os representar na justiça.

Quanto aos escravos, formavam a grande maioria dos habitantes, porque cada cidadão, mesmo o pobre, tinha um escravo, e o rico podia assenhorear até 500, conforme sua fortuna.

Todos os trabalhos, tanto domesticos como campestres e industriaes, eram executados pelas mãos dos escravos, que não recebiam como remuneração mais que a comida; não podiam dispor de suas pessoas; de mais, elles eram maltratados em muitas occasiões, não tinham o direito de se lamentar, pela circumstancia aggravante seguinte: os philosophos, mesmo Platão, e Aristoteles, declaravam que certos homens eram nascidos para escravos. Sobre 21.000 familias de cidadãos, contava-se em Attica 400.000 escravos. »

« A maior parte dos escravos provinha dos povos vencidos, feitos prisioneiros de guerra, mas tambem, muitas vezes, se recorria á pirataria para adquirir escravos. Platão e Diogenes, foram vendidos como escravos. O primeiro fôra resgatado por seus amigos por 3.000 drachmas. Diogenes permaneceu escravo toda sua vida etc. . . . »

« Este estado social prova d'uma maneira certa que, não obstante o espirito cultivado das classes elevadas de Athenas, seus sentimentos moraes e philosophicos e sobretudo seus conceitos relativos á dignidade da personalidade humana, não eram bem desenvolvidos. Eis um resultado de diminuição gradual do sentimento de altruismo e de amor da patria, não somente entre os differentes membros da mesma familia grega, como da mesma cidade de Athenas, onde havia uma divergencia completa de interesses entre os mesmos cidadãos, porquanto a industria, o commercio, os navios e os dominios, se encontravam entre as mãos d'um numero limitado de cidadãos, que se serviam do escravo para exploração da propriedade, embora que o resto dos cidadãos, desprovidos de meios de existencia e de trabalho, fossem reduzidos á extrema miseria.»

« Este estado de cousas obrigou a maioria dos cidadãos a entrar abertamente em lucta com as classes ricas, lucta que teve por fim subirem ao poder as classes menos favorecidos de fortuna da população.

Disto resultou uma guerra de classe, de maneira que, quando os pobres dominaram, exilaram os ricos, confiscaram seus bens e aboliram as dividas. Os ricos não se puderam resignar a abandonar suas fortunas nem os pobres a morrer de fome. Esta rivalidade de classe conduziu-os muitas vezes ás guerras civis e á perda de propriedades das cidades.

Entretanto este estado de cousas se prolongou durante o periodo de quasi tres seculos (400 a 150 A. C.). Os homens sem recursos abraçaram a profissão de soldado e entraram como mercenarios, tanto na Armada de Sparta, como na de Athenas, da Persia e da Macedonia, além de 50.000 gregos ao serviço de Dario, contra Alexandre.»

« Felizmente, aquelles, por seu genio militar, mobilizaram-se para vencer os Persas e para reunir todas as cidades gregas, sob a bandeira nacional.»

De modo que introduziram elles nos seus novos reinos a lingua, os habitos e mesmo os deuses gregos. Procuravam endeusar os poetas, os sabios e artistas gregos, afim de que o Oriente cessasse de ser asiatico para tornar-se hellenico. Todos então fallaram grego; mesmo os evangelhos e os actos dos apostolos foram escriptos em grego, porquanto, depois do desmembramento do imperio de Alexandre, tres de seus generaes gregos partilharam da herança do grande rei: Ptolomeu tomou o Egypto; Seleuces a Syria e Lysimaco a Macedonia.

Os descendentes de Ptolomeu, si bem que tomassem o titulo de pharaons, se cercaram de gregos e estabeleceram seus capitaes em uma nova cidade, Alexandria, fundada por Alexandre, a qual foi não somente o grande porto do commercio do mundo antigo, como um centro de cultura grega e o *rendez vous* de todos os Orientaes, Gregos, Egypcios, Judeos e Syriacos.

« Alexandria divina ! existe, entretanto, depois de seculos, a capital scientifica e philosophica do mundo.»

CAPITULO XII

Os Phenicios e suas instituições historicas; os Egypcios

E de toda conveniencia cogitarmos d'este assumpto, embora resumidamente, para elucidar duvidas sensiveis que se deprehendem da opinião de varios autores por nós citados.

« A Arabia Feliz, diz Cesar Cantú (1), devia outr'ora encerrar um grande povo agricoa e commerciante, cuja navegação se estendia ao longo da Africa, até Sofala, bem como sobre as costas occidentaes da India e da Persia. Affirmaram alguns viajantes (2) a existencia deste povo no Yemen, já civilisado e poderoso 600 annos antes de Salomão, chamado depois pelos gregos os hemeritas (himyaritas), ou sabeanos. Uma prova da sua antiguidade resultaria de ter Nino reclamado o soccorro de Arieu ou Arico, um dos principaes d'este paiz, que, se dermos credito a Strabão, estava dividido em castas á maneira dos indios ou dos egypcios.

É provavel que destes arabes se derivem os phenicios, ou, segundo o nome que a Escriptura lhes dá, os chananeus; Herodoto já faz menção d'elles quando diz que os arabes, em tempo de Cambyses, tinham feitorias nas costas do Mediterraneo, desde Caditis até Jeniso (3).

Tambem os phenicios calcularam o commercio que podiam fazer com a India, por meio do mar-vermelho, e resolveram tirar algum porto aos indumeos. É certo, porém, que sempre conservaram relações com os arabes de Saba, assim como é provavel que tirasse do Yemen o ouro, que, no dizer de Strabão, alli se achava em quantidade, em grãos ás vezes da grossura d'uma nóz, e com o qual os indigenas faziam joias que trocavam pelo dobro em prata, ou pelo triplo em bronze.

Podemos, por conseguinte, crer, que os phenicios habitavam em primeiro logar ao longo do golfo arabico, em cavernas, pescando e navegando por conta dos mercadores

---

(1) Hist. Univ., v. I, p. p. 234, 235. Edic. 1875, Lisbôa.

(2) *Pokoke*, Specimen historiae arabiae. Alb. Schultens. Hist. imperii vetustatissimi Jactanidorum in Arabia Felice: Hardovici Guelrdorum, 1876, I, 86.

(3) Livro III, 5.

da Geodresia, da Taprobana, da Gangarida, e do Aureo Chersoneso, habitos que levaram comsigo quando foram expulsos d'este paiz por alguma circumstancia violenta. Seria então que, se nos é permittida uma conjectura, teriam invadido o Egypto debaixo do nome de Hyksos, ao mesmo tempo que se estabeleceram nas margens do Mediterraneo, no paiz chamado ao principio Joppé, depois Phenicia, d'um vocabulo grego cuja significação é palmeira.

Talvez seja verdade, que em tempos remotissimos não existisse o Mediterraneo, e que uma vasta planicie, repleta de habitantes, reinava no mesmo sitio hoje occupado pelo mar, até que uma immensa convulsão da natureza ergueu os Apeninos, separou Calpe de Abila e por esta abertura precipitou o mar sobre o florescente valle, nada mais deixando patente do que a encosta das serras e as cumiadas que depois formaram a Hespanha, a Italia, as suas ilhas e as do archipelago. A lembrança deste cataclysmo está escripta para os geologos na matriz dos terrenos, para os mythographos nas façanhas de Hercules.

Um tal cataclysmo facilitou as communicações entre os paizes incolumes da catastrophe, que aliás teriam ficado talvez barbaros e ignorados, como a Tartaria e o interior da Africa, ao passo que um grande numero de portos e a extensão das costas multiplicaram as relações e propagaram a civilisação.

Vieram os phenicios lançar mão das desvantagens, estabelecendo-se sobre aquella orla de terra que se estende entre o Libano e o mar.

A tradição refere que 30 seculos antes de Jesus Christo, Menrum ensinou os sidonios a cobrirem-se com pelles, a construcção de casas, o modo de tirar fogo das pedras, e que tendo cortado uma arvore, a deitou ao mar e d'ella fez um navio. O verdadeiro Menrum teria sido a necessidade e a natureza do paiz, pois a pobreza do solo e a oppressão impellem vulgarmente o homem para o commercio e para a industria. Vemos isto em Veneza, Genova, Hollanda etc...

O commercio era tão natural a este paiz, que todas as vezes que a espada de um conquistador vinha interromper a obra da paz, uma nova cidade surgia immediatamente para substituir aquella que havia sido destruida.

Se Nabuchodonosor exterminou Sidon, Tyro se ergueu em frente de suas ruinas, e quando Tyro succumbiu, o seu proprio destruidor fundou Alexandria, no meio do deserto, que, depois de tantos desastres, não perdeu ainda até hoje a sua importancia.

Ninguem duvida hoje, diz M. Guigniant, que os phenicios pertenceram á grande familia dos povos semiticos, e por conseguinte á raça caucasica da especie humana, á raça branca. Porém, ao mesmo tempo parecem ter pertencido ao ramo mais antigo d'esta familia de povos derramada por toda a Asia anterior, desde as nascentes do Euphrates e do Tigre, até ao centro da Arabia, desde as costas do golfo Persico, até as do Mediterraneo, e sobre as duas margens do golfo Arabico na Africa e na Asia.

Este antigo ramo da familia semitica, partindo primeiro do berço commum, isto é, das montanhas do Norte, foi tambem a primeira que, entre esta chusma de tribus nomades, se fixou, depois se elevou á civilisação, na Caldéa, na Ethiopia, no Egypto, na Palestina, para se converter n'um objecto de inveja e de execração ao mesmo tempo, de seus irmãos, que se tinham conservado pastores.

D'aqui proveio essa scisão entre os filhos de Sem e os de Cham, estes ultimos ao sul e ao oeste, os outros ao éste e ao norte; d'ahi a confraternidade e por isso a inimisade profunda dos chananeos, filhos de Cham e dos hebreus, filhos de Sem, uns e outros havendo

chegado do Jordão para além do Euphrates, depois de algumas emigrações parecidas, mas em épocas diversas; os hebreus ainda nomades, quando havia já muito tempo que os chananeos estavam civilisados e tinham habitações fixas.

A inimisade acha-se provada pela historia; a confraternidade se torna notoria, com grande evidencia, pela comparação das linguas, hebraica e phenicia, reconhecidas por quasi identicas, e que de mais a mais se explicam uma pela outra. Os phenicios, com effeito, nada mais eram do que chananeos, ou pelo menos uma porção d'entre elles. »

«Os chananeos, segundo os livros mosaicos, para este caso a mais segura de todas as autoridades, compunham uma unica nação dividida em tribus numerosas, todas assentes me cidades, e já civilisadas desde longo tempo, pela época da invasão dos israelitas, debaixo do commando de Josué, no XV seculo antes da nossa éra.

Por esta invasão e por outras parecidas que a tinham precedido, foram elles em parte exterminados, em parte constrangidos a dispersarem-se pelas regiões visinhas.

Foram os chananeos maritimos os unicos, de todo o povo, que se conservaram na posse de seus logares fortes, sobre a costa e nas ilhas adjacentes.

M. Movers, o mais recente e o melhor historiador dos phenicios, distribue os chananeos maritimos em tres ramificações:

1ª, os sidonios, ou os phenicios propriamente ditos, fundadores de Sidonia e de Tyro;

2ª, os syrophenicos, mistura de chananeus ou phenicios puros com syros ou arameenses, outr'ora estabelecidos sobre a costa, ou na montanha do Lybano; occupavam Byblos e Beryto, e estavam submettidos aos phenicios de Sidonia e de Tyro;

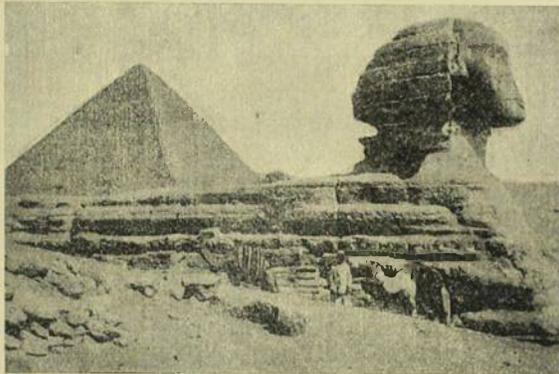
Fig. M — Pyramide e Sphinge

3ª, os phenicios philisteus, ou simplesmente philisteus, que, pelo contrario, eram independentes e vieram a ser temiveis, não só aos hebreus, mas até aos proprios sidonios.

Foi somente depois de Moysés que elles se estabeleceram definitivamente no pequeno paiz que tomou d'elles o nome, dado mais tarde a toda a Palestina; e ahi occuparam ou fundaram as cinco cidades de *Gath*, *Ekron*, *Ascalon*, *Asdod* ou *Azotas* e *Gaza*. Na opinião de M. Movers, as mais antigas emigrações chananeas ou phenicias, emigrações anteriores ás colonias sahidas de Sidonia ou de Tyro, tomaram tres direcções principaes.

Destas, a primeira comprehende a costa do sul e oeste da Asia-Menor, addicionada das margens vizinhas da Thracia e todas as ilhas lançadas sobre as suas costas, começando pela ilha de Chypre, toda cheia de religiões phenicias, quer puras, quer misturadas com os cultos gregos, trazidos mais tarde pelas colonias hellenicas.

M. Movers pensa que na Cilicia algumas colonias phenicias se estabeleceram no meio de uma tribu chananea, chegada anteriormente a este paiz.

Encontra positivamente uma tribu egual n'esses famosos *Solymos*, conhecidos desde os tempos homericos, que habitavam o oéste dos cilicios, os quaes falavam a lingua phenicia, e adoravam a Saturno, isto é, Baal. Numerosos vestigios de religiões phenicia

ou semiticas, em geral, se observam egualmente sobre as costas occidentaes e septentrionaes da Asia Menor. »

« Finalmente os cabiros de Lemnos, de Imbros e da Samotracia, em seguida aos quaes encontrámos Cadmo, o mesmo que foi o fundador da Thebas das cem portas; esses cabiros,

TABELLA DOS ADORNOS, OS MAIS CONHECIDOS

ANTIGO IMPERIO

IMPERADORES

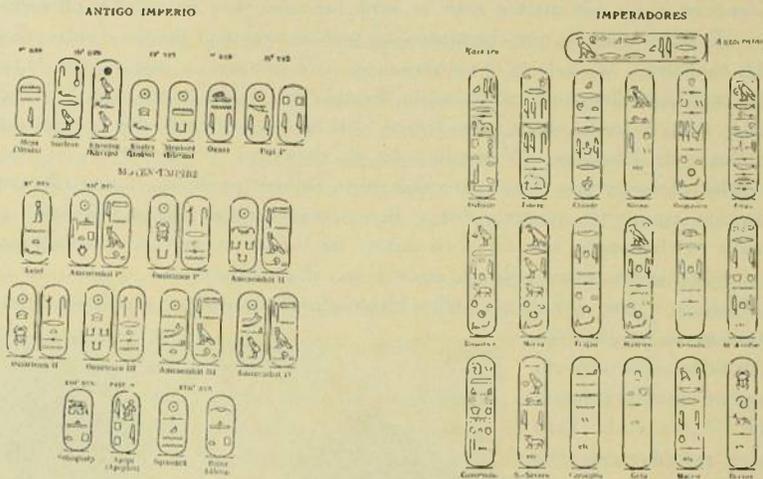



Fig. N

Fig. O

os quaes se adoravam n'um templo d'esta cidade, acabam de nos mostrar a influencia da religião phenicia penetrando pelo norte até ao coração da Grecia, aonde chegava de um outro lado pelo sul das ilhas de Rhodes e de Creta. E' aqui a segunda direcção das emigrações phenicias ou chananeas, que tendo saido das costas da Syria ou da Asia Menor, cobriram as duas ilhas que acabámos de citar, occuparam a de Cythera, e d'alli passaram para o Peloponeso.

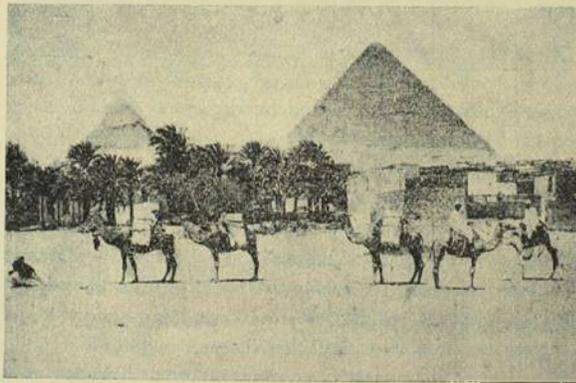



Fig. P — Pyramides e aldeia

Por uma terceira direcção e com resultados ainda de maior monta, quando não, mais deslumbrantes que as das precedentes, as tribus phenicias, chananeas, arabes, vindas da Palestina e dos paizes vizinhos, se encaminharam para o Egypto, e d'alli ao longo da costa septentrional da Africa, bem como para algumas ilhas e varios pontos das costas meridionaes da Europa.

São, com effeito, os nomades d'esta raça que M. Movers vê nos famosos *Hycsos*, n'esses pastores, cujos reis formam as XV, XVI e XVII dynastias de Manethon (1). »

(1) Veja-se M. Gnigniant, *Religions d'antiquité*, t. II; 3ª parte. Paris, 1849, pp. 822 a 834.

Não precisamos ir além, compulsando a historia, para bem definir os pontos em contradição, estatuidos pelos autores citados. O que temos colligido e narrado incidentemente, com relação aos Phenicios, julgámos sufficiente para accentuar os pontos convergentes ao nosso assumpto capital.

* * *

« O Egypto, por sua vez, finalmente, resume Hauser: não conheceu a época de bronze. O periodo do ferro, succedeu bruscamente o do silex. Os primeiros germens de cultura foram ahi introduzidos por Menés, primeiro Rei do Egypto. O culto primitivo foi o Polytheismo. Os collegios sacerdotaes modificaram e unificaram os cultos e os ritos diversos. As figuras de animaes tomaram um caracter emblematico na religião Polytheista. Esta admittia tres especies de divindades: Deus solar, Deus elementar e Deus dos mortos, formando, cada um, um cyclo divino de nove ou tres personalidades. A triade era o symbolo d'um todo absoluto.

Fig. Q — Pyramides ao tempo das inundações

Segundo a opinião predominante entre os egyptologos, toda mythologia egypcia girando sobre os Deuses, Rá, Osiris e Amon, não era senão uma forma de linguagem, servindo para symbolisar os attributos do Ser Supremo.

A concepção particular dos Egypcios sobre a cosmogonia e a vida futura era profunda.

A theocracia era intimamente ligada á historia politica do Egypto.

Nenhuma das numerosas dynastias reinantes poude emancipar-se da influencia sacerdotal. O regimen de castas, militar, sacerdotal e feudal, impediu o desenvolvimento do espirito nacional, dando logar muitas vezes a guerras civis. Na lucta entre os reis de Thebas e os padres de Amon, a victoria coube a estes ultimos. As invasões á Syria e Persia, ao mesmo tempo que as guerras civis, acabaram por esgotar o paiz e trazer desavença definitiva ao Egypto. »

CAPITULO XIII

RIO NEGRO — Terra divina ou de Jupiter (Amazonas)

NÃO menos interessante é esta região, que outras do Estado do Amazonas, em assumptos epigraphicos e tradicionaes.

Fala-nos Xavier de Sampaio ([1]) do Rio Negro, anteriormente denominado Quiari, conservando em sua parte superior o nome de Uêneya, como do famoso Ucayari ou Uaupés, derivado da Nação assim chamada, que principalmente o povoava.

« Desagua o Uaupés por duas boccas, formadas pela interposição de uma ilha de figura triangular e que terá vinte leguas de circuito. O curso deste rio é prolongado e impedido com innumeraveis cachopos e cachoeiras perigosissimas, por causa de medonhos vortices que formam. Entram n'elle muitos rios: pelo sul, o Tiquié e Capuri, que são os principaes; pelo norte, corre para elle um canal de communicação com o rio Guabiari, que desce das visinhanças de Santa Fé de Bogotá.

Os indios Decanos, Tarianas e Uaupés, que se communicam com os indios do mesmo Guabiari, se têm visto com pendentes de orelhas, de ouro finissimo, que se conjectura ser extrahido das minas da Nova Granada.

É o Uaupés habitado de muitas nações, das quaes as principaes são Coeuana, Macú, Macucoena, Uananá, Tariana, Decaçá, Urinaná, Boanari, Mamengá, Panenuá; porém a mais celebre é a Uaupés, por causa da differença, que os indios entre si admittem, de varios gráos de nobreza, para os quaes serve de distinctivo, como é uma ordem militar, uma pedra branca muito lisa, de forma cylindrica, e furada, para lhe passarem um cordão, com que a trazem pendente ao pescoço. As dos principaes chegam a ter meio palmo de comprimento. São menores as dos nobres, e muito menores as dos plebeos. Trazem tambem os Uaupés as orelhas e beiços inferiores furados.

Fica adiante o rio Içána, habitado de muitas nações, sendo a principal a Baniba. Habita este rio, tambem, a nação Uurequéna, celebre pela communicação que anteriormente tiveram seus indios com os brancos, e pelo facto de usarem nomes hebraicos, como: Joab, Jacob, Jacobi, Thomé, Tomequi, Davidú, Joanaú e Marianaú. Esta nação anthropophaga é celebre por usar de escripto de cordões, na forma dos quipos dos antigos

---

(1) Diario de Viag m de 1774-1775, cit., pp. 88 e 113.

Peruvianos, com que transmitte os seus pensamentos a pessoas distantes, que entendem e sabem decifrar aquelles nós e cordões, que tambem lhe servem para o uzo arithmetico. »

« Corre adiante o rio Ixié, que habita a nação Assauínauí. Os mais rios, que se seguem, são: Túmo, Aké, Itacapú, habitados de varias nações. . . »

« . . . Tres dias de viagem acima de Marabitanas fica a primeira povoação castelhana chamada S. Carlos, situada á margem septentrional do Rio Negro, e pouco distante da barra de Caciquiari, que lhe fica superior. Nesta povoação tem edificado um forte, que guarnece um destacamento militar. Tem feito outros estabelecimentos no Paraná, e Cunúcunúmá, a que chamam das esmeraldas, por n'elle descobrirem algumas. O que mais possuem os hespanhoes nas nossas fronteiras, por esta parte, são as povoações do alto Orinoco, e tudo sugeito ao governo geral do novo reino de Granada, de que é capital Santa Fé de Bogotá, residencia do Vice-rei; reino populoso e riquissimo em minas de todo genero, e subdividido em varios governos subalternos, um dos quaes é o do Orinoco. »

Eis, conseguintemente, tradições historicas do alto Rio Negro na época referida de 1774 a 1775, em alguns pontos, de vital interesse para as nossas demonstrações.

*

A agglomeração de infinidades de inscripções, de que nos vamos occupar, existentes nas regiões do Alto e Baixo Rio Negro, em maior numero talvez do que em outras paragens marginaes do Amazonas, faz crer na accumulação numerosa do povo emigrado em éras prehistoricas, nesta grande parte do continente.

Muito nos orienta, o que a proposito e na generalidade do assumpto, diz o erudito Conego Pennafort, autor da valiosa obra — *Brasil-Prehistorico*, nestes termos:

« As provincias da Amazonia contendo as extensas bacias, que recebem as aguas de grande numero de tributarios, que regam os paizes visinhos; as condições geologicas ou geographicas e topographicas das partes destes Estados que comnosco confinam; emfim, todas essas circumstancias juntas, fizeram com que esse *Amâpsona*, fosse considerado, sob o ponto de vista prehistorico, como o emporio da corrente emigratoria vinda do centro d'Asia — o paiz d'Oriente, d'onde nos veio a Luz: *ab Oriente Lux* !. »

« Cousa admiravel ! Quando o Brasil historico suppunha ter dado o primeiro passo na senda do progresso — decretando, a 7 de Setembro de 1867, a abertura do Amazonas e de alguns dos seus afluentes, já a grandiosa colonia dos *Iectanidas* — *Ophir, Hevila, Jobab, Hasarmaveth, Jaré,* havia prehistoricamente sulcado as aguas dos nossos rios, devassado os nossos territorios americanos, e aberto vias de communicação e promovido *relações* com os *povos asiaticos* e talvez, quem sabe, com todos os habitantes do velho continente transatlantico!... »

Quem contempla os antigos territorios phenicianos representados na prospera Republica de *Venesuela* (pequena Phenicia) [1], com as suas provincias aryanas de *Barinas* e *Apuré*, quem observa os grandiosos Estados das Guyanas pela natureza do seu solo e pelas enormes bacias fluviaes que os irrigam, separados da Amazonia apenas pelas cachoeiras do Orinoko, não póde deixar de enxergar n'esses factores geologicos uma grande

(1) Venezuela quer dizer pequena *Veneza* ou *Phenicia*. . . , Este nome parece uma corrupção do nome *Phenicia* ou Venicia; vem de *Venes* ou *Veneti, Dariorigum,* que no baixo-bretão quer dizer *Bell'Ile*, de uma colonia pheniciana na Gallia-Meridional".

copia de elementos ineluctaveis proprios a manter as pristinas relações sociologicas entre as raças dos Mundos, durante as épocas prehistoricas.»

« E de feito, Angostura, *la hermosa Ciudad — Bolivar* (1), assente na margem esquerda do Orenoco, a 300 milhas de sua foz, desde a mais remota antiguidade que entreteve exteriormente relações com Trindade (2), *Cumana, Margarida, Magdalena, Antioquia* (3), *Carthagena* (Nova Karthago dos Punicos ou Phenicios) e Antilhas; interiormente ella se communica com os outros Estados ribeirinhos pelo Apuré, Guaviari, Barinas e Merida; a sua rêde de relações, quer sociaes, quer mesmo commerciaes, as suas vias de communicação remontam o Orenoco, avançam pelo Arauca até a taba do mesmo nome, pelo *Metá* (nome grego semitico) até *Cassanari* (nome Sanskrito), alfim transpõem as Cachoeiras Orenoquinas, atravessam as cordilheiras *Javiticas* e esparrinham-se d'esde o Isthmo de *Pinichim* até o valle de *Souffala*, no Perú, desde as divisões territoriaes do valle amazonico até a barra do *Saparà*, que abre caminho para a Capital do Gram-Pará!.»

« Ora bem; este celebrado isthmo de *Fini-chim*, de que falam todos os geographos antigos e modernos, são as mesmissimas celebradas *montanhas de Javita* e, portanto, o mesmo paiz de JOBAB (*Jobita*, como escreve o sabio astronomo e geographo grego, Claudio Ptolomeu), o 13º filho de *Ioktan*, irmão de *Phaleg*, filho de *Heber*. O isthmo de *Pimi-chim*, isto é, as montanhas de *Javita* (Jabita), *separam as aguas* do Rio *Quiary* ou Heneva (Negro) das do Orenoco.»

« É essa pequena lingua de terra ou *ybacanga* (cabeça de terra) de 4 leguas que forma o maravilhoso — *Phaleg* ou o *divortio aquarum* — do *Pimi-chim*, confluente do tributario do Amazonas e do *Atabapo*, que afflue tambem ao Orenoco; é ella que impede que as aguas da grande arteria, que deve dar vida ás Republicas Phenicianas — banhadas pelo Mar das Antilhas, se misturem com as do competidor ou emulo do Amazonas, estabelecendo, desta arte, facil e rapida communicação entre a capital da Ioktania Brasilena e a da Phenicia Americana. Dizemos rapida e facil, porque ninguem hoje desconhece que o canal *Cassiquiari* estabelece outra mais longa e difficil entre as duas bacias — Orenoco e Amazonas, que regam os paizes dos *Jectanidas*, isto é, *Ophir e Javita*.»

« O nome americano do isthmo do — *Pimi-chim* é um titulo semitico aryano, transmittido sem duvida do nome *Poi* ou *Pai, Poim ou Pim-Chim*, monte chinez, applicado por *Soung-Yun* ao *plateau* de *Pamir* ou araxá do *Pamiré*; os nomes de *Poim, Peym, Pem*

« Os Espanhoes, quando penetraram no Orenoco, encontraram muitas cidades indianas edificadas sobre o lago de *Maracaibo*, e acharam estas povoações mui parecidas com as de *Veneza*, que, como é sabido, são construidas sobre os lagos que surgem do fundo do Adriatico; — d'ahi o seu nome proprio de *Venezuela*, ou pequena *Veneza*.»

« Os Castelhanos não fizeram com facilidade a conquista desta pequena Phenicia: ainda no principio do seculo passado o illustre A. de Humboldt, percorrendo a bacia do Orenoco, encontrou innumeras tribus de indios *bravi*, isto é, independentes; formando então *Venezuela* uma capitania geral, cuja jurisdicção estendia-se sobre as provincias de Caracas, Cumana (*Canamu* ou *Canaan*,) Guiana), Maracaibo e Barinas. M. Auguste Meulemans affirma que se pode qualificar *Pheniçuela* — "*Veritablement de Terre Promise*, maxime a parte que circunda o mar das Antilhas".»

« A antiga colonia pheniciana do Orenoco era realmente a nossa Canaan americana. "Um volver d'olhos sobre a historia dos phenicios nos demonstra esta verdade".....»

(1) « Angostura — cidade de Venezuela sobre o Orenoco, ao O. de la Vieja Guyana, tem a sua celebridade historica, pois foi n'ella que sob a presidencia de *Bolivar* (de quem herdou o nome), effectuou-se o 2º congresso de Venezuela com o intuito de englobar a Nova-Granada e a Nova Veneza — n'um só Estado, com a denominação de Colombia; isto se deu ainda quando todo o paiz estava quasi occupado pelos hespanhoes. Possue ainda hoje o magnifico palacio do Congresso Venezeno.»

(2) Foi esta a encantadora ilha descoberta por Christophoro Columbo em sua 4ª viagem em 1499, cognominada a perola, o *Gran Eden nel Paradis des Antilles*; desta ilha, que o genovez baptisou com o nome de Trindade, lobrigou elle o vasto continente Americano. Descobriu Colombo o Orenoco, a Nova Phenicia, e portanto o paiz d'Ophir e o povo intermediario — do *Jobab*, a região de Javita, onde jaz o *Divortio aquarum*, as linhas divisorias ou *Phaleg* dos dous paizes.

(3) "*Antioquia*, um dos Estados da Nova-Granada, depois de desmembrada da Colombia, sita entre Carthagena e Papayan, ao O. do Bogotá, é talvez a colonia americana, representante da Margiana dos Aryas, ou da Antiochia dos Phenicios da Mesopotamia.»

ou *Pim*, foram egualmente dados por Marco-Polo a uma *região visinha*, e o sentido litteral da phrase de S. Lucas (1, 78) *Ociens visitavit nos ex alto*, e *venant d'Orient* (*iure-rama eo enyâ*), attribuido por Josephus ao vocabulo *Gihon*, designa o segundo rio paradisiaco, isto é, o *Oxus*, correspondente ao nosso *Orinokus*.»

« Os historiographos e philologos Burnes, Sepp, Mr. Charles de Ste-Foi, Meyndorff, Maltebrun, todos fazem allusão á cadeia meridiana do *Belour-Tag*, aonde se acha o primitivo *Albordj* dos Persas, o *Hará-Bérézaitl*, o *alto monte* dos *Aryas*, de cujo viso o Deus Sol, o invicto *Mithra*, o abumbrante *Kousracy*, qual corsel indomito, *plein de vigueur*, avança todas as manhãs, *Coema-piranga*, para enviar sua luz ao Universo *Apuam-kuera tupé*!.»

« O nosso *Pimi-chim* é, portanto, o nosso symbolico monte, o nosso indiano Berézo-Gairi *e haut mont aux belles formes*, de que nos fala o *Zend'Avesta*, a americana montanha de *Jobab, a Javita* — o *divortio aquarum*, a Phaleg [1] que divide os dois grandes valles do Amazonas e Orinoco, e mantem a linha de communicação entre o nosso actual Brasil e a Venezuela, antiga Phenicia americana.»

«Esta colonia de *Jobab* ou grupo *Javita* que forma o *diviso aquarum* — do *Pimichim*, e *separa* as duas bacias que *abrevam* os valles do Amazonas e Orenoco, veiu sem duvida da Oceania, pelo vasto archipelago da Sonda, do Oeste d'Asia, aonde fica o *grupo* de *Java*. Os insulares *Javitas*, como a maior parte dos Polynesios, são intrepidos navegadores; singram o Oceano Indico do Norte ao Sul com grande celeridade por meio de suas lindas pirogas.»

«O polytheismo, o fetichismo, o brahmanismo, o buddhismo, eis as especies de religiões dominantes em *Java* e nas ilhas circumvisinhas.»

« Dahi emigraram os *Javitas* para o Continente da America Meridional, via Venezuela ou Estados-Unidos da Colombia, que formaram outr'ora as provincias coloniaes dos Phenicios ou Carthagineses. »

« Para demonstrar a passagem do *grupo-Javitico* para o Continente Brasileno, ahi está como padrão immorredouro o famoso JAVARY — o verdadeiro *rio de Java*, como indica a sua propria etymologia indiatica. Este é um dos pontos capitaes que, como fica dito, foi reconhecido como fronteira; d'ahi devia partir necessariamente a fraterna *linha divisoria* (*phalegia*) a encontrar o Japurá. *Yapyr* ou *Auphir* que por sua vez teve que receber o Juruá e o Javary, para de mãos dadas saudar e atirar-se nos braços do rio-mar; pois, como é sabido, na parte peruviana até o Rio de *Java* ou *Javary*, toma o grande *flumen* o nome de *Maramunham*, e d'ahi aguas abaixo até a confluencia do Guariguacurú ou Bucca-Nera, é chamado rio de Solimões ou melhor de Soliman, ou como dizem os nossos indios — Coriman, onde esteve estacionada a frota de Hiram e de Salomon, equipada pelos marinheiros phenicios, como vamos provar na secção seguinte. . . »

Muito além e com proficiente elucidação vai o illustre autor proseguindo no caso vertente, mas, nós, com receio de afastamento no assumpto, do qual vimos tratando, com pezar aqui terminamos, recommendando, entretanto, ao leitor a obra citada, que é de maxima importancia, sob o ponto de vista prehistorico do Brasil.

---

(1) Mui curioso e importante é este vocabulo — *Phaleg*. Como resa a Biblia (cap. X, 25) — *Phaleg*, filho de Heber e irmão de *Jectan*, pae de *Jobab* o *Javita*, era aquelle *eo quod in diebus ejus divisa est terra*. *Phaleg* ,pois, em Hebraico, como dizem todos os commentadores do Genesis — *idem est quod divisio* ! O nome *Phaleg* significa — *separação*, porque este Patriarcha Semitico nasceu no momento da dispersão dos povos, d'ahi o seu nome — "divisio ou separação." Ora, havendo elle acompanhado a colonia de seu irmão *Jobab*, para as Indias, naturalmente legou o seu nome aos montes divisorios do paiz de Ophir e Hevita e Javita — Sendo reconhecido no *Divortio aquarum* do *Pimichim*.

O alto apreço, que damosa esse precioso labor, não nos inhibe de manifestar opinião em desaccordo com alguns pontos de suas theorias, pela razão propriamente demonstrada no decurso do nosso modesto trabalho.

Assim, vamos proseguir no presente capitulo, sobre as regiões do alto e baixo Rio Negro, duas das mais interessantes do Estado do Amazonas, e que foram de algum modo precedidas de suas tradições.

*

Passemos agora á parte epigraphica:

Ao illustre escriptor Antonio Amorim devemos as inscripções, que ora vamos reproduzir e interpretar em seguida, trabalho inedito do nosso conterraneo, de saudosa memoria, Maximiano José Roberto, que o offereceu áquelle nosso particular e distincto amigo.

Foi levado a effeito com muitos outros, mais ou menos nos annos de 1876 a 1894.

Não fosse a extrema bondade e reconhecido desapego de interesse de Maximiano Roberto, teria elle tornado bem valioso e productivo o seu estimavel cabedal, originado por pacientes cogitações emprehendidas na vastidão do nosso mysterioso valle.

Estas inscripções, aliás, artisticas como admiravelmente executadas, são formadas com caracteres do primitivo grego, do mesmo modo que outras encontradas nos sertões de varios Estados do Brasil, dos quaes nos occuparemos com minudencia, em capitulos subsequentes.

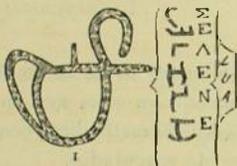
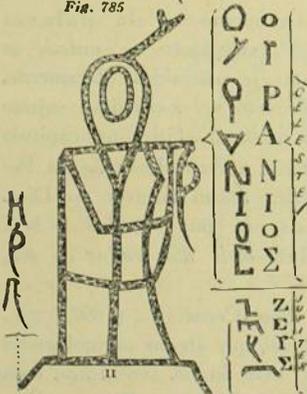
Conservamos as mesmas proporções das referidas inscripções, colhidas no Alto Rio Negro, contendo a primeira um só nome, a segunda tres e as seguintes, muitos, conforme fica demonstrado.

ΣΕΛΗΝΕ

Fig. 785

Dicc. Gr. cit., p. 1.277, Σεληνή, ης (ἡ), a LUA e principalmente a plena lua; alg. vezes DIANA, *deusa da lua*; especie de bolacha redonda em forma de lua, *que servia antigamente de prato, etc.* Raiz σελας.

ΟΥΡΑΝΙΟΣ

Dicc. Gr. cit., p. 1.020, Οὐράνιος, α, *ou* ος, ον, CELESTE, DO CÉO; DIRIGIDO PARA O CÉO; figuradamente, ADMIRAVEL, MARAVILHOSO, PRODIGIOSO — Οὐρανιονδσον Aristoph. PRODIGIOSAMENTE, *etc.*

ΖΕΥΣ

Dicc. Gr. cit., p. 640: ΖΕΥΣ, *gen.* Διος, *dat.* Διί, *acc.* Δία, *voc.* Ζεῦ (ὁ) JUPITER, *Deus da fabula ou planeta; tambem o* AR, O TEMPO *que faz* Υει ὁ Ζεῦς, etc.

Fig. 786

ΗΡΑ. Dicc. Gr. cit. p. 657. Poet. (*acc. de um sub. antiquario*) SATISFAÇÃO, PRAZER, Ηρα φερειν *ou* επιφειντινί. *Hom.* fazer prazer a alguem, ajudar, soccorrer — Ηρα κομιζειν. *Orph. m. sing.* ‖ Emprega-se tambem como adv. *em favor de gen.* "Ηρα φιλοξενιτης. *Callim*, por

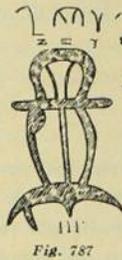
causa da hospitalidade R. αραρίσκω. ΗΡΑ, ας (ἡ), *com espirito rude*, JUNO, rainha dos Deuses".

*

(JUPITER)

ΕΡΜΗΣ (MERCURIO) Dicc. Gr. cit., p. 590, ΕΡΜΗ͂Σ, οῦ (ὁ) *contr. de* ΕΡΜΕΑΣ, MERCURIO, *deus ou planeta, etc.*

Fig. 787

ΑΦΡΟΔΙΤΕ (VENUS) Dicc. Gr. cit., p. 262: ΑΦΡΟΔΙΤΗ, ης (ἡ) VENUS. *Deusa: prazer do amor, encanto, graça e seducção, etc.*

ΑΡΕΣ (MARTE) Dicc. Gr. cit., p. 217: ΑΡΗΣ, *gen.* Ἄρεος, *dat.* Ἄρει, *acc.* Ἄρη *ou* Ἄρην, *voc.* Ἄρες *ou* Poet. Ἄρες (ὁ) MARTE, *deus da guerra etc.*

Dicc. cit., p. 817 — ΚΡΟΝΟΣ, ου (ὁ), SATURNO, *deus do tempo etc.*

Idem Const., p. 876. (Lat. *saturnus*), nome do planeta mais remoto que a terra e que o sól etc.

Está apenas rudimentarmente esculpido deste modo (semelhança aos anneis de Saturno) como figura astronomica talvez e divindade.

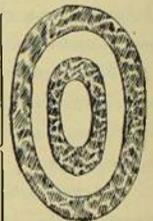
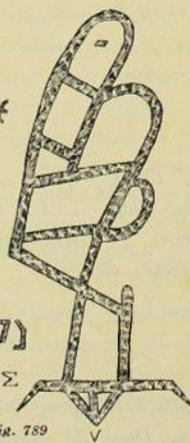
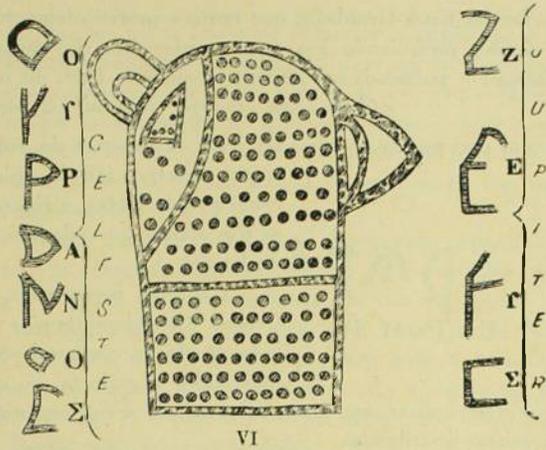
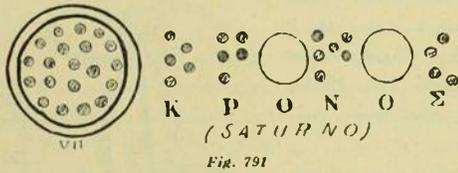
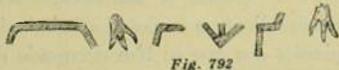



Fig. 788
IV ΚΡΟΝΟΣ (SATURNO)

A V figura comprehende os sete planetas ou deuses, esculpidos em todas as regiões onde se encontram estes systemas de inscripções, tão methodicos como artisticamente executados.

ΑΦΡΟΔΙΤΕ (VENUS)
ΑΡΕΣ (MARTE)
ΚΡΟΝΟΣ (SATURNO)
ΕΡΜΗΣ (MERCURIO)
ΗΛΙΟΣ (SOL)
ΖΕΥΣ (JUPITER)
Fig. 789
V
ΣΕΛΗΝΗ (LUA)

Occupemo-nos da palavra ΗΛΙΟΣ, emquanto as outras se acham já definidas claramente, no decurso do meticuloso estudo feito neste sentido, no capitulo referente á Pedra Lavrada da Parahyba. Assim temos do Dicc. Gr. cit., p. 650: ΗΛΙΟΣ, ου (ὁ) SOL, tambem *meio dia, calor do dia, etc.*

Idem Const. cit., p. 897 — SOL, (*Lat. sol*, que alguns etymologistas derivam de *solos*, unico.) Vem do Gr. ἥλιος *helios*, cuja origem não dá Court de Gebelin, limitando-se a dizer que é termo oriental. *Helios*, parece-me vir do Egypto — *ial* ou *iel*, esplendor, e *os ch* grande o astro luminoso, centro do nosso systema planetario, fonte de luz, astro do dia, etc.

O illustre Dr. Teodor Kock-Grunberg, que tanto e proficientemente se occupou das inscripções desta região, prefaciando sua interessante obra denominada — *Sudamerikanische Telszeichnungen* — publicada em Berlim, no anno de 1907, diz o seguinte:

« *Gutta cavat lapidem Non vi sed saepe cadendo* »

«Raras vezes um documento de passadas éras, da America do Sul, tem produzido tantas divergencias de opiniões de sabios, como as inscripções e figuras lapidares que se têm achado gravadas nas pedras pela mão do homem. »

« Muitos procuraram, em vão, decifral-as. Consideraram-n'as como caracteres hieroghyphicos, communicações de uma raça mais culta e extincta, ou como inscripções de culto passado. Parece indicar isso a sua coherencia e a sua expansão larga, porque estas inscripções se acham destribuidas sobre a maior parte da America do Sul, principalmente nas bacias do rio Amazonas, como no Norte inteiro. »

Fig. 793

«O material que ora publico pela primeira vez, nas gravuras de paginas 1 a 29, copiei nas minhas viagens entre o Alto Rio Negro e Japurá (1903-1905), nos proprios logares, com todo cuidado. »

«Tratarei de explicar a origem destas imagens lapidares, conforme cheguei a comprehender durante minha permanencia entre os indios, naquelle periodo. »

«Na primeira parte desta obra, dou uma resenha mais perfeita possivel sobre as inscripções no dominio dos indios sul-americanos, e sobre as opiniões dos diversos exploradores. Não tomei em consideração, aqui, as inscripções das Cordilheiras dos Andes, tendo ellas um caracter de todo differente e achando-se estas em zonas que estavam ao alcance de culturas altas. »

Fig. 794

Assim termina o autor: «Pode-se considerar, por assim dizer, esta obra um supplemento do meu anterior trabalho de collecção de desenhos de indios, intitulado — *"Começos de arte na Matta Virgem"* — Ver-se-á que estas inscripções lapidares, estão em connexão intima com aquellas. »

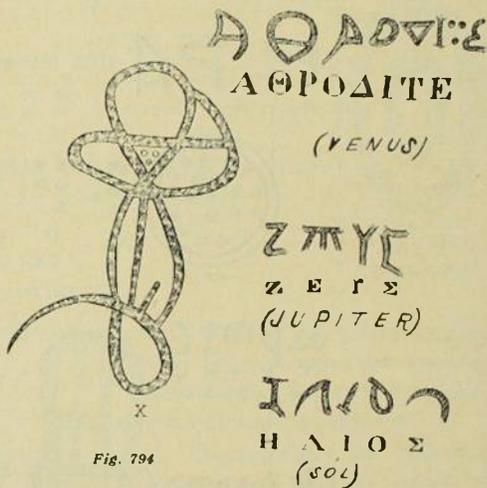
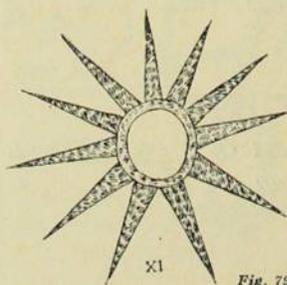
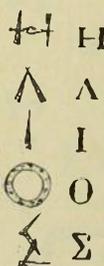



Fig. 795

Desconhecemos infelizmente o 1° volume de sua obra; o segundo, porém, que temos á vista, contém, com effeito, uma excellente e curiosa variedade de inscripções, como a resenha de grande numero de opiniões dos que se têm occupado do assumpto epigraphico.

O illustre autor externa a sua forma de pensar, que outra não é que a de Ricardo André, Carrick Mallery e de outros antiamericanistas: *que taes inscripções nenhum valor symbolico ou ideographico representam "e não passam de simples garatujas, gravadas ou desenhadas em rochedos, por mera diversão dos selvagens em suas longas horas de ociosidade".*

Pensando nós contrariamente, e offerecendo as razões em que nos firmamos, pedimos venia ao illustre autor para um rapido estudo demonstrativo, sob base paleographica apenas, de suas interessantes gravuras.

O meticuloso trabalho que tanto nos merece, já pelo valor scientifico do illustre ethnologo Dr. Theodor Kock Grunberg, da Universidade de Freiberg na Allemanha, já pelo cuidado com que o elaborou na reproducção exacta das inscripções lapidares, segundo affirma, afasta *a supposição de um caso apocrypho*, com que se tem procurado, em vão, dissimular a existencia d'esses laconicos, porém valiosos monumentos da nossa prehistoria, esculpidos de norte a sul, na vastidão desta parte do continente Americano.

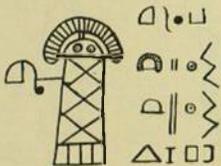
Começaremos pela fig. 7, á pag. 15, ([1]) cuja inscripção, como algumas outras de regiões diversas, citadas por varios archeologos, o autor reproduz, no intuito de estabelecer parallelo com as propriamente do Brazil. Achamos opportuno tambem dar a todas a devida interpretação; assim temos a seguinte, na qual artisticamente é repetido quatro vezes um nome:

ΔΙΟΣ

Fig. 796

Dicc. Gr. cit., p. 381: — ΔΙΟΣ, α, ον. *Poet.* divino, *da-se muitas vezes por epitheto aos deuses e aos heroes*: divino, *isto é*, excellente, admiravel; *alg. vez.* prodigioso, immenso ✻ Δῖα Θεχων. *Hom.* O mais divino, *isto é*, o mais augusto dos deuses.

R. Ζευς, *gen.* Διός.

A' pag. 46, fig. 19:

ΣΙΤΑ

Fig. 797

Dicc. Gr. cit., p. 1.285: Σιτα, ων (τα) *pl. de* σιτος, trigo, *emprega-se como* σιτα, viveres. ΣΙΤΟΣ, ου (ο) trigo, grão de trigo: *por. ext.* pão, *e muitas vezes* alimento, viveres; *outr. vez.* pensão alimentar, etc.

A' pag. 48, fig. 20:

ΙΣΟΣ

ΙΣΟΣ

ΙΣΟΣ

ΙΣΟΣ

Fig. 798

Idem, p. 704: (Por muitas vezes já definida) — Ισος, ou *Poet.* Ισος, η, ον; igual, semelhante; igual, unido, aplanado; igual, indifferente; justo e equitativo. ‖ Ισονμέρος. *Aristt.* parte igual. Ισαινῆες. *Xen.* navios em numero igual ✻ Ισος αέλλη. *Hom.* igual a tempestade, etc.

R. έισκω.

A' pag. 61, fig. *a* (GUADELUPE):

ΟΥΡΑΝΟΣ

Fig. 799

Idem, p. 1.020: — Ουρανος, ου, (ο), céo, céos, a abobada dos céos; *por ext.* o ar, o clima: *alg. vez.* céo do leito, docel, etc.

A' pag. 61, fig. *b* (GUADELUPE):

ΟΥΡΑΝΟΣ

ΗΛΙΟΣ

ΕΡΜΗΣ

Fig. 800

Esta fig. encerra tres nomes, já por vezes interpretados, esculpidos de varias formas tambem em nossas regiões, como a antecedente.

(1) Robert Schomburgk, fig. 7, viagens no Orenoco e Goyanas. Leipzig. 1841.

Idem, p. 59, *a* etc. *k*, de Guyanas (1).

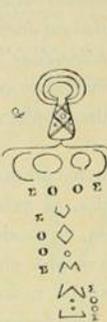



Fig. 801

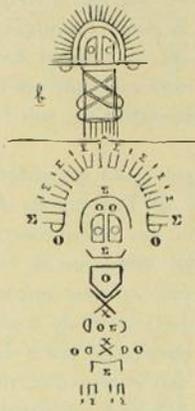



Fig. 802

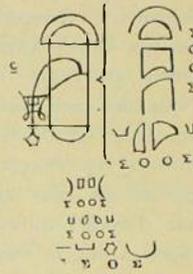



Fig. 803

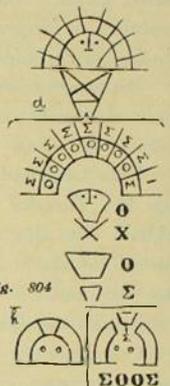



Fig. 804

Fig. 805

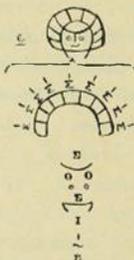



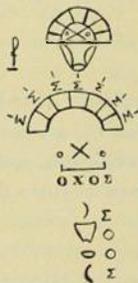
Fig. 806

ΣΟΟΣ, ΙΣ, ΙΣΟΣ
ΟΧΟΣ,
são palavras já definidas.

Fig. 807

Fig. 808

Fig. 809

Fig. 810

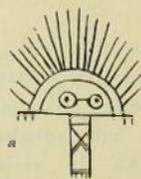
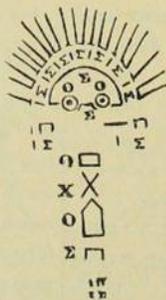
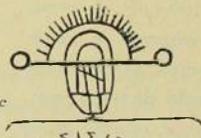
Idem, p. 60 — Rio Cuminá (2)

Οστος, palavra já precedentemente definida.

Fig. 811

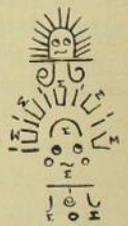



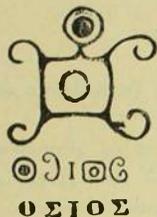
Fig. 812

Fig. 813

Fig. 814

(1) Nach Ch. B. Brown, a, a, O. Pl. XVI-XVIII.
(2) O Coudreáu: *a, a,* p. 85, 176.

*

Est. 1ª, fig. *a*, Pedras de Camarões, Rio Içana:

Dicc. Gr. cit., p. 1.012: — Οσιος, α, ον (*comp.* ωτερος, *sup.* ωτατος), conforme as leis da religião; permittido pela religião *ou* não prohibido por ella; *alg. vez.* profano, que não é consagrado, que se pode tocar sem crime, *por opposição a* ἱερος: *muit. vez.* santo, sacro; justo, conforme a justiça; puro, innocente, virtuoso, piedoso, religioso etc. Οσιον εσ τι, é permittido. Τοὺς Θεους ὅσιον τι δραν, *Aristoph.* satisfazer em favor dos deuses qualquer pio dever, etc.

ΟΣΙΟΣ

Fig. 815

Idem, fig. *b*, Pedras de Camarões, Rio Içana:

Idem, como a precedente.

ΟΣΙΟΣ

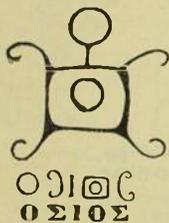
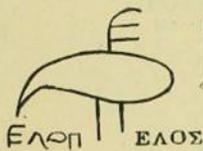



Fig. 816

Idem, fig. *d*, Pedras de Camarões, Rio Içana:

Idem, p. 472: — Ελος, εος — ους (τὸ), lagos, pantanos, paúl; horta; logar paludoso: *Poet.* planicie, campina, campo, planura, o mar, etc.

ΕΛΟΣ

Fig. 817

Idem, figs. *f* e *g*, Pedras de Camarões, Rio Içana:

Idem, como a precedente.

ΕΛΟΣ

ΕΛΟΣ

Fig. 818

ΕΛΟΣ

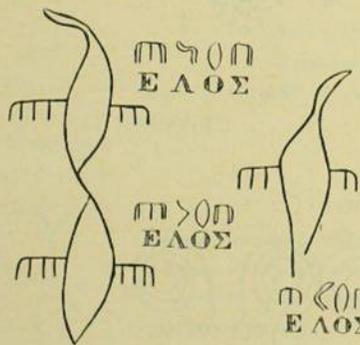



Fig. 819

Est. 2ª, figs. *a, b, d, e f* Curauataira-pecúma, Rio Aiary:

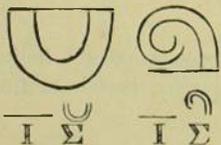
Dicc. Gr. cit., p. 1.381: — ΣΥΣ, *genit*, συός (ὁ, ἡ), *como* ὅς, porco, javaly, marrã, femea do javaly; vereda cortada n'um bosque, etc.

ΣΥΣ

Fig. 820

ΣΥΣ

Fig. 821

ΣΥΣ

Fig. 822

Idem, p. 701: — ΙΣ, *gen.* ἰνός, (ἡ). fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez. impetuosidade, violencia.* Ις Ηρακλῆος *ou* Ηρακληειη, *Hom.* a força d'Hercules, *isto é*, Hercules, elle mesmo o possante Hercules, etc.

ΙΣ

Fig. 823

ΙΣ

Fig. 824

Est. 3ª, figs. *a, b, c, d, f*, Pedras de Yauareté, Rio Aiary:

ΟΣΙΟΣ

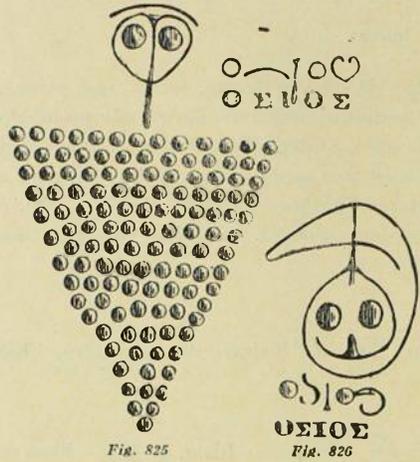
Fig. 825

ΟΣΙΟΣ

Fig. 826

Idem, p. 1.012: — Οσιος, (semelhante ás figs. *a* e *b* da Est. 1ª).

O triangulo formado com os pequenos circulos representa a letra Δ (D) grego, a primeira, da palavra Διος, usado talvez como symbolo ou emblema, etc.

ΟΣΙΟΣ

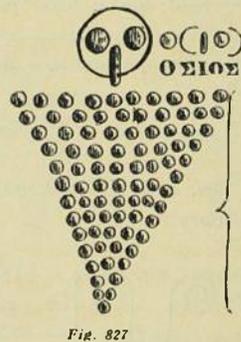



Fig. 827

Idem, como a precedente.

ΟΣΙΟΣ

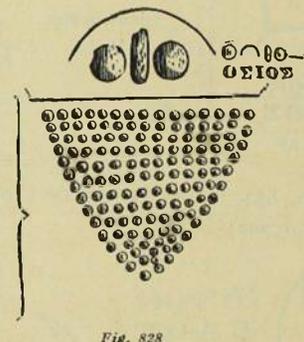



Fig. 828

*

Est. 4ª, figs. *b* e *c*, Pedras de Yauareté, Rio Aiary:

ΟΡΙΟΣ

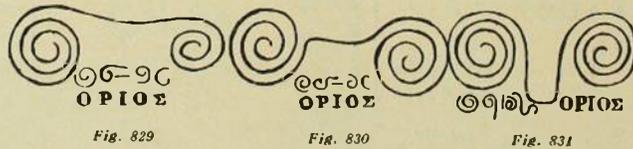



Fig. 829

ΟΡΙΟΣ

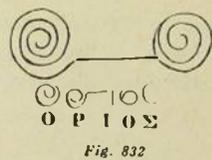
Fig. 830

ΟΡΙΟΣ

Fig. 831

ΟΡΙΟΣ

Fig. 832

Dicc. Gr. cit., p. 1.006: — Οριος, ος, ον, que concerne a limites, marco que serve de limites, Ζευς, ὅριος, Jupiter proteje as fronteiras e os limites, etc.

R. ὅρος.

*

Est. 5ª, Bokoepana, Rio Aiary:

ΟΥΡΑΝΟΣ
(CEU, CEOS)

ΣΕΛΗΝΗ
(LUA)

ΗΛΙΟΣ
(SOL)

ΕΡΜΗΣ
(MERCURIO)

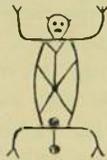



Fig. 833

ΖΕΥΣ
(JUPITER)

ΑΡΕΣ
(MARTE)

*

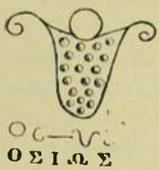
Est. 6ª, figs. *a, b,* e *c,* Hipana, Rio Aiary:

ΟΣΙΩΣ

Fig. 834

Idem, pag. 1.012: — Οσιως, *adv.* santamente, com piedade, com justiça.
R. ὅσις.

ΟΣΙΟΩ

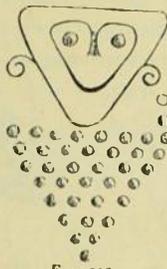



Fig. 835

Dicc. Gr. cit., p. 1.012: — Οσιοω-ω, f. ώσω, santificar, purificar, expiar; honrar por ceremonias funebres, enterrar, inhumar, sepultar, etc.
R. ὅσιος.

*

Est. 7ª, figs. *b, c d, e, g, i k,* Suassú — Cachoeira, Rio Aiary:

ΘΕΤΙΣ ΘΕΤΙΣ

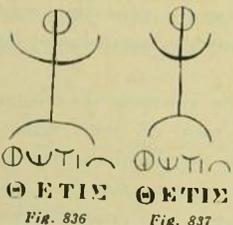



Fig. 836 Fig. 837

Θετις, Thetis: — Divindade maritima da Grecia, a mais celebre das Nereidas, isto é, das filhas de Nereu e de Daris, casou com um simples mortal chamado Peleu e foi mãe de Achilles etc.

*

ΛΙΣ

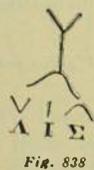



Fig. 838

Dicc. Gr. cit., p. 858: — Λις, *acc.* λιν, *n. pl.* λιες, *dat.* λιεσσι (o). *Poet. por* λεων, leão, etc.

ΣΕΣ

Fig. 839

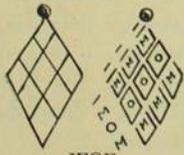
Idem, p. 1.280: — Σες, *gen.* σέος *ou* σητος (o), bicho, verme, polilha, traça, larva, insecto roedor, etc.

ΙΣΟΣ

Fig. 840

Dicc. Gr. cit., p. 704: Ισος: *ou poet.* Ισος, η, ον' igual, unido, justo, equitativo; a igualdade etc. R. εισχω. (Palavra por muitas vezes já definida).

ΙΣΟΣ ΙΣΟΣ

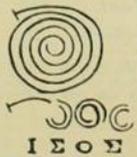



Fig. 841 Fig. 842

Idem, como a precedente.

*

Est. 8ª, figs. *b*, *c*, Yurupary — Cachoeira, Rio Aiary:

O precioso trabalho do illustre autor traz, como emblema, a gravura, da qual nos vamos occupar, subordinada á fig. *b*, que, nos parecendo com effeito interessante, recorremos de preferencia á sua photogravura, á pag. 44, abb. 16.

Parecendo-nos, ainda, que o bloco em que se acha esculpida dá uma apparencia bem significativa ao desenho, os reproduzimos em conjuncto, e, em seguida, damos a nossa interpretação, fazendo alguns leves reparos de traços ao mesmo tempo. Representa a gravura o tradicional *Yurupary*, ou a figura do diabo, como é denominada e a cachoeira em cuja margem se acha esculpida.

Convem observar, além da inversão de lettras e outros casos já por nós demonstrados no delineamento das figuras, algumas differenças bem notaveis, entre o desenho de que ora tratamos e a photogravura. Tomando, porém, esta por base, passamos á respectiva reproducção e interpretação na ordem seguida:

Fig. 843

Fig. 844

Dicc. Gr. cit., p. 994: — Οξέως, *adv.* (comparativo Οξυτερον, superlativo Οξυτατα) em ponto agudo? ou *fig.* *com finura, sublilidade; promplamente, vivamente, etc.* R. Οξύς, do referido Dicc. p. 996: ΟΞΥΣ, εῖα, ύ, (comparativo υτερος, supr. υτατος,) agudo, aguçado, penetrante, vivo, incisivo; claro, sonoro, refulgente; vehemente, animado; prompto, rapido, agil, instantaneo, subtil; *muit. vez*: acre, acido, d'um sabor acido; *em termo medicinal*, agudo ou fig. vivo, fino, subtil, espiritual; clarividente, irascivel, prompto a irritar-se, activo, ardente, encarniçado; *Poet.* forte, terrivel, violento, etc.

Parece que o *Yurupary* não é uma criação supersticiosa ou abstracta do selvagem moderno; elle ahi está figuradamente, como externado por meio de uma serie de palavras gregas, que corresponde perfeitamente ás mysteriosas ou singulares façanhas e prodigios, attribuidos a essa extraordinaria ou imaginaria *criação diabolica*. Com effeito, elle desde remotas eras, veio evoluindo, perdendo apenas o seu primitivo nome — ΟΞΥΣ — pelo actual, bem caracterisado na figura symbolica e extravagante de hoje, como lembrando, finalmente, as tradicionaes transformações fantasticas das divindades mythologicas.

Fig. 845

Dicc. Gr. cit., p. 1.300: — Σοος, ος, ον, *Poet. d'onde a forma. Att.* Σως, ῶς, ων, são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive, etc.

Est. 9ª, fig. *b*, Yurupary — Cachoeira, Rio Aiary: Fig. 846.

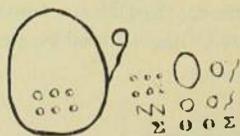
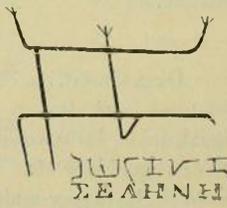



Fig. 846

Idem, p. 1.277: — Σεληνη, ης (η) a lua, *principalmente*, a lua cheia; *as vez.* o claro da lua; *tambem* Diana, a deusa da lua, etc.

R. σελας.

*

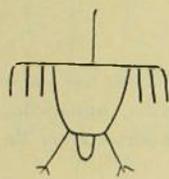
Est. 10ª, fig. *b*, Jacaré — Cachoeira, aliás Yurupary, Aiary. Fig. 847.

Idem, p. 696: — Ιμεροεις, εσσα, εν, *Poet*, que faz nascer os desejos: amavel, encantador, etc. R. Ιμερος.

Fig. 847

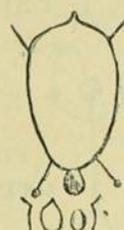
Est. 11ª, figs. *a*, *b*, *d*, *e*, *f*, *i*, Jacaré — Cachoeira, Rio Aiary: fig. 848.

Dicc. Gr. cit., p. 704: — ΙΣΟΣ. Já definida.

Fig. 848

Fig. 849

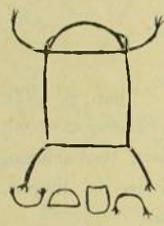
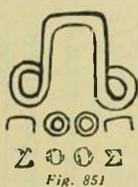
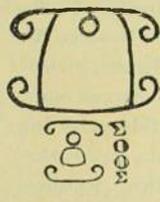



Fig. 850

Fig. 851

Fig. 852

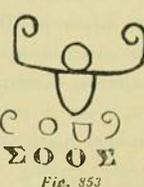



Fig. 853

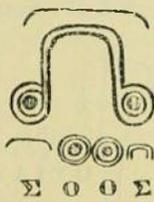



Fig. 854

A palavra Σοος, constante do Dicc. Gr. cit., p. 1.300, já ficou interpretada á pagina precedente, como em muitas outras. De maneiras diversas encontra-se esculpida, nesta, como em outras regiões do Brasil.

*

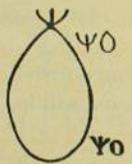
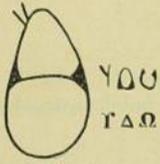
Est. 12ª, fig. *a*, Jacaré — Cachoeira, Rio Aiary: Fig. 855.

Dicc. Gr. cit., p. 1.607: — ΨΟ *ou* ΨΩ *interj.* apage! fora! irra!

Fig. 855

Idem, p. 1607: — Ψο *ou* Ψω *interj.* apage! fora! irra!

(Esta figura reproduzimos segundo a photogravura á pagina 46, differente do exemplar da Est. 12ª, fig. *d*).

Fig. 857

Est. 12ª, figs. *b*, *d*, *f*, *h*, *g*, *i*, Jacaré — Cachoeira, Rio Aiary: fig 856 a 860

Dicc. Gr. cit., p. 1.461: — ΥΔΩ (*sem fut.*) cantar em verso, louvor, celebrar — *Ao passivo* ser cantado, celebrado; *alg. vez*, ser chamado, nomeado, etc.

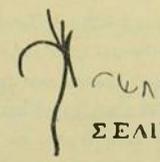



Fig. 856

Idem, á pag. 1.278: — Σελις, ιδος (η). *primitivamente*, espaço entre duas ordens de remadores, p. *ext.* ordem de bancos no theatro; entre-linha na escripta; *por ext.* pagina sobre a qual se escreve; *Poet.* livro, obra, etc.

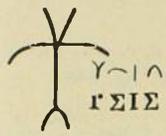



Fig. 858

ΥΣΙΣ

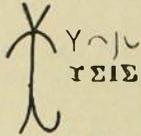
Fig. 859

ΥΣΙΣ

Fig. 860

Idem, p. 1510: — Υσις, εως, (η), chuva, o facto mesmo de chover.

R. ὕω, p. 1.516, *f.* ὕσω (*aor.* υσα, *part. passivo* ὕσμαι *aor. pass.* υσθην), chover; fazer chover; etc.

ΟΨΙΣ

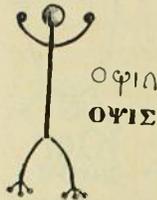



Fig. 861

Dicc. Gr. cit., p. 1.026: — Οψις, (η), vista, a acção (de ver *ou* o sentido da vista; vista, o que se vê, espectaculo; visão, apparição; aspecto, semblante; face, rosto, *alg. vez.* mascara, ou personagem de theatro, etc.

R. οψομαι.

*

Est. 13ª, figs. *a, b, c, d, e, h.* Iauareté — Cachoeira, Rio Caiary, etc.:

ΟΣΙΑ

Fig. 862

Idem, p. 1.012: — Οσιας, ας, (ἡ); rito *ou* cerimonia religiosa, e *especialmente* exequias, funeraes; *muit. vez.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina, *ou simplesmente* direito, justiça, legitimidade, cousa permittida; *alg. vez.* desencargo de consciencia, o que se faz pela forma, etc.

ΣΟΡΔΙΣΜΟΣ

Fig. 863

Idem, p. 1300: — Σορδισμος, οῦ, (ο), *Gloss.* barbarismo, vicio da lingua, etc.

ΣΟΛΟΙΧΟΣ

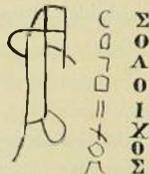



Fig. 864

Idem, p. 1.300: — Σολοικος, ον, (*compar.* οτερος, *supr.* ότατος), fallivel, *fallando em linguagem;* incorrecto ás regras da grammatica; *fig.* mal feito, ridiculo, grosseiro, absurdo.

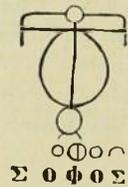
R. Σολοι, etc.

Σ Ο Φ Ο Σ

Fig. 865

Dicc. Gr. cit., p. 1.301: — ΣΟΦΟΣ, ή, όν, (*comp.* ωτερος, *supr.* ώτατος) sabio, *isto é,* habil, instruido, experimentado, prudente, *alg. vez.* astuto, ardiloso, etc.

ΤΙΤΥΣΧΩ

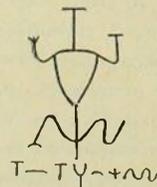



Fig. 866

Idem, p. 1.428: — Τιτυσκω, *ou mais ou menos,* Τιτύσκομαι (*sem fut.*) *Poet.: para* τευχω, *com o acc.* fazer *e por ext.* preparar, causar, occasionar, machinar, meditar; *pouco* τυγχανω *com o gen. ou muito raro,* visar, mirar, procurar attender *e alg. vez. por ext.* attender, *donde fig.* attender pelo pensamento, adivinhar, conjecturar, etc.

ΣΕΙΡ

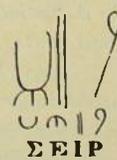



Fig. 867

Idem, p. 1.276: — Σειρ, *gen.* σειρός, (ο) *Gloss.* o sól, *velha palavra cahida em desuso.*

*

Est. 14ª, figs. *a, b, c, e,* Iauareté — Cachoeira, Rio Aiary, Uaupés:

OΨE

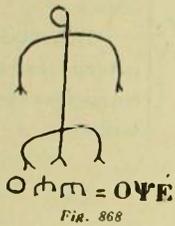



Fig. 868

Idem, p. 1.025: — Ὀψέ, *adv.* (*com.* ὀψιτερον, *ou* ὀψιαίτερον, *sup.* ὀψίτατον? *ou melhor* ὀψιαίτατα), muito tarde; longo tempo depois; emfim: tarde, no curso da tarde, pela tarde, etc.

Ο Σ Ι Ο Σ

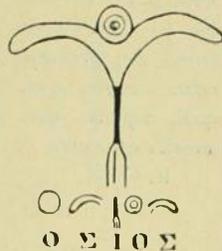



Fig. 869

Dicc. Gr. cit., p. 1.012: —Ὅσιος, etc.

Palavra já interpretada na Est. primeira, letra *a*.

Σ Ι Ο Σ ΣΙΟΣ

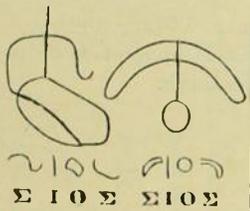
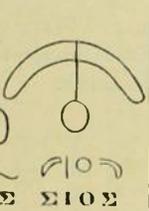



Fig. 870 *Fig. 871*

Idem, p. 1.284: — Σιός, ω (ο) *Laced. p.* Θεός.

Idem, p. 669: Θεός, οῦ, (ὁ) Deus, o Ser Supremo: (ὁ ἡ), deus, deusa, Σὺν, θεῷ, σὺν, θεοῖς, em cima da conducta d'um deus, com a ideia de Deus *ou* dos deuses, etc.

*

Est. 15ª, figs. *a, b, c,* Iauareté — Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

Ο ΣΙΑ ΟΣΙΑ ΟΣΙΑ

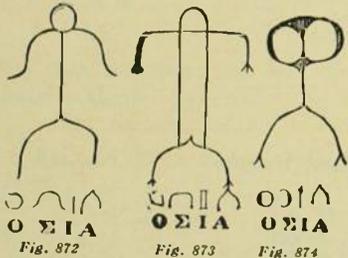



Fig. 872 *Fig. 873* *Fig. 874*

Idem, p. 1.012: — Ὁσία.

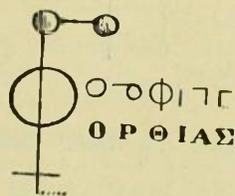
Palavra já interpretada em paginas anteriores.

Ο Ρ Θ ΙΑΣ

Fig. 875

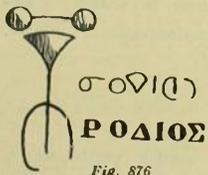
Dicc. Gr. cit., p. 1.004: — Ὀρθία, ας; (ἡ), *fem. de* Ὄρθιος || *Subst.* Diana, *sobrenome* Orthia em *Lacedemonia*.

ΡΟΔΙΟΣ

Fig. 876

Idem, p. 1.265: — Ῥόδιος, α, ον, Rhodios, da ilha de Rhodes, etc.

*

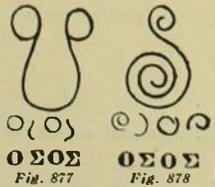
Est. 16ª, figs. *a, d,* e, Uacariaka — Cachoeira, Rio Caiary-Uaupés:

Ο ΣΟΣ ΟΣΟΣ

Fig. 877 *Fig. 878*

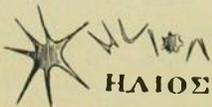
Idem, p. 1.013: — Ὅσος, η, ον, muito grande; muito consideravel, muito numeroso, maior que; todo que, no pl. todos que, etc.

ΗΛΙΟΣ

Fig. 879

Idem, p. 650: — Ἥλιος, ον, (ο), sol, uma das principaes divindades Gregas.

O T I Σ

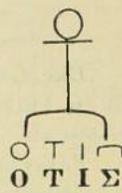



Fig. 880

Idem, p. 1.016: — Οτις *Ion e Poet. por* Όστις: p. 1.014: Οστις, ἥτις, ὅ τι, *gen.* Ουτινος ἥστινος, *etc; pronome relat. indefin.* que, qual, aquelle que, aquella que, etc.
R. ὅς τίς.

O Σ I A

Fig. 881

O Σ I A

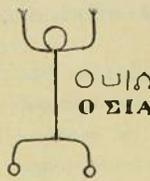
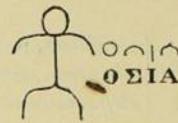



Fig. 882

Dicc. Gr. cit., p. 1.012: — Οσια.
Palavra já interpretada em paginas anteriores.

O Σ I O Υ P Γ O Σ

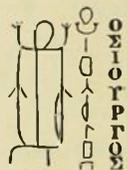



Fig. 883

Idem, p. 1.012: — Οσιουργος, ός, όν, que faz acções santas, piedosas *ou* legitimas.
R. R. ὅσ. εργον.

O Σ I O Σ

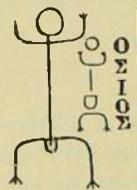



Fig. 884

Idem, p. 1.012: — Οσιος.
Palavra já interpretada em paginas precedentes.

Σ O Ψ I A

Fig. 885

Σ O Ψ I A

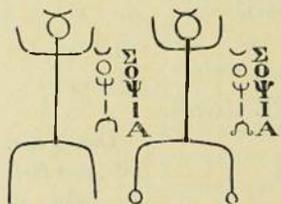



Fig. 886

Idem, p. 1.300: — Σοφια, ας (ἡ), sabedoria, *isto é*, sciencia, instrucção, conhecimento aprofundado das cousas, intelligencia, prudencia R. Σοφος.

*

Est. 17ª, figs. *a*, *i*, *h*, Arara — Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

O Ψ I Σ

Fig. 887

Idem, p. 1.026: — Palavra já interpretada em paginas anteriores.

O Σ I O Υ P Γ O Σ

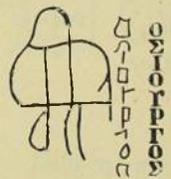



Fig. 888

Idem, p. 1.012: — Palavra interpretada acima.

O Υ P O Σ

Fig. 889

Dicc. Gr. cit., p. 1.021: — Οὖρος, ου (ο), bom vento, vento favoravel; *ou fig.* felicidade, successo, prosperidade, bom exito. *Não se deve confundir com as palavras seguintes, nem com* οὖρον, *as quaes muitas vezes são as mesmas.* R. οὖρα.

Οὖρος, ου, (ο) *Poet.* guarda, guardião, *donde alg. vez.* protector, defensor, soccorro, amparo, apoio. R. ορομαι.

Οὖρος, ον (ο) *Ion* ὅρος, fronteira, limites, etc.

Ουρος, εος — ους, — *Ion. por* ὅρος, montanha.

Οὖρος οὖ (ο), canal ou rego para arrastar os navios do canal ao mar *e reciprocamente.* R. ερεῖω, etc.

*

Est. 18ª, figs. *a*, *b*, Cururú — Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

ΣΟΟΣ — Idem, p. 1.300. Já interpretada.

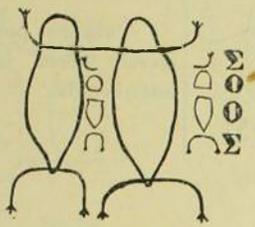
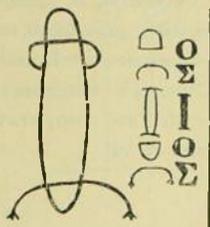



Fig. 890

ΟΣΙΟΣ — Idem, p. 1.012. Já interpretada.

Fig. 891

*

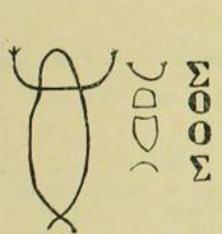
Est. 19ª, figs. *b*, *d*, *e*, Cururú — Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

ΣΟΟΣ — Idem, p. 1.300. Já interpretada.

Fig. 892

ΦΟΙΣ

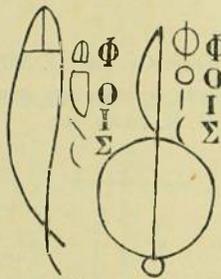
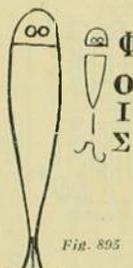



Fig. 893 Fig. 894 Fig. 895

Dicc. Gr. cit., p. 1.545: — Φοῖς *ou* Φωῖς, ῖδος, (ἡ) *o mesmo que* φώς, *gen.* φωτος, Pag. 1559: — ΦΩΣ. *gen.* φωτός, *gen pl.* φωτων (τὸ) *contr.* de φάος. luz, tudo que brilha, como fôgo, facho, astro, luz de uma casa, relampago, *alg. vez.* olho: *figuradamente* a luz do dia, a vida; o brilho, a gloria, a alegria, etc.

*

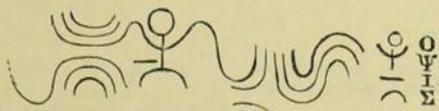
Est. 20ª, fig. *b*, Cururú — Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

ΟΨΙΣ

Fig. 896

Idem, p. 1.026: — Οψις, (η), visão, apparição, etc. Palavra já interpretada em paginas anteriores.

*

Est. 21ª, figs. *a*, *d*, *e*, Macucú, Naná — Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

ΟΣΙΑΣ

Fig. 897

ΟΣΙΑΣ

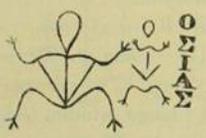



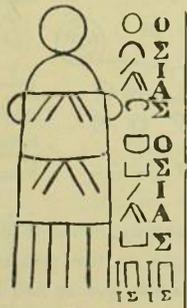
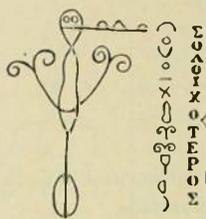
Fig. 898

ΟΣΙΑΣ ΟΣΙΑΣ ΙΣ ΙΣ

Fig. 899

Dicc. Idem, p. 1.012: — ΟΣΙΑΣ, οσια (etc.) rito ou cerimonia religiosa, exequias, direito, etc., segundo já ficou interpretado.

ΣΟΛΟΙΧΟΤΕΡΟΣ

Dicc. Gr. cit., p. 1.300: — Σολοικος, ος, ον, (*comparativo*, οτερος, *superlativo*, οτατος). — Σολοιχοτερος—. É a mesma palavra já interpretada, levada ao comparativo, como se vê.

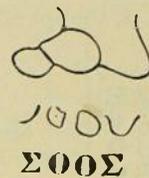



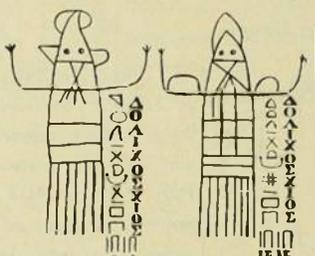
Fig. 900

ΣΟΟΣ

Palavra por muitas vezes já interpretada.

Fig. 901

*

Est. 22ª, figs. *a, b, c, d, e,* Tapioca — Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ

Dicc. Gr. cit., p. 387: — Δολιχοσχιος, ος, ον, *Poet.*, que projecta ao longe sua sombra.

R. R. δολιχος, σκιά.

Fig. 902 Fig. 903

ΣΟΟΣ

Σοος: — Palavra já interpretada.

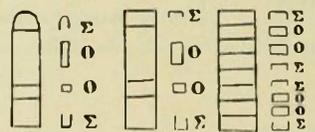



Fig. 904 Fig. 905 Fig. 906

*

Est. 23ª, fig. *a*, Tapioca — Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

ΔΟΛΙΧΟΔΡΟΜΟΣ

I. II. III.

ΟΡΟΣ

I

ΔΟΛΙΧΟΣΧΙΟΣ

II

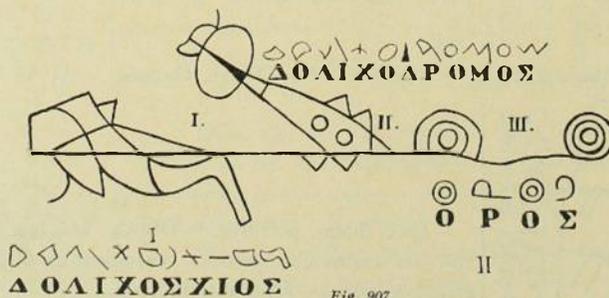



Fig. 907

I — Dicc. Gr. cit., p. 389: — Δολιχόσκιος, ος, ον, *Poet.*, que projecta ao longe sua sombra.

R. R. δολιχός, σκιά.

II — Idem, p. 389: — Δολιχοδρομος, ος, ον, que percorre o longo estadio, (*veja* δολιχος); que fornece uma longa carreira.

R. R. δ. δρομος.

III — Idem, p. 1.009: — Ορος, ου (ο), limite, fronteira, columna levantada para servir de limite ou monumento; poste com uma inscripção ou um annuncio para indicar que uma propriedade está hypothecada; *figuradam.* limite que se não deve transpor; termo, fim, etc.

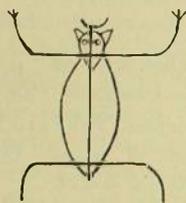
Est. 24ª, figs. *b*, *d*, Tipiaca—Cachoeira, Rio Caiary, Uaupés:

ΣΙΒΥΛΛΙΣΤΗΣ

Fig. 908

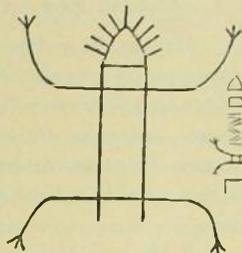
Dicc. Gr. cit., p. 1281: —Σιβυλλιστής, οῦ, (ὁ), fabricante de oraculos sybyllinos.

ΔΟΞΗΣ

Fig. 909

Idem, p. 390: — ΔΟΞΑ. ΔΟΞΗΣ. (ἡ) o que se assemelha, o que parece; opinião, crença; aquillo em que se espera; dogma, principio, doutrina; reputação quasi sempre bôa, estima, honra, renome, gloria, etc.

R. δοκέω.

*

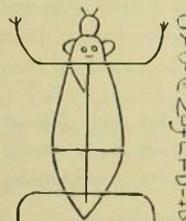
Est. 25ª, figs. *a*, *c*, *d*, Uaracapury, Tucano, Itapinima, Culidibo, etc.

ΟΥΡΑΝΟΧΑΤΟΙΧΟΣ

Fig. 910

Idem p. 1.020: — Ουρανοκατοιχος, ος, ον, *Gloss.*, que habita o céo.

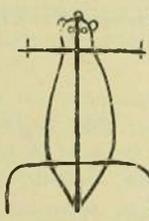
R. R. οὐρ. χατοιχεω.

ΕΤΟΙΜΟΛΟΓΙΑ

Fig. 911

ΕΤΟΙΜΟΛΟΓΙΑΣ

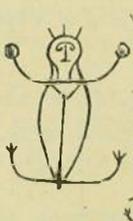



Fig. 912

Dicc. Gr. cit., p. 600: —Ετοιμολογία, ας. (ἡ) facilidade para falar, eloquencia.

R. R. ἕ. λογος.

*

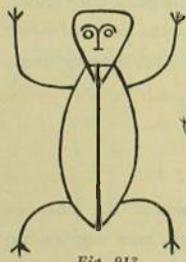
Est. 26ª, figs. *c*, *e*, *f*, Pupuitucúc, Aï — Cachoeira, Rio Cuduiary:

ΟΥΡΑΝΙΟΣ

Fig. 913

Idem, p. 1.020: — Ουρανιος, α, *ou* ος, ον, celeste, do céo; dirigido para o céo: *ou fig.* encantador, maravilhoso, prodigioso, etc.

ΣΟΟΣ

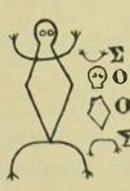



Fig. 914

Idem, p. 1.300: — Σοος, ος, ον *Poel.*, *donde a form. Att.* Σῶς, ῶς, ων, são e salvo, inteiro, que subsiste, *ou* que sobrevive, *alg. vez.* salutar?

Veja-se σῶς.

ΟΥΡΑΝΟΧΑΤΟΙΧΟΣ

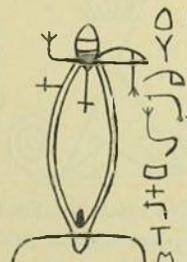



Fig. 915

Idem, p. 1.020: — Ουρανοχατοιχος, ος, ον, *Gloss.* que habita o céo.

R. R. ουρ. χατοιχεω.

*

Est. 27ª, figs. *a, b, c,* Cururú, Pary — Cachoeira, Rio Tiquié:

Ο Λ Ο Χ Α Υ Τ Ο Σ

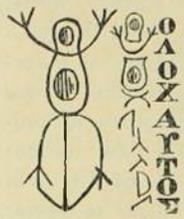



Fig. 916

Idem, p. 981: — Ολοκαυτος, ον, inteiramente consumido pelo fogo ‖ *Sub.* Ολοκαυτον, ον (ο) holocausto, *sacrificio no qual é a victima totalmente queimada;* victima que se queima toda inteira.

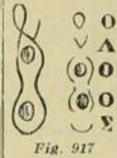
R. R. ολος, καιω.

Ο Λ Ο Ο Σ

Fig. 917

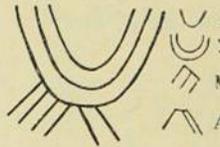
Dicc. Gr. cit., p. 982: — Ολοός, η, ον *Poet.* pernicioso, funesto, mortal. R. ολλυμι. O mesmo que ολός etc.

Υ Σ Μ Α

Fig. 918

Idem, p. 1.510: — Υσμα, ατος, (τὸ) *forma bastante rara,* chuva, onda. R. ὕω: — 1.516, ΥΩ *f.* υσω (*aor.* υσα, *perf. passiv.* υσμαι *aor. pass.* υσθην, chover, fazer chover, espargir chuva, etc.

*

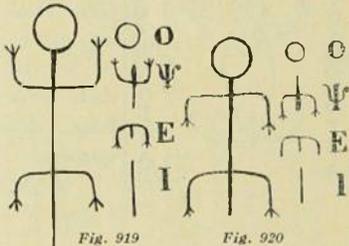
Est. 28ª, figs. *a, b, d,* Cayú — Cachoeira, Rio Curicuriary:

Ο Ψ Ε Ι

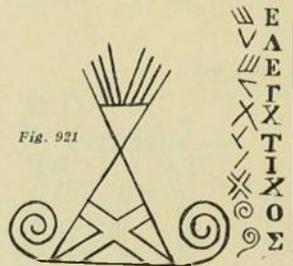
Fig. 919

Ο Ψ Ε Ι

Fig. 920

Idem, p. 1.025: — Οψει, *Att. p.* ὄψη *inus.* 2 *p s. de* ὄψομαι *fut. de* ορἀω. ‖ Οψει *é tambem o dat. de* ὄψις: εως (η) vista, acção de ver *ou* o sentido da vista: espectaculo, visão, apparição, aspecto, etc.

Fig. 921

Ε Λ Ε Γ Χ Τ Ι Χ Ο Σ

Idem, p. 467: — Ελεγκτικος, η, όν, proprio para convencer, para refutar; habil na controversia; que gosta de contrariar ou censurar, contradizer, criticar, reprehender, desapprovar, diffamar, etc.

Na quasi totalidade, deixámos interpretadas, segundo o nosso modo de ver, as inscripções obtidas pelo illustre ethnologo Dr. Theodor Kock-Grünberg, nas regiões do Alto-Rio Negro etc. Algumas deixámos de parte, pela pouca importancia que revelaram e outras porque se resentem de expressão ou de falhas proprias da vetustez das mesmas.

É natural que exprimissem algum pensamento ou phrases, mas suppomos que foram modificadas pela deslocação dos blócos, como pela ordem a observar, talvez, na symetria da paginação typographica e lithographica da obra. Comtudo, ahi ficaram finalmente os nossos despretenciosos estudos, e nos perdoe o illustre autor se elaborámos em erro, o que é tão proprio á natureza humana e pelo qual nos penitenciaremos, se fôr preciso.

* * *

O ethnographo Conde Ermano Stradelli, por sua vez, offerece em seu minucioso trabalho denominado — *Iscrizioni Indigene* —, apresentado á *Societá Geographica Italiana de Roma*, e publicado em 1900, uma serie de abundantes exemplares, epigraphicos, colhidos na região de Uaupés, além de cartas diversas do mesmo rio, nas quaes se acham determinadas as localisações das mesmas. Estes exemplares, semelhantes uns, e differentes outros, dos já interpretados, não offerecem entretanto grande interesse, para que reproduzamos todos. A chave, que suppõe o autor haver descoberto, para interpretar essas inscripções, em vista do que ora offerecemos em contraposição, no sentido paleographico, não nos parece perfeita e neste sentido, somos acompanhados pelo illustre professor Kock Grünberg. Poderá porém nos contestar, e esse gesto, só trará luz sobre um assumpto de vital interesse prehistorico, que, por sua natureza, precisa deixar o periodo já demasiado longo de controversia em que tem permanecido.

Entre algumas gravuras apresentadas pelo autor e as do professor Koch, são notaveis varias disparidades em traços, quando apparentemente demonstram tratar-se do mesmo exemplar.

O infatigavel Conde Ermano Stradelli é merecedor, na parte ethnographica, de justos louvores, pois a sua obra revela consideraveis elementos neste particular e não menos meticuloso, em todo caso, é o seu esforço na parte epigraphica, o que não diverge de seu reconhecido genio emprehendedor.

Occupemo-nos, pois, com prazer, de varias inscripções de seu referido trabalho, sendo incontestavel que a região do Rio Negro, pela sua vasta cópia epigraphica, ainda nem toda conhecida, revela alta importancia e torna-se, por isso, digna de um acurado estudo glyptographico.

E, se por sua vez puzessem em pratica a mesma ideia, os paizes limitrophes, a solução seria mais breve para o valioso e magno problema prehistorico das duas Americas.

Eis as gravuras e as nossas interpretações:

Pag. 13, fig. 4 — Inscripções sobre pedras de *Macaca Sapecuma* (Uaupés).

Fig. 922

Interpretação já feita.

I Σ | ΣΟΟΣ | Σ Ο ΟΣ | Σ Ο ΟΣ

Fig. 923

Idem.

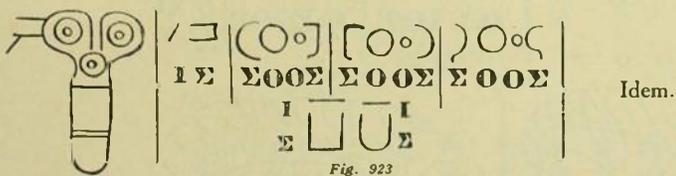
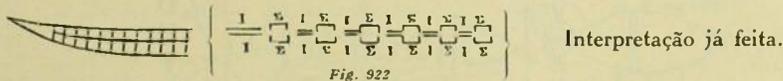
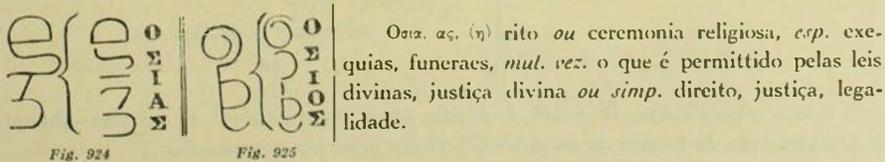
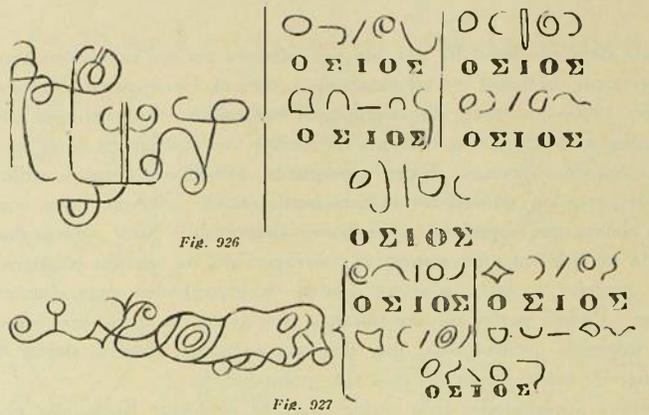
*

Est. I, p. 18 — Rio Uaupés, proximo a S. Gabriel e Pinupinú, etc.

Ο Σ Ι Α Σ

Fig. 924

Ο Σ Ι Ο Σ

Fig. 925

Οσια, ας, (η) rito *ou* ceremonia religiosa, *esp.* exequias, funeraes, *mul. vez.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina *ou simp.* direito, justiça, legalidade.

ΟΣΙΟΣ ΟΣΙΟΣ
ΟΣΙΟΣ ΟΣΙΟΣ
ΟΣΙΟΣ

Οσιος. α. ον (*comp.* ωτερος, *supr.* ωτατος) conforme as leis da religião, permittido *ou* não prohibido por ella, etc.

Fig. 926

ΟΣΙΟΣ ΟΣΙΟΣ
ΟΣΙΟΣ

Fig. 927

ΣΟΟΣ

Fig. 928

ΣΟΟΣ

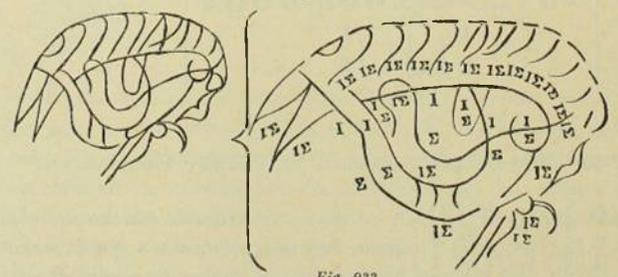
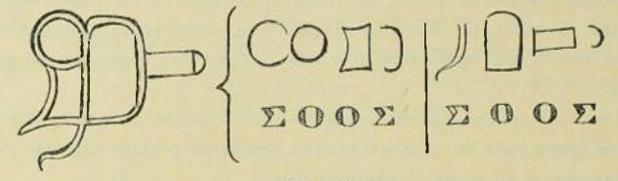
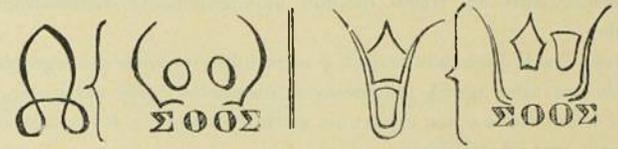
Fig. 929

ΣΟΟΣ ΣΟΟΣ

Fig. 930

ΟΣΙΟΣ ΟΣΙΟΣ ΟΣΙΟΣ

Fig. 931

Fig. 932

Todas estas palavras já se acham muitas vezes interpretadas. O que faz admirar, é a diversidade de formas da escriptura, e muita arte, por conseguinte.

*

Est. II, p. 19 — Inscripções de Iauaraité, margem do valle do Apaporis.

ΟΧΟΣ

Οχος, ος, ον, tenaz, firme, solido *com o gen.* que retém, que contém, etc. R. εχω.

Fig. 933

Ο Χ Ο Σ

Fig. 934

Ο Χ Ο Σ

Fig. 935

ΣΗΣ ΣΗΣ

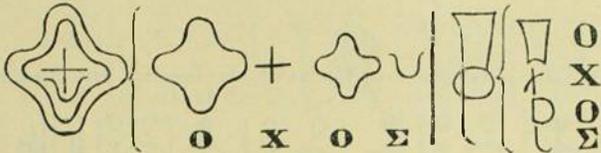
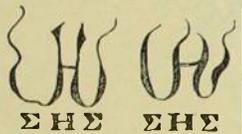
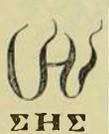



Fig. 936 Fig. 937

Σής, *gen.* σεός *ou* σητος, verme, polilha, larvas de insectos que róem a roupa, etc.

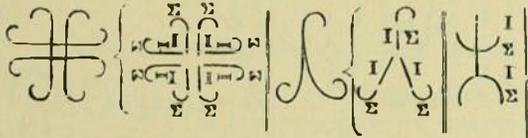



Fig. 938 Fig. 939 Fig. 940

Ισις. — ISIS, deusa Egypcia.

Fig. 941 Fig. 942 Fig. 943 Fig. 944 Fig. 945

ΣΟΟΣ Σ Ο Ο Σ

Fig. 946 Fig. 947

Ι Σ Ο Σ ΣΟΟΣ

Fig. 948 Fig. 949

Ι Σ ΣΟΟΣ ΙΣΟΣ

Fig. 950

ΣΟΟΣ ΙΣ

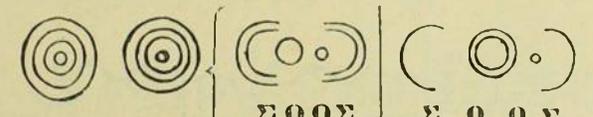
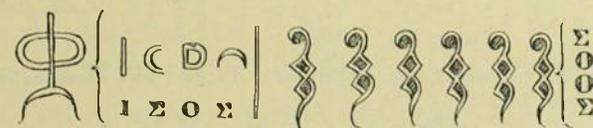
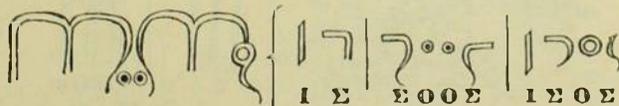



Fig. 951 Fig. 952 Fig. 953

*

Est. III, p. 20 — Inscripção da Cachoeira de Iauareté em Apaporis.

Fig. 954 Fig. 955 Fig. 956 Fig. 957

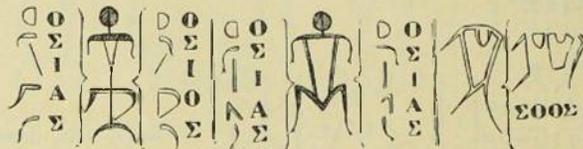



Fig. 958 Fig. 959 Fig. 960

ΙΣΟΣ

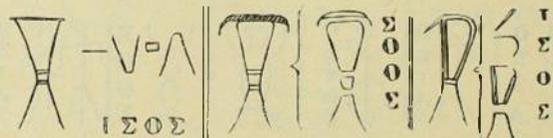



Fig. 961 Fig. 962 Fig. 963

Fig. 964 Fig. 965 Fig. 966

*

Est. IV, p. 21 — Margem esq. — Taiassú e Tapera; dir. Macaca, Sapucaia.

ΙΣΟΣ

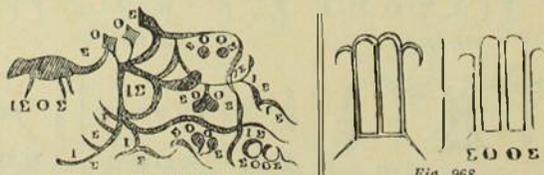



Fig. 967 Fig. 968

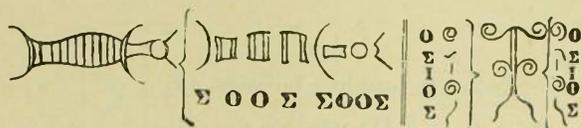



Fig. 969 Fig. 970

Fig. 971 Fig. 972 Fig. 973

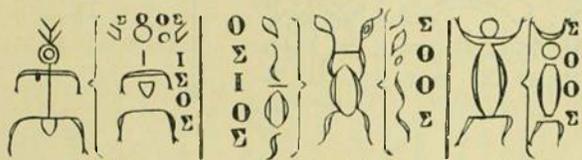



Fig. 974 Fig. 975 Fig. 976

*

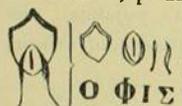
Est. V, p. 22 — Em frente á Macaca Sapucaia, na ilha Tatapuinha.

Ὄφις, εως, serpente, cobra; a serpente *constellação; alg. vez.* especie de bracelete; *outras vez.* uma especie de planta; *alg. vez.*, ὀφίασις, doença dos cabellos.

Fig. 977

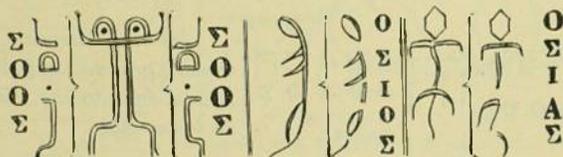



Fig. 978 Fig. 979 Fig. 980

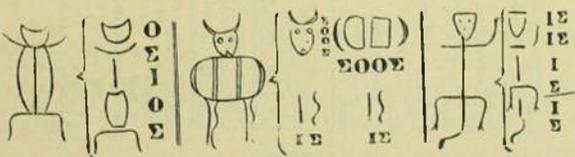



Fig. 981 Fig. 982 Fig. 983

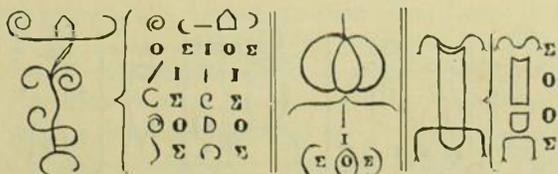



Fig. 984 Fig. 985 Fig. 986

*

Est. VI, p. 23 — Pedras de Iuacahá e Iurupary, etc.

Fig. 987 Fig. 988 Fig. 989

Fig. 990 Fig. 991 Fig. 992

Σοφος, η, ον, sabio, *isto é*, habil, instruido, experimentado, prudente; *alg. vez.* astuto, fino, etc.

*

Est. VII, p. 24 — Cachoeirinha de Piramiry, Periquito, etc.

Fig. 993

Βορα, ᾶς, alimento, *e por ext.* pasto, forragem, *alg. vez.* preza, *fig.* saque, estrago, ruina.
R. Βιβρωσκω.

Fig. 994

Βια, ας, força, pujança, violencia; acto de attentado, injuria, ultraje, etc.

Fig. 995 Fig. 996

Δολος, ου, fraude, artificio, hypocrisia, *primit.*, engodo, encitamento lisonja, encanto, etc. R. δελω, *primitivo* de δελεαρ, etc.

Fig. 997

Fig. 998 Fig. 999 Fig. 1.000

Fig. 1.001 Fig. 1.002 Fig. 1.003 Fig. 1.004 Fig. 1.005

Fig. 1.006 Fig. 1.007 Fig. 1.008

*

Est. VIII, p. 25 — Valle da Cachoeira de Matapy, etc.

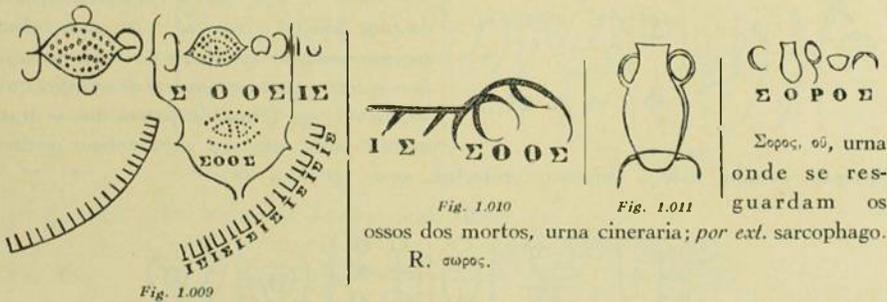
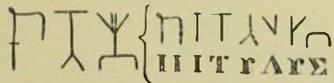
Fig. 1.009 Fig. 1.010 Fig. 1.011

Σορος, οῦ, urna onde se resguardam os ossos dos mortos, urna cineraria; *por ext.* sarcophago. R. σωρος.

Fig. 1.012

Χοη, ῆς, acção de verter, derramar, deitar, esparzir, etc; *mais seg.* libação; *no pl.* libação sobre a tumba dos mortos e *em geral* offerendas que se conduzem aos tumulos, sacrificios ás almas. R. λέω.

Πιτυλος, ου, rumor, fama, reboliço que se faz agitando os remos *ou* patinhando n'agua; *Poet.* acção de remar; *e por ext.* remos, bancos de remadores, embarcação movida a remos; *muit. vez.* tripudio, gesticulação, troca de golpes rapidamente dados; *donde por ext.*, ataque, combate; *alg. vez.* barulho das aguas agitadas *e por ext.* inundação, *fig.* povo, multidão, etc. O que se pode concluir:

ΧΟΗΣ ΠΙΤΥΑΥΣ *ou* Πιτυλος: (EMBARCAÇÃO A REMO, DE CONDUCÇÃO PARA LIBAÇÕES SOBRE A TUMBA DOS MORTOS OU SACRIFICIOS ÁS ALMAS). TRANSPORTE PARA LIBAÇÕES.

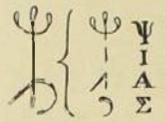
ΨΙΑΣ

Ψιά, ας, *Gloss.* pequena pedra, seixo, pederneira. R. ψαω. ‖ *Alg. vez. por* εψιά, jubilo, regozijo, contentamento, etc.

Fig. 1.013

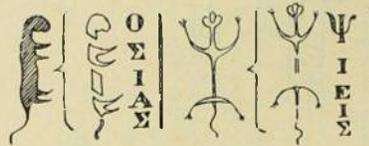
ΟΣΙΑΣ — ΨΙΕΙΣ

Ψιεις, εσσα, εν, *Gloss.* feliz, afortunado. R. ψιά *por* εψιά.

Fig. 1.014 Fig. 1.015

ΙΣΟΣ — ΟΧΟΣ — ΙΣ

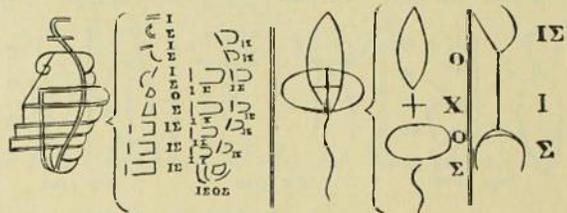



Fig. 1.016 Fig. 1.017 Fig. 1.018

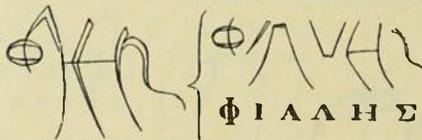
ΦΙΑΛΗΣ

Φιαλη, ης, taça, vaso covo, tigela, especie de taça sem pé e sem asa; vaso para beber *ou* vaso qualquer em fórma de taça; patera, *vaso antigo,* patera, *ornamento de architectura;* ornamento em fórma de patera que se traz sobre o peito; *alg. vez. entre antigos poetas;* broquel, escudo, rodela, defensor, protector, asylo, guarda, etc.

Fig. 1.019

ΟΣΙΟΣ — ΟΧΟΣ — ΣΟΟΣ

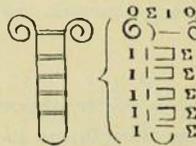
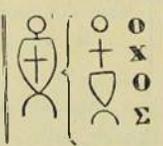
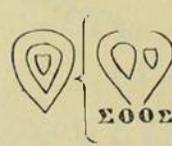



Fig. 1.020 Fig. 1.021 Fig. 1.022

*

Est. IX, p. 26 — Ilha do Jacaré, Iauaraeté, Sapecuna, etc.

ΙΣ

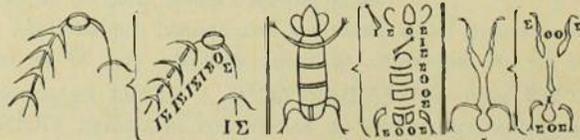
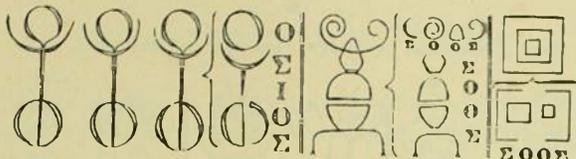
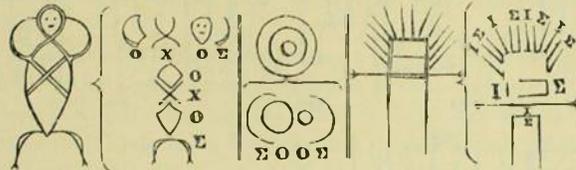
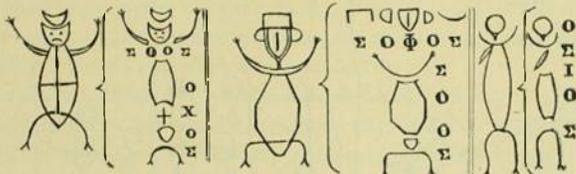
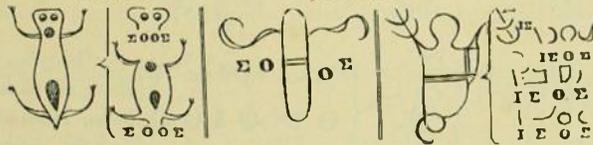
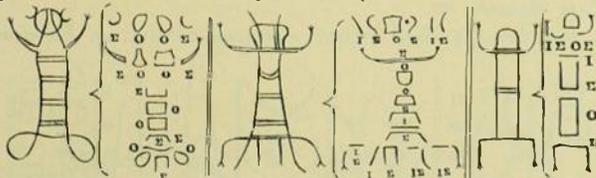
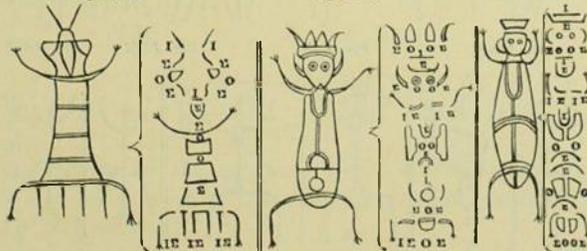



Fig. 1.023 Fig. 1.024 Fig. 1.025

*

Est. XII, p. 29 — Cadauary, Apôpary; Aracapá — Cachoeira, etc.

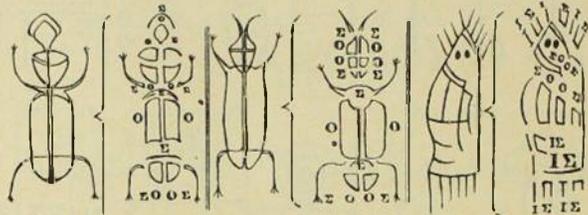



Fig. 1.044 Fig. 1.045 Fig. 1.046

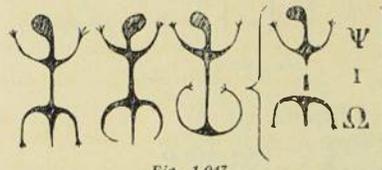



Fig. 1.047

Ψιω, *f* Ψισω, *Poet.* cortar, talhar em pedaços; dar a comer, esmigalhar. Rasgar ou despedaçar a dentadas, comer, roer, etc.

ΟΡΘΙΑΣ

ΟΡΦΙΟΣ

ΟΡΦΙΟΣ

ΟΡΦΙΟΣ

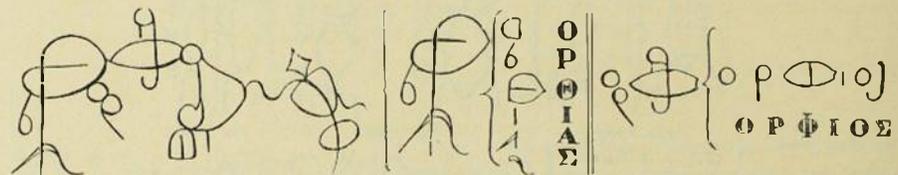



Fig. 1.048

Ορθιος, ος, *e a* ον, que se eleva em linha recta; escarpado, montante; levantado; que se sustem direito ou firme; disposto em columna ou em fila, *falando em tropa;* alto, elevado, agudo, *falando da vóz,* pronunciado em vóz alta, *falando d'um discurso, etc.*

ΟΡΘΙΑΣ, ας, *fem.* Ορθιος ‖ *Subs.* DIANA, *sobrenome* ORTHIA, *em Lacedemoneos.*

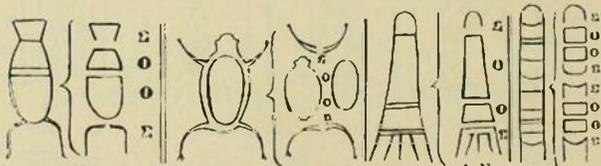



Fig. 1.049 Fig. 1.050 Fig. 1.051 Fig. 1.052

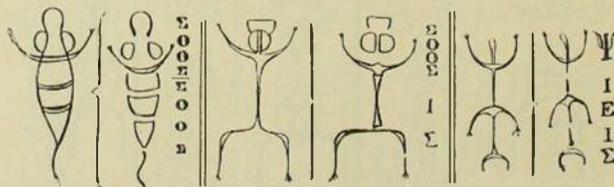



Fig. 1.053 Fig. 1.054 Fig. 1.055

OUTRAS REGIÕES DO RIO NEGRO

Os desenhos e photographias da grande variedade de inscripções, que se encontram em outras regiões do Rio Negro, das quaes ora nos vamos occupar, devem-se aos esforços dos Tenentes da Armada Brasileira, Laurindo Victor Bessa e Barbosa e ao Sr. Camillo Vedani. Recordam de modo singular os caracteres gravados nos rochedos de Gila, de Arizona e do Colorado.

Todos esses importantes e curiosos specimens revelam, a mesma uniformidade graphica, empregada em outras regiões da vasta extensão do nosso continente. Estudando-os, para interpretal-os, nós reconhecemos alguma falhas de facil comprehensão. Se bem que, ás vezes, o agrupamento ligando umas ás outras inscripções, diversas entre si, cause não pequena difficuldade para coordenal-as, a tudo procurámos attender e rectificar.

Cingimo-nos a esses trabalhos, que, felizmente, se acham archivados no Museu Nacional e reproduzidos no VI volume da publicação a que já nos referimos.

Localisam-se essas inscripções no valle do Rio Negro, e, das proximidades de Moura até o litoral de Manáos; estão sempre gravadas em rochedos marginaes e são visiveis algumas nas medias e outras nas maximas vasantes do rio.

Enorme e curiosa é a differença entre as interpretações graphicas e etymologicas que apresentamos e as interpretações superficiaes dadas por Ladisláo Netto e outros.

As deducções das palavras e phrases gravadas induzem a observações locaes e fazem crer que se poderá obter, talvez, indicios ou achados de natureza identica aos que nos proporcionou Pacoval, na Ilha do Marajó e outras localidades archeologicas, como temos visto.

Eis algumas das inscripções, gravadas em pedra, constantes da Est. XII á XV:

ΣΕΛΗΝΗ (LUA)

Fig. 1.056

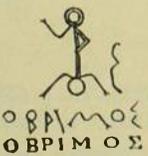
Dicc. Gr. cit., p. 1.277 — Σεληνη, ης (ἡ), a lua e principalmente a plena lua, *algumas vezes*, o luar, Diana, deusa da lua. Raiz σελας. Encontra-se muitas vezes tambem escripto ΣΕΛΕΝΕ.

ΟΒΡΙΜΟΣ

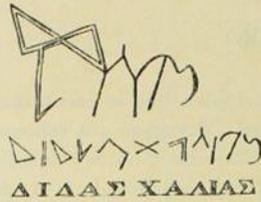
Fig. 1.057

Dicc. Gr. cit., p. 966 — Οβριμος, ος, η, ον. — *Poet.* forte, possante, ardil, corajoso, violento, impetuoso, terrivel, etc.

ΕΡΩΣ

Fig. 1.058

Dicc. Gr. cit., p. 593 — Ερως, ωτος (ὁ), amor, *alg. vez.* amizade, desejo, ansia, paixão: Cupido ou Amor, divindade mythologica.

Raiz ερzω.

ΔΙΔΑΣ ΧΑΛΙΑΣ
Fig. 1.059

Dicc. Gr. cit., p. 368 — Διδασκαλιας: instrucção, ensinamento, doutrina; instrucção dada pelo poeta aos actores sobre a maneira de representarem seus trabalhos, papel ou repertorio, etc.

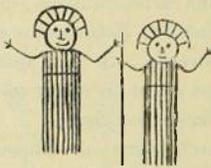
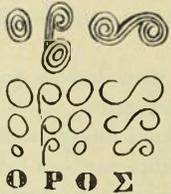
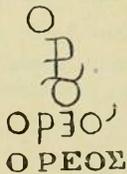



Fig. 1.060

Reconhecidas, nas presentes figuras, omissões de traços, aliás necessarios á regular interpretação, deliberámos estudal-as de viso, o que levámos a effeito. O resultado comparativo e o nosso modo de ver, daremos adiante, detalhadamente, antes de terminar o presente capitulo, com muitas outras bellas inscripções que encontrámos nas regiões de Puyri e Moura.

Ο Ρ Ο Σ
Fig. 1.061

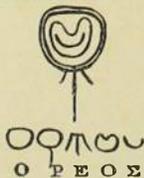
Dicc. Gr. cit., p. 1.009 — Ορος, marco, limite, fronteira, cippo elevado para servir de marco *ou* de monumento, poste com uma inscripção ou um edital; *fig.* prova, indicio de que uma propriedade está hypothecada ou limite que se não deve transpor, alvo, mira, fim, objecto a que se propoz, etc.

ΟΡΟΣ
Fig. 1.062

Ορος. A mesma interpretação precedente.

Ο ΡΕΟΣ
Fig. 1.063

A' mesma pagina, 1.009 — Ορεος. ους (το) montanha, monte; collina, eminencia, cume, altura, elevação qualquer.

Coragem, valor, altivez, etc.

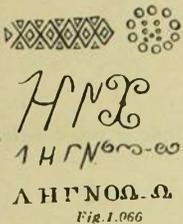
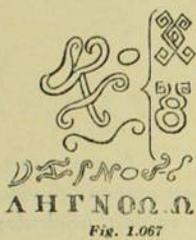
Raiz, Ο'ρνυωι ?

Ο ΡΕΟΣ
Fig. 1.064

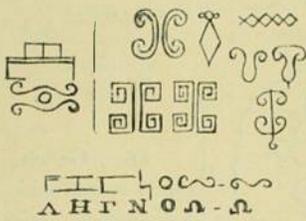
O mesmo que a precedente.

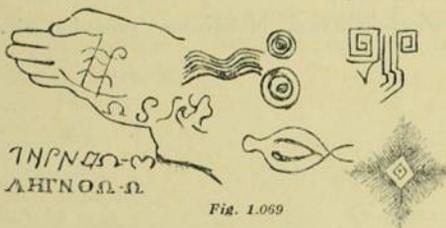
Estas figuras são representadas muitas vezes e de formas mais ou menos differentes ou variadas.

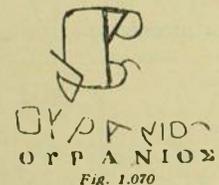
ΔΙΔΑΣ Χ Ω
Fig. 1.065

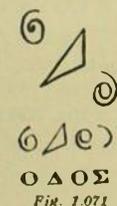
Dicc. Gr. cit. p. 639 — ΔΙΔΑΣΚΩ. f. διδαξω *ou* Att. διδασκήσω (*aor.* εδιδαξα *ou alg. vez. Poet.* εδιδασκησα, *ou raramente* εδαον, *part.* δεδιδαχα *ou Poet.* δεδαηκα. *part. pass.* δεδιδαγμαι, e δεδαημαι, *aor. pass.* εδιδαχθην, *e Poet.* εδαην. *verbal* διδακτεον), 1º, ensinar, instruir, aprender; 2º, fazer representar etc. Διδασκω τι ποιειν. eu ensino a alguem; Διδασκειντα συμφεροντα τους. πολίτας. *Xen.* ensinar ao cidadão quaes são seus deveres, etc. Διδαχή, ης (ή) ensinamento, instrucção, doutrina. R. διδασκω.

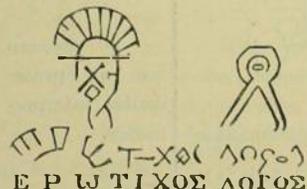
ΛΗΓΝΟΩ-Ω
Fig. 1.066

Dicc. Gr. cit., p. 842 — Λεγνοω-ῶ, f. ωσω, guarnição d'uma franja, d'uma bordadura ou cercadura, etc. R. Λεγνον, franja, bordadura, cercadura, etc.

ΛΗΓΝΟΩ-Ω
Fig. 1.067

A mesma interpretação precedente.

ΛΗΓΝΟΩ-Ω
Fig. 1.068

A mesma interpretação precedente.

ΛΗΓΝΟΩ-Ω
Fig. 1.069

A mesma interpretação precedente.

ΟΥΡΑΝΙΟΣ
Fig. 1.070

Dicc. Gr. cit., p. 1.020 — Οὐράνιος, α, *ou* ος, ον, celeste, do céo; dirigido para o céo; *fig.* admiravel, maravilhoso, prodigioso, etc.

ΟΔΟΣ
Fig. 1.071

Dicc. Gr. cit., p. 967 — Οδος, οῦ (ἡ) — Rumo, direcção, guia de marcha, caminho, viagem, *algumas vezes*, provisões de viagem, *ou fig.* via, meio, maneira, methodo, processo, doutrina, systema, etc.

ΕΡΩΤΙΧΟΣ ΛΟΓΟΣ
Fig. 1.073

Dicc Gr. cit., p. 593 — Ερωτιχος, η, ον, erotico, amoroso, de complecção amorosa, *alg. vez.* amavel, que inspira amor?, avido de, apaixonado por, etc.

Λογος — p. 861, mais adiante descripto. Assim temos a phrase: Ερωτιχος λογος, tratado de amor, obra ou discurso sobre o amor, etc.

ΕΡΩΤΙΧΟΣ ΛΟΓΟΣ

ΧΟΣ ΛΟΓΟΣ

Ε ΡΩΤΙΧΟΣ ΛΟΓΟΣ

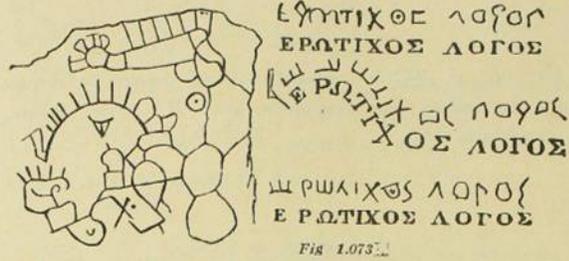



Fig. 1.073

O mesmo que a precedente.

ΛΟΓΙΟΩΤΕΡΟΣ

ΛΟΓΙΟΩΤΑΤΟΣ

Fig. 1.074

Dicc. Gr. cit., p. 860 — ΛΟΓΙΟΣ. α, ον — (comp. ώτερος, *super.* ώτατος), sabio na arte da palavra; eloquente; que preside á eloquencia; *falando de Minerva*: douto, erudito, prudente; que escreve em prosa, etc. ‖

Subst. (6) orador; dialectico, historiador, prosador, etc.

ΛΟΓΙΟΩΤΕΡΟΣ

Fig. 1.075

ΛΟΓΙ ΟΩΤΕΡΟΣ

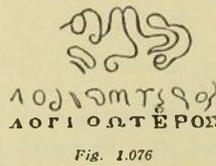



Fig. 1.076

O mesmo que a precedente.

ΛΟΓΙΟΩΤΑΤΟΣ

Fig. 1.077

ΛΟΓΙΟΩΤΑΤΟΣ

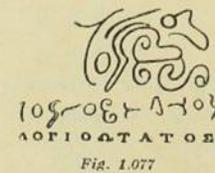
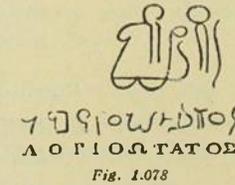



Fig. 1.078

O mesmo que a precedente.

ΛΟΓΙΟΩΤΕΡΟΣ

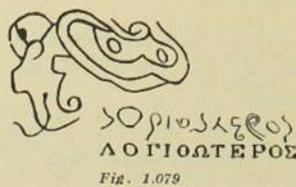



Fig. 1.079

O mesmo que a precedente.

ΛΟΓΙΟΩΤΕΡΟΣ

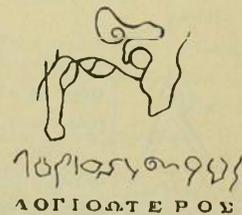
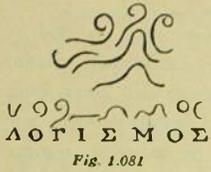
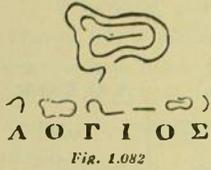



Fig. 1.080

O mesmo que as precedentes interpretações.

ΛΟΓΙΣΜΟΣ
Fig. 1.081

Dicc. Gr. cit., p. 860 — Λογισμός, οῦ (ὁ), calculo, conta, entrega de contas; raciocinio, argumento; reflexão; syllogismo; razão, bom senso, etc.

ΛΟΓΙΟΣ
Fig. 1.082

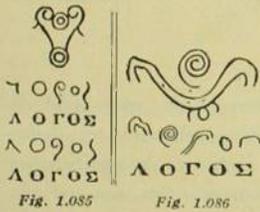
Dicc. Gr. cit., p. 860 — Λόγιος, α, ον, etc. sobrio na arte da palavra, etc., como precedentemente.

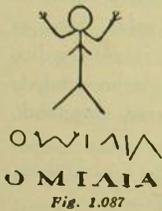
ΕΔΡΑΣ
Fig. 1.083

Dicc. Gr. cit., p. 425 — Ἕδρα, ας, (ἡ), séde, logar, *alg. vez.* logar de honra; acção de sentar-se ou estar sentado; sessão, reunião, residencia, domicilio, habitação; fundamento, base, etc.

ΕΔΡΑΣ
Fig. 1.084

O mesmo que a precedente.

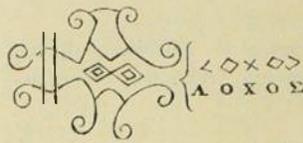
ΛΟΓΟΣ
ΛΟΓΟΣ
Fig. 1.085

ΛΟΓΟΣ
Fig. 1.086

Dicc. Gr. cit., p. 861 — Λόγος, ου (ὁ): 1°, palavra, linguagem; o que se diz; 2°, discurso, *particularmente* discurso em prosa, *donde por ext.* prosa; *alg. vez.* dissertação, tratado, livro, obra, proverbio; 3°, palestra, conferencia; 4°, boato, rumor, nomeada, noticia; 5°, estylo, exercicio de estylo, *donde no pl.*, estudamos, bellas lettras; 6°, razão, o que distingue o ser pensante, intelligencia; 7°, raciocinio, opinião, aviso; 8°, razão, causa, motivo; 9°, conta, calculo, computo; 10°, attenção, estima, apreço; 11°, relação, proporção; 12°, *eccles.*, o Verbo, o Filho de Deus, etc.

ΟΜΙΛΙΑ
Fig. 1.087

Dicc. Gr. cit., p. 985 — Ὁμιλία, ας (ἡ) reunião, assembléa, *muitas vezes*, companhia, sociedade; commercio intimo com alguem; relação d'um amigo com outro, d'um escolar com seu mestre; convenção, ensinamento, lição, etc.

ΛΟΧΟΣ

ΣΕΛΗΝΗ

Fig. 1.088

Dicc. Gr. cit., p. 864 — ΛΟΧΟΣ ου (ὁ), emboscada, cilada, corpo commandado para uma emboscada, destacamento, *por ext.* corpo de exercito, *muitas vezes*, companhia de soldados de infanteria, ou esquadra, flotilha, frota, etc. Σελήνη, já muitas vezes definida.

ΛΟΧΟΣ Como a precedente.

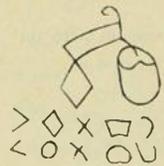



Fig. 1.089

ΛΟΧΟΣ Como a precedente.

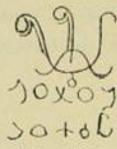



Fig. 1.090

ΛΟΧΟΣ Como a precedente.

Fig. 1.091

ΛΟΧΟΣ Como a precedente.

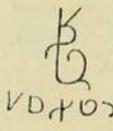



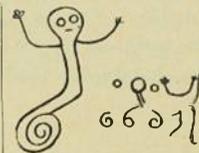
Fig. 1.092

ΟΡΟΣ

Fig. 1.093

Dicc. Gr. cit., p. 1.009— Ορος, ου (ο). marco, limite, fronteira, cippo elevado para servir de marco ou de monumento, poste com uma inscripção ou um edital; *fig.* prova, indicio de que uma propriedade está hypothecada, ou limite que se não deve transpôr, etc.

ΟΡΟΣ Como a precedente.

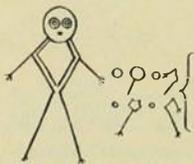



Fig. 1.094

ΟΡΟΣ Como a precedente.

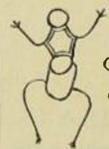



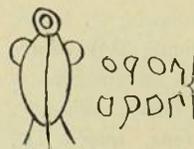
Fig. 1.095

ΟΡΟΣ Como a precedente.

Fig. 1.096

Assim interpretada essa serie de inscripções, paleographicamente, deduzimos palavras e phrases de significações claras e harmonicas, com um periodo circumscripto á chronologia, estudada pelos factos que viemos precisando.

Segundo o systema cheio de subterfugio, que de muito vem sendo empregado, de considerar-se apocrypha toda inscripção, de se lhe dar autoria indigena, sem valor, ou ainda, qualidade de comesinho phenomeno natural, seria possivel que estas, como as demais inscripções, tivessem identica sorte. Mas esse recurso indecoroso já está sediço e não mais prevalecerá, diante de tantas provas em contrario e para a moralidade da propria sciencia, que vêm sendo deturpada, por consciencias ardilosas que, simulando uma inexplicavel ingenuidade, vêm recorrendo ao citado expediente.

Sirva-nos de orientação essa nomenclatura de palavras, de etymologias e caracteres, estudados e interpretados, para uma cogitação ou emprehendimento iconographico.

Sigamos o exemplo do permanente Congresso Egyptologo, que chegaremos por fim a um resultado real e completo, da decifração de nossa valiosissima epigraphia prehistorica.

Além de outros Estados da União, o do Amazonas, por si, segundo o Congresso Latino-Americano de 1905, § V, ps. 230 a 233, "contém as mais curiosas inscripções, onde um povo certamente anterior ás tribus selvagens da *éra historica*, as pintou, desenhou ou gravou em rochedos e pedras". Esta verdade, aliás, é confirmada pela grande variedade de exemplares, que ora offerecemos na presente obra.

É racional, que, da immensa quantidade de inscripções espalhadas em nosso Continente, não se poderá exigir uma fiel uniformidade e exacta execução ou lucidez de traços, porque seria exigir que todos os nossos actuaes escriptores tivessem uma facil, correcta e clara escriptura. Escrever sobre o papel como hoje, é naturalmente mais facil e menos trabalhoso, que gravar em um rustico e rigido blóco de pedra, segundo o systema de então.

Os escriptos e mesmo as assignaturas dos homens mais notaveis ou scientistas modernos, quasi geralmente, primam por difficil comprehensão: não se lêm, decifram-se. É justamente o que se dá com certas inscripções, aggravadas ainda pela acção destruidora exercida pelo tempo e pela vetustez de suas execuções e que se deve levar em conta nos estudos epigraphicos.

Além destas circumstancias, já dissemos, nem sempre as copias correspondem ao natural, por muitas causas, como ora acontece, com as inscripções que acabámos de interpretar. Muitas deixámos de parte, ou porque se resentem destas irregularidades determinadas pela symetria a observar na paginação da estampa, á qual nos reputámos, ou ainda porque foram englobadamente desenhadas ou gravadas.

É que não foram observadas as proporcionalidades, como tivemos occasião de evidenciar, de alguns originaes, e, ainda mais, os caracteres principaes soffreram graves omissões.

Entretanto, pode-se considerar finalmente fructo de um grande esforço, a obtenção desses exemplares, muitas vezes bem difficeis de photographar ou desenhar.

*

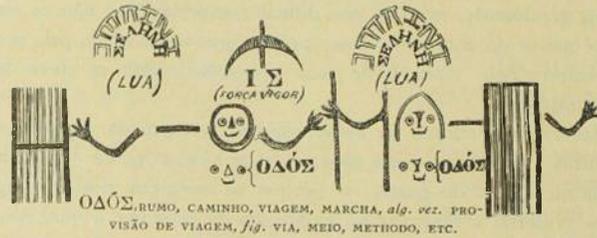
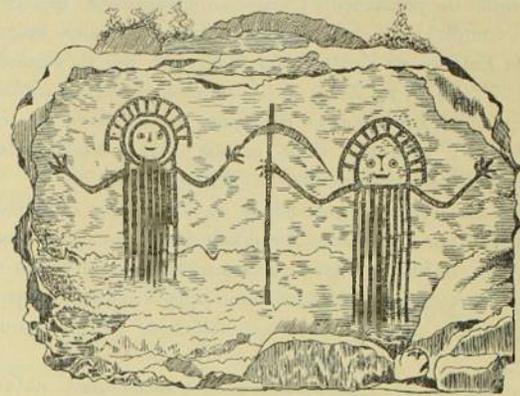
Desobrigando-nos do que ficou dito com referencia á fig. 1.060, passamos a dar o respectivo desenho. Facil é averiguar a disparidade entre o que ora offerecemos e aquelle, quanto a traços. Sob o ponto de vista de antiguidade, não resta duvida que não é recente a execução e sim alcança a éras prehistoricas; portanto, não será uma supposta imagem de Santa Rita de Cacia, padroeira ainda hoje de Moura, outr'ora Itárendaua (pedreira) e nem de *Puyri* (remexido) primeiramente, *Iurupari puracetaua* (terra da dança do diabo).

As artisticas figuras em questão, formadas de caracteres lineares e figurativos do primitivo grego, e uma outra que se encontra esculpida sobre o blóco á direita, com as mesmas dimensões de $1^{m},40$, mais ou menos, de altura, encerram as palavras ΣΕΛΗΝΗ Ε ΗΛΙΟΣ (LUA-SOL), divindades gregas, engenhosamente executadas.

Além destas figuras, muitas outras encontrámos, ás quaes seguidamente mencionaremos. São acompanhadas de suas interpretações, muito interessantes, dando-nos vagas noticias do importante papel que este pittoresco local representou em éras prehistoricas.

ΣΕΛΗΝΗ (LUA)

ΙΣ (FORÇA VIGOR)

ΣΕΛΗΝΗ (LUA)

ΟΔΟΣ

ΟΔΟΣ

ΟΔΌΣ, RUMO, CAMINHO, VIAGEM, MARCHA, *alg. vez.* PROVISÃO DE VIAGEM, *fig.* VIA, MEIO, METHODO, ETC.

Η Λ Ι Ο Σ (sól) Η Λ Ι Ο Σ

Fig. 1.097 — Inscripção de Puyri

ΣΕΛΗΝΗ

ΟΔΟΣ

Σ Ε Λ Η Ν Η

Fig. 1.098 — Inscripção de Puyr.

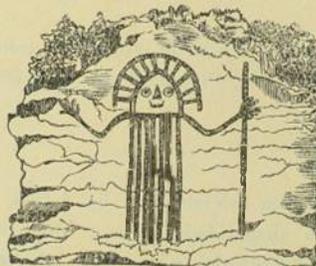
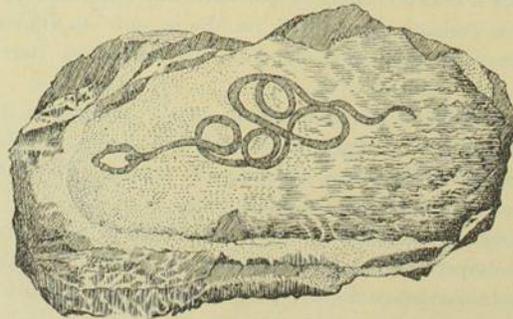
Ρ Ο Ο Σ - Ο Υ Σ

"Ρόος — οῦς, *gen* ῥόου — ου, curso, fluxo, effusão; curso d'agua, ribeira, regato *ou fig.* curso das cousas, da vida, do tempo, etc.

Fig. 1.099 — Bloco ao lado direito das figs. precedentes, de Puyri

ΣΙΤΙΑ ΗΛΙΧΟΣ ΛΆΒΡΩΣ ΔΙΌΣ

Fig. 1.100 — Inscripção de Puyri

ΔΙΌΣ, *gen.* *de* Ζεύς, JUPITER.

Σιτία, alimentos, viveres, provisões, *ou simplesm.* iguarias, comidas, etc. R. σιτος.

Ηλιχος, tão grande; quanto grande etc. . .

Λάβρως, *adv.* rapidamente, im petuosamente, etc. R. λάβρος.

JUPITER. ALIMENTOS, VIVERES, TÃO GRANDE QUANTO PROMPTAMENTE.

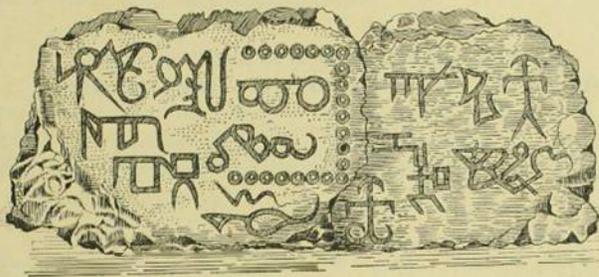



Fig. 1.101 — Pequena ilha de pedra fronteira a Puyri. Bloco com muitas faces

1ª FACE

ΛΟΓΑΔΕΣ — Λογάδες, escolhido, reunido, congregado, distincto: da elite, etc. R. λεγω.

ΛΟΓΕΓΣ — Λογεύς, prosador, *alg. vez.* orador, falador. R. λέγω.

ΒΙΟΣ — Βίος, vida, viver, subsistencia, bens, fortuna, a humanidade, a sociedade; a civilisação? maneira de viver, estado, condição, conducta, etc.

ΙΔΙΟΣ — Ἴδιος, proprio, particular, singular, especial; tomada no proprio sentido, que é do dominio privado, etc.

ΛΟΓΟΣ | Λόγος, palavra, linguagem, o que se diz, discurso, dissertação, tratado, narração, etc.

ΟΛΒΟΣ | Ὄλβος, contentamento, felicidade, fortuna, riqueza, etc.

ΙΣ | Ἶς, fibra, nervo, *Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

ΔΪΟΣ | *Δῖος. *Poet.* divino, *dá-se muit. vez. por epitheto aos deuzes e aos heroes*; divino, isto é, excellente, admiravel, prodigioso, etc.

RESUMO :

ΛΟΓΑΔΕΣ ΛΟΓΕΥΣ
ΒΙΟΣ ΙΔΙΟΣ ΛΟΓΟΣ ΟΛΒΟΣ ΙΣ ΔΪΟΣ:

ESCOLHIDO ORADOR
A VIDA EM SINGULAR DISSERTAÇÃO: FELICIDADE, RIQUEZA, FORÇA E VIGOR DIVINO

*

2ª FACE

ΕΡΑ | † Ἔρα, ας *Gloss.* terra.

ΔΙΑ | Δια, *acc. de* Ζεύς, *gen.* Διός, JUPITER.
Νὴ Δία, por Jupiter, Οὐ μὰ Δία, não por Jupiter.

ΣΙΤΙΑ | Σιτία, ων, alimentos, viveres, provisões, *ou simpl.* iguarias, manjar, comida. R. σῖτος.

ΗΛΙΧΟΣ | Ἥλιχος quanto grande, tão grande *ou* tão pequena que, tal que, da mesma idade que, etc.

ΛΑΒΡΩΣ | Λάβρως. *adv.* rapidamente, avidamente, impetuosamente, violentamente. R. λάβρος.

ΕΡΑ ΔΙΑ ΣΙΤΊΑ ΗΛΊΧΟΣ ΛΑΒΡΩΣ

TERRA DE JUPITER
ALIMENTOS, IGUARIAS, MANJAR, TÃO GRANDE QUANTO RAPIDAMENTE

ΣΙΤΟΣ | Σῖτος, trigo, grão de trigo, *por ext.* pão, *e mais seg.* alimento, viveres; *alg. vez.* pensão alimentar, etc.

"ΙΣ. *gen.* ἰνός. fibra, nervo *por ext.* *Poet.* força, vigor, *alg. vez.* impetuosidade.

Ι Σ Ο Σ Ι Σ

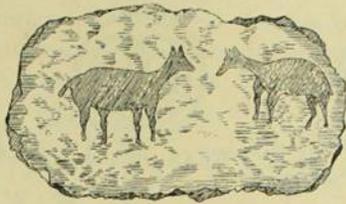



Fig. 1.102 — Inscripção concava de Puyri

'Ισος. *ou poet.* ἶσος: igual, junto, igual unido, plano, justo, equitativo, etc.

Ι Σ Ι Σ Ο Σ

São estas as inscripções de Puyri, que pudemos desenhar ligeiramente e com algum esforço. De outras mais, restam apenas traços muito apagados.

Foi por esta circumstancia, que a photographia não as reproduziu com nitidez. e que porém acabamos de conseguir é elemento bem valioso. Vamos unil-o ao de Moura, O deste passamos a tratar, para mais ampliar o nosso fim.

INSCRIPÇÕES DO LITTORAL DE MOURA

Sobre um colossal blóco de pedra, ao lado esquerdo do littoral de Moura, encontram-se esculpidas as seguintes figuras, cujo conjuncto, disposto em linha recta, tivemos de desmanchar, pela conveniencia das interpretações de que as fazemos acompanhar, conservando comtudo, na exposição, a ordem em que se acham.

Ο Σ Ι Ο Σ

Fig. 1.103

ΣΌΟΣ

Fig. 1.104

Α Σ Σ Ο Τ Ε Ρ Ο Σ

Fig. 1.105

Ο Ρ Ε Ο Σ Ι Σ

Fig. 1.106

Ο Ρ Ο Σ Σ Ο Ε Ρ Ο

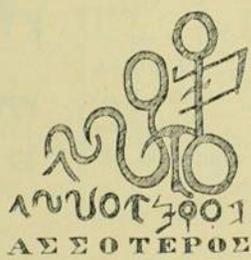
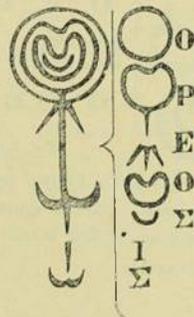
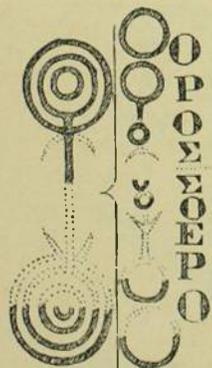



Fig. 1.107

— "Οσιος, conforme as leis da religião, permittido e não prohibido por ella, etc.

— "Σόος, são e salvo, inteiro, que subsiste ou sobrevive, etc.

— "Ασσότερος, *Poet.* mais proximo, mais visinho, etc.

— "Ορεος, montanha, monte, collina, altura; *por ext.* elevação qualquer, etc.

— "Ορος, fim, limite, fronteira; cippo elevado para servir de monumento; limite que se não deve transpor, etc.

"Ο Ρ Ε Ο Σ

"Ο Ρ Ο Σ

Fig. 1.108

"Ο ΡΕΟΣ

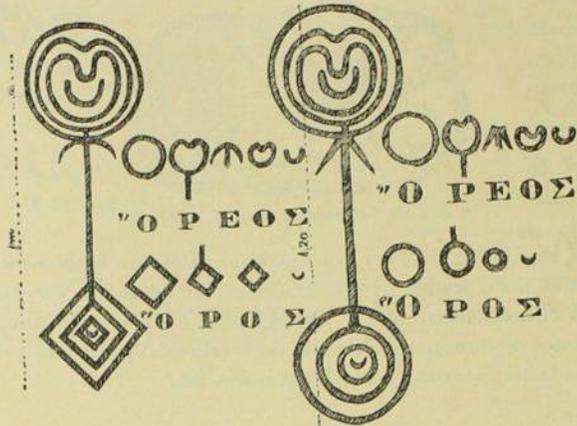
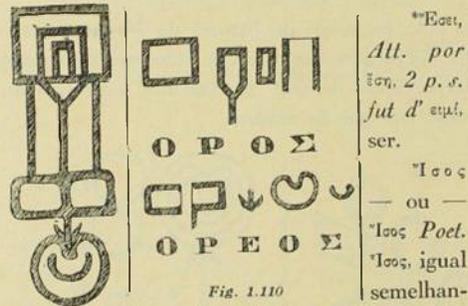
"Ο ΡΟΣ

Fig. 1.109

Ο Ρ Θ Σ

Ο Ρ Ε Ο Σ

Fig. 1.110

*"Εσει, *Att.* por ἔσῃ, *2 p. s. fut d'* ειμί, ser.

"Ισος — ou — "Ισος *Poet.* "Ισος, igual semelhante, igual unido, plano, justo, equitativo, Ισον μέ ρος, *Aristt.*, partes iguaes, etc.

RESUMO: ΕΣΕΙ ΙΣΟΣ — SER UNIDO, JUSTO E EQUITATIVO.

Ε Σ Ε Ι

Fig. 1.111

Ι Σ Ο Σ

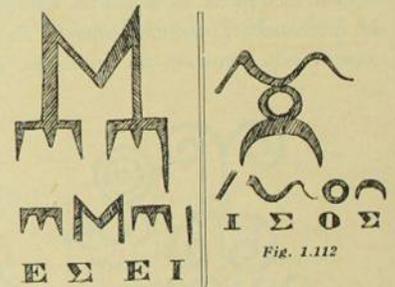



Fig. 1.112

OUTRAS INSCRIPÇÕES DO MESMO LOCAL

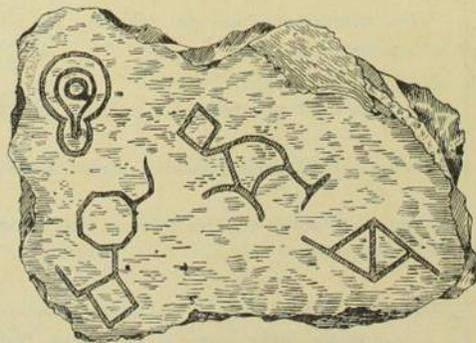



Fig. 1.113

—Ὅρος, limites, fronteira, etc. Ὁσιας, rito, ceremonia religiosa, *especialm.* exequias, funeraes, o que é permittido pelas leis divinas; justiça divina, *ou simplesmente*, direito, justiça, legalidade, cousa permittida, *alg. vez.* desencargo de consciencia, o que se faz pela forma, etc. —Ὅσιος, conforme as leis da religião; permittido ou não por ella prohibido —Ἴθι, *2 p. s. imper.* d'εἶμι, ir. || *Como interj.* vamos! coragem! etc.

O Ρ Ο Σ — Ο Σ Ι Α Σ — Ο Σ Ι Ο Σ — Ι Θ Ι

Desta inscripção poder-se-á deduzir o pensamento seguinte:

LIMITES, DIREITO, LEGALIDADE, CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, VAMOS! CORAGEM!

Ι Θ Ι

ΙΘΙ. VAMOS! CORAGEM!

Fig. 1.114

Ψ Ι Ε Ι Σ

Gloss.

FELIZ AFORTUNADO

Fig. 1.115

Ψ Η Ψ Ι Δ Ο Σ

Ψηφῖδος, pequeno calhão, seixo; pedra pequena que entra na composição d'um mosaico; pedra preciosa, etc.

Fig. 1.116

Fig. 1.117

Ο Σ Ι Ο Σ — Ο Σ Ι Α Σ

— Οσιος, Οσιας, Ισος, são palavras já conhecidas.

Ο Σ Ι Α Σ

Ι Σ Ο Σ

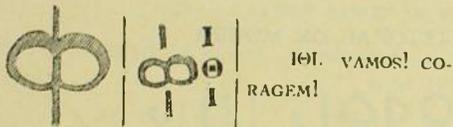
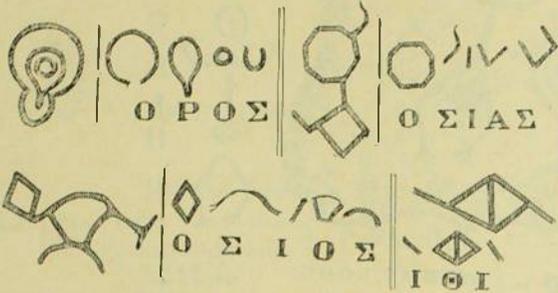
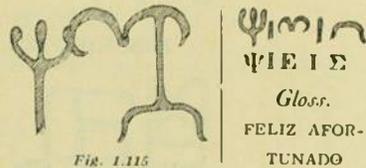
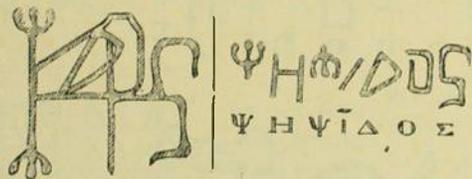



Fig. 1.118

Além destas inscripções muitas ainda existem neste local, mas só apparecem nas grandes vasantes.

Σ O O Σ

Σ I O Σ

Fig. 1.119

O P E O Σ | ΟΡΕΟΣ, ΣΟΟΣ. ΟΣΙΟΣ. ΟΔΟΣ. palavras já definidas. | Ο Δ Ο Σ

INSCRIPÇÕES DO LITTORAL DE MOURA

O P O Σ

O P O Σ

O P O Σ

Fig. 1.120

O P O Σ

O P O Σ

O P O Σ

O P O Σ

Fig. 1.121

Fig. 1.122

Fig. 1.123 — Inscripção ao lado esquerdo do porto de desembarque de Moura

ΣΙΟΣ ΣΙΟΣ

Σιός, *Laced.* p. Θεός, Deus, o Ser supremo, etc. R. Θεάομαι ?

ΙΣ

Ἴς, *gen.* ἰνός, fibra, nervo, *por ext Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc. Ἴς Ἡρακλῆος *ou* Ἡρακληείη, *Hom.* a força de Hercules.

ΟΣΙΟΣ

Ὅσιος, confrome as leis da religião, etc., permittido pela religião *ou* não prohibido por ella, etc.

ΙΣ

ΙΣ, *Poet.* força, vigor, etc., como precedentemente.

ΟΣΙΑΣ

Οσίας, rito, o que é permittido pela lei divina, etc., justiça divina, direito, justiça, legalidade, etc.

INTERPRETAÇÃO:

ΔΙΟΣ! ΔΙΟΣ! ΙΣ ΟΣΙΟΣ ΙΣ ΟΣΙΑΣ

DEUS! DEUS, FORÇA, VIGOR, CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO E FORÇA, VIGOR DO DIREITO E DA JUSTIÇA

ΟΣΙΑΣ

Οσιας, rito, o que é permittido pelas leis divinas, direito, justiça divina, etc.

ΑΙΑ

Δία, *acc. de* Ζεύς *gen.* Διός JUPITER. Νὴ Δία, por JUPITER, etc.

ΒΙΟΣΣΟΟΣ

Βιοσσόος, *Poet.* que salva a vida.

INTERPRETAÇÃO:

ΟΣΙΑΣ ΔΙΑ. ΔΙΑ ΒΙΟΣ ΣΟΟΣ.

JUSTIÇA DIVINA É JUPITER, JUPITER QUE SALVA A VIDA

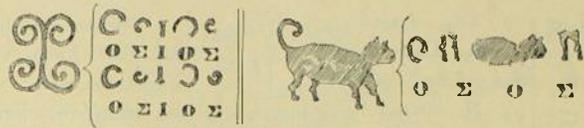
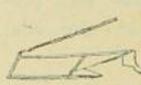
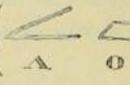
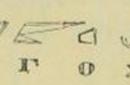
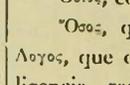
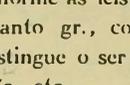
ΟΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ΒΙΟΣ

Ὅσιος, conforme as leis da religião, etc. *Δῖος, *Poet.* divino, *alg. vez.*, prodigioso. Βίος, vida, viver, subsistir; fortuna, estado, condição, etc.

INTERPRETAÇÃO:

ΟΣΙΟΣ ΔΙΟΣ ΒΙΟΣ

CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO É PRODIGIOSO VIVER

Ο Σ Ι Ο Σ
Ο Σ Ι Ο Σ

Ο Σ Ο Σ

Λ Ο Γ Ο Σ

Οσιος, conforme as leis da religião, etc. Ὅσος, quanto gr., consideravel, etc. Λογος, que distingue o ser pensante, intelligencia, razão, etc.

INTERPRETAÇÃO:

ΟΣΙΟΣ ΟΣΟΣ ΛΟΓΟΣ

CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, TÃO GRANDE QUE DISTINGUE O SER PENSANTE E A RAZÃO

OUTRAS INSCRIPÇÕES DO LITTORAL DE MOURA

Ο Ρ Φ Σ

Οpος. palavra por vezes repetida.

Fig. 1.124

Σ Ι Ο Σ

†Σιός *Laced.* v. Θεός.

Fig. 1.125

ΥΓΙΕΙΝ Ο ΤΑΤΟΣ

Fig. 1.126

ΥΓΙΕΙΝΟΤΑΤΟΣ

Fig. 1.127

Σ Ι Λ Λ Ο Σ

Fig. 1.128

Σ Ι Λ Λ Ο Σ

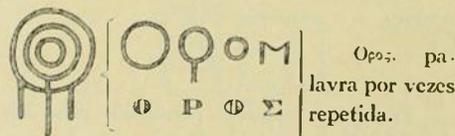
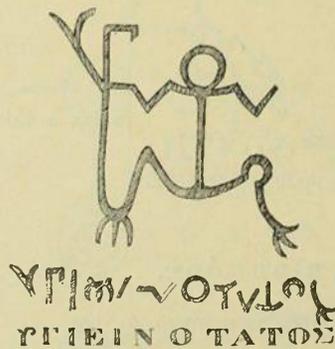
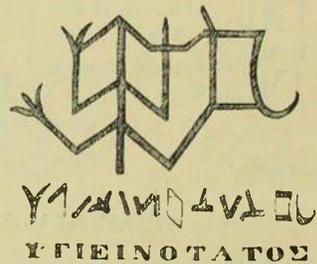
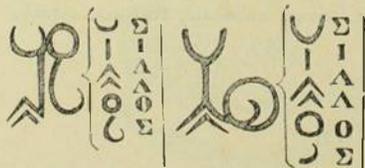
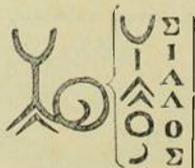
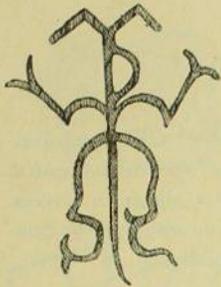



Fig. 1.129

Σίλλος, satyra, poema satyrico; sarcasmo, mofa, zombaria, etc.

ΥΓΙΕΙΝΟΤΑΤΟΣ

Ὑγιεινοτατος, são, que contribue para saúde, salubre, hygienico, são, vigoroso. Ταυγεινά, preceito de hygiene.

Fig. 1.130

ΟΣΙΟΣ

ΟΣΙΑΣ

ΟΔΙΟΣ

ΟΔΟΣ

ΣΙΤΟΣ

ΣΟΟΣ

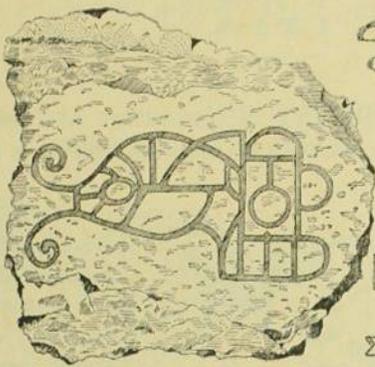



Fig 1.131 — Inscripção do littoral de Moura

Οσιος, Οσιας Σιτος Σόος, são palavras conhecidas.

*ΟΔΙΟΣ, *Poet.* que é d'um feliz augurio para a viagem; que proteje ao viajante. R. ὁδος.

'ΟΔΟΣ, rota; caminho; viagem; marcha; *alg. vez.* provisões de viagem: *fig.* vista, meio, maneira, methodo, proceder, doutrina, systema e *alg. vez. por ext.* rito.

INTERPRETAÇÃO:

ΟΣΙΟΣ, ΟΣΙΑΣ, ΟΔΙΟΣ ΟΔΟΣ ΣΙΤΟΣ ΣΌΟΣ:

CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, A JUSTIÇA DIVINA PROTEGE O VIAJANTE EM MARCHA COM VIVERES, SÃO E SALVO

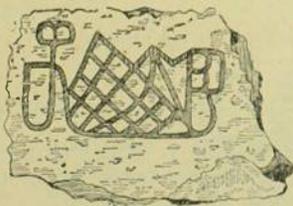



Fig. 1.132

INTERPRETAÇÃO:

ΒΙΟΣ ΟΣΙΟΣ ΟΣΙΑΣ ΣΟΟΣ. ΟΣΟΣ ΙΣΟΣ ΔΙΑ ΒΙΟΣ:

VIVER SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO E O RITO POR ELLA PERMITTIDO É SÃO E SALVO. QUANTO GRANDE E JUSTO É JUPITER PARA A HUMANIDADE !

Σ Ι Τ Η Ρ Ε Σ Ι Ο

Σ Ι Τ Ι Α

†Σιτηρέσιος *Gloss.*, que concerne aos aprovisionamentos. — Σιτια, alimento, viveres, provisões *ou simplesmente* iguarias, comestiveis. R. Σῖτος.

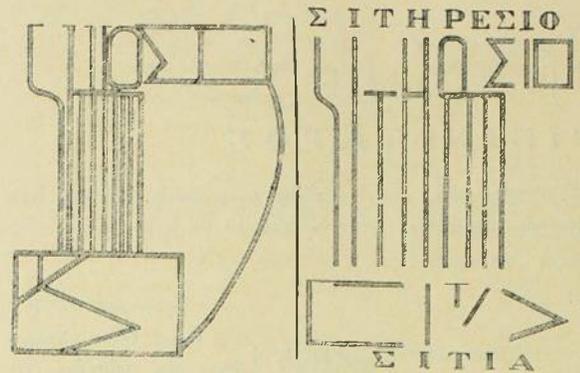



Fig. 1.133

INTERPRETAÇÃO:

ΣΙΤΗΡΕΣΙΟΣ ΣΙΤΙΑ

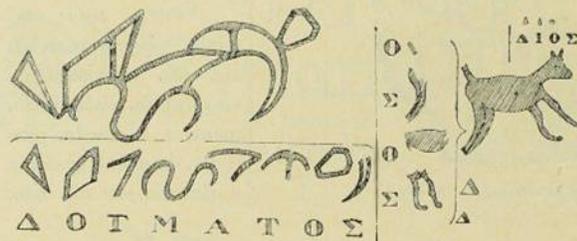
QUE CONCERNE AOS APROVISIONAMENTOS DE ALIMENTOS, VIVERES E IGUARIAS

Δ Ο Γ Μ Α Τ Ο Σ

Fig. 1.134

Δ Ι Ο Σ

Fig. 1.135

Δόγμα, ατος, Δογματος, aviso, resolução, decreto, decisão; dogma, ponto de doutrina; dogma *ou alg. vez.* rito religioso; axioma, pensamento, sentença, etc.

— Οσος, quanto-grande, quanto consideravel, tão consideravel e grande quanto, etc. — Διός, *gen. de* Ζεύς, JUPITER.

INTERPRETAÇÃO:

ΔΟΓΜΑΤΟΣ: ΟΣΟΣ ΔΙΌΣ

DOGMA: TÃO GRANDE QUANTO JUPITER

ΣΙΟΣ ΣΙΟΣ ΣΟΟΣ ΟΣΟΣ ΟΣΟΣ

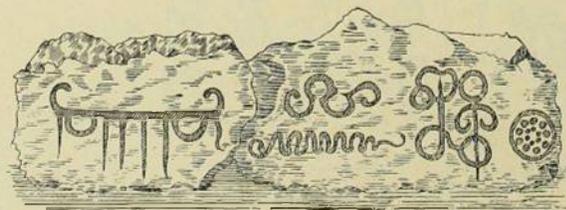
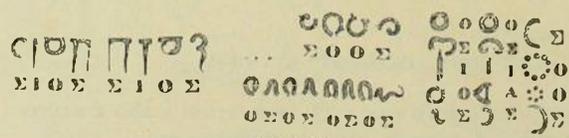
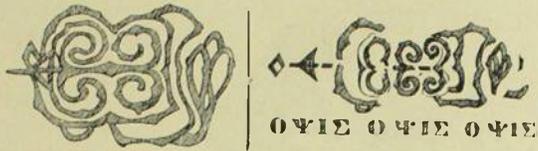



Fig. 1.136

INTERPRETAÇÃO:

ΣΙΟΣ! ΣΙΟΣ, ΣΟΌΣ ΟΣΟΣ ΟΣΟΣ, ΟΣΙΟΣ ΟΣΙΑΣ ΣΟΟΣ:

DEUS! DEUS, SUBSISTE TÃO GRANDE E CONSIDERAVEL SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO, SÃO E SALVO

ΟΨΙΣ ΟΨΙΣ ΟΨΙΣ

Ὄψις, vista, acção de ver, *ou* o sentido da vista; o que se vê, espectaculo, visão, apparição, aspecto, caretas, figura, visagem, espectros, etc.

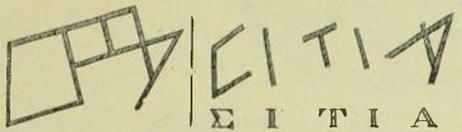
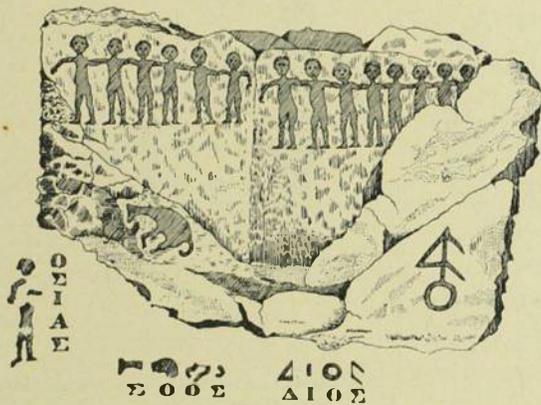



Fig. 1.137

ΣΙΤΙΑ

Σιτία, alimento, viveres, provisões *ou simplesmente*, iguarias, comestiveis. R. Σῖτος.

Fig. 1.138

INSCRIPÇÕES DA PITTORESCA ILHA DE URUPANAQUE, ACIMA DE MOURA POUCAS HORAS DE VIAGEM

ΟΣΙΑΣ

ΣΟΟΣ ΔΙΟΣ

Ὁσία, ας, rito *ou* ceremonia religiosa *e especialmente*, exequias, funeraes; *mais seg.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina *ou simplesm.*, direito, justiça, legitimidade, cousa permittida; *alg. vez.* desencargo de consciencia, o que se faz pela forma, etc.

Fig. 1.139

INTERPRETAÇÃO:

ΣΌΟΣ ΔΙΌΣ: QUEM SUBSISTE É JUPITER

ΙΣΟΣ

ΔΙΟΣ

Fig. 1.140

INTERPRETAÇÃO:

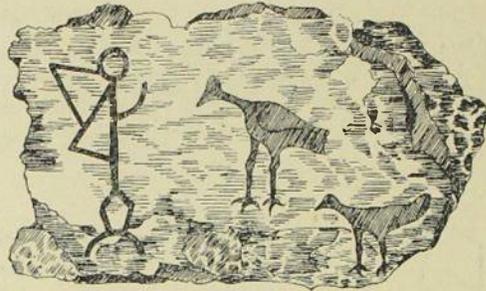
ΙΣΟΣ ΔΙΌΣ: JUSTO E EQUITATIVO JUPITER

ΔΙΌΣ | ΔΙΌΣ | ΔΙΌΣ | ΔΙΌΣ
JUPITER | JUPITER | JUPITER | JUPITER

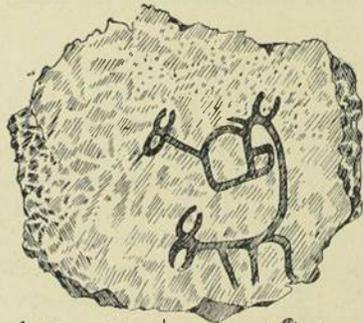
Fig. 1.141

Ο Σ Ι Ο Σ | Ι Σ Ο Σ | Θ Σ Ι Α Σ

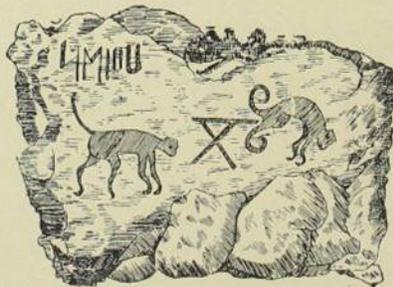
Fig. 1.142

INTERPRETAÇÃO:

SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO:
JUSTO E UNIDO
AO DIREITO E Á LEGALIDADE

Σ Ο Ρ Ο Σ

Fig. 1.143

Σορός, urna onde se resguardam os ossos dos mortos, urna cineraria; *por ext.* sarcophago, ataúde, tumba; *Comic.* velha pessôa decrepita, etc. R. σωρός.

ΑΙΣΙΟΣ, feliz, favoravel, de bom augurio. *Poet.* justo, conveniente. R. αἶσα.

Ι Σ Ο Σ Α Ί Α Ο Σ Ο Σ

Fig. 1.144

INTERPRETAÇÃO: QUANTO JUPITER É JUSTO, EQUITATIVO E GRANDE!

Já vimos, pois, que para execução de um methodico trabalho, de desenhar ou photographar estas inscripções, é indispensavel muito cuidado e paciencia de quem se occupa deste arduo labor.

O sabio dinamarquez Niebuhr, a quem se deve o primeiro conhecimento exacto das inscripções de Persepolis, foi victima, depois de um mez de fatigante trabalho, da infermidade de olhos, que o forçou a deixar incompleta a sua genial obra.

CAPITULO XIV

As inscripções do Morro da Gavea

É incontestavel que as inscripções lapidares, desde remotas eras, apesar de seu laconismo, vêm merecendo cuidadosa attenção por parte dos archeologos, e que têm originado suas interpretações, muitas luzes sobre a Historia Universal.

As que ora constituem o presente trecho parecem ser das mais valiosas do Brasil, e apenas, vamos sobre ellas emittir a nossa opinião, no sentido paleographico e historico.

Como preliminar, seja-nos licito ouvir Vigouroux, [1] em assumpto muito analogo:

"Ninguem pensava ainda na Europa desvendar o segredo dos hieroglyphos, quando se procurava adivinhar o sentido mysterioso das escripturas cuneiformes da Asia antiga.

Entretanto, a obra da decifração do Assyrio não devia ser conhecida, senão muitos annos depois da do Egypcio. Em 1847 estava-se tão adiantado, que sabios pensavam que Cyro e Nabuchodonosor podiam bem ser a mesma personagem. [2]

Aos escriptos de Ninive e da Chaldéa faltou um Champollion, para nos fazer penetrar de um só golpe na comprehensão de seus signaes bizarros, cujo aspecto desorienta ainda mais o linguista, que os hieroglyphos dos templos e dos obeliscos egypcios; estes ao menos falam á vista com suas imagens tão exactas e tão claras, emquanto os traços horizontaes e verticaes da Persia e da Syria, apenas offerecem a percepção complexa, sem ponto algum que fixe, excite a attenção, a sustenha ou lhe dê um cunho de estabilidade. [3]

---

(1) La Bible et les Decouvertes Modernes, v. I, ps. 133-138, 6ª edition. Paris, 1896.

(2) Theologische Studien und Kritiken, année 1855, p. 367.

(3) Sobre a historia da decifração das escripturas cuneiformes e os factos que a ellas se ligam, veja-se J. Menant: *Les ecritures cuneiformes; Exposé des travaux qui ont préparé la lecture et l'interpretation des inscriptions de la Perse et de l'Assyrie* 2ª edit., Paris, 1864; Vivien de Saint Martin, Ninive, dans le Tour du Monde, année 1863, 1º semestre, t. VII, p. 305 suiv; etc., etc.

Entretanto, foi por processos analogos aos de Champollion, isto é, pelo estudo das inscripções trilingues dos Achéménides encontradas em Persépolis e em Béhistoun, que se chegou emfim a ler a escriptura Assyria, mas depois de longas tentativas infructiferas e foi preciso a collaboração inconsciente de muitas gerações de sabios, para resolver-se finalmente o problema. (1)

A attenção da Europa havia sido attrahida, desde o seculo XVI, para as magestosas ruinas que se observavam na Persia, nos logares onde se suppõe, com razão, haver florescido em outros tempos Persépolis.

Pietro della Valle (1586-1652) publicou em 1621, cinco signaes das inscripções que havia descoberto nestes logares, admittindo a hypothese, justificada depois, de que seria preciso lêl-os da esquerda para a direita. (2) Entretanto, sua publicação permaneceu inapercebida, até que Jean Chardin (1643-1713), em 1674, deu em relação de sua celebre viagem na Persia, uma inscripção completa. (3) Foi então lembrado que Persépolis havia sido construida pelos Achéménides e a esperança de descobrir nas inscripções dos seus rochedos preciosas tradições historicas excitou uma viva curiosidade. Alguns sabios duvidaram então que este complexo de bizarros signaes fosse uma verdadeira escriptura.

Em 1700 Thomas Hyde (1636-1703), autor de *l'Histoire de la religion des anciens Perses et de leur mages*, juntou á sua obra uma dissertação, com o fim de provar que as inscripções cuneiformes de Persépolis não eram uma escriptura, mas sim, uma simples phantasia do architecto, para mostrar como de maneira differente poder-se-iam combinar estes traços em forma de prego. (4)

Em 1762 o antiquario francez de Caylus (1692-1765) descreveu um vaso de Xerxes, sobre o qual se lê o nome deste rei, em tres especies de escripturas cuneiformes, dizendo: "Entre todos os generos de escripturas que offerecem os monumentos antigos, não ha duvida quanto á singularidade dos que se relacionam com as ruinas de Persépolis. As linhas em forma de angulo ou de prego e as linhas successivamente perpendiculares, obliquas e horizontaes, ora cruzando-se, ora reunindo-se em angulo, não apresentam ponto de letra determinada, de maneira que, á primeira impressão, não se encontra alguma semelhança com os caracteres usados entre outros povos. Varios sabios concluem que o complexo bizarro de traços uniformes seriam menos uma escriptura que uma especie de ornamento em uso entre os antigos Persas". (5)

---

(1) «As inscripções trilingues de Persépolis, a primeira vista, as de Béhistoun, depois, foram a base da decifração das cuneiformes. Dá-se tambem a estas inscripções trilingues o nome de Achéménides, porque ellas emanam dos reis desta familia. Designa-se por inscripções ou escriptura da primeira especie as cuneiformes *persas*, da segunda as cuneiformes *mediques*, da terceira as *babylonezes*. Segundo o P. A. J. Delattre em seu sabio trabalho sobre *Le Peuple et l'empire des Mèdes, in* 4º, Bruxelles, 1883, p. 41-42 lingua da 2ª columna não é o *medique*, mas o idioma falado pelo povo d'Anson. Todas as inscripções persas foram resumidas em J. Menant, *Les Achéménides et les inscriptions de la Perse* (historia e traducção franceza), in 8º. Paris, 1872. . . . »

(2) *Viaggi di Pietro della Valle il pellegrino descritti da lui medesimo in Léttere familiari*, 3 in 4º. Rome, 1658-1663, t. II pag. 286.

(3) Chardin, Voyage en Perse et autres lieux de l'Orient, edit. d'Amsterdam, 4 in 4º, 1735, t. II, vis à vis de la p. 167.

(4) "Sunt qui putant necesse esse ut hisce pyramidabilus figuris exprimantur Literae ex quibus aliquae voces conflatae· Me autem judice non sunt Literae, nec pro Literis intendebantur sed fuerunt solius ornatus causâ, in prima Palatii extructione merus lusus primi architecti, qui ludendo tentavit quat figurationes á se invicem diversae á vario talium ductulorum seu escriptulorum situ et diversâ eorumdem positione et compositione oriri passent, etc". *Historia religionis veterum Persarum*, in 4º Oxford, 1700, p. 527; cf., p. 516. Esta passagem não se lê mais na 2ª edição que appareceu depois da morte do autor, porém corregida por elle mesmo, em Oxford, in fº. 1760.

Veja-se p. 546-547. O autor, como havia dito, não insistiu sobre o seu erro refutado por Chardin.

(5) De Caylus, *Recueil d'antiquités egyptiennes*, etc., in 4º. Paris, t. V, 1762, p. 82.

Outros entretanto, estavam convencidos (e tinham razão) de que estes pregos e angulos eram verdadeiros signaes de escriptura. Ninguem tentara ainda, ao menos, a decifração: Kæmfer (1651-1716) (1) e Cornelius von Bruyn (2) se contentaram em reproduzir inscripções novas.

Foi Carsten Niebuhr (1733-1815) o primeiro a emprehender esta ardua tarefa. Copiou elle em 1765, com muito cuidado, as inscripções cuneiformes em seus logares, em Persépolis mesmo (3), entregando-as em seguida ao estudo dos sabios.

Elle reconheceu, por sua vez, que embora aquellas inscripções fossem executadas em forma de angulos ou pregos, eram entretanto reproduzidas em tres escripturas differentes. Notou elle tambem que a escriptura da 1ª especie, composta somente de 42 caracteres, devia ser alphabetica.

Estas supposições tinham fundamento. Da mesma forma que um governador de Bagdad publica hoje suas ordenações em tres linguas: turco, arabe e persa, os antigos reis da Persia publicavam seus editos ou gravavam suas inscripções nas diversas linguas de seus subditos: antigo Persa, antigo Medo, Babylonio ou Assyrio.

Em 1802 o dinamarquez Frederic Munter (1761-1830) emittiu a hypothese de ser a 1ª especie de escriptura, alphabetica, a 2ª syllabica, isto é, exprimindo as syllabas, não os sons distinctos das vogaes e das consoantes, a 3ª ideographica, isto é, exprimindo directamente as ideias e apenas indirectamente os sons, da mesma forma que a escripta chineza. Munter tinha acertado quanto ás duas primeiras especies, sendo menos feliz com relação á 3ª; esta ultima especie é em parte ideographica, é verdade, mas é tambem em sua maior parte syllabica.»

* * *

Nem de outro modo tem acontecido com referencia ás investigações epigraphicas nas duas Americas e em sua parte central, sendo nesta, vantajosamente admiravel o seu progresso.

Frizantes exemplos de tenaz perseverança revelam estas, como resaltam as que acabámos de ver, methodicamente externadas por Vigouroux: trabalhos infructiferos, controversias, conjecturas e enganos, rectificados com paciencia e arduos esforços, até chegar-se a uma conclusão solida e positiva.

Eis o esforço humano, como vem sendo empenhado proveitosamente desde remotas eras aos nossos dias, em pról da causa archeologica, subordinada ás inscripções ou seja á iconographia e á paleographia, reveladoras dos artificios originarios das escripturas e factos historicos de povos da antiguidade, consideravelmente engenhosos. Falam bem alto os seus monumentos e os alphabetos, que muito deram que pensar aos competentes, apesar da vaga affinidade de linguagem, da communhão ou convivio de povos que não muito se distanciavam em patrias ou regiões de origem. Seria de suppor destas circumstancias uma certa facilidade comprehensiva, lendo-se uns pelos outros, os seus caracteres

(1) E. Kæmper *Amœnitatum exoticarum politico physico-medicarum fascicule quinque*, fas. II, relativo V, in 4°, Lengo 1712, p. 331-334.

(2) Cornelle Le Bruyn, Voyages par la Moscovie en Perse et aux Indes Orientales, 5 in 4°. Paris, 1725, t. III. p. 153 Voir ibid., p. 336. Nascido em Haya em 1652, sendo desconhecida a data de sua morte.

(3) "E' a Niebuhr que se deve o primeiro conhecimento exacto das inscripções de Persépolis, trabalhando perto de um mez a copial-as. Por causa de sua elevação só era possivel lel-as quando o sol as illuminava directamente, resultando disto ao sabio dinamarquez terrivel enfermidade de olhos, que o forçou a deixar incompleta a sua obra. . .".

graphicos. Entretanto, observa-se o contrario, como possuidos de verdadeira avareza, demonstrada nos difficeis emprehendimentos postos em pratica para a feliz solução dos problemas suscitados, elles tomam fórmas e disposições variadas e confusas.

Outro tanto succedeu quanto aos caracteres phenicios, já desapparecidos ha muitos seculos, mas com vantagens consideraveis de extrema affinidade com os dos hebreus, pelos quaes continuam a ser interpretados.

Apesar de tudo, é notoria a sempre ferrenha corrente de incredulidade, até certo ponto inconsciente ou cavillosa, diante de factos prehistoricos que se succedem, revelados por inscripções dessa natureza e trabalhos philologicos.

Muito já temos dito no decurso da presente obra com relação ao alphabeto phenicio, cuja repetição aqui seria fastidiosa. E' deste ponto, não obstante, que ora vamos tratar, em parte, tomando por base as Inscripções da Gavea, esculpidas com estes caracteres em tempos que vamos precisar.

Em nossas continuas cogitações epigraphicas encontrámos, ás fls. 66 do I volume da Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil, a seguinte carta lida pelo Exmo. Sr. J. da Cunha Barboza, no expediente dos trabalhos da 8ª sessão extraordinaria de 23 de Março de 1839, nestes termos:

> "Em uma das montanhas do litoral do Rio de Janeiro, ao sul da barra, ha uma inscripção em caracteres phenicios, já muito destruidos pelo tempo e que revelam grande antiguidade. Esta inscripção foi vista e observada por um conhecedor das linguas orientaes, e que ao vêl-a concluiu que o Brazil tinha sido visitado por nações conhecedoras da navegação, e que aqui vieram antes dos Portuguezes. Elle me certificou que tinha dado conta desta descoberta ao governo de D. João VI, e que tinha copiado a inscripção do mesmo modo que se acha feita".
>
> "Requereu pois o Sr. Cunha Barboza que o Instituto Historico, attenta a importancia desta noticia, peça com empenho aos nossos consocios officiaes de secretarias que se esforcem por descobrir n'ellas o relatorio desta descoberta, feito no reinado de D. João VI, e offerecido pelo padre mestre Fr. Custodio, professor de grego, e versado nas linguas orientaes. Esta carta foi remettida ao Sr. Guedes para fazer as indagações precisas para o descobrimento da memoria de que ella fala".

Mais adiante, ás fls. 98 a 103, encontrámos o Relatorio sobre as referidas inscripções, acompanhado do desenho das mesmas, trabalho apresentado por uma Commissão nomeada pelo Instituto, para o fim de estudal-as. Este valioso documento, que passamos a transcrever, é concebido nestes termos:

> «. . . Senhores. A commissão encarregada pelo Instituto Historico e Geographico para analysar e copiar a inscripção, que se acha gravada no morro da Gavea, transportou-se ao logar, e não se poupou aos meios e fadigas, que uma primeira excursão demanda, para obter-se um resultado digno de sua missão; e vem hoje perante o Instituto Historico e Geographico dar conta do que viu e observou, assim como trazer uma cópia fiel da pretendida inscripção, desse monumento, que pertence á classe daquelles que Mr. Court de Gibelin colloca no

seu "Mundo Primitivo", e que tem chegado ás recentes gerações envolvidas no mysterio dos tempos com os jeroglificos, os caracteres cuneiformes e as construcções cyclopeanas.

A descoberta de uma inscripção é um facto, que pode fazer uma revolução na historia; que pode reconquistar idéas perdidas e anniquilar outras em pleno dominio: um nome, uma phrase em uma lapida podem preencher lacunas immensas, restaurando conjecturas e abrir uma estrada luminosa do passado ao futuro.

Os povos que têm uma civilisação nascente, são naturalmente credulos, e sua imaginação os arrasta a ver thesouros encantados por todas as partes; e homens amigos do mysterioso algumas vezes tambem crêm encontrar vestigios dos outros homens naquillo que é um acaso da natureza.

A' commissão cumpre que aqui manifeste perante o Instituto Historico e Geographico a sua gratidão para com as Srs. Rev. ex-vigario da Lagôa, Manoel Gomes Souto, Manoel Joaquim Pereira e João Luiz da Silva, pela bizarra e cordial hospitalidade que d'elles recebeu; assim como ao Rev. Sr. José Rodrigues Monteiro, capellão de S. M. I., que teve a bondade de acompanhar e servir de testemunha na averiguação da copia que se fez da pretendida inscripção, participando dos incommodos soffridos nesta exploração archeologica.

Senhores. Que no cume da Gavea, do lado direito aos que vão pela Serrote da Boa-vista, n'uma pedra de fórma cubica existem caracteres, ou sulcos que a elles se assemelham é indubitavel; mas a commissão não affirma que elles sejam gravados pela mão do homem, ou pela lima do tempo.

Assim como a natureza esculpiu sobre a rocha de "Bastia" a forma de um leão em repouso; na gruta das Sereias, em "Tivoli" um dragão em ar ameaçador; e na mesma Gavea a forma de um mascarrão tragico; assim como ella eleva pontes naturaes, construe fortificações e baluartes, que ao primeiro lampejo da vista fazem crer ao viajor monumentos da mão do homem e assim ella podia gravar na rocha viva aquelles caracteres que podem mais ou menos por suas formas approximarem-se a algumas das lettras dos alphabetos das nações antigas e orientaes.

A commissão não deseja representar perante o Instituto Historico o papel dos antiquarios de Walter Scott e Goldoni, para não encontrar a illusão de suas conjecturas na ingenuidade de um mendigo, ou nas trapaças de um Brighella; tanto mais que com os seus proprios olhos ella encontrou em diversas pedras isoladas em roda da mesma Gavea, sulcos profundos entre dois veios do granito, que mais ou menos representavam caracteres hebraicos, e alguns até romanos, e de uma maneira assaz evidente e caprichosa.

Pythagoras, senhores, olhava para o sol como um Deus, e Anaxagoras como uma pedra inflammada. A commissão nesta sua primeira analyse voltou, como os dous philosophos, vendo uma inscripção e vendo uns sulcos gravados pela natureza.

Argumentos notaveis se apresentam de uma e outra parte para que ambas as conjecturas tenham seu fundamento e suas principaes proposições vos vão ser apresentadas.

1ª. Que os diversos viajantes têm descoberto inscripções em differentes rochedos do Brasil, e que a da serra da "Anabastabia", aonde se crê, vai a des-

cripção de uma batalha, assim como a das margens do "Iapurá" e outras mais, que se vêm na famosa collecção das palmeiras de "Spik et Martiles", dão uma prova da existencia desta sorte de monumentos no nosso solo: accrescentando mais a tradição das "Letras do diabo" n'um rochedo em Cabo Frio, que depois de dados mais exactos, algum de nós se transportará ao logar para copial-a, e descortinar mais esta ponta do véo que encobre a historia primitiva desta terra bemaventurada.

2ª. Que assim como Pedralves Cabral, e Affonso Sanches, empurrados pelos ventos, descobriram o continente da America, tambem algum d'esses povos antigos, que a ambição do commercio forçava a sulcar os mares, podia por eguaes motivos aportar ás nossas praias, e escrever sobre uma pedra um nome ou aquelle acontecimento, para que a todo o tempo as gerações vindouras lhe restituissem a gloria de tão grande descoberta.

3ª. Que a inscripção da Gavea se acha collocada de uma maneira vantajosa a estas conjecturas: voltada para o mar, em uma face da rocha cubica, pouco escabrosa, com caracteres collossaes de sete a oito palmos, ao rumo de L. S. E., pode ser vista a olho nú de todas as pessoas que por ali passarem: e notavel é que os habitantes daquelles logares todos conhecem as lettras da pedra. A inscripção assim collocada está exposta á furia das tempestades e dos ventos do meio-dia e por consequencia, deve estar mui safada, tanto mais que o granito da pedra, em que está gravada, é de uma consistencia menos forte, por conter muito talco e mica, e na sua base existem tres concavidades esboracadas que formam o aspecto do mascarrão.

Um dos dados archeologicos para fortificar qualquer conjectura na averiguação de taes monumentos, é o da possibilidade de poder-se ou não gravar n'aquella altura immensa uma inscripção tão colossal, e o caracter geologico do mesmo logar.

O terreno que circunda as raizes do morro da Gavea é todo primitivo, á excepção de uma pequena enseada que está na base da collina da fazenda da Gavea, que é de terreno de alluvião, pouco acima do nivel do mar, e que nada influe sobre os pontos principaes que se denotam dos "Dois irmãos" á Tijuca e desta á Gavea que são massas enormes de granito, cobertas de uma crosta de terra vegetal, assaz delgada, e tendo aqui e ali glebas de carbonato de ferro, ou saibro micoso: o mar está mui proximo, nenhuma revolução grande, si exceptuarmos alguns calhaos destacados dos morros, se denota n'aquelle recinto.

O homem, que levado a aquelles logares quizesse deixar uma memoria da sua passagem, facilmente seria seduzido pela magestade e grandeza do morro da Gavea, e pela disposição d'aquella pedra com uma face quasi plana, e fronteira ao mar: emquanto ao accesso do cume da Gavea, elle é incontestavel, porque dias antes de nossa exploração, alguns officiaes da marinha ingleza lá subiram, e collocaram umas bandeirinhas ainda que com muito custo.

O logar aonde está a inscripção pode ser que em tempos remotos fosse mais aterrado, e que com os seculos tenha sido excalvado pelas continuas humidades, chuvas, e ventos do sul.

Porém, senhores, além d'estas considerações e outras mais diminutas, que conduzem o nosso espirito á crença, outras se levantam para encontral-as, e nos obrigam a oscillar entre a affirmativa e a negativa.

1ª. Que os pretendidos caracteres, que apresenta o rochedo da Gavea, não se assemelham aos dos povos do velho continente, que emprehenderam as primeiras navegações, e muito menos aos dos modernos.

2ª. Que estes caracteres, comparados com os alphabetos e inscripções, que Mr. Court de Gibelin dá na sua obra do — Mundo Primitivo —, não apresentam similhança alguma de uma inscripção Phenicia Cannanéa, Carthagineza, ou Grega: e que mais parecem sulcos gravados pelo tempo, entre dous veios do granito, pois com eguaes apparencias se encontram não só no lado opposto do da inscripção da mesma Gavea, como em outras pedras destacadas, e principalmente numa grande, que se encontra á esquerda, na base do morro, quando se sobe para a casa do Sr. João Luiz da Silva.

3ª. Que a parte da rocha, onde começa a pretendida inscripção, além de perpendicular e de um accesso quasi impossivel, é a menos conservada ou a mais apagada: sendo aquella que está menos exposta á furia das estações; alguns traços perpendiculares, outros mais ou menos obliquos, mais ou menos curvos, ligado por hastes interrompidas, que muito e muito se assemelham a veios, fazem o todo da inscripção, e uma grande irregularidade de profundidade se observa na gravura, assim como no largo veio da base, que se poderia conjecturar como um traço, para melhor se descobrirem as lettras, o que é interrompido visivelmente e dá formas não equivocas de um veio mais profundo. Este argumento é fortificado pela profundidade dos caracteres da parte esquerda que estão mais expostos, do que os da direita, por entrarem na curva que se dirige para o norte.

Os Phenicios escreviam da direita para a esquerda, trabalhando d'estarte, deviam dar a mesma profundidade ás letras para que ellas fossem igualmente visiveis.

Mas a commissão, senhores, vindo perante o Instituto Historico e Geographico dar conta de sua missão, está longe de protestar solemnemente contra a idéa de ser ou não, uma inscripção, aquelles sulcos ou traços, que se encontram no cume da Gavea, porque ella ainda não empregou os ultimos recursos que lhe restam para a verificação de similhantes monumentos; ella vem, em familia, expôr as suas impressões e conjecturas, e protestar que uma segunda exploração será feita com melhores instrumentos e com um dia mais favoravel para ver se obtem um resultado de maior evidencia, e mais positivo; lastimando comtudo o não poder estudar a memoria que o illustre Fr. Custodio escrevera n'outros tempos, sobre esta mesma inscripção.

A commissão tem presente na lembrança as navegações d'esses povos da antiguidade, e se triumphar a idéa do illustre Padre Mestre, ella a fortificará por uma memoria mais ampla e circumstanciada, e nas formas demandadas pela sciencia da Archeologia, em que não sómente passará em resenha todas as tradições, que temos das navegações dos antigos, como tambem procurará nas linguas e tradições de diversos povos, a luminosa esteira traçada pela civilisação dos Phenicios, entre os povos das ilhas aonde elles tiveram suas feitorias, e onde elles deixaram monumentos materiaes de sua existencia e passagem, tanto na Asia e Africa, como na America, que, segundo Stevam Sewall, e Court de Gibelin, ahi aportaram, e deixaram inscripções na parte septentrional.

A commissão não desespera da gloria, que aguarda o Instituto Historico e Geographico, na descoberta de iguaes monumentos; nem da esperança de ver apparecer em seu seio um Champolleon brasileiro, esse Newton da antiguidade Egypcia ou Cuvier do Nilo, para o facho de seu genio indagador illuminar esta parte tão obscura da historia primeva do nosso Brasil; e porque ella póde n'um dia contemplar aquelle monumento como Anaxagoras o sol, e no outro como Pythagoras, ver n'aquella rocha uma inscripção gravada pelo acaso e o tempo, ou um padrão, pelo cinzel do homem, deixado ás gerações vindouras.

Rio de Janeiro, 23 de Maio de 1839 — Manoel de Araujo Porto Alegre.— J. da C. Barboza. Como testemunha, José Rodrigues Monteiro.»

*

A hypothese de não ser a ultima palavra do venerando Instituto sobre o exposto, e o proposito de levar a effeito um segundo tentamen, induzem-nos, com a devida venia, a externar nosso humilde modo de ver, em um dos mais elevados assumptos que se ligam á nossa Prehistoria. Elle vem de muito a todos interessando, jamais neste momento, em que se cogita em condignamente commemorar uma grande data nacional, a de 1922, com um Congresso da Historia Continental Americana.

Seguros porém da extrema benevolencia dos competentes, não desanimaremos em um commettimento de tal ordem superior, cujo resultado guardariamos em silencio para sempre, si não fôra a indiscreção de um amigo, em divulgar nossas cogitações, forçando-nos deste modo a não mais silencial-as.

Isto posto, passaremos a tratar das inscripções em suas particularidades caracteristicas e historicas, abstrahindo pontos explicativos, que já foram deduzidos em outros capitulos, com referencia á forma ou modo de esculpir, abreviaturas, suppressão das vogaes, inversão de letras etc., dessas vetustas gravuras lapidares, e tambem de muitas que temos encontrado e observado em varios paizes, como na região Amazonense, á qual mais importa o presente trabalho.

Todas ellas ora offerecemos; photographadas umas, desenhadas outras e interpretadas, no simples intuito de alguma cousa produzirmos em favôr da Historia Patria se assim merecerem.

Eis a principal inscripção da Gavea e o modo pelo qual a interpretamos:

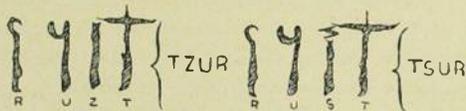
Fig. 1.224

Fig. 1.252

Reconstituir exactamente uma inscripção lapidar, cuja origem remonta a seculos, é tarefa extremamente difficil e demanda a mais profunda cogitação. Por um lado, ter-se-á que vencer o aniquilamento ou alteração dos caracteres pelos elementos corrosivos, por outro, a complexidade daquelles, na razão de seu uso, no momento dado, além de suas annexações, inversões e suppressões de vogaes, casos frequentes em legendas, inscripções, medalhas, sinetes, moedas, pedras votivas. E finalmente ter-se-á que fazer adaptações de caracteres de outros alphabetos do mesmo tempo.

Convem notar que uma só letra do alphabeto phenicio é representada por duas e até três formas, o mesmo acontecendo com o grego antigo.

A primeira palavra interpretamos, segundo os mais perceptiveis detalhes de seus caracteres, por:

R U Z T {TZUR R U S T {TSUR

e mesmo TSOR, nome dado a TYRO, pelos Phenicios e Hebreus, que significava Rochedo ou Praça forte, pela sua apparencia (1), ou então —

= TYRO

M. Vogue, um dos sabios mais versados no estudo da epigraphia dos phenicios, tratando do culto destes, define *Baal-tsour*, Baal-sidon e Baal-tars. . . isto é, Baal adorada em Tyro, em Sidon e em Tarsus. (2)

A palavra TYRO, em ultima hypothese, podemos dar ainda na ordem de nossa interpretação, se bem que force as disposições caracteristicas da inscripção, aliás muito carcomida nesta parte.

TYRO, tambem se encontra posteriormente com esta orthographia em caracteres gregos e outros, em citações varias e em moedas e medalhas daquella cidade, subsistindo ao tempo de Heliogabalo, de cujo Imperio nota-se um daquelles exemplares em meio bronze, cunhado em Tyro, colonia, actualmente na Bibliotheca Nacional de Paris, na qual está representado Astarté, com couraça e com as armas que lhe eram consagradas. (3)

---

(1) Tzor,. pag. 720, Tsur, pag. 675 — Dictionary of the Biblie. By William Smith, L. L. D. New York and Chicago.
— Tsur — Dictionario Biblico-Americano. Tract Society, p. 744. Copyright, 1890.
— Tsor. Idem Popular. Pinheiro Chagas, citado, v. 13, p. 169.

(2) Vigouroux, t. IV, p. 444.

(3) Vigouroux, t. III, p. 92 e sobre Astarté, nota 6 idem.

Esta mesma orthographia, mais ou menos, seguiu-se com alteração ou omissão de letras nos varios dialectos de differentes povos, até nossos dias. Entretanto, não devem passar sem este ligeiro reparo, estas circumstancias, aliás latentes e necessarias ao cuidadoso estudo de interpretação da palavra em questão.

E' finalmente certo, que houve duas cidades de Tyro, differentes, que os gregos e latinos distinguiram, a antiga ou Paleotyro e a nova ou Neotyro.

FOENICIAN (1) — N A C I N E O F

Quanto á segunda, nota-se: o (o), que se póde admittir, ligado ao (E), e a ultima letra sumida, tendo apenas a haste principal ligeiramente delgada, o que completámos, ligando-a ao pequeno traço vertical, terminado por um ligeiro angulo para formar o (N), como deveria ser em principio.

Esta orthographia está de accôrdo com a maneira interpretada por Guill Gesenius, em sua importante obra publicada em 1837, onde estão reproduzidas as inscripções que depois de 1817 sairam do chão de Carthago, na Numidia.

O resultado que parece haver-se obtido de todos os estudos feitos até nossos dias, diz Cantú, é que as linguas: carthagineza, phenicia e numida, eram identicas ao hebreu.

Não é fóra de proposito fazermos acompanhar a nossa interpretação dos caracteres hebreus, embora não tenhamos o intuito de passar da phase paleographica á philologica, por isso que nos mantemos simplesmente naquelle proposito, restringindo-nos á inscripção da Gavea, tal como nos é permittido deduzir dos seus caracteres graphicos, sem alteral-os em sua disposição essencial. Se existem falhas, é isso uma questão que ultrapassa á nossa percepção curiosa sobre essa inscripção feita ha seculos.

Querer-se, porém, fazer preponderar etymologicamente o grego uo o latim na palavra phenicia, segundo alguns autores, não parece razoavel.

Esta questão suscitou-se, é verdade, entre elles, sob o ponto de vista do vocabulo aliás *Phenicia* (*Phoinix* em grego, *Phœnice* entre os latinos), a cujo assumpto abrimos um ligeiro parenthesis, ouvindo a importante opinião do Dr. Ricardo Pietschmann. (2)

« Os phenicios deram a conhecer aos gregos a tamara e a arvore que a produz: foi esta a razão porque os gregos deram á palmeira o nome de *Phoinix*, que é como quem diz arvore da Phenicia. Na antiguidade, e pelo que ficou dito, julgava-se que Phenicia queria significar "paiz das palmeiras".

Entre os historiadores modernos, Movers adduz muitas razões em pró desta explicação; diz que se alguma coisa pode representar bem a Phenicia, é a palmeira de tamaras, porque nenhuma outra região maritima do Mediterraneo possuia tantas palmeiras como a Phenicia, e tambem porque a palmeira apparecia como symbolo do paiz, nas moedas de Tyro e de Carthago. Muitas outras cidades phenicias uzaram tambem palmeiras nas suas moedas.

Atheneo diz que as tamaras constituiram um ramo muito apreciado do commercio phenicio, no emtanto, só por um erro se podem considerar esses fructos como producto da Phenicia, porquanto nunca chegaram naquelle paiz á completa maturação (facto corroborado pelas affirmações de varios autores).

---

(1) Dictionary of the Bible. By William cit., p. 535 e 536.
Welbster's New International Dictionary etc. London, 1912.

(2) Hist. Universal de G. Oncken. p. 243, 244 e 237.

Da existencia da palmeira, nas moedas, pouco se pode deduzir, porque a origem dellas é grega, e porque ha outras moedas da Syria que têm tambem a palmeira.

O que nos importa é saber se essa etymologia é exacta; ora, isto é impossivel. Em regra, os gregos pouco felizes nas suas explicações etymologicas, não quizeram neste caso ver a difficuldade que se oppõe á sua explicação, porquanto é linguisticamente impossivel que tendo formado da palavra *Phoinix* (a palmeira dactylifera) um nome de paiz phenicio, tivessem podido fazer outra vez deste nome de paiz o vocabulo Phoinix, nome dos habitantes.

Foi Meltezer quem chamou a attenção sobre esta impossibilidade, se bem que a nova explicação proposta por este autor, embora hypothetica, desperte a mesma objecção; reconhecendo que a significação original e fundamental de *Phoinix* e de *Phoinike* se encontra no vocabulo *phoinos*, como designação de uma côr especial, julga que a palavra *Phoinix* era traducção do egypcio antigo, attendendo a que os egypcios chamavam *Terra vermelha* á parte da Asia limitrophe do Egypto.

O mesmo succede com a opinião de Sayce, que suppõe que o vocabulo em questão é traducção grega da palavra Kelt, com a qual os egypcios designavam a Phenicia, palavra que accrescenta, significa "paiz de palmeiras..."

Finalmente, a literatura moderna, que trata da historia da Phenicia, é muito vasta e variada.

Têm importancia capital as investigações do famoso philologo francez José Scaligero e do doutissimo Samuel Bochart.

Entre os modernos cabe o primeiro logar, pelo que diz respeito á antiguidade phenicia, a F. C. Movers; infelizmente a morte arrebatou este sabio sagaz e profundo, antes de ter podido concluir a sua principal obra "Os Phenicios..." Estes trabalhos começaram pela interpretação da escripta phenicia, quando ainda se achava em seus rudimentos.

Desde então tem-se estudado a escripta e lingua phenicias com grande afinco. E tem augmentado extraordinariamente o numero dos monumentos que servem hoje de base para estudos.

Kenrick e Rawlinson escreveram livros especiaes sobre a Phenicia; Alfredo Gutschimid tambem publicou, com o titulo *Phœnicia*, um resumo curto, mas substancial, na *Encyclopedia britannica.* »

Fechando nosso parenthesis, devemos egualmente mencionar aqui as descripções da historia phenicia, publicadas nos seus livros de historia do Oriente antigo, por Maximiliano Dunker, Gastão Maspero, Eduardo Meyer e Ernesto Babelon.

Não só Vigouroux e Oncken, como varios numismatas dão repetidos exemplos de inversões e suppressões de letras phenicias, etc., nas legendas de moedas, sinetes e medalhas, como dito ficou, assim, as diversidades orthographicas na construcção de palavras, o que valeria citar se tivessemos a pretenção de tratar syntheticamente do assumpto questionado.

Occorre-nos ainda com relação á parte graphica da nossa inscripção o seguinte.

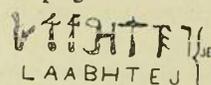
Reconhece-se á primeira vista que seus caracteres se acham damnificados em suas partes mais delicadas, com a vantagem, porém, de permittirem paciente recomposição approximativa.

Ora, o tempo encarregando-se de consumir algumas letras nos pontos delicados, aprofundou e alterou a ordem primitiva, mais ou menos regular (se bem que, as inscripções em rochedos obedeçam á natureza ou disposição destes e não á uniformidade dos caracteres, muitas vezes impossivel mesmo de ser observada).

Algumas inscripções, em identicos casos, temos encontrado e conseguido restabelecer, sem comtudo vir isto alterar o numero dos caracteres, seus valores, como partes mais importantes ou essenciaes.

A presente inscripção, aliás, uma das mais importantes que temos visto, obedeceu a uma certa uniformidade, em relação ao comprimento das letras, restringindo a largura, com o que, obteve o gravador mais espaço para sua legenda. Facultou-lhe isto poder annexar letras e varias palavras, o que muitas vezes se deduz de inscripções do mesmo estylo, sendo algumas enigmaticas.

Não poucas e muito interessantes são as que temos colhido, subordinadas na maior parte ao grego primitivo.

R Y Z D A B | BADEZIR ou BADEZUR | Os caracteres da palavra obedeceram apenas ao mesmo processo de rectificação de suas linhas perdidas; passando-se á seguinte — (B A R { RABE) cujo (A) quasi desapparecido, acha-se ligado á extremidade inferior do (R), ficando assim restaurado, compõe-se a palavra que se traduz pelo hebreu רב (B R) RAB — o primogenito (isto é, o herdeiro do throno), na accepção em que se acha empregada.

A seguinte palavra — (L A A B H T E J | JETHBAAL) offerece duas curiosidades expressivas na ordem e collocação das letras: a 1ª é a resalva do sulco que se nota entre as duas primeiras, distanciando-as, e a 2ª é a fórma alongada do † (T), prevenindo a confusão que naturalmente produziria a sua linha horizontal, com as duas letras que a ladeiam, se a ellas ficasse subordinada em tamanho ou uniformidade.

A ultima letra á esquerda está muito sumida e deformada, porém seria incontestavelmente um (L) phenicio, que, com o prolongamento de uma das linhas do angulo inferior, ganhou apparencia de um V latino, comquanto tambem haja no alphabeto grego primitivo esta mesma letra, em sentido inverso — —.

Nota-se ainda que o T, como está, é exactamente o do alphabeto grego antigo, mas cremos que seria o † phenicio, cuja linha vertical superior fôra consumida pelo tempo; se bem que se possa ainda admittir um emprestimo a aquelle alphabeto, como temos observado em semelhantes casos.

Os mais caracteres não merecem, ao que suppomos, observações dignas de nota, a não ser propriamente sua vetustez, dadas as condições do tempo em que foram gravados e a natureza pouco rigida do bloco, por conter muito talco e mica, segundo se deduz do Relatorio, ao qual atraz nos referimos.

Falando-se ainda em outros caracteres executados com semelhança aos dos hebreus etc., annexos aos de que se trata, o que se poderia suppôr inscripções, admittimos a pluralidade — *Inscripções da Gavêa* — Occorre-nos porém lembrar, a proposito, a quasi nenhuma differença entre os primitivos alphabetos hebreu e phenicio.

Comtudo, não só aquelle em caracteres modernos, como o latino e outros, podem alli figurar, o que não admira acontecer, posteriormente, por simples espirito de imitação, como citámos em capitulo anterior, além mesmo das detestaveis depredações ou alterações inconscientes ou propositaes.

Para complemento do que aguardava o venerando Instituto, quanto á descoberta destes monumentos ou inscripções, offerecemos as que aqui deixamos em soffrivel numero, convenientemente photographadas, descriptas e interpretadas, em identicos

caracteres, que sem razão se dizia não terem semelhança alguma, com os de remotos ou modernos alphabetos.

Não tratamos, pois, de um caso isolado de inscripção phenicia em nosso paiz.

O que ora temos diante da vista é uma fiel reproducção do natural, á qual nos é dado conceder todo valor, pelo facto de ser authenticada pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sem observação portanto á omissão, que muitas vezes vai do original á copia e desta á lythographia. Um traço de mais ou de menos, em taes casos, é sabido, altera consideravelmente a importancia capital da inscripção.

Baseamos nossa interpretação em alphabetos combinados de importante autores. [1] Chega-nos a vez de tambem notar, entre estes, grandes discordancias ás vezes, como entre os historiographos, quanto á parte chronologica e descriptiva.

Achamos isto natural, considerando que não seriam faceis as formações, alterações e simplificações totaes de alphabetos dos differentes povos da antiguidade; dahi, essa sensivel complexidade. Por maior que fossem os esforços paleographicos ou iconographicos em taes casos, seria o emprehendimento arduo, senão em extremo difficil. Uns serviram-se, para esse fim, das legendas das medalhas e outros das inscripções lapidares e monumentos de toda especie, mas isto em eras subsequentes. Quando a confusão já estava enraizada, difficil seria methodisar-se uns, emquanto outros ficaram, por assim dizer, em sensivel lacuna. Entre esses alphabetos o phenicio, bem como outros, desappareceram por fim.

Voltemos ao nosso assumpto: Propriamente o mascarrão a que se refere o relatorio, divisar-se do grande blóco da inscripção da Gavea, é mais difficil do que se distinguir as letras colossaes, que, entretanto, não mereceram classificação ou comparação a alphabeto de natureza alguma!

Não é senão nesta hypothese que temos o prazer de seguir a opinião do antigo e illustre professor, o Rev. Frei Custodio, dando a esses caracteres ou traços, qualificados de "obra corrosiva de phenomenos naturaes", um abrigo no alphabeto phenicio.

Quem, mesmo despreoccupadamente, sem muito intuito investigador, deparar com esses traços, mais ou menos obedecendo a uma certa uniformidade, como se acham na gravura questionada, terá certamente a suggestão natural e immediata de que está diante de uma inscripção vetusta, tal a sua apparencia visual e real.

A natureza é, ninguem o nega, por sua essencia, grandiosa e extraordinaria artista, porém distinguiu, por si mesma, suas obras, que se deduzem dos exemplos invocados e de tantos outros que arrebatam e elevam o espirito ao infinito e ao mysterioso. Mas, perdôem-nos o alvitre, ella não se manifesta no caso presente. Entretanto, aguardaremos submissos a opportunidade "para ver naquella rocha uma inscripção gravada pelo acaso e o tempo, ou um padrão pelo cinzel do homem, deixado ás gerações vindouras".

Para bem definirmos e accentuarmos a nossa interpretação temos conveniencia em recorrer á ordem chronologica dos Reis de Tyro, [2] segundo alguns historiadores. Pinheiro Chagas [3] assim se manifesta:

"... O pouco que se sabe dos phenicios, assenta em bases pouco seguras, proveni-

(1) Ch. Seignobos — Histoire des Anciens Peuples de l'Oriente, f. 336. Paris, 1899.
— Leroux — Vade mecum des collectionneurs. Montreal, 1885, in 8°.
— Guide Pratique de Compositeur etc. por Theatiste Lefèvre. Paris, 1883.
— Hist. Universal. Guilherme Oncken, f. 398 e outros citados na parte paleographica do Cap. I.

(2) Os phenicios chamavam tambem a Tyro, Tsor e é o nome que os hebreus lhe davam; significava Rochedo ou praça forte, pela sua posição.

(3) Diccionario Popular, vol. IX, p. 338. Lisboa, 1881.

entes quasi todas dos cantos dos poetas hebreus. O primeiro soberano de Tyro, que figura nos livros biblicos, é Hiram I que reinou pelos annos de 1050 antes de Christo e ao qual succedeu seu filho Abibal, que morreu em 1020, pouco mais ou menos.

O filho deste, Hiram II concluiu no anno 1000 um tratado de commercio com Salomão.

De 934 a 906 reinou *Ethbaal*, que fundou algumas cidades na Phenicia e foi pai da celebre Jezabel, rainha de Samaria.

Badezir (904-898), *filho de Ethbaal*, teve por successor Metgenris, pae de Pygmalião e de Barca, de Dido e de Anna.

Foi Elisa ou Dido que o partido popular de Tyro obrigou a fugir com algumas familias distinctas. Foi fundar ou pelo menos dar augmento e importancia a Carthago, na costa septentrional da Africa (888). No reinado de Elyleu (734) os phenicios de Tyro tiveram de sustentar uma guerra contra Salmanasar, rei da Assyria, e depois de prolongada lucta obtiveram paz vantajosa para Tyro, mas as outras cidades da Phenicia foram submettidas aos assyrios. De 608 até 596, reinou Ithbaal II no tempo do qual, segundo parece, se realisou a viagem á roda da Africa. Este principe alliou-se com os judeus contra Nabuchodonosor, que sitiou Tyro, e se apoderou dessa cidade depois de um cerco que durou treze annos. A cidade foi reduzida a cinzas pelo vencedor e os habitantes refugiaram-se numa ilha proxima, onde fundaram a Nova Tyro, cuja importancia commercial não foi inferior á da primeira.

A Itobaal II succedeu Baab, depois do qual a Phenicia foi governada, durante dois ou tres annos, por suffetes, aos quaes succederam reis vassallos de Babylonia. Quando Cyro subiu ao throno, Hiram III reinava em Tyro e em 538 a Phenicia toda passou para o dominio dos persas e ficou sujeita a reis tributarios. . ."

Cesar Cantú ([1]), assim se manifesta sobre o questionado ponto: ". . . O historiador Josepho nos conservou a serie de reis do Tyro, desde Abibal, contemporaneo de Saul (1080). Hiram seu filho guerreou primeiro com os hebreus, depois contratou alliança com David e Salomão. . ."

"O templo deste pode dar uma ideia da habilidade dos phenicios na arte de edificar, independentemente do que se conta a respeito do de Melkarth na ilha de Tyro, que, segundo se diz, não tinha outro egual no mundo.

Hiram levantou tambem um a Astarté, outro ao Jupiter nacional, e rodeou a cidade de muralhas, reunindo-a á terra firme por meio de um molhe maravilhoso. . ."

"Depois de Hiram, segue-se Balcazai (976), Abdastrastes (948), Astartes (969), Aserim e Telés (936); depois *Ethbaal I* (926?) pae de Jeszabel. *Badezor* (*Belus*), successor deste ultimo, deu nascimento a Pygmalião, Barca, Anna e Elisa ou Dido (879-726). Dido havia desposado o summo sacerdote Sicheu, a quem Pygmalião matou para se apossar de suas riquezas; ella conseguiu fugir-lhe e foi fundar a cidade de Carthago (869).

No tempo de Ethbaal II, Nabucodonosor sitiou Tyro e depois duma defeza de tres annos (572), a destruiu, lançando deste modo pelo furor das conquistas uma grave perturbação nas pacificas operações do commercio. Uma nova Tyro veiu substituir a antiga (Palae-Tyros); depois, quando Cyro estendeu ao longe as suas conquistas, os phenicios se lhe submetteram, preferindo o pagamento dum tributo aos riscos da guerra. Conservaram comtudo suas constituições e seus reis nacionaes, bem como o commercio continental do imperio dos persas.

---

(1) Historia Universal, v. 1, p. 237, 2ª edição. Lisbôa, 1875.

Aqui o espectaculo de um povo industrioso nos offerece um interesse muito mais poderoso do que as vicissitudes duma dynastia.

Vemol-o irromper dum territorio acanhado e esteril para se entregar ás aventuras sobre as vagas, aproveitar-se da madeira que o Libano lhe offerece e utilisar-se das enseadas numerosas da costa; collocado nos confins das tres partes do mundo, elle recebia numa das mãos os productos da Asia e da Africa, para os offerecer com a outra á Europa.

No interior applicava-se as artes da paz (1) e já vimos os reis d'Israel pedirem-lhe os seus architectos, seus esculptores, seus lavrantes e seus fundidores de bronze (2). Os phenicios conservaram nas construcções das suas cidades muitos costumes troglodyticos, e a Phenicia ainda hoje se acha semeada de grutas; mas já se não encontram monumentos puramente phenicios, a não querermos reputar, como taes, alguns dos da ilha de Chypre, principalmente na vizinhança de Larnaca, e algumas estatuas transportadas para Londres, das costas da Barbaria. Temos alguns modificados pela mistura dos typos estrangeiros, como o baixo relevo egypciaco-phenicio de Carpentras e outros grego-phenicios. . ."

Finalmente, eis o que diz Guilherme Oncken (3). ". . . As listas de reis de Tyro forneciam dados chronologicos de confiança para a historia de Israel; é esta a razão porque Josepho conservou, em duas obras suas, varios extractos dos annaes de Tyro de Menandro, taes como os encontrou noutros auctores.

Estas noticias começam com o rei Hirom (a quem a Biblia chama Hiram), filho e successor de Abibaal, que reinou em Tyro desde 969 até 936 A. C. . . . A opinião de Mavers, de que a cidade de Tyro foi administrada antes de Abibaal por suffetas, ou juizes, fica refutada pelo facto de se conhecer outro rei, que reinou em Tyro antes de Abibaal.

O filho de Hirom, Balbazer (Balbazeras) (o que segue é tirado do escripto de Josepho contra Apione, publicado recentemente por Niese), morreu depois de reinar sete annos; succedeu-lhe seu filho Abdastart (Abdastartas), que reinou nove annos e morreu na edade de 29, victima de uma revolução urdida no palacio e dirigida pelos quatro filhos da sua ama. O mais velho, chamado Metuastart (Methusastartas), filho de Leastart, subiu ao throno e occupou-o doze annos. O seu irmão Astharymas, que lhe succedeu, morreu nove annos depois, victima de outro irmão chamado Phelles, que, por sua vez, foi assassinado, passados oito mezes, por *Itobaal* (Itobalos) sacerdote de Astarté.

O texto massoretico da Biblia em I, Reis, XVI, chama-lhe Etbaal e o texto dos Setenta, *Jethbaal*." (*E' desta ultima forma a orthographia observada na inscripção de que ora tratamos*) (4).

"Na escriptura Sagrada III Reis, XVI chama-se-lhe rei das Sidonias (quando trata de Achab):

> "31. Não se contentou com andar nos peccados de Jeroboão filho de Nabat, ainda mais tomou por mulher a Jezabel, filha de *Ethbaal*, rei dos sidonios. E foi e serviu a Baal, e o adorou".

(1) "Viram o povo que habitava nella e sem receio algum, conforme o costume dos Sidonios, seguro e pacifico". Indic. XVIII, 7.

(2) Rei. III' 7. 13.

(3) Hist. Universal F. n. q. p. 430-433.

(4) O parenthesis griphado é nosso.

Com *Itobaal* tornou a restabelecer-se a ordem. Este soberano entrou em relações amigaveis com o reino israelita do norte, casando sua filha Jezabel com o rei guerreiro Achab, filho de Omri.

Nos annaes de Tyro tambem estava mencionada a secca que assolou a Syria do norte no tempo de Achab, e que, segundo parece, durou um anno, cessando depois das preces mandadas fazer por *Itobaal*.

A calamidade que cahiu sobre os paizes da Syria com a expedição de conquista do rei da Assyria, chegou tambem á Phenicia no reinado de *Itobaal*. Em 876 Asurnassirpal desceu com seu exercito pela bacia superior do Orontes á costa de Dyun-Akkar até ao Nahr-el-Kelb, onde um baixo relevo esculpido em pedra parece devido a este soberano.

As cidades phenicias deram-se pressa em evitar o perigo, com presentes, e conseguiram o seu intento: *Itobaal* prevendo que esta expedição não seria a ultima, fundou a cidade de Batrys, destinada a defender a passagem do Ras-esh-Shakka.

A noticia de que Auza, na Lybia, foi fundada pelo citado rei de Tyro, prova que as cidades, colonias dos tyros, na costa septentrional da Africa, estavam submettidas a Itobaal. Suppõe-se que essa cidade de Auza é identica á que os romanos chamavam Auzea e os gregos Auzia, e que estava situada na proximidade da actual cidade de Aumale. E', comtudo, mais provavel que estivesse situada no interior e que seja identica á cidade de Uzita, citada por Strabão e por Ptolomeu.

A *Itobaal* succedeu seu filho *Baalazar* (Balazaras), que reinou seis annos e deixou o throno a seu filho Mattenas (talvez Matton), que reinou 29 annos, succedendo-lhe por sua morte, Pygmalião, que occupou o throno durante 47 annos.

Com o reinado de Pygmalião termina a lista dos reis de Tyro, conservada na obra de Menandro, porque o setimo anno do reinado de Pygmalião foi considerado o anno da fundação de Carthago.

Os chronologos judeus consideravam este acontecimento como uma data fixa, que seria a de Timayo, isto é, os annos 814 e 813 A. C. (?), porque contando a partir deste tempo e sommando os annos de reinado, obtiveram o anno duodecimo do reinado de Hirom, anno da edificação do Templo de Salomão (?). Na realidade este rei Pygmalião, apenas tinha de commum com o irmão de Elisa, Dido, a fundadora mythica de Carthago, o nome e a circumstancia de ser rei de Tyro.

Partindo do anno de 814-813 A. C., setimo do reinado de Pygmalião, obtiveram para os reis de Tyro desde Hirom até Pygmalião, os seguintes tempos de reinado:

Hiron	desde	969	até	936	A. C.
Baalbazer	»	935	»	919	»
Abdastart	»	918	»	910	»
Metuastart	»	909	»	898	»
Astharhymos	»	897	»	889	»
Phelles (8 mezes)	»	888			
Itobaal (*Jethbaal*)	»	887	»	856	»
Baalazar (*Badezyr*)	»	855	»	850	»
Mattenes	»	849	»	821	»
Pygmalião	»	820	»	774	»

Parece que no tempo de Baalazar (*aliás Badezyr*) se conheceu em Arados e nas cidades visinhas o perigo que offerecia para os phenicios o poder dos assyrios, pois que na batalha de Karkar, em 854, pelejaram contra Salmanazar II, justamente com Achab, Mat-

tonbaal (Mitinbaal), rei de Arados, e talvez, tambem, forças de Usnu e de Sion, duas cidades que as inscripções assyricas citam em união com Simyra, Arados e Arka, e que deviam ter sido aquellas cujo territorio estava por natureza menos protegido contra a Syria do norte.

Salmanazar II gabava-se, em uma inscripção, de ter recebido nas suas campanhas contra o rei Hazael, de Damasco, tributo de Tyro (onde então reinava Mettenes), de Sidon (842 e 839 A. C.) e ainda de Byblas: é comtudo muito provavel que Salmanazar não diga a verdade e que chamava tributo ao que na realidade não era mais do que presente voluntario".

* * *

Eis o que narram os historiadores citados com relação á Phenicia e Tyro, no sentido chronologico de seus reinados, facultando-nos deduzir considerações a proposito do assumpto vertente. Notorias são suas discordancias mas deixam transparecer evidentemente o que procuramos. Entre ellas nota-se, e é o que particularmente nos interessa: a orthographia dos nomes do principe ou primogenito BADEZIR e de seu pae JETHBAAL, constantes da inscripção da Gavea. Pinheiro Chagas manifesta-se dando áquelle o nome BADEZIR, tal como se acha gravado; Cesar Cantú, com differença apenas do I, para O, isto é, BADEZOR, o que, entretanto, não altera sensivelmente a letra, emquanto GUILHERME ONCKEN diverge quasi por completo destes.

Quanto ao de ETHBAAL estão os dois primeiros acordes e divergente o terceiro, que escreve de differentes formas. Mas, prevalece neste caso o texto dos Setenta, JETHBAAL, como se acha esculpido, citado por este autor, com quanto não observe elle esta orthographia (1).

Não são estes os unicos nomes que na nomenclatura dos Reis do Tyro e de muitos outros paizes apresentam visivel discordancia. Entre os autores citados pode-se, com presteza, deduzir esta realidade attinente mesmo á parte chronologica e discriptiva que acabámos de transcrever.

Passando a esta ultima vimos, pelo exposto, que as cidades e colonias dos tyros, na costa septentrional da Africa, foram submettidas a Jethbaal e conforme ainda Pinheiro Chagas (2), Tyro fundou colonias nas costas do Mediterraneo e até nas do Oceano Atlantico.

Navegadores e conhecedores de todos os mares, segundo a Biblia, eram os phenicios, e possuiam particularidades extraordinarias, que os distinguiam de outros antigos povos.

Não ignoramos ainda que os seus feitos, como os d'aquelles, eram de rigor perpetuados em inscripções lapidares e monumentos, de quando em vez encontrados dispersos e soterrados pelo mundo. Apezar de serem assim relatados os seus feitos, durante seculos, sobre os mesmos silenciaram os seus successores. Receiavam, talvez, que a divulgação lhes offuscasse as glorias.

Cabe aqui, com muita razão, o 2º argumento do Relatorio citado: "Que assim como Pedro Alvares Cabral e Affonso Sanches, empurrados pelo vento, descobriram o continente da America, tambem alguns d'esses povos antigos, que a ambição do commercio forçava a sulcar os mares, podiam, por iguaes motivos, aportar as nossas praias e escrever

(1) O J e o I no alphabeto phenicio são suppridos pelo Y.

(2) Diccionario Popular citado, fl. 169, XIII v.

sobre uma pedra um nome ou aquelle acontecimento, para que a todo o tempo as gerações vindouras lhes restituissem a gloria de tão grande descoberta".

Além desta circumstancia, a tradição vulgar referindo que os phenicios usavam de ancoras de prata em logar de as terem de ferro ([1]), indica bastante as grandes riquezas que adquiriram. Porém, o testemunho insigne da extensão do seu commercio e da magnificencia que d'elle resultava, dá-nos Ezechiel (Tex. Bib., cap. XV a XXVIII) ( ).

Cesar Cantú, por sua vez, assim termina o capitulo de sua historia sobre os phenicios ([3]).

"............Construiam os seus navios quasi redondos, com muito pouca quilha, para poderem navegar rente á praia. Faziam-n'os navegar contra o vento, por meio de largas vellas, e de muitos remos grandes. Depois construiram-nos compridos e estreitos para a guerra; a frota de Salomão, como as de Semiramis e de Sesostres, devem ter sido dos seus estaleiros. Aproveitavam-se no mar, das observações astronomicas de que os outros povos se serviam para agoiros e prognosticos, e orientavam-se olhando para a Ursa menor, o que tem feito dizer que descobriram esta constellação.

Espalhavam assim as mercadorias do Oriente, percorrendo os mares interiores, em cujas costas fundaram innumeraveis estabelecimentos que conservaram os vestigios de seu idioma.

Deram habitantes á ilha de Pelas, apenas saiu do seio do mar. Chypre, Rhodes, a Sicilia e a Sardenha os viram multiplicar-se nas suas praias.

Tiravam de Malta o coral, e o pez da Italia; procuravam, sobretudo, aos paizes ricos de minas que, de boa vontade ou á força, faziam explorar pelos naturaes; ás vezes levavam para lá escravos para trabalharem n'ellas.

A Hespanha era-lhes muito querida porque lá encontravam a prata á flôr da terra, por isso ella foi para os phenicios, o que o Perú foi para os hespanhoes. Extrahiram della não só a prata mas tambem o ouro, o estanho, o ferro e o chumbo ([4]); fornecia-lhes além disso, trigo, vinho, azeite, cêra, uma lã muito estimada e fructas delicadas, cuja abundancia suggeriu a ideia de fazer doce com ellas. Um carneiro de hespanha chegou a vender-se por um talento ([5]); em troca dos seus productos forneciam aos naturaes o linho de que os hespanhoes faziam o seu vestuario uzual e essas bagatellas sempre agradaveis aos olhos dos barbaros.

Cadiz era o seu ponto de partida para as explorações mais longinquas; diz-se que as estenderam até á Madeira e ás Canarias.

E' certo que passaram o estreito; foram buscar o estanho e talvez tambem o ambar amarello, cujo preço era egual ao do ouro, á Grã-Bretanha e ás ilhas Scilly ou Cassiterides; chegaram mesmo até a Prussia e ao mar Baltico, e finalmente a toda parte onde podiam ir costeando. Conta-se mais que Necháo II, rei do Egypto, pelo anno 610, antes de Jesus Christo, persuadiu-os a que fizessem a volta da Africa; tendo portanto partido do mar vermelho, e seguindo sempre a terra, tanto quanto o permittiam as correntes e os ventos

---

(1) Cesar Cantú, p. 248, v. I. 1875.

(2) Vol. II da Biblia Sagrada, p. 557 a 563, pelo Pº. Ant. P. de Figueiredo — Lisboa, 1854. (Veja-se o supplemento no fim do 2º volume).

(3) Cezar Cantú, p. 248 e 250.

(4) Ezechiel, XXVII — 12 — Strabão e Diodoro.

(5) Strabão.

teriam vindo depois de tres annos de viagem desembarcar na embocadura do Nilo pelo estreito de Cadiz (1).

Para provar que atravessaram tambem o Oceano, tem-se dito haverem-se descoberto inscripções phenicias junto das Cordilheiras; que o Belus assyrio e o Mithras persico tiveram o seu culto na America, onde as filhas do sol recordaram as vestaes, ao mesmo tempo que os palacios do Mexico e do Perú apresentam os typos e os hieroglyphos do Egypto (2).

Seja como for, quando Xerxes acommetteu á Grecia com a sua frota, os phenicios não ousaram passar além de Somas, ao occidente, ainda que esta ilha não esteja a mais de 115 kilometros das primeiras Cyclades, Myconia e Terros; accrescentae a isso que o grande numero de seus navios lhes teria permittido formarem, por assim dizer, um cordão (3).

Mas tambem talvez fosse um fingimento de que uzavam, por algum novo interesse, os desviar de continuarem a fornecer os persas; porque o interesse era o principal movel de suas resoluções; elle lhes fazia occultar cuidadosamente as suas expedições, para impedirem que outros tentassem rivalizar com elles, e espalhavam com este fim fabulas extraordinarias, que depois os historiadores receberam sem discernimento (4).

E' tambem a elles que se devem attribuir os nomes aterradores de *Babel-Mandeb*, porto da tribulação de *Mete* ou morte, dado a um outro porto do golfo Serabico, onde provavelmente se deve procurar o *Gardefan*, ou cabo dos Funeraes. *Strabão refere mesmo que quando se viam espiados por navios estrangeiros, escapavam-lhes, fazendo-os perder-se no meio dos recifes e dos bancos de areia, onde os atacavam como corsarios para os desgostar das viagens.*

O que torna esta asserção mais verosimil é que elles não eram tão leaes como habeis nas suas relações commerciaes; de sorte que contrato phenicio, fé punica, passavam como proverbio entre os gregos e entre os romanos.

Além disso, todos os povos commerciantes procuram ter portos onde seus navios sejam acolhidos, dominar nos logares onde abordam para comprarem e venderem, impedir a concorrencia, e evitar as collisões que podem perturbar a paz. Tal devia ser a politica dos phenicios; porém os historiadores mais occupados em narrar as mudanças de reinados do que em fazerem notar a natureza das instituições não nos deram a conhecer as leis que regulavam o seu commercio.

Nas outras nações o commercio era um monopolio real; as estalagens collocadas nas estradas principaes da Persia pertenciam ao dominio do rei (5). O unico armador para as expedições de Ophir era Salomão; os phenicios, pelo contrario, governando-se como republica, assemelhavam-se aos europeus modernos, porque negociavam por sua conta particular.............................. Os phenicios auxiliaram, tambem, muito a

---

(1) Malte Brun nega absolutamente que os phenicios tenham feito o gyro da Africa, que com a sua boa fé ordinaria Herodoto conta apenas como tendo-o ouvido dizer.

Porém Miot, autor de uma traducção franceza de Herodoto (Paris, 1822), admitte-o como verdadeiro. O seu principal argumento é precisamente o facto que parece incrivel a Herodoto, isto é, que o sól se mostrava á direita dos que faziam o gyro da Lybia. E' evidente, diz elle, que quando os phenicios tinham passado o tropico de Capricornio para irem dobrar o cabo da Boa-Esperança, olhando para o sol viam o seu movimento apparente da direita para a esquerda, porque tinham o norte em frente, o oriente á direita e o occidente á esquerda. Quando navegavam no Mediterraneo, do oriente para o occidente, tinham sempre o sol á esquerda; porém assim que transpuzeram o estreito de Bab-el-Mandeb, na extremidade da Africa, viajando do oriente para o occidente, viam constantemente o sol á sua direita, circumstancia inteiramente natural, mas todavia maravilhosa para gente que não sabia conceber nem explicar-lhe a razão.

(2) Hoje, podemos affirmar: já são muitas as inscripções phenicias, gregas etc., encontradas na região do Amazonas.

(3) Herodoto. VIII. 132.

(4) Eis uma grande verdade, dizemos nós, e a razão de tantas e continuas discordancias historicas.

(5) Σταθμος — Herodoto. V, 22.

civilização com as suas colonias. Assim como as nossas potencias maritimas, e, principalmente a Inglaterra, fazem hoje, por meios semelhantes, penetrar a nossa civilização no coração da America, na India, na China e na Oceania, onde, sem duvida, sobreviveria, se por desgraça chegasse a morrer na Europa; do mesmo modo o fizeram esses conquistadores pacificos do mundo antigo, preparando uma outra existencia para depois da sua quéda, como um pae que, morrendo, deixa uma familia numerosa. Sabemos que os povos da borda do mar se multiplicam com grande rapidez. Por isso os phenicios, carecendo de um territorio bastante extenso, se viram obrigados a procurar uma saida para a sua população sempre crescente e pobre, transportando-a para outros logares.

Tambem, ás vezes, as dissensões internas, tão faceis num povo a quem o costume de viver sobre as ondas torna insoffrido para com todo e qualquer freio civil, expulsavam do paiz uma facção, que ia para outros logares fundar uma colonia. Assim nasceu Carthago, que mais tarde devia succeder a Tyro e a Sidomia e rivalizar com a rainha predestinada do mundo.

Se os modernos, que se aventuravam em longinquas expedições, achavam necessario deixar em diversos pontos gente para guardar as mercadorias que para lá transportavam, colher as producções do interior do paiz e favorecer as trocas de umas e outras, era então coisa muito mais importante quando as viagens se faziam lentamente e as communicações eram raras.

Portanto, se não queriam ter de combater novos inimigos, todas as vezes que voltavam a uma praia, nem gastar muito tempo em procurar objectos de permutação e ainda com a perda inherente ao que offerece a navegação, os phenicios viam-se obrigados a fundar colonias; a exploração das minas, fim principal e quasi unico d'este povo, ainda lh'as tornava mais necessarias.

Elles exploravam, deste modo, todas as ilhas do archipelago, e particularmente Chypre, Creta, as Sporades, as Cyclades, as do Hellesponto, e até Thasos, em frente da Thraci, d'onde extrahiam o ouro. Attribuiam-lhes, na Asia Menor, a fundação de Proneltas e de Bithynia, estabelecimentos que se viram obrigados a abandonar, assim como outras mais, á medida que os gregos cresciam em numero e em forças. Os etruscos expulsaram-nos egualmente da Italia, porém prosperaram na Sicilia, onde introduziram o culto d'Astarté, que alli se chamou Venus Erycina e onde floresceram e se engrandeceram singularmente Panoama e Lilybea.

E' de crer que elles consideravam a Sicilia e Sardenha como o centro de expedições mais afastadas, como o é hoje para nós o cabo da Boa Esperança. A costa septentrional da Africa estava cheia das suas colonias, sendo as principaes ao oéste da pequena Syrtel, Utica, Carthago e Adrumeta. Tinham em Memphis um bairro destinado para as suas caravanas; é provavel que estabelecessem feitorias para o Levante, no golpho Persico, e nas ilhas de Tylas e de Arad (ilhas Bahrein).

Quando se alliaram com Salomão, dividiram com elle o commercio do mar Vermelho, que primeiro lhes foi disputado pelos indumeus.

Principalmente multiplicaram os seus estabelecimentos em Hespanha; os principaes existiam na Andaluzia, e desde a embocadura do Guadiana e do Guadalquiver, até aos reinos de Murcia e de Granada, as mais florescentes eram Tartessio, Gadés (Cadiz), Carteja, Malaca, Hispalis (Sevilha), e as columnas de Hercules.

Hercules foi para as tyrios o typo com que symbolisaram a historia das suas colonias.

Elles disseram que este heroe, querendo fazer guerra á Iberia, ao filho do opulento rei Chrysaoros, reuniu uma frota em Creta, ilha que servia de élo entre as colonias phenicias, atravessou a Africa, onde introduziu a agricultura e fundou a cidade de Hecatompylos: que, chegado ao estreito, passou a Cadiz, subjugou a Hespanha, roubou os bois de Geryão, depois voltou pela Gallia e Italia pelas ilhas do Mediterraneo.

Tal foi exactamente o caminho das suas colonias. Porém os phenicios não souberam, como depois soube Carthago, conserval-as na submissão, não tendo nem a faculdade nem os meios de as conter com exercitos, pelo que ellas bem depressa se emanciparam.

Com effeito, elles entregaram-se pouco ao exercicio das armas, e confiavam a sua defesa aos mercenarios da Asia, como os venezianos, aos dalmatas e aos exclavonias. Por isso soffreram muitas vezes o jugo dos conquistadores; porém ao menos afastaram essas funestas ambições, que as vezes impellem para a guerra até os povos commerciantes mais interessados em a evitar. Não se lhes conhecem outras conquistas além de Chypre, onde edificaram Citium (Kitim), e onde sempre se souberam conservar.

As suas colonias eram, pois, bem differentes das dos europeus modernos, mais vezes obra do acaso do que o resultado de um designio premeditado e apresentando a maior parte do tempo o triste espetaculo da tyrannia e da iniquidade.

Os phenicios distribuiam as suas pelos pontos mais favoraveis para o commercio, e não levavam para lá a mania de conquistar, como tem acontecido com a America; porém edificaram cidades, animavam a industria, e ligavam a si os novos povos pelo laço das necessidades reciprocas; o seu espirito de astucia e de fraude contribuia tambem para despertar n'esses selvagens o conhecimento de si mesmo e o valor de suas proprias riquezas.

A sciencia, a civilisação e o accrescimo de riquezas devem muito, como todo mundo reconhece, ás colonias modernas; porém as das antigas lhes foram ainda mais favoraveis.

As relações continuas entre a metropole e as colonias, alargam o circulo dos conhecimentos, desenvolvem as idéas politicas e aperfeiçoam a organisação social; por isso veremos as colonias gregas na Asia Menor e na Italia abalisarem-se pelo poder e pela sciencia e levarem ao seio da mãe patria a civilisação e as artes".

*

Eis finalmente uma rapida e pequena parte historica dos arrojados Phenicios e não seria um contrasenso admittir-se, com mais firmeza, que não lhes foi extranho o nosso continente, onde habitaram e deixaram uma variedade valiosa de symbolos e inscripções lapidares, até em formato colossal, como as de que ora nos occupamos, perpetuando esta reconhecida verdade, mas que tanto se tem procurado contraverter.

Sufficientes podemos suppor os argumentos deduzidos no Capitulo II, deste nosso trabalho, com referencia ao assumpto presente, mas não será demasiado delle destacarmos para aqui os seguintes periodos:

"Sabe-se que o culto de Belus, Bela ou Baal, era identificado com o Sól; ora, na America este mesmo culto existia: da mesma forma que em Babylonia, Belus foi adorado, no Perú adorava-se não só o Sól mas tambem o Inca, como seu descendente. Na America vêm-se monumentos cyclopicos e pyramides como no mundo antigo. Ahi fazia-se o estudo dos astros.

Os costumes sacerdotaes eram identicos aos dos Egypcios e a circumcisão era usada como entre os hebreus.

Tudo demonstra, pois, que os antigos povos dos dois mundos se frequentavam".

"Não esqueçamos de notar a proximidade das ilhas de Cabo-Verde da costa do Brasil e a existencia das correntes equatoriaes oppostas, que facilitam a travessia entre os dois grandes continentes para ida e volta: este facto é hoje perfeitamente reconhecido e póde-se verificar sobre a carta das correntes do oceano".

Assim, nossas citações provam que na antiguidade até a quéda de Carthago, 146 annos antes de Christo, o oceano tinha sido quasi sempre frequentado; que a America era conhecida dos povos navegadores; e, finalmente, que a facilidade das communicações existiu sempre entre os dois grandes continentes, pelos ventos alisios e as correntes equatoriaes, de que os marinheiros phenicios tinham plena experiencia...... Na propria America, na sua parte mais desconhecida, existem ainda varias localidades que têm conservado nomes hebraicos, cujas etymologias em grande numero deixámos sufficientemente provadas.

Em tudo isto encontrámos judiciosas razões, para melhor confirmação do nosso modo de ver sobre esse povo desapparecido, cujos feitos acabámos de rapidamente tratar, com a mais assignalada admiração. Consequentemente, era elle capaz de commettimentos maiores do que este que ora lhe attribuimos.

Refutando alguns pontos, da longa mas necessaria transcripção historica de Cantú que acabámos de levar a effeito, contrarios aos que ficaram externados nos 1os capitulos desta obra, damos em synthese a traducção da secular inscripção da Gavea, que teria sido executada, segundo os autores citados, approximadamente pelos annos 887-856, antes da nossa era, nestes termos:

RESUMO DA INSCRIPÇÃO DO MORRO DA GAVEA

טדרר פדיכיסיאנ באדדירב יהטתבאאל

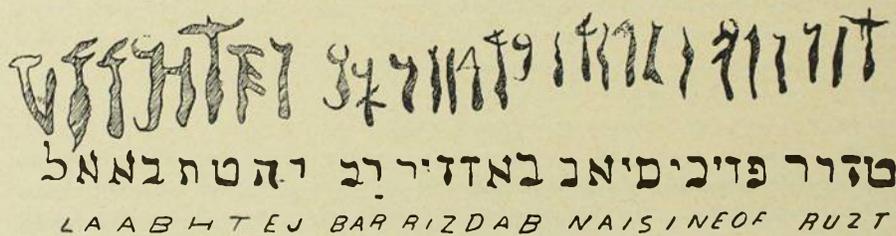
LAABHTEJ BAR RIZDAB NAISINEOF RUZT

TYRO PHENICIA, BADEZIR PRIMOGENITO DE JETHBAAL.

Fig. 1.226

Dada a hypothese de não a termos interpretado fielmente, resta-nos o consolo de que bem empregámos o nosso tempo, determinando com nossas modestas investigações o estimulo aos competentes, que nos perdoarão esse alvitre.

*

Ainda não tinhamos terminado o presente capitulo, quando fomos surprehendidos, não só por um despacho telegraphico transmittido ao Rio de Janeiro, dando noticia do

que apenas em reserva conservavamos, sobre a Inscripção da Gavea, como, ainda mais, pela fórma positiva com que fôra este dictado.

Deplorámos o incidente. Como nos alentou, entretanto, elle! Proporcionou-nos, pelas transcripções de jornaes, a opinião do illustre Dr. Basilio de Magalhães sobre o assumpto, demovido pelo não menos illustre Secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Dr. Max Fleiuss. Isto nos fez crer que já ha interesse pelo argumento deste nosso exclusivo trabalho, com o qual, é preciso dizer, nada tem de commum por emquanto o Instituto Geographico e Historico do Amazonas.

De facto, o venerando Instituto Brasileiro, em 1839, vacillou em affirmar se as gravuras da Gavea seriam obra corrosiva de phenomenos naturaes ou firmadas pela mão do homem.

Agora, porém, peremptoriamente admitte a primeira hypothese o illustre Dr. Basilio de Magalhães, que, por sua vez, cita monographias do eminente ethnologo Theodoro Sampaio, cujos trabalhos não desconhecemos. Surprehendeu-nos porém, a affirmativa de "haver elle colligido as mais importantes, se não todas as inscripções lapidares do Brasil"; e para isso temos nossas razões. Dahi ainda a opinião por nós já citada do Congresso Latino Americano, de 1905, sobre Inscripções do Brasil, nestes termos: "Dellas as mais curiosas são as do Valle do Amazonas, onde um povo certamente anterior ás tribus selvagens, da *era historica*, as pintou, desenhou ou gravou em rochedos e pedras".

Respeitámos, pois, a opinião do illustre Dr. Basilio de Magalhães, contraria a nossa que, não sendo ainda conhecida em seus detalhes, mereceu-lhe preliminarmente prompta repulsa. Comtudo, o que se torna admiravel é: esse "comezinho phenomeno natural", no seu dizer, ter, ainda assim, a prodigiosa propriedade de prestar-se a interpretação, que, sem grande esforço lhe demos, sob o ponto de vista paleographico e historico.

E' que esse "comezinho phenomeno natural" não será menos, talvez, que uma inscripção secular, cujos caracteres variam de 7 a 8 palmos de altura, segundo o Relatorio de 1839. Dadas, porém, as condições de sua vetustez, é intuitivo não conservarem alguns desses caracteres todos os seus delicados conjunctos, particularidade, aliás, que muito concorre para firmarmos a nossa asserção. Emfim, a verdade surgirá um dia.

Mas, diante da exposição que elaborámos, dos argumentos e factos citados, além dos que nos dictou Vigouroux, achámos tudo isto muito natural. Podemos permanecer em erro. Convém lembrar, que delle, em semelhante assumpto, não ficou isento Thomaz Hyd. Este grande sabio, seja-nos licito repetir: em longa dissertação procurou provar que as inscripções cuneiformes de Persepolis, longe de serem uma escriptura, não passavam de simples fantasia do architecto, para mostrar como de maneira differente se poderia combinar esses bizarros traços em fórma de angulo ou de prego e suas linhas successivamente perpendiculares, obliquas e horizontaes, ora cruzando-se, ora reunindo-se em angulo. Hyd neste caso não foi muito feliz e capitulou ante synthetica refutação de Chardin.

O nosso caso, pois, da Gavea despertava natural anciedade de discortino, cuja opportunidade determinariam os competentes, os mais interessados, e não nós, que por espirito de curiosidade apenas, delle tratámos. Assim pensando, pareceu-nos razoavel que um assumpto de natureza archeologica como é, e que de muitos tem occupado a attenção, não desde 1839 e sim do reinado de D. João VI, para cá, precisaria deixar o periodo mysterioso.

Eis o nosso unico intuito; sendo certo, finalmente, que questões desta ordem se discutem diante do original, e, na impossibilidade deste, da copia authentica, como succin-

tamente acabámos de fazer. Agindo de outro modo não passaremos da phase de simples conjecturas, em que até bem pouco vinhamos permanecendo [1].

*

Decorridos alguns dias, depois de darmos publicidade a estas linhas, fomos obsequiados por um amigo com a offerta do numero d'"A Noite", do Rio, no qual fôra inserto o artigo alludido.

Vimos, então, que fôra elle precedido da gravura das inscripções, mas esta com detestavel execução vinha, ainda mais, impressa em sentido inverso, o que certamente não deixaria de desorientar os leitores menos entendidos no assumpto. Não cremos que fosse propositado esse facto.

*

Realizadas por nós, em 22 e 27 de Dezembro de 1921, duas Conferencias, perante a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e a Directoria do XX° Congresso de Americanistas, constantes das noticias da Imprensa Carioca daquella epoca, transcriptas na parte supplementar deste trabalho, o respeitavel Instituto Historico e Geographico Brasileiro não se dignou refutar a these em questão. Entretanto, a parte bem saliente foi de facto a exhibição da importante Inscripção do Morro da Gavea, em projecções luminosas e explicações scientificas, em todas os seus detalhes.

Coube-nos, todavia, a honra de apresentar particularmente ao illustre presidente d'aquella Instituição o Exm. Sr. Conde de Affonso Celso, os volumes do nosso presente trabalho, causando-lhe magnifica impressão; sendo infelizmente curto o agradavel momento que para tal fim se offereceu.

A relevancia deste assumpto, porém, terá o seu momento proprio para surgir.

Aqui terminamos o primeiro volume das *Inscripções e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil*, seguido do Supplemento, sobre assumptos philologicos e outros, de grande auxilio para nosso emprehendimento.

---

(1) Houve conveniencia em dar publicidade a esta explicação, o que levámos a effeito no jornal "A Capital", n° 190 de 25 de Janeiro de 1918, em virtude de um artigo da "A Noite" do Rio., aqui transcripto pelo "O Tempo", de 9 do referido mez e anno.

PARTE SUPPLEMENTAR

LIGEIROS TRAÇOS DA HISTORIA GREGA

OBSERVAMOS de modo evidente a affluencia do elemento epigraphico grego no Continente Americano, como que nos demonstrando a superioridade da emigração grega á phenicia.

Os artefactos ceramicos e outros specimens, abundantemente encontrados em excavações e ora descriptos e collecionados por varios archeologos, corroboram, por sua vez, esta asserção.

Não é abrangido pela nossa these, todo o vasto assumpto prehistorico do Continente Americano, tarefa, com effeito, superior ás nossas forças. Entretanto temos tido conveniencia de citar de relance determinados factos, no sentido de seus computos chronologicos e esta necessidade nos tem obrigado a ouvir varios e competentes autores, attendendo á complexidade do nosso capital assumpto.

Esta observancia foi suggerida pelo facto de termos tratado já, bastante, do elemento propriamente phenicio. Ora, vemos no decurso de nossas cogitações, apparição do grego a par daquelle ou até superiormente, no ponto de vista predito.

Em taes condições não será demasiado, nem fóra de proposito, dedicarmos algumas linhas sobre uma parte apenas do historico deste povo, que tanto mostra haver collaborado na vida valiosa, prehistorica do nosso Continente, segundo hoje nos demonstram seus monumentos epigraphicos, dos quaes não faz a Historia menção. Estes elementos precisamos procurar, definir, pesquizando o que de vago mesmo nos possam suggerir suas traducções e revelações. Vejamos resumidamente o que nos diz Ph. Hauser (1): "..... Comtudo, entre os numerosos povos que têm dominado o antigo continente, antes da nossa era, não ha mais que dois, pequenos pelo numero de seus habitantes, porém grandes por suas qualidades intellectuaes e moraes, que têm a insigne honra de haver deixado um traço profundo na historia da humanidade: são os Gregos e os Judeus; donde, uns illuminaram o mundo pela luz da sciencia, pela elevação da razão e do sentimento humano e pela arte e philosophia, e outros inauguraram entre as nações o monotheismo e transmittiram um livro sagrado a Biblia, fonte de revelações, estabelecendo uma ligação intima entre Deus e o homem. Nem se saberia imaginar a civilisação européa moderna, nem nossa arte, nem nossa sciencia, nem nossa philosophia, sem remontal-as á fonte, sem reatal-as á alta cultura da Grecia, que brilhava já cinco seculos antes de J. C.,

---

(1) « *Les Grecs et les Semites, dans l'Histoire de l'Humanité.* Prefacio p. III e pags. 29 e seguintes, Paris 1909 ?

nas artes, na poesia, na tragedia, do mesmo modo na esculptura e na pintura, nas sciencias exactas e naturaes, como na philosophia. Não se poderia tambem conceber o Christianismo attingir o seu mais alto gráo de desenvolvimento actual, sem remontal-o á sua origem, ás suas tradições, aos seus primeiros apostolos, que ensinaram os principios religiosos e moraes, contidos na Biblia, isto é, sem o Judaismo, do qual elle é um prolongamento, uma phase de evolução".

« Ora, sendo dado que a idéa religiosa e a sciencia constituem duas forças, das quaes, uma reside no sentimento e outra na razão, e que as duas tendendo a elevar a alma humana são chamadas a governar a humanidade, é necessario que, em logar de se combaterem, ellas se unam na acção e marchem de accordo, para realçar cada vez mais o sentimento da dignidade humana e para tornar mais solidas as cadeias da solidariedade social e em harmonia com a liberdade individual. . . »

« Segundo toda probabilidade, os Egypcios e sobretudo os Phenicios, se estabeleceram na Grecia, no XVI seculo antes de J. C., sob o reinado de Thoutemosis 1°, rei da decima oitava dynastia egypcia, que submetteu ao seu dominio as costas gregas, ao que parece, por meio da marinha phenicia, na época da invasão da Syria pela tropa de Thoutemosis, e os phenicios reconheceram o dominio egypcio. Eis um facto que o confirma: Nas excavações feitas em Thebas, no Egypto, em 1859, descobriu-se um hymno celebre, escripto no tempo deste rei, no qual, deus Amon o exhorta, dizendo-lhe: "eu venho e autoriso-te esmagar os povos que habitarem as ilhas do mar Egeu e as regiões que se estendem ao longo destas margens". »

« Este documento prova a evidencia, o dominio egypcio na Grecia. Não foi senão depois da retirada dos Egypcios, que os phenicios preponderaram em algumas ilhas do mar Egeu e do mar Jonio, onde o seu poder durou cerca de dois seculos. »

« Todavia, os phenicios nunca penetraram no interior dos paizes gregos, limitando-se apenas na occupação do littoral e deixando aos habitantes do interior toda independencia, conservando, além disso, boas relações commerciaes com elles. »

« Depois que os phenicios se tornaram mestres dos gregos, na arte da escripta e na da navegação, contribuindo assim para o seu desenvolvimento, os gregos, pela força das circumstancias, entraram em collisão com os usurpadores de seu territorio. »

« Nesta época a Grecia soffreu uma emigração doria; uma outra ramificação da familia aryana, vinda da Asia central, se fixou na parte septentrional da peninsula, onde fundou muitas cidades, tendo Sparta como capital. Depois de ter sustentado luctas com povos da mesma raça, durante alguns annos, os Dorios repelliram os Beocios para o sul e os Tessalios para éste, emquanto que os Ionios, (uma das mais antigas tribus gregas), provenientes das costas da Asia Menor, se conservavam em Attica, cuja capital foi Athenas. Assim os montanhezes vindos do norte repelliram os habitantes para a planicie e costas. Ao começo, estas duas raças guerrearam-se mutuamente, acabando por se unirem. O povo grego teria portanto sua origem d'uma mescla das tribus Pelagias, Dorias, Ionias e Éolias, que acabaram por formar sua unidade nacional, sob o nome de Hellenos. »

« Por ser a Grecia um paiz montanhoso por excellencia, formado por peninsulas, ilhas e valles, separados entre si, tanto por mar, como pelas montanhas, seus habitantes eram por natureza affeitos a serem guerreiros e maritimos. De mais, os Gregos se distinguiram, desde os tempos mais antigos, dos outros povos visinhos, pela intelligencia, pela originalidade e pela sua cultura: os poemas de Homero, que datam do IX seculo antes de J. C., dão um testemunho bem eloquente; elles nos fazem conhecer que a raça grega

tinha occupado as ilhas ao sul do mar Egeu, e provam egualmente que a lingua grega tinha já alcançado um gráo de cultura superior á dos paizes visinhos, que os gregos se aprazíam em qualificar de barbaros. »

« Negociantes, maritimos, viajantes, aventureiros, como os Phenicios, os Gregos têm ainda sido um povo guerreiro, dotado, ao mesmo tempo, d'uma intelligencia superior e d'um amor inegualavel pelas artes e sciencias. »

« Não obstante estas altas qualidades, os Gregos não formaram jamais um corpo de nação; elles permaneciam divididos em pequenos povos, como no tempo de Homero; cada um d'elles habitava um pequeno cantão isolado de seu visinho, por um braço de mar ou muralha de rochedos; cada cantão formava um Estado á parte, a que se chamava Cidade; havia uma centena d'ellas, entre as quaes, se distinguiam Athenas, Sparta e Thebas. Entretanto, todos falavam a mesma lingua, adoravam os mesmos deuses, e participavam dos mesmos jogos olympicos. Todavia, no ponto de vista da historia de sua evolução nacional, não se deve considerar a Grecia como um paiz circumscripto em limites estreitos, assegurados pela natureza; as cidades gregas enviaram cedo colonias aos paizes vizinhos e regiões longinquas, onde fundaram, como em seu paiz, pequenos Estados gregos, disseminando ao mesmo tempo, em geral, os germens de sua cultura. »

« Falava-se a lingua grega em todas as costas da Asia Menor, desde o Mar Negro até ao Caucaso e na Criméa, como nas ilhas do archipelago; em Creta e Chypre, e ao longo da Turquia Européa; fundaram Naucratis e Cyrene na Africa, Syracusa e Selimonte na Sicilia, Tarento e Napolis na Italia. Encontrava-se a Grecia por toda a parte onde havia homens que falavam a lingua grega, onde a sua arte havia criado obra prima nacional. Só o fóco de radiação se encontrava na parte sul da peninsula balkanica. De mais, as colonias gregas se distinguiam das de outros paizes, em não se estabelecerem ao acaso, com um desenvolvimento lento; todos os colonos partiam por vez, debaixo de um Chefe, e a nova cidade era fundada em poucos dias. »

« *Sua actividade colonial era de tal forma grande, que por toda a parte propagavam sua lingua, sua mentalidade, suas artes e seu systema politico.* »

« O que caracterisa, sobretudo, a cultura dos Gregos, é que, durante todas as phases de sua evolução e em todas as formas de sua actividade intellectual, deram prova do espirito pratico e de amor á natureza, da qual procuravam divinisar as forças, para pôl-as em harmonia com as realidades da vida. Não encaramos como um sacrilegio julgar seus deuses sujeitos ás paixões humanas.

Hermes era considerado como ladrão; Aphrodite era celebre por suas faceirices; todos eram vaidosos e ciumentos e não podiam conformar-se em ver um homem completamente feliz. Segundo os Gregos, a prosperidade do homem era para elles cheia de perigos, porque excitava a colera dos deuses.

Xenophonte dizia: "os primitivos gregos fizeram seus deuses á sua imagem; mais tarde, com o progresso nas sciencias e nas artes, seus descendentes ficaram revoltados contra estes defeitos, mas não ousaram tocar nos habitos e na rotina de seus antepassados. A idea religiosa era entre elles de tal maneira apegada a todos os actos da vida, que faziam em honra dos deuses, jogos solemnes, dos quaes, os principaes eram os do Olympio em honra de Jupiter. Havia-os tambem em Coryntho, no templo de Poseidon e em Delphos, no de Apollo. Celebravam-se nos campos, annualmente, danças religiosas em honra do deus das vindimas, Dyonisos. Ainda que estas danças populares, onde se representava a vida dos deuses e dos heroes, tivessem dado origem, com o tempo, á tragedia e á comedia, estas

guardavam sempre alguma cousa de sua origem; tornadas peças theatraes, continuaram a ser representadas diante do altar dos deuses". »

« A architectura grega distingiu-se, igualmente, por seu caracter religioso, porque os mais bellos edificios eram construidos em honra dos deuses. Todavia, como a Grecia não tinha corpo de doutrina fixa, nem dogma, nem classe sacerdotal, o espirito scientifico desenvolvia-se com toda liberdade, em relação directa com a razão, principalmente em Athenas, que se tornou no tempo de Pericles, não sómente a cidade dos artistas, dos pintores e dos architectos, mas tambem, a dos grandes oradores, escriptores e pensadores.

Assim formaram-se grupos de sabios, occupados a ensinar a physica, astronomia e a historia natural, estabelecendo escolas, frequentadas por grande numero de alumnos.

O que sobretudo distingue a cultura do povo grego é o seu harmonioso complexo de dons superiores do pensamento, suas prodigiosas faculdades das varias expressões dos sentimentos humanos. Pode-se dizer que a historia de sua evolução representa em miniatura a da humanidade inteira. Para convencer-se disto é sufficiente deitar-se um rapido golpe de vista sobre a evolução intellectual deste povo, pequeno em numero, mas o maior pela belleza do pensamento e pela faculdade creadora. »

« *Embora a historia permaneça muda sobre as primeiras phases de seu desenvolvimento e que se tenha habituado a considerar as primeiras façanhas de sua juventude, a guerra de Troia, como pertencendo a idade mytica, a ponto de pôr em duvida a existencia de Homero e de ver as obras litterarias, a Iliada e a Odysséa, como uma ficção poetica de autor anonymo, as memoraveis descobertas de Schliemann, em 1870, das ruinas da antiga Troia, taes como foram descriptas por Homero, constituem uma prova indiscutivel em favor d'um facto historico; porque em consequencia das escavações feitas por Schliemann e mais tarde por outros archeologos francezes e inglezes, encontraram-se, não somente as ruinas das antigas cidades da região onde teve logar a guerra de Troia, como ainda, obras d'arte primitiva, vasos em argila ornados de figuras, e taças de ouro. Além de Troia, descobriram-se outras cidades, como Mycenas, residencia do rei Agamemnon e Tyrinte, antigas cidades de Argolida, patria de Hercules, onde se encontraram restos de muralhas cyclopicas, o que prova bem que a Grecia, já em seus primeiros tempos, isto é, na idade heroica, havia cultivado a arte ou ao menos havia conhecido as obras artisticas do Egypto e da Syria, introduzidas pelos Phenicios. Deste modo, é-se forçado a admirar que a lingua grega houvesse attingido, já no IX e X seculo antes de J. C., a um tão alto grão de perfeição tal como a encontramos na Iliada e Odysséa, nas quaes se é surprehendido, tanto pela construcção grammatical, como pela forma poetica perfeita. A historia desses heroicos combates diante de Troia é uma descripção completa da vida e dos costumes gregos, antes da migração doriana.* »

« *Um outro poeta da mesma época, não menos notavel que Homero, é Hesiodo, autor de poesias religiosas e moraes, de caracter didactico, taes como os Trabalhos e os Dias, e Theogonia. Elle escreve igualmente sobre agricultura e o dever da vida domestica.* »

« *Estas obras, que datam do IX seculo antes de J. C., isto é, da época da migração doriana, são provas incontestas de que os habitantes da Grecia de então, haviam já atravessado as primeiras etapas de uma cultura elementar e se encontravam em condições de attingir a uma cultura superior.* Todavia, depois da migração doriana, dois seculos passaram mais ou menos, antes que as differentes tribus dorianas, ionianas e etolianas, que occupavam o solo grego, se juntassem para fundar sua unidade nacional, que teve por corollario, o estabelecimento de jogos olympicos, que então celebravam todos os quatro

annos, a Olympiada, com o fim de despertar o sentimento de collectividade hellenica. É dos jogos olympicos que começa a chronologia da Grecia. A primeira festa data do anno 776 antes de J. C. »

« A Grecia teve igualmente necessidade de muitos seculos para firmar sua pujança colonial sobre as ilhas do mar Egeu, sobre o littoral do Mediterraneo e do Mar Negro; ella teve de sustentar acerbas luctas contra a Phenicia, que lhe havia precedido, longo tempo, em seus estabelecimentos coloniaes. Impulsionados pela necessidade do commercio e pelo espirito de expansão, os Gregos foram obrigados a criar sua marinha mercante e de guerra, o que contribuiu para dar um grande impulso ao movimento intellectual e o progresso nas artes. A medida que sua cultura geral ganhava em vigor e em extensão elles mudavam tambem suas formas de governo. As cidades habitadas pelos Ionios como Athenas, adoptaram o governo democratico, emquanto que as habitadas pelos Dorios, como Sparta, onde predominava a oligarchia, preferiram o systema monnarchico. Os progressos da Grecia, e o accrescimo de sua pujança colonial excitaram a inveja da Persia que por terra e por mar a invadiu, em 490 e em 480 antes de J. C. »

« A defesa heroica de Athenas, porém, auxiliada por Sparta e por outras cidades gregas, decidiu a victoria em favor da Grecia, obrigando os Persas á retirada definitiva e assegurando a Athenas a hegemonia sobre as outras cidades da Grecia. Graças ao prestigio adquirido por esta victoria, o governo democrata de Athenas se firmou sobre uma base mais solida, e o regimen liberal se firmou desde logo, mais e mais, dando logar ao desenvolvimento rapido das artes e das sciencias, que se prolongou durante os V e IV seculos, não obstante a guerra do Peloponeso, que durou 27 annos. Graça á intelligencia, a sabedoria e o prestigio de Pericles, que dirigia a politica de Athenas, durante 40 annos, e graça ao seu governo liberal, ella foi a cidade mais possante e a mais florescente da Grecia, ao mesmo tempo, a cidade dos poetas, dos oradores, dos architectos, dos pintores, dos philosophos e dos historiadores Athenienses de nascimento ou Hellenos vindos de fóra, mesmo das colonias, para se aquecerem ao sol claro de Athenas. A esta época, a Grecia contava com uma phalange de homens de elite, que se distinguiam em todos os ramos do saber humano. Não citaremos senão aquelles que contribuiram para a mais alta cultura do paiz. Entre os historiographos figura antes de tudo Herodoto, que descreveu as guerras medicas; seus escriptos formam um dos monumentos mais preciosos e os melhores concebidos, da antiguidade; em seguida, Thucydide, atheniense de nascimento, autor da Historia da guerra do Peloponeso; escriptor original e veridico, descrevendo os feitos ao mesmo tempo que o caracter dos homens, que representavam um papel na guerra, procurou por toda parte estabelecer factos preciosos e encadeal-os entre si; nega cathegoricamente a influencia do acaso e da fatalidade nos destinos da nação; não reconhece de nenhum modo mais a acção divina nos phenomenos naturaes, nem nos acontecimentos politicos. Para elle, Némésis está morta. »

«Um outro historiador, não menos illustre, é Xenophonte, que descreveu a guerra do Peloponeso; era ao mesmo tempo philosopho, tendo sido um dos discipulos preferidos de Socrates; o que não o impediu de figurar entre os generaes: elle contou em *Anabasa*, como dirigiu a retirada dos Dez-Mil mercenarios gregos, no serviço de Cyrus.

É elle autor da *Cyropedia*, de dez *Conferencias memoraveis de Socrates* e de um *Tratado sobre economia.*»

« Na mesma época, Athenas tinha produzido os homens mais celebres da Grecia: Eschylo, Sophocles, Euripede, Aristophano e Pindaro. Eschylo é considerado como o

pae da tragedia grega; suas obras, puramente lyricas, se distinguem pela profundeza dos sentimentos religiosos e philosophicos. Sophocles fez egualmente grande progresso na tragedia grega. Em suas obras, elle diminue o papel dos coristas e procura, antes, relevar o principio de acção na vontade humana. Suas peças conhecidas sob os nomes d'*Antigone*, *Electro*, *Œdipo rei*, *Ajax*, *Philocleta*, os *Trachyniennas* e *Œdipo em Colonna*, são consideradas como obras primas. Elle teve a felicidade de ser apreciado por seus concidadãos, que o cobriram de gloria. Euripede, ao contrario, teve uma existencia difficilima e desgraçada desde sua infancia; acabou devorado por cães de pastores. Sobre 90 peças que elle apresentou em scena, 5 apenas foram coroadas de successos.»

« Sophocles disse d'elle: "Elle errou, descreveu os homens taes como são, emquanto eu, descrevi, taes como deveriam ser". As tragedias de Sophocles e de Eschylo representam o homem em continua lucta contra o destino e os oraculos como portavozes dos deuses, emquanto que, Euripide faz livrar dos combates aos heroes contra suas paixões, sem fazer entervir os decretos divinos. "O drama, segundo elle, não apresenta mais uma lucta entre o céo e a terra, senão no proprio coração humano. Longe de elevar a virtude humana e seus actos heroicos, elle se satisfaz em mostrar ao publico as fraquezas humanas, e todo o passado religioso dos Gregos veiu morrer em seus dramas". Seu adversario, Aristophano, o qualificou bem erradamente de corruptor de cidades e inimigo dos deuses. Aristophano era de origem aristocratica. Elle aprazia-se de pôr em relevo os vicios de seus contemporaneos, mas suas qualidades moraes ficavam longe de attingir a altura de seu talento. Arraigado á rotina e ás ideias polytheistas, teve o máo gosto de atacar Socrates em *Les Nuée*, com muita malevolencia e má fé; servia-se de seu talento poetico, como arma de combate contra a philosophia e a sciencia, contra os mais distinctos sabios de seu tempo e os oradores mais eloquentes, assim como contra os generaes mais intrepidos, com o unico fim de divertir o publico.»

«Pindaro foi considerado como chefe dos poetas lyricos gregos. Suas odes se tornaram celebres pela intrepidez do pensamento e da metaphora, pela energia da expressão, abundancia e riqueza das imagens, pela clareza e a vivacidade da expressão. Da mesma forma que nas lettras, os gregos se avantajavam nas artes, sobretudo na da escultura, que chegou entre elles a um gráo de perfeição, jamais attingido, antes, ou depois, por alguma outra nação.»

« É claro, que elles não alcançaram este alto gráo, sinão á força de tempo e de trabalho. As artes, como as lettras e as sciencias, têm necessidade, não sómente da inspiração, mas tambem do esforço, da perseverança, dum aperfeiçoamento do gosto e dos sentidos, assim como, d'um grande espirito de imitação da natureza em todas as suas manifestações. Todavia, habituados a divinisar as forças da natureza, os architectos e esculptores gregos dirigiram seus esforços para a construcção de bellos templos em honra dos deuses, da mesma forma que os egypcios.»

« O Parthenon, construido por Ictinus e ornamentado por Phidios, todo de marmore do Tentelico, é considerado como obra prima da arte Hellenica. Uma outra obra prima de architectura, os Propyleos, portico da Acropole de Athenas, foi edificado por Mnesicles. Como a capital, toda Attica teve monumentos esplendidos, inspirados pelo amor da patria e por um reconhecimento piedoso para com os deuses. Na cidade santa de Eleusis, em frente de Salamina, foi eregido um templo construido por Ictinus, bastante espaçoso para poder conter todos os iniciados nos mysterios de Ceres. No cume do cabo Sunium, dois templos foram consagrados aos deuses tutelares da Attica, que indicavam de longe aos

navegadores vindos da Asia, a proximidade da terra em que os Persas encontraram o seu tumulo e os Gregos a sua liberdade. »

« Sob o governo de Pericles, durante o V seculo antes da era christã, a Grecia elevou-se em todos os ramos da arte, acima de todas as nações da antiguidade e os esculptores gregos figuram ainda hoje como os grandes mestres da arte e servem de modelo aos artista modernos. Muitos factores contribuiram para isso: 1°, o seu amor aos exercicios gymnasticos, seu habito de viver ao ar livre, graças á doçura do clima e de seus vestuarios leves, que permittiam ver no desenvolvimento harmonioso do corpo, um conjuncto de circumstancias que lhes facilitava o estudo da arte plastica no proprio homem; depois, seu espirito esthetico e o seu culto da belleza e finalmente, a concepção religiosa que formou os deuses á imagem do homem, considerando-os como uma humanidade superior, Os escriptores gregos se inspiraram sempre neste ideal: elevar a belleza humana á perfeição. A Grecia rendeu sempre um culto á belleza. Socrates disse: "não se faz grandes elogios á virtude, sinão porque ella constitue a belleza moral". »

« Entre os grandes esculptores gregos, figuraram na primeira linha Phidias e Polycleto. O primeiro esculpiu a *Athena* do Parthenon e o *Zeus* de Olympia. Os Athenienses testemunhavam uma piedade totalmente grande pelos seus deuses. Não mediam sacrificios de valor monetario, para lhes dar um aspecto magestoso, como a Pallas do Parthenon, no qual a parte nua era em marfim e a coberta, em ouro.

Seu peso era de 40 talentos, equivalentes a 2.400.000 francos; o que prova que na Grecia, ao tempo de Pericles, o sentimento religioso era internamente ligado ao esthetico. Entretanto, Phidias tinha o grande merito de haver realisado o ideal da belleza em expressão harmoniosa da vida e da suprema influencia da philosophia de seu tempo. Quanto aos deuses, apurava sua paciencia para lhes dar expressão da serenidade do poder e intelligencia no governo do mundo, de modo que, longe de formar os deuses de Olympo á imagem do homem, dera a estes expressão do ideal divino, o pensamento mais elevado. »

« Polycleto é conhecido, antes de tudo, pela fundação da Escola de Agricultura em Argos, em seguida pela estatua colossal de Hera, esposa de Zeus, que rivalisa em belleza com a de Pallas, Athenea, de Phidias. A Grecia tinha ainda outros esculptores celebres, taes como: Proxitelo, Scopas e Lysippo. O chefe d'obra de Scopas, foi a estatua de Niobé. »

« A escola de Athenas tem todo o exito de haver elevado ao mais alto grão de perfeição a arte de cinzelar os metaes e o marfim, de modelar as pedras, tanto em gravura como em relevo. . . »

« É natural que um povo que tem sabido exprimir tão vivamente os sentimentos da religião e da patria, das differentes formas da arte, dramas, poesia, esculptura, pintura, tenha sido attrahido a cultivar igualmente a musica, para communicar o enthusiasmo ao auditorio dos espectaculos e das festas nacionaes. »

« Com effeito, os gregos introduziram na musica muitos aperfeiçoamentos. »

« Por sua vez, inventaram tres modos principaes: o doriano magestoso, o ioniano gracioso e o eoliano pathetico. Era ao som da flauta que cantavam os hymnos aos deuses, entoavam os côros das tragedias ou acompanhavam as danças; os côros cantavam as odes e as scenas lyricas das tragedias. »

« Pythagoras descobriu a theoria da propagação dos sons, em seguida as analogias musicaes e a maneira de determinar a gravidade dos sons, depois a rapidez e vibração das cordas. »

« Mas, considerando que uma oitava ficava esteril ao lado da vóz humana, que gosa com pouca differença, uma oitava e meia ampla, Aristoxeno, discipulo d'Aristoteles, procurou modificar as divisões mathematicas da corda, para restringir as quintas d'uma maneira imperceptivel, afim de que a musica pudesse recorrer a um certo numero de oitavas, sem alterar sensivelmente a connexão da precizão entre os diversos intervallos melodiosos. A musica não era senão um modo de accentuação da poesia. Não foi senão mais tarde que esta accentuação apparecera mais expressiva e mais terna. É, em todo caso, digno de nota, que os legisladores gregos, tanto Solon como Lycurgo, consideravam a musica como uma parte essencial da educação; elles a viam como um dos arrimos do espirito publico e da força nacional. . . »

*

É claro, que a muito se estende a fascinante historia grega, mas, é sufficiente, para o effeito demonstrativo, o que aqui deixámos resumido e que deve ser ligado a outros topicos que temos citado.

Em todas as phases passadas que se encarar a Grecia, teremos sempre: o testemunho do desenvolvimento intellectual e esthetico; a sublimidade da sciencia, das artes e factos, os mais surprehendentes. É pena, porém, que um povo tão celebre, que produziu homens sabios em grande numero, que se immortalisaram, não se pudesse manter nesse apogeu e não continuasse, sem lamentavel interrupção, a caminhar progressivamente na esphera de suas luzes radiantes. Muitas foram, segundo a successão dos factos, as causas que concorreram para precipitar a decadencia da Grecia, a perda de sua independencia e do pujante progresso, portanto, de seu esplendor.

Queremos tratar de sua prehistoria, que teve de passar por differentes phases, do mesmo modo que as d'outras regiões da Europa, de seus primeiros habitantes, de sua época neolithica, de suas construcções cyclopicas, de seus primeiros instrumentos de guerra e cultura, etc. De tudo isto fala-nos P. Hauser, e confirmam outros autores.

Não menos importante é a probabilidade dos egypcios e principalmente dos phenicios haverem no XVI seculo antes de J. C., se estabelecido no litoral da Grecia; além disto, apparecem noticias de outras emigrações successivas que lhe affluiram e as luctas então originadas, nas quaes ficaram patentes nos gregos, as qualidades pasmosas de habeis guerreiros e maritimos. Os poemas de Homero, que datam do IX seculo antes de J. C., dão um eloquente testemunho disto e da alta cultura dos mesmos, nas sciencias e nas artes.

Destaquemos este facto, aliás bem significativo: "As cidades gregas enviaram cedo colonos aos paizes visinhos e regiões longinquas, onde fundaram, como em seu paiz, pequenos Estados gregos, disseminando ao mesmo tempo em geral, os germens de sua cultura".

Eis em sentido vago, um caso que nos merece certa importancia, e que completaremos com este outro: "sua actividade colonial era de tal forma grande, que por toda parte propagaram sua lingua, sua mentalidade, suas artes e o seu systema politico".

Não será pois de admirar que aqui esteja explicado mais um caso surprehendente, porque: "a historia tem permanecido muda sobre as primeiras phases do desenvolvimento da Grecia e se tem habituado a considerar as primeiras façanhas de sua juventude, a guerra de Troia, como pertencendo á idade mytica, ao ponto de pôr em duvida a existencia de Homero e de julgar suas obras litterarias a Iliada e a Odysséa, como uma ficção poetica de autores anonymos; asserção esta, erronea, que felizmente, em 1870 veiu cair por terra, graças a Schilemann, descobrindo as ruinas de Troia".

Este facto e muitos outros que se vão desvendando, animam-nos sobre modo a interrogar, por nossa vez, sobre a origem da monumental epigraphia grega, disseminada pelo Continente Americano e ora por nós interpretada. Ella contém em si, como deixámos demonstrado, o sufficiente elemento para cogitações tão claras, em todos os pontos em que se procure encaral-a. A quem attribuir, senão aos gregos, essas lembranças epigraphicas, nas quaes tanto resaltam suas divindades, e que assignalam o seu privilegiado moral, intellectual e artistico, e que nos fallam de cousas só a elles peculiares, proprias ao periodo de então? Eis mais uma contribuição, para sobre ella meditarem os competentes, fazendo a devida justiça, estabelecendo a verdade historica, *"dando a Cesar o que é de Cesar"*.

Estudada a petrographia, por sua vez, muitas luzes derramará sobre a nossa prehistoria eivada de extravagantes conjecturas, como a da propria Grecia, tão vilipendiada.

Os caracteres, ora lineares, ora figurativos, esculpidos e pintados sobre rochedos, na vastidão de nosso solo, de norte a sul, nos logares os mais reconditos mesmo, constituem hoje para nós o elemento superiormente valioso, base incontestavel e verdadeiro monumento, que encerra, a nosso ver, um precioso archivo prehistorico nacional.

A sublimidade da orthographia e das phrases, o enlevo do pensamento, a concepção da arte, que se encontram nessas inscripções reveladoras, mostram uma cultura, que bem coincide com o rapido historico que acabámos de transcrever.

De um estudo methodico e paciente que requer essa ordem de caracteres vetustos, conseguir-se-á o complemento de ideias externadas, mas incompletas muitas vezes, porque os historiadores e archeologos deram preferencia ao que lhes pareceu mais agradavel e facil. Essas revelações conhecidas e tantas outras que já temos conseguido com algum esforço, constituirão preciosidades admiraveis do pensamento e da arte, proprios a esse povo emprehendedor, ao qual devemos a primordial phase da nossa civilisação, desapparecida tão mysteriosamente.

Ao par das inscripções, notadamente se encontram os admiraveis artefactos ceramicos, que não foram attingidos pelos ligeiros traços historicos precedentes; artefactos reveladores de muita arte, dos quaes já tratámos desenvolvidamente em capitulos respectivos.

Tudo isto, finalmente, corrobora a exacção do nosso modo de vêr, e, se de modo diverso pensam os competentes, que nos proporcionem o prazer de suas refutações, mas que sejam ellas munidas de argumentos e provas, capazes de sobrepujar os nossos.

PEDRA ATTRIBUIDA AO TEMPLO DE SALOMÃO, COM CARACTERES PINTADOS

F. Vigouroux, em sua já citada obra — *"A Biblia e as Descobertas Modernas"*, muito nos tem orientado sobre varios assumptos, dos quaes ora nos occupamos. A proposito, tratando, no vol. III, ás ps. 299-309, do que concerne á epigraphe acima, offerece uma bem interessante inscripção. D'ella passamos a tratar, precedendo-a de ligeiros traços descriptivos dos muros do grande Templo.

« As muralhas elevadas por Salomão, diz o autor, para sustentar a plataforma, eram construidas com pedras de enormes dimensões, que excitavam admiração do autor dos livros dos Reis:

O rei, diz elle, ordenou que fossem extrahidas grandes pedras de preço, para fundação da Casa (de Deus) e pedras de talhe (I, III, Reg., V, 31 17). Josepho escreve a seu

turno sobre a grande muralha: "Ella constituia por si, uma obra das mais gigantescas, da qual o homem pudesse e tenha ouvido falar". E admira tambem os "blocos enormes", empregados na sua construcção, "semelhantes aos de Baalbek". Esta admiração tinha real fundamento. »

« Os seculos e os homens, muitas vezes mais temiveis que o proprio tempo, que puderam arruinar o Templo erigido por Salomão, não conseguiram destruir completamente os fortes *assises* sobre os quaes elle tinha feito repousar a plataforma do Moriah. Os alicerces dos muros de escora, subsistem ainda em parte (1), tendo afrontado o furor dos soldados de Nabuchodonosor; e Herodes reconstituindo o Templo, deixou-os intactos. »

« É o que provaram nestes ultimos annos as excavações de um capitão inglez, membro da expedição scientifica da Gran Bretanha na Palestina, M. Warren. »

« Sua descoberta é uma das mais interessantes feitas em Jerusalém. Vamos deixar o proprio M. Warren, expol-a, contentando-nos em traduzir: "No fim de 1868, dirigimos de novo nossa attenção para o angulo sudeste do Templo, e cavamos um poço a 6^m, d'alli. Do fundo deste, uma galeria foi traçada do lado do muro do Templo, que attingira cerca de 2^m, do angulo. As pedras do muro são semelhantes ás d'aquelle, onde vão chorar os judeos, ainda que este esteja na profundidade de mais de 24^m abaixo da superficie. Sobre uma das pedras, descobrimos pintadas de vermelhão, as tres lettras phenicias, equivalentes a O. Y. Q. conforme a seguinte figura 1.145. »

Fig. 1.145 — Pedra attribuida ao templo de Salomão, com caracteres pintados

« Reproduz ella uma pedra da segunda *assises* do muro oriental. Os caracteres que ahi se acham reproduzidos são pintados sobre a pedra (Ch. Warren, Underground Jerusalém, in 8°, Londres, 1876, ps. 143 e 420). Pode-se ver ibid. p. 140, conjuncto do panno do muro, onde se encontram as pedras que contêm os caracteres phenicios aqui delineados. Todas estas figuras encontram-se tambem em Wilson, Warren etc. *The Recovery of Jerusalém*, in 8°, Londres 1871; o conjuncto do panno do muro, p. 35; os caracteres pintados, p. 143. M. G. Perrot, julga que esta pedra é Herodiana, *Histoire de l'art.* t. IV, p. 212-213. »

« Isto era uma grande descoberta porque estas lettras deviam dar uma data a estas pedras. »

« Perguntareis talvez: que certeza se poderá ter, de que estas lettras sejam do tempo em que o muro foi construido ? Eu vou dizer: Sobre a rocha delicada donde se eleva este grande muro, ha uma camada de 2 a 3^m, de terra vegetal, avermelhada, cheia de fragmentos de ceramica. Fez-se uma valla nesta terra, para n'ella serem collocadas as grandes pedras do muro do Templo, e por consequencia, as duas ou tres primeiras ficaram sempre occultas ás vistas. »

« Ora, é de notar que foi somente abaixo desta linha que encontrámos as marcas ou signaes pintados em vermelho. Em cima ellas foram riscadas ou apagadas ha perto de 3.000 annos. Os signaes que encontrámos foram portanto os que tinham sido cobertos no momento da construcção do muro. »

---

(1) « Não subsiste mais de resto, uma só pedra do Templo propriamente dito de Herodes, e com mais forte razão do de Salomão; e assim a prophecia de Jesus Christo : *Non relinqueteur hic lapis super lapidem, qui non distruatur*, (Math. XXIV. 2), fora litteralmente cumprida. »

« Era de toda conveniencia, portanto, formar-se uma opinião segura sobre este assumpto e constatar exactamente sua authenticidade. »

« Tinhamos em Jerusalém, no Consul allemão, Dr. Petermann, um dos maiores Orientalistas da Europa. Submettida a questão, a elle, declarou, sem hesitar, que os caracteres eram phenicios, embora não pudesse dar positivamente o sentido preciso das palavras. »

« Mais tarde, descobrimos outros signaes. O Dr. Petermann julgou poder ler em uma pedra a palavra em lingua phenicia — "um sello ou signal", mas sem muita certeza. »

« Sobre outra pedra estavam gravados signaes completamente semelhantes aos que encontrou, mais tarde, sobre os muros de Sidon, de Danças, d'Afka e de Baalbeck. Encontraram-se tambem signaes analogos, sobre as pedras do muro phenicio d'Eryx, os quaes são reproduzidos no *Corpus Inscriptiorum Semiticarum*, p. 175-176 — Cf. Perrot, hist. de l'Art. t. III, ps. 95, 96 e 335. »

« Eis aqui (sobre estes signaes) a opinião de M. Deutsch; 1°, os signaes gravados ou pintados já estavam sobre as pedras, quando estas foram collocadas em seu actual logar; 2°, elles não formam nenhuma inscripção; 3°, elles são phenicios. Conforme sua opinião, uns eram lettras, outros algarismos ou signaes particulares das pedreiras e dos cavouqueiros. Alguns dentre elles eram reconheciveis á primeira vista, como caracteres phenicios muito communs. Quanto aos outros, desconhecidos até aqui na epigraphia phenicia, teve elle a rara satisfação de poder identifical-os com os das construcções phenicias da Syria, cuja origem está completamente fóra de contestação, bem como as bases primitivas das portas de Sidon. Eu fui completamente de sua opinião. »

« Pareceu-me evidente que estas pedras, quando foram talhadas, receberam marcas pintadas para indicar a posição que deviam occupar e que eram os signaes que eu descobri; a côr era encarnado vermelhão etc. »

É-nos opportuno cogitar, por nossa vez, nos caracteres da fig. 1.145, sentindo a falta das demais gravuras, ás quaes se faz referencia. O nosso intuito é, o de offerecer mais uma breve opinião sobre os mesmos, que infelizmente vem em desaccordo com as ideias suggeridas pelos grandes mestres.

É preciso lembrar a evidente affinidade de certos caracteres, entre os primitivos alphabetos, resaltando o que se observa entre os dos phenicios, gregos, hebreus etc. quando no periodo de formação.

No vertente caso, porém, julgamos encontrar uma inscripção, no caracter propriamente de um aviso, e a isto nos induzem as interpretações que ora passamos a demonstrar, com as devidas reservas, servindo-nos dos referidos signaes, taes como se acham inscriptos e aos quaes, seja-nos permittido qualificar de elementos do grego primitivo ou archaico, segundo temos provado com varios exemplos e ora constatamos.

ΟΥ { ΟΥ
ΧΟΡΟΣ
ΧΟΡΟΣ
ΟΥ

Dic. Gr. Franc. de Alexandre cit., p. 661: — ΟΥ, *particula negat.* não. Ου *diante de uma consoante,* ουκ *diante de uma vogal, e* ουχ *diante de uma aspiral:* ου μα Δια, *não* por Jupiter, *alg. vez. simplesmente* μα Δια etc.

Dicc. Gr. cit., p. 1.016: — *non, ne, ne pas.* Ουκ ιδον, ου πυθομην, *Hom.* eu não vi, nem comprehendi. Οὐκ ἔστιν ειπειν, *Plut.* não se póde dizer. Ητῶν γεφυρῶνοὐ διαλυσις, *Thuc. p. a p.* a não rotúra dos pontos, os pontos não estando rompidos. *Alg. vez. a negação influe ao mesmo tempo sobre duas proposições.* Ουκειπον μὲν ταυτα, ουχ ἔγραψα δέ. *Dem.* eu nada tenho dito, sem propôr

tambem por escripto, p. *a p.* não é verdade que eu o tenha dito, mas não o tenho proposto, etc.

Idem Dicc. cit., p. 1.584: — ΧΟΡΌΣ, οὐ (ο), côro, baile theatral, dança executada por muitas personagens e ordinariamente acompanhada de canto, *principalmente nas festas*, côro, *parte da representação da peça theatral entre os antigos*: *alg. vez. Poet.* o logar onde se dança, onde se formam os côros de dança; *alg. vez. por ext.* reunião numerosa de pessoas, grupo ou complexo de *objectos quaesquer*, como filas de dentes, de columnas, etc.

Assim, tem-se neste primeiro caso:

ΟΥ ΧΟΡΟΣ — NÃO CÔRO;

(ISTO É: NÃO HA CÔRO, DANÇA, REUNIÃO, ETC.)

No segundo caso, admittindo-se, como em muitos exemplos verificados, não haver restricção na separação das syllabas, no systema da escripta de então, e que ao + (X) houvesse o artista passado para a segunda linha, ou d'elle se servido como abreviatura de duas palavras, forma-se a phrase:

ΟΥ + ΟΡΟΣ — ΟΥΧ ΟΡΟΣ

Claro é, que outra interpretação se poderá obter, como vamos mostrar: A particula negativa — Οὐχ, já fôra implicitamente definida, restando-nos a seguinte palavra, cuja significação é conforme o Dicc. Gr. cit., p. 1009: — Ορος, ου (ο), marco; limite; fronteira: cippo elevado para servir de marco ou de monumento; parte com uma inscripção ou cartaz, edital, para indicar que uma propriedade está alienada, *ao fig.* limite que se não deve transpôr; termo, fim, objecto que se indica ou propõe, etc.

Assim, tem-se:

ΟΥΧ ΟΡΟΣ — NÃO LIMITE;

(NÃO É LIMITE, TERMO, MARCO, FIM, FRONTEIRA, ETC.)

Adoptando-se as duas formas negativas, ao mesmo tempo, tem-se ainda, até mesmo a possibilidade de ser marca da pedra, na sua collocação, mas não como pensa M. Deutsch, em o primeiro caso de suas conclusões, para que, vejamos:

ΟΥΧ ΟΡΟΣ ΟΥ ΧΟΡΟΣ — NÃO É FIM NEM CÔRO;

(NÃO É DO FIM, NEM DO CÔRO.)

A inversão das lettras e falhas, muitas vezes se originam de copias imperfeitas ou de outros motivos occasionaes; já isto explicámos em outra parte. Este facto se dá na presente inscripção, quanto ás lettras ꟼ (P), Ƨ (Σ), notando-se ainda, que ambas na parte superior contêm um pequeno angulo, como a ultima, uma linha obliqua que toca á base da curva inferior, quando deveria terminar, ligando-se apenas á superior. Estes obices difficultam sobremodo qualquer interpretação segura que se pretenda levar a effeito, se bem que ás vezes, como ora succede, são originados pela presteza ou irreflexão de momento. M. Warren, por exemplo, não poderia obter semelhança real das lettras de que trata, com as phenicias, pois offerecem sensivel disparidade.

Observa-se, portanto, que não é de tudo vago ou abstracto o que significa esta inscripção ou marca. Nós, contrariando o que externam a proposito os notaveis scientistas citados, os quaes, porém, com todos os elementos que nos faltam, não conseguiram no phenicio uma interpretação adequada, isto é, da direita para a esquerda, apresentamos as tres interpretações baseadas no grego antigo e mais uma identica na pagina seguinte, que nos parece a mais adequada. Não se tratava de um aviso, no sentido de prevenir, não haver reunião, dança popular, côros (senão em determinada accepção).

Alli, não era limite, fim, marco das terras ou edificio, nem marca do pedreiro, quanto á collocação do blóco, como ficou demonstrado e sim finalmente:

ΟΥΚΌΡΟΣ — NÃO HA CÓROS (K, em vez de X), cuja palavra define o Dicc. Gr. cit., p. 805, ser de pouco uso ou antiquaria = Κόρος, ου (ὁ) *Bibl.*, medida de trigo *entre os judeus, etc.* R. Hebr., e é concernente ao vertente caso, que assim deduzimos:

A Biblia em o Liv. III, Cap. V., Reis, 6 á 12, cita sobre a palavra questionada: — "11, Salomão dava a Hiram, para sustento da sua casa, vinte mil *córos* de trigo e vinte *córos de* purissimo azeite; estes eram os provimentos, que Salomão dava a Hiram todos os annos. (Anno do mundo 2.992; antes de J. C. 1.012). *Salomon autem præbebat Hiram, coros tritici viginti millia, in cibum domui ejus, et viginti coros purissimi olei: hæc tribuebat Salomon Hiram per singulos annos*".

É intuitivo portanto, que, em dado momento, esgotada esta contribuição estipulada ou a falta della, désse logar ao importantissimo aviso ou á reclamação: NÃO HA CÓROS, isto é, AZEITE E TRIGO, além ainda de outras significações, a que está subordinada esta palavra.

Eis a nossa interpretação, a qual nos suggere tres assumptos curiosos e importantes, que passamos a constatar:

1°, a affinidade de caracteres do primitivo hebreu, grego e phenicio, em seus inicios de organisação, a ponto de se confundirem como no presente caso;

2°, o emprego de identicos caracteres: os de que ora tratamos têm franca semelhança com os encontrados gravados sobre rochas, no Continente Americano, em alguns paizes da Africa, dos Balkans etc.;

3°, o systema do emprego de lettras pintadas, como na presente inscripção, com admiravel tinta indelevel, de resistencia secular, innegavelmente, analogo ao que encontramos, ainda hoje, em varios sertões de Estados Brasileiros, tudo concorrendo felizmente em auxilio das nossas ideias.

⁂

« Encontramos neste angulo, diz o autor, azas ou azelhas de vazos em terra cozida, figs. 1.146 e 1.147, sobre as quaes está impresso o Sol alado ou disco, provavelmente o emblema do Deus Sol. Em torno ha caracteres indicando que estas ceramicas foram fabricadas para uso da Côrte (1).

Como era alli o angulo S. E. do palacio de Salomão, é natural, que, os fragmentos da ceramica deste ahi se tivessem accumulado (2). Depois de haver constatado a origem Salomoniana das pedras destes muros, segue-se a descripção das que não estão enterradas etc. . . »

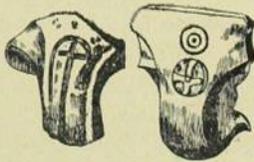



Fig. 1.146 *Fig. 1.147*

Referindo-nos finalmente aos caracteres alli representados, daremos as interpretações seguintes: fig. 1.147 = ⊚=(O◦) ΣΟΟΣ são e salvo; ⊕-O+◦) ΟΧΌΣ tenaz, firme, solido; *com o gen.* que retém, que contém, etc.

ELEMENTOS PHILOLOGICOS

No proposito de ampliar o nosso capital assumpto, a elle annexamos um dos grandes elementos philologicos, trabalho de merito, levado a effeito pelo notavel scientista Onffroy de Thoron. Consta de cem palavras da lingua Taino, que foi o dialecto

(1) « Warren *Underground Jerusalem*, p. 423, et Wilson, *The Recovery of Jerusalem*, p. 152 — 174. Os fragmentos de ceramica phenicia, descobertos pela expedição ingleza, são estudados nesta ultima obra, p. 473 e 474. »

(2) « Warren, Idem, 1876, p. 420-423. »

phenicio na ilha de Haïti, servindo as mesmas para confirmar as precedentes demonstrações e a nacionalidade de seus primeiros habitantes vindos do Oriente, conforme as tradições transmittidas pelos Caraibas insulares:

« — Adversidade, angustia: taino, *ano-kali*: heb. עָנָה *âna*, ser desanimado, atormentado, pobre; קלו *kâli*, adj. do v. קלה = קלל ser desdenhado, desprezado.

— Amphora, vaso profundo, tina, cisterna: taino, *shicati* (chuint): heb. שקת *shical* ou (c. suff.) *shicati*, vaso que serve para beber, tina subst. derivado do v. שָׁקָה *shâcâ*, dar a beber, apresentar a amphora ou a bilha.

— Antiguidade, velho muro, edificio em ruina, fundação antiga: taino, *bina-thoali*: heb. do v. בָּנָה *bânâ*, œdificavit, construisit, fonda, tem-se בִּנְיָה *binah*, construcção, edificio; 2°, a letta ת *th* de *thoali* em heb. permuta com ש *sh*: donde שׁאֹל *shoâl*, o que é cavado, arruinado pelo tempo ou pela vetustez, é derivado do verbo שׁאל *shoal*, ser cavado, buracado, arruinado pelo tempo; á *shoâl* juntando o suffixo, tem-se *shoali* = *thoali*; assim o heb. ou phen. *binah* — *shoali* = taino *bina* — *thoali*.

— Banido, exilado, deportado: taino, *galinago*: heb. גלון *galin*, emigração, exilio, captiveiro; הגה *âgo*, ser expulso, empurrado para.....

— Betume, breu, pez, alcatrão: taino, *balam-ani*: heb. בלם *bâlam*, claudere, tapar, fechar, obturar; אֳני *ani*, vaso, urna, amphora, navio, vasilha. O taino *balam-ani* é portanto a materia que serve para tapar ou obturar a fenda de um vaso qualquer, calafetar um navio e estancar uma veia d'agua.

— Bom, honesto, virtuoso, recto, solido: taino, *tobou*, *etobou*: heb. טוב *tob*, bom, virtuoso: טובו *tobou*, יִטְבוּ *itobou*, elles são bons, virtuosos; emfim הטוב *itob*, ser virtuoso; imp. הטובו *hitobou*, sêde bons.

— Bocca: taino, *pôta*: heb. פתה *pôtah*, aperuit se, apertus est, abre-se ou é aberta, os aperuit, elle abre a bocca. Bocca em heb. é tambem פה *pâ* ou *pó*, ou *pi* do v. פה *pâ* ou *pó*, abrir, respirar; os hebrairantes que pronunciam *pha*, fazem-n'o sem razão, porque o taino que é do velho phenicio, faz ver que a lettra hebraica פ, é aqui P e não PH, pronunciação imitada do grego.

— Barulho, rumor, estrondo: taino, *takoulacani*: heb. תקער *tako* ou תקר *takou*, barulho, subst. do verbo תקע *tâka*, bater, causar barulho, ל-כן *lecani*, neste logar.

— Brûlure, (queimadura) a acção do fogo: taino, *cuyo*, *coya*: heb. כויה *cuyoh*, *cuyâh*, queimadura, subst. derivado do verbo כוה *couah*, ser queimado pelo fogo.

— Cabana, grande casa dos selvagens das Antilhas, abrigo, asylo: taino, *autê*, *ote*: heb. עטה *ôte*, telhado, coberta, cercado, assim que עטה *ôte*, cobrindo, cercando, part. presente do v. עטה *otá*, cobrir, cercar.

— Cantar, celebrar: taino, *alalaka*: heb. הלל *âlal*, celebrar, produzir um som ou um canto claro; vóz clara e alta; לקח *lâkah*, percepit, cepi auribus, que percute ao ouvido; donde לקח *lekah*, arte (poetica ou musical.)

— Chenilles (lagartos): taino, *mourourou*: heb. מרורא *morôroh*, o que é venenoso.

— Coruja, môcho: taino, *mouroukouli*: heb. מורא *môroh*, pavor, medo, ou מורה *môroh*, mœror, tristeza; קול *kol*, e suffixo קולי *koli*, vóz, grito. O taino encontra no heb. a definição da coruja, cujo canto nocturno e lugubre causa sensação de terror e de tristeza.

— Céo: taino, *capo*: heb. כף *cap* (c. suff.) *capo*, incurvatum, cavum est, o que é curvo, concavo, e é derivado do v. כפה *câpo*, ser curvo; isto tem por approximação גבה *gâbô*, alto, elevado, magestoso. O céo, em taino, é portanto designado por uma figura de metaphora; em hebreu elle o é assim para שמים *chamaim*, os céus, subs. derivado do

v. rad. שָׁמָה *châmâ*, ser alto, elevado; o céu é tambem assim designado: רָקִיעַ *rákia*, que significa amplidão, grande, largo, longo, aberto etc.

—Cigarra: taino, *kerâ-kerâ*: heb. קָרָא *kerâ*, chiar, gritar, bradar; כָּרַז *keraz*, idem.

—Cofre, arca: taino, *arca*, *arga*: heb. אַרְגָּז *argaz* = *arga*, por suppressão da ultima consoante.

—Cunha, ponção: taino, *nacou*, *nagou*: heb. נָגוּעַ *nagou*, percussus, batido, part. do v. נָגַע *nâga*, percussit, cujo inf. (c. suff.) é נָגְעוֹ *nâgo*, bater, forçar, empregar a força.

—Canto, angulo interior: taino, *litoulâ*: heb. do v. לוּט *loul*, esconder; tem-se o part. passivo לָטוּי *litoui*, estando escondido; לָא *lâ*, nihil, nada. O angulo interior, o canto que serve para esconder: é o que exprime *litou*; emquanto a segunda syllaba *lâ*, é uma expressão justa, porque a cousa escondida ou desapparecida é igual a nada.

—Colera, ardor, arrebatamento: taino, *ian*: heb. יָנָה *iana*, violentar egit, agiu violentamente, com colera, fut. יָן *ian*, arrebatar-se-á.

— Corôa: taino, *bouemen*: heb, בוּם *boum*, summum rei, o alto de um objecto, a cousa elevada: חֵן *hen*, pulcher, pretiosus, pretiosos, bello, bella, preciosos, preciosa.

— Crapaud (sapo): taino, *houa* (onomatopeia): é o grito natural do sapo: heb. הוּה *hôwa* ou הוֹה *hôâ*, *houâ*, calamidade, cousas ou doenças perniciosas. Ora, os haitienses tinham o sapo no numero dos deuses e o honravam por temor das calamidades e para conjurar os males dos quaes eram ameaçados.

—Dedans (dentro, interior): taino, *irécou*: heb. יֶרֶךְ *irec*, espaço interior, logar penetravel.

—Delicias: taino, *kesk*, *kisk*, *kiski*: heb. חֵשֶׁק *khesk*, חִשְׁקִי *khiski*, deliciæ, delicias.

—Deus: taino, *Jovana*, *Tupan*: 1° יוֹ *Jov* Deus, חָנָה *ânâ* propicio: 2° heb. עָפָה *opah*, explandit se, extendit se, estende-se, desenvolve-se, é vasto no espaço; é infinito; é a Divindade da qual o P. Charleroix diz que os insulares de Haiti tinham uma ideia muito vaga e ligeira.

—Domicilio, casa: taino, *manoua*: heb. מָנוֹח *manoa* ou מְנוּחָה *menouah*, domicilio, logar de repouso.

—Espanto, terror, medo: taino, *hiticali*: heb. חִתִּי *hiti*, terror, pavor, medo: 2° do v. radical כָּלָא *câlâ*, tem-se כְּלִי *keli* e כָּלִי *cali*, arma, canga, captiveiro, instrumento qualquer de supplicio, pena, correcção, castigo; e כְּלִיא *kelih*, carcere, prisão (o que inspira horror).

—Endroit (logar ou) paragem elevada: taino, *goara*: heb. גָּאָה *goâh*, extulit se, elatus est, eleva-se, é alto; רֹאָה *rah*, visivel, do v. רָאָה *rââh*, visus est.

—Enfant (menino, criança), filho, progenitura: taino, *el*, *elle*, *ili*: heb. יֶלֶד eled. יָלִיד *ilid*, natus, puer, filius: vê-se ainda aqui a suppressão da consoante final.

—Ennemi (inimigo): taino, *anaki* (Oviedo): heb. עֲנָק *anâk*, c. suff. עֲנָקִי *anaki*, plur. עֲנָקִים *anakim*, elles eram cananeos temiveis pela força e sua alta estatura; *anak* em lingua kichua (que é a primitiva) significa gigante, robusto e rude. O nome de Anaki, transportado a Haïti, é extraordinario.

—Esposa, uxor: taino, *ita*: heb. v. יִתַּב secum cohabitare ficit mulierem; a esposa *ita* é bem designada pelo v. heb. *itab*.

—Esposo, marido: taino, *raiti* ou *rahiti*: heb. רֵעַ *raa*, amicus, socius, companheiro, associado: e taino *iti* ou *hiti*, mulher: raiti ou melhor rahiti, era associado ou marido da mulher hetiense.

— Existir: taino, *ei*: heb. הי *éi*, vivente, vivo, do verbo היה *aiá*; donde יהי *iei*, vivat, que elle viva.

— Femme (mulher) gravida ou fecunda: taino, *hiâni*: heb. היה *hiâ*, vitam dedit, mulier semen viri verificare, ubi concipit de eo (Gen. XIX, 32, 34); הין *hin* c. suff. הינו *hini*, pulchritude, belleza. O taino *hiâni* é uma contracção de *hiâhini*.

— Filha (joven) puella: taino, *rahen*: heb. רחם *rahem*; por vezes, *m* e *n*, ao fim d'uma palavra, têm o mesmo valor; ex. כתן *catan* = כתם *catam*, encobrir, cobrir; שטן *satan* = שטם *satam*, adversario, inimigo; בהן *bâan* = בהם *bâam*, fechar, terminar, cerrar; שמין *shemain* = שמים *shamaim*, os céus.

— Filho primogenito: taino, *rabou*: heb. רב *rab*, maior natu, summus, princeps, o primogenito, o chefe de familia; d'onde רבה *raboh*, potens factus est; do qual o subst. רבו *rebou* ou *rabou*, autoridade.

— Folia, doudice, desatino, malicia: taino, *ianimali*: heb. ין *ian*, fut. do v. ינה *iana*, ser violento, colerico; e ימעל *imal* fut. d v. מעל *mâal*, agir com malicia ou com perfidia.

— Gemissant (gemedor): taino, *anokaâli*: heb. do v. אנק *ânok*, gemer, tem-se אנקה *anokâ*, gemido, lamento; 2° do v. חלה *kalâ*, ser soffredor, tem-se חלי *hâli*, morbus, doente.

— Gordura, oleo: taino, *kâlaba*: heb. de חלב *khalab*, ser gordo, tem-se חלבה *khâlebâ*, gordura, gorduroso, oleoso.

— Grenouille (rã): taino, *houâlibi*: este nome se decompõe: 1°, em *houá*, *hoâ* (onomatopeia) que é o grito da rã; 2°, do v. heb. טוב *tob*, ser bom; tem-se hiph. הי-טב *hitib*, beneficia contulit, traz os beneficios; tem-se o subst. טוב *toub*, bonum, optimum, fim, bona optima, opis, os bens, as riquezas; donde טובי *toubi* e טיבי *tibi*, saúde, felicidade. Considerando que a rã era uma divindade dos hetienses, era entretanto segundo a etymologia acima, opposta ao sapo, que representava as calamidades e as doenças. A rã *honâtibi* era por tanto uma divindade bemfazeja.

— Guerreiro, soldado: taino, *makere*, *maguer*: heb. מגר *maguer*, cedidit, elle mata, donde o subst. מכרה *mekerah*, arma, espada do guerreiro.

— Guetteur (espreitador) observador, contemplador: taino, *zophé*: heb. צפה *tsophe*, ou *zophe*, donde, taino, *Zophe-chemin* contemplador do deus solar; o que corresponde ao hebreu צופה—שמין *tsopheshe-main ou* שמים *shamaim*, contemplador dos céus ou do firmamento.

— Habitação, logar da residencia habitual: taino, *hueitobou*: hebr. אוי *heui*, habitação; טבו *tobou*, é bôa, agradavel, d'um bello aspecto.

— Hethean: taino, *iti* ou *hiti*, nome do povo primitivo de Haiti: heb. חתי *hiti*, Hethean. Os Hetheans foram do numero dos Cananenses, que Josué fez massacrar.

— Hevean ou Chévéan: taino, *chivi*: heb. חוי *chivi* ou *hivi*, povo Hevean ou Chévéan, que era cananeo e habitava o Libano; conforme Petrus Martyr d'Anghiera, o povo de Haiti era chamado *chivi*; elle devia ter emigrado para Haiti, logo depois dos heteans.

— Ilha: taino, *oubao*, termo da lingua usual; mas da qual a definição é mais preciosa que o taino e o heb. *ai*, *hai*, *hay*, cuja significação é tambem "ilha"; com effeito, *oubao*, corresponde ao heb. עבד *obad*, colens, servus, colonos, trabalhador, colono, assim como עבד *oubad* (por oubao) servitus gravis, trabalho serio; estes substantivos são derivados do v. עבד *obad*, laborem imposuit, impor o trabalho. No velho germano existe o v. *uoban*, cultivar, e o subst. *uoberi*, cultivador, colono. O nome taino de *oubao* por

ilha, exprime portanto um logar de trabalho e de colonisação; não se pode attribuil-o aos Caraibas, mas aos phenicianos.

— Instrumento de musica: taino, *habalo, habao,* flauta sem duvida; quanto ao heb. הָבַל *hâbâl,* soprar e o subst. o sopro: הֲבָלוּ *habelou,* elles sopram.

— Jour (dia) claridade o sol: taino, *iueiouli,* termo evidentemente corrompido do heb. יְוֹמִי *ieoumi* ou יוֹמִי *ioemi* = יוֹם *ieom* ou *iôm,* dia.

— Jumeau (gemeo): taino, *mattao*: heb. מַת *mat,* vir, homem; תְּאוֹם *taom,* duplex, que é duplo, geminus est, que é gemeo. Em taino, suppressão da ultima consoante hebraica, segundo o costume.

— Jus (sumo) doce, succo: taino, *mili*: latim. *mitis*: heb. מְלִיק *melik* e מִלִיק *milik,* doce, suave, adj. do v. מָלַק *malak,* ser doce; מִלְקָה *milek,* doçura, suavidade. O taino *mili,* regeita ainda a ultima consoante do *milik.*

— Jus (sumo) ou succo fermentado: taino, *thirâ*: hebr. תִּירֹשׁ *thirâsh* e תִּירוֹשׁ *thirosh,* mosto, succo que fermenta e embriaga, succo de uva: a ultima consoante de *thirash,* é ainda supprimida no taino *thira.*

— Lá, é lá, é aqui: taino, *oni*: heb. הֵן *on*: lat. ecce, hic, aqui, lá, eis aqui.

— Limite, marco de pedra: taino, *ebeni*: heb. אֶבֶן *ébén,* c. suff. אַבְנִי *ebeni,* pedra; outra etym. בֵּין *bein* בֵּינִי *beini,* הַבֵּין *ebein* הַבֵּינִי *ebeini,* intervallo entre, espaço intermediario.

— Leito (cama) para dormir e resonar: taino, *néhéra*: heb. נָהַר *naher,* resonar, fem. נְהָרָה *naherah,* resonadora: *naherah,* talvez semelhante á cama de repouso que chamamos *dormeuse.*

— Lui (elle): taino, *i, hi*: heb. fem. הִיא *hi, ih,* arabe *hi.*

— Lua: taino, *nona* por *lona*: heb. לָן *lon,* ella permanece ou passa a noite, do v. לוּן *loun,* permanecer passar a noite. A lua era portanto designada por uma metaphora, pois que os hebreus a denominam יָרֵחַ *iareah.*

— Mão direita: taino, *huâ-ôn*: heb. 1° הָיָה *hia,* valere, vigere, jussit, verificare, ordenar, ser robusto e activo, indicar, mostrar o vigor e acção; 2° הוֹן *ôn,* de uma facil maneira, destra, viva, commoda: *ôn* é portanto o complemento de *hia,* isto é, das faculdades que se applicam á força, á acção, á nobreza da mão direita.

— Mão esquerda: taino, *nouba-ana*: 1° heb. נָבַע *noba,* foetere et putrescere facit, e adj. visinho נָבָל *nobâl,* stultus, improbus, abjectus, impius, isto é, incapaz, mal geitoso, esquerdo, vil, abjecto e máo; é a definição da mão esquerda que os Orientaes chamam impura, em opposição á mão direita, que é a nobre, a destra, que maneja as armas e transmitte os alimentos á bocca, emquanto a esquerda é servil e destinada ás cousas vis, improprias e profanas; 2° heb. עָנָה *ânâ,* humilde, submisso, miseravel, tendo por aproximação o adj. חָנֵף hânap, immundo profano.

Maison (casa), veja-se: domicilio e habitação.

— Martello: taino, *boutou*: heb. (b, permuta com p.), do v. פָּטוֹשׁ *potosh,* malleo percuttere, bater com o martello, tem o imp. plur. פִּטוּ *poutou,* bata; tem-se o part. passi. פָּטוּשׁ *potoush,* tendo batido ou batendo. É visivel que o taino *boutou* é um subst. derivado e alterado do verbo referido.

— Massue (clava) e toda arma por sua vez contundente e perfurante: taino, *macana, machana,* kichua, *makana,* clava: heb. מַכָּה *macâ,* golpe, ferida: נָא *na,* particula que posta em seguida de uma palavra, indica a resolução, o desafio, a ameaça, como "tome cuidado" נָא *nâ* indica tambem o pensamento de um acto futuro e serve ainda de locução imperativa.

— Masuré (pardieiro) casa em ruina: taino, *bâti*: heb. בָּתֵּי *batei*, plur. בָּתִּים *batim*, donde בָּתָה *batah*, devastação, ruina.

— Méprisé (desprezado): taino, *ânokali*: heb. עָנָה *âno*, afflictus est, está afflicto, 2° קָלִי *kali* derivado do v. קָלָה — *kâlâh*, vilis factus est, está aviltado; donde קַל *kal*; קַלַּי *kalái*, plur. קַלִּים *kalim*, escravos, gente vil e desprezada.

— Moi (eu): taino, *ni*: arabe *ni*: heb. אֲנִי *ani*.

— Nain (anão): taino, *chamineti*: heb. חֵן *chén*, c. suff. חָנִי *chani*, piedade: é derivado do v. חָנַן *chânan*, misertus est, misericordia, affectus est, é digno de piedade; 2° taino, *meti*: heb. מָתַי *mâtái* ou מְתִי *meti*, comprimento, estatura, corte, termo coroborado pela variante hebraica מַד *mad*, c. suff. מִדִּי *midi*, comprimento, estatura.

— Nação, sociedade, associação: taino, *kibá*, *kibati*, *kibiti*, *khebeti*, *ghebeti*: heb. do v. חָבַר *khibar*, consociare, consociatur esse, associar-se, ser associado, tendo-se o subs. חֶבֶר *khêber*, sociedade, associação de pessoas. Temos melhor para a permutação do ח *khet* em ג *ghimel*, donde גֶּבֶר *ghéber*, vir, homem; mas seu feminino é גְּבֶרֶת *gheber*, lat. *domina*, mulher superior ou dominadora; c. suff. גְּבִרְתִּי *ghiberte*. Mas, por connexão de enfraquecimento da lingua, supprimindo a lettra *r*, tem-se o taino, *ghébeti*, *ghibeti*, ou *kibiti*: o que é bem a nação, a sociedade, a associação, visto que toda nação se compõe de individuos dos dois sexos.

— Navio a vela: taino, *canapire*: heb. כָּנָף *cânap* ou כְּנָפִי *canâpi*, casa, azado, ligeiro, דִּירוּ *irou*, morada, domicilio, casa: *canapire*, seria um termo alterado de *canapirou*, casa ligeira, o que é a imagem do navio a vela. Tem ainda o heb. כַּנְפֵי רוּחַ *canapi roua*, *ala venti*, a aza do vento (poetico).

— Neveu (sobrinho), taino, *bitam*, termo alterado do heb. בֵּית-אֵם *beitam*, da casa ou da familia, maternal; póde tambem derivar de בֵּית-אָב *bet-ab*, da casa paternal. O hebreu *beit* não quer dizer sómente casa, mas applica-se á familia, á linhagem de uma casa, aos parentes, ascendentes e descendentes, particularmente a sobrinhos do lado materno ou paterno.

— Negro, denegrido: taino, *koma*: heb. do v. radical חוּם *khoum*, negrum esse, ser negro: tem-se חוֹם *khom*, negro, denegrir, fem. חוֹמָה *khoma*, negra e חֻמָּם *homam*, negra ou denegrida.

— Não, nem, nada: taino, *maina*, *maiana*: heb. מָאֵן *mâên*, nolens, renuens, que recusa, que diz não, nada: em kichua, *mana*, não, nada.

— Nourriture, (comida) alimento (pão, bolo etc.): taino, *marou*; este termo tem uma relação evidente com o heb. מָרָא *mâro*, cibo, repletus, pinguis, replet, repus, cheio de alimento; o v. בָּרָא ou בָּרָה *bâro*, comedit, comeu; os termos *mâra* e *baro* têm a mesma origem; porque *m* e *b* são duas labiaes, que se confundem.

— Nuvem: taino, *alirou*: heb. עַל c. suff. עָלִי *ali*, em cima, no alto, do alto; e subst. רוֹחַ *roh*, asperção, borrifo (no alto).

— Noite: taino, *chachou*: heb. שְׁחוֹר *chachor*, negro, sombra: outra etym. heb. חָשִׁיךְ *chaschic*, plur. חֲשׁוּכִים *chaschoukim*, as trevas: diz-se ainda: taino, *couco*: כּוֹכָב *cocob*, estrella: póde-se designar a noite pelo alçar d'uma estrella, porque entre os tropicos, não ha crespusculo e a noite se manifesta desde que o sol desapparece (veja-se tarde). Onde ? taino, *aiah* ? heb. אָרֵח *areh* ?

— Oui (sim), certamente, taino, *aca*: heb. אַךְ *ac*; taino *ah*, *ahi*, arabe, *hei*.

— Oui (sim) de accordo *han*, *han-han*: heb. חֵן *han*, accordo, benevolencia, graciosidade, derivado do חָנַן *hanan*, inclinar-se, approvar.

— Oui (sim): taino, *hinalekia*; composto de kichua *hina*, sim e do heb. הקהה-ל *le-ikeah* ל prep. preff. *a, ab, propter*, para, por causa de, e הקהי *ikeah*, obediencia, condescendencia, sim por obediencia.

— Paraiso: taino, *coyaba, goyaba* (combinação de goya-aba): heb. גויא *goia*, valle, campo, paiz: אבה *abah*, fructa, flôr, verdura do v. rad. אבב *abab*, fructus, protulit., flôres produxit. Outra etym. גויא *goia*, valle, paiz אבה *abâh*, desejado, cheio de attractivo, donde אהב *aab*, amôr, fem. אהבה *aabâh*, plur. אהבים *aâbim*, os amôres, as delicias. Tudo isto é a imagem do Paraiso terrestre.

— Parasol: taino, *bamacâli*: heb. במה *bâmâh*, arco, abobada, do v. rad. כלה *calâ*, paravit confectus est, ornatus est, tem-se os adjec. construidos כלי *keli* ou כלו *calu*, confectus, perfectus, ornatus, confeccionado, moldado e ornado.

Parte, porção determinada: taino: *nâra* heb. נארה *nârah* = ארה *arah*, designado, definido, limitado.

— Pedra, pedregoso: taino, *tebou, thibou, shiba, siba, sibao*: heb. טבור *tebour*, תבור *thabor* תבר *thebar* = שבר *shabar*; pedra preciosa, שבו *shebo*, fragmento de pedra: שבא *shiba*; que é abundante שבע *seba*. A principal montanha de Haiti, reconhecida pela sua riqueza mineral e abundancia de ouro, chama-se *Sibao*.

— Picada: taino, *tahikini*: heb. תהכה-ני *thahikê-ni* = שהכהני *shahikini*; porque ת *th* = ש *sh*, por permutação: resulta a etym. ש *sha*, quem הכה *kiki* ou הכה *ike*, furou, picou, preterito do v. נכה *nâkâ*, furar, picar; ני *ni* dôr, queixa: *tahikini* é portanto "picada dolorosa".

— Pleurs (lagrima) soluço, lamento: taino, *nacou-ira*: heb. נאקה *nâkoh*, plur. נאקות *naakoth*, lamentações, choros, soluços; עיר *ir*, exprime as diversas emoções d'alma, que são, o espanto, as afflições, lagrimas de tristeza e de raiva.

— Quem (prono. relat.): taino, *iki*: heb. כי *ki*.

— Regar: (olhar) olho, vista, visão: taino, *hizi, hatzi*: heb. do v. הזא *haza*, ver, viu; temos os derivados הזי *hazi*, הזי *hezi*, הזי *kizi*, olhar, olho, vista, visão.

— Renome: taino, *icâli*: heb. היכל *eicâl*, prævaluit, superavit, tem prevalecido, tem subrepujado: היכל *eical* = יכל *iacol*, potens factus est, tornou-se possante, grande e celebre.

— Rico, opulento: taino, *douchi*: heb. דשן *doschen*, dives, opulentus, rico, opulento.

— Sacco: taino, *chapou*: heb. חפה *chápoh*, protege, vela, esconde, cobre, cinge e proteje; tem por homophono o v. חבה *chaboh*, abscondet, occultat, elle esconde, elle cobre.

— Sacrificio: taino, *anakri*; os verbos הנה *hânâ* e ענה *ânâ*, significante, submette-se a..... קרי *kri*, acto hostil e cruel, 2º etym v. אנה *ânâh*, se commit, realisou-se קרי *kri*, o acto cruel; etym. ענה *anâh*, faz gemer, faz violencia, כרית *crith*, carrasco; *erith*, é um derivado de כרה *câra*, matar, cortar. Estas differentes formulas etymologicas exprimem bem sacrificio.

— Salario, ordenado: taino, *abemali*, termo originado do heb. הבל dar ou receber o salario; מלא *mâle*, c. suff. מלאי *mâli*, pleno, completamente ou pleno completo.

— Saudação, bom dia: taino, *mâtecaba, mabouicâ*: 1º matecaba, derivado do heb. מטה *matâ*, inclinação e de כבד *cabad*, honrar, fazer honra; 2º *mâboica*, do heb. מבא *mâbo*, entrada, chegada, והקהה *u-ikaâ*, com humildade, com veneração; *ikaâ* é derivado do v. יקה *iakâ*, veneratus esse, ser venerado.

— Saudação ou acção de saudar: taino, *amabouicaroni*: heb. art. ה *a* a מבא *mâbo*, chegada והקהה *u-ikaâ*, com submissão, das attenções; רני *ronéi*, causa dos jubilos do contentamento; *rônéi* é o plur de רן *rôn*, alegria (c. suff.) *roni*.

— Serpente, vibora: taino, *bobo*, *bôa*: heb. פָּעָה *poh*, serpente, subs. derivado do v. פָּעָה *pooh* ou *poah*, sibilavit serpens. Vê-se que o taino *bobo* é *bo* dobrado. Em heb. as letras labiaes *p* e *b*, permutam-se; eis porque *pohpoh* = *bohboh*, donde *bobo* como *poôh*, *boâh*, e *bóa*. Os caraibas tambem dizem *boia*, mas este termo é uma alteração de *bôa*, do mesmo modo que *poâh*. Faremos observar que em hebreu diz-se tambem אֶפְעֶה *époh*, por פָּעָה *poh*, serpente, vibora; porque nesta lingua por apherese אֶ se supprime á vontade, como em חַד *ad* = אֶחָד *éad*, unus: פְּרוּת *proa* = אֶפְרוּת *éproa*, proles; תֵּכֶן *thecan* = אֶתְכֶן *elhecan*, domum. A representação de *bo* que é *bobo*, lembra o duplo signo SS, symbolisando Votan, que é duas vezes serpente, sob os nomes de פֶּתֶן *photan* e de שְׁפִיפִם *schiphim*, homophonos de Votan e Chivim, que significam serpentes.

— Soir (tarde) e noite: taino, *ariabou*: heb. עָרַב *ârab*, עֶרֶב *ereb*. vesper, tarde; עַרְבוּ *arebou*, עֲרָבוֹת *arâboth*, vesperi, as tardes. Entre os tropicos, approximando-se do equador, a tarde e a noite confundem-se, porque não ha crepusculo: e dahi a dupla significação d'*ariabou*. Fazemos sentir que o hebreu *ereb* é de origem do mome mythologico Erébo, filho do cháos e da noite, e que designa tambem o fundo dos infernos, mesmo como a noite.

— Sol, divindade ou deus solar dos Haitienses: taino, *Chemin*. plur. *Chemenium*: heb. חַמָּן *chamon*. plur. חַמָּנִים *chamonim*: *chamon* é o deus solar e *chamonim* as imagens do sol.

— Sol: taino, *kazic*, *kashi*: heb. חָזִיז *khaziz*, fulmen, fulgur, fogo, flamma, relampago, raio de fogo, luz viva. Outra etymologia proxima קָצֶה *kalse* ou *kaze*. Mundo superior, e que é universal, plaga celeste. Tem-se ainda קֶשֶׁת — *kasheth*, arcus e Sagittarius: é o arco do Zodiaco que percorre o sol em seu curso annual e do qual o Sagittario é um dos doze signos: suas flechas são uma allegoria aos raios do Sól.

— Sol posto ou declinio do sól, occasus solis: taino, *soraya* (sanscrit. *surya*): heb. סוֹר *sor*, ocassus recessus, participio do v. סוּר *sour*, recedere, declinare, serrare, recuar, declinar, afundar-se; סוֹרֵר *sorer*, recedere fecit vivam; סָרַת *sorath*, recessit, retira-se. O verão œstus solis, é שָׁרָב — *shorâb*. Os autores da antiguidade diziam sempre do crepusculo do verão ou do inverno do sól, que era o principal objecto, a direcção a consultar, porque os antigos navegadores não tinham bussola; elles não observavam o ponto do nascer do sol e sim o horizonte onde se sumia.

— Table (meza): taino, *abâ*: heb. אָבֶן *âbân*, lage, pedra chata ou plana; a meza primitiva devia ter sido uma pedra chata.

— Tache (mancha) tumor: taino, *tilou*: heb. טָלוּא *talouh*, maculosus, manchado que tem mancha ou um tumor; part. do v. טָלָא *tâlo*, d'ahi emplastro תְּעָלָה — *taloh*,

— Tu: taino, *tê*: heb. fem אַתְּ *até*, arabe, *enté*.

— Uma, uma só: taino, *atá*: heb. fem. אַחַת *adâ*, uma.

— Verme: taino, *lichê*: heb. לִחֵךְ *lichec*, lambit, elle lambe לחך עפר *techec-âphâr*, elle lambe a poeira ou a terra, Em taino, verme é tambem nomeado *cousi*, *coushi*: heb. גּוּשׁ *goush*, sordes, pulveris, impurus, spurcus.

— Village: taino, *kâbakani*: heb. חָבַק *kabak*, é cercado, entrelaçado: heb. *kan* קֵן c. suff. קִנִּי *kani*, morada, logar do domicilio, *Hâbak* tem o sentido dos verbos סָבַךְ *sabak*, miscuit vel implicuit ramos, e סָבַב *sâbab*, cinxit, circumivit. O taino *kabakabi*, é portanto uma village cercada de palissada, de ramagem ou de qualquer outro obstaculo.

— Voleur (ladrão): tainos *mânani*: heb. מָנַע *mâna*, reter, diminuir, tirar; מִ *mi* = מִן *min*, indica qualquer parte d'uma cousa: ex. שָׂבַע-מִן *sâba-min*, satiatus est rei, elle

não se fartou. Se se suppõe que o ladrão tenha empregado a força ou arrombamento, *mi* poderá ser abreviatura de מרצ *mits*, violencia: isto havemos dito na introducção, em o taino, desde que a consoante final é dura, ella é sempre supprimida.

Os cem termos da lingua taino que acabamos de comparar ao hebreu, demonstram entre si uma identidade incontestavel.

A lingua das mulheres de Haiti é, portanto, um dialecto phenicio e demonstra perfeitamente que esta ilha foi na antiguidade a mais remota, povoada pelos phenicios e mais tarde pelos Carthaginezes; que elles abordaram a titulo de exilados e colonos; que foram elles longo tempo seus possuidores até que foram enfraquecidos pelas suas constantes expedições sobre o continente americano. Foram surprehendidos e massacrados por um exercito de Caraibas, segundo dizem as suas tradições. Nós sustentamos a publicação por ordem alphabetica da traducção das cem palavras francezas acima, se bem que mais pudessemos fazer, porém deveriamos limitar o trabalho tão fastidioso das etymologias. Ellas nos são sufficientes para dizer que as cem palavras tainas, reproduzidas aqui, representam a quasi *quarta* do dialecto dos Caraibas de Haiti, porque o vocabulario de Raymound Breton, que é o mais amplo, não contem mais de 400 palavras. Seu catechismo, que não analysámos, conterá sem duvida ainda mais.

Faremos notar: que o nome de taino era a designação d'uma lingua *nobre e sagrada*, ella não devia ser dada indistinctamente a todos os dialectos de Haiti; que está por *um quarto* da lingua haitiense; esta porporção é notavel; que este quarto de palavras provém da lingua das mulheres hetheenses e chevienses, que até aqui em todas as publicações que contém mais ou menos palavras da lingua das grandes Antilhas, houve uma confusão completa entre o phenicio e o caraiba dos insulares, embora o taino de Haiti não deva designar senão a lingua dos conquistadores phenicios ou carthaginezes, que nos transmittiram suas mulheres e os descendentes d'ellas.

Seja como fôr, estas etymologias unidas á nossa introducção historica, á disertação, constante dos capitulos precedentes, concorrem para o conjuncto dos factos numerosos, que estabelecem a importancia de nossas decobertas e que justificam o titulo de nosso escripto: "Les Pheniciens a l'ile d'Haiti et sur le Continent Americain".

Possa nosso exemplo servir a pessoas estudiosas que queiram marchar na via das pesquizas, que lhes traçamos, tendo por ponto de partida — *a tradição.*

Se bem que os factos falem de si mesmos, que a clareza das nossas citações historicas sejam sufficientes para convencer os espiritos mais rebeldes a todo raciocinio, não temos a intenção de combater a opinião que elles farão sobre nossos estudos americanos, e lhes deixando livres nos seus julgamentos, nós lhes diremos como Sylla a Lamprias: "— Tomai desta narração tal ideia, quanto ella vos agrade". »

Para não alterar a ordem alphabetica, preferimos, na traducção seguir á franceza, em cujo dialecto se acha escripto o presente trabalho. Além deste, outros ainda de não pequeno valor, são os dos capitulos precedentes, principalmente o que se refere a "*Nomes das tribus e localidades da Goyana Brasileira*", que recommendamos aos interessados, nesta parte philologica, que não sendo um dos nossos principaes assumptos, comtudo, constitue parte integrante, demonstrações e provas, que não desejamos deixar á margem.

Muitos d'esses nomes, porém, sendo-nos particularizados, não os podemos deixar de reproduzir neste capitulo, embora resumidamente:

« As Guyanas francezas e brasileiras, diz o autor, são separadas pelas montanhas conhecidas pelos nomes Tumucuraque e Tumucumac. Todos os nomes dos quaes vamos

fazer menção, existem sobre a costa brasileira no interior e na emboccadura do Rio das Amazonas. Referidas montanhas correm de leste a Oeste e têm uma grande ramificação de Norte a Sul, até ao rio á direita, denominado Parú, do qual já tratámos, por ter sido o porto ou ancoradouro da frota phenicia.

Tumucuraque (montanha de): heb. תמו *tumu*, o que existe em quantidade, ou prosperidade, כור *cur*, forja para fundir o metal רך *rac* e רכה *raké*, acção de abrandar; ou רקע *raqué*, acção de bater o metal e de estendel-o em lamina. Este nome indica os trabalhos de minas dos phenicios.

Tumucumac (montanha de): תמו *tumu*, grande quantidade כום *cum*, accumular, מחק *mak* = מחה ou מחא e c. suff. מחאך *maake*, o que é batido, amollecido, temperado; ou *tumu*, quantidade abundante כומז *cumaz* por *cumacs*, globulos de ouro, pepitas, ornamentos de mulheres. Este nome como o precedente, indica a quantidade e a especie de metal (ouro) trabalhado pelos phenicios.

Miripi, affluente de Oyapoc, sahindo da Guyana brasileira; etym. heb. מרי *miri*, inimigo, פי *pi*, borda, margem (margem do inimigo).

Copiri (rio pequeno): heb. קוף *kop*, fazer circuito ריה *iré*, irrigar, inundar.

Huassa (rio): em tupy, *hu* agua, rio, עשה *assa*, labore produxit, rio que produz (o ouro) pelo trabalho.

Gasipari (rio): גשפא *gasipa*, o que está alagado, diluido, רי *ri* inundação.

Conani (rio): כונן *conan*, bem ajustado, bem dirigido (falando de atirador de flechas) (veja, כון), ני *ni*, gemido, queixume ou alguem se lamentou. É possivel que *conani*. seja o nome alterado de כנעני *canani*, Cananeos, que são os mesmos Phenicios.

Kalcuene (rio): heb. קהל *kal*, a assembléa: קון *cun*, cantou, d'onde קינן *cuenen*, canto triste, lugubre.

Maïcari (rio): heb. מיא *maïa*, מי *maï*, agua, עכרי *acari*, turva, perturbação desordem, etc.

Mauara, (rio): מעורה *maouara*, pessoa nua, ou מערה *maouara*, caverna.

Amapá (rio e lago em estreito para n'elle entrar) d'onde: heb. אמה *ama*, braço (do rio) פא *pa*, entrada, passagem; ou talvez אמה *ama*, povo, gente, פח *pah*, trahidor, que arma o laço; ou ainda פעה — *paah*, que vocifera.

Tartamigal ou Dartamigal: heb. דר *dar*, perola, globulo d'ouro, תם *tam*, c. suff. תמי *tami*, intacto, perfeito, גל *gal*, ribeiro.

Coluchá (o mesmo lago que Amapá): heb. קול c. suff. קו *colou*, voz, clamor, שאה *châh*, que é tumultuoso, que se levanta com força (se refere a amapaah, "gente que vocifera").

Maracá (ilha): esta ilha forma o cabo norte das bocas do rio Amazonas e está separada por um estreito da Goyana brasileira; ella serviria aos phenicios para lá estabelecerem o dominio da terra firme; com effeito Maracá é no heb. מערכה *maracá*, cujas diversas significações são: ordem, disposição, construcção, fundação, acção, transformação, direcção e no latim, apparatus, acies instructa, exercitos. Os phenicios ahi teriam tido tropas, uma fabrica d'armas; Maracá tem um derivado מערכת *maracat* e no plur. *maracatim*, conservado na lingua tupy e donde as significações (barca) grande, navio grandes barulhos d'armas e de sinos etc.

Tururi (pequena ilha): está situada a Sud'este da ilha de Maracá, na entrada do estreito deste nome: heb. תור *tour*, estar cercado, ריר *rour*, baba, espuma, רי *ri*, inundação.

Aragoari (rio e lago): suas aguas se lançam no estreito de Maracá: heb. ארק *araq*, *terra*, גוח *goah*, prorupit, erupit (de flumine), rompeu, fez irrupção, רי *ri*, inundação: o que se traduz inundação da terra subita por uma irrupção do rio.

Secorrope (rio): lança-se a direita de Maracá, heb. שכור *secor*, o beberrão, רפא *ropé* foi curado.

Ianouco (ilha): heb. יענו *ianaou*, elles são opprimidos, violentados, כה *co*, aqui neste logar.

Jupati (canal): יעף *iop*, abateu-se, פתחו *pathi*, a entrada; deu seu nome a uma ilha e montanha banhadas por suas aguas.

Guariouba por Quorioubal (rio pequeno): heb. קור *qour*, cavar, יובל *ioubal*, rio: em heb. as lettras C, G, e Q ou K, permutam-se.

Caviana (ilha): כויה *cavia*, tatuage, נאה *naa* = נוה *naua*, foi bello, ornado.

A ilha Caviana está no meio e atravez da emboccadura norte do Rio Amazonas; é ella que recebe os ataques do terrivel raz-de-maré que periodicamente vem do Oceano, servindo de refugio aos navios que se abrigam por detrás d'ella. Este raz-de-maré extraordinario é conhecido sobre o nome de Prorrorroca, (pororoca). A lingua tupy não fornece etymologia para este nome que possa exprimir o phenomeno. Vamos por isso procurar no heb. ou phenicio.

Prorrorroca: heb. inf. פרר *por*, romper, quebrar; d'onde פור *pour* e פרר *poror*, é furioso, quebrou, *poror*, por contracção e *pror*; ou se diz ainda melhor, vindo d'um passivo פור *pouror*, foi rompido e foi lançar-se contra, e por contr., *pror*. רור *ror*, baba, escuma; רקע *roca*, bateu, chocou (a terra). Vê-se que os tres termos *pror-ror-roca*, exprimem o phenomeno do raz-de-maré em questão.

Ioroupari (ilha): heb. יער *ior*, floresta, arvores, conj. ו *ou*, e פרי *pari*, fructos: arvores fructiferas.

Meschiana (ilha): heb. משוח *meschia*, esfregado com oleo; נאה *naa* foi ornado, bello. Vê-se que isto se reporta aos costumes dos habitantes da ilha.

Indios Poschuna: heb. פש *pas*, invejoso, feróz, שנא *shona*, que emigra, nomade.

Macacoari (rio pequeno): מכה *macá*, golpe, chaga, ferida, morticinio; este subst. é tirado do v. radical נכה *nâcâ*, feriu, matou כח *coâ*, vigor, força; חרי *hâri*, ardor, ira, fogo da colera. Os tres termos maca-coa-hari, que assignalam um acontecimento occorrido na ilha, serviram para a formação de seu nome.

Carapanatuba (pequeno rio): heb. כרה *cârâ*, cavar a terra, פנה *pana*, transformou trouxe; טובה *toba* ou *touba*, bona, beneficia, divitiae, felicitas, bens, riquezas, felicidades.

Macapá (cidade da Guyana brasileira): está situada á margem norte do Rio Amazonas, nome derivado de מחא *mâh*, percussit, כף *cap*, manus, פח *pah*, prœfectus: o chefe tocou, a mão do chefe tocou. A pancada do chefe é signal de autoridade, ainda hoje em uso entre os indigenas.

Matapi (rio estreito): nome derivado e alterado sem duvida de מעט *mat*, poucos, paulus, exiguus, brevis, pouco estreito, diminuto, e de אפיק *apiq*, rivus, torrens, canalis, ribeiro, canal, torrente.

Anahuarapucú (pequeno rio): ענוה *anaua*, laborem impendit, agrum coluit, submisso ao trabalho, e tambem oppressus est, é opprimido; רע *ra*, misero, infeliz, desgraçado פוקה *puco*, o que faz hesitar, impedimento.

Amana (affluente de Anahuarapucú): heb. אמנה *amana*, que merece confiança, estavel, continuo, permanente. É tambem o nome de um pequeno rio, que tem sua

origem no Antilibano e dirige-se a Damas. Outra etym. עם *am*, tribu, povo, ענה *ana*, que é opprimido, afflicto.

Matuaca (pequeno rio): heb. מולו *mulu*, a morte, חכה *haca*, é aguardada; elle aguardou ou desejou a morte.

Apamas (indios): heb. אף *ap*, rosto, חמם, חמס *amas*, colera, furioso, duro, bellicoso; ou אף *ap*, cara פחם *pam*, brazeado, ardente, עז *az*, duro, cruel.

Cuzaris (indios): heb. קוץ *kuz*, a temer; עריץ *ariz*, violento, cruel, inspirando o terror.

Yari (pequeno rio): heb. יערי *iaari* ou יערי *iari*, silva, densa arborum, floresta, bosque frondoso.

Maracapuco (rio): heb. מערה *mara*, logar nú, sem arvores, כאה *caah*, tristis est. que é triste: e, por permutação, *buco* por *puco*: heb. בכה *boco*, que é lamentavel; donde בכות *bocout*, pezar, afflicção.

Tocri (rio): תוך *toc*, vexação, tyramnia, קרי *kri*, occursus hostilis, hostilidade.

Aramacú (rio): heb. ארה *ara*, collegit, reuniu, *mucu* (moucou), por מקום *mocoum*, logar de estação, ou *ara*, מוג *mug*, diffluxit, dissolvit, dispersa, קוה *kou*, caterva, grex hominum, a multidão.

Parú (rio e montanha): este rio tem suas origens nas montanhas auriferas de Tumucuraque ou Tumucumac, e as montanhas do Parú, sendo uma ramificação que se prolonga pelo sul, até a margem norte do Rio das Amazonas.

Temos precedentemente dito que o plural em hebreu, é a desinencia *im*. Ora, os montes e o rio Parú, formam um plural *Paruim*. O texto grego dos Setenta, designa por Paruim, estes logares que, no texto latino, são denominados Parvaim e donde o ouro serviu, segundo a Biblia, para armar o palacio de Salomão. Já demonstrámos o erro de pronunciação que ha em Parvaim de Paruim. Entretanto, valeria bem lançar os olhos sobre nossa carta, na qual se comprehende mais facilmente que é ao pé dos montes Parú e diante da embocadura do rio Parú, que as frotas de Hiram e de Salomão estacionaram durante suas viagens triennaes e suas explorações auriferas feitas a Ophir, a Tarschich e nas regiões visinhas de Paruim.

A etymologia de Parou é do preterito hebr. פאר *paar*, ornatus fuit, foi ornado, e ornavit, tem ornado; de outro modo, פאר *paar* significa escavar a terra, perfurar; o que é bem a indicação do trabalho das minas. A terceira pessoa do preterito, a mesma que a do presente do indicativo, está no plural, פארו *paarou*, elles ornam, tem ornado; ou *paarou*, elles cavam na terra. As duas vogaes *aa*, não sendo senão uma vogal prolongada, se pronunciam *pâr*, *parou*; mas *Parou*, tendo-se tornado pelo uso um nome, os hebreus lhe juntaram a desinencia *im* que determina o plural, e d'ahi Paruim. »

Eis como termina Thoron a sua nomenclatura:

«Os nomes acima attestam por suas etymologias que os phenicios exploraram e gosaram a Goyana brasileira, na qual é comprehendida a região do Parú, Paruim ou Parvaim biblico.

Os logares que temos analysado, demonstram que colheram seus nomes das observações ahi feitas dos eventos que produziram e das sensações que nelles experimentaram os exploradores phenicios. Parece-nos inutil tratarmos de outros nomes que figuram em nossa carta e de suas etymologias, porque nos dariam os mesmos resultados comprobatorios. É sufficiente o que compilámos para convencer ou pelo menos estabelecer a probalidade de nossas assersões, para termos o direito de affirmar nossas descobertas das "Viagens triennaes" no rio das Amazonas, o que constitue mais uma prova da presença dos phenicios sobre o Continente Americano. »

UMA ESTATUETA DE NEPHRITE DO MEXICO

O importante Boletim da UNIÃO PAN-AMERICANA, de 3 de Setembro de 1917, pags. 163 168, trata, sob a epigraphe: "O MAIS ANTIGO MONUMENTO AMERICANO DE DATA CONHECIDA", de assumptos que reputamos de alta relevancia no ponto de vista epigraphico e archeologico. Neste sentido não podemos despresar, não só as gravuras, como a opinião de reputados scientistas, que d'ellas, com proficiencia, se occupam, trasladando tudo em seguida, certos do assentimento da illustre redacção de tão valiosa Revista. Sem este essencial alvitre, não poderiamos dar expansão a tão interessantes assumptos e sobre elles offerecer nossa debil apreciação paleographica, fazer confrontos entre vetustos caracteres e os relativamente modernos, tratar do systema de escripta e dar a nossa interpretação emfim, o que talvez importe ao americanismo.

Eis as palavras iniciaes da Revista:

« Serviu o titulo acima de cabeçario a um artigo devido a penna do notavel archeologo norte americano Dr. W. H. Holmes, tendo sido inserto n'um dos recentes numeros da "Arte e Archeologia", que se publica em Washington, D. C. A pequena figura descripta tem apenas 6 ½ polegadas de altura e 3 3|4 de diametro na base, e, segundo a opinião do Dr. Holmes, ella deve ser considerada como a mais interessante e a mais preciosa das reliquias da antiguidade. Parece que foi encontrada em 1903, por um camponio, no districto de Santo André, Tuxtla, Mexico, e está presentemente exposta no novo Museu Nacional de Washington. A descripção das diversas faces da figura encontra-se nas legendas, que acompanham as gravuras.

Não obstante o grande valor deste monumento como concepção e esculptura, deve-se comtudo attribuir maior importancia aos hieroglyphos que se acham gravados nas costas, lados e frente. A elle dedica o Sr. Dr. Holmes as seguintes palavras que passamos a transcrever. »

> « O especimen tem grande valor sob o ponto de vista chronologico, não obstante representar um papel importante como documento de cultura. Os problemas de chronologia são dos mais importantes que se podem apresentar para serem solucionados pelo archeologo americano. O periodo historico, ou por outra, o chamado da historia escripta, como é uso vulgar, principia com a descoberta de Colombo; não obstante desde o anno 1.000, apparecem paginas isoladas de historia escripta, a historia dos Escandinavos, que não tem interesse comtudo para o estudo dos aborigenas americanos. O longo periodo anterior á chegada de Colombo, é apenas conhecido por meio da tradição que nos esclarece a organisação interna durante um certo periodo e a seguir, mergulha-nos nas trévas. »
>
> « Os restos fosseis do homem e os vestigios dos seus trabalhos manuaes, não obstante não serem documentos destinados a desvendar o passado, são os mais impressionantes e pelo seu estudo o paleontologo bem como o archeologo vão a pouco e pouco desvendando os indicios do homem prehistorico das Americas. »
>
> « Na historia documental da America não se deve procurar o mesmo processo de escriptura do Velho Mundo e a pouco vamos chegando á conclusão de que o americano primitivo era um povo litterario e estava a aperfeiçoar — por um methodo de fixação permanente, a sua interessante historia philosophica e poetica. Os nossos estudiosos estão a tentar por todos os meios a interpretação

ás varias inscripções que se acham esculpidas nos monumentos e encerradas nos que se acham preservados até os nossos dias. Está hoje provado, que essas inscripções não são apenas pictographicas e portanto inintelligiveis para os investigadores de uma raça differente; pois as proprias figuras diriam a historia toda. Esses symbolos, porém, parecem ser phoneticos em parte e os que se dedicam a esses estudos estão esperançados em encontrar um alphabeto elementar. »

« Ha uma outra phase destes documentos que offerece tambem um bom campo para os investigadores da parte historica. Tem-se notado que os textos antigos são na sua maioria de caracter calendario; com symbolos para dias, mezes e cyclos e com esses elementos se poderá vir a lêr as datas dos monumentos, esculpturas e obras architectonicas em que se acham. Com estas descobertas conseguiu-se entrar pelo passado da historia dos aborigenas americanos, por milhares de annos. O interesse excepcional, que cerca esta pequena imagem, provêm do facto de, segundo a interpretação do Sr. Marley, que as inscripções que se encontram n'ella esculpidas são as mais antigas da America, pois correspondem ao anno de 100 A. C. segundo a nossa chronologia. A seguir a esta estatueta, o documento mais antigo é uma lamina de pedra conhecida como a pedra de Leyden, que é 160 annos mais moderna que a estatueta.

*Fig. 1.148 — "O mais antigo monumento datado, da America". "Esta notavel estatueta de pedra encontra-se na secção archeologica do Novo Museu Nacional de Wshington, D. C., e foi descripta pelo Dr. Holmes como se segue: "E' de uma pedra verde-pardacenta muito dura, pedra nephritica, com 6 ½ pollegadas de altura e 3 ¾ de diametro na base. * * * A parte superior apresenta uma cabeça humana, com uma cabeça ponteaguda e calva e bem definida sem ser muito recortada. A parte inferior da face está coberta com uma especie de mascara que se parece com um bico de pato ou outra ave maritima, em relevo e descendo até o meio do peito, como se fôra barba. As faces descem convencionalmente que dá uma apparencia especial á face e ornatos discoides encontram-se fixados ás orelhas. A ideia de uma capa ou outra vestimenta larga é posta de parte quando se examina a figura mais de perto, então verifica-se que a fórma é de ave, pois descobrem-se-lhes asas aos lados da figura e as orlas inferior são ornadas com pennas convencionaes. Abaixo das asas veem-se riscos marcando as pernas e as patas da ave"*

Segundo as inscripções gravadas nos monumentos de Guatemala e Honduras, as antigas cidades da zona occupada pelos Mayas do Sul tiveram o seu maior esplendor entre os annos 200 e 500 da éra christã, emquanto os centros mais do norte poucos seculos antecederam a época da chegada de Colombo. Estes factos, em extremo interessantes, que constituem factos basilares nas investigações archeologicas, têm sido dados pelo Sr. Morley, que, sob a patronagem liberal do Instituto Cornegie de Washington, está proseguindo os seus estudos nas regiões a que só devem abalançar os que estão preparados a vencer difficuldades e ir de encontro a perigos. »

« A estatueta de Tuxtla é obra de um povo de cultura bastante avançada, que occupava as costas orientaes do Mexico. E' pois natural que o dominio d'aquelle povo (provavelmente os Mayas e não os Aztecs) se estendesse em

tempos idos até o Estado de Vera Cruz e quem sabe até a tribu de Huastecan que occupa parte da região e que representa restos dos povos da raça dos Mayas. »

« A data que apparece na parte anterior da estatueta é a que se vê na gravura que acompanha este artigo. Segundo Morley, esta consiste de um hieroglypho no cimo e uma serie de numeros, que interpretados, segundo o systema que tem sido aperfeiçoado por longos e penosos trabalhos por um grupo de pesquisadores, obteve-se a data mencionada. As varias linhas de hieroglyphos dos lados e das costas da imagem ainda não poderam ser decifradas, mas sem duvida referem-se a acontecimentos da época, registrados na face da figura. »

« Um dos pontos principaes neste trabalho é que elle estabelece o facto importante, que 20 seculos atráz os povos indigenas de Vera Cruz já se achavam em um estado de cultura e adiantamento que é caracterisado pelo uso da escripta, ao passo que marca a transição entre o barbarismo e a civilisação — um estado de desenvolvimento sem duvida, para povos que se mantêm na edade da pedra. Pode-se asseverar, sem duvida, que o estado de cultura que este especimen denota, não poude ser alcançado em um curto periodo, desde que se considere que os povos da America deviam ter gasto periodos de tempo rasoaveis para passar do estado primitivo de cultura até o estado que elles apresentam. »

« O periodo que separa o homem primitivo do tempo da caça e da pesca, do que emprega o alphabeto, deve ser contado por milhares de annos e não por seculos. »

« O valor chronologico exacto da imagem não pode nunca ser exactamente determinado, mas vem-nos dar a certeza, quanto á America, que foi occupada por essa raça antes do desapparecimento dos gelos glaciaes das regiões fronte-ricas dos Estados Unidos, ha cinco mil annos ou mais. »

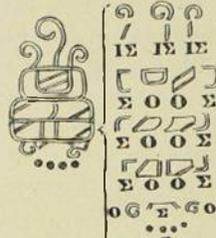
Assim reproduzidas fielmente as principaes figuras e transcriptos os artigos alludidos, seja-nos licito offerecer algumas observações contrarias ao modo de ver dos illustres scientistas, com relação á parte chronologica, prehistorica etc., da preciosa estatueta em questão.

Externada no decurso deste trabalho, a nossa opinião na generalidade do assumpto paleographico, claros são os pontos em que estamos em opposição aos notaveis archeologos; mas nem por isso deixamos de acatar suas valiosas opiniões, admittida a hypothese, muito natural, de elaborarmos em erro.

As gravuras constantes deste idolo ou pedra votiva obedecem, a nosso vêr, á escriptura em primitivo grego linear e figurativo, são semelhantes ás inscripções lapidares, que, em consideravel numero, já interpretámos.

Fig. 1.149 — Supposta data dos Mayas na estatueta de Tuxtla

O que se quer suppor uma data em algarismos Mayas, não nos parece justo. Observamos a disposição dos traços e pontos, um tanto confusos, é verdade, no original, e maior convicção temos de que estamos diante de um conjuncto de letras. Mesmo que quizessemos admittir a primeira hypothese, o maximo da somma não attingiria ao numero 37, segundo Bourbourg e Lion de Rosny, e iria de encontro á data da emigração dos autores de semelhantes monumentos, já computada. O que porém suppomos intuitivo é o que passamos a demonstrar, tomando por base a fórma seguida e por vezes explicada, de interpretar este

systema de escriptura, aliás, bem engenhoso e enigmatico mesmo, originario do primitivo grego, tão divulgado em inscripções lapidares em differentes partes do mundo, segundo já constatámos; problema cuja solução vinha sendo ignorada.

Deduzem-se da inscripção da parte anterior da estatueta as mesmas palavras repetidas em todos os seus contornos, em variantes disposições de traços ou lettras e não data em algarismos Mayas, como passamos a demonstrar.

Não obstante serem já conhecidas as significações das palavras contidas nesta exposição, mais uma vez aqui as repetiremos resumidamente:

῏ΙΣ, *gen.* ἰνός (η) fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

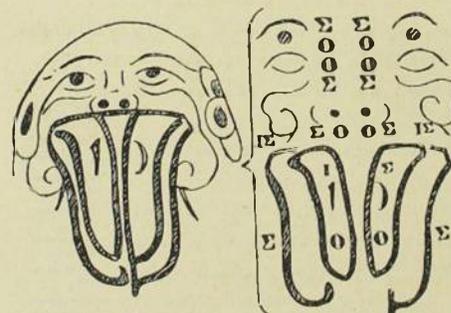
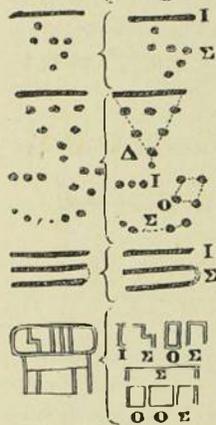
῎ΙΣΟΣ *ou poet.* Ισος, η, ον, igual semelhante: igual plano; justo equitativo, etc.

*ΣΟΟΣ, ος, ον, *Poet. donde a forma Att.* Σῶς, ῶν, são e salvo, inteiro, que subsiste ou que sobrevive, etc.

῞ΟΣΟΣ, η, ον, muito grande, quanto consideravel, muito numeroso, tão grande que, etc.

ΔΙΟΣ, α, ον, *Poet.* divino, *dá-se muitas vezes por epitheto aos deuses e aos heroes*: divino, isto é, excellente, admiravel, *alg. vez.* prodigioso, immenso, R. ΖΕΥΣ, *gen.* Διός.

Admittindo-se o traço horisontal — (I) na palavra ΔΙΟΣ teremos ῎ΙΔΙΟΣ, α, ον, proprio, particular, singular, especial; tomado em sentido proprio; que é do dominio privado; *e por conseguinte,* não consagrado, profano etc.

ΟΧΟΣ, ος, ον, tenaz, firme, solido, *com o gen.* que retém a, que contém. R. ἔχω.

FACE DA ESTATUETA

*

(PRIMEIRA COLUMNA A' ESQUERDA)

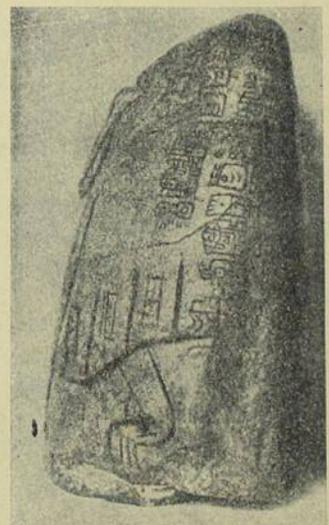
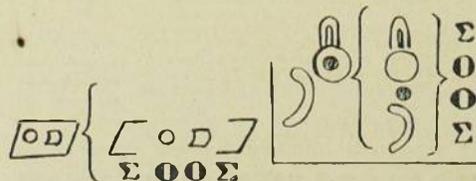
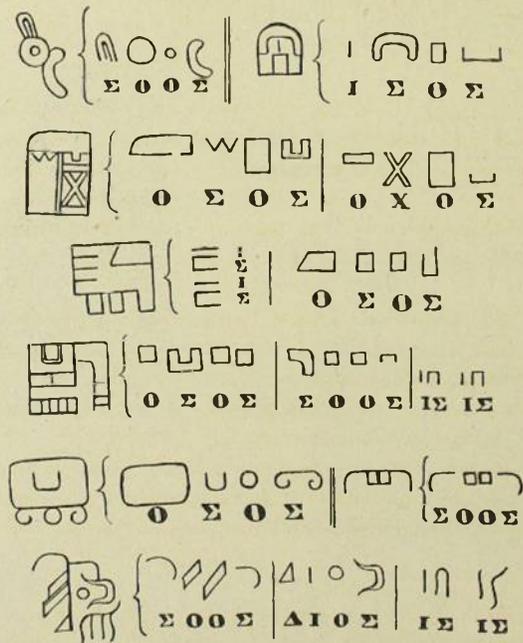
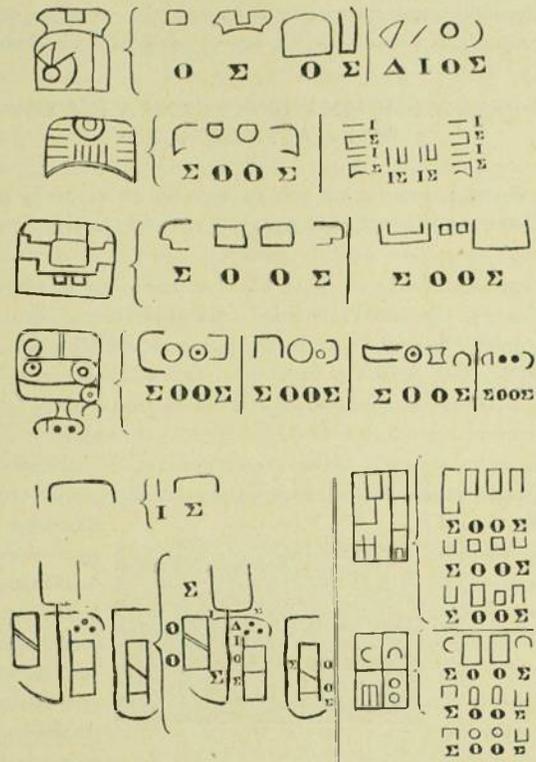



Fig. 1.150 — Lado esquerdo da estatueta

(SEGUNDA COLUMNA) *Continuação*

A ESTATUETA DE NEPHRITE DO MEXICO, portanto, offerece mais um relevante elemento paleographico, para constatar a nossa these sobre a prehistoria, não sómente da America Meridional, como a do Hemispherio Occidental etc. Sua interpretação epigraphica, segundo o nosso pensar, aqui externamos. Lamentamos que não esteja a photographia expressiva, infelizmente, em todos os seus delineamentos. Alguns traços estão pouco perceptiveis, em virtude das sombras photographicas, mais ou menos fortes, que acompanham a gravura.

A parte chronologica está intuitivamente ligada á época da emigração dos autores, não só deste specimen valioso, como das profusas inscripções lapidares esparsas em nosso Continente e em outros, achando-se computada nas conclusões deste modesto trabalho. A parte paleographica, por sua vez, está esclarecida em capitulo respectivo, quanto ás suas particularidades de uso ou modo de empregar os caracteres.

Cumprimos finalmente o dever, de aqui deixar á illustre *Redacção do Boletim da União Pan-Americana* as homenagens do nosso leal reconhecimento, pela contribuição valiosissima que proporcionou á causa sublime do Americanismo, de que ora nos occupamos.

* * *

Ainda com relação ao Mexico, destacamos com prazer do *Boletim de la Secretaria de Educacion Publica* dessa importante Republica, Tom. I, n. 2, de 1922, para aqui, sem

commentario, a seguinte noticia, de alta relevancia para a nossa prehistoria americana. Conservamos o proprio idioma em que se acha escripta, como reproduzimos as bellas estampas que acompanham a narrativa de tão sensacional acontecimento:

UNA CIUDAD PRECOLOMBIANA DESCUBIERTA EM LAS VERTIENTES DE LA ALTIPLANICIE

EL EGIPTO DEL NUEVO MUNDO, COMO CON JUSTICIA SE LE LLAMA A MÉXICO, ABUNDA PRODIGIOSAMENTE EM RELIQUIAS DE MUERTAS CIVILIZACIONES

« Una ciudad precolombiana oculta en las vertientes de la altiplanicie mexicana! Entre bosques espesos y vigorosos, prendidos a los contrafuertes de las altas montañas em que muere la gram Mesa, todo un hacinamiento de edificios arcaicos, habitaciones y pirámides con apariencia de montículos naturales, sobre los que crecen robustos el madroño y el pino, formando espesuras donde nadie sospecharia la existencia de un viejo emporio de cultura. »

« La sorpresa es mayor, por haberse efectuado el descubrimiento dentro de los límites de la altiplanicie, región tan conocida y tan recorrida por los exploradores, quienes palmo a palmo la han cruzado, puede decirse, en busca de ruinas y reliquias aborígenes. A partir de los viajes de Charnay, del hermoso descubrimiento de Saussure y de las investigaciones de Batres y de Seler, nadie creía factible el hallazgo de otro centro importante de cultura indigena y menos sin que existiesem referencias de él, en lo absoluto, ni en los relatos de los viajeros modernos, ni en las cartas geográficas o arqueólogicas, ni en los cronistas del tiempo colonial, ni si quiera en los historiógrafos indigenas, que tan preciosas noticias de esta clase suelen aportarnos. Encuentros de uno o unos cuantos "tlalteles" aislados, si son frecuentes, pues existem por todas partes de la República llamandose "cues" en ciertas comarcas, "coecillos" en otras, "teteles" acullá, etc. Pero una ciudad entera, con calles y plazas, habitaciones y templos, depósitos de agua y obras de fortificación y defensa, por rudimentario todo que ello se vea, eso, sí resultaba punto menos que imposible dentro de los limites de la Mesa Central, y nadie habia creído que un descubrimiento de esta clase pudiera llevarse a cabo en nuestros tiempos." »

Fig. 1.153 — Fotografia de uno de los edificios en medio de la arboleda

« Cosa semejante solo se concibe en las regiones meridionales, y particularmente en las florestas de Yucatán, el alto Petén y Chiapas, donde puede decirse que ayer apenas Maudsley, Teoberto Maler y el conde de Perigny han realizado hallazgos de magnificas ciudades perdidas en la espesura de selvas imensas y formidables. Saussure declaraba, hace ya setenta años, que el descubrimiento de uma ciudad en la altiplanicie era prácticamente una quimera; y el encuentro de la ciudad de Cantona hecho por el ilustre sabio, pareció cerras el ciclo de los grandes hallazgos arqueológicos en esta parte de la República. »

« Afortunadamente nuestra patria es hasto extensa y rica. El Egipto del Neuvo Mundo, como con justicia se la llama, abunda prodigiosamente en reliquias de fuertes civilizaciones, que tuvieron por escenario el privilegiado territorio mexicano, centro póvido

en elementos de vida al que por eso mismo afluyeran, como otros tantos ríos, innúmeras immigraciones en los tiempos idos. La lista de los descubrimientos ha podido aumentarse otra vez, y correspóndele ahora la satisfacción y el prestigio a mexicanos, y sobre todo al ciudadano Ministro de Educación Publica y al Museo Nacional de Arqueologia e Historia, centro neto, legal y cientificamente, de este género de exploraciones e investigaciones, arbitrariamente alejadas de su senso. »

« Con esta labor y otras semejantes, como el reconocimiento de yácatas importantes del Estado de Guerrero, el hallazgo de la máscara preciosa de turqueza, el estudio estratigraphico de nuevas localidades ricas en restos de cerámica, y la exploración de otra ciudad desconocida, de la que acaban de encontrarse suficientes indicios, el Museo reasume el ejercicio de las actividades que le son propias y recobra esa esfera de sus atribuciones, para bien de la ciencia y de la historia nacionales. »

« El lugar es un paraje geográfico de sorprendente interés. »

« A lo lejos, cual inmenso mar de lava, extiéndese el Mal-País del Vigia Alta, hacia cuyo borde asoma el como perfecto del Cerro del Pizarro. Ahi fué donde descubrió Saussure la ciudad completa a la que dió el nombre de Cantona. »

« En las faldas del Cofre de Perote, a dieciocho o veinte kilometros de Cantona, puede encontrarse otra población importante también, más regular sin duda alguna, y dotada en los tiempos de su florecimiento de mejores elementos de vida. Ahí está, en efecto, la ciudad arqueológica, objecto de la presente información. »

« El panorama es un imán que suspende inevitablemente la mirada embargando la atención por largo tiempo. Difícilmente una tribu primitiva y más aún siendo perseguida por fieros adversarios, podrá resistir la tentación de instalarse en aquel sitio; la montana toda ofrece numerosas salidas y proporciona recursos infinitos. Este concurso de circunstancias debio atraer a uno de esos pueblos aborígenes tan dados a ocupar las alturas para defenderse y aprovechar sitios en que la atmosfera puede renovarse con facilidad. Ahi debía, pues, encontrarse una metrópoli y ahi se encuentra de hecho. »

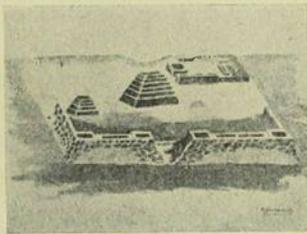



Fig. 1.154 — Reconstrucción hipotética de uno de los grupos más importantes de estructuras. Los elementos de la reconstrucción aparecen claramente en el terreno

«Mientras el explorador no se resuelva a internarse en los últimos recodos del bosque, no conseguirá darse cuenta de que está transitando por antiguas calles y plazas. »

« Cúmplenos anunciar al mundo científico el descubrimiento de una ciudad que abarca algo más de treinta hectares de superficie, y en la que se cuentan alrededor de trescientas construcciones, de las cuales quince por lo menos presentan aspecto de templos e palacios de consideración, habiendo también restos de explanadas y avenidas y porciones de murallas y terrazas. El Museo Nacional de Arqueología presenta al análisis de los investigadores este nuevo hallazgo, procediendo por su parte a la vigilancia y arreglo de la localidad a limpiar los edificios de la vegetación y a la iniciación de los reconocimentos de las estructuras y de los trabajos estratigráficos. »

«Un informe técnico ha sido rendido al Ministro y al Director del Museo, acompañado de planos y dibujos, por los señores don Juan Palacios y don Miguel E. Sarmiento, acerca de los pormenores del descubrimiento. Diremos resumiéndolo, que la construcción adoptada en las estructuras responde al sistema llamado ciclópeo; que los edificios se

encuentran todos levantados sobre un zócalo, sin duda para evitar deslaves de un terreno inclinado donde llueve torrencialmente; que el núcleo de los monumentos es de tepetaje, revestido de piedra cortada irregularmente, pero adherida con arte mediante la ayuda de lodo; que este mismo sistema es el que se nota en Cantona; que los restos de las habitaciones se presentan trazas de aplicación de mortero y que las paredes y el piso de las mismas muestram una capa aplanada que las reviste; que los edificios grandes tienen planta cuadrangular y constituem troncos de pirámide truncada, notándose en algunos de ellos la existencia de varios cuerpos; que hay vestigios de hornos y de depósitos del agua; que hay explanadas y avenidas y terrazas, así como restos que indican murallas; que la ceramica se muestra escasa a la superficie, lo que se explica por la inclinación del terreno, pero que no falta en lo absoluto y que apresenta ciertos rasgos de semejanza con la tiesteria de Cantona, si bien hasta la fecha no aparecen fragmentos de figura humana; que se han hallado huellas de trabajo artificial más esmerado en piedra calisa blanca, la cual, sin duda, se utilizó en los motivos de ornamentación; y que hay indicios de que em la profundidad, los elementos de estudio serán más abundantes. »

« Agregarémos que la mayoria de las estructuras que entendemos haber sido habitaciones, no exceden de seis o siete metros de longitud en las bases, por cuatro o cinco de altura. Em cambio, las estructuras mayores alcanzan hasta vinticuatro metros de base, con altura de doce, y plataforma superiores de diez por dieciséis. Todo hace suponer que aqui estiuvierán los adoratorios de aquel pueblo. »

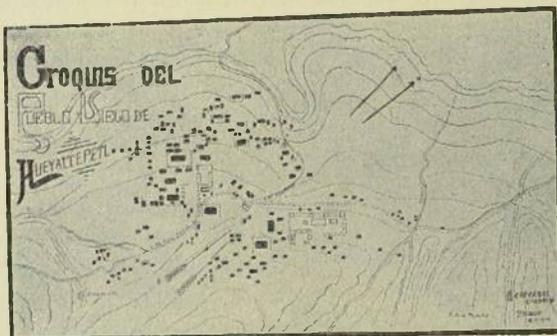



Fig. 1.155 — Croquis del Pueblo Viejo de Hueyaltepetl

«Digamos, tambien, que las ruinas se encuentran en terrenos de propiedad particular, por fortuna en el extremo mismo de la finca y en parte de ésta poco o nada explorada, supuesto que se trata de monte áspero. La ley de la materia es explicita en estes casos, de manera que el terreno ocupado por las estructuras necesariamente tiene que expropiarse, pues se le considera como propiedad de la Nacion. Por fortuna en este caso, la hacienda pertence a una familia culta y distinguida, de la ciencia y a la patria, existindo a la vez la favorable circunstancia de que la finca comprende más de cincuenta caballerias de extensión, y la zona de las ruinas abarcará una cuando más, y como dijeramos, en sitio poco explotable y explotado.»

«Se piensa que el señor licenciado Vasconcellos visite la ciudad descubierta, a efecto de imponerle nombre, atentos sus caracteres y la naturaleza de la civilizacion a que pertenezca. »

IDOLOS ANDROGYNOS, PHALLOMORPHOS, ZOOMORPHOS, ETC.

E' ainda obedecendo aos mesmos intuitos, que acabámos de externar, que vamos reproduzir algumas photogravuras de *Idolos androgynos, phallomorphos e outros zoomorphos* etc., attribuidos a indios extinctos, da Ilha de Marajó e de outras localidades, encontrados

em importantes trabalhos de excavações, levados a effeito pelo Museu Goeldi, de Historia Natural e Ethnographia do Estado do Pará.

Estes exemplares ceramicos, de extremo valor, acham-se recolhidos áquelle notavel estabelecimento scientifico, que tanto honra o nosso Paiz, constituindo verdadeiro monumento, para, no dizer do sabio Emilio Goeldi, elucidar o complexo problema ethnologico relativo aos povos que, em tempos idos, quer *prae* — quer *post* — colombianos, habitaram a fóz do Amazonas e regiões adjacentes.

Muitos d'elles completam ou ampliam vantajosamente a serie de bellos artefactos ceramicos provenientes d'aquellas regiões, arrecadados e descriptos por Ladisláo Netto, e que se acham enriquecendo o nosso Museu Nacional.

Deve, sem duvida, este notavel conjuncto ser considerado verdadeiro thesouro ethnologico ou archeologico no Brasil, e a primasia no fornecimento de elementos cabe incontestavelmente ao grande Estado do Pará.

A clara expressão das gravuras, representando todas as faces, dispensam outras explicações. Entretanto, pode-se considerar satisfeita sufficientemente qualquer curiosidade com as minuciosas descripções que as vem antecedendo e que constam da Revista do referido Museu Paraense.

Fig. 1.156 — (Frente)

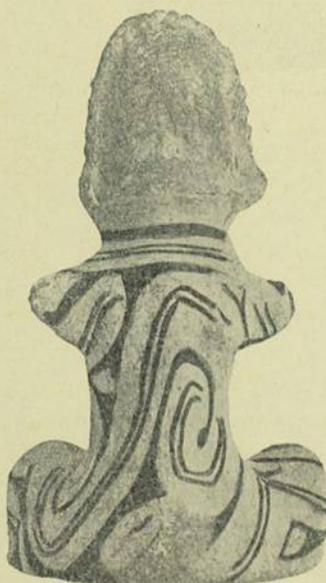



Fig. 1.157 — (Costa)

Fig. 1.158

Fig. 1.159

Fig. 1.160

Fig. 1.161 — (Lado)

Fig. 1.162

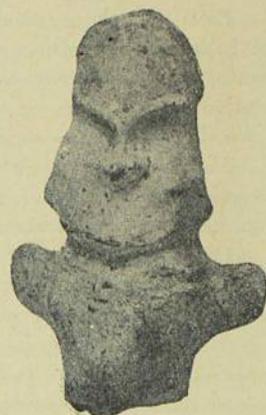



Fig. 1.163

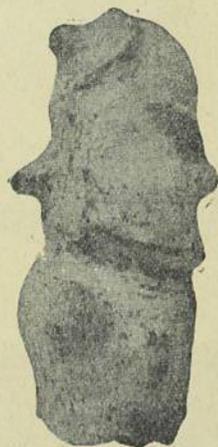



Fig. 1.164

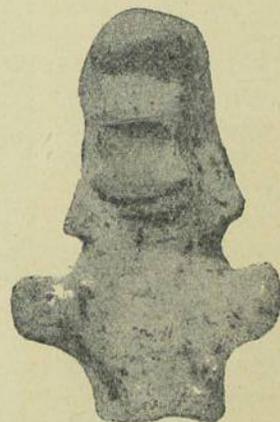



Fig. 1.165

Fig. 1.166

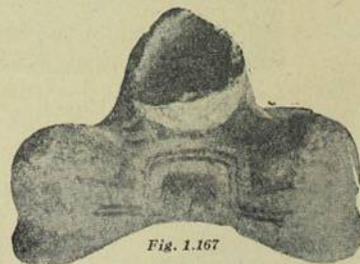



Fig. 1.167

IDOLOS ANDROGYNOS, PHALLOMORPHOS, ENCONTRADOS NA ILHA DE MARAJÓ

Fig. 1.174 — (Lado)

Fig. 1.175 — (Costa)

Fig. 1.177 — (Frente)

Fig. 1.176 — (Lado)

Fig. 1.178 — (Frente)

IDOLOS ZOOMORPHOS E ANTROPOMORPHOS, ENCONTRADOS NO RIO AMAZONAS

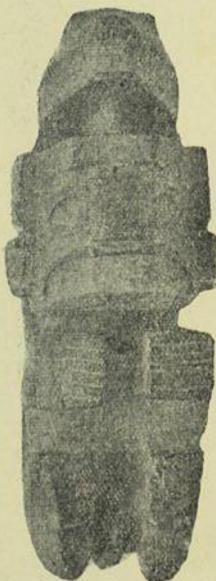
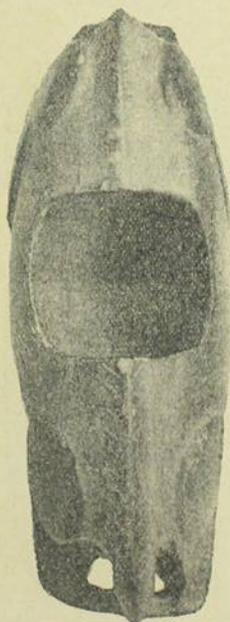
Fig. 1.179 — (Lado) Fig. 1.180 — (Costa) Fig. 1.181 — (Frente)

IDOLOS ZOOMORPHOS E ANTHROPOMORPHOS, ENCONTRADOS NO RIO AMAZONAS

Fig. 1.182 — (Lado) Fig. 1.183 Fig. 1.184 Fig. 1.185 — (Frente)

Fig. 1.187 — (Frente)

Fig. 1.186 — (Frente) Fig. 1.188 — (Frente)

Fig. 1.189 — (Lado) Fig. 1.190 — (Lado) Fig. 1.191 — (Lado)

CERAMICA DOS RIOS, MARACÁ E ANAUERÁ-PUCÚ (GUYANA)

Fig. 1.203 — (Frente) Fig. 1.204 — (Costa)

Fig. 1.202 — (Face inferior) Fig. 1.205 — (Face superior)

IDOLOS ANDROGYNOS, PHALLOMORPHOS DOS INDIOS CARAJÁS NO ALTO RIO ARAGUAYA (GOYAZ)

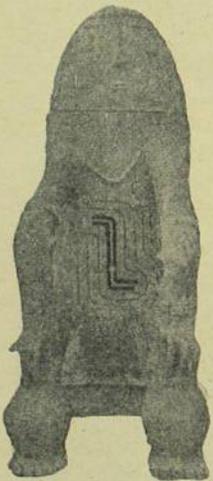
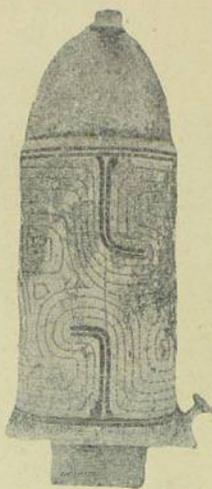
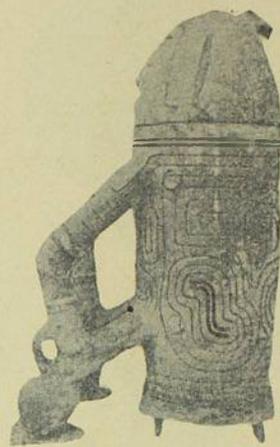
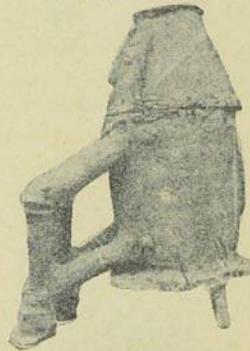
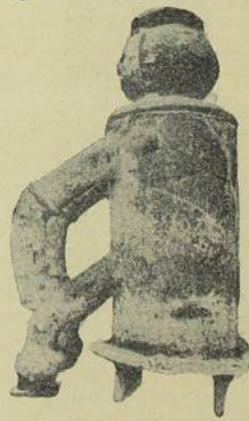



Fig. 1.207 — (Frente)

Fig. 1.206 — (Frente) Fig. 1.208 — (Frente)

CERAMICA ENCONTRADA NOS RIOS, MARACÁ E ANAUERÁ-PUCÚ (GUYANA)

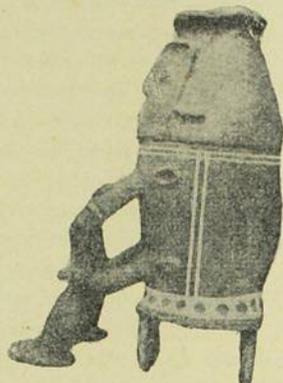



Fig. 1.218 — (Costa) *Fig. 1.219 — (Face)* *Fig. 1.220 — (Face)*

CERAMICA ENCONTRADA NOS RIOS, MARACÁ E ANAUERÁ-PUCÚ (GUYANA)

ATLANTIDA

Algumas referencias temos feito á existencia outr'ora da Atlantida de Platão, e agora vamos resumir mais detidamente algumas noções bem interessantes a respeito deste grande problema, do qual tanto se tem tratado e que continúa a merecer a attenção dos scientistas modernos.

Por sua vez, assim se manifesta Cesar Cantu [1] « . . . . . . Os antigos suppunham que existiam além do nosso hemispherio outros paizes habitaveis e habitados ? Quem quizer póde consultar o *Sonho de Scipião*, onde o orador romano finge que o heroe, arrebatado ao céo emquanto estava a dormir, vê a nossa terra toda povoada em redor, de tal modo que, os homens aqui estão n'uma posição obliqua, além, em sentido opposto aos outros; mas, nas cinco zonas, só as duas temperadas têm habitantes, estando separadas pela zona torrida, barreira insuperavel. »

« O tom dogmatico com que um homem, que não ignorava nada do que era conhecido no seu tempo, expõe esta theoria, levar-nos-ia a julgal-a então geral, sobretudo, reflectindo que Manilio admitte positivamente a existencia de povos e de regiões antipodas [2]; mas nós aprendemos a não nos surprehender por ver que os mais instruidos entre os antigos não tinham idéa alguma do que se fizera e dissera antes d'elles. Seguramente que os homens se persuadiam em pouco tempo de que, fóra do seu paiz, existiam outras terras com climas simílhantes aos nossos; designaram-n'as pelo nome de Atlantida, de Grande Terra, ou de continente Chroniense. Platão, que fala d'isto expressamente, diz ter ouvido da bocca de Critias, seu avô, o que recebera de Solon, a quem o apresentara um velho sacerdote egypcio de Sais: que uma grande ilha de forma quadrada, chamada Atlantida, existira no oceano, além das columnas de Hercules. A sua extensão era de tres mil estadios por dois mil de largura; estendendo-se para o meio-dia, rodeada ao norte por montanhas que sobrepujavam em altura e em belleza todas as que eram conhecidas,

(1) Vol. VIII, p. 188-189, Lisbôa, 1877.
(2) « A forma da terra é redonda, e em volta d'ella moram varias gentes e feras e as aves aerias ». (Man., Asrt., I.)

tinha em abundancia fructos, metaes, animaes, principalmente oiro e elephantes. Platão expõe até o culto, os costumes, a ordem civil d'esta ilha, *bella* e *santa* no principio..., mas que depois se corrompeu por tal modo que Jupiter resolveu aniquilal-a; para este fim desencadeou os ventos, abalou o solo, e n'uma noite submergiu-se a ilha. O proprio nome de Atlantida era allusivo a origens divinas; ligando depois á Atlantida as origens humanas, suppoz-se que dimanara d'ahi a civilisação, cujos desenvolvimentos se encontravam em todos os paizes, sem que em parte alguma se lhes descobrisse o primeiro germen. Imaginou-se pois que os atlantidas tinham emigrado para o Egypto, levando-lhes o culto, as sciencias e artes, que mais tarde passaram para a Grecia. »

«Que havia de verdade em tudo isto? Não devemos ver senão uma parabola do philosopho poeta, e que depois de ter traçado o plano d'uma sociedade ideal para tirar d'ella uma lição moral, quiz d'esta vez attingir o mesmo fim, com o auxilio de uma hypothese geographica? Se se fundava em recordações historicas, onde estava situada a Atlantida? Era no deserto, que desde esta época não é mais que uma planicie de areia ainda hoje impregnada de sal? ou antes entre a Europa e a America, onde se encontram hoje os Açores, as Canarias, as ilhas de Cabo Verde e a infinidade de escolhos e de bancos cuja posição indeterminada atormenta os geographos? Obtivera elle sob este nome dos navegadores phenicios alguma revelação do mundo que chamamos novo, e que se nos offerece coberto de ruinas não menos antigas, nem menos magestosas que as da India e do Egypto? ou então a Atlantida elevava-se no seio do Mediterraneo até que sepultada n'um abysmo inesperado, não deixou outro vestigio senão as altas cordilheiras e os planaltos mais elevados que formam hoje a Italia e as ilhas circumstantes? »

« Seja como fôr, este continente acabara; mas quando se propagou a idéa pythagorica sobre a esphericidade da terra, foram levados pelo raciocinio a admittir a existencia de terras antipodas e de climas correspondentes aos nossos. Alguns, como Eratosthenes, descobriram que a elevação das terras e a demora apparente do sol quando se approxima do tropico, assim como o afastamento das duas passagens d'este astro pelo zenith do logar, deviam temperar o calor da zona equatorial. Geminus, que vivia no tempo de Cicero, diz que, "não se deve julgar que a zona torrida é inhabitavel, por isso que alguns viajantes que foram a esses paizes encontraram lá homens; ainda mais, ha quem pretenda saber se as regiões situadas no meio d'essa zona têm uma população maior que as terras que ficam nos seus limites (1)". Accrescenta, que Polybio escrevera um livro para demonstrar que estes logares gosavam d'um clima mais temperado que o das margens d'esta zona. Comtudo, segundo a opinião que dominava, era um paiz inaccessivel e inhabitado, ou, como dizem Ovidio e Virgilio, uma cinta

Semper sole rubens, et torrida semper ab igne

(Sempre avermelhada por causa do sol e sempre torrada pelo fogo) ou, ainda melhor, um oceano formando um circulo em redor da terra, e além do qual se encontravam outros paizes habitaveis. Aristoteles suppunha que no hemispherio opposto ao nosso havia grupos isolados; Crates, os *duplos* ethiopios; Strabão e Méla, outro mundo; os pythagoricos, um *Antichthon*; Cosmos Indicopleustes, uma terra transoceanica, moldurando o parallelogrammo do mundo tal como elle o concebia. »

« Após a descoberta de Hespanha, transpuzeram os phenicios as columnas d'Abila e de Calpé, reputadas o *non plus ultra* dos navegadores; provavelmente aportaram ás

(1) Ap. Petav., Doctr. temp. T. III.

ilhas Atlanticas, das quaes ficou uma recordação confusa e poetica. No dizer de Aristoteles, os cartaginezes tinham descoberto além do estreito uma ilha deshabitada, mas tão fertil que logo correram em turba para povoal-a: emigração que o senado teve de prohibir sob pena capital. É certo que os gregos collocavam no Occidente risonhas paragens, ornadas de todas as especies de bellezas, onde os homens saboreavam as delicias da edade de oiro, e cujo solo produzia tres vezes no anno. Coleon de Samos, impellido pela tempestade para fóra do estreito, contou maravilhas de Tartessia e de seus habitantes. Estas ilhas do oceano adquiriram grande nomeada, e ora lhes chamaram Atlantidas, ora Hesperidas, ora Afortunadas, ligando-lhes tradições mythologicas, collocando-as primeiro na Italia, depois na Sicilia, e emfim na Betica, e sempre progressivamente mais longe, á proporção que se descobriam novos paizes. Algumas vezes foi este nome applicado aos oasis da Africa, ou ás ferteis margens das grandes syrtes, ricas em pomos de oiro, quer dizer, em laranjas; por isso Plinio diz, com razão, *que a fabula vagabunda transporta este nome a cem logares diversos*. Outras mythologias collocaram egualmente ao Occidente um paiz de felicidade: tal era para os indios, *Isapura* ou a *Suela duipa*, ilha Branca do poente [1]; para os persas, a montanha *Asburi* ao pé da qual se põe o sól e de que os povos germanicos fizeram o monte Asburgo ou Asgard, que vieram talvez procurar na Europa, e que por fim transportaram para o céu, por não a encontrarem na terra. O proprio Confucio colloca o paraizo no Occidente, como fizeram os gregos em relação ao seu Elysio.»

« Não é isto talvez mais que um despojo dos conhecimentos primitivos que teriam escapado ao grande cataclysmo, e que se achavam em relação com as outras crenças, segundo as quaes os hyperboreenses, quer dizer os septentrionaes, teriam gozado de uma sabedoria e felicidade sem eguaes. E' certo que a proporção que novos paizes se descobriam no Occidente, se tornava necessario que os europeus fizessem recuar para mais longe aquellas ilhas oceanicas; o que porém indica que havia sobre ellas noções positivas, é o projecto de Sertorio, de transportar para alli a sua independencia. »

« Comtudo a Europa mudara de face, e o systema das communicações modificara-se. A grande emigração dos barbaros faz conhecer os paizes que tinham habitado, mas de um modo incompleto e superficial. No Oriente, a religião pregada par Mahomet dera impulso aos arabes, lançando-os sobre o mundo antigo para o destruir.»

« Pinheiro Chagas, em seu Dicc. Popular cit., assim se externa sobre a Atlantida: ilha fabulosa, sobre a qual differentes auctores da antiguidade nos deixaram narrativas legendarias, que serviram n'estes ultimos tempos de base a muitas hypotheses. O auctor que se occupou minuciosamente d'essa região desapparecida, foi Platão. Segundo elle, n'uma época excessivamente remota, os gregos tiveram de resistir a uma invasão terrivel dirigida contra elles por um povo saido do mar Atlantico, de uma ilha mais extensa do que a Lybia e a Asia reunidas, da qual uma das extremidades avançava não longe das columnas de Hercules, isto é, do actual estreito de Gibraltar. Esta ilha desappareceu em virtude de um grande cataclysmo.»

« Primeiro, considerou-se esta descripção de Atlantida como um simples sonho de Platão, mas a insistencia com que se referem a este continente desapparecido, todos os escriptores da antiguidade, a persistencia de varias tradições a este respeito fazem crer, que a phantasia do philosopho grego não deixa de ter alguma verosimilhança, e que ha

(1) A ilha Branca recebe nos *myrthos* indianos os epithetos de *grila*, resplandecente; *teja*, esplendida; *canta*, brilhante; *cirma*, deslumbrante; *schira*, lactea; *padma*, flor, etç.

um facto verdadeiro no fundo d'essa narrativa. A sciencia moderna multiplica as hypotheses, uns vendo na Atlantida a America, outros um continente que desappareceu e de que são restos as ilhas de que está semeado o Oceano, alguns outros transportaram a Atlantida para o centro da Asia, hypothese de todas a mais inverosimil.»

O nosso notavel philologo patricio, Pennafort, no seu valioso "*Brasil Prehistorico*", em as pags. 73 a 78, assim recapitula o presente, como outros assumptos que muito nos interessam: "..... O escriptor arabe, Cosmos Indicopleústes descreve o seu *Manu-ry* ou região do ouro, que elle colloca em forma de quadrado bem defronte do antigo continente, e confunde tambem a America com a Atlantida de Platão."

«Gaffarel, em engenhosos e lucilantes artigos, lançados na *Revue de Geographie* de Paris, de Abril, Junho, e Julho de 1880, sustenta que a America foi povoada pelas colonias do povo Atlante.»

« Além dos auctores antigos que têm falado da Atlantida, como Platão, Aristoteles, Solon, Homero, Hesiodo, Euripides, Strabão, Plinio, Elien, Tertuliano e outros já mencionados, innumeros escriptores modernos e contemporaneos d'ella se têm occupado sobejamente. Grande é o numero de sabios que discute novamente a existencia e o sitio d'este continente desapparecido. Entre os modernos e contemporaneos contamos os seguintes: Sir Francis Bacon, o illustre Chanceller de Inglaterra, eminente philosopho que preconisou o methodo experimental, hoje tão favoravel ao progresso das sciencias e que com seus estudos abriu a porta ás grandes invenções modernas. O famoso actor do *Novum Organun* e de *Augmentis scientiarum* — para provar a sua sagacidade inventiva compoz tambem uma obra monumental sob o titulo de *New Atlantide*, obra que apesar de incompleta contém a exposição dos seus mais bellos idéaes no tocante ás sciencias naturaes, á philosophia e á politica. Luiz Pierre Marie François Baour Lormian, illustre tragico francez, insigne traductor de *Jerusalém Libertada* de Tasso, além de innumeras tragedias, operas e poemas, escreveu tambem um importante poema em 4 cantos *L'Atlantide* ou *Le Geant de la Montagne bleue*, seguido de *Trente-huit Songes* em prosa. Jean Sylvain Bailly, sabio litterato e astronomo distincto, auctor da grandiosa *Historie de l'astronomie indienne et oriental.* (1787 in-4°), além das suas importantes — *Lettres sur l'origine des sciences* — compoz um livro sobre a *Atlantida de Platon* — (1779 in-8°), onde procurou demonstrar admiravelmente a existencia de uma civilisação primitiva entre povos que elle collocou na Tartaria Septentrional, encontrando n'esta civilisação a origem da dos Chinezes, dos Indios, dos Gregos, e de todas as outras nações antigas. Este systema revolucionou o mundo litterario d'então e elevou ao maior gráo de sublimidade o talento e engenho do egregio membro da Academia Franceza, de Rouen, de Berlim, o rival do Cook, do Padre La Caille, de Gresset, de Molière, de Corneille, de Malebranche, de Leibnitz, cujos elogios estampou em os seus bellos — *Discours et Memoires* de 1770. Em nossos dias a *Atlantida*, assim como aquelle Continente perdido de que nos fala Plutarco, têm inspirado os nossos ideaes.»

« O profundo naturalista e philologo A. de Humboldt discretando a proposito da existencia real da Atlantida disse com toda reflexão: *Les mythes geographiques sont vraiment la* SOURCE ANTIQUE *des primiers,* APERÇUS *de cosmographie et de physique.* O illustre physico Arago dizia ha pouco, citando Aristoteles, o seguinte sobre a Atlantida de Platão: *"celui qui avait crée réellement l'Atlantide la detruite réellement"*.»

« Letronne, Renouvier, Henry Martin falando do caracter puramente mythico e philosophico que offerece a narrativa platonica, no ponto em que ella intercala no dialogo

do *Timeo*, o filho d'Ariston, suppõem egualmente a existencia dos *Atlantes*, antigo povo que habitava uma grande ilha ao norte das columnas de Hercules, as invasões d'estes barbaros sendo repellidos pelos athenienses, no tempo em que elles estavam submettidos ás leis do Egypto. Platão, dizem Renouvier e Maurice Pellison, descreve a maneira porque o terremoto fez desapparecer a Atlantida e o mar submergiu a Attica; declara Platão "que uma admiravel conformidade existe entre as instituições da Atlantida e as da antiga Grecia e do Egypto. Nossos *ancetras* e os cidadãos da minha republica ideal serão os mesmos que vimos figurar nas conquistas da Lybia, na Africa, e da Tyrrhenia (1), na Europa". Sabemos que a historia dos Atlantes era essencial ao plano republico idealisado pelo grande philosopho grego, que fatigado da mobilidade e caracter versatil do espirito hellenico collocou n'um passado longinquo o seu ideal sociologico, o modelo, emfim, de sua sabedoria politica; Platon retrogradando bruscamente para a unidade e mobilidade do Oriente passando do dominio da theodicea para o da politica, quiz, sem duvida, que o espirito grego o acompanhasse na sua evolução mental, atravéz do athroismo philosophico da sua republica imaginaria. Latreille colloca a Atlantida na Persia e Rudebeck na Escandinavia.»

« Seja como fôr, tudo quanto temos dito referentemente á historia d'esta ilha e da sua posição geographica demonstra cabalmente que os antigos tiveram mais ou menos conhecimento claro, directo, immediato e espontaneo da existencia verdadeira dos novos continentes americo-brasilenos que depois se separaram dos antigos continentes; separações naturalmente devidas a posteriores phenomenos geognosicos, que já estudámos nos primeiros capitulos da primeira secção deste livro.»

«Effectivamente, deste acervo de systemas contradictorios, de hypotheses aventurosas e de reaes divagações, a critica moderna já conseguiu tirar alguns resultados menos problematicos. Circumscrevendo o problema paleonthologico e libertando-o occidentalmente dos liames de seus dados arbitrarios, a sciencia pode hoje affirmar, sem temeridade alguma e com certeza mathematica, que outr'ora houve communicações entre os dois hemispherios.»

«E' hoje verdade incontroversa o primeiro ponto discutido — a facilidade de communicações entre os dois continentes e das migrações, d'um para o outro, nos tempos prehistoricos. O profundo geologo Sir Charles Lyell, imaginando a especie humana toda inteira redusida a uma só familia, relegada em uma ilha polynesica, opinava que estes insulares, no decurso das edades, chegariam a espalhar-se por sobre a face da terra, dispersos, uns, pelo pendor natural de procurarem recursos em regiões mais vastas, outros, pelo facto de serem casualmente arrebatados dentro de suas pirogas, e levados pelas marés e as correntes impetuosas para longinquas paragens. Com razão, disse Latino Coelho, tem-se chamado á America *Novo-Mundo* (quiçá mais *velho* que a *velha* Europa) porque em si tem quanto pode adivinhar a *phantasia* e appetecer a ambição! Porém, quanto ao povoamento d'este pretenso Novo Mundo, não ha mister de recorrer á phantasia; porque entre o sudoeste da Asia e noroeste da America existem pontos de contactos tão numerosos a inquirir, onde acaba uma e onde começa a outra . . . »

De um recente artigo sob a epigraphe, *Enigma da Atlantida*, publicado em Manáos, pela "Gazeta da Tarde", de 21 de Abril de 1921, collaboração de seu importante corres-

(1) *Tyrrhenia*, nome que significa, ora a população pelasgica de Etruria, ora diversas tribus pelasgicas maritimas da Italia. Os antigos davam tambem aos tyrrhenos o nome de Lydios, oriundos da Lydia. Eram celebres como navegadores e sobretudo como piratas.

pondente de Paris, extrahimos o seguinte: « Emquanto para uns, a Atlantida não é mais do que uma vaga lição que nos legou a Antiguidade, para outros, esse continente mysterioso ainda existe, pois é representado pela America; emfim, se tornou agora admissivel uma terceira opinião, aliás apoiada pelos sabios modernos, de que a ilha que trouxe esse nome nas tradições conservadas por Platão nos seus dialogos do "Timée" e do "Critias", era situada no Oceano Atlantico, defronte das Columnas de Hercules — Os habitantes desse continente nunca tendo desapparecido, haviam, no dizer do celebre philosopho grego, conquistado uma grande parte da Africa e da Europa Occidental, logo que seu paiz foi ameaçado por terremotos seguidos de um diluvio. »

« Segundo a narração de Platão, os Atlanteanos occupavam uma ilha vasta e maravilhosa, separada da Africa por um verdadeiro archipelago — Depois de terem organisado uma poderosa armada, desembarcaram nas costas africanas e marchando de victoria em victoria, tentaram conquistar a Grecia que conseguiu repellil-os. Um cataclysmo, completando miraculosamente a obra das tropas gregas, destruiu a armada dos invasores. »

« Acontece mais, que outros historiadores, taes como Marcellos e Theopompo relatam factos analogos aos precedentes, e que si d'Amville e Humboldt, por exemplo, têm negado a existencia da Atlantida, Tertuliano Buffon, Tounefort etc., têm-n'a, ao contrario, admittido. »

« Vejamos, á luz da Sciencia contemporanea, o que se deve pensar dessas duas hypotheses contradictorias — Nós podemos, para decidir a questão, consultar duas fontes principaes: a geologia e a zoologia. »

« A geologia e a oceanographia principalmente, graças a numerosas sondagens, effectuadas notadamente pelo principe de Monaco, colheram excellentes resultados determinando de maneira satisfactoria a topographia do fundo do Oceano. Constatou-se a presença de longo cume submarino extendido de Norte a Sul e circumdado de profundos abysmos que attingem seis mil metros de profundidade — Ilhas vulcanicas, — balisam-n'o sobre toda a sua extensão: Tristão da Cunha, Santa Helena, etc. »

« Note-se, que a maior parte d'essas ilhas comprehende verdadeiros rochedos escarpados e inabordaveis (Canarias, Santa Helena). Ora, sabemos que no curso dos seculos ellas foram tragadas pelas vagas, emquanto outras surgiram do fundo dos mares: Santorni e ilha Julia, no Mediterraneo, por exemplo. »

« E as hypotheses sobre as ilhas que se estendem ao longo dos mares da China e do Japão ? Todos os geologos admittem que ellas tiveram a sua causa nas erupções submarinas — "Não ha vulcão sem ruinas" affirma o professor Fernier, que se tem occupado especialmente da Atlantida e admitte que esta vasta terra deveria ter desapparecido sob as aguas do Oceano em seguida a um cataclysmo. »

« As ilhas Canarias, Madeira, ilhas do Cabo Verde são talvez os mais altos cumes e os ultimos vestigios do continente submergido. »

« A zoologia confirma inteiramente essas conclusões. — Verificou-se que a fauna dos molluscos da época quaternaria tem relacionamento com a das regiões circummediterraneas, emquanto differe positivamente da fauna equatorial africana. — Ora, nos molluscos actuaes de quatro archipelados atlanticos, encontram-se especies que parecem ser sobreviventes das especies fosseis dos terrenos terciarios europeus. Esse phenomeno foi egualmente observado no reino vegetal; encontram-se nas ilhas dos Açores, por exemplo, fetos que se não encontram na Europa em estado fossil. A sciencia permitte então afffirmar-se que a Atlantida existiu. O cataclysmo que a tragou occorreu, sem duvida,

na época terciaria, prolongado até a época quaternaria, quando se deu o apparecimento do homem.»

«As ultimas ruinas que resistiram ao impeto das vagas e que são os cumes formando as ilhas dos archipelagos acima mencionados, tiveram por habitantes os primeiros representantes da humanidade.»

« Novas sondagens permittirão um dia encontrar os vestigios das habitações primitivas? »

« É arriscado pronunciar-se pela negativa. »

*

Falla-nos por sua vez o grande scientista Visconde de Figaniere ([1]), sobre os ATLANTEANOS: — « Não existia Atlantis nos principios do cyclo da 3ª raça. Mas quando Lemuria se afundou, achavam-se ligados os dois continentes, quer por um isthmo, quer por contacto territorial mais extenso. O apparecimento d'Africa foi *posterior* á submersão Lemuriana. Ora, por occasião d'este ultimo successo, Atlantis, que occupava bôa parte do espaço entregue ás aguas memorando hoje esse nome, e fôra berço da *quarta* raça, era já assento de uma civilisação mui adiantada, que tempos depois nos (começos da idade eocene) chegou ao seu apogeo. »

«Eis em seguida um texto attribuido a um mahatma (adepto do Haimavat):

Na idade eocene, ainda nos seus começos, o cyclo maximo dos homens da quarta raça. os Atlanteanos, tinha chegado ao seu ponto culminante, e o grande continente, pai de quasi todos os continentes actuaes, mostrou os primeiros symptomas de mergulhar, processo que durou até ha 11, 446 annos, quando a sua ultima ilha, que, se lhe traduzirmos o nome vernaculo, podemos com propriedade chamar Poseidonis, abysmou-se com estrondo ([2]). »

«Não fôra menos despropositado confundir Lemuria com Atlantis, do que Europa com America. Ambas sossobraram, afogando-se com as suas altas civilisações, bem como seus "deuses"; e comtudo o periodo decorrido entre as duas catastrophes foi cerca de 700.000 annos. Floreceu Lemuria, e terminou a sua carreira, no espaço de tempo que antecedeu a madrugada da idade eocene, pois a sua raça foi a terceira. Comtemplai as reliquias d'essa nação, outr'ora tão grandiosa, em alguns dos aborigenes de cabeça chata que habitam a nossa Australia. »

«Porque deixariam os vossos geologos de lembrar que por baixo dos continentes explorados, excavados, em cujas entranhas descobriram a idade eocene, obrigando-a a entregar os seus segredos, podem jazer occultos nos leitos oceanicos insondaveis, ou antes ainda não sondados, outros continentes muito mais antigos, cujas estratificações nunca foram ainda geologicamente exploradas, podendo um d'estes dias demolir-lhes de meio

---

(1) Estudos Esotericos. Submundo, Mundo, Supramundo, p. 418 e seg. Porto, 1889.

(2) Refere-se á "Ilha Atlantide" descripta por Platão no *Timeo* e no *Critias*, o qual affirma que fôra destruida por submersão e terremotos. No dizer porém do philosopho, que era "maior que a Lybia e a Asia juntas", parece ter havido confusão, pois semelhante área só conviria ao *continente* Atlantis, desapparecido milhares de seculos antes. A ilha, reliquia deste, teria não obstante dimensões quasi continentaes; talvez 500 leguas por 300 (de Lat. N. 25° até 47° de Long. O. 20° até 40°, segundo as sondagens do "Challenger, Gettysburg" e outros navios de guerra em commissão etc).

"As ilhas dos Açores são os pincaros das montanhas de Atlantide, montanhas que, segundo Platão, chegaram a uma altura descommunal, facto confirmado pelas alludidas sondagens. A ilha de Santa Maria, designadamente, mostra ser de uma formação antiquissima. A de outras (S. Miguel, por exemplo) talvez seja producto mais recente, mas tendo sempre por base as cumiciras mergulhadas".

a meio as theorias hoje em voga? Porque não teriam por acceitavel que os nossos continentes actuaes, assim como Lemuria e Atlantis, hajam sido submergidos já por diversas vezes, com tempo de sobejo para reapparecerem e dar assento a novos grupos da humanidade e da civilisação; e que no primeiro grande solevamento geologico do proximo cataclysmo (na serie de cataclysmos periodicos que occorre desde o começo até o fim de cada circuito), os nossos continentes submettidos já á autopsia, hão de afundir-se emquanto tornem a apparecer outras Lemurias e outros Atlantis? (Cit. em *Esot. Buddh.*, pag. 64 e seg.). »

« Respondendo a diversos quesitos, diz o mesmo mahatma: "Já se vê, que a quarta raça teve os seus periodos de maxima civilisação. As civilisações Grega e Romana, e mesmo a Egypcia, nada offerecem de comparavel com as civilisações que começaram pela terceira raça [1]. Os homens da segunda raça não eram barbaros, mas mal poderiam chamar-se civilisados (*Ibid.*, pag. 66.)". »

« O cyclo Atlanteano foi o termo extremo da materialidade do manwantara, cujo arco descendente se completou sob a quarta sub-raça. A terra firme parece ter chegado por esses tempos ao seu maximo d'extensão, ostentando-se por sete continentes e uma infinidade de ilhas. Ultimou-se o desenvolvimento das faculdades physicas do genero humano, ao passo que o caracteristico psychologico foi o *Desejo*, cujo imperio entregou o homem de pés e mãos atados ao Genio do mal. Foi provavelmente na nova flora e fauna d'este cyclo que se manifestaram as primeiras especies *terrestres* inimigas do homem: a peçonha e o sabor do sangue estabeleceriam então o seu reinado. Victima nos começos, o homem acabaria por avocar ao seu serviço essas farças damnadas da vida physica. »

« A sua intelligencia assegurou-lhe conquistas de outra ordem, com que ainda não tem emparelhado as do nosso cyclo, comquanto esteja destinado a sobrepujal-as. Grandes mestres em sciencias, quanto o fossem pouco em sapiencia, tinham os Atlanteanos um profundo conhecimento das leis da natureza, mormente das que governam os tres elementos, *terra, agua e ar*. Eram insignes em metallurgia. Abundava o ouro, por signal que sobradavam os palacios d'esse metal. Navegavam os mares; as suas subraças espalharam-se por todos os paizes do mundo. Faziam uso de vehiculos aereos, *que sabiam dirigir*. (A este proposito, veja-se como Lamartine, no poema *La Chute d'un Ange*, faz viajar os adeptos em "carros aereos", 8° vis). Floreciam as artes e as lettras, não só as sciencias. Os poucos vestigios que têm escapado ao tempo, encontram-se na China; mas dão vóz da decadencia. Uma das principaes obras astronomicas em sanskrito, *Surya Siddhanta* foi escripta por um atlanteano, ou antes neo-atlanteano. Ha noticia de outro astronomo da mesma raça, *Asura Maya*, designação mal interpretada pelo Professor Weber; pois que "Asura" applica-se a todo o Atlanteano inimigo dos Aryas (MAN. p. 77). »

« Essa alcunha injuriosa era allusiva á *magia negra*, extensamente cultivada pelos Atlanteos. Como os magicos dependessem, e ainda dependem, para o exercicio da sua arte, do auxilio d'elementaes e outros submundanos é facil cahir na conta do motivo d'essa alcunha, attento que os *asuras*, ou subhumanos de hoje são tidos por hostis ao homem. O conflicto entre os Aryas (mestres em *magia branca* ou verdadeira sciencia) e os seus emulos "satanicos" coincidiu com uma época, de consideravel importancia historica, até o final desbarato dos Atlanteanos estabelecidos na Asia, scena da lucta. Faz assumpto

(1) "Persuado-me que o mahatma se refere aqui ao aspecto espiritual ou psychico da civilisação; pois que adiante diz que distinguiu entre civilisação espiritual e civilisação material".

do poema em prosa, *The Idyll of the Whiete Lotus* (por M. C., Londres, Reeves & Turn, 1884, 8º de 144 p.). Diz-se que esta obra foi *inspirada* por um mahatma; e tambem o que dá a entender a dedicatoria ("To the true author, the inspirer of this woik, it is dedicated"). É devida á penna de Mabel Collins (vid. ante. p. 43 n. 8., N. B.). »

« Os registos do Occultismo dão testemunho de se ter achado uma grande parte da India na posse de povos da raça Atlanteana, ao ponto em que os Aryas, emigrando da Asia Central, vieram alli estabelecer-se. Tinha tambem assento em algumas partes da Europa, mormente na Grecia e na India, tendo outrosim colonias no Egypto e ao longo das orlas do Mediterraneo. »

« O apogeu da civilisação atlanteana teve uma duração de 70,000 annos (textual), extinguindo-se então essa parte da raça, i. é, os ramos materialmente mais civilisados, (ramos desenvolvidos no arco descendente, até meiado da 4ª sub-raça). »

« Quanto á existencia do continente da ATLANTIS, e o sossobro do seu ultimo resto importante, a grande ilha de que trata Platão nos livros citados acima, appareceu ultimamente a seguinte obra: ATLANTIS: *The Ante-deluvian World, by* Ignatius Donnelly — *London*, Sampson, Low & Cº., 8º, 1882. N'ella o auctor dá noticia dos resultados mais preciosos das sondagens no leito oceanico effectuadas por scientistas e pela officialidade dos navios de guerra ("Challenger, Gettysburg, Gazelle, Hydra, Porcupine e Dolphin"), commissionados pelos Governos, Britannico, Allemão, dos Estados Unidos e outros. Segundo estes estudos *officiaes*, o planalto submarino, que se descobriu por meio da sonda, corre desde Lat. S. até perto da costa occidental das Ilhas Britannicas, planalto que se eleva muito acima do leito oceanico, sendo como que o espinhaço do *continente* submergido. Cerca de Lat. N. 10, bifurca-se o planalto: um dos ramos corre SO., une-se á America Meridional pelas alturas do Amazonas, desde Parnahyba até a Guyana Franceza, inclusive; o outro segue ESE. até o equador, onde faz cotovêlo; aqui uma tira larga, que se vai estreitando na direcção NNE., liga o planalto com Africa pelas suas sub-costas que vão do Cabo das Palmas até perto de Serra Leôa. Do cotovêlo corre o planalto para o sul até o 40º parallelo. As ilhas Assensão e S. Paulo são pincaros que se levantam d'este ramo do planalto. Desde Lat. N. 25 até 45 e de Long. O. 20 até 40 ergue-se muito o terreno acima do nivel geral do planalto, conhecendo-se de muitas particularidades que seria longo repetir, que essa região submarina mais elevada deve identificar a antiga *ilha* d'Atlantis ou Atlantide, i. é, parte do continente que se afundou em ultimo logar (ha cerca de 12.000 annos). As ilhas dos Açores são as grimpas das suas mais altas montanhas, ficando na borda oriental, e a meio caminho dos dois extremos do que foi outr'ora a Ilha Atlantide ou Poseidonis, que parece ter tido uma superficie pouco inferior á Australia (veja-se a carta geog. que acompanha a citada obra). Este livro, fructo de muita erudição, abunda em subsidios archeologicos do maior interesse; e comquanto o auctor nem sempre seja feliz nas inferencias e hypotheses que estabelece sobre elles (pelos menos á luz da sciencia esoterica), designadamente no relativo ás raças e suas ramificações, dando aliás um quadro muito limitado ao que comportam taes subsidios — estes, todavia, têm grande valor e alta significação como especies, vindo em apoio da lição esoterica, confirmada por vóz alheia e portanto insuspeita. »

« O auctor acerta quando nos apresenta a raça vermelha como oriunda d'Atlantis; mas viera do *continente* (e por migrações ao oriente, § 95), não da ilha como elle conjectura. Um dos seus erros mais graves é contemplar os Egypcios quaes filhos dos Atlanteos, ao passo que devéras constituiram a quarta sub-raça dos Aryas. Este e outros desacertos

são consequencias da hypothese formulada por Mr. Domelly, que considera Atlantis como berço de todas as raças humanas. »

*

« O mesmo auctor, ainda sobre tradições da Atlantida, refere-se á allusão feita a Gregos e Romanos, *antigos e modernos*, que suscitou grandes duvidas da parte de criticos inglezes, mas a replica não tardou. Por Gregos antigos, reliquias dos Atlanteanos significava o adepto os *antepassados* dos Eolios, Dorios e Ionios; e pela menção dos Romanos, d'envolta com aquelles, tinha em mente a absorpção dos Latinos *primitivos* pela Magna Grecia. A distincção, que fazia dos "modernos" como pertencendo á 5ª raça, provinha do facto, que os Gregos e Romanos da historia foram dois pequenos ramos (i. é, subdivisões de ramos) de cujo sangue estava eliminado "até a ultima gota" do sangue Atlanteano. »

« A este proposito dão-se esclarecimentos ácerca da origem dos Eolios. Segundo a tradição, essa pequena tribu, originariamente da quinta raça e oriunda da Asia Central, fazia parte das tribus (designadas pelos ethnologos da Europa) "Akkadias", que os occultistas negam pertencessem á chamada raça Turaniana, sem comtudo se abrirem mais a tal respeito (1). Ora, os que ao depois se chamaram Eolios, no fim das suas migrações se estabeleceram em uma das pequenas ilhas que cercavam Poseidonis (a grande *ilha* d'Atlantis, que ficara depois da submersão do continente), onde, no decurso de milhares de annos, misturando-se com os habitantes, ficaram virtualmente transformados em Atlanteos. Chegada a época dos tremores de terra, que terrorisaram aquella região, os habitantes da indicada ilha, com medo de um diluvio, abandonaram-n'a n'uma "flotilha de arcas", percorrendo as costas desde as columnas de Hercules, por Hespanha, França e Italia, e deixando em varios sitios a fama das suas "artes magicas", a qual ainda sobrevive nos descendentes das tribus de Carthago a Nova, portos da Etruria e em Syracusa. Até que, após muitos annos, chegando ás praias do mar Egeo desembarcassem na terra de Pyrrho, hoje Thessalia, a que deram o nome de Eolia. Cabe observar que, n'essa idade mythica, a Grecia, Creta, Sicilia, Sardenha e outras ilhas do Mediterraneo eram (affirmam os occultistas) dependencias, colonias ou possessões distantes das nações d'Atlantis (vid. *Five Years*, p. 334). »

« Esse episodio reporta-se — ácerca de 12.000 annos atraz (o que, segundo meus calculos, identificaria o 4º ramo da presente sub-raça), sendo aquella tribu um dos elementos que, com o tempo, vieram a formar os povos Gregos conhecidos da Historia; isso depois que nas veias dos emigrantes se houvesse eliminado o sangue Atlanteano. »

Com relação aos *Latinos prehistoricos*, diz:

«Os documentos do Occultimo ensinam mais, que mui anteriormente áquelle successo, houvera uma migração de Indoaryas vindo através dos Apenninos (já *depois* que outros da mesma raça tivessem invadido a India pelos montes do norte), os quaes não eram outros que os antigos latinos denominados Italos, pela legenda classica, e que em tempos antecedendo muito os dias de Romulo, já nada ficava dos mesmos, senão o *nome* e uma *lingua nascente*. Se os estabelecidos no Lacio conservaram a nacionalidade primitiva por mais algum espaço que outros povos vindos na sua companhia, não foi por muito tempo; porque, comquanto se desembaraçassem dos Samnites, não souberam resistir a

(1) "Em todo o caso antecederam os Chaldeos (3ª sub-raça): é por isso que suspeito, constituissem a *segunda* sub-raça aryana, se bem que sob outro nome, porque o d'akkadios foi posto pelos scientificos modernos."

outros invasores, o que (observa o auctor do papel que tenho á vista), pelo complicado do assumpto, seria longo de contar em forma historica. Diz, em summa, que, attenta á mescla havida entre diversas sub-raças ou ramos, taes como os Iapigios, Etruscos, Pelasgios [1], e, mais tarde, pela introducção do elemento Hellenico e Kelto-gaulez nas veias dos Italos primitivos do Lacio, ficara nas tribus reunidas sob o sceptro de Romulo, nas orlas do Tibre, tanto latinismo quanto hoje se encontraria no povo Romanico da Wallachia. »

« Concordes com isso combatem os adeptos a critica moderna, inclusive a de Momsen, acerca da origem de Roma, tida por fabulosa. Embora rejeitem a imaginada data chronologica da fundação, abril 753 A. C., têm elles por mais certas e authenticas as chamadas lendas da éra mythica, as tradições relativas ao *Poemerium* e á alliança dos Ramnios, Luceres e Ticios, do que muito que se tem por *factos* no referente á época dos reis *historicos*, as guerras Punicas, Macedonias, e outras pelo diante, até a queda do Imperio. Segundo os mesmos, a serie dos reis descendentes de Enéas, assenta na verdade. Em conclusão: Os Romanos antigos eram Hellenos sob novo disfarce ethnologico; e os Gregos ainda mais antigos foram por sangue os verdadeiros avós dos futuros Romanos. »

« Os adeptos distinguem igualmente os *Peruvianos* e *Mexicanos* antigos, dos mais modernos, sendo só estes os conhecidos da Historia vulgar. Os ultimos (Incas e Aztecs) pertenciam á raça Aryana, emquanto os outros eram Atlanteanos. E assim devia ser, attento que a quarta raça se espalhou por todo o mundo ao seu tempo; e o mesmo fizeram, por sua vez, as sub-raças aryanas. Das Atlanteanas descendem todos os indios das Americas, de tez vermelha. Mr. Donnelly (no seu livro ATLANTIS, já citado) colligiu bastantes subsidios archaicos, provando que, em época mais remota, toda a bacia do Mississipe até os grandes lagos do norte, era povoada de uma raça vermelha de civilisação adiantada. Fabricavam armas e utensis de *cobre*, parecendo desconhecer o bronze. Pode-se approximar d'este facto a noticia dada ultimamente á Academia das Inscripções de Paris, na sessão de 3 de dezembro de 1886, por M. Berthelot, sobre as evidencias, recentemente confirmadas, persuadindo que 4.000 annos antes da era christã "os Chaldeos empregaram o cobre puro na fabricação de objectos que, posteriormente, se formavam com preferencia de bronze". Conclue-se d'ahi que houve uma *idade* de *cobre* antes da *idade* de *bronze*, devida á falta de estanho n'essa região, e á distancia que a separava dos jazigos d'este metal. Foi com argumento identico que já Mr. Donnelly havia attribuido uma idade de cobre á America [2]. »

« . . . . . Só podemos falar nas condições estagnadas em que caem, segundo as leis do desenvolvimento, crescimento, maturidade e decadencia, todas as raças e sub-raças, durante os periodos de transição. É esta ultima condição que a vossa historia universal conhece, ficando orgulhosamente ignorante das condições em que a India estava havia uns dez seculos atraz. As vossas sub-raças correm agora para o apogeu dos seus ciclos respectivos e a historia apenas alcança até uns periodos de decadencia de algumas sub-raças, pertencendo a maior parte d'ellas á quarta raça que precedeu a nossa. »

---

(1) "Parece dever-se inferir que essas tres nações fossem todas de sangue Atlanteano. Assim foi pelo menos quanto aos Etruscos (vide ISIS UNV., vol. I, p. 592. e seg.) Accrescentarei que ha quem julgue que os Ethiopes se orignassem na India, sendo uma colonia dos Aryas morenos (havia-os tambem de tez clara); e que os primeiros Aryas fossem os Cyclopes, descendendo d'estes os Ethiopes e Egypcios (*Ibid.* vol. II. p. 434-38). No vol. I, p. 567, diz-se que as raças Cyclopeanas eram Phenicias, que portanto seriam Aryas".

(2) "A respeito dos Atlanteanos e tempos mais remotos dos Aryas, vid. Five Iears of Theosophy p. 325, 346 e Man. Cap. VI e VII. O quadro historico acha-se ahi mais desenvolvido".

«Eu tambem tinha perguntado, a que época pertencia Atlantis e se o cataclysmo que o destruira, se dera em logar marcado no progresso da evolução correspondente para o desenvolvimento das raças no escurecimento dos planetas. A resposta foi:

Pertence á época dos Miocenes. Tudo vem no tempo e logar marcado na evolução das voltas e se assim não fosse, seria impossivel ao maior propheta calcular a hora exacta em que taes cataclysmos grandes e pequenos se dariam. O adepto só poderia predizer pouco mais ou menos uma época emquanto que, agora, os acontecimentos que dão em resultado as grandes mudanças geologicas, como os eclypses e outras revoluções no espaço, podem ser preditas com certeza mathematica.»

«O grupo de continentes e ilhas chamadas Atlantis principiou a submergir-se durante o periodo de Miocenes — como se observa que certos dos vossos continentes começam á submergir-se gradualmente — primeiro pelo desapparecimento do maior dos continentes, coincidindo esse acontecimento com a elevação dos Alpes e depois com o desapparecimento da ultima das lindas ilhas mencionadas por Platão. Os sacerdotes egypcios de Sais disseram ao antepassado de Platão, Solon, que Atlantida, isto é, a ultima ilha que restava, tinha-se submergido 9.000 annos antes do seu tempo. Tal affirmação não era phantasia, pois havia milhares de annos que conservavam cuidadosamente as suas chrónicas. É claro que só falavam de Poseidonis e não podiam revelar mesmo aos grandes legisladores gregos a sua chronologia secreta. Como não ha razão nenhuma genealogica para duvidar da tradição, mas, pelo contrario, ha uma grande quantidade de provas para acceitar; a sciencia concordou afinal com a existencia de um grande archipelago e continente, e revindicou a verdade de mais uma "fabula".»

«A approximação de cada novo escurecimento é assignalada sempre por qualquer cataclysmo, quer pela agua, quer pelo fogo; todas as principaes raças têm de ser separadas quer por um, quer por outro elemento. Os Atlanteanos, tendo chegado ao seu apogeu de desenvolvimento e gloria, foram destruidos pela agua e, agora, apenas se encontram os seus restos degenerados e caidos. No emtanto as suas sub-raças tiveram, cada uma d'ellas, os seus dias de gloria e relativa grandeza.»

«O que essas sub-raças são agora, sereis vós um dia, pois a lei dos ciclos é uma e immutavel. Quando a vossa raça, a quinta, tiver chegado ao zenith da sua intellectualidade e a sua civilisação tiver chegado ao mais alto desenvolvimento (não esquecer as differenças que fazemos entre as civilisações materiaes e espirituaes) impossibilitada de ir mais longe no seu proprio ciclo, a sua progressão para o mal absoluto será evitada por um d'esses cataclysmos que destruirá a sua grande civilisação e acontecerá que todas as sub-raças dessa raça descerão nos seus respectivos ciclos, depois de um curto periodo de gloria e de sabedoria, como aconteceu aos seus antecessores, Lemurianos e Atlanteanos, os homens da terceira e quarta raças, que tambem foram interrompidas no seu progresso para esse mesmo mal. Vejamos os restos Atlanteanos nos antigos gregos e romanos (os modernos pertencem á quarta raça) e reparemos como foram curtos e ivanescentes os seus dias de fama e gloria. É que eram apenas sub-raças dos sete rebentos da raça principal. A unica lei que tudo rege não permitte a nenhuma das raças-mães, nem a nenhuma das suas sub-raças ou rebentos, que passem por cima das prerogativas da raça ou sub-raça que se lhes segue ou que usurpem conhecimentos e poderes reservados para os seus successores.»

«..... Nós affirmamos mais, que antes e depois do periodo, segundo alguns modernos escriptores de civilisações que se extinguiram em Roma e Athenas, houve uma

serie em varios pontos do globo, que chegaram ao seu apogeu de gloria e morreram. Perdeu-se a memoria e todos os vestigios das civilisações Assyria e Phenicia, até que ha alguns annos atraz começaram a fazer-se descobertas, que agora abrem uma pagina da historia da humanidade, mas, que, muito longe está de ser das mais antigas. Embora a historia já tenha difficuldade em acceitar a existencia dessas civilisações, o que é facto, é que ellas são relativamente modernas, comparadas com as mais antigas! »

« A archeologia tem provado que a tradição do homem vai muitissimo mais longe do que a historia acceita de bôa vontade e as chronicas sagradas de nações outr'ora poderosas, conservadas pelos seus filhos, são muito mais dignas de fé. Falamos de civilisações de periodos antiglaciaes e isso parece fabuloso, não só a espiritos profanos, mas tambem a geologos illustrados. E o que dirão então da nossa affirmação, de que os chinezes — falo do verdadeiro chinez do interior e não d'essa mistura hibrida da quarta e quinta raça que agora occcupa o throno — os indigenas, que pertencem inteiramente na sua nacionalidade pura ao mais alto e ultimo ramo da quarta raça, attingiram o apogeu da civilisação, quando a quinta acabava apenas de apparecer na Asia? Quando foi isso? Calcule, encontrou-se espalhado no grupo de ilhas do "Vega" descobertas por Nordensqioldn, fosseis de cavallos, carneiros, bois, etc., entre ossos gigantescos de mammouths, rhinocerontes e outros monstros pertencentes a periodos, em que o homem, segundo diz a vossa sciencia, não tinha ainda apparecido sobre a terra. Como é que então se encontram cavallos e carneiros misturados com os grandes antidiluvianos. ? »

« Provar-se-á em breve que essas regiões que actualmente estão prezas n'um eterno inverno e deshabitadas do homem, o mais fragil dos animaes, não só teve já um clima tropical, cousa que a vossa sciencia sabe e não discute, mas tambem foi a séde de uma das mais antigas civilisações da quarta raça, cujos restos superiores encontramos nos degenerados chinezes e os inferiores estão entremeados com os restos da terceira raça, sem esperança de poderem ser separados, segundo a opinião dos sabios profanos. Já lhe disse que o povo da terra agóra mais adiantado espiritualmente é o que constitue a primeira sub-raça da quinta raça principal, Arias asiaticos, como a raça mais elevada na intellectualidade physica é a ultima sub-raça da quinta, os conquistadores brancos. A maioria da humanidade pertence á setima sub-raça da quarta raça principal — os chinezes acima mencionados, os seus descendentes e adherentes, (malaios, mongoes, tibetanos, javanezes, etc., etc.) com os restos das outras sub-raças da quarta e da setima sub-raça da terceira. Essa humanidade degenerada e degradada é a descendencia directa de nações altamente civilisadas, cujos nomes e historia apenas sobreviveram em livros, taes como "Popolvuh", o livro sagrado dos Guatemalas e alguns outros desconhecidos da sciencia. »

O auctor prosegue em outra ordem de considerações, suggeridas pela Atlantida, mas julgamos sufficientes as expendidas.

*

Onffroy de Thoron, em sua obra citada, falla-nos assim da Atlantida: « Antes de provar que os navios de Salomão e de Hiram fizeram varias viagens ao rio das Amazonas, é indispensavel demonstrar primeiro que os povos da Antiguidade a mais remota, conheciam a America. »

« A Biblia diz-nos, é verdade, que os Phenicios conheciam todos os mares; porém, este povo é mui posterior aos Atlantes, que foram seus antecessores na arte da navegação e possuiram numerosas frotas no Oceano Atlantico. »

«Ao lado dos factos historicos que nos têm sido transmittidos pelos auctores antigos e que havemos de resumir neste relatorio, mostraremos quanto a philologia ajuda á historia e á geographia, já que com este precioso auxiliar, chegámos a descobrir os vestigios da navegação dos Phenicios e dos Hebreus da época de Salomão, e a determinar as posições geographicas de Parvaim, de Ophir e de Tarschisch.»

«Temos nos dialogos de Thimeo e Critias, por Platão, tradições egypcias anteriores ao cataclysma da Atlantida; remontam á invasão dos povos Atlantes sobre o nosso continente.»

«Os sacerdotes egypcios, perto de quem se instruia Solon, contaram-lhe com numerosos pormenores tudo quanto se referia ao poder maritimo dos Atlantes, á sua invasão e destruição.»

«Critias era avô de Platão, que escreveu seus dialogos com conhecimentos tirados de varias fontes authenticas. Assim é que, por Solon e Critias, Platão indica primeiro a posição da grande ilha Atlantida no Oceano, em frente ao estreito de Gades ou de Hercules; em seguida, atraz desta, aponta as numerosas ilhas que chamamos as Antilhas; atraz destas, diz elle, está a *grande terra firme*; "O que acaba de ser designado como terra firme, diz Critias, *é um verdadeiro continente*".

Eis ahi pois a America! e para que não haja duvida, Platão accrescenta que atraz d'esta terra firme, está o *grande mar*; é, evidentemente o grande Oceano. Resulta d'essas tradições que antes dos Phenicios, os dois Oceanos e a America eram conhecidos dos Atlantes e dos Egypcios.»

«A esta antiguidade se liga a dos Phrygios, unico povo em que os Egypcios reconheciam ancianidade capaz de rivalisar com a sua. Ora, segundo Heliano, (Hist. 3) Theopompo, poeta e historiador grego narra que Sileno ensina a Midas, rei de Phrygia, que além e longe da Asia, Europa e da Lybia (Africa) que são, diz elle, propriamente fallando, *ilhas*, existe um *verdadeiro e unico continente*, de immensa extensão e habitado pelos Meropios. Theopompo chama a este quarto continente Meropis (1), é governado, diz elle, por Merope, filha de Atlas rei da Lybia. Ha 3.210 annos que este reinava; e sua filha, ha 3.129 annos, era contemporanea de Hercules, de Theseo e de Laomedonte, isto é, cerca de 50 annos antes da tomada de Troia.»

«A lingua *Kichua* ou dos *Antis* da America equatorial nos fornece a etymologia de Marope: *Marop* é o genitivo de *maro*, terra; ella é da terra de Meropios, ou nascida da terra, isso é autochtona, expressão que corresponde ao grego *Gheghenes*. A rainha Marope tirou pois seu nome ou appellido do paiz que se chamava Maropis.»

«Atlas, nome egypto-lybico, tem sua raiz no egypcio *atl*, "*paiz*", acompanhado da particula egypto-Kichua *as*, que é affirmativa e indica a estabilidade. Atlas significa pois, "do paiz", isto é, indigena nascido no paiz, posto que fosse elle descendente dos Atlantes, assim como os seus subditos estabelecidos na Lybia. Eram oriundos do paiz de Atlantis, nome que os Gregos trouxeram do Egypto; ora na lingua dos egypcios, *anti*

---

(1) Midas, primeiro rei de Phrygia, existiu cerca de 400 annos antes do diluvio de Deucalião, pois Nannac, outr'ora rei phrygio antecedeu este acontecimento de 300 annos, segundo Suidas. O diluvio de Deucalião, que innundou a Thessalia, teve lugar, segundo os marmores de Paras, 1.329 annos antes da nossa éra. Admittindo que Sileno e Midas tivessem vivido cerca de 100 annos antes de Nannac, haveria hoje 390 annos, isto é, um seculo antes do diluvio de Inacch, rei de Aryas e pai de Pharoneo. Tirámos a consequencia que, n'aquella epoca, o continente americano, ou uma das suas partes, era chamado Meropis pelos Phrygias, e que este nome foi tambem conhecido entre os Gregos.

Entretanto é menos antigo que o de Atlantis.

significa "os altos valles". Atlantis "paiz dos Altos valles". *Anti* é justamente o nome dos Andes da America equatorial, e suas povoações têm ainda o nome de *Antis*. Sileno, dando a descripção do vasto continente governado por Marope, falla dos grandes animaes que lá se vêm, das grandes cidades, dos costumes e leis dos seus habitantes e accrescenta que elles possuem muito ouro e prata. Semelhante narração se não pode referir senão á America. »

« Parte da lingua dos Antis se acha nos hieroglyphos dos monumentos do Egypto, assim como no grego antigo [1]. Independentemente das provas philologicas que possuimos, as quaes demonstram as relações dos povos de ambos os grandes continentes em a mais remota antiguidade, faremos observar que os antigos Egypcios se representavam sempre em suas pinturas muraes, como sendo da raça vermelha e imberbe: ora, os americanos indigenas são os unicos povos imberbes e de côr vermelha, e seu typo é justamente o mesmo que se nota nas escripturas mais antigas do Egypto. Conchegando este facto ethnographico ás provas philologicas e á communidade de lingua, tona-se evidente que, o elemento principal da grande invasão dos Atlantes, a qual se effectuou ao mesmo tempo na Lybia até ao Egypto, na Europa até a Tyrrhenia, até mesmo á Grecia, fôra fornecido pelos habitantes dos altos valles da America equatorial, *colligados com os da ilha Atlantide.* »

« Critias conta que os Athenienses resistiram á uma multidão infinita de inimigos armados, *vindos do mar Atlantico.* »

« Faz tambem constar a colligação dos reis do vasto imperio dos Atlantes, comprehendendo os da parte *da terra firme* (d'America) *sujeita ao seu dominio.* »

« Segundo Platão, a esquadra dos Atlantes se compunha de varios milhares de navios. Desfalcando a exageração, temos em as narrativas que acabamos de referir, *as provas da navegação do Oceano* por povos cuja antiguidade sobe além do cataclysma da Atlantide; e temos a certeza que os povos dos dois grandes continentes se conheceram perfeitamente, antes da época phenicia. »

« Os antigos Egypcios e os Pelasgios [2] não eram na verdade senão Atlanto-americanos. »

« Em algumas palavras, havemos dado a chave das origens da historia, para fazel-a sahir da sua obscuridade. Collocando-nos a um ponto de vista de tudo novo, ser-nos-á facil fazer apreciar e conceber a successão dos factos na sua ordem natural; e os movimentos dos povos de uma época relativamente primitiva, atravéz dos mares e dos continentes, interessam tambem á geographia, considerada debaixo de seus diversos aspectos. »

« R. Festo Avieno, que no quarto seculo traduziu varias obras gregas, estabelece, que *além do Oceano, ha terras e margens de um outro mundo.* »

---

(1) No vocabulario do egyptologo Bunsen, temos apontado grande numero de palavras tiradas dos monumentos egypcios e que existem no Kichua com seus significados identicos.

Estamos igualmente de posse de muitas centenas de vocabulos gregos que temos apontado no Kichua, e resultado analogo obtivemos, comparando o kichua com o hindustan.

(2) "Os Egypcios diziam ter recebido seus deuses dos Atlantes, a invasão do solo grego é da mesma epoca: ora, os mythos e as divindades pelasgicas, introduzidas entre os gregos e latinos, e de que temos descoberto as origens e verdadeiras significações na lingua dos Antis; as construcções cyclopicas feitas pelos Pelasgios na Grecia, na Italia, sendo identicas as que se vêm entre os Antis; a palavra grega *pelagios* que signica marinha, o nome de Oceano que é *pelagos*, e outras razões ainda provam a origem americana dos pelasgios chamados cyclopes; por isso Homero diz serem estes, filhos de Neptuno e de Amphitrite; por isso tambem Herodoto nos diz ser Neptuno, divindade de origem pelasgica".

« Diodoro de Sicilia, 45 annos antes da era christã, escreveu grande numero de livros sobre os diversos povos do mundo; em seus escriptos designa claramente a America com o nome de ilha, porque ignorava a sua extensão e configuração; esta expressão de ilha é muitas vezes empregada pelos escriptores da antiguidade para designarem um territorio qualquer: assim temos visto atraz, que Sileno chama ilhas á Europa, Asia e Africa. Em a narração de Diodoro, não é possivel o engano, quando descreve a ilha de que fallamos .... »

INTERESSANTES NOTICIAS PREHISTORICAS RECENTEMENTE PUBLICADAS POR VARIOS JORNAES

UM NOVO ASPECTO DA ARCHEOLOGIA BRASILEIRA

Descoberta do professor Raymundo Lopes — Uma cidade lacustre — Curiosos materiaes documentarios de Pre-civilisação Americana

NÃO é a primeira vez que, destas columnas, nos referimos á indifferença que os nossos homens de sciencia manifestam pelas nossas coisas antigas. O estudo de historia, em que os factos ora revistos, fornecem sempre leitura amena, tem tido declinios tão accentuados, que parece haver um phenomeno qualquer, de ordem moral-social, digno de ser pesquizado, tendente a separar as passadas gerações das gerações presentes. É um esquecimento inconciliavel com o espirito de nossa raça, raça sensivel, que, dest'arte, descura das esperanças de porvir obliterando a saudade das coisas passadas, sempre emotivas, sempre suggestivas e fortalecentes á vida de sua actualidade.

Se nos estudos historicos se nota esse phenomeno, sendo que estes estudos são deleitosos e accessiveis, termo não se encontra para adjectivar o perfeito abandono das pesquizas archeologicas, paleonthologicas, etc., relativas á civilização anterior á brasileira. Raro é aquelle que nesse dominio scientifico se apura, se cansa, consome energias para contribuir efficazmente ao restabelecimento de verdadeiras maravilhas da vida de povos, que povoaram estas terras, do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará.

Ao nosso paiz faltou a figura interessante de um Herodoto que para escrever historia percorria as terras estranhas, observando, estudando costumes e annotando lendas e tradições. Foi o "Pae da Historia" o primeiro touriste que perlustrou o Egypto, recolhendo material para seus escriptos e revelou á humanidade as maravilhas do reino pharaonico, digno de ser admirado por todos que interessavam conhecer a mais remota civilização do homem sobre a terra.

Não assombra ninguem o thesouro archeologico que lord Carnarvon, acompanhado do archeologo Howard Caster, descobriu no dia 5 de novembro do anno findo, em Lukzor, no valle do Nilo, o riquissimo tumulo de "Tutankhamen", que a poeira de 3.000 annos cobria. Carnarvon é millionario e inglez; para descansar das fadigas da vida politica nada como gastar dinheiro, com bom humor, numa obra de interesse universal.

Certamente não é só o Egypto o paiz que offerece essas faculdades; os oasis sudalgerianos de Figguig, Laghouat, Mzab, Biskra e Touggourt apresentam indicios de civilização remotissima, mas não tiveram um Herodoto a percorrer-lhes os areaes circumdantes e os revelar ao mundo.

O Brasil está no mesmo caso, com uma particularidade apenas, raros são os indicios encontrados de civilização anterior, como tambem mais raros os Herodotos que aqui aportam, e quando apparecem saem falando mal da gente e maldizendo a terra. Mas tambem está patente que os Herodotos não são necessarios quando ha boa vontade e perseverança dos proprios povos para se conhecerem profundamente, de modo a ter uma retrospecção perfeita da vida politica, social, artistica dos povos que o precederam de seculos ou milennios. O Mexico, o Perú, a Federação Centro-Americana, os Estados Unidos dispõem de apparelhos organizados para as explorações archeologicas, um serviço sem solução de continuidade, que lhes tem permittido as mais assombrosas descobertas paleonthologicas e archeologicas.

Fig. 1.221 — Um croquis da baixada maranhense mostrando as estações paleonthologicas descobertas pelo professor Raymundo Lopes: "esteiarias" do Lago Cajary e do Encantado, e o "sambaqui" da Maiobinha

Pensavamos nessas coisas, quando um amigo nos apresentou ao joven professor maranhense dr. Raymundo Lopes, que se dedica á archeologia, e ora se acha nesta capital. O professor Raymundo Lopes é autor de um livro interessante, "O torrão maranhense", livro que, sobre ser um minucioso estudo regional, é uma synthese de modernos principios de geographia, principios que ainda não lograram vencer o meio devido ao espirito "misoneista" e rotineiro de nossa arte didatica. Os estudos regionaes que o professor Raymundo Lopes fez, o conduziram ao dominio da archeologia, com tanta felicidade que, ao fim de seus trabalhos e sacrificios, apresenta ao Brasil uma magnifica collecção de material archeologico, digno de um museu e revela a existencia de cidades lacustres, coisa que até aqui ninguem jámais ouviu dizer fosse encontrada em nossa terra. Na ligeira palestra que mantivemos com o educador maranhense, ouvimos coisas curiosas sobre geographia e archeologia, que pretende relatar em conferencia que fará sob os auspicios do Museu Nacional. Não poderemos ser fieis ao que ouvimos, porque a memoria nos trairá, mas não evitamos de dar ao publico uma nota succinta de nossa palestra.

— «A minha descoberta, disse-nos o professor Raymundo Lopes, não é uma obra do acaso e se representa algum trabalho, perseverança e esforço de minha parte, os meus sacrificios foram amenizados pelas populações locaes, que muito me auxiliaram no meu commettimento. Tive a felicidade de encontrar uma cidade lacustre em terras brasileiras, em terras do meu Estado. Não se trata de habitação commum sobre estacas ou esteios, proprias das regiões alagadiças; não. É uma "urbs-lacustre", com os seus caracteristicos

definidos, com o seu material inconfundivel, inteiramente typico. Consegui-o devido á bôa vontade dos moradores da região, e á convicção que se formou no meu espirito de que me não enganara, no exame dos vestigios que foram norteando as minhas passadas. Examinando o lago Cajary, no valle do rio Pindaré, em 1919, verifiquei a existencia de uma vasta "esteiaria", bem ao centro da lagôa; estudando mais detalhadamente a ruina, verifiquei que se tratava realmente de uma verdadeira cidade lacustre, cujo material por mim recolhido me revelou toda uma civilização indigena. Consegui uma valiosa collecção archeologica. Esta maravilha archeologica, a "urbs" lacustre do lago Cajary, só é visivel nos verões excepcionaes como o do anno a que me referi, 1919. É a mais importante estação paleonthologica do Maranhão até agora. Encorajado pela descoberta, continuei as minhas pesquizas e observações e, em 1921, explorei o valle do rio Pericuman; ao sul da cidade de Pinheiro e contigua a uma ilhota de terra firme, no meio da enseada que tem o nome de "Encantado", encontrei outra "esteiaria" do mesmo typo geral. A esteiaria de Encantado apresenta circumstancias topographicas especialissimas, devido á formação muito recente do valle do Pericuman. Em 1922, "o sambaqui da Maiobinha" veiu comprovar, ao lado do novo typo de "apalaffita", a existencia no Maranhão do typo "kjokkenmodinger", com uma civilização rudimentar. Reuni material documentario, como machados de pedra, amuletos de pedras verdes, vasos, fragmentos de vasos pintados, zoomorphos ou não. A cultura é caracteristicamente americana, não apresentando semelhanças positivas com as cidades lacustres da Europa, apezar da incontestavel semelhança do "habitat". Dei communicação á directoria do Museu Nacional sobre a documentação que reuni, classificando-a conforme as estações em que foi encontrada. Encontrei da parte da direcção e professores desse estabelecimento toda facilidade e elementos para organizar uma conferencia publica, sobre essa parte de archeologia brasileira, que tive a ventura de descobrir. »

« Uma descoberta de natureza egual, em outro qualquer paiz, determinaria uma sequencia de estudos mais methodizados, pois o professor Raymundo Lopes fel-os com os proprios recursos, mal apparelhado de meios scientificos e materiaes, o que bem demonstra o seu grande sacrificio individual. »

« O "Pae da archeologia brasileira" foi Ladisláo Netto; ha quanto tempo, porém, foram suas pesquizas realizadas, tambem sem provimento de recursos modernos?... Parece-nos que a descoberta do professor maranhense virá, pelos menos, determinar a revisão da obra de Ladisláo Netto, Ferreira Penna e Harts — se houver amor, vontade da parte de nossos scientistas, em conhecerem o que realmente foi o homem antigo da America, a sua arte, a sua vida. É uma obra de patriotismo, por ser uma obra de sciencia. »

Jornal. — Rio, 21 de Dezembro de 1922.

* * *

O BRASIL ANTIGO

« Si, em época remota, existiu uma civilização no territorio que hoje forma o Brasil, os vestigios da mesma devem persistir e poderemos encontral-os.

Era esta a argumentação de ordem geologica em que se fundava o geographo britannico para acreditar que em varios pontos do nosso territorio devem existir vestigios

da grande civilização dos Atlantidas, sabido que o nosso paiz é uma das terras de mais antiga formação geologica e no correr dos seculos nunca soffreu submersão.

Estudos mais minuciosos levaram Fawcett á convicção de que deviam existir no centro do noroeste de Matto Grosso as ruinas de uma grande cidade.

O explorador inglez coronel Fawcett, antes de lançar-se na arrojada expedição em que partiu, ha cerca de tres annos, de Cuyabá á procura da mysteriosa cidade de Atlantida, perdida na intermina selva de Matto Grosso, já havia percorrido uma larga extensão dos nossos sertões. Desde que o estudo e a meditação fizeram nascer no espirito do coronel Fawcett a idéa da probabilidade de existirem ainda na America do Sul, vestigios da civilização remota dos Atlantidas, o explorador começou a fazer estudos praticos da questão no nosso territorio. Annos a fio, o coronel percorreu a nossa floresta, atravessou pantanos e galgou serras, pondo-se em contacto com os indigenas estudando-lhes a lingua, os costumes, os ritos religiosos, os emblemas symbolicos, bem como as formas das suas habitações. »

O Imparcial. — Rio, Setembro de 1928.

* * *

CIDADES ESQUECIDAS...

« Um matutino parisiense lembra, numa publicação ultima, que o nosso velho planeta occulta ainda muitos mysterios, que são os traços deixados pelas gerações que desappareceram. O Egypto já desvendou segredos interessantes. Outras regiões, porém, guardam-n'os avaramente.

Cidades immensas, e ignoradas, dormem sepultadas no esquecimento, ha seculos e seculos.

Exhumaram-se na Rhodesia as vastas ruinas de Zimbabwo, a cidade doirada que se acredita ter sido o "Ophir" do rei Salomão.

Ao norte da Zambesia, no fundo de uma região quasi inexplorada, dorme uma outra cidade, maior ainda, com as suas torres e as suas massiças construcções de tijolos.

Na Nigeria meridional, cavando o solo, sob a cidade d'Ife, descobriram-se esculpturas de quartzos maravilhosamente trabalhados e estatuas moldadas em bronze, vestigios de uma civilização comparavel á da antiga Grecia. Os nascidos na região ainda hoje não sabem trabalhar a pedra.

Ceylão está cheia de cidades semi-sepultadas, e as incultas regiões anamitas escondem ruinas de dimensões tão vastas que eclipsam os gigantescos monumentos do velho Egypto.

Não é talvez a America que encerra as maravilhas mais extraordinarias e menos conhecidas. O Brasil está semeado dos restos formidaveis de uma antiquissima civilisação, que se estendem até os confins, ainda não cartographados, de Matto-Grosso.

As inscripções em caracter semelhante ás lettras gregas, não puderam tambem ser decifradas.

Surgirá um dia um novo Champollion brasileiro para arrancar os segredos dessas pedras memoraveis. E então nos será revelada a historia da grande raça dos Tolteques que, em época infinitamente recuada, construiram cidades gigantes e largas estradas, cujos traços vão sendo encontrados onde se julgava ser a floresta virgem. »

Jornal do Brasil. — Rio, Agosto de 1922.

INTERESSANTES DESCOBERTAS SCIENTIFICAS EM PATAGONIA

O que diz o explorador José Wolf

A CIDADE ENCANTADA

"O explorador Wolf, encarregado da secção linguistica do Museu de La Plata, e que vem de realizar uma viagem de exploração á Patagonia, fez á imprensa de Buenos Aires interessantes narrativas sobre essas ua excursão scientifica":

« Percorri, a cavallo, a Patagonia — disse elle — e nos dois annos que durou a minha viagem, obtive resultados surprehendentes. Estudei no lago Viedma os costumes do chamado tigre d'agua. Em Bahia Laura descobri uma mandibula gigantesca, de cinco metros e meio de extensão, de cetaceo extincto. »

Enthusiasmado, exclamou:

— « Ha no sul regiões maravilhosas, parecem fantasias das "Mil e uma noites"· Na região do lago Cardiel descobri ruinas grandiosas, de 150 metros de largo por 12 de alto. Ha nessas ruinas esculpturas que revelam grande adeantamento artistico. Essas ruinas são vestigios de uma raça desconhecida, que alcançou um elevado gráo de cultura. Descobri, tambem, ao norte do rio Santa Cruz, uma barranca cheia de inscripções que se estendiam por cerca de meia legua. Nessas inscripções está, talvez, a historia de um grande povo desapparecido. »

Após uma pausa, o explorador Wolf accrescentou:

— « O mais curioso é que, bem proximo dessas assombrosas ruinas, encontram-se rastros de uma raça de troglodítas, que viveu talvez, ha vinte ou trinta mil annos.

Esses rastros devem ser os unicos que restam dos primeiros homens deste hemispherio. Trata-se de uma verdadeira cidade de cavernas. Em suas immediações ha restos de cemiterios, fortificações, etc.

Esta cidade troglodita acha-se em um campo chamado Douglas Esperança, proximo de Ultima Esperança. Tambem se encontram numerosas cavernas na zona comprehendida entre os lagos San Martin e Cardiel. »

E accrescentou o explorador Wolf:

« Tambem encontrei vestigios da legendaria Cidade Encantada. Pelo menos, taes devem ser as ruinas existentes na cordilheira do Chubut. Na parte alta da cordilheira ha restos de uma povoação antiquissima. Entre outras, ha ruinas de um edificio de forma circular, que os indigenas chamam a Casa do Deus Sol. »

O dr. Wolf concluiu com estas palavras:

— « Os tehuelches, todavia, recordam que havia antes outra raça que chamam "keukunk, I, e, "gente de antes", derivado de "k. E-U" — antes de tempos remotos. Contam que era gente de estatura alta e lhes attribuem as muralhas, inscripções — os tehuelches nunca alcançaram tanta cultura — e algumas construcções mysteriosas encontradas. As ultimas são parecidas com curraes, grandes ou pequenos, feitos de pedras não trabalhadas e encontram-se de ordinario sobre serros solitarios ou em pontos dominantes. Parece terem sido construidas para defesa. Uma dessas edificações, especial-

mente curiosas, póde conter um tumulo de um chefe, e outra póde ter servido para assembléas importantes. Ameghino em sua immortal obra "A antiguidade do homem no Prata", apresenta uns desenhos de construcções prehistoricas, que provavelmente serviram em taes pontos para assembléas. Quem sabe se não se trata de um "Palacio de Congresso Precolombiano" ? Ha algumas outras que não são tão altas, em forma de meio circulo, e parece terem sido feitas para uso transitorio apenas, mui provavelmente para a caça, como se encontra em logares adaptaveis para isso. »

O Jornal. — Domingo, 4 de Março de 1923.

* * *

A PESQUIZAS EM TORNO DO HOMEM PRIMITIVO

Commentarios do chefe do serviço geologico do Museu Britannico sobre as descobertas já realizadas

(*Da Associated Press*) Londres, Março.

« A descoberta recente de caveiras humanas fosseis na America do Sul, especialmente na Patagonia, e na ilha de Jersey, despertou um verdadeiro interesse sobre as pesquizas em torno da edade do homem. Os calculos relativos á antiguidade da raça humana têm variado entre dez mil e um milhão de annos. O dr. Wolf, que recentemente esteve fazendo investigações na Patagonia, noticiou que havia descoberto ali uma caveira humana fossilizada do periodo terciario e isto vem nullificar todos os calculos scientificos anteriores sobre o assumpto, e já agora estão sendo muito justamente postos em duvida os calculos dos scientistas sobre a data approximada da origem da raça humana.

Até á descoberta dos despojos do rei Tutankhamen, que, no entender dos anthropologistas, não representa nada para as pesquizas sobre as origens dos sêres racionaes, importantes descobertas já haviam sido realizadas em differentes pontos do globo, capazes de transformar todos os calculos anteriores dos mais notaveis anthropologistas. »

«O dr. A. Smith Woodward, director do Departamento Geologico do Museu Britannico, faz alguns commentarios interessantes sobre as ultimas descobertas de caveiras e ossos. De momento — diz elle — o publico parece inclinado a crer que descobrimos, afinal, o primeiro homem que viveu sobre a face da terra. E todavia essas conjecturas são tão destituidas de fundamento, quanto são interessantes. Desde que se disse que a caveira de Jersey havia sido encontrada perto de uma camara mortuaria da éra neolithica, verificou-se que se tratava de um vestigio muito mais proximo do nosso periodo do que daquelles das caveiras fosseis que mostram uma grande semelhança entre o homem do seu tempo e os seus ancestraes parecidos com macacos. E visto como o especimen da Patagonia vem de um paiz que tem fornecido muitos elementos ao estudo do homem prehistorico, o certo é que a caveira descoberta pelo dr. Wolf não poderá despertar um grande interesse entre os anthropologistas, emquanto algum geologo reconhecidamente preparado no assumpto não haja verificado que se trata em verdade de um fossil definitivamente ligado a outros vestigios do mesmo valor.»

E o dr. Woodward pergunta:

« Qual foi, pois, o primeiro homem que viveu sobre a terra? E logo a seguir responde: Para dizer a verdade, ainda não pudemos descobril-o, muito embora tenhamos

razões para dizer que sabemos onde elle primeiramente appareceu. Nos tempos remotissimos em que se estabeleceu a separação entre o homem e o macaco, começou a existir, provavelmente na Asia Central, uma especie de mono de craneo desenvolvido, que se destinava a ser o precursor do homem. É impossivel fixar-se a data do seu apparecimento, porque tambem não sabemos se quando elle veiu ao mundo já se erguiam os elevadissimos picos do Himalaya. »

« O eminente geologista britannico diz então que nada foi descoberto ainda a respeito dos habitos e da vida desses homens-macacos. Um grupo de naturalistas americanos está agora trabalhando em certas localidades da Mongolia, — informa elle — com o fim de esclarecer tambem esse ponto obscurissimo. »

« Foi em Naenderthal, perto de Dusseldorf — escreve o dr. Woodward — que se descobriram os vestigios do homem mais primitivo da Europa e a respeito do qual nada é conhecido. Comparados esses vestigios com os mais antigos já conhecidos, elles parecem pertencer, a qualquer dos nossos intimos. Entretanto, é impossivel dar uma data que se approxime da verdadeira em que aquelle homem existiu. Os geologos suecos calculam a sua edade em cerca de doze mil annos. »

« O homem de Naenderthal — prosegue o scientista britannico — era definitivamente um "homem". Viveu nas cavernas, das quaes sahia para caçar animaes como o mammuth, o rhinoceronte, o bisão e outros que abundaram na Europa. Encontrámos-lhe os utensilios — fundas e ossos de animaes — e tambem os "alfinetes" de osso de que possivelmente as primeiras mulheres se serviram para ligar umas ás outras as pelles que lhes serviam de tanga. E, por mais que pareça pilheria, encontrámos tambem vestigios que comprovam que a esse tempo as mulheres já eram vaidosas e costumavam pintar-se. »

« E — coisa notavel — já pudemos verificar que esses sêres humanos primitivos já acreditavam na vida futura — o que é uma prova das qualidades de intelligencia então existentes entre elles. Os homens de Naenderthal enterravam os seus mortos, e com os restos dos mortos que encontrámos, viam-se instrumentos de pedra e ossos de animaes enterrados ainda com carne, o que, sem duvida significa que era costume dos povos de então inhumar os seus com os necessarios alimentos, para que os espiritos desertados da vida não soffressem os horrores da fome. »

Correio da Manhã. — Rio, 12 de Abril de 1923.

* * *

O DESAPPARECIMENTO DE UMA ILHA

E com ella o mysterio da sua existencia

A ILHA DE PASCHOA SUBMERGIU-SE

O cataclysmo que devastou o litoral septentrional do Chile, ultimamente, foi acompanhado de uma formidavel resaca, especie de maremoto, que grandes estragos occasionou. Conhece-se, agora, a causa immediata dessa ultima phase da catastrophe: a ilha da Paschoa, situada ao longo das costas chilenas, esboroou-se no leito do Oceano Pacifico,

provocando um brusco deslocamento d'agua, que motivou as gigantescas vagas que varreram muitas cidades chilenas, a Este, e que se lançaram ao assalto do archipelago do Hawai, ao Norte.

A destruição da ilha da Paschoa é uma perda irreparavel para a anthropologia. Ella continha ruinas grandiosas e estatuas cyclopicas de que a sciencia, ha muitos seculos, tentava identificar seus autores. Que raça mysteriosa edificou, outr'ora, esses monumentos? A ilha não seria o ultimo testemunho de um continente que se abysmou no Oceano, como ella propria acaba de se abysmar? Essas questões de que se esperava encontrar a solução, ficarão agora mergulhadas no mais inpenetravel mysterio.

Fig. 1 222 — Monumentos erigidos na ilha de Paschoa. Nove effiges de pedras cyclopicas rigidas nas praias da ilha

No livro recentemente publicado em Londres, com o titulo "The Mystery of Easter Island", cuja autora, Miss Scoresby Routledge, uma notavel escriptora, foi uma das ultimas pessoas da raça branca que percorreu a referida ilha, onde ella recolheu da bocca dos indigenas, que a habitavam, muitas legendas, vêm contados muitos detalhes ignorados sobre a vida de seus habitantes e sobre o mysterio das estatuas gigantescas.

É preciso fazer notar que essa ilha, de origem vulcanica, foi a mais oriental das terras oceanicas e tambem a mais isolada. Sua superficie era de 118 kilometros quadrados. Sua existencia é de data relativamente recente, porque seus picos vulcanicos, dos quaes o mais elevado não attinge a 500 metros, não offerecem signaes de erosão. Insistamos sobre esse ponto: que a terra mais proxima (ilhas Gambia), da ilha da Paschoa, estava afastada de 2.000 kilometros. Entre esse archipelago e a referida ilha, não se encontram senão duas ilhotas: Pitcairn e Ducie.

A DESCOBERTA DA ILHA

A ilha foi descoberta em 1722, no dia de Paschoa, pelo navegante hollandez Raggeveen, que foi o primeiro a fazer notar as estatuas gigantescas que ella encerrava. Pelo fim do seculo XVIII, ella foi successivamente visitada por tres expedições — hespanhola, ingleza e franceza — sendo que as duas ultimas eram commandadas, respectivamente, por Cook e La Perouse. É pelo relatorio desse navegante francez, que se sabe que naquella época a ilha continha 2.000 indigenas.

Massacres e epidemias reduziram consideravelmente esse numero, e o anno passado, quando Miss Routledge visitou a ilha, ella contava apenas com 250 habitantes transformados em subditos chilenos, desde 1888.

A autora da obra mencionada consagra muitos capitulos á descripção dos monumentos chamados "ahu", pelos indigenas, e cujo numero se eleva a 260. Quasi todos foram elevados perto da praia, dando as costas para o mar. Apenas 30 foram construidos no interior da ilha.

Miss Routledge, que estudou e mediu a maior parte desses monumentos, diz que elles foram edificados para receber os restos mortaes dos grandes chefes. Elles não foram construidos obedecendo ao mesmo plano, porém, affectam todos a forma da metade de uma pyramide.

O TYPO MAIS COMMUM DOS MONUMENTOS

Eis a descripção que ella nos dá do typo mais commum desses monumentos. Elle comporta uma estatua parallela ao mar, de 5 metros de altura, feita de enormes blocos talhados, a mais das vezes, em fórma de piroga. Consolidada do lado da terra por uma massa de pedreiro, cuja superficie é um plano inclinado, a muralha cyclopica é dividida em tres secções: a parte central e as alas. Essa parte central, cuja espessura attinge tres metros, serve de pedestal ás figuras, ás vezes multiplas, ás vezes unicas. O "ahu" de Tongariki, era ornado de quinze estatuas gigantestas. A altura das estatuas da ilha da Paschoa, varia entre dois e dez metros. A esplanada da meia-pyramide penetra no interior da ilha, a uma distancia de 60 a 80 metros, com uma calçada mui ligeiramente inclinada. As proximidades dessa vasta calçada são constituidas por um cuidadoso nivelamento do terreno em uma largura de 50 a 60 metros. Em certos casos, os constructores completaram seu trabalho por uma alameda calçada de seixos, comprida, de 70 metros e da largura de 4 metros.

Essa descripção não é, infelizmente, senão uma reconstrucção, porquanto as colossaes estatuas que os primeiros viajantes puderam admirar sobre o alto dos "ahus", jaziam então sobre o solo e mais ou menos deterioradas. Para explicar sua destruição, falou-se em um fatal tremor de terra. Mrs. Routhledge diz, porém, que foram os proprios indigenas nas guerras emprehendidas entre elles a maior parte á caça da carne humana, que occasionaram essa deterioração, pois os vencedores derrubavam as estatuas das tribus vencidas. Muitas dessas estatuas foram transportadas á Europa e á America e uma dellas faz parte da collecção do Museu de Paris.

AS ESTATUAS INTACTAS

As unicas estatuas que ficaram intactas na ilha da Paschoa, são as que os esculptores prehistoricos abandonaram nas pedreiras em que elles as fabricavam. Essas pedreiras são situadas sobre os pendores exteriores e interiores de um vulcão extincto, o Rano Roraku, formadas de cinzas vulcanicas comprimidas, que forneciam uma pedra avermelhada, relativamente facil de talhar. Miss Routledge contou nessa cratera mais de 150 estatuas, a maior parte concluidas e algumas apenas começadas. A maior tinha 21 metros de cumprimento ou seja duas vezes a dimensão das maiores encontradas nos "ahus".

Um dos mais impressionantes mysterios, porém, que offerecia a ilha da Paschoa era a escripta hierogliphica que os sacerdotes gravaram, em taboas de madeira, de dois metros de comprimento, com os dentes de tubarão dos quaes o mar lhes fornecia a materia prima sob a fórma de madeiras fluctuantes. Após inquerito laboriosamente realisado entre os mais antigos habitantes, Miss Routledge conseguiu decifrar parcialmente alguma dessas taboas que as familias forneciam herdadas de geração em geração. Em geral, ellas contam as proezas de um guerreiro, o numero de inimigos que elle matou ou que provavelmente comeu, e o numero de gallinhas que elle roubou durante a vida !

A existencia desses monumentos gigantescos em uma ilha tão pequena, o uso de uma escripta completamente independente dos outros systemas inventados pelas differentes raças humanas são factos que intrigaram profundamente sabios e profanos.

Para resolver o problema pensou-se que a ilha da Paschoa seria o ultimo vestigio de um continente em que uma civilisação tivesse evoluido e que os adeptos dessa hypothese baptisaram com o nome de "Lemuria". É a historia da "Atlantida" transportada para o Pacifico oriental!

Gazeta de Noticias. — Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1923.

Entretanto, a "Vanguarda" de 6 de Fevereiro de 1930, traz um telegramma de Nova York dando noticia de uma expedição á Ilha da Paschoa, da qual seria seu commandante o Capitão Andrew Paterron.

* * *

IMPRESSÕES DE VIAGEM

AMAZONAS

Coronel Bernardo Ramos

Tivemos a dita de gozar duas horas agradabilissimas de prosa com este illustre *gentelman*, cuja operosidade e amor ao trabalho e robustez intellecutal tornaram-no um scientista de merito.

Mostrou-nos o Coronel Bernardo Ramos algo do seu trabalho, copioso manuscripto sobre o Brasil Prehistorico, contendo muitas illustrações photographicas de inscripções encontradas no Alto Amazonas. Estas inscripções são julgadas por muitos scientistas como méras garatujas dos indios, mas o Coronel Bernardo discorda desta theoria e realmente apresenta argumentos ponderosos, insophismaveis e irreductiveis e aventa a idéa de que são inscripções feitas por immigrantes dos tempos de Salmanazar.

Elle já interpretou estas inscripções e mui methodica e logicamente expõe a sua interpretação no seu livro ainda inédito.

Como leigos não podemos dar o devido valor ao trabalho intelligente deste homem genial, mas cremos firmemente que este seu esforço terá o successo que merece.

Quanto a nós, na qualidade de leigo, dizemos que, ainda que a sua obra não lograsse conquistar a victoria que prevemos, ainda assim, a victoria realmente já está conquistada no esforço estupendo que revela um caracter forte e resoluto e uma intelligencia robusta e fecunda.

Nesta éra tão critica e pobre na historia da humanidade, tão entregue á dissolução, e ao marasmo chronico que nos atrophia, "é grande, é nobre, é gigantesco, é santo", ver-se um compatriota subir pelo esforço proprio e conquistar os laureis da victoria.

Que se não modere o vosso enthusiasmo, nem se arrefeça a vossa fé deante dos desenganos da éra, ou da frieza criminosa com que vos recebem aquelles que vos deviam animar e ajudar!

Nós consideramos grande honra o termos tido o privilegio deste encontro e conversação.

Pará, 28 de Abril de 1920.

A. O. Bernardo

A Mensagem n. 22. — Bahia, 27 de Maio de 1920. Anno XV.

AS MARAVILHAS DO BRASIL

Um scientista patricio, Dr. Eurico de Góes, de regresso de uma de suas penosas viagens, dá-nos as suas curiosas impressões

---

OS PHENICIOS E OS GREGOS EM TERRAS SUL-AMERICANAS?

«..... Em Manáos, onde conheci um grupo de intellectuaes, que recebem as mais modernas publicações européas, pelos grandes transatlanticos que vão, pelo Amazonas até Iquitos, no Perú, tive a grande felicidade de passar algumas horas em casa do sabio numismata, epigraphista e archeologo Bernardo Ramos (mais conhecido por Beré Ramos), cuja profunda competencia é apenas egualada pela sua immensa modestia. Depois de lhe eu ler dois capitulos — *A cruz através dos tempos* e *A cryptographia* — dos *Symbolos Nacionaes*, que elle não possuia, proporcionou-me conhecer diversas passagens do seu extraordinario livro em tres volumes, sobre as inscripções lapidares no Brasil e as primeiras civilizações precabralinas do nosso torrão. A serem confirmadas as theses sustentadas por Bernardo Ramos, que, baseado em Onffroy de Thoron e outros, affirma a veracidade da estadia de phenicios e gregos em terras sul-americanas, o seu nome focalizará glorias de um novo Anquetil Duperron e a sua obra, que deveria ser impressa como o foi o *Sectum Palmarum*, de Barbosa Rodrigues na Europa, mediante subvenção ora dependente do Senado Federal, — causará verdadeira revolução entre os archeologos e historiadores contemporaneos......»

Correio da Manhã. — Rio. 4 de Fevereiro de 1923.

* * *

OS PRIMEIROS HABITANTES DA AMERICA

Uma curiosa collecção do Museu da "American Indian"

Nova York, dezembro (U. P.) — Com uma collecção de 1.800.000 objectos ou vestigios apparentes, em que basear theorias e deducções, o Museu da "American Indian", desta cidade, iniciou a tarefa de determinar quaes foram os primeiros habitantes do continente americano e de revelar aos habitantes dos dias que correm alguns detalhes peculiares de seus antepassados nas primeiras edades.

A collecção comprehende cerca de oito milhões de peças differentes, de trabalhos manuaes, feitos pelos primitivos americanos, ferramentas, instrumentos de caça e de guerra, utensilios de cozinha, objectos de barro, ornamentos e decorações, metaes preciosos gravados, inscripções nas rochas, que ainda não foram decifradas e outras reminiscencias.

Na opinião do sr. George G. Heye, fundador e director do Museu, o objectivo da instituição está quasi realizado.

Muitos dos specimens que figuram no Museu, e que foram recolhidos em todos os cantos, estão arranjados de maneira a permittir ao observador apreciar toda a technica

do fabrico dos objectos pelos aborigenas. Na manufactura da ceramica começou-se pelo rolo de barro e acabou-se pelos processos de esmalte e crystalização, hoje conhecidos. Essa secção está disposta de forma a permittir aos americanos de hoje acompanhar o desenvolvimento de todas as épocas nesse aspecto da arte americana. Tambem é apresentada a technica do bordado com contas, em todos os seus detalhes, a qual só póde ser exhibida por meio de photographias.

Os mais notaveis trabalhos em barro incrustado, que actualmente existem, acham-se no Museu, os quaes foram encontrados em Guatemala. Um delles representa um navio destinado ao sacrificio, usado na adoração do Sol. Os indios mayas tinham desapparecido da face da terra, quando Colombo chegou a essas plagas e os restos que foram encontrados em Yucatan dessa civilização, já eram considerados antigos pelos aztecas.

A conquista do Mexico, por Cortez, é um acontecimento de hontem, em comparação á antiguidade dos bellos e ricos objectos dos aztecas existentes no Museu. Ahi se encontra o que é considerado como o mais perfeito e indiscutivelmente o mais notavel dos mosaicos aztecas: um escudo de nogueira com 14.000 peças de turquezas incrustadas. O proprio desenho, embora de um pé de diametro, representa todo o escôpo duma grande arte, contido nos antigos objectos perdidos. O escudo era evidentemente levado como, um emblema nas grandes ceremonias e procissões e, segundo o professor Marshall Saville membro do Museu, era empregado na adoração do planeta Venus.

O Equador, dos tempos antigos, revive na mais completa collecção que existe no mundo. Dos mais curiosos specimens, são varios assentos de pedra, empregados nas grandes ceremonias, não provavelmente como os usados pelos gregos e os romanos nas épocas classicas.

O Perú está representado por extraordinarios objectos manufacturados, que já seriam antigos no tempo em que Pizarro dominou o reducto dos Incas.

Tambem existem curiosidades magnificas do Brasil e da Venezuela.

O Jornal. — Rio, 21, de Dezembro de 1922.

INDICE

CAPITULO IV

CAPITULO V

CAPITULO VI

Pags.

CAPITULO VII

CAPITULO VIII

CAPITULO IX

CAPITULO X

CAPITULO XI

CAPITULO XII

Pags.

CAPITULO XIII

CAPITULO XIV

PARTE SUPPLEMENTAR

ANNOTAÇÕES

	Ao invés de:	Leia-se:
A' pagina 6, linha 10ª	alémd e inscripções	além de inscripções
» » 10, linha 13ª	tomaram	tomou
» » 31, linha 29ª	que tornou-se	que se tornou
» » 59, linhas 11ª e 12ª	um dos unicos que	que
» » 60, linhas 20ª 21ª	fim singularissimo	fins lamentaveis
» » 82, linha 37ª	desenhos não representassem	desenhos representassem
» » 98, linha 5ª	invariavelmente	constantemente
» » 163, linhas 11ª e 12ª	permanecem em	experimentam
» » 178, linha 45ª	A morte, o incendio e a devastação	Pela morte, pelo incendio e devastação
» » 178, linha 46ª	facto que escapou	factos que escaparam

CAROS LEITORES,

Encontrareis neste volume, além destes, outros defeitos que notei.

O autor, destinando a outrem a revisão concernente ao vernaculo, empregava, aliás com difficuldade, a esmola de vista que lhe concedia a Providencia no fim da vida, tão sómente na correcção da parte paleographica.

Como revisor substituto, que fui, assumo responsabilidade pela presença de taes defeitos, porque me foi facultado alienal-os. Conservando-os, evitei, entretanto, grande dispendio de tempo, de mão de obra e prejudicial inutilisação de grande parte já impressa.

Peço indulgencia para os mesmos, e, se a concederdes, tereis meu penhorado agradecimento.

J. BARROSO RAMOS.